This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

1st P. R.
T. 13.
433
Per. 2439 e. 1/2

1st P. R.
T. 13.
433
Per. 2438 e. 1/2

NOTICIAS
PARA
A
HISTORIA E GEOGRAFIA
DAS
NAÇÕES ULTRAMARINAS.

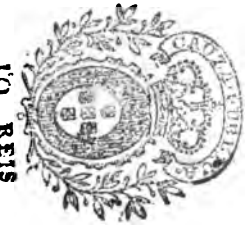
COLLECÇÃO
DE
NOTICIAS PARA A HISTORIA
E GEOGRAFIA
DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,
QUE VIVEM
NOS
DOMINIOS PORTUGUEZES,
OU LHES SÃO VISINHAS:
PUBLICADA
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO II. NUM.os I. E II.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA
1812.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

ARTIGO
EXTRAHIDO DAS ACTAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

DEtermina a Academia, que as Navegações de Luiz de Cadamosto, e mais Obras de semelhante natureza, que lhe forão apresentadas desde 10 *de Janeiro do presente anno de* 1812, *illustradas com Annotações pelo Socio Sebastião Francisco Mendo Trigozo, e que forão julgadas muito dignas de imprimir-se, por serem de grande importancia para a* Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios de Sua Alteza Real, ou lhes são visinhas, *se imprimão na* Collecção das Noticias para a mesma Historia; *á custa da Academia, e debaixo do seu Privilegio.*



João Guilherme Christiano Müller

Secretario da Academia.

BIBLIOTECA·BOMEA

N.° I.

NAVEGAÇÕES
DE
LUIZ DE CADAMOSTO:
A QUE SE AJUNTOU
A VIAGEM
DE
PEDRO DE CINTRA,
CAPITÃO PORTUGUEZ.

Traduzidas do Italiano.

10 REIS

INTRODUCÇÃO.

A Presente Collecção de noticias e viagens ás nossas Conquistas Ultramarinas, devia necessariamente principiar pela traducção das Viagens de Luiz de Cadamosto; não só por elle ter sido hum dos nossos primeiros e principaes Navegadores; mas por ser o unico, cujos escritos se conservão desde os dourados tempos dos descobrimentos do Infante D. Henrique. Este primeiro periodo da nossa gloria naval he tão pouco conhecido; e tudo até as épocas dos nossos primeiros descobrimentos he tão cheo de incertezas; que quaesquer noticias, que illustrem esta materia devem ser benignamente acolhidas pelos Estudiosos.

As poucas obras, que nos consta terem sido escritas em aquelles tempos, respectivamente a este assumpto, pelos nossos nacionaes, estão desgraçadamente perdidas: assim por exemplo não sabemos o que foi feito da Historia dos descobrimentos do Infante D. Henrique, *que elle escreveo, ou mandou escrever, e que ainda existia no tempo de Fr. Luiz de Sousa* (a): *assim igualmente se perdêrão as Memorias de Affonso da Cerveira, o qual correo differentes Portos d'Africa, e foi Feitor em Benim no tempo do Sr. D. Affonso V.; Memorias donde Gomes Eanes de Azurara tirou principalmente o que escreveo neste assumpto nas Chronicas de ElRei D. Duarte e D. Affonso: e assim finalmente he que desapparecêrão estas*

(a) He extremamente lamentavel a perda desta obra, que parece já não existia em Portugal no tempo de Barros e Goes, que não fallão nella: Eis-aqui o que diz Fr. Luiz de Sousa a este respeito. » Este livro enviou o Infante a hum Rei de Na» poles, e nós o vimos na Cidade de Valencia de Aragão en» tre algumas peças da Recamera do Duque de Calabria, ultimo » descendente por linha masculina daquelles Principes, que alli » veio acabar com o titulo e cargo de Vice-Rei. »
Hist. de S. Domingos. Part. I. Liv. 6. Cap. 15.

mesmas Chronicas, restando apenas o que dellas quiz conservar o Chronista Ruy de Pinna, que as cortou e mutilou a seu arbitrio.

Felizmente ainda estas duas ultimas obras existião no tempo do grande João de Barros, para elle nos poder dar, ajudado de algumas outras Memorias, o pouco que sabemos dos nossos descobrimentos, até á passagem do Cabo da boa Esperança: mas erão tão insufficientes estes documentos, que elle mesmo confessa » que não foi pouco o trabalho que teve em » ajuntar cousas derramadas, e per papeis rotos, e fóra da » ordem que elle Gomes Eanes levou no processo deste descobrimento. »

Qual era pois esta ordem de Gomes Eanes, differente da que seguio João de Barros? Parece que a diversidade sómente poderia consistir em as épocas dos descobrimentos. Seguiria porém Azurara as mesmas de Cadamosto? Seguiria outras diversas? Eis-aqui o que não pudemos averiguar, não existindo a obra daquelle Author; e seguindo os Historiadores, que depois vierão, como Galvão, Faria e Sousa, e outros, as mesmas opiniões de Barros; de modo que basta lêllo, para saber quasi sempre o que os outros dizem.

Desta regra geral deve-se com tudo excetuar Damião de Goes, hum dos nossos mais polidos Escritores daquelle seculo. Este homem estudioso, que tinha viajado grande parte da Europa, teve conhecimento da obra de Cadamosto, e se servio della para rectificar alguns enganos de Barros, e dos outros Authores que o seguirão; como logo veremos depois de termos dado alguma noticia tanto da obra que traduzimos, como do seu Escritor.

Luiz de Cadamosto nasceo provavelmente em o anno de mil quatrocentos e vinte e dous, em a Cidade de Veneza; e contava vinte e dous annos de idade quando veio a Portugal, e se offereceo ao Infante D. Henrique para hir descobrir:

ten-

tendo feito duas viagens em os annos de 1445 *e* 1446, *demorou-se no Reino até* 1463, *e recolhendo-se então á sua Patria escreveo alli as suas Navegações. A primeira vez que nos consta terem ellas sido impressas foi em Vicenza em* 1507 *com o titulo de* Aloysio de Cadamosto libro de la prima Navigatione per Occeano alla terra de Negri et dalla bassa Ethiopia, per commandamento del Infante D. Henrico di Portugallo: *logo no anno immediato de* 1508 *foi esta obra traduzida em Latim, e impressa em Milão, segundo affirma Tiraboschi na sua* Historia de la Litteratura Italiana: *finalmente fazendo pouco depois o célebre Simão Grineo a sua Collecção de viagens intitulada* Novus Orbis, *impressa em Pariz em* 1532, *inserio nella a mesma versão Latina com o titulo de* Navigatio ad terras incognitas Aloysii Cadamusti Archangelo Madrignano Interprete. *Esta versão Latina he mui defeituosa, e ajunta debaixo do nome de Cadamosto algumas outras viagens, que não são suas, transtornando até as divisões dos Capitulos.*

Alguns annos depois veio a florecer hum dos homens mais indagadores e curiosos, a quem a Republica das Letras, e sobre tudo Portugal e Hespanha são summamente devedores; quero dizer, João Baptista Ramuzio, o qual colligio em huma Obra com o titulo de Navigationi et Viaggi, *as principaes que até ao seu tempo se tinhão intentado e descrito. O primeiro volume desta Collecção (que he o de que tratamos, por ser aquelle que refere as Navegações dos Portuguezes) foi a primeira vez impresso em Veneza em* 1550, *a segunda em* 1554, *ambas as vezes na Officina dos Juntas, e em vida do seu Compilador, porém sem o seu Nome; a terceira finalmente em* 1563 *na mesma Officina, Edição postuma a qual já tem o nome de Ramuzio. Contém este primeiro volume não só estas, mas muitas outras viagens; a maior parte das quaes forão escritas em Portuguez originalmente, mas tendo-se per-*

 di-

dido estes originaes, existem só as traducções inseridas naquella Collecção, que fórma ao todo tres volumes em folha; e formaria mais, se a morte não tivesse levado Ramuzio no meio dos seus trabalhos, ou se o quarto volume, que já estava prompto para a impressão não tivesse perecido em o incendio, que consumio a Typografia dos mesmos Juntas seus Editores.

Limitando-nos porém por agora ao que Cadamosto deixou escrito, será preciso antes de tudo, fixar a época da sua vinda a Portugal; pois a esta costuma elle referir quasi todos os seus descobrimentos: acima dissemos, que ella tinha tido provavelmente lugar em 1444; e agora veremos os motivos, para lhe assignar o sobredito anno.

A primeira Edição de Cadamosto (segundo affirma Tiraboschi) diz que em 1454 he que elle partio para a costa de Africa, e este anno he o que seguio Ramuzio em a segunda e terceira Edição que cotejámos; e que provavelmente seguiria tambem em a primeira, que não vimos. Por outra parte a traducção Latina, que imprimio Grineo, diz ter isto succedido em 1504; o que he hum verdadeiro anachronismo, ou para melhor dizer hum erro typografico palpavel.

Em quanto porém á epoca que segue Ramuzio, ainda que ella se chegou mais á verdade, não se póde comtudo sustentar; no que já tinhão reflectido os Authores da Historia Geral das Viagens, e se fará ainda mais manifesto quando nos lembrarmos, que o mesmo Author diz que a Ilha de Porto Santo foi descoberta vinte e sete annos antes da sua chegada a ella, e a da Madeira vinte e quatro: o que daria os annos de 1428 e 1431 para estes descobrimentos; fazendo-os assim retrogradar dez annos da época em que realmente succedêrão. O descobrimento do Senegal, que o Author dá cinco annos antes da sua hida áquellas paragens, devia ter sido, segundo o mesmo calculo, em 1450; quando todos o dão

já

já descoberto em 1446, e certamente o foi ainda antes, como logo veremos. Em fim, para não multiplicar exemplos, todos os descobrimentos em que Cadamosto falla, são muito anteriores ás épocas, que elle lhe assigna, segundo esta Edição de Ramuzio.

He pois absolutamente necessario atrazar esta vinda a Portugal o espaço de alguns annos: e a querermos fixar este termo por alguns dos acontecimentos mais bem averiguados da nossa Historia, como são os descobrimentos das Ilhas de Porto Santo, e Madeira; deveremos pôr a partida de Cadamosto para a costa d'Africa em 1445; o que além de conciliar todos os factos, tem a seu favor a authoridade de hum dos nossos mais antigos Escritores.

Com effeito Damião de Goes, em o Cap. VIII. da Chronica do Principe D. João, assignalla huma e muitas vezes a primeira viagem de Cadamosto em o sobrédito anno, e por conseguinte a sua vinda a Lisboa no anno antecedente. Ignoramos qual era a edição por que elle lia, e se em Italia tinha examinado o proprio original, ou alguma copia muito exacta: inclina-nos a esta ultima opinião, sabermos que este célebre Portuguez estudou em Padoa, aonde teve muita communicação com Julio Sprone e muitas outras pessoas instruidas, com quem frequentemente conversava sobre as nossas Navegações, que então andavão em voga; tanto assim, que ainda depois de Goes passar a Hollanda, continuou a ser consultado pelos mesmos amigos sobre esta materia; sendo elle proprio, quem mandou a Ramuzio a obra manuscrita do Padre Francisco Alvares, a qual foi depois impressa na sua Collecção, muito differente da que nós temos em Portuguez.

Seguindo pois huma tão grande authoridade, não duvidámos de pôr no corpo da Obra o anno de 1445; e fixando assim esta época, ser-nos ha facil rectificar as nossas Historias, nos lugares em que diversificarem de hum Author coevo, veri-

di-

dico, e testemunha ocular do que refere. Como porém o sobredito Damião de Goes já tomou a si este trabalho, transcreveremos as suas palavras por extenso, o que nos dispensará de fazer annotações a cada hum daquelles artigos, como ao principio tinhamos formado tenção.

» *Logo no anno de 1444 (diz Goes no lugar citado) mandou o Infante hum Vicente de Lagos a descobrir, em cuja companhia foy hum Gentilhomem Veneziano por nome Luiz de Cademusto, muito curioso de ver o mundo, o qual Vicente de Lagos navegou até o Rio Gambra . . . . . Este Luiz de Cademusto diz em hum Itenerario que fez, que já neste tempo o Infante mandava fazer o Castello Darguim, e que seguindo sua viagem achárão no dito lugar muytos officiaes, que trabalhavão naquella obra (a) que he bem ao contrario do que dizem algumas pessoas, que destas Navegações escrevêrão; affirmando que no anno de 1461 mandou ElRei Dom Affonso fazer este Castello por hum Soeiro Mendes, Fidalgo da sua Casa, morador em Evora: mas parece que seria mais mandallo acabar que não começar de novo, pois o Infante foy o Author da tal obra. No qual tempo diz Luiz de Cademusto que os nossos tinhão navegado até o Rio de Senegá, que os da terra chamão Sonedech, e que havia já hum anno que Cabo Verde era descoberto, que he tambem contra a opinião destes mesmos, que dizem que Cabo Verde foy primeyramente descoberto no anno de 1445 por hum Diniz Fernandes, Escudeyro de ElRei D. João I., e que nesta paragem tomou huma almadia com alguns Negros que comsigo trouxe, e que forão os primeyros que vierão a Portugal; do que se mostra manifestamente que se Cabo verde foi descoberto por este Diniz Fer-*

JO REIS

(a) Por esta passagem se vê que a edição ou manuscrito de que Damião de Goes se servio não he a de Ramuzio, na qual não diz Cadamosto que achou muitos trabalhadores nesta obra; nem tão pouco que o Senegal se chama Sonedech na lingoa do paiz.

Fernandes, que seria no anno de 1443, porque neste, e nos de 1444, e de 1445 seguintes já no Reyno havia muytos Negros, que os que hião descobrir comsigo trouxerão. Este Vicente de Lagos, com quem hia Luiz de Cadamusto, navegando para o Rio de Gambra, se encontrou com hum Gentilhomem Genovez por nome Antonieto de Nolle (a), que com licença do Infante hia tambem a descobrir, e ambos juntos chegárão ao dito Rio, e dalli sem mais passarem adiante se vierão para o Reyno; os quaes com licença do Infante tornárão a fazer viagem no anno seguinte de 1446 em huma náo, que lhes mandou armar em Lagos, e desta vez descobrírão estes Gentishomens as Ilhas de Cabo Verde no mesmo anno de 1446 (b) e não no de 1461, como tambem alguns erradamente cuidão, porque no anno de 1460 depois do falecimento do Infante D. Henrique, fez ElRei D. Affonso V. doação dellas e das Terceyras ao Infante D. Fernando seu Irmão; ás quaes Ilhas de Cabo Verde estes dous Gentishomens chegárão do dia que partírão do Reyno a 16 dias; e á primeyra que vírão puzerão nome Boa vista, e á outra Santiago e S. Filippe, por chegarem a ella no primeiro dia de Mayo por lembrança do mez, e dia em que as descobrírão: destas Ilhas forão ter ao Rio Rha, a quem nós chamámos Caramansa, nome que lhe derão, porque o Senhor daquella terra se chamava assim, donde navegárão até o Cabo Vermelho, do qual se fizerão á véla para o Reyno. » Até aqui Damião de Goes, que nos não deixa nada para accrescentar nesta materia.

além

10 REIS

(a) Este Antonio de Nolle he chamado por Cadamosto, e alguns outros pelo deminutivo Antonioto, de que resultou persuadir-se Tiraboschi que erão dous Navegadores differentes; quando he hum só o que accompanhou Cadamosto.

(b) Tanto aqui como mais acima, vem na Chronica de Goes o anno de 1445, o que he manifesto erro da impressão, porque estes descobrimentos forão feitos na segunda viagem, hum anno depois da primeira, isto he, em 1446.

Além destas duas Navegações resta-nos ainda de Cadamosto a Relação da viagem de Pedro de Cintra; a qual foi emprehendida immediatamente depois da morte do Sr. Infante D. Henrique, estando já aquelle Capitão de torna viagem em 1463 (a). Foi elle o primeiro que passou a célebre Serra Leôa perto de dous annos depois da morte do dito Infante, época que não seguem a maior parte dos nossos Historiadores; e achando na sua volta Cadamosto ainda em Portugal, elle extrahio tudo o que pôde saber a respeito daquella navegação (b), querendo levar para a sua patria todas as noticias que se sabião até ao tempo da sua partida. Fóra destas obras que traduzimos, não nos resta mais nada deste Author.

(a) Daqui se vê o engano de Manoel de Faria e Sousa, que na *Memoria de todas las Armadas*, &c. estende esta viagem até 1469.

(b) Vê-se tambem o outro engano do nosso Abbade Barbosa, que põe esta viagem como obra do mesmo Pedro de Cintra, o qual deve ser tirado do Catalogo dos Authores Portuguezes: aquelle Erudito deixou-se n'isto enganar por Nicoláo Antonio.

AS NAVEGAÇÕES
DE
LUIZ DE CADAMOSTO.

PROEMIO.

TENDO eu Luiz de Cadamosto (*a*) sido o primeiro em a muito nobre Cidade de Veneza, que me resolvi a navegar o Mar Oceano fóra do Estreito de Gibraltar para as partes do meio dia, nas terras dos Negros da baixa Ethiopia; e tendo visto nesta minha primeira Viajem muitas cousas novas, e dignas de memoria; pareceo-me despender com ellas algum trabalho, e transcrevellas, assim como as tinha notado de tempos em tempos no meu borrador, para que aquelles que apòs mim vierem conheção qual foi o meu animo em buscallas em diversas, e novas Regiões, sendo ellas taes, que verdadeiramente em comparação das nossas, as por mim vistas e ouvidas, poderião chamar-se hum mundo novo: e se por mim não forem tão ellegantemente escritas, como a materia o pede; ao menos não faltarei a huma inteira verdade; e isto antes escrevendo de menos, do que contando cousa alguma além do que he certo.

Deve-se pois saber que o primeiro inventor destas Navegações em os nossos tempos, e por esta parte do Mar Oceano para o Meio dia das terras dos Negros da baixa Ethiopia, foi o muito illustre Infante D. Henrique, filho que foi do Infante D. João, Rei de Portugal e dos Algarves, o primeiro deste nome: o qual ainda que possa ser grandemente louvado pelos seus Estudos na Sciencia do Curso do Ceo, e da Astrologia (*b*), com tudo passal-

(*a*) Cadamosto he huma abreviatura da Casa da Mosto, como se se dissesse, Luiz da Casa da Mosto; sendo Mosto o appellido da Casa ou Familia a quem elle pertencia: por este motivo tambem se encontra algumas vezes Luiz da Mosto; mas prevaleceo o uso de se lhe chamar Cadamosto.

(*b*) Era muito usual confundir neste tempo os dous nomes, e as duas sciencias de Astrologia e Astronomia; mas he mais que provavel, que o Infante D. Henrique por isso mesmo, que muito

lo-hei em silencio, e sómente direi, que sendo de grande coração, e engenho sublime e elevado, se entregou todo á milicia de N. S. Jesu Christo, pelejando com os Barbaros, e combatendo pela Fé, sem se resolver nunca a tomar estado, e conservando-se sempre donzel por causa da sua grande castidade. Fez grandes proezas guerreando com os Mouros, tanto com a sua propria pessoa como pela sua industria, as quaes são dignas de eterna memoria: de tal sorte que estando ElRei D. João seu Pai em artigos de morte no anno de 1432 (*a*), chamou o dito D. Henrique seu filho, como quem conhecia as suas virtudes, e com affectuosas palavras lhe recommendou aquella Escóla de Cavalleiros Portuguezes, rogando-o e exortando-o a continuar com o seu santo, real, e louvavel proposito de perseguir com todas as suas forças os Inimigos da Santa Fé de Christo: o qual Senhor em poucas palavras lhe prometteo de fazello assim: e depois da morte de seu Pai com ajuda de ElRei D. Duarte, seu Irmão mais velho, que succedeo no Reino de Portugal, fez muitas guerras na Africa aos do Reino de Fez, nas quaes sendo bem succedido por muitos annos, procurando por todas as vias damnificar ao dito Reino; intentou mandar as suas Caravellas armadas a correr a Costa de Çafim e Messa, que são do mesmo Reino de Fez, o qual vem até ao Mar Occeano da parte de fóra do Estreito de Gibraltar; e assim as empregou annualmente, fazendo sempre muito damno aos Mouros: e solicitando o dito Senhor que navegassem cada anno mais avante, as fez chegar até hum Promontorio chamado Cabo de Nam, que ficou assim chamado até o dia de hoje: e este foi sempre o termo donde ninguem antes passou, que podesse tornar; e assim se chamava Cabo de Nam, como quem dissesse; quem o passa não volta (*b*). Desta ma-

---

versado na segunda, despresasse as quiméras da primeira, a pesar de estar ainda então em veneração. Todos sabem como seu Irmão o Senhor D. Duarte mofou do Astrologo Guedelha, que pertendia fazello demorar a hora da sua coroação para esperar melhor conjuncção dos Astros.

(*a*) Houve aqui hum pequeno engano, sendo certo que ElRei D. João I. morreo em Lisboa aos 14 de Agosto de 1433.

(*b*) Esta he a mesma Ethimologia que dá Barros, e todos os nossos Authores: passou mesmo em Proverbio = Quem passar o Cabo de Nam, ou voltará ou não =: com tudo alguns Estran-

maneira navegavão até este Cabo as ditas Caravellas, e não ousavão passar mais avante: e desejando o dito Senhor, que o passassem, assim o determinou em o anno seguinte com o favor e ajuda de Deos (*a*); porque sendo as Caravellas de Portugal os melhores Navios de véla, que andão sobre o Mar, e sendo estes bem providos de todo o necessario, julgava impossivel não poderem navegar por toda a parte: e desejoso de descobrir, e ouvir cousas novas, a fim de conhecer as Nações, que habitavão aquelles Paises, para se ajudar dellas contra os Mouros, fez preparar tres Caravellas (*b*) bem apparelhadas do necessario, e guarnecidas de homens valorosos, as quaes se fizerão á véla, e vingárão o dito Cabo, navegando pela cos-

geitos dão outra Ethimologia. Veja-se Campomanes, *Antiguidade Maritima de la Republiba de Carthago*, que diz derivar-se de huma voz Arabiga, que quer dizer, vento, por ser este Cabo muito alto e ventoso.

(*a*) Não declara bem Cadamosto qual foi este anno, em que se dobrou o Cabo de Nam: diz que foi no anno seguinte: mas seguinte a que? á morte de ElRei D. João? não; pois viria a ser no anno de 1434: e já havia muito que estava passado; sendo-o ainda no Reinado do dito Rei Neste anno de 1434 foi passado o Cabo Bojador, como affirmão todos. Será pois equivocação do Author, que confundio a época da passagem de hum com a do outro? ou entenderá antes por anno seguinte, que assignala a esta passagem, o anno seguinte á sua descoberta? Em fim, seja como for, a maior parte dos nossos Historiadores como Galvão, Faria e Sousa, &c affirmão que o Cabo de Nam foi passado em 1412, porém Damião de Goes diz que no mesmo anno da tomada de Ceuta he que o Infante mandou passallo, o que dá o anno de 1415, sendo este o em que se tomou a dita Praça.

(*b*) Faria e Sousa na *Memoria de todas as Armadas*, &c. põe a passagem do Cabo de Nam feita por hum só Navio em o anno que acima dissemos; e a passagem do Cabo Bojador no anno de 1434 por dous Navios, de que erão Capitães Gil Eanes, e Affonso Gonsalves Baldaia, ainda que Goes faz viajar estes dous Capitães separados, e em dous annos consecutivos. N'huma palavra, todas estas épocas são duvidosas, e o que he mais extraordinario, sendo a passagem do Cabo de Nam tão temivel, nem ao menos temos noticia do Capitão que o dobrou; pelo contrario da do Cabo Bojador sessenta legoas mais adiante, que os nossos Authores muito celebrão, e de que Cadamosto não diz palavra.

ta, e surgindo de dia e de noute; e tendo caminhado cousa de cem milhas mais para diante sem achar habitação nem gente alguma, senão toda a extensão da terra arenosa; tornárão outra vez para o Reino: e vendo o dito Senhor que mais nada podia fazer naquelle anno os tornou a mandar no seguinte com ordem de passar além mais cento e sincoenta milhas, ou ainda mais, se lhe parecesse, promettendo a todos fazellos ricos quando voltassem. Partírão pois, porém não achando igualmente nada se não arêa, tornárão a voltar. Em summa sabendo o Sr. Infante, pelo conhecimento que tinha das Sciencias, que mais longe se acharião Povos e habitações, tantos annos as empregou nesta Navegação, até que lhe trouxerão a noticia de alguns lugares habitados por Arabes, que vivem naquelles desertos; e mais adiante por hum Povo, a que chamão Azenegues, que são homens pardos, de quem ao depois se fará larga menção. Por este modo forão descobertas determinadamente as terras dos primeiros Negros, nas quaes depois, de tempos a tempos se veio a ter noticia de outros Povos, outros idiomas, outros costumes, e religião, como na continuação deste meu Livro mais largamente se verá.

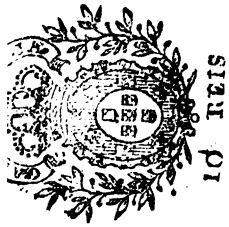
NAVEGAÇÃO PRIMEIRA
DE
LUIZ DE CADAMOSTO.

CAPITULO I.

ACHANDO-ME eu Luiz de Cadamosto na nossa Cidade de Veneza em o anno do Senhor de 1444, sendo de idade de quasi vinte e dous annos, e tendo já navegado por algumas partes destes nossos mares mediterraneos, havia determinado voltar a Flandres, onde já huma vez tinha estado, com o fim de fazer fortuna, pois todos os meus pensamentos erão de exercitar a minha mocidade, trabalhando por todos os modos possiveis em adquirir cabedaes, para depois com a experiencia do mundo, em idade mais avançada, poder alcançar alguma occupação honrosa. Estando pois deliberado a partir, como disse, me apparelhei com o pouco dinheiro que então possuia, e me embarquei nas nossas Galés de Flandres, de que era Capitão Marco Zen, homem Cavalheiro; e assim em nome de Deos desafferrámos de Veneza aos oito de Agosto do dito anno; e navegando por nossas jornadas, fazendo as escalas nos lugares do costume, chegámos a Hespanha: e vendo-me obrigado pelos ventos contrarios a pairar com as ditas Galés no Cabo chamado de S. Vicente; succedeo por ventura, que não muito longe daquelle Lugar estava assistindo o Sr. Infante D. Henrique, em huma Povoação visinha, chamada Raposeira (*a*), onde por ser sitio remoto do tumulto das gentes, e apto para a contemplação dos seus estudos, habitava muito de boamente. Tendo el-

(*a*) A habitação do Infante D. Henrique no Algarve he muito conhecida: todos sabem, que para isso edificou a Villa chamada Terça-nabal ou Tercena-naval, ao depois Villa do Infante, e ultimamente Sagres. A assistencia da Raposeira seria alguma casa de campo, onde o Infante se retirasse, junto áquella Povoação.

elle noticia da nossa chegada mandou ás Galés hum seu Secretario, chamado Antonio Gonsalves, e em sua companhia hum Patricio de Conti, o qual dizia ser Veneziano, e Consul da nossa Nação em Portugal; como mostrou por huma Carta da nossa Senhoria com sello pendente; o qual Patricio tambem recebia estipendio do dito Sr. Infante, e vierão ás nossas Galés por commissão sua com algumas amostras de açucar da Madeira, de Sangue de Drago, e de outras cousas tiradas dos Lugares e Ilhas daquelle Senhor, as quaes mostrárão a diversas pessoas, estando eu presente. E tendo-os nós os das Galés interrogado sobre diversos artigos, respondêrão que aquelle Senhor tinha feito povoar as Ilhas novamente descobertas, as quaes antes não erão habitadas, e em prova disto mostravão os ditos açucares, sangue de Drago, e outras cousas boas e uteis; dizendo que inda isto era nada em comparação de outras maiores, que o mesmo Senhor fazia: declarando-nos, como de certo tempo para cá, tinha feito navegar Mares nunca por ninguem navegados, e descoberto terras de diversas, e estranhas gentes, no meio das quaes se achavão cousas maravilhosas, e que todos os que tinhão estado naquellas partes, tinhão feito ganhos muito avultados com aquella gente; pois com hum soldo lucravão sete ou dez: e sobre isto disserão tantas, e tão grandes cousas, que não só me maravilhárão, mas até me fizerão crescer o desejo de hir buscallas; e perguntando se o dito Senhór deixaria fazer esta viajem a qualquer que quizesse emprehendella, responderão-me que sim, cumprindo huma de duas condições, a saber, ou armar a Caravella á sua custa, e carregalla tambem de mercancia; e quem isto fizesse seria obrigado a pagar de volta, por uso e direito, ao dito Senhor o quarto de toda a carga, que importasse, sendo o resto seu: ou o Sr. Infante armaria a Caravella, a quem quizesse, pondo este da sua parte sómente as mercadorias; e então de volta partirião por metade, tudo quanto trouxessem dos ditos Lugares; e em caso que nada trouxessem, a despesa correria por conta do dito armador: e protestárão além disso, que não se podia voltar sem grande ganho, e que se alguem da nossa Nação queria commetter a viajem, faria nisso huma cousa muito grata ao Sr. Infante, que lhe faria mercê, pois presumia, que nas ditas terras se descobririão especiarias, e outras cousas boas, de que os Venezianos erão mais conhecedores, do que nenhu-

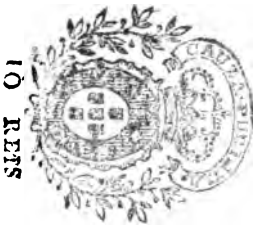


nhuma outra Nação. Ouvindo pois tudo o referido determinei-me a ir com os sobreditos fallar áquelle Senhor; e fazendo-o assim, em poucas palavras, me confirmou ser verdade tudo quanto me havião dito, e ainda muito mais: promettendo fazer-me honra, e interesse, se me resolvesse a partir: por estes motivos, e vendo-me moço, e bem disposto para soffrer qualquer fadiga; desejoso de ver mundo, e cousas que ninguem da nossa Nação ainda tivesse visto, esperando tambem conseguir honra e interesse; determinei de partir a todo o risco: e informando-me das mercadorias, e cousas que erão necessarias, vim á Galé, aonde consignando a hum meu parente tudo o que tinha trazido para Ponente: comprei ahi mesmo quanto me pareceo necessario para a minha viajem, e assim desembarquei em terra; e as Galés seguírão a sua derrota para Flandres.

CAPITULO II.

Como Messer Luiz ficando no Cabo de S Vicente, partio o anno seguinte para as Canarias.

TEndo eu ficado no Cabo de S. Vicente, o Sr. Infante mostrou com isso grande prazer, e me fez muito agasalho; e depois de muitos e muitos dias me mandou armar huma Caravella nova, do lote de quarenta e sinco toneladas, da qual era Patrão hum Vicente Dias natural de Lagos, que he huma Povoação a desaseis milhas de distancia do Cabo de S. Vicente; e abastecido de todo o necessario, em nome de Deos, e boa ventura partimos do sobredito Cabo de S. Vicente aos vinte e dous de Março de 1445, soprando-nos em popa o Nor-nordeste, dirigindo o nosso rumo para a Ilha da Madeira pelo Sudoeste quarta a Oeste em linha recta; e aos vinte e sinco do dito mez pelo meio dia abordámos na Ilha de Porto Santo, que dista do Cabo de S. Vicente cousa de seiscentas milhas.



CAPITULO III.

Da Ilha de Porto Santo aonde abordei.

ESta Ilha de Porto Santo he muito pequena, e tem obra de quinze milhas de circuito; foi descoberta haverá vinte e sete annos pelas Caravellas do Sr. Infante, que a fez habi-

bitar por Portuguezes, sendo d'antes despovoada (*a*). He Governador della hum Bartholomeo Prestrello, criado do mesmo Senhor (*b*). Esta Ilha produz trigo, e cevada para si; he abundante de carne de vaca, porcos selvagens, e infinitos coelhos (*c*); acha-se tambem nella sangue de Drago, que se cria em algumas arvores, e he huma gomma, que ellas estilão em certo tempo do anno (*d*), e se colhe por esta maneira: fazem alguns golpes com hum cutello no pé da arvore, e no anno seguinte em certo tempo, as ditas cortaduras estilão a gomma, que cosem, e purificão, e assim se faz o Sangue. Esta arvore produz hum certo fruto, que no mez de Março está maduro, e he muito bom para comer, á semelhança de cerejas, mas amarello: e note-se, que á roda da marinha se achão grandes pescarias de dentaes, douradas, e outros peixes saborosos. Esta Ilha não tem porto, mas sim huma grande enseada, ao abrigo de todos os ventos, salvo o Les-Sueste e Su-Sueste (*e*); pois com elles se não estaria alli em segurança, mas assim mesmo tem bom ancoradouro: puzerão-lhe o nome de Porto Santo por ter sido descoberta (*f*) dia de todos os Santos, nella se produz o melhor mel,

(*a*) Os nossos Escritores dizem, que se achára povoada no tempo do seu descobrimento: » Não de tão fera gente como naquelle tempo erão as Ilhas Canarias » diz Barros: mas a razão parece a favor de Cadamosto, cuja opinião segue tambem o Padre Cordeiro na *Historia Insulana*.

(*b*) Barros diz, que este Bartholomeo Prestrello era da Casa do Infante D. João; mas o Padre Cordeiro diz, que tambem o era da do Infante D. Henrique: morreo na India em 1514.

(*c*) Todos estes coelhos forão filhos de huma coelha, que levou Prestrello, e pario no mar; multiplicarão-se tão prodigiosamente, que por este motivo esteve a ponto de se desemparar a Ilha.

(*d*) Conhecem-se no commercio varias especies de sangue de Drago: a de que aqui falla o Author he produzida por huma arvore, a que vulgarmente chamamos *Dragoneiro*, ou *Dragoeiro*, e que he o *Dracæna Draco* do Systema de Linneo; he de todos o mais estimado.

(*e*) Com alguma differença diz Pimentel, que » só os ventos do Sul, e Sudoeste lhe fazem damno ».

(*f*) Esta Ilha foi descoberta por João Gonsalves Zarco, e Tristão Vaz, que tinhão sido mandados pelo Infante para passar o Cabo Bojador, e que antes de o passarem forão lançados por huma tormenta para o Mar alto, e arribárão em Porto Santo,

mel, que creio haja no Mundo, e tambem cêra, mas em pouca quantidade.

CAPITULO IV.

Do Porto da Ilha da Madeira, e suas producções.

AOs vinte e outo de Março partimos desta Ilha, e no mesmo dia aportámos em Machico, que he hum dos portos da Ilha da Madeira, distante de Porto Santo quarenta milhas; e com tempo claro vê-se huma da outra: o dito Senhor fez povoar esta Ilha por Portuguezes ha vinte e quatro annos para cá, sem que até então tivesse sido habitada, e fez Governadorés della dous seus Cavalheiros, hum dos quaes se chamava Tristão Teixeira (*a*), e este manda na metade da Ilha da parte de Machico, e outro por nome João Gonsalves Zarco tem a outra metade da parte do Funchal; e chama-se Ilha da Madeira, porque quando foi descoberta não tinha palmo de terra, que não fosse cheio de arvores grandissimas; sendo necessario aos primeiros que a quizerão habitar pôr-lhe fogo, o qual andou lavrando pela Ilha grande espaço de tempo; e foi este primeiro fogo tamanho, que me disserão ter sido necessario ao sobredito João Gonsalves, e aos outros, que ahi se achavão com suas mulheres, e filhos, fugírem da sua furia, e acolhêrem-se ao mar, onde estiverão todos com agoa até á garganta dous dias com duas noutes, sem comer nem beber; pois de outro modo terião morrido queimados. Assim desappareceo grande parte do dito bosque tornando-se em terreno para cultivar. Esta Ilha he habitada em quatro partes, a primeira chamava-se Machico, a segunda Santa Cruz, a terceira Funchal, a quarta Camera de Lobos: e posto tenha outras Povoações, estas são as principaes; e poderá ter cousa de outocentos homens entre os quaes cem de cavallo: tem cento e quarenta milhas de circuito, sem porto algum fechado, mas com bons ancoradouros; tem terrenos muito fructiferos, e abundantes,

» o qual Nome (diz Barros) lhe puzerão elles então, porque os » segurou do perigo que nos dias da Fortuna passárão. » O Author da *Hist. Ins.* segue pouco mais ou menos a mesma Ethimologia de Cadamosto.

(*a*) Era o mesmo Tristão Vaz Teixeira, de que acima fallamos.

tes; e posto que seja montuosa como a Sicilia, nem por isso deixa de ser fertillissima, colhendo-se cada anno trinta mil stares Venezianos (*a*) de Trigo, pouco mais ou menos. O seu terreno costumava produzir ao principio sessenta por hum; presentemente está reduzido a trinta e quarenta, porque se vai deteriorando diariamente. O paiz he copioso de agoa de bellissimas fontes, e tem obra de outo regatos muito grandes, que o atravessão, sobre os quaes estão construidos alguns engenhos de serrar, onde continuamente se trabalhão obras de Carpintaria, e bofetes de muitas invenções, de que se provê todo o Portugal, e outros paizes. Destes bofetes os mais estimados são de duas castas; os primeiros de cedro muito cheiroso, e semelhante ao cypreste, de que se fazem bellissimas pranchas largas e compridas, caixas, e outras cousas: os segundos são de teixo, qne tambem são muito para ver, e de huma côr rosada; e por ser a Ilha banhada de muitas agoas, o Senhor Infante fez plantar muitas canas de açucar, as quaes provárão muito bem, e fabricão-se açucares pela quantidade de quatrocentos cantaros, tanto da primeira cosedura como de mistura (*b*); e pelo que posso perceber, far-se-ha com o tempo maior quantidade, por ser paiz muito proprio para isso, pelo seu ar quente, e temperado, de tal sorte que jámais faz frio como em Chipre, e em Sicilia. Fazem-se alli tambem muitos doces cobertos com summa perfeição: produz cêra e mel, mas em pequena quantidade: os seus vinhos podem reputar-se muito bons, se se considerar, que forão transplantados de fres-

(*a*) O Star ou Staja he huma medida Veneziana de capacidade, que contém quatro mil e outenta e seis polegadas cubicas: assim suppondo o nosso alqueire de seiscentas setenta e sinco polegadas cubicas, cada Stara vem a ter $6\frac{36}{675}$ alqueires; e os tres mil Stares vem a sommar trezentos moios e 16 alqueires.

(*b*) Não pude averiguar de quanto era o peso da Cantara Veneziana, a de Florença he de cento sincoenta arrates; e regulando por esta as quatrocentas Cantaras, virião a deitar a quatrocentos sessenta e outo quintaes; mas isto não tem comparação com o que dizem os nossos Authores, affirmando que quando não havia ainda senão tres legoas de plantação de canas de açucar, chegou a render o quinto ao Mestrado da Ordem de Christo passante de sessenta mil arrobas, cousa que com effeito pareceria inverosimil, a não a affirmarem João de Barros e outros.

fresco; e são em tanta quantidade, que bastão para os habitantes, e ainda sobrão para exportar para fóra. Entre as outras videiras fez o dito Senhor plantar bacellos de Malvazia, que mandou vir de Candia, os quaes produzírão muito bem: e por ser o terreno tão gordo e bom, crião as videiras quasi mais cachos, do que folhas; e são elles mui grandes, do comprimento de dous, e tres palmos, e estou em dizer, que até de quatro; e he cousa a mais bella do mundo para ver. Ha tambem uvas pretas de parreira em toda a perfeição: e fazem-se na dita Ilha arcos de teixo bellissimos, e de mui boa qualidade, que se carregão para o Ponente; e tambem muito boas astes, e outras madeiras para estas mesmas armas. Achão-se nella pavões selvaticos, e entre elles alguns brancos, e tambem perdizes; nem tem outra alguma caça, a não serem codornizes, e quantidade de porcos montezes; e digo, que ouvi a pessoas de credito, que no principio havia grandissima abundancia de pombos, e ainda ha alguns, os quaes se caçavão com hum certo laço, que lhe lançavão com huma cana, que prendia o pombo pelo pescoço, e o puchavão abaixo da arvore, sem que elle se espantasse: isto acontecia por não conhecer ainda que cousa era o homem; e não estar no uso de ser espancado: e pode-se assim crer, por que em outra Ilha novamente descoberta ouvi, que succedêra o mesmo.

A Madeira he abundante de carnes; e ha nella muitos homens ricos á proporção da terra; porque he toda hum jardim, e tudo o que nella se colhe he ouro. Tem hum Convento de Frades menores observantes, homens de santa vida; e ouvi dizer a pessoas honradas, e dignas de credito terem visto aqui, por causa da temperança do ar, não só agraço, mas uvas maduras pela semana Santa, e por todo o outavario da Pascoa.

CAPITULO V.

Das sete Ilhas Canarias, e dos costumes dos seus habitadores.

PArtimos da sobredita Ilha da Madeira seguindo a nossa derrota para o Sul, e chegámos ás Canarias, que distão della obra de trezentas e vinte milhas. Estas Ilhas são sete, quatro habitadas por Christãos; a saber Lançarote,

Forteventura, a Gomera, e Ferro; e tres por Idolatras; isto he a grande Canaria, Tenerife, e Palma. O Senhor das habitadas pelos Christãos se chama Ferreira, Gentilhomem e Cavalheiro da Cidade de Sevilha, e vassallo d'ElRei de Hespanha.

O sustento destes Christãos, conforme as producções do terreno, he pão de cevada, carne, e leite, principalmente de cabra, de que tem grande abundancia; não tem vinhos, nem trigos se lhos não levão de fóra; poucos fructos, e quasi mais nada bom. Achão-se nestas Ilhas quantidade de asnos silvestres, principalmente na de Ferro, e são distantes humas das outras de quarenta a sincoenta milhas; todas estão alinhadas, e a primeira enfia a ultima quasi de Levante a Poente: tira se dellas grande somma de huma herva chamada Pastel, com que se tingem pannos, e se leva para Cadiz e Rio de Sevilha, e dahi se embarca para o Levante, e para o Poente. Extrahem-se tambem della grande abundancia de couros de cabra, que são grossos e em toda a perfeição, bastante cebo, e muito bons queijos. Os habitantes destas quatro Ilhas uzão de differentes linguagens, e pouco se entendem huns aos outros. Estas Ilhas não tem nenhum lugar murado, salvo as Aldeas; mas os seus reductos consistem nas montanhas, que são altissimas, e com gargantas tanto defensaveis, que o mundo inteiro não as tomaria senão por assedio. Isto baste, em quanto ás quatro habitadas pelos Christãos: cada huma dellas he grande, e a menor não tem menos de noventa milhas de circuito; as outras tres habitadas por Idolatras são maiores, e muito mais povoadas; principalmente duas, a grande Canaria, que contém obra de outo a nove mil almas; e Tenerife, que he a maior das tres, e que se diz ter de quatorze a quinze mil. A Palma tem pouca gente, mas he muito para ver. Estas tres Ilhas, por serem habitadas por gente de defesa, com montanhas altissimas, e desfiladeiros perigosos, não podérão ainda ser subjugadas pelos Christãos.

De Tenerife, que he a mais habitada, se deve fazer particular memoria; pois he huma das mais altas Ilhas do mundo, e em tempo claro vê-se nella hum grandissimo Volcão; e a marinheiros dignos de fé, ouvi terem-na visto á vontade, do mar, em distancia de sessenta a setenta legoas de Hespanha, que são duzentas e sincoenta mi-

milhas das nossas, e isto por ter huma ponta, ou monte no meio da Ilha a modo de diamante, que he altissimo, e arde continuamente, o que tambem se póde cuvir aos Christãos, que estiverão presos na mesma Ilha; os quaes affirmão ter a sobredita ponta, de altura desde a base até ao cume, obra de quinze legoas de Portugal, que são sessenta milhas das nossas. (*a*) Esta Ilha tem nove Senhores chamados Duques, mas não são senhores por maneira, que succeda o filho ao Pai; aquelle porém, que mais póde, esse he o Senhor; e fazem ás vezes guerra entre si, matando-se como féras. Não tem outras armas senão pedras, e páos a modo de dardos, na ponta dos quaes embutem hum corno aguçado em vez de ferro; os outros, que o não tem são tostados na ponta, e fica aquelle páo duro como ferro, e com elle pelejão. Andão sempre nús, salvo alguns, que usão de pelles de cabra, huma por diante, outra por detrás. Untão o corpo com cebo de bode, preparado com o succo de algumas hervas, o que lhe engrossa a pelle, e os defende do frio, bem que pouco frio reine naquellas partes; por estarem para o meio dia. Não tem casas de paredes, nem de palha, mas habitão nas grutas ou cavernas dos montes; sustentão se de cevada, de carne, e de leite de cabra, de que têm abundancia, e de alguns fructos, especialmente de figos; e por ser o paiz muito quente colhem a cevada em o mez de Março e de Abril. Não tem nenhuma Religião, mas huns adorão o Sol, e outros a Lua; e tem novas fantasias de Idolatria. As mulheres não são communs; mas he licito a cada hum tomar quantas quer; e não tomarião mulher virgem sem que primeiro dormisse huma noute com o seu Senhor, o que reputão grande honra. Se me perguntarem como tudo isto se sabe, responderei, que os habitantes das quatro Ilhas dos Christãos, tem por costume hir com algumas fustas assaltar aquellas Ilhas durante a noute, para aprisionar estes Canarios Idolatras, e ás vezes tomão machos e femeas, e os mandão para Hespanha a vender como escravos: outras vezes tambem acontece, que alguns das fustas ficão prisioneiros, e os Canarios não os fazem morrer, antes os empregão em matar cabras, e s-

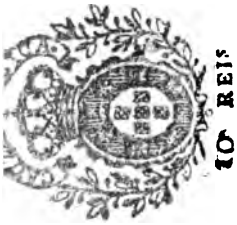
fo-

(*a*) Não se devem entender quinze legoas de altura perpendicular, mas sim que he preciso andar quinze legoas para chegar até o seu cume.

folallas, e preparar a carne, o que tem por officio villissimo, e despresivel; e os obrigão a trabalhar tanto até que ganhem o seu resgate.

Tem os Canarios outro costume, e he; que quando os seus senhores entrão novamente no Governo, offerece-se algum delles a morrer, para honrar a festividade, e caminhão todos para hum certo valle fundo, onde depois de feitas certas ceremonias, e ditas algumas palavras, aquelle que quer morrer pelo Senhor, se deita abaixo naquelle profundo valle, e se faz em pedaços, ficando depois o Senhor obrigado a fazer mui grande honra, e beneficio á familia do morto. Todos dizem ser certo este costume barbaro, e bestial; e os Christãos, que lá tem estado prisioneiros, assim o affirmão.

Estes Canarios são homens muito ageis, e grandes corredores e saltadores, por estarem costumados aos precipicios daquellas Ilhas, cheas de montanhas; e saltão de penedo em penedo descalços como cabras, dando saltos que parecem incriveis. Tambem atirão pedradas com certeza e força, de tal modo, que alcanção aonde querem; e tem tão seguro braço que com poucos golpes de pedra fazem hum escudo em mil pedaços. Eu vi hum Canario Christão na Ilha da Madeira, que fazia a seguinte aposta: dava a tres homens, huma duzia de laranjas a cada hum, tomava para si outra duzia; e obrigava-se a acertar em cada hum delles com as suas doze sem que errasse nenhuma, e sem que nenhum dos outros lhe tocasse com nenhuma das suas, excepto nas mãos, por se querer defender com ellas; e tudo isto não se aproximando delle outo ou dez passos, e não se achou quem quizesse entrar na aposta, porque todos conhecião que o faria melhor do que o dizia: donde concluo, que esta casta de homens he a mais ligeira, e mais destra de quantas ha no mundo. Tambem usão, assim homens como mulheres, de pintar o corpo com o succo de certas hervas verdes, vermelhas, e amarellas, e tem para si, que semelhantes cores são huma bella devisa, fazendo disto a sua gala como nós de hum bom vestido. Eu estive em duas das ditas Ilhas Canarias, isto he, na Gomera, e na de Ferro, que são de Christãos; e tambem na Ilha de Palma, mas nesta não sahi em terra, por querer seguir a minha viagem.

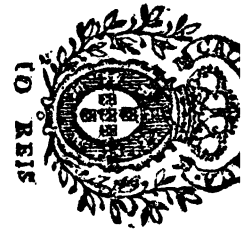


CA-

CAPITULO VI.

Do Cabo branco da Ethiopia, da Ilha de Arguim, e de outras visinhas.

PArtimos desta Ilha navegando sempre pelo meio dia para a Ethiopia; e chegámos em poucos dias ao Cabo branco, distante das Canarias obra de outocentas e setenta milhas; e he de notar que partindo das ditas Ilhas para demandar aquelle Cabo, se vem escorrendo a Costa d'Africa, a qual andando para o meio dia, vem a ficar á mão esquerda, passando-se ao largo, e não tendo vista de terra; porque as Canarias são muito metidas no mar para o Poente, e a qual dellas mais distante da Costa; e assim vai-se navegando longe de terra, até se terem passado ao menos as duas terças partes do caminho das ditas Ilhas ao Cabo branco; e depois busca-se mais a visinhança da Costa á mão esquerda, até ter vista de terra, para não montar aquelle Cabo sem o reconhecer; porque além delle não se vê terra alguma, senão em grande distancia mais adiante, recolhendo-se a Costa para dentro, e formando hum golfo, que se chama a Furna de Arguim; nome que se deriva de huma Ilhota, que está no meio delle, a qual he assim chamada pela gente do paiz. O dito golfo entra pela terra dentro mais de sincoenta milhas, e tem tres Ilhas além desta, ás quaes os Portuguezes pozerão os seguintes nomes, a Ilha branca, por ser toda arenosa; a Ilha das Garças, porque os primeiros Portuguezes achárão nella tanta quantidade de ovos destas aves maritimas, que carregárão com elles duas barcas; a terceira a Ilha dos Corações: e todas são pequenas, arenosas, e desabitadas; na de Arguim acha-se agoa doce em abundancia, mas nas outras não.



CAPITULO VII.

Discurso sobre a Ethiopia e o Deserto, que está entre ella e a Barbaria, e porque causa o Cabo branco foi assim chamado.

DEve notar-se, que sahindo fóra do Estreito de Gibraltar, navegando á esquerda pela Costa de Barbaria, pa-

para esta da Ethiopia; não se acha habitação alguma destes Alarves, salvo junto ao Cabo de Chantim: e desde o dito Cabo pela Costa até Cabo branco, principião as terras arenosas, que he o Deserto, o qual confina pela parte do Norte com as montanhas, que cercão esta nossa Barbaria d'aquem de Tunes, e d'aquem de todas aquellas povoações da Costa; Deserto que os ditos Alarves chamãa Sahara: e da parte do Sul confina com os Negros da Ethiopia, e he de tão extraordinaria grandeza, que hum homem a cavallo pôe sincoenta a sessenta dias a atravessallo, em huns lugares mais, em outros menos. Este Deserto vem beber no mar Oceano sobre a costa, que he toda arenosa, branca, e seca; e he terra baixa toda igual, e não mostra ser mais levantada em hum lugar que n'outro, até o dito Cabo branco; que foi assim chamado, porque os Portuguezes, que primeiro o descobrírão o virão arenoso, e branco, sem mostra de herva, ou de arvore alguma; e he hum bellissimo Cabo, por ser em triangulo na sua frente, entre tres pontas, distantes huma da outra cousa de huma milha.

CAPITULO VIII.

Dos peixes que se achão na dita Costa, e dos bancos de arêa que estão no golfo de Arguim.

EM toda esta Costa ha huma grandissima, e extraordinaria abundancia de diversos, e muito bons peixes grandes, e semelhantes aos nossos, que se pescão nas Costas de Veneza, e ainda de outras qualidades. No dito golfo de Arguim, e em toda a sua extensão, ha pouca agoa, e muitos baixos, huns de arêa, outros de pedra; e o mar tem ahi grandes correntes de agoa, por cuja causa não se navega senão de dia, com a sonda na mão, e a beneficio da maré; e nos baixos do dito golfo naufragárão já dous navios. O Cabo de Chantim, de que já fallámos, está a respeito do Cabo branco, quasi de Nordeste a Sudueste.

CAPITULO IX.

Da povoação de Guaden, dos costumes dos seus habitantes; e suas mercadorias.

DEve-se mais saber, que na direitura de Cabo branco, pela terra dentro, ha huma povoação por nome Guaden (*a*), que dista da costa obra de seis jornadas de camelo, a qual não he murada, mas nella se recolhem os Arabes, e serve de escala para pousarem as caravanas, que vem de Tombuto, e outros lugares dos Negros a esta nossa Barbaria de cá. O sustento dos habitantes deste lugar, são tamaras e cevada, de que tem quantidade, que lhe nasce em alguns lugares, mas não quanta lhes baste: bebem leite de camelo, e de outros animaes, porque não tem vinho; tem tambem vaccas, e cabras, mas não muitas, porque a terra he seca; e tanto os bois como as vaccas são pequenos em comparação dos nossos. Elles são Mahometanos, e inimicissimos dos Christáos. Não tem habitação fixa, mas andão sempre vagando por aquelles desertos; vão ás terras dos Negros, e vem tambem a esta nossa Barbaria de cá: são em grande numero, tem muita copia de camelos, e nelles acarretão cobre, prata, e outras cousas da Barbaria para Tombuto, e terras dos Negros, donde trazem ouro e malagueta, que conduzem para cá; são homens pardos, e vestem algumas tunicas brancas sobre as carnes, com orlas de côr vermelha; e bem assim as suas mulheres tambem usão de camiza. Os homens trazem na cabeça hum lenço á mourisca, e andão sempre descalços.

Nestes lugares arenosos achão-se quantidade de leões, leopardos, e abestruzes; cujos ovos muitas vezes comi, e são saborosos.

(*a*) Cadamosto escreve Hoden, e assim nomea a povoação, que hoje se chama Guaden, pela facilidade de converter em G o H aspirado.

CAPITULO X.

Do contrato feito pelo Sr. Infante D. Henrique na Ilha de Arguim á cerca das mercadorias: do rio do Senegal, e dos costumes dos Azenegues.

O Senhor Infante D. Henrique fez nesta Ilha de Arguim hum contrato por dez annos, deste modo: que ninguem podesse entrar no golfo para traficar com os Arabes, salvo aquelles que entrassem no contrato, o qual tem huma feitoria na dita Ilha, e Feitores, que comprão e vendem áquelles Arabes, que vem á marinha; dando-lhes diversas mercadorias, como são pannos tecidos, prata e Alquizeis, que são huma especie de tunicas, tapetes e sobre tudo trigo, do qual estão sempre famintos; e recebem em troca Negros, que os ditos Alarves trazem da Negraria, e ouro Tiber (*a*); de modo que este Sr. Infante faz actualmente trabalhar em huma fortaleza na dita Ilha, para conservar este commercio para sempre; e por esta razão todos os annos vão e vem caravellas de Portugal á Ilha de Arguim.

Tem tambem estes Arabes muitos cavallos silvestres, com os quaes traficão; e os conduzem ás terras dos Negros, que lhes dão em troco escravos, e vendem os ditos cavallos por dez até vinte cabeças de escravos cada hum, segundo a sua qualidade. Igualmente comprão sedas mouriscas, que se fabricão em Granada, e em Tunes de Barbaria; prata, e muitas outras cousas, e tem pelo seu resgate quantidade de Negros, e alguma somma de ouro. Estes escravos chegão á escala, e lugar de Guaden, e dahi se dividem; hindo parte delles aos montes da Barça, donde chegão a Sicilia, e alguns outros a Tunes, e depois se estendem por toda a costa de Barbaria: finalmente a outra porção he conduzida a este lugar de Arguim, e vendida aos Portuguezes do contrato; de modo que cada anno se trazem para Portugal de setecentos a outocentos escravos. Antes que se estabelecesse este contrato, costumavão as Caravellas de Portugal, vir ao golfo de

(*a*) Chamão os Arabes Ouro Tiber ás palhetas de ouro, que se achão nas áreas de alguns rios como do nosso Téjo, e que he o ouro mais puro que se conhece.

de Arguim armadas, humas vezes quatro, outras mais; e de noute desembarcavão, cahião sobre algumas Aldêas de pescadores, e fazião correrias pela terra; de modo que prendião estes Arabes tanto machos como femeas, e os trazião a vender a Portugal; e assim o fazião por toda a outra costa que está mais avante entre o Cabo branco, e o Senegal, que he hum grande rio, que divide as terras dos Azenegues, do primeiro Reino dos Negros.

Estes Azenegues são de huma côr amulatada, e mais pardos do que mulatos; habitão alguns lugares da costa, que jaz além de Cabo branco, vagão muitos delles por aquelle deserto pela terra dentro, e confinão com os sobreditos Arabes de Guaden. Estes ultimos tambem vivem de tamaras, cevada, e leite de camelo; mas por estarem mais visinhos á primeira terra de Negros tratão com elles, e trazem de lá milho, e alguns legumes, isto he, feijões, com que se sustentão: são homens de pouco comer, e que aturão a fome, pois com huma escudela de papas de cevada se sustentão frescos hum dia inteiro; e isto fazem pela falta que tem de outros viveres. A estes, como já disse, he que os Portuguezes aprisionavão e vendião, e erão os melhores escravos de todos os Negros: mas, qualquer que fosse o motivo, de hum certo tempo para cá tudo se reduzio a paz, e trato de mercancia; e não consente o Sr. Infante, que se faça damno a nenhum delles; porque espera, que tratando com os Christãos, levemente se possão reduzir á nossa crença, não estando ainda bem firmes na fé Mahometana, senão pelo que della tem ouvido dizer.

Tem estes Azenegues hum estranho costume, e he trazerem á roda da cabeça hum panno com huma ponta cahida pela cara abaixo; cobrindo assim a boca e parte do nariz, e dizem que a boca he huma fêa cousa, que continuamente larga ventosidades, e máo halito, e por tanto se deve trazer coberta e não a mostrar; comparando-a quasi ao anus, e tendo para si, que estas duas partes devem andar escondidas: e he verdade, que tendo eu visto muitos, nunca os vi descobrirem-na, salvo quando comem e não mais. Não tem distinções de nobreza, sómente os mais ricos são reverenciados, e obedecidos algum tanto mais, que os outros. São pobres, velhacos, e ladrões, mais do que quaesquer outros homens do mundo, e grandes traidores. Tem huma estatura regular, são

magros, e trazem os cabellos cahidos pelas costas abaíxo, quasi ao modo dos Alemães; mas os seus cabellos são negros, e untão os todos os dias com gordura de peixe, por cujo motivo fedem muito, e isto reputão grande cortesania.

CAPITULO XI.

O que os Azenegues julgárão ser os primeiros Navios, que virão naquelles mares.

CONvem saber, que estes homens não tiverão noticia de outros Christãos, senão dos Portuguezes, os quaes lhes fizerão guerra por espaço de treze ou quatorze annos, aprisionando muitos delles, como já disse, e vendendo-os por escravos; e posso certificar, que quando virão as primeiras vélas, ou Navios sobre o mar, (que anteriormente nem elles, nem os seus antepassados tinhão visto) crêrão que fossem passaros grandes com azas brancas, que voassem, e tivessem vindo de algum lugar estrangeiro; e logo que ferrárão as vélas para surgir, alguns delles pensárão que fossem peixes vendo-os tão compridos; outros dizião que erão fantasmas, que andavão de noute, e tinhão grandissimo medo dellas; e dizião isto, porque ás vezes, no principio da noute erão assaltados em hum lugar e naquella mesma noute pela madrugada acontecia o mesmo cem milhas mais adiante pela costa, outras vezes mais atrás, segundo ordenavão os das Caravellas, ou segundo sopravão os ventos; e dizião entre si: se fossem creaturas humanas como poderião fazer tanto caminho em huma noute, quanto nós não poderiamos andar em tres dias? Não percebendo assim o modo de navegar; de fórma, que se inclinavão absolutamente a que fossem fantasmas, e disto me certificárão muitos Azenegues, que estão escravos em Portugal, e muitos Portuguezes, que neste tempo praticavão em aquelle rio com Caravellas: daqui se póde ajuizar, quanto fossem novos nas nossas cousas, tendo desta huma tal opinião.

CAPITULO XII.

De huma Povoação chamada Tagaza, donde se tira mui grande cópia de sal: para onde se exporta, e como se faz o ajuste deste sal.

SObre a dita escala de Guaden, mais pela terra dentro obra de seis jornadas, ha huma Povoação, que se chama Tagaza, que em nossa lingoagem quer dizer carregadouro, donde se tira huma grandissima quantidade de sal de rocha, que todos os annos he levada para Tombuto, por grandissimas Caravanas de camelos dos sobreditos Arabes e Azenegues, partidas de diversas partes, e dahi vão a Melli, que he Imperio de Negros; onde logo que chega o dito sal, se expede todo em outo dias, a preço de duzentos até trezentos mitigaes a carga, segundo a quantidade, que ha; e hum mitigal val hum ducado ou pouco mais ou menos (*a*): e depois voltão com o ouro para as suas casas. Neste Imperio de Melli, ha hum grande calor, e os pastos delle são mui nocivos aos animaes quadrupedes; de tal sorte, que as mais das vezes de cem, que vão n'huma Caravana, não chegão a voltar vinte e sinco; e assim no dito Paiz não ha bestas, porque todas morrem; e ainda muitos dos sobreditos Arabes e Azenegues adoecem no dito lugar, e morrem; tudo procedido pelo grande calor; e dizem, que de Tagaza a Tombuto são cousa de quarenta jornadas de cavallo, e de Tombuto a Melli trinta.

Perguntei a estes homens, o que os mercadores de Melli fazião daquelle sal, e me respondêrão, que huma pequena quantidade delle se gastava no seu paiz, sendo certo, que por estarem visinhos á equinocial, onde os dias são sempre tão grandes como as noutes; ha calores extraordinarios em certos tempos do anno, os quaes fazem apodrecer o sangue por modo, que morrerião se não fosse elle: e a mezinha que fazem he por esta maneira: Tomão hum pouco de sal, e o desfazem em huma escu-

(*a*) O Mitigal he moeda de differente valor em varios Reinos da Africa; no de Marrocos, em que creio falla o Author, equivale a quatrocentos e vinte reis. Os Ducados de prata de Veneza valem seiscentos reis.

cudela com alguma agoa, e a bebem todos os dias, e com isto dizem, que se salvão das molestias. A outra porção restante he conduzida por huma dilatada viagem, feita em pedaços tão grandes, quanto hum homem possa bem levar sobre a cabeça, com certo engenho, que para isso tem; e já o dito sal tinha sido conduzido a Melli em os camelos, em dous grandes pedaços talhados da mina, com figura propria para carregar sobre hum camelo, levando cada hum dous: e depois em Melli, estes Negros o partem em porções menores, para o levarem á cabeça; de maneira, que cada homem leva hum pedaço; e assim fazem hum grande exercito de homens de pé, que o conduzem por huma grande extensão de caminho. Os que o carregão levão duas forquilhas, huma em cada mão, e quando estão cançados, as cravão em terra, e sobre ellas descarregão o sal: e deste modo o carretão até certas agoas, que não me souberão dizer se erão doces, ou salgadas, para eu perceber se era rio ou mar; mas tenho para mim que he rio; porque se fosse mar, em hum clima tão quente, não terião necessidade de comprar sal. Precisão estes Mouros de o conduzir assim; porque não tem camelos, nem outros animaes de carga, que não poderião alli viver, por causa do grande calor; e pondere-se quantos homens serão precisos para este carreto, e quantos devem ser os que o consomem cada anno.

Chegando pois áquellas agoas, guardão esta maneira: todos aquelles de quem he o sal, fazem delle montes alinhados, marcando cada hum o seu; e depois de feitos os ditos montes, todos os da Caravana voltão para traz, cousa de meio dia de caminho; depois vem outra Tribu de Negros (*a*), que não se quer deixar ver, nem fallar, em humas barcas grandes, que parece sahirem de algumas Ilhas; abordão em terra, e visto o sal, poem hu-

(*a*) Ha huma tal semelhança entre esta passagem, e outra de Herodoto, referindo os costumes destes ou de outros Povos visinhos da costa de Africa, que não podemos deixar de a pôr por extenso, não tanto para fazer ver a veracidade dos dous Historiadores, como para mostrar o quanto se conservão os habitos entre os Povos barbaros, em que a civilisação tem feito poucos progressos: a passagem de Herodoto he a seguinte, tirada do Livro IV. n° 280. nas palavras Λέγουσι δὲ καὶ τάδε até τὸ χρυσὸν λάβωσι; que em Lingoagem querem dizer o seguinte:

huma quntia de ouro defronte de cada monte, e depois voltão para traz, deixando o ouro e o sal; e logo que partírão, vem os Negros do sal, e se a quantidade do ouro lhes agrada, tomão-o, e deixão o sal; e se não lhes agrada, deixão ambas as cousas, e tornão novamente para traz; e depois vem os Negros do ouro, e aquelle monte, que achão sem elle levão-no; e nos outros tornão a pôr mais ouro, se lhes parece, ou deixão o sal; deste modo fazem o seu contrato, sem se verem, nem fallarem huns aos outros, por hum longo e antigo costume: e bem que isto pareça duro de crer-se, affirmo verdadeiramente ter havido esta informação de muitos mercadores tanto Arabes, como Azenegues, e ainda de outras pessoas, a quem se podia dar credito.

CAPITULO XIII.

Da estatura de alguns Negros, que não se querem deixar vêr; e aonde se leva o ouro que delles se tira.

TEndo eu perguntado a estes mercadores, como podia acontecer, que sendo o Imperador de Melli tão grande Senhor, como elles dizião; não tivesse podido achar modo de saber, por amor ou por força, que gente fosse esta, que não se queria deixar ver, nem fallar: foi-me respondido, que não erão muitos annos passados, que hum Imperador de Melli determinou a todo o custo colher hum delles ás mãos; e tendo conselho sobre isto, foi ordenado, que alguns homens seus, hum dia antes que voltasse a

» Dizem tambem os Carthaginezes que ha hum lugar em » Africa fóra das Columnas de Hercules habitado por homens, on- » de todas as vezes que elles vão, tirão as mercadorias das Náos, » e as poem por ordem sobre a praia; então tornando para as » Náos fazem huma fumaça; e visto o fumo, os naturaes do » paiz caminhão para o mar, e tendo posto o ouro junto das » mercadorias se affastão dellas: então os outros sahindo das Náos » o considerão; e se o preço lhes parece bastante, pegando nel- » le se vão embora; se porém o não julgão bastante, voltando » para as Náos, esperão. Elles porém chegando de novo accrescen- » tão mais ouro ao que tinhão posto, até os persuadirem. E ne- » nhum delles obra com injustiça, pois nem elles tocão o ouro » ates de lhe porem a porção devida ás mercadorias, nem os ou- » tros tocão nas mercadorias antes delles terem tomado o ouro.

a Caravana do sal a sobredita meia jornada, estivessem perto do lugar em que havião posto os montes, e que junto a elles se escondessem; e quando os Negros viessem a pôr o ouro ao pé do sal os assaltassem, e prendessem dous, ou tres, que debaixo de boa guarda conduzirião a Melli. Para o dizer em poucas palavras assim se fez, podérão prender quatro, e os outros fugítão; e ainda destes quatro deixárão ir tres, parecendo-lhes que hum bastava para satisfazer a vontade do Soberano; tudo a fim de não indignar mais os ditos Negros. Mas nem por isso o preso quiz responder por mais que lhe fallassem em differentes lingoagens, nem comer: viveo assim quatro dias, té que expirou. Por isto he opinião destes Negros de Melli, pela experiencia que tiverão deste não querer fallar, que todos são mudos: outros pensão, que tendo fórma humana devem fallar, mas que este o não quiz fazer por indignação, visto ter-se praticado contra elle, o que nunca se tinha praticado contra seus antepassados.

Esta morte foi sentida pelos Negros de Melli, vendo que por aquelle modo o seu Rei não podia satisfazer a sua intenção; e tornando a elle lhe contárão o facto segundo succedêra, com o que houve grande desprazer: e perguntou que estatura era a dos Negros; respondêrão-lhe, que erão homens negrissimos, e bem formados de corpo, hum palmo mais altos do que elles, e que tinhão o beiço de baixo cousa de tres quartos de comprido, cahindo-lhe sobre o peito, grosso e vermelho, mostrando na parte de dentro verter sangue; e o beiço de cima pequeno como o delles; e por esta formatura de beiços mostravão as gengivas, e os dentes, os quaes dizião serem maiores do que os seus; e tem nos lados da boca dous dentes grandes, e os olhos grandes e negros; são de aspecto terrivel, as gengivas vertem tambem sangue como os beiços: e pelo sobredito motivo não houve depois nenhum daquelles Imperadores, que se quizesse mais meter com semelhante cousa; sendo o caso que pela prisão, e morte daquelle Negro só, estiverão tres annos sem que quizessem tornar com o ouro a comprar o sal costumado. Julgão tambem, que os beiços lhes apodrecem por estarem em paizes mais quentes, que os delles; de sorte que tendo supportado estes Negros tal enfermidade, e morte pelo espaço do dito tempo, não achando modo de haverem o sal por outra via, para se curarem, tornárão em fim ao anti-

go

go uzo; e por isto he opinião commum, que não podem viver sem sal; os Negros de Melli medem o seu mal pelo que elles mesmos padecem, e assim ao seu Imperador não lhe importa se os outros Negros querem ou não fallar, com tanto que elle tire os interesses do ouro. Isto he quanto eu ouvi sobre este assumpto; e pois que tantos o dizem, nós o podemos acreditar, e eu sou hum daquelles (porque vi, e ouvi alguma cousa do Mundo) que quero crer a possibilidade destas e de outras cousas.

O ouro que chega a Melli, reparte-se em tres quinhões: o primeiro vai com a Caravana, que segue o caminho de Melli a hum lugar, que se chama Cochia, que fica no caminho que se dirige para Soria e Cairo: a segunda e terceira porção vem em huma Caravana de Melli a Tombuto, onde se reparte em dous quinhões; hum vai para Toet, e dahi se extende para Tunes de Barbaria, e por toda a costa de cima, e o outro vai para Guaden, lugar supranomeado, e dahi se espalha por Oran e One, lugares tambem da Barbaria dentro do Estreito de Gibraltar, e para Fez Marrocos Arzilla Çafim e Messa, lugares de Barbaria fóra do Estreito; e neste lugar o compramos nós os Italianos e Christãos aos Mouros, por diversas mercadorias, que lhes damos: e para tornar ao meu primeiro assumpto, esta he a melhor couza, que se trás da sobredita terra, e paiz de Azenegues; porque daquella porção de ouro, que chega cada anno a Guaden (como fica dito) trazem alguma ás bordas do mar; e esta vendem aos Portuguezes, que estão de assento na sobredita Ilha de Arguim para o trafico da mercancia, em troca de outros generos.

CAPITULO XIV.

Da moeda de que uzão os Azenegues, e dos seus uzos.

NEsta terra de Alarves não se bate moeda alguma, nem uzão della, nem tambem em algum outro lugar pela costa adiante; mas todo o seu trafico he trocar cousa por cousa, ou duas cousas por huma, e por este modo he que vivem. Verdade he, que ouvi que pela terra dentro, estes Azenegues, e ainda os Arabes em algumas povoações suas, uzão de conchas brancas, destas pequenas que vem

a Veneza pelo Levante, e dão certo numero destas a seu modo, conforme as cousas que tem a comprar. Declaro, que o ouro que elles vendem o dão a peso de Mitigal (segundo se costuma nas Barbarias); cujo valor he de hum ducado, pouco mais ou menos.

Aquelles que habitão este deserto não tem Religião, nem Senhor algum natural; salvo que aquelles que são mais ricos, e tem mais sequito de gente (como he uzança em muitas outras partes) são os Senhores. As mulheres deste paiz são pardas, e costumão trazer a maior parte dellas pannos de algodão, que lhes vem das terras dos Negros, e algumas daquellas roupas, que acima dissemos, que se chamavão Alquizeis, sem uzar de camiza. Aquella mulher, que tem maiores peitos he reputada mais formosa que as outras; de modo que para os terem grandes, quando sáo de idade de dezasete para dezouto annos, e elles principião a crescer, fazem-se ligar com huma corda ao redor do peito, a qual lhos cinge pelo meio, apertando-os tanto, que se quebrão, e soltão; e com o muito puchar todos os dias, os fazem crescer, e alongar-se por tal maneira, que a muitas dellas chegão ao embigo, e apreciáo as que assim os tem, como huma cousa singular. Cavalgão tambem em cavallos á Mourisca, mas tem poucos, e não os podem manter por ser o paiz esteril, e porque pelo grande calor não podem viver muito tempo. As terras deste deserto são muito calmosas, e de poucas agoas, e por este motivo o paiz he seco, e esteril: e não ha chuvas nestas paragens senão em os tres mezes do anno, Agosto, Setembro, e Outubro: tambem ouvi dizer, que em alguns annos apparece huma grandissima quantidade de locustas do comprimento de hum dedo, que vôão e são como os gafanhotos, que nascem e saltão nos prados, mas estes são maiores, vermelhos e amarellos; e apparecem no ar em tanta quantidade em certos tempos, que o cobrem de modo, que se não vê Sol; e quanto alcança a vista de hum homem, de doze a dezaseis milhas ao redor, tudo se vê coberto destes animaes, tanto o ar como a terra, que parece huma cousa estupenda, e aonde chegão não fica cousa alguma, que não seja destruida: he esta huma grande pestilencia, que elles reputão ter, e se apparecessem todos os annos não se poderião habitar os ditos paizes; mas não vem senão huma vez em tres ou quatro annos; e na occasião, que passei por alli,

os

os vi na marinha, e erão em numero e quantidade incalculavel.

CAPITULO XV.

Do grande rio chamado Senegal, antigamente Niger; e de como foi descoberto.

DEpois que passámos o Cabo branco, navegámos á vista delle por nossas jornadas até ao rio chamado do Senegal, que he o primeiro rio da terra dos Negros, entrando por aquella Costa; o qual estrema os Negros dos Pardos chamados Azenegues; e parte tambem a terra seca e arida, que he o deserto sobredito, da terra fertil, que he paiz de Negros. Sinco annos antes que eu fizesse esta jornada, foi descoberto o Senegal por tres Caravellas, do Sr. Infante, entrárão dentro nelle, e tratárão amizade com estes Negros; de modo que principiárão logo a commerciar; e assim de anno em anno forão hindo lá navios até o meu tempo. Este rio he grande, e na sua foz tem de largura mais de huma milha; he de bastante fundo, e faz ainda outra boca, hum pouco mais avante, com huma Ilha no meio, por cujo motivo se mete no mar por duas bocas, e sobre cada huma destas fozes, fórma bancos de area, e parceis pelo mar dentro, quasi huma milha: neste lugar cresce e mingoa a agoa todas as seis horas, isto he a maré enche e vasa no referido tempo, e sobe pelo rio mais de sessenta milhas, segundo a informação que tive dos Portuguezes, que estiverão com as Caravellas por elle acima. Quem quer entrar dentro delle, deve hir com a maré por causa dos bancos e parceis, que estão na sua embocadura; e do Cabo branco até aqui contão-se trezentas e outenta milhas; a costa he toda arenosa até junto á barra obra de vinte milhas, chama-se costa de Anterote, e he de Azenegues ou amulatados; e parece-me maravilhoso, que além do Senegal todos sejão negrissimos grandes grossos, e bem formados de corpo; e todo o paiz verde cheio de arvores e fertil: e da banda de cá todos sejão homens amulatados negros enchutos, e de pequena estatura; e o paiz esteril e seco. Este rio, segundo dizem homes sabios, he hum ramo do Gion, que nasce no Paraiso Terrestre (*a*),

(*a*) O Rio Gion ou Gehon não nos he conhecido senão pelo Genesis, e questiona-se ainda onde nasce, e que rio he: por

o qual foi chamado pelos antigos Niger, e vem banhando toda a Ethiopia, e caminhando pelo Ponente para o mar Oceano, onde desagoa, e faz outros ramos e rios além deste do Senegal: o outro ramo do Gion he o Nilo, o qual passa pelo Egypto, e desemboca no nosso mar Mediterraneo; e esta he a opinião daquelles que tem viajado á roda do Mundo.

CAPITULO XVI.

Do Reino do Senegal, e seus limites.

O Primeiro Reino de Negros da baixa Ethiopia, he este que fica sobre o Rio do Senegal; os Povos que habitão as suas margens chamão-se Jalofos, e toda esta costa e paiz acima declarados, he terra baixa, até Cabo verde, que he a terra mais alta de toda aquella costa, isto he, quatrocentas milhas mais além do predicto Cabo. Segundo eu pude perceber, este Reino do Senegal confina pela terra da parte do Sul com o Reino de Gambia, do Poente com o mar Oceano, e do Nascente com o Reino acima dito, que estrema os amulatados destes primeiros Negros.

CAPITULO XVII.

Como se elegem os Reis do Senegal, e como sustentão os seus Estados; dos seus costumes, e das suas mulheres.

O Rei do Senegal no meu tempo tinha por nome Zucholim, e era moço de vinte e dous annos. Neste Reino não se succede por herança; mas ha diversos Senhores, os quaes ás vezes por ciume que tem huns dos outros, se ajuntão tres ou quatro, e elegem hum Rei a seu modo; com tanto porém, que elle tenha nobre parentella na sua geração. Este Rei dura o tempo que apraz aos ditos Senhores, segundo o tratamento que delle recebem; e ás vezes o depõe á força, e outras, elle se torna tão poderoso, que se defende delles; em fim o seu Estado não he permanente, e firme como he o do Soldão do Cairo; antes es-

conseguinte he escusado refutar a opinião do Author, que a não põe senão como huma hypotesi; além disso o rio Niger he diverso do Senegal.

está sempre em suspeitas de ser morto, ou expulso. Este Rei não he semelhante ao dos Christáos, porque o seu Reino he de gente selvagem, e pobrissima, e não ha nelle Cidade alguma murada, senão aldêas com casas de palha, não as fazendo de parede, pois não tem cal nem pedra para fabricallas, por não saberem dar ordem a isso: este Reino he de pouca extensão, porque pela costa não tem mais de duzentas milhas, e pela terra dentro póde ter outro tanto de largo, segundo a informação que tive.

O Rei não tem rendimento certo de tributos, mas os Senhores do paiz em cada hum anno para o terem amigo, lhe fazem presente de alguns cavallos, que são muito estimados por haver falta delles; e não só tem este fornecimento, mas tambem outros de animaes, como vaccas e cabras, e ainda legumes, milhos, e cousas semelhantes. Mantem-se tambem este Rei com roubos, que manda fazer de muitos escravos, tanto no seu paiz, como nos visinhos, dos quaes se serve por muitos modos; e sobre tudo em cultivar certas posseções que lhe são deputadas, e tambem vende muitos delles aos Azenegues, e mercadores Arabes, que os trocão por cavallos e outras cousas, e igualmente aos Christáos, depois que principiárão a ter trafico de mercadorias naquelles paizes. He licito a este Rei ter quantas mulheres quer, e assim tambem a todos os Senhores, e homens daquella terra, terem tantas quantas puderem sustentar; pelo que o Rei, tem sempre de trinta para cima; faz porém mais caso de humas do que de outras, conforme as pessoas de quem descendem, e a grandeza dos Senhores de quem são filhas. A maneira porque elle vive com suas mulheres he a seguinte: tem certas aldêas, ou lugares seus, em alguns dos quaes tem outo ou dez, e outras tantas n'outro lugar; e cada huma habita em sua casa de per si, e tem hum certo numero de escravas moças que a servem; e tambem de escravos, os quaes cultivão os predios, e terrenos, que lhes são consignados, pelo Senhor, a fim de se poderem manter com os seus fructos. Tem igualmente certa quantidade de gado, como vaccas e cabras para seu uzo, o qual está á conta dos escravos, e assim semeão colhem e vivem: e quando acontece que o Rei vai a alguma daquellas aldêas, não leva comsigo viveres, nem nenhuma outra cousa; porque onde elle chega, as suas mulheres que ahi se achão, são obrigadas

a

a fizer as despesas para elle, e para todos os que leva na comitiva. Assim todas as manhãs ao nascer do Sol, cada huma tem preparado tres, ou quatro diversas iguarias, quaes de carne, quaes de peixe, e outros manjares mouriscos, segundo o seu costume, e os mandão pelos seus escravos apresentar á dispensa do dito Senhor; de modo, que n'uma hora se achão juntas quarenta, ou sincoenta iguarias, e quando chega a hora de comer, acha tudo prompto, sem ter tido cuidado algum n'isso; toma para si o que lhe apraz, e faz dar o resto aos outros, que vierão com elle; mas nunca dá de comer a esta sua gente em abundancia tal, que não andem sempre famintos. Por esta fórma viaja, e dorme já com huma, já com outra de suas mulheres, e tem grande numero de filhos, porque quando huma está pejada não lhe toca mais: e por esta mesma maneira, vivem todos os outros Senhores deste paiz.

CAPITULO XVIII.

Da Crença destes primeiros Negros.

A Religião destes primeiros Negros, he Mahometana; mas não estão bem firmes na sua crença, como os Mouros brancos, e principalmente o Povo miudo. Os Magnates passão por Mahometanos, porque tem junto de si alguns dos ditos Azenegues, ou Arabes, que acaso ahi chegão, e lhes dão alguma instrucção, dizendo-lhes que seria grande vergonha serem elles Senhores, e viverem sem nenhuma Lei de Deos, e fazer como fazem aquelles seus Povos, e gente miuda, que vivem sem Lei; por esta causa de não terem tido outra conversação se não a dos Azenegues, ou Arabes, se convertêrão á Lei de Mafoma; mas depois que tiverão familiaridade, e conversação com os Christãos são menos crentes nella.

CAPITULO XIX.

Do traje, e costumes de todos os Negros.

QUasi toda esta gente anda continuamente nua, e todo o seu vestuario consiste em hum couro de cabra, posto em fórma de bragas, com que se cobrêm; porém os Magnates, e aquelles que podem, vestem camisas de pan-

panno de algodão, porque naquelles paizes nascem algodoeiros, e as suas mulheres fião o algodão, e fazem pannos da largura de hum palmo, e não sabem fazellos mais largos, por não terem pentes para tecellos, e assim cosem quatro ou sinco daquelles pannos juntos, quando querem fazer algum trabalho largo: a fórma das suas camizas he a seguinte: são compridas até meia côxa, e as mangas largas, e curtas só até o meio do braço; tambem uzão de algumas bragas do mesmo panno de algodão, que franzem á roda de si, e são compridas até o peito do pé, e extraordinariamente largas; porque algumas ha que tem de trinta a trinta e sinco, e talvez quarenta palmos de roda, e quando as tem vestidas, ficão muito fraldados pela sua grande altura, e roda; e vem a fazer hum sacco por diante, e outro por detraz, que chega até o chão, e quasi tem cauda; o que parece á vista a cousa mais contrafeita de todo o mundo; porque andão com os vestidos largos com aquella cauda, e nos perguntão, se já vimos habito mais lindo, ou huma moda mais bella do que aquella, tendo por certo que he a melhor cousa possivel. As suas mulheres andão todas descobertas da cintura para cima; tanto as cazadas como as solteiras; e da cintura para baixo trazem hum sendal daquelle panno de algodão, cingido á roda, que lhe chega até meia perna: andão sempre descalços, tanto as mulheres como os homens; não trazem nada na cabeça, e fórmão dos seus cabellos algumas tranças bem feitas, e atadas por diversas fórmas, mas ordinariamente não tem cabellos compridos mais de tres quartos.

Os homens destes paizes, fazem muitos serviços femenís; como são fiar, lavar pannos, e outras cousas. Sente-se continuamente hum grande calor, e quanto mais se caminha para além, tanto maior he; e comparativamente em Janeiro não faz tanto frio naquelle Reino, que o não faça maior no mez de Abril nestas nossas terras. Os homens, e mulheres deste paiz são limpos de si, por que lavão todo o corpo quatro ou sinco vezes cada dia; mas no comer são porcos, e sem nenhuma decencia: nas cousas de que não tem prática, são simples, e pouco sagazes: mas nas cousas de que a tem, são espertos como qualquer de nós. São de muitas palavras, e nunca acabão de fallar, e commumente são mentirosos, e enganadores em extremo; a pesar disso são caritativos, porque dão de comer,

SEM OF

mer, e beber a qualquer forasteiro que chega a sua casa por hum jantar, ou huma noute; e isto sem estipendio algum.

CAPITULO XX.

Das suas guerras, e armas.

ESTes Senhores negros guerreião muitas vezes huns com os outros, e tambem algumas vezes com os seus visinhos; as suas guerras são a pé, porque ha pouquissimos cavallos, que lá não podem viver pelo grande calor, como tenho dito; não trazem vestidura d'armas pelas não terem, e mesmo pelo grande calor não poderião supportallas, sómente tem escudos redondos e largos, os quaes são feitos do couro de hum animal chamado anta, que he durissimo de penetrar; e para offender tem quantidade de azagaias, que são huma especie de dardos ligeiros, e atirão-nos com muita velocidade, porque são grandes mestres disso; tem estes dardos hum palmo de ferro lavrado, com barbas miudas, postas mui sutilmente por diversos modos; e onde entrão, ao puxar para fóra rasgão as carnes, com aquellas barbas, de maneira que são muito más para offender; tambem trazem alguns alfanges mouriscos, á maneira de meia espada Turquesca, isto he, voltadas como hum arco, e são feitas de ferro sem nenhum aço, porque do Reino de Gambia de Negros, que jaz mais além, tirão o ferro, de que fabricão estas armas; mas não tem aço como já disse, ou verdadeiramente, se o ha onde ha ferro, não o conhecem, ou não tem industria para fazello. Uzão tambem de outra arma cravada em huma aste, á maneira de hum espontão dos nossos, e não tem outras. As suas guerras são muito mortiferas, por estarem desarmados, e os seus golpes nunca são dados em falso, matando-se como se fossem feras; são muito atrevidos, e bestiaes, e em qualquer pequeno perigo, deixar-se-hão antes matar, do que fugir, ainda podendo; não se atemorizão por ver o companheiro morto, antes parece que não lhe importa, como homens costumados a isso, e que não temem nada a morte.

Não tem navios, nem nunca os virão, salvo depois que tiverão conhecimento dos Portuguezes. He verdade que aquelles, que habitão sobre este rio, e alguns dos que estão juntos ao mar, tem humas canoas, isto he, al-

almadias de hum páo só, as maiores das quaes levão tres, ou quatro homens quando muito; e com estas vão ás vezes a pescar, e atravessão o rio, indo de hum a outro lugar; e estes taes Negros são os melhores nadadores do mundo, pela experiencia do que vi fazer a alguns delles nestas terras.

CAPITULO XXI.

Do paiz de Budomel, e do seu Senhor.

PAssei o predito rio do Senegal com a minha Caravella, e continuando a navegar, cheguei ao paiz de Budomel, povoação distante delle cousa de outocentas milhas pela costa; a qual nesta extensão, he toda baixa, e sem montes. Este nome Budomel, he titulo de Senhor, e não nome proprio de lugar, chamando-se terra de Budomel, como se se dissesse paiz de tal Senhor, ou Conde.

Detive-me neste lugar com a minha Caravella, para tirar lingoa deste Senhor, tendo já tido informação de certos Portuguezes, que tinhão tido trato com elle, de que era pessoa de bem, de quem a gente se podia fiar, e que pagava realmente aquillo que comprava. Assim por ter comigo alguns cavallos de Hespanha, que erão boa mercadoria no paiz dos Negros, não obstante ter muitas outras cousas, como pannos de lã, e peças de seda Mourisca, e outras mercadorias; determinei de provar com elle a minha fortuna, e fiz lançar ancora em outro lugar da costa do seu paiz, que se chama a Palma de Budomel, que he estação, e não porto; e depois que cheguei, fiz-lhe saber por hum meu interprete negro, como trazia alguns cavallos, e outras fazendas para o servir se lhe fosse mister. Ouvindo isto aquelle Senhor, montou logo a cavallo, e veio á marinha com obra de quinze Cavalleiros, e cento sincoenta piões, e me mandou dizer que me aprouvesse descer em terra, e hillo ver, que me faria honra; pelo que sabendo o seu bom nome assim o fiz, e elle me recebeo com grande festa, e depois de muitas palavras, eu lhe dei os meus cavallos, e tudo quanto quiz de mim fiando-me delle; rogou me tambem quizesse hir por terra a sua casa, que era longe da praia cousa de vinte e sinco milhas, dizendo-me que ahi me pagaria bem, esperando alguns dias; pois pelo que de mim tinha recebido, me promettia hum certo nume-

ro de escravos. Eu lhe dei sete cavallos, com os seus arnezes, e outras cousas mais, que ao todo me custárão obra de trezentos ducados, e assim me determinei, a ir com elle; antes porém que partissemos, presenteou-me logo com huma rapariga de doze para treze annos, muito bella por ser muito negra, e disse que ma dava para serviço da minha camara; a qual eu aceitei, e mandei para o navio: e por certo, o eu hir acompanhallo, não foi menos para ver e ouvir cousas novas, do que para receber o meu pagamento.

CAPITULO XXII.

Como o Sr. Budomel, consignou Messer Luiz, a hum seu Neto chamado Bisboror: e quanto são bons nadadores os Negros daquelle paiz.

CAminhando pois com Budomel pela terra dentro, elle me deo cavallos e o que me era preciso; e quando estivemos ao pé da sua pousada, cousa de quatro milhas de distancia, entregou-me a hum seu Neto, chamado Bisboror, Senhor de huma aldêa onde tinhamos chegado, o qual me teve em sua casa, e me fez sempre gazalhado, e boa companhia; estive alli cousa de vinte e outo dias, no mez de Novembro, e neste tempo fui varias vezes fallar ao Senhor Budomel levando sempre comigo o seu Neto, e então vi algumas cousas do modo de viver daquelle paiz, de que abaixo se fará menção: e tanto mais tive occasião de ver, quanto me foi necessario tornar atraz por terra até o rio do Senegal; porque se levantou hum tal temporal naquella costa, que me foi forçoso (se me quiz embarcar) fazer hir o meu navio ao dito rio, hindo eu lá ter por terra.

Entre outras cousas, que vi neste paiz, foi huma dellas, que querendo eu mandar huma carta aos do navio para lhes participar, que me viessem tomar ao Senegal, visto que hia por terra; perguntei áquelles Negros se havia algum, que soubesse nadar bem, e que tivesse animo de levar-me aquella carta ao navio, que estava obra de tres milhas distante da praia. Logo muitos me disserão, que sim; e porque o mar estava empolado, e fazia grande vento, digo deveras, que me parecia impossivel, que homem algum podesse fazer tal; porque principalmente junto da terra a hum tiro de frecha ha baixos, isto he, ban-

bancos de arêa; assim como tambem mais dentro pelo mar, a dous tiros de bésta, ha outros bancos, e ao pé destes, tantas correntes de agoa, ora para cima, ora para baixo, que he cousa difficillima a homem algum poder-se suster nadando, sem que seja arrastado pela corrente: e sobre estes bancos quebrava o mar com tanta força, que parecia impraticavel podellos ninguem passar. Offerecerão-se-me dous Negros a hir ao navio, e perguntando-lhes eu quanto lhes deveria pagar, responderão-me, que duas majulias de estanho a cada hum, que valem hum grosso ou vinte e dous reis cada huma; e que por este preço hum e outro se obrigava a pôr-me a carta na Caravella, e logo se deitárão á agoa. Não poderei explicar a difficuldade, que tiverão em passar os bancos com tanto mar, e ás vezes estavão grande espaço de tempo sem que eu os visse, de modo, que julguei muitas vezes, que se tivessem affogado; finalmente hum delles não póde agoentar tantos golpes do mar, quantos quebravão em cima delle, e voltou para traz; mas o outro teve se forte, e combateo sobre aquelles bancos, por espaço de huma grande hora, até que em fim passou-os, e levou a carta ao navio, e tornou com a resposta; o que me pareceo cousa maravilhosa: donde concluo por certo, que aquelles Negros da marinha, são os melhores nadadores do mundo.

CAPITULO XXIII.

Da Casa de Budomel, e de suas mulheres.

O Que eu pude ver daquelle Senhor, e seus costumes, foi o seguinte: primeiramente advirto, que estes que tem o nome de Senhores, não tem castellos nem cidades, como acima accenei: o Rei deste Reino não tem senão aldêas de casas de colmo, e Budomel era Senhor de huma parte deste Reino, que era cousa pequena. Não são Senhores, porque tenhão tesouros, nem dinheiros; porque os não tem, nem elles gastão moeda alguma: mas pelo ceremonial, e sequito de gentes, he que se podem chamar Senhores; porque sempre são acompanhados por muitos, e muito mais reverenciados, e temidos pelos seus subditos, do que o são entre nós os nossos Grandes. As suas casas não são de paredes, nem palacios; mas segundo a fórma do seu viver tem algumas casas de campo,

para a habitação dos Senhores, e de suas mulheres, e de toda a familia; porque nunca se demorão muito em hum lugar. Nesta aldêa onde eu estive, a qual era casa sua, pode haver de quarenta a sincoenta choupanas de palha, todas juntas ao redor humas das outras, e cercadas de sebes, e tapumes de arvores grossas; deixando só huma, ou duas aberturas por onde se entra; e cada huma destas choupanas tem hum pateo, tambem cerrado com sebe, e assim se vai de pateo em pateo, e de choupana em choupana.

Budomel tinha nesta aldêa (salva a verdade) nove mulheres, e assim tem nos outros lugares mais ou menos, segundo lhe parece, ou lhe agrada; cada huma destas mulheres tem sinco ou seis moças negras, que a servem: e he licito ao Senhor dormir, tanto com as Escravas, como com as mulheres, as quaes o não tomão em affronta, por ser este o costume; por esta razão varía quantas vezes lhe apraz. Estes Negros, e Negras são muito luxuriosos, porque huma das cousas principaes, que me pedio Budomel foi, que tendo ouvido, que os Christãos sabião muitas cousas, me rogava se por ventura saberia dar-lhe o modo de poder contentar a muitas mulheres; em paga do que me faria grandes mercês; por aqui se pode entender, quanto prezão este vicio. São muito ciosos, e não consentem, que ninguem entre nas casas onde habitão as suas mulheres, e não se fião nos proprios Filhos.

Este Budomel tem sempre em casa duzentos Negros pelo menos, que continuamente o seguem: he bem certo, que huns vão outros vem; e além destes nunca falta bastante gente, que vem procurallo em diversos lugares, e ao entrar na casa, antes que se chegue aonde elle está e dorme, ha sete pateos grandes e fechados, que tem serventia de hum para outro; e no meio de cada hum, ha huma grande arvore, para estarem á sombra aquelles que esperão: nestes pateos está repartida a sua familia, segundo os gráos das pessoas; isto he, no primeiro á entrada, está a familia miuda, mais adiante estão os homens mais principaes, e quanto mais se avisinhão á estancia de Budomel, tanto maior he a dignidade daquelles, que alli habitão; e assim de gráo em gráo, até que se chega á porta de Budomel, á qual pouquissimos homens se atrevem a chegar, excepto os Christãos,

que

que ahi se deixão andar livremente, e ainda os Azenegues; pelo que estas duas Nações tem maior liberdade, do que os Negros seus naturaes.

CAPITULO XXIV.

Das ceremonias, de que usa Budomel em dar audiencia: e do seu modo de orar.

MOstrava este Budomel grande altivez e gravidade, por isso que se não deixava ver, salvo huma hora de manhá, e outro pouco de tarde; sahindo este tempo ao seu primeiro pateo, junto á porta da primeira habitação, na qual, como disse, não entravão senão homens de monta; e ainda estes mesmos Senhores usão de grandes ceremonias, quando se lhes dá audiencia; porque quando chegão diante de Budomel, para fallar-lhe, alguns por maiores homens que fossem, ou mesmo seus parentes; ao entrar da porta do pateo punhão ambos os joelhos no chão, inclinando a cabeça até ao pavimento, e lançavão a arêa com ambas as mãos para traz das costas, e sobre a cabeça, estando totalmente nús; porque este he o modo com que saudão o seu Senhor. Nem homem algum teria atrevimento de vir fallar-lhe, sem que primeiro se tivesse despido todo, salvo as bragas de couro, que conservavão; estando daquella maneira hum bom espaço de tempo, deitando arêa para cima de si; depois não se tornavão a levatar, mas arrastando-se com os joelhos, e pernas pelo chão, se hião avisinhando ao Senhor; e quando estavão a cousa de dous passos de distancia, paravão para fallar, e dizer o seu negocio; não cessando entre tanto de deitar arêa para traz, com a cabeça baixa em sinal de grandissimo acatamento. O Senhor mostrava que não o via senão escaçamente não deixando de fallar com outras pessoas; e depois quando o vassallo tinha acabado de dizer, com aspecto arrogante lhe respondia em duas palavras, e mostrava neste acto tanta altivez, e grandeza; e era tão reverenciado, [que ainda que Deos mesmo estivesse na terra, não creio que se lhe podesse fazer mais honra, e reverencia do que, a que lhe fazião estes Negros: tudo isto me parece, que procede do grande temor, e receio, que delle tem aquelles Povos, pois que por qualquer pequena falta lhes faz prender a mulher e filhos, e os vende: de sorte que nestas duas cousas

tem

tem apparencia de Senhores, em mostrarem Estado, isto he, sequito de gente, e em se deixarem vêr poucas vezes, e serem muito reverenciados pelos seus subditos.

Pela grande familiaridade, que este Budomel me mostrava, deixava-me entrar na sua Mesquita, onde fazia oração, e pela volta da tarde, chamava aquelles seus Azenegues, ou Arabes, que tem continuamente em casa (quasi como nós os nossos Padres), que são aquelles, que lhe ensinão a lei de Mafoma, e entrava com alguns Negros principaes, em hum pateo grande onde era a Mesquita, e ahi orava por esta fórma: estando em pé, e olhando para o Ceo dava dous passos adiante, e dizia algumas palavras em voz baixa; depois atirava comsigo ao comprido á terra, e beijava-a; e o mesmo fazião os Azenegues, e todos os outros: depois levantando-se novamente em pé, tornava a fazer os sobreditos actos, e isto de dez até doze vezes, e gastava o espaço de meia hora em fazer oração. Depois de a ter acabado, perguntava-me, o que me parecia: e porque tinha grande prazer em ouvir as cousas da nossa Religião, me dizia muitas vezes, que lhe contasse algumas; de modo que eu lhe dizia, que a sua era falsa, e que os que taes cousas lhe ensinavão, erão ignorantes da verdade; e estando aquelles seus Arabes presentes, eu lhe reprovava a Lei de Mafoma, como má e falsa, por muitas razões; e lhe mostrava ser a nossa Religião verdadeira, e santa: tanto assim, que fazia desesperar aquelles seus mestres da Lei: com o que aquelle Senhor ria, e dizia, que tinha para si, que a nossa crença era boa: e que não podia ser, que Deos, que nos tinha dado tantas cousas boas e ricas, e tanto engenho e saber, nos não tivesse tambem dado huma boa Lei; mas que tambem elles não menos a tinhão boa, e que era bem fundado a persuadir-se, que os seus Negros se podião salvar melhor do que nós os Christãos; porque Deos era justo, e tinha-nos dado neste mundo tantos bens, e tão diversos; e a elles Negros, tão poucos em comparação de nós; que tendo-nos feito Senhores do Paraiso de cá, elles devião ter o de lá; e com estas, e semelhantes razões mostrava ter bom senso, e muito entendimento. Agradavão-lhe muito as cousas dos Christãos, e estou certo, que mui levemente se poderia converter á Fé de Christo; se o medo de perder os seus Estados o não tivesse embaraçado; porque seu Neto, em cuja casa esta-

trava alojado, mo disse bastantes vezes; e elle mesmo tinha grandissimo prazer, em que eu lhe fallasse na nossa Religião; e dizia, que era boa cousa ouvir a palavra de Deos.

CAPITULO XXV.

Do modo de viver, e comer de Budomel.

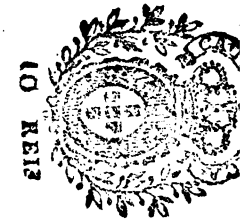
NO modo de viver, isto he no comer, elle se governava do mesmo modo, que disse acima do Rei de Senegal, cujas mulheres lhe mandão diariamente, cada huma tantas iguarias; e este estilo tem todos os Senhores, e Negros ricos, a quem suas mulheres fazem estas despesas: comem no chão bestialmente, sem nenhum preparo; e com elles não come ninguem, salvo aquelles Mouros, que lhe ensinão a Lei, e hum ou dous Negros dos principaes; toda a outra gente miuda come a dez ou doze juntos, põe hum grande cesto de carnes no meio, e todos metem a mão dentro: comem muito pouco de cada vez, porém muitas vezes, isto he, quatro ou sinco cada dia.

CAPITULO XXVI.

Das producções do Reino do Senegal; do modo que tem os Negros em lavrar a terra, e como fazem o seu vinho.

NEste Reino do Senegal, e delle para diante em terra nenhuma da Negraria, nasce trigo, nem centeio, nem cevada, nem avêa, nem uvas; e isto porque o paiz he tão quente, que não tem chuvas nove mezes do anno, desde Outubro até ao fim de Junho: e por causa deste grande calor, não se póde dar o trigo, tendo experimentado semeallo daquelle, que nós os Christãos lhe temos levado: porque o trigo quer terra temperada, e muitas vezes chuva, o que não succede nestes paizes; e assim o seu pão he feito de milho de diversas castas, isto he, miudo e grosso; tem favas e feijões, que nascem e se crião os mais bellos e grandes do mundo: o feijão he grosso como huma avelã grande das nossas cultivadas, todo lavrado ou riscado de differentes cores, que parece pintado, e he bellissimo para ver. A fava he larga chata e vermelha, de huma côr viva, e tambem ha algumas brancas, que são muito bellas. As sementeiras fazem-se no

mez



mez de Julho, e as colheitas no de Setembro; porque neste tempo he que chove, e que os rios crescem. Lavrão as terras, semeão, e colhem no tempo de tres mezes; são pessimos Lavradores, e homens que se não querem cançar a semear senão quanto lhes basta para comer todo o anno escassamente, e pouco lhes importa ter grão para vender. O modo por que lavrão he o seguinte: quatro ou sinco delles põem-se no campo, com baldes, ou paz pequenas á maneira de enchadões, e vai cada hum deitando a terra para diante, ao contrario do que fazem os nossos, que quando cavão puchão a terra para si com as enxadas, e estes a deitão para diante com os baldes; e não profundão senão quatro dedos. Este he o seu modo de lavrar, e por ser a terra boa, e gorda produz tudo o que lhe semeão. A sua bebida he agoa, leite, e vinho de palmeira, que he hum licor, que estila huma arvore da fórma daquellas, que dão tamaras, mas não a mesma: tem muitas destas arvores, que quasi todo o anno dão este licor, que os Negros chamão Miguol. Para o extrahir, ferem o pé da arvore em dous, ou tres lugares; e este verte huma agoa parda, a modo de soro de leite, e metendo-lhe por baixo cabaças, assim o colhem; mas deita tão pequena quantidade, que entre dia e noute, cada arvore encherá cousa de duas cabaças: he muito bom para beber, e embebeda como o vinho, a quem o não mistura com agoa: no primeiro dia que se colhe he tão doce como o mais doce vinho do mundo, mas de dia em dia vai perdendo o doce, e se torna mais agradavel; sendo melhor para beber no terceiro e quarto dia, do que no primeiro; porque he doce, e pica alguma cousa. Eu o bebi varias vezes, no tempo que estive em terra naquelle paiz, e sabia-me melhor, que o nosso vinho. Deste Miguol, não tem tanta quantidade, que cada hum possa bebello em abundancia; mas tem huma porção sufficiente, sobre tudo para os seus principaes. As arvores, que estilão este licor são communs a todos, porque as não tem como nós temos os fructos dos pomares, ou vinhas, em propriedade particular; mas tudo o que tem he commum, e livre a cada hum o tirallo, e aproveitar-se delle: tem fructos de diversas qualidades semelhantes aos nossos, e ainda que não sejão cultivados como aquelles, são bons; e elles os comem sendo de floresta, isto he, silvestres, e não fechados em pomares; penso porém que se os tra-

tratassem como nós fazemos, e cultivassem, crearião fructos bons e perfeitos, porque a qualidade do ar e do terreno he boa, sendo todo o paiz de campina capaz para produzir. Ha bons pastos com infinitas arvores grandes e bellissimas, mas por nós não conhecidas; e tambem muitos lagos de agoa doce, não muito grandes mas profundissimos, e nelles se achão muito bons pescados differentes dos nossos; ha muitas serpentes de agoa chamadas *Calcatrizes*. Uzão neste paiz de huma especie de azeite nas suas comidas, que não sei de que se faz; e que tem tres propriedades notaveis, o cheiro he como o de viollas, o sabor quasi como o do nosso azeite de azeitona; e tem côr, que tinge as carnes a modo de açafrão, e ainda melhor do que elle: acha-se tambem nesta terra huma especie de arvores, que dão feijões vermelhos com o olho negro, em grande quantidade, porém são pequenos.

CAPITULO XXVII.

Dos animaes que nascem neste Reino.

PRoduzem-se neste Reino differentes castas de animaes, principalmente cobras grandes e pequenas, algumas das quaes são venenosas, outras não: entre as grandes, ha-as de dous palmos, e mais de comprido; mas não tem azas nos pés como dizem ter as serpentes, porém são grossas de sorte, que se achão algumas, que engolem huma cabra inteira sem a partir. Dizem que estas grandes se ajuntão em numero consideravel n'algumas partes do paiz, em lugares que abundão em huma grandissima quantidade de formigas brancas, as quaes de sua natureza fazem huma especie de casas para as sobreditas cobras, com a terra, que levão na boca; e quando estão feitas parecem fornos de cozer pão ao nosso modo: e destas casas fazem como villas de cento e sincoenta moradas, pouco mais ou menos cada huma.

Estes Negros são grandissimos encantadores de todas as cousas, principalmente destas cobras; e ouvi dizer a hum Genovez, homem digno de credito, que tendo-se achado hum anno antes de mim, na terra de Budomel, a dormindo huma noute em casa deste seu Neto Bisboror, onde eu estava alojado; sentio sobre a meia noute, á roda da casa, muitos assobios; pelo que despertando vio,

que o dito Bisboror se levantava, e chamando dous dos seus Negros, queria montar sobre hum camelo, e sahir para fóra; e perguntando-lhe o Genovez onde queria ir assim, e a huma hora tão impropria, lhe respondeo, que a hum seu negocio, e que brevemente voltaria; e demorando-se fóra hum grande espaço, voltou para casa; e perguntando-lhe de novo o Genovez, onde tinha hido; Não ouviste vós (lhe tornou elle), já ha hum pedaço assobiar á roda desta casa? e respondendo-lhe o outro que sim, continuou, aquillo erão cobras, as quaes se eu não tivesse hido fazer hum certo encanto, que nós cá uzamos, com o qual as fiz voltar todas para traz, me terião esta noute morto muitos dos meus animaes (*a*); e ficando o Genovez maravilhado d'isso, Bisboror lhe disse, que se não maravilhasse, porque seu Avô fazia muito maiores encantamentos; porque quando queria fazer peçonha para envenenar as suas armas; formando hum grande circulo den-

(*a*) Antonio Galvão transcreve a passagem acima, ainda que com pouca exactidão pois attribue este facto ao proprio Cadamosto; o que porém he mais notavel, he que o effeito do Encanto que Galvão attribue ás Cobras, he totalmente differente: ex-aqui as suas palavras. » Alguns contão agora, que os habitadores des» ta costa do Cabo da Boa Esperança são grandes feiticeiros, » encantadores, principalmente de cobras; e trazem-nas tanto a » seu mando que lhes guardão as sementeiras hortas pomares, e » suas granjarias, assi de ladrões, como dalimarias: e se vem al» guns fazer damno, cingem-se com elle e tem-nos prezos, e » mandão aos filhos chamar seus amos, e entregão-nos: e se a » gente he muita, ou alimaria poderosa, com que se não atre» vem, vão-se a casa daquelle com que vivem, e se he de nou» te dão tantos assovios e chirlos até que os acordão para hir » defender o que lhe entregão. Alvici Cadamosto Italiano, escre» ve que se achou no descobrimento de Guiné no Reino de Bu» dimol em casa de Bisborol seu Neto: e jazendo na cama ou» vio grandes silvos darredor da casa, a que Bisborol se levan» tára da cama, e sahíra pela porta fóra: e quando tornára Ca» damosto lhe perguntára donde vinha, contou lhe como acudí» ra ás Cobras que o chamárão. » Até aqui Antonio Galvão, que pelo que se vê parece que citou Cadamosto de memoria. Em quanto ao mais, estes feitiços, principalmense com as serpentes, são da crença de quasi todos os Povos tanto da Africa como da Asia, e os viajantes nestes paizes tem sido obrigados a admirar a destreza daquelles embusteiros, que a olhos pouco criticos passou tanto tempo por sobrenatural.

dentro do qual, pela força do encanto vinhão todas as cobras dos contornos, matava com as suas mãos aquella que lhe parecia mais venenosa, e deixava as outras; e tomando o seu sangue, e temperando-o com a semente de huma certa arvore, a qual eu vi e tive; com esta mistura envenenava as suas armas, as quaes onde chegavão, huma vez que fizessem sangue, (bem que a ferida fosse pequena) em hum quarto de hora morria o ferido; e disse-me o Genovez, que Bisboror lhe quizera fazer ver a prova do encantamento, mas que a elle não lhe importou ouvir mais nada: donde concluo serem todos os Negros grandes encantadores, e pódem muito bem ser verdade estes encantos das Cobras, porque tenho ouvido de algumas pessoas, nestas nossas terras de Christãos, que tambem as sabem encantar.

CAPITULO XXVIII.

Dos animaes que ha no Reino do Senegal, e cousas notaveis dos elefantes.

NEste Reino do Senegal não se encontrão outros animes domesticos senão bois, vaccas, e cabras; não tem ovelhas, nem lá poderião viver por causa do grande calor; pois que a ovelha he hum animal, que se dá em paizes temperados, e mais depressa vivem em terra fria do que quente. Porém Deos nosso Senhor proveo deste modo a cada hum, segundo as suas necessidades; porque nós, que vivemos no frio não podemos passar sem lá, e os Negros, que nascem em hum paiz quente, e que não tem necessidade de vestidos, não lhe deo Deos ovelhas, mas sim algodão. As vaccas e bois não só d'aqui, mas ainda de toda a Negraria são muito mais pequenos do que os nossos, o que creio procede do calor: e muito por acaso se acharia algum de cabello castanho; todos são negros ou brancos, ou malhados de negro e branco. Os animaes de rapina silvestres, são leões, onças, e leopardos, em grande quantidade; e lobos, bodes bravos, e lebres; ha tambem elefantes silvestres; porque não uzão domesticallos, como fazem nas outras partes do mundo: e estes elefantes andão em rebanho como os porcos entre nós nos bosques. Não descrevo sua estatura; porque creio que todos devem saber, que he hum animal

de corpo grandissimo, e pernas curtas; e da sua grandeza se póde fazer conceito pelos dentes de marfim, que para ca vem; dos quaes não tem senão dous cada hum, isto he, hum por lado, como os porcos montezes, posto na queixada inferior: e não tem outra differença senão, que as pontas dos dentes dos porcos olhão para cima, e as dos elefantes para baixo; e advirto que estes animaes tem joelhos, cujas juntas se movem quando andão, como todos os outros animaes: digo isto, porque tinha ouvido dizer antes de estar nestes paizes, que os elefantes não podião ajoelhar, e que dormião em pé: o que he huma grande falsidade, porque se deitão no chão, e se levantão como todos os animaes. Os seus dentes grandes nunca lhes cahem senão por morte; e he animal, que não offende o homem, se este o não offende primeiro; e o modo porque o elefante o ataca he chegando-se a elle, e dando-lhe com a sua longa tromba, (que elle tem a modo de nariz compridissimo, e encolhe e alonga quando quer) huma tão grande pancada debaixo para cima, que atira com o homem ás vezes tão longe, como hum tiro de seta. Não ha ninguem tão veloz, que o elefante não alcance em campo razo, andando sómente a passo: porque, com a sua grandeza, dá hum passo de extraordinario tamanho: são mais perigosos quando tem filhos, do que em todo o outro tempo; e não tem mais de tres ou quatro por cada vez: comem folhas de arvores, e fructos, que deitão abaixo juntamente com os troncos com a mesma tromba, e com ella metem tambem a comida na boca, e he toda de hum nervo grossissimo. Não tive informação de outros animaes, salvo dos sobreditos.

CAPITULO XXIX.

Das aves deste paiz, de como ha nelle varias castas de papagaios, e da sua industria na construcção dos ninhos.

HA neste paiz aves de diversas castas, e sobre tudo hum grande numero de papagaios, que andão voando por toda a parte, e os Negros lhes querem muito mal: porque fazem damno nos seus campos aos milhos, e aos legumes; ha-os (segundo dizem) de muitas especies, mas eu não os vi senão de duas; huns são como os que vem de

Ale-

Alexandria, mas parecem hum pouco mais pequenos: os outros são muito maiores, e tem o pescoço e cabeça pardos, e assim mesmo o bico, os pés, e o corpo amarello, e verde; tive muitos destas duas qualidades, especialmente de ninho, dos quaes me morrêrão grande parte, e os outros trouxe para Hespanha; a Caravella em que eu vim, trazia de cento e sincoenta para cima, vendendo-se cada hum por meio ducado. Estes papagaios são muito industriosos na fabrica dos seus ninhos, que fazem de junco, redondos e occos, como bolhas de ar: e vão sobre as palmeiras, e outras arvores, que tenhão os ramos o mais delgado possivel, e na extremidade do ramo atão hum junco, que fica pendurado dous palmos, na ponta do qual fórmão o seu ninho, tecendo-o maravilhosamente, de modo que quando está feito parece huma péla pendurada naquelle junco, na qual ha sómente huma abertura, por onde entrão; e isto fazem por causa das cobras, que lhes comem os filhos; as quaes não podem andar sobre o ramo por ser fraco, e não lhe supportar o pezo; de modo que os ditos seus ninhos vem a ficar seguros. Ha tambem neste paiz algumas aves grandes, das que nós chamamos gallinhas de Faraó, que costumão vir do Levante; destas gallinhas ha grande abundancia, e igualmente de alguns patos, que não são como os nossos mas de diversas pintas; e assim ha tambem outras aves pequenas, e grandes, e de outras especies, qne não são as nossas.

CAPITULO XXX.

Do mercado que fazem os Negros, e das cousas em que nelle se contrata.

Porque me acconteceo estar muitos dias em terra, determinei-me a hir ver hum mercado, ou feira, não muito longe do lugar onde eu estava alojado: o qual se fazia em hum campo todas as segundas, e sextas feiras; e fui lá duas ou tres vezes. Ajuntavão-se ahi homens e mulheres dos paizes visinhos, a quatro ou sinco milhas de distancia; porque aquelles que habitão mais longe vão a outros mercados, que tambem se costumão fazer n'outras partes: e nestas feiras he que eu vim no conhecimento de ser esta gente pobrissima, pelas cousas que trazião a vender n'ellas, que consistião em algodões, mas em pouca quan-

ti-

tidade; e fiados, e pannos do mesmo algodão; legumes; azeite, milho, gamelas de páo, esteiras de palma, e todas as outras cousas proprias para os seus uzos domesticos: tanto os homens como as mulheres, trazem destes generos a vender; e muitas vezes armas das suas, e ainda alguma porção de ouro porém pequena, vendem tudo permutando cousa por cousa, e não por dinheiro, porque o não tem; não uzão de moeda de casta alguma, antes tudo he em permutação de huma cousa por outra, duas por huma, tres por duas, &c.

Estes Negros tanto homens, como mulheres, vinhão ver-me por maravilha; e parecia-lhes cousa extraordinaria ver Christãos, nunca até então vistos; e não menos se admiravão do meu traje, do que da minha brancura: este traje era á Hespanhola, hum jubão de damasco negro, e huma capa por cima: olhavão o panno de lá, que elles não tem, e o jubão, e ficavão muito pasmados: e alguns me tocavão as mãos, e os braços, e me esfregavão com cuspo, para ver se a minha brancura era alguma tinta, ou só a carne; e vendo que era carne, ficavão cheios de admiração: hia eu a estes mercados não só para ver cousas novas, mas tambem para ver se vinha alguem que trouxesse alguma somma de ouro, para vender: mas achava-se pouco de tudo, como já disse.

CAPITULO XXXI.

Como se sustentão, e vendem os cavallos em este Reino, e de certas ceremonias e encantos de que uzão quando os comprão.

OS cavallos neste paiz dos Negros, são muito estimados; porque os alcanção com muita difficuldade, sendo conduzidos por terra desta nossa Barbaria, pelos Arabes, e Azenegues: e tambem porque não podem ahi viver muito por causa do grande calor, e engordão tanto, que forçosamente morrem de huma doença, que os não deixa ourinar, e arrebentão: o sustento, que se lhe dá, são algumas folhas de feijoeiros, que ficão depois de colhidos os fejões, as quaes cortão miudo, e depois de secas como feno, lhas dão a comer em lugar de cevada; e dão-lhes tambem milho, com o qual engordão muito. Vende-se hum cavallo bom por nove até quatorze escravos, segundo

dó a bondade e belleza dos cavallos: e quando hum Magnate compra algum cavallo, faz vir os seus encantadores de cavallos, os quaes mandão fazer hum grande fogo de certos ramos de hervas a seu modo, e fazendo hum grande fumo, sobre elle segurão o cavallo pela redea, dizendo entre tanto algumas palavras; e depois o fazem untar todo com hum unto subtil, e o tem dezouto ou vinte dias, sem que alguem o veja, e lhe pendurão ao pescoço algumas restes de figurinhas pintadas mouriscas, que parecem a modo de breves, dobrados em pequeno volume, com dobras quadradas, e cobertas de couro grosso; e elles mesmos se persuadem que por trazer estas fantasias ao pescoço, vão mais seguros a guerra.

CAPITULO XXXII.

Dos costumes das mulheres deste paiz, do que causava a admiração daquelles homens, e dos instrumentos musicos de que uzão.

AS mulheres deste paiz são muito jucundas, e alegres; cantão, e bailão de bom grado principalmente as moças; mas não bailão senão á noute, á claridade da lua; e o seu bailar he muito differente do nosso. De muitas das nossas cousas se maravilhavão estes Negros, principalmente do modo de ferir das nossas béstas, e ainda mais das bombardas; porque alguns Negros vierão ao Navio, e fazendo-lhes eu desparar huma bombarda, tiverão hum grandissimo medo do seu estrondo; e eu lhes affirmava, que huma bombarda podia matar mais de cem homens de huma vez; com o que se maravilhárão, dizendo, que era cousa do Diabo: tambem se maravilhavão do som d'huma destas nossas gaitas de foles, que eu fiz tocar a hum marinheiro meu; e vendo-a vestida de cores, e com franjas á roda, pensavão que era algum animal vivo, que assim cantava com diversas vozes, e tinhão muito gosto, e maravilha ao mesmo tempo: vendo eu esta sua simplicidade, lhes disse, que era hum instrumento, e lha dei nas suas mãos estando sem vento: pelo que conhecendo ser cousa artificial, dizião que era obra celeste; e que Deos a tinha feito com as suas mãos, pois tão docemente tocava, e com tanta diversidade de vozes: e protestavão não ter nunca ouvido cousa tão suave. Tambem

se

se admiravão muito do artificio do nosso Navio, e dos apparelhos delle, e dos mastros vélas cordas e ancoras; e tinhão para si que os olhos, que se pintão na proa dos Navios, erão verdadeiramente olhos, e que o Navio via por elles onde caminhava pelo mar: pensando que nós eramos grandes encantadores e quasi comparaveis ao Diabo; pois que os homens, que andão por terra, tinhão muito trabalho em saber os caminhos, de huns para outros lugares: e nós andavamos por mar (o qual elles tinhão ouvido dizer era tão grande), e a pesar de estarmos tantos dias sem ver terra, sabiamos aonde estavamos; o que não podia ser senão por arte diabolica; e isto lhes parecia a elles ser assim, porque não entendem a arte de navegar, da bussolla, nem do mappa.

Tambem se admirão, de ver arder de noute huma véla sobre hum castiçal; pois naquelle paiz não sabem fazer outra luz, senão a do fogo ordinario; e vendo huma véla accesa, cousa nunca antes por elles vista, lhes pareceo huma invenção bella, e maravilhosa: e porque aqui se acha mel e por conseguinte cêra; logo que tem o dito mel o chupão com a boca, e deitão a cêra fóra. Pelo que tendo eu comprado a hum delles huns poucos de favos, lhes ensinei como se extrahia o mel da cêra: e depois lhes perguntei se sabião, que cousa era aquella, que restava do favo; ao que me respondêrão, que era cousa, que não valia nada: então na sua presença lhes fiz algumas vélas, e lhas accendi; vendo o que, ficárão muito admirados, dizendo, que todo o saber das cousas, estava em nós, os Christãos. Neste paiz não se uzão instrumentos musicos, senão de duas unicas qualidades: huns são atabales Mouriscos, os outros huma especie de violetas daquellas, que nós tocamos com arco; mas não tem senão duas cordas; e tocão-a com o dedo de hum modo simples, grosseiro, e que nada vale: não uzão de nenhuns outros instrumentos.

CAPITULO XXXIII.

Como Messer Luiz achou Messer Antoniotto grande Navegador e Gentilhomem Genovez com duas Caravellas, e foi em sua conserva até passar Cabo Verde.

TIve, como já disse, motivo de me demorar neste paiz do Sr. Budomel alguns dias; para ver, ouvir, e comprar varias

rias cousas, e estando já despachado, e tendo alcançado certa somma de Escravos, determinei de navegar mais adiante, passar Cabo verde, hir descobrir paizes novos, e provar minha ventura; sendo cousa, qne antes da minha partida de Portugal tinha ouvido ao Sr. Infante (como Pessoa, que de tempos a tempos era avisada das cousas destas terras dos Negros), que entre outras informações que tinha, era huma, que não muito longe deste primeiro Reino do Senegal, mais adiante se achava outro Reino, chamado Gambia: no qual dizião os Negros, que tinhão vindo a Hespanha, se achava grande quantidade de ouro, e que os Christãos que ahi aportassem, voltarião ricos. Pelo que movido da cubiça de achar este ouro, e tambem para ver cousas novas; desembaraçado de Budomel, fui para a minha caravella; e estando para me fazer á véla para partir daquella costa; eis-que huma manhã apparecêrão duas vélas ao mar, as quaes avistando-nos a nós, e nós a ellas, sabendo que não podião ser senão Christãos, viemos á falla; e ouvindo que hum dos ditos Navios era de Messer Antoniotto, grande Navegador e Gentil-homem Genovez; e o outro de alguns Escudeiros do Senhor Infante; os quaes de commum accordo, tinhão feito conserva para passar Cabo verde, provar sua ventura, e descobrir cousas novas; achando-me eu tambem com aquelle mesmo proposito, me puz em sua companhia, e com huma só vontade, todas as tres Caravellas dirigimos o nosso rumo para o dito Cabo: isto he, pela via do Sul, e costeando sempre a terra; de modo que no dia seguinte com vento prospero tivemos vista de Cabo verde distante do lugar donde eu parti, obra de trinta milhas das nossas Italianas.

CAPITULO XXXIV.

Do Cabo verde; porque foi assim chamado, de tres Ilhotas, que forão descobertas: e da costa do dito Cabo.

ESte Cabo verde chamava-se assim, porque os primeiros que o descubrírão, que forão Portuguezes, hum anno antes que eu fosse a estas partes, o achárão todo verde pelas grandes arvores, que alli se conservão viçosas por todo o anno; e por esta causa lhe foi posto o sobredito nome, assim como o de Cabo branco, áquelle de que

antes fallámos; que foi achado todo arenoso, e branco Este Cabo, he muito bello, e tem sobre a ponta duas lombadas, isto he dous monticulos, e mete-se bastante pelo mar dentro: sobre elle, e á roda estão muitas habitações de Negros, e casas de palha, todas junto á marinha, e á vista dos que passão; e estes Negros são ainda do sobredito Reino do Senegal. Pegão com elle alguns bancos, que sahem pelo mar, quasi meia milha; e tendo-o dobrado achámos tres Ilhas pequenas não muito longe da terra, desabitadas, e abundantes de arvores viçosas, e grandes: pelo que tendo necessidade de agoa, deitámos ancora em huma dellas, que nos pareceo maior, e mais fructifera; para ver se alli achavamos alguma fonte; porém descidos em terra não vimos senão hum lugar, onde parecia nascer alguma agoa, que nos não pòde servir. Nesta Ilha achámos muitos ninhos, e ovos de diversas aves, para nós desconhecidas: e aqui estivemos todo aquelle dia pescando com redes, e anzoes grandes; e apanhámos infinitos peixes, e entre elles dentaes e douradas grandissimas, do peso de doze a quinze libras cada huma; e succedeo isto no mez de Junho. No seguinte dia partimos fazendo-nos á véla; e seguindo a nossa derrota, navegando sempre á vista de terra, notámos que além de Cabo verde se mete hum golfo para dentro; e a costa he toda de terreno baixo, e abundante de bellissimas e grandissimas arvores verdes, que não perdem a folha em todo o anno, como acontece ás nossas; mas nasce primeiro huma folha, antes que a outra caia: vão estas arvores até sobre a praia, a hum tiro de bésta, de sorte que parece, que vem a beber no mar, o que he bellissimo para ver: e segundo o que eu entendo, a pesar de ter navegado por muitos lugares do Levante, e Poente, nunca vi terra mais bella do que esta me pareceo, e he toda banhada de muitos rios, e regatos pequenos e de pouca monta, pelos quaes não poderião entrar navios grandes.

CAPITULO XXXV.

Dos Negros Barbacinos e Serreres, e como se governão; dos seus costumes, e das qualidades deste paiz, e das suas guerras.

PAssado este pequeno golfo, toda a costa he habitada, por duas castas de gente; huma he chamada Barbacinos, e outra Serreres; que são negros, mas não sugeitos ao Rei do Senegal. Elles não tem Rei, nem Senhor algum proprio; honrão porém mais huns do que os outros, segundo a qualidade e condição dos homens. Não querem consentir entre si Senhor, talvez para que não lhes sejão tiradas as mulheres e filhos, e vendidos por escravos; como fazem os Reis, e Senhores dos outros paizes de Negros. São grandes Idolatras, não tem Religião alguma, e são homens cruelissimos: uzão de arco com frechas, mais do que de nenhuma outra arma; e atirão com ellas envenenadas, de modo que tocando a carne, logo que fazem sangue, morre o ferido immediatamente. São negrissimos, e bem encorpados: o seu paiz he muito cheo de bosques, e abundante de lagos, e de agoa; por isso se tem por muito seguros; porque nelle se não póde entrar, senão por passos estreitos; e assim não temem nenhum Senhor circumvisinho: tendo acontecido muitas vezes, que alguns Reis do Senegal, nos tempos passados, lhes quizerão fazer guerra, para subjugallos, e sempre tiverão a peor daquellas duas nações; tanto pelas setas envenenadas, de que uzão, como pelo paiz ser muito aspero e difficultoso.

CAPITULO XXXVI.

Do rio Barbaeim, e de como foi morto hum Interprete, que haviamos posto em terra para se informar do paiz.

COrrendo pois com vento largo pela Costa, seguindo a nossa viagem para o Sul; descobrimos a boca de hum rio, largo obra de hum tiro de bésta, o qual era pouco fundo, e lhe puzemos o nome de Rio Barbacim; e por esta maneira he notado na Carta de navegar, que se fez daquella costa; e são de Cabo verde a este sitio sessenta milhas: a nossa navegação por esta costa, e para diante sem-

pre foi de dia; lançando ancora todas as tardes ao Sol posto, em dez ou doze braças de agoa: affastados da terra quatro ou sinco milhas; e ao nascer do Sol, faziamo-nos á véla tendo sempre hum homem na gavea, e dous na prôa da Caravella, a fim de ver se quebrava o mar em algum lugar; e assim descobrir algum cachopo: e continuando a nossa navegação, chegámos á embocadura de outro rio grande, o qual mostrava não ser menor, que o Senegal; e vendo este rio bello, e o paiz ainda mais bello, e coberto de arvoredo até ao mar, lançámos ferro, e deliberámos mandar a terra hum dos nossos Interpretes (porque cada hum dos Navios tinha Interpretes negros, trazidos comnosco de Portugal, que tinhão sido vendidos pelos Senhores do Senegal aos primeiros Portuguezes, que vierão descobrir aquelle paiz). Estes Escravos tinhão-se feito Christãos, e sabião bem a lingoa Hespanholla, e tinhamo los havido de seus Senhores, com o contrato de lhes dar por seu estipendio e soldo, hum Escravo por cada hum, a escolher em todo o nosso monte: e em estes Interpretes tendo ganhado quatro Escravos aos seus Senhores, dão-lhes alforria. Lançando pois sortes sobre a quem tocava pôr o seu Interperte em terra, cahio ella sobre o Genovez; pelo que armando a sua barca, o fez meter dentro; com ordem de não chegar a terra, senão quanto fosse bastante para o pôr fóra; e assim se lhe cometeo o exame do paiz e cujo fosse, que indagasse se nelle se achava ouro, ou outras cousas a nosso proposito. Sahindo pois em terra, e tendo-se a barca feito hum pouco ao largo, de repente lhe vierão ao encontro muitos Negros do paiz, os quaes tendo visto os Navios avisinharem-se á praia, com arcos, setas, e armas estavão emboscados, para assaltar algum de nós, que fosse a terra; e vindo assim a elle lhe fallárão algum espaço; porém não sabiamos o que elles lhe dizião, e só vimos, que com furia principiavão a ferillo com algumas armas, que são á maneira de espadas mouriscas curtas, com que brevemente o matárão, de sorte que os da barca o não podérão soccorrer. Ouvida por nós esta noticia, ficámos attonitos, e comprehendemos, que estes homens devião ser cruellissimos, tendo feito huma semelhante atrocidade naquelle Negro, que era da sua geração; e que de razão muito peor nos farião a nós: por isso nos fizemos á véla, seguindo o nosso caminho para o

Sul,

Sul, navegando á vista da Costa, que cada vez achavamos mais bella, e mais abundante de arvores viçosas; e por toda a parte terra baixa: até que finalmente chegámos á boca de hum rio, e vendo ser ella muito larga, e de não menos de tres ou quatro milhas, na paragem mais estreita, e que podiamos entrar seguramente com os Navios; determinámos descançar alli para sabermos no dia seguinte se este era o paiz de Gambia.

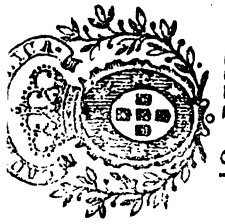
CAPITULO XXXVII.

Como hindo mais adiante vimos tres almadias de Negros os quaes não quizerão fallar, e de como são feitas estas almadias.

TEndo chegado a este rio, que logo á entrada não mostra menos de seis a outo milhas, julgámos estar no paiz de Gambia, que tanto desejavamos; e que sobre o rio se acharia alguma Povoação grande, onde poderiamos ter a ventura de achar alguma boa somma de ouro, ou de outras preciosidades: e logo no dia seguinte, com vento bonança, mandámos a Caravella pequena adiante, bem provida de homens das nossas barcas, com ordem (por ser a embarcação pequena, e demandar pouco fundo), que navegasse o mais avante, que lhe fosse possivel; e achando bancos, ao diante da embocadura, sondasse o fundo, e se achasse altura de agoa, para poderem entrar os nossos Navios, voltasse para traz, e surgisse fazendo-nos alguns sinaes; e assim foi cumprido por elles, porque achando cousa de braça e meia de agoa acima da dita foz; surgírão segundo a nossa ordem: e depois de surta a Caravellas, lhes pareceo a proposito mandar a nossa barca armada, e tambem a sua de conserva (posto que pequena) mais pelo rio acima com este regimento: que se por acaso os Negros de paiz viessem assaltallos com suas barcas, voltassem logo para o Navio sem batalhar com elles, e isto porque nós tinhamos vindo alli, para tratar com aquella gente em boa paz e concordia, e com o seu beneplacito, e convinha-nos adquirir esta paz com arte, e não por força.

Tendo passado as barcas mais avante, tenteárão o fundo com a sonda em alguns lugares, e achando por toda a parte não menos de sinco braças e meia de agoa, con-

continuárão a navegar mais duas milhas: e vendo as margens do rio bellissimas, e abundantes de arvoredo altissimo e verde, e que o rio fazia muitas voltas para cima; não lhes pareceo a proposito andar mais adiante: e fazendo-se na volta; eis que sahem da boca de hum regato, que alli desagoava, tres almadias, que a nosso modo se chamarião Canôas, que são todas escavadas de hum gande tronco de arvore, e feitas pela maneira dos botes, que trazem na popa as nossas Chalupas. Vendo os Portuguezes as almadias, e duvidando se acaso vinhão com tenção de maltratallos, tendo sido avisados pelos outros Negros, que neste paiz de Gambia todos erão archeiros, que atiravão setas envenenadas; bem que fossem em numero muito sufficiente para se defenderem, com tudo por obedecerem ao que lhes tinha sido mandado, e por não cometerem escandalo; derão aos remos, e com a maior pressa que puderão, se vierão chegando ao Navio; mas não o fizerão tanto a salvo, que quando chegavão a elle não tivessem as Almadias nas costas, não mais longe que hum tiro de seta, porque são velocissimas: e entrando os nossos nos Navios lhes começárão a accenar, e a fazer sinaes para que se avisinhassem: porém elles parando, não quizerão passar adiante, e poderião ser obra de vinte e sinco ou trinta Negros, os que vinhão dentro; e estando hum pouco assim a olhar huma cousa que nem por elles nem por seus antepassados tinha nunca sido vista, isto he Navios com homens brancos; sem quererem fallar, por mais que se lhes fizesse, ou dissesse, seguírão seu caminho: e assim se passou aquelle dia sem se fazer outra cousa.



10 REIS

CAPITULO XXXVIII.

Do paiz de Gambia, do traje daquelles Negros, de como combatêrão com os Portuguezes e muitos delles forão mortos; e de como os Portuguezes ouvida a resposta que os Negros lhes derão, voltárão para traz.

NA manhá seguinte, fizemo-nos á véla com os nossos dous navios, perto de hora de terça, com bom vento, e a favor da maré, a fim de hir ter com a nossa conserva, e entrar naquelle rio em nome de Deos; esperando achar nas suas margens gente mais humana, do que aquella, que vimos

mos nas almadias; e assim tendo chegado á conserva, e seguindo viagem em sua companhia, principiamos a entrar no rio, hindo a Caravella pequena adiante, e nós huns apòs os outros, até passar o banco; e tendo-o passado, obra de quatro milhas, apparecêrão de repente de traz de nós (não sei donde sahidas) algumas almadias, remando com quanta força podião: tanto que nós as avistámos fizemos volta sobre ellas; e duvidando se as suas frechas serião envenenadas (pois tinhamos ouvido, que muito uzavão dellas), cobrimos os nossos Navios o melhor que pudemos, e nos armámos tomando os nossos postos, bem que estivessemos em máo estado de armas; e em breve espaço chegando-se a nós, que nos deixámos estar quietos; vierão á proa do meu Navio, que era o primeiro; e repartindo se em duas linhas me puzerão no meio. Contando as ditas almadias, achámos serem quinze em numero, e grandes, como serião boas barcas, e deixando de remar, levantando os remos para o ar, estiverão a olhar para nós, como para cousa maravilhosa: e examinando-os tambem com attenção; julgámos poderem ser cousa de cento e trinta até cento e sincoenta Negros ao mais; os quaes nos parecêrão homens bellissimos de corpo, e muito negros, vestidos todos de camizas de algodão brancas, e com as cabeças cobertas com huns chapelinhos brancos, á moda dos Tudescos; salvo que de cada lado tinhão huma especie de aza branca, com huma penna no meio do dito chapelinho, quasi como querendo dar a entender, que erão homens de guerra: em cada huma das prôas das ditas almadias, havia hum Negro em pé, com huma adarga redonda no braço, que parecia de couro. Por esta maneira estivemos huns e outros algum espaço; nem elles atirando contra nós, nem nós fazendo contra elles movimento algum; até que tendo vista dos outros dous Navios, que vinhão atraz endireitando o seu caminho para elles, sem nenhuma outra saudação, largando os remos, principiárão todos a atirar com os seus arcos. Os nossos Navios vendo-se assaltados, descarregárão quatro bombardas da primeira vez, as quaes em elles as ouvindo, aterrados e attonitos, pelo grande estrondo; deixárão cahir os arcos, e olhando huns para huma parte, outros para a outra, estavão admirados vendo as pedras das bombardas ferir a agoa junto a si. Depois de estarem hum bom espaço a olhar para ellas, não vendo outra cousa, e perden-

dendo o medo do estrondo, tendo-lhes já sido atirados muitos tiros; tomando os seus arcos, começárão de novo a atirar com grande ardor, avisinhando-se aos nossos navios a tiro de pedra. Os marinheiros principiárão com as suas béstas a desparar, e o primeiro que descarregou a sua, foi hum filho bastardo daquelle Genovez, o qual ferio hum Negro no peito, que de subito cahio morto na almadia; o que sendo visto pelos seus, tomárão aquella frecha, e a considerárão muito, como maravilhando-se daquella arma; mas nem por isso deixárão de atirar aos Navios vigorosamente, e os das Caravellas a elles; de sorte que em pouco espiço de tempo, foi morta huma grande quantidade de Negros, e dos Christãos, graças a Deos, não foi nenhum ferido: pelo que vendo-se elles perdidos, e mortos; quasi todas as almadias, de commum acordo, se pozerão pela pôpa da Caravella pequena, pondo-a em grande affronta, porque erão poucos homens, e mal armados: vendo eu o que succedia, fiz carregar de véla sobre o navio pequeno, e chegando a elle o fiz tirar para o meio dos nossos outros dous Navios maiores, descarregando muitas bombardas, e béstas. Os Negros com esta manobra se affastárão, e nós amarrando com huma cadêa todas as tres Caravellas, deitámos fóra huma ancora, e todas tres estiverão sobre ella. Depois de concluido este trabalho tentámos tirar lingoa daquelles Negros, e tanto lhes fizemos accenar, e gritar pelos nossos Interpretes, que huma daquellas almadias se aproximou a nós a tiro de arco; então lhes fizemos perguntar, porque causa nos offendião, sendo nós gente pacifica, e vindo para tratar de mercadorias; que tinhamos boa paz com os outros Negros do Reino do Senegal, e que assim igualmente a queriamos ter com elles, se lhes aprouvesse: que eramos vindos de paizes distantes, para trazer alguns presentes de valor ao seu Rei, e Senhor, por parte do de Portugal; o qual desejava ter amizade, e boa paz com elle; e que lhes rogavamos, nos quizessem dizer em que paiz estavamos; e que Senhor reinava naquellas partes, como aquelle rio se chamava, e que viessem para nós pacifica e amorosamente a tomar das nossas mercadorias, dando-nos das suas, quanto quizessem, ou pouco ou nada, que de tudo seriamos contentes. A sua resposta foi, que pelo passado tinhão alguma noticia de nós, e do nosso modo de tratar com os Negros do Senegal; os quaes não podião deixar

de

de serem máos homnes em querer a nossa amizade; por que elles tinhão por certo, que nós os Christãos comiamos carne humana, e que não compravamos os Negros senão para os comer; por isto não querião o nosso commercio por nenhum modo, porém sim matar-nos a todos, e depois farião presente ao seu Senhor do que nós traziamos. Este Senhor dizião elles estar distante cousa de tres jornadas; que aquelle era o paiz de Gambia, e que o rio era grande, dizendo-nos o nome delle, de que já me não lembro. Neste instante refrescou o vento, e vendo nós sua má vontade a nosso respeito; fizemos véla sobre elles, que vendo igualmente a nossa manobra, fugírão via de terra; e assim terminou a nossa guerra. Depois disto passado, tivemos conselho entre os principaes, a quem pertencia o mando dos Navios, sobre hirmos mais pelo rio acima, pelo menos até cem milhas mais adiante, se tanto podessemos navegar; esperando talvez achar melhor gente, mas os nossos marinheiros, que estavão desejosos de voltar ás suas casas; sem quererem já provar outros perigos, todos juntos se puzerão a gritar dizendo, que em tal não querião consentir, e que bastava o que tinhão feito, para aquella viajem; pelo que vendo nós a sua vontade unida, conviemos em condescender com ella, para que não houvesse escandalo, pois são homens muito testudos e obstinados; e assim no dia seguinte partimos d'alli, costeando o Cabo verde, para voltar em nome de Deos para Hespanha.

CAPITULO XXXIX.

Da altura em que viamos a estrella do Norte, e das seis estrellas do Pólo Antártico: da grandeza que os dias tinhão aos dous de Julho; da qualidade do paiz, e methodo de cultivar; e de como nestes lugares nasce o Sol sem haver aurora,

NOs dias, que estivemos sobre a embocadura deste rio, não vimos mais que huma vez a estrella do Norte: aparecia muito baixa sobre o mar, e era necessario para a vêr estar o tempo muito claro, parecendo levantada delle sómente cousa de huma lança de altura. Tambem vimos sobre o mar seis estrellas claras, luzentes, e grandes, e tirando-lhe o lugar pela Bussolla, vimo las direitas ao Sul, figuradas por este modo * * * * * * e assim julgamos ser o

Carro do Sul (*a*): mas a estrella principal não se via, nem era possivel vella senão perdendo de todo a do Norte. Neste lugar achámos a noute de onze horas e meia, e o dia de doze e meia, estando em o principio de Julho, a dous do dito mez se não me engano.

Este paiz he sempre quente em todo o tempo do anno: he certo que faz alguma variedade, a que nós chamamos Inverno, porque principiando o mez de Julho e até ao fim de Outubro, chove quasi diariamente pela hora do meio dia, por esta maneira: levantão-se algumas nuvens continuamente sobre a terra, entre Nordeste e Leste, ou entre Leste e Sueste, com grandissimos trovões, e relampagos; e assim chove huma extraordinaria quantidade de agoa: naquelle tempo principião os Negros a semear, do mesmo modo, que fazem os do Senegal: o seu sustento he de milho, legumes, carne, e leite; e ouvi, que neste paiz pela terra dentro, por causa do grande calor do ar, a agoa que chove he quente. De manhã, quando aclara o dia, não ha nenhuma aurora, até ao nascer do Sol, como nestas nossas Regiões, em que ha sempre hum maior ou menor espaço de crepusculo; pelo contrario aqui, logo que desaparecem as sombas da noute, de repente se vê o Sol: não com tudo que elle por espaço de meia hora dê grande claridade; porque parece turvo e defumado logo que nasce. A causa desta vista do Sol tão prompta, contra a ordem dos nossos paizes, não entendo eu, que possa proceder de outra causa, senão de serem estes terrenos muito baixos, e sem montanhas, e desta mesma opinião se achárão todos os nossos companheiros. (*b*)

FIM DA PRIMEIRA NAVEGAÇAÕ.

(*a*) Os Antigos chamavão Carro á constelação a que nós chamamos Ursa: e pensavão qne o outro Hemisferio tinha pouco mais ou menos as mesmas estrellas que o nosso, por isso diz Cadamosto, que pensou, que aquella constellação era o Carro ou a Ursa do Sul.

He escusado dizer que tal Ursa não existe no Pólo Antartico, e que as estrellas de que aqui se trata são provavelmente o Cruzeiro, o qual ainda que se não compõe senão de quatro estrellas, estaria naquella occasião acompanhado de algumas outras duas, que lhe fizessem tomar aquella figura.

(*b*) Todos sabem actualmente que a differente duração do crepusculo provêm das differentes Latitudes dos Paizes, e que o Autor tão proximo á Linha não o podia observar tanto tempo como estando em Portu gal, ou na Italia,

NAVEGAÇÃO SEGUNDA
DE
LUIZ DE CADAMOSTO.

CAPITULO I.

Quem forão os primeiros, que descobrírão as Ilhas de Cabo verde, a duas das quaes puzerão o nome de Boa vista, e S. Thiago.

DA condição deste paiz de Gambia, pelo que pude ver, e ouvir nesta minha primeira Viagem, pouco ou nada se póde dizer, principalmente de vista; pois por ser aquella gente da marinha, de hum trato aspero e selvagem, não podémos tirar lingoa della, nem tratar cousa alguma: depois fomos obrigados a voltar á Hespanha, e não passar mais avante; porque, como acima dissemos, os nossos Marinheiros não nos quizerão seguir. Por este motivo em o anno seguinte, o sobredito Gentil-homem Genovez, de accordo comigo, fez armar novamente duas Caravellas, para buscar este rio; e tendo ouvido o Sr. Infante (sem cuja licença não podiamos hir), que tinhamos tomado esta deliberação; muito lhe agradou, e quiz armar huma Caravella sua, para que viesse em nossa companhia. Tendo-nos pois feito prestes de todo o necessario, partimos de Lagos, que he perto do Cabo de S. Vicente, no principio do mez de Maio com vento prospero, e fizemo-nos na volta das Canarias, aonde chegámos em poucos dias; e sendo o tempo favoravel, não tratámos de tocar nas ditas Ilhas, mas continuámos a navegar para o Sul na nossa derrota; e com a corrente das agoas, que corrião com impeto para o Sudoeste, escorremos muito: ultimamente chegámos ao Cabo branco, e tendo vista delle, nos alargámos hum pouco ao mar: na noute seguinte assaltou-nos hum temporal do Sudoeste com vento furioso; pelo que, para não tornar para traz, fizemo-nos na volta do Oes-Noroeste para pairar: augoentámos assim o tempo, duas noutes com

tres dias, havendo ao terceiro vista de terra; e gritando todos *terra terra*, muito nos maravilhámos; porque não sabiamos, que naquellas paragens houvesse terra alguma, e mandando subir ao mastro dous homens, descobrírão duás grandes Ilhas; o que sendo-nos noticiado demos graças a Deos N. Senhor, que nos levava a ver cousas novas; porque bem sabiamos que destas Ilhas não havia noticia alguma em Hespanha; e julgando nós, que ellas podião ser habitadas; para saber o mais, e provar nossa ventura, nos fizemos na volta de huma dellas; e em pouco tempo nos achámos perto: avisinhando-nos mais, por nos parecer grande, a costeámos hum pouco á vista de terra, e tanto que chegámos a hum lugar, que julgámos estação segura, lançámos ancora; e abonançando o tempo deitámos a lancha fóra, e a mandámos a terra muito bem armada, para ver se havia homens, ou vestigios de habitação. Os nossos partírão, e buscando por toda a parte, não achárão caminho, nem sinal algum por onde se podesse inferir que era povoada; e havendo esta relação delles, na manhã seguinte para me acabar de aclarar de todo, mandei doze homens bem providos de armas, e béstas, que devião subir á dita Ilha, por huma parte onde ella era montuosa e alta, para ver se achavão alguma cousa, ou descobrião outras Ilhas. Partírão pois, mas não achárão nada mais, que terra deshabitada, e huma grande quantidade de pombos, que se deixavão apanhar á mão, não conhecendo ainda o que fosse o homem; e dos que matárão com bastões, e massas, trouxerão muitos para a Caravella. Quando estes homens estiverão na montanha, houverão vista de tres outras Ilhas grandes, huma das quaes não tinhamos percebido, por nos ficar a Sota-vento, da parte do Norte; e as outras duas estavão na mesma linha do lado opposto, da banda do Sul, tambem na nossa derrota; e todas tres á vista humas das outras. Tambem lhes pareceo ver da parte do Poente (mas muito metidas pelo mar dentro) a modo de outras Ilhas, mas não se enchergavão bem, pela sua muita distancia; e a estas não cuidei de hir, tanto por não perder tempo, e seguir a minha viagem, como por julgar que erão deshabitadas, e selvagens, como erão estoutras duas; mas depois pela fama destas quatro Ilhas que eu tinha descoberto, outros que chegárão aqui as forão reconhecer, e achárão serem dez entre gandes, e pequenas, todas deshabitadas: não havendo nellas senão

pom-

pombos, e aves de estranhas sortes, e grande pescaria de peixes.

Tornando ao nosso proposito, partimos desta Ilha, e seguindo a nossa derrota, chegámos á vista das outras duas: e correndo ao longo da costa de huma dellas, que parecia chea de arvores, descobrimos a boca de hum rio, e julgando que fosse de boa agoa, surgimos para nos prover della; e sahindo alguns dos meus em terra forão ao primeiro porto pela margem acima deste rio, e achárão algumas pequenas lagôas de sal branquissimo, e bello; de que trouxerão para o Navio grande quantidade, e delle tomámos quanto nos pareceo; e igualmente vendo a agoa bellissima tambem nos provemos della: e declaro que aqui achámos grande quantidade de tartarugas, das quaes tambem tomámos algumas, e as suas conchas erão maiores, que huma boa adarga; e fizemos com ellas diversos guizados dizendo-me, que por outras vezes as tinhão já comido no golfo de Arguim, onde tambem se achavão, mas não tão grandes: e tambem eu para provar de tudo as comi, e me parecêrão boas, não menos que a carne branca de vitella, tão bom era o cheiro e sabor que tinhão; de sorte que salgámos muitas, que em parte nos forão de bom soccorro para a viagem. Tambem pescámos sobre a embocadura deste rio, e dentro delle, e achámos tão grande quantidade de peixes, que he incrivel de se dizer; muitos dos quaes nunca tinhamos visto, mas erão grandes e de bom gosto. O rio era grande, e bem á vontade pódia entrar dentro hum Navio de setenta e sinco toneladas; tendo de largura hum bom tiro de arco: nelle estivemos dous dias de descanço, e nos provemos dos sebreditos resfrescos, com muitos pombos, de que matámos hum sem numero; e á primeira Ilha em que abordámos puzemos o nome de Ilha da Boa vista, por ter sido a primeira terra que vimos naquellas partes, e a estoutra, que nos parecia a melhor de todas quatro, o de S. Thiago, porque no dia de S. Filippe e São Thiago he que lançámos ancora nella.

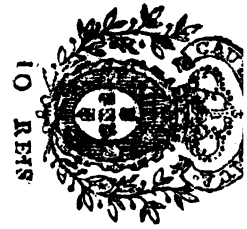
CAPITULO II.

De hum lugar chamado as Duas palmas; da Ilha, a que se poz o nome de Santo André; e o porque: do Rei Forosangoli e do Senhor Battimansa.

FEito tudo o sobredito partimos destas quatro Ilhas, fazendo-nos na volta de Cabo verde; aonde em poucos dias com ajuda de Deos chegámos á vista de terra, a hum lugar que se chama as Duas palmas, que está entre Cabo verde e o Senegal: e tendo bastante conhecimento da costa, continuámos a navegar escorrendo o Cabo, e na manhá seguinte o passámos, e navegámos tanto; que chegámos outra vez ao rio de Gambia, aonde entrámos immediatamente sem opposição da parte dos Negros, nem das suas almadias. Navegámos pelo dito rio, sempre de dia, e com a sonda na mão. As almadias dos Negros, algumas das quaes encontrámos, andavão ao longo das margens, sem ouzarem chegar-se a nós: e pelo rio acima, cousa de dez milhas, achámos huma Ilhota a modo de hum sacco de rede, feita pelo mesmo rio, junto da qual tendo deitado ferro em hum Domingo, faleceo hum dos nossos marinheiros, o qual havia dias estava doente de febre; e bem que a sua morte consternasse a todos; devendo com tudo levar a bem o que aprazia a Deos, o sepultámos aqui: chamava-se elle André, e por isso determinámos, ficar-se chamando para o futuro aquella Ilha de Santo André, e ainda hoje he assim chamada.

Partindo daqui, e navegando sempre pelo rio acima, seguirão-nos de longe algumas almadias de Negros; pelo que fazendo-lhes sinaes, e chamando-os os nossos lingoas, mostrando-lhes alguns pannos e outras cousas, e dizendo-lhes, que se aproximassem com segurança, que lhes dariamos aquelles fatos, e que não tivessem medo pois eramos homens humanos, e trataveis: os Negros se forão pouco a pouco avisinhando, e tomando alguma confiança em nós; finalmente vierão á minha Caravella; e hum delles, que entendia a lingoa do meu Interprete entrou dentro della, e muito se maravilhou do nosso Navio, e do modo porque navegavamos com vélas; porque elles não sabem senão vogar com remos; e julgavão, que não se podia navegar de outro modo. Admiravão-se de ver ho-

homens brancos, e não menos do nosso traje, muito estranho para elles, e muito differente do seu; principalmente porque a maior parte andão nús; e se algum anda vestido, he com huma especie de camisa branca de algodão. Nós acariciámos muito o Negro, dando-lhe muitas quinquilharias de pouco preço, de que elle ficou muito contente; e perguntando-lhe eu muitas cousas, me affirmou finalmente ser aquelle paiz o de Gambia; e que o seu principal Senhor era Forosangoli, o qual dizia estar affastado do rio, pela terra dentro entre Sul e Sueste, segundo elle me mostrou, de nove a dez jornadas; e este Forosangoli dependia do Imperador de Melli, que era o grande Imperador dos Negros: mas que havia muitos outros Senhores menores, que habitavão junto ao rio, tanto de hum como de outro lado; e se quizessemos, que elle nós levaria a hum delles, que se chamava Battimansa; e que elle faria que quizesse tratar amizade comnosco; pois lhe parecia que eramos boas pessoas. Agradou-nos muito esta sua offerta; e levamo-lo comnosco no Navio, fazendo-lhe boa companhia, em quanto navegando pelo rio acima, chegámos ao lugar do chamado Butimansa, que segundo o nosso juizo, era distante da embocadura do rio obra de sessenta milhas e mais.



CAPITULO III.

Do presente feito a Butimansa, e das roupas que os Portuguezes levavão para resgatar; do modo de vogar dos Negros deste paiz, e dos seus remos.

DEve notar-se, que navegando pelo rio acima, caminhavamos para o Levante; e neste lugar, em que deitámos ancora, era o rio muito mais estreito que na embocadura: pois, segundo eu julgo, não tinha mais largura do que huma milha, e nelle se vem vir desagoar muitas correntes de agoa, que tambem são rios, que aqui se metem. Chegando nós a este lugar, determinámos enviar hum dos nossos lingoas com este Negro, á presença deste Sr. Butimansa; e assim lhe mandámos hum presente, que foi huma *Alzimba* de seda á mourisca; especie de camisa a nosso modo, bastante bella, e feita em terra de Mouros: dizendo-lhe como tinhamos vindo por ordem d'El-Rei de Portugal N. Sr. para tratar com elle boa amizade;

de; e para saber se tinha necessidade das cousas do nosso paiz, em cujo caso elle lhas mandaria todos os annos, com muitos outros offerecimentos mais. O interprete, foi com o Negro aonde estava este Senhor, ao qual disse tanto de nós, que quiz immediatamente mandar certos Negros seus ás Caravellas, com os quaes não sómente fizemos amizade, mas tambem permutámos muita da nossa fazenda; pela qual nos derão alguns escravos, e certa quantidade de ouro, mas não cousa de importancia, em comparação do que esperavamos achar: porque era muito maior a fama, segundo a informação dos Negros do Senegal: he certo que nós achávamos pouco para o nosso desejo, e elles muito, porque são gente pobrissima. Este ouro he muito apreciado por esta gente, e segundo entendo ainda muito mais do que por nós, porque o estimão como cousa preciosissima. Não deixavão com tudo de dar hum preço vantajoso por cousas miudas, e de pouco valor para nós.

Estivemos aqui cousa de onze dias, e durante este tempo vinhão ás nossas Caravellas muitos daquelles Negros, habitantes de huma e de outra margem, qual para ver hum objecto extremamente novo para elles; qual para vender-nos algumas mercadorias suas, ou algum annel d'ouro. Estas mercadorias, erão algodões, fiados de algodão, e pannos de algodão feitos a seu modo; huns brancos, outros de cores, isto he com listas brancas, e azues; outros vermelhos azues e brancos, muito bem feitos. Trazião tambem muitos bugios, e macacos grandes e pequenos, de diversas especies, que nestes paizes se achão em grande quantidade; e os trocavão por cousas de pouco valor, isto he, cada hum por dez marquetes: tambem nos trazião gatos de Algalia, e pelles dos ditos gatos; e davão huma onça de Algalia por outra cousa, que valia apenas quarenta ou sincoenta marquetes (*a*); não que elles o vendessem a peso, porém eu o digo por estimativa: outros trazião fructos de diversas qualidades, e entre elles muitas tamaras pequenas e silvestres, que não erão muito boas; porém elles por taes as tinhão, e muitos dos nossos marinheiros as comião, e achavão de sabor differente das nossas; mas eu nunca as quiz provar por medo de diarrhea ou outra molestia semelhante. Por es-

(*a*) Cada marquete vale pouco mais de tres reis.

esta maneira tinhamos todos os dias gente nova nas Caravellas, e esta de diversas linguagens; nem cessavão de andar abaixo, e acima por aquelle rio, com as suas almadias, de hum lugar para outro, com mulheres e homens; do mesmo modo que cá andão as nossas barcas, com a differença, que toda a sua navegação se faz á força de remos, e vogão todos em pé, tantos de huma banda como da outra, e a fóra d'estes hum de mais, que rema na popa, ora de hum, ora de outro lado; para levar a embarcação direita: não tem toletes em que apoiem o remo, mas sómente o segurão firme com as mãos; e he feito por este modo; tem huma astea de páo, como ametade de huma lança, de passo e meio de comprido, isto he, sete pés; e na extremidade della está ferrada ou atada a seu modo, huma especie de bandeja redonda, tambem de páo; e com esta casta de remos vogão á força de braços estas suas barcas vellocissimamente, pela costa do mar terra a terra: tem muitas bocas de rios, onde se metem, e são bastante seguros, mas commummente não se affastão muito do seu paiz; para que não succeda, que na passagem de huma terra para a outra sejão feitos prisioneiros, e vendidos por escravos. No cabo de onze dias, que aqui estivemos, determinámos de partir, e vir para a foz do rio, porque muitos dos nossos principiavão a adoecer de febres agudas, e continuas; pelo que immediatamente levantámos ancora.

CAPITULO IV.

Da Religião; modo de viver, e trajar destes Negros.

DO pouco que se póde dizer deste paiz, pelo que vimos, e pelas informações que houvemos, no tempo que aqui nos demorámos, seja a primeira cousa a sua Religião, a qual he commummente a Idolatria, e esta por diversos modos, tendo grande fé nos encantamentos, e em outras cousas diabolicas, que sabem fazer: mas todos conhecem a Deos, e ainda mesmo ha alguns da seita de Mafoma, como são aquelles homens, que praticão em differentes paizes, e não estão fixos nas suas casas; porque estes ultimos não sabem cousa alguma disso. No modo de viver, quasi todos se governão conforme os Negros do Reino do Senegal, e uzão das mesmas comidas, excepto que tem arrôzes de varias castas, os quaes não nascem no Reino da-

quelles primeiros Negros. Estes tambem comem carne de cão, que nunca ouvi dizer que se comesse n'outra parte. Os seus vestidos são de algodão: e se os Negros do Senegal andão quasi todos nús, estes pela maior parte andão vestidos, pela grande abundancia, e quantidade de algodão que possuem. As mulheres vestem todas por huma mesma fórma; salvo que quando são pequenas, gostão de fazer alguns lavores sobre a pelle picando com agulhas os peitos, braços, e pescoço; os quaes parecem destes bordados de seda, que se uzão nos lenços, e são feitos com fogo de modo que em tempo algum se apagão. Esta região he muito quente; e quanto mais adiante se caminha para o Sul, tanto mais parece pedir a razão, que os paizes sejão quentes; e especialmente fazia muita mais calma neste rio, do que no mar; por ser assombrado por muitas arvores e muito grandes, como as ha por todo o paiz; e he tal a sua grandeza, que fazendo nós agoada em huma fonte, perto da margem do rio, havia alli huma arvore muito corpulenta e grossa, mas a altura não era proporcionada á grossura, porque julgámos ser aquella de couza de vinte passos; ao mesmo tempo, que fazendo medir esta, a achámos de dezasete braças de circumferencia em o pé: estava perdida, e em muitos lugares occa e carcomida; os seus ramos em cima estendião-se muio, de sorte que tinha grande copa em roda, fazendo muita sombra. Tambem se achão outras maiores, e mais grossas, de fórma que por semelhantes arvores se póde bem comprehender, que o paiz he bom, e a terra fertil, por ser banhada de muitas agoas.

CAPITULO V.

Dos elefantes deste paiz, do modo porque se cação, do comprimento dos seus dentes, e fórma dos seus pés.

Achão-se aqui grande quantidade de elefantes; e eu vi tres vivos ainda por domesticar, porque o não sabem fazer como nos outros paizes. E estando com o Navio surto no meio do rio, os avistámos, quando sahião do bosque, e vinhão banhar-se: alguns de nós saltámos na barca para hir a elles, pois estavão pouco distantes; mas como nos virão hir, tornárão para o bosque: depois vi outro pequeno já morto que foi caçar para me compra-

zer, hum Senhor Negro chamado Guermimensa, o qual habitava junto á embocadura deste rio, accompanhado de muitos Negros, que o perseguírão dous dias até o matarem. Vão a esta caça a pé, e não levão mais nenhumas armas offensivas, senão azagaias, das que fallámos acima, e arcos: advertindo que todas as suas armas são envenenadas. Vão buscar estes elefantes aos bosques, e nos sitios em que estão muitas arvores, e põem-se os Negros por detraz dellas, outros em cima, e lhes atirão com as setas, e azagaias envenenadas; e vão correndo e saltando de huma arvore para a outra, de modo que o elefante, que he hum animal muito pezado, fica ferido por muitos, sem poder defender-se, antes que se possa voltar. E por certo, que em campo razo, onde não houvesse arvores, homem nenhum se atreveria a chegar a elles; porque ninguem corre tanto, que o elefante sem se tirar do seu passo o não alcance: e isto ouvi referir a muitos Negros: não he porém animal feroz, que ataque o homem se este primeiro o não araca O dente grande do elefante que eu vi morto não tinha mais que tres palmos, hum dos quaes se metia pela queixada dentro, de sorte que não podia ter mais que dous palmos de fóra; o que era prova de ser moço, fallo comparativamente áquelles, que tem os dentes de dez a doze palmos de comprido: e por mais pequeno que este fosse, sempre julgámos, que daria tanta carne como sinco ou seis dos nossos touros. Este elefante pois foi-me dado por aquelle Senhor, para que tirasse a parte que quizesse delle, e o resto fosse entregue áquelles caçadores para o comerem; pelo que vendo que os Negros uzavão daquella carne, fiz cortar hum pedaço de que comi no Navio, assada e cozida, para a provar por diversos modos, e poder dizer que tinha comido de hum animal de que ninguem havia provado na minha terra: não achei a iguaria muito boa, e me pareceo dura e desenxabida; levei tambem hum dos seus pés, e parte da tromba para o Navio, e trouxe muitos cabellos do seu corpo, que erão negros, e do comprimento de palmo e meio, e ainda mais, e muito grossos; o que tudo junto com parte daquella carne, que fiz salgar apresentei depois em Hespanha ao Sr. D. Henrique, que o recebeo como hum grande prezente, por ser a primeira cousa que tinha tido daquelle paiz descoberto por industria sua. Não quero deixar de dizer, que o pé do elefante

he todo redondo como o do cavallo, porém não tem a unha do mesmo modo; pois he de hum só callo negro e grossissimo: neste callo estão sinco unhas, ao redor do dito pé, rentes de terra redondas, pouco maiores do que he hum grossone (*a*), e não era o pé deste moço elefante tão pequeno, que não tivesse mais de palmo e meio em quadro pela sola; porém, como já disse, elle he redondo. Foi-me tambem dado por aquelle Negro, outro pé de elefante, cuja sola medi por varias vezes, e a achei de tres palmos e hum dedo em quadro; o qual tambem apresentei ao dito Sr. Infante, com hum dente de doze palmos de comprido; e tudo juntamente com o pé mandou elle á Senhora Duqueza de Borgonha, por hum grande prezente. Tambem neste rio de Gambia, e bem assim em muitos outros rios deste mesmo paiz, além das cobras de agoa, e outros animaes diversos, se acha hum chamado peixe cavallo, que he quasi da natureza da vacca marinha, que ora está na agoa ora em terra; e de ambos estes elementos se nutre. A fórma do cavallo marinho he esta: tem o corpo grande, como o de huma vacca; he curto de pernas, tem os pés rachados, e a cabeça do feitio da de hum cavallo; com dous dentes grandes, hum de cada lado, a modo de porco montez. São muito grandes, e vi alguns destes dentes do comprimento de dous palmos e ás vezes mais. Este animal sahe da agoa, e caminha pelas margens dos rios acima, como animal quadrupede; e segundo ouvi dizer, não se encontra em nenhuma outra parte, onde nós os Christãos temos navegado; salvo se for no Nilo. Tambem vimos morcêgos muito grandes, do comprimento de tres palmos e mais; e outras diversas aves, muito differentes das nossas, e principalmente infinitos papagaios. Tambem ha grande quantidade de peixes neste rio, muito diversos dos nossos tanto em sabor como em figura; mas nem por isso são menos bons para comer.

C.A-

(*a*) Moeda antiga da Italia principalmente uzada em Florença; houve-a de differentes valores e tamanhos: a de que aqui falla Cadamosto teria provavelmente a grandeza de huma pataca. Estas unhas do elefante estão cravadas em os dedos, que são muito curtos proporcionalmente ao resto do corpo.

CAPITULO VI.

Do descobrimento de alguns rios: do rio de Casamansa, do Senhor igualmente chamado Casamansa; e da distancia do rio de Gambia ao dito rio.

POr causa da doença dos nossos marinheiros, partimos como acima disse, do porto de Mansa, isto he, do paiz do Sr. de Batimansa, e em poucos dias desembocámos do dito rio; e parecendo-nos a todos ter ainda mantimentos, e que seria cousa louvavel, pois tinhamos chegado aqui, correr mais avante por aquella costa; porque sendo tres os Navios, estavamos muito bem accompanhados: postos todos de accordo, hum dia por horas de terça, com vento galerno nos fizemos á véla; e porque estavamos muito metidos pela boca do rio de Gambia, e as terras da parte do Sul-sudueste, entravão muito pelo mar dentro, fazendo a modo de hum cabo; fizemos rumo pelo Poente, para sahirmos bem ao mar. Mostrava esta terra ser toda baixa, e povoada de infinitas arvores verdes, bellissimas, e muito grandes, e depois de nos engolfarmos quanto nos pareceo bastante; decobrimos que aquillo não era cabo para se notar, porque além da dita ponta, se via o terreno da costa todo ao longo della; a pezar do que, navegámos distantes desta ponta, em torno da qual se via rebentar o mar na distancia de mais de quatro milhas: e por esta razão tinhamos continuamente dous homens na popa, e hum sobre o mastro; para descobrir os baixos, e outros bancos; navegando sómente de dia com muito pouca véla, e com grande tento; e de noute deitando ancora, e hindo sempre huma Caravella apòs a outra, segundo cahia a sorte diariamente; porque cada hum de nós teria querido, que o companheiro fosse adiante; por isso todos o fazião por sorte, tocando hum dia a hum, outro dia a outro: e assim navegando dous dias por aquella costa, sempre á vista de terra; descobrimos ao terceiro a foz de hum rio de razoavel grandeza, o qual segundo mostrava em a sua barra, era da largura de mais de meia milha; e hindo mais adiante, sobre a tarde, tivemos vista de hum pequeno golfo, que quasi mostrava ser a modo de embocadura de rio; onde por ser tarde lançámos ferro, e na manhã seguinte, fazendo-nos á véla, e en-

engolfando nos algum tanto, descobrimos a boca de outro grande rio, parecendo-me a meu ver ser esta muito menor do que a do rio de Gambia; e n'huma e n'outra margem delle, se vião huma grande quantidade de bellissimas arvores altas, e viçosas, e aqui abordámos e surgimos; e tomando todos conselho, determinámos armar duas das nossas barcas, e mandallas com os nossos Interpretes a terra, saber noticias do paiz, o nome do rio, e quem era o Senhor destas terras, e assim fizemos. As barcas partírão, e voltárão dizendo, que se chamava o rio de Casamansa; como se dissessem, o rio de hum Senhor chamado Casamansa; o qual era Negro, e habitava por elle acima, cousa de trinta milhas; porém não se achava então naquelle lugar, por ter hido á guerra: pelo que tendo nós esta noticia, no dia seguinte nos partimos, notando que do rio de Gambia até estoutro de Casamansa, são cousa de vinte e sinco legoas, que fazem cem das nossas milhas.

CAPITULO VII.

Do lugar chamado Cabo vermelho, e porque razão lhe pozerão este nome; do rio de Santa Anna, do de S. Domingos, de outro grande rio, e da maré da agoa, enchente e vazante, daquelle paiz.

TEndo partido deste rio de Casamansa, seguindo nossa viagem pela costa, chegámos a hum cabo, que segundo a nossa estimativa, está distante delle obra de vinte milhas, e he hum pouco mais alto, que o terreno da costa; a sua frente mostrava huma cor vermelha, por isso lhe puzemos o nome de cabo vermelho; e depois continuando a navegar pela costa, chegámos á embocadura de outro rio assás grande; e a nosso ver da largura de hum tiro de bésta: não quizemos entrar dentro, mas puzemos-lhe o nome de rio de Santa Anna; e tendo o passado, seguindo a nossa derrota, chegámos a outro rio, tambem na dita costa, o qual não nos pareceo maior, que o de Santa Anna, e lhe puzemos o nome de rio de S. Domingos, e de Cabo vermelho a este ultimo, computámos por estimativa, ser a distancia de sincoenta e sinco, a sessenta milhas. Depois continuando a navegar pela mesma costa, mais huma jornada, viemos-ter á em-

embocadura d'hum grandissimo rio, e tão grande, que ao principio todos nós julgámos, que era golfo: aonde se avistavão arvores bellissimas, e verdes da outra banda para a parte do Sul; cuja largura foi julgada por todos, ser ao menos de vinte milhas, e dahi para cima: porque puzemos hum bom espaço de tempo em atravessallo, isto he, em passar de huma a outra margem: e quando estivemos da outra banda, houvemos vista de algumas Ilhas ao mar; pelo que determinámos saber aqui algumas novas destes paizes, e logo lançámos ancora: na manhã seguinte vierão ao nosso Navio duas almadias, que são daquellas suas barcas acima ditas, as quaes realmente erão muito grandes, e huma dellas quasi tamanha como as nossas Caravellas, mas não tão alterosa, e nesta vinhão trinta Negros: a outra, que era menor, tinha couza de dezaseis homens. Vendo-as pois vir remando para nós, e tendo receio dellas, tomámos as armas até vermos o que fazião: quando se nos avisinhárão, levantárão ao ar hum lenço branco, como para pedir segurança; nós lhes respondemos pelo mesmo modo; e elles vendo que faziamos aquelle sinal, vierão ao nosso bordo; e a maior das outras almadias, se emparelhou com a minha Caravella; e olhavão para nós extraordinariamente maravilhados, vendo que eramos homens brancos: admiravão tambem a fórma do nosso Navio, com o mastro e antena encruzada: porque he cousa de que elles não uzão, nem sabem o que he.

Desejoso eu de saber alguma cousa desta casta de gente, lhes fiz fallar pelos meus Interpretes, mas nenhum delles pôde entender nada do que dizião; e bem assim os das outras Caravellas; o que visto por nós, tivemos hum grandissimo dissabor, e finalmente partimos sem os podermos perceber: conhecendo pois que estavamos em paizes novos, onde não podiamos ser entendidos, concluimos, que era superfluo passar mais adiante, porque julgámos dever achar sempre lingoagens, cada vez mais novas; e que não se podia fazer cousa boa: pelo que determinámos voltar para traz. A hum Negro das duas almadias, comprámos nós alguns pequenos aneis de ouro, por algumas cousas que lhes demos em troca; fazendo o contrato não com palavras, porém com accenos. Estivemos dois dias sobre a embocadura deste rio, e a estrella do Norte mostrava-se aqui muito baixa. Achamos tambem neste lugar huma grande con-

contrariedade, que não se encontra n'outra parte, quanto eu pude perceber: e he, que havendo aqui maré de agoa enchente e vazante, como ha em Veneza, e em todo o Poente, onde em cada dia cresce seis horas, e baixa outras seis; aqui cresce quatro horas, e baixa outo; e he tão grande o impeto da corrente da dita maré, quando principia a encher, que he quasi incrivel; porque com tres ancoras na proa, apenas e com trabalho nos podiamos segurar; e houve occasião, em que a corrente nos fez fazer á véla contra vontade, e não sem perigo; porque ella tinha mais força, do que as vélas com o vento.

CAPITULO VIII.

De duas Ilhas grandes, e outras mais pequenas.

PArtimos da embocadura deste grande rio, para tornar para Hespanha; e fizemo-nos na volta do mar, por aquellas Ilhas, que já dissemos estarem distantes da terra firme, obra de trinta milhas, e chegámos a ellas: duas são grandes e algumas outras pequenas. Estas duas grandes são habitadas por Negros, e são Ilhas muito baixas mas abundantest de bellissimas arvores, grandes, altas, e viçosas: aqui ambem não tivemos lingoa, porque elles não nos entendião a nós, nem nós a elles; e partindo dalli, tomámos rumo para as nossas partes dos Christáos; para as quaes tanto navegámos por nossas jornadas, até que Deos pela sua misericordia, nos conduzio a bom porto, quando melhor lhe aprouve.

FIM DA SEGUNDA VIAGEM DE CADAMOSTO.

NA-

NAVEGAÇÃO
DO
CAPITÃO PEDRO DE CINTRA, PORTUGUEZ,
ESCRITA POR MESSER
LUIZ DE CADAMOSTO.

CAPITULO I.

Do rio de Bessegue, de hum lugar a que puzerão o nome de Cabo da verga, e da qualidade desta costa.

O Que tenho referido, he o que eu vi, e ouvi no tempo, que andei por estas partes: mas apòs mim forão outros, e principalmente duas Caravellas armadas, que El-Rei de Portugal mandou depois da morte do Sr. Infante D. Henrique, cujo Capitão era Pedro de Cintra, Escudeiro do dito Senhor, ao qual deo em regimento, correr mais adiante por aquella costa dos Negros, e descobrir paizes nóvos. Com este Capitão foi hum moço Portuguez meu amigo, que já tinha navegado comigo por Escrivão em aquellas paragens: e na volta das Caravellas, achando-me eu em Lagos, chegou o dito Capitão; e o meu amigo veio ter a minha casa, e me deo noticia ponto por ponto, de todo o paiz, que tinhão descòberto, dos nomes que lhe havião posto, e das estações como estavão, todas por sua ordem, as quaes jazem principiando pelo rio Grande, aonde nós ambos tinhamos estado, pelo modo, que abaixo se dirá.

Contou me pois primeiro, que tinhão abordado naquellas Ilhas grandes habitadas, de que fizemos menção, e que em huma dellas tinhão desembarcado, e fallado com os seus Negros; mas que não podérão ser entendidos; e que andirão algum tanto pela terra dentro, até ás suas habitações, que erão choupanas de palha pobrissimas; em

algumas das quaes achárão estatuas de Idolos de madeira: pelo que delles podérão comprehender, estes Negros são Idolatras, e adorão aquellas estatuas; e não podendo ter nem entender outra cousa delles, seguirão a sua viagem pela costa mais avante, e tanto caminhárão, que chegárão á boca de hum grande rio, largo, segundo a sua estimativa, obra de tres ou quatro milhas, e arbitrárão desde a foz do rio Grande até a embocadura de estoutro, cousa de quarenta milhas de costa; e disse-me que este se chamava o rio de Bessegue, derivando-se do nome de hum Senhor, que habita na embocadura delle. Depois de partidos, continuando a navegar pela costa, chegárão a hum Cabo a que pozerão o nome de Cabo da verga; e toda a costa desde o dito rio até este Cabo, he montuosa porém não muito alta; e orçárão pouco mais ou menos desde o rio de Bessegue, até o Cabo da verga cento e quarenta milhas: as montanhas estão chêas de arvores mui formosas, grandes e altas; as quaes verdejáo muito ao longe, e offerecem huma bellissima prespectiva.

CAPITULO II.

De hum lugar chamado Cabo de Sagres: da Religião, costumes, modo de viver, trajar, e navegar deste paiz.

PAssado o Cabo da verga, e navegando ao longo daquélla costa, obra de outenta milhas, descobrírão outro Cabo, que segundo o parecer de todos aquelles marinheiros era o mais alto que nunca tinháo visto; no meio da sua altura forma-se huma ponta aguda a modo de diamante, e todo elle he coberto de arvores altissimas, e viçosas: pozerão-lhe o nome de Cabo de Sagres, em memoria de huma Fortaleza, que o Sr. Infante D. Henrique de feliz recordação, mandou fazer sobre huma das pontas do Cabo de S. Vicente, a que derão o nome de Sagres; e por esta causa os Portuguezes lhe chamárão o Cabo de Sagres de Guiné; e dizem os marinheiros, pelas informações que houverão, que os seus habitantes são Idolatras, adorão estatuas de páo com fórma humana, e quando querem comer ou beber, sempre o offerecem primeiro aos seus Idolos. São de huma côr mais amulatada do que negra; e tem alguns sinaes feitos com ferro em braza pela cara, e pelo resto do corpo: andão sempre nús,

e

e trazem em lugar de bragas, cascas de arvores, com que se cobrem: não tem armas, por não haver ferro no seu paiz: sustentão-se de arroz, milho, e legumes, isto he, favas, e feijões de outra qualidade maior, que não são os nossos: tem carne de vacca, e de cabra, mas não em grande abundancia. Em direitura do dito Cabo pelo mar dentro estão duas Ilhas; huma distante seis, a outra outo milhas: mas são deshabitadas, por serem pequenas, e tem abundancia de bellissimas arvores viçosas. Os habitantes deste rio, tem tambem algumas almadias muito grandes, em cada huma das quaes navegão de trinta a quarenta homens; e os seus remeiros vogão tambem em pé, e sem toletes, como acima disse. Tem esta gente as orelhas furadas, com buracos por todas ellas, em que trazem diversos aneis de ouro huns apòs os outros todos alinhados; e tambem tem o nariz furado no meio em a parte inferior, e nelle trazem pendurado hum anel de ouro do mesmo modo que entre nós trazem os bufallos: e quando querem comer o tirão, uzando delle tanto os homens como as mulheres. Dizem tambem que as mulheres dos Reis e Senhores, ou dos homens ricos deste paiz, todas tem nas suas partes genitaes, do mesmo modo que nas orelhas, alguns furos, em que trazem por dignidade, e como prova de grandeza e estado aneis de ouro, os quaes tirão e põem a seu arbitrio.

CAPITULO III.

Do rio de S. Vicente e rio verde, do Cabo ledo, de huma grande montanha, e de tres Ilhas chamadas as Selvagens.

PAssado o Cabo de Sagres a cousa de quarenta milhas se acha hum rio chamado de S. Vicente, o qual tem na sua foz obra de quatro milhas de largura; e navegando ainda sinco, pouco mais ou menos, se acha outro rio chamado rio verde, o qual he mais largo na foz do que o de S. Vicente; e a estes rios pozerão os nomes os sobreditos Navegantes das Caravellas d'ElRei. Toda esta costa he montuosa, e por toda ella ha bons surgidouros, e bom fundo. Passado o rio verde, cousa de vinte e quatro milhas, se acha outro Cabo, a que se deo o nome de Cabo ledo ou alegre, porque lhes pareceo, que com o seu terreno

viçoso ficava todo alegre e risonho, pela costa delle adiante ha huma montanha, que continúa a estender-se passante de sincoenta milhas, e he altissima, coberta toda de arvores sempre viçosas e copadas, defronte de cuja extremidade se achão pelo mar dentro, a cousa de outo milhas, tres Ilhotas a maior das quaes póde ter dez a doze milhas de circumferencia; a estas Ilhas pozerão o nome de Selvagens, e á dita montanha o de Serra Leôa, e isto pelo grande rugido, que de continuo alli se sente por causa das trovoadas, que ha no seu cume, o qual está sempre cercado de nuvens.

CAPITULO IV.

Do rio vermelho, Cabo vermelho, Ilha vermelha; do rio de Santa Maria das Neves; da Ilha dos Bancos, do Cabo de Santa Anna, e da qualidade desta costa.

PAssada toda esta costa da Serra Leôa, dahi para diante he tudo terra baixa, e praia com muitos bancos de arêa, que entrão pelo mar dentro, e andando cousa de trinta milhas mais adiante da ponta daquella montanha, acha-se outro grande rio largo na sua foz cousa de tres milhas, ao qual pozerão o nome de rio vermelho, e isto porque a sua agoa se mostrava desta côr, por ser o alveo de terreno avermelhado: além do dito rio ha hum Cabo, cujo terreno he tambem avermelhado, a que por isso nomeárão Cabo vermelho, e defronte delle pelo mar dentro obra de outo milhas, ha huma Ilhota deshabitada a que chamárão a Ilha vermelha; e nella parece a estrella do Norte sobre o mar da altura de hum homem. Desde a foz do rio vermelho até esta Ilhota são obra de dez milhas, e passado este Cabo, faz-se a modo de hum golfo, dentro do qual desemboca hum rio grande, a que pozerão o nome de Santa Maria das Neves, porque neste dia he que foi descoberto; e da outra parte do rio ha huma ponta, defronte da qual hum pouco ao mar está outra Ilhota. Deste golfo ou enseada sahem muitos baixos de arêa, que seguem esta costa o espaço de dez ou doze milhas, e nelles quebra o mar, sendo grandissima a corrente de agoa, com grandes marés de enchente e vazante, e a esta Ilha chamárão a Ilha dos bancos, pela quantidade de bancos de arêa acima ditos; e além della

ha

ha hum Cabo grande a que appellidárão de Santa Anna, porque neste dia foi descoberto: da sobredita Ilha até aqui são vinte e quatro milhas, sendo toda a costa de praia e de pouco fundo.

CAPITULO V.

Do rio das Palmas e rio dos Fumos; porque assim dito: do Cabo cortez ou mizurado; do bosque ou arvoredo de Santa Maria e dos costumes daquelles Negros.

ALém do Cabo de Santa Anna, setenta milhas pela costa, se acha outro rio, a que chamárão das Palmas, por haver nelle muitas Palmeiras; a sua barra, bem que pareça assás larga, he toda chêa de baixos e parceis, e a sua entrada perigosa. Do cabo de Santa Anna até este rio he tudo huma praia seguida: e passando daqui, obra de setenta milhas adiante, se acha outro rio pequeno, a que pozerão o nome de rio dos Fumos, e isto porque quando o descobrírão, por toda aquella costa não se via outra cousa em terra senão fumos, que fazião os naturaes do paiz. Mais além vinte e quatro milhas pela praia se acha hum Cabo, que se encrava muito pelo mar, e sobre elle apparece hum monte alto; e assim lhe chamárão o Cabo do monte. Ao diante, continuando pela praia cousa de sessenta milhas, se acha outro Cabo pequeno e baixo; o qual, tambem mostra ter em cima hum pequeno monte, e a este pozerão o nome de Cabo cortez, ou mizurado: aqui virão muitos fogos naquella primeira noute, tanto em cima das arvores como pela praia, feitos pelos Negros quando houverão vista dos nossos Navios, nunca até então por elles conhecidos. Continuando a navegar dezaseis milhas junto á praia, ha hum bosque grande com muitas arvores verdissimas, que se estendem até ao mar, ao qual derão o nome de bosque ou arvoredo de Santa Maria, e por traz delle surgírão as Caravellas; as quaes vierão algumas pequenas almadias de Negros, com dous ou tres homens cada huma, todos nús. Trazião elles nas mãos páos aguçados na ponta, que parecião huma especie de dardos, e alguns estavão armados de huns cutellos pequenos, tendo todos duas adargas de couro com tres arcos; e assim vierão ás Caravellas. As suas orelhas erão todas furadas ao redor; e igual-

men-

mente o nariz da banda debaixo; e alguns tinhão ao pescoço humas enfiadas de dentes que parecião de homem. Os Negros que estavão nas Caravellas fallarão-lhes diversas lingoas; mas nunca lhes entendêrão huma só palavra, nem nós a elles cousa alguma. Tres destes Negros entrárão em huma das Caravellas, e destes tres retiverão hum os Portuguezes, e deixárão hir os outros; e isto para cumprir com a ordem d'ElRei, que lhes determinou, que na ultima terra aonde chegassem, não querendo passar mais avante, se por ventura os seus turcimães não fossem entendidos da gente della, tratassem de lhe trazer ou por bem, ou por mal alguns dos Negros daquelle paiz, para poder fazer nelles averiguações, por via dos muitos Interpretes Negros, que se achão em Portugal; ou mesmo para pelo tempo adiante aprenderem elles a fallar Portuguez; e assim darem noticia dos seus paizes: por esta causa retiverão este Negro dos tres; e determinando não passar mais avante, o conduzírão a Portugal, aonde o apresentárão a S. Magestade, que lhe fez fallar por diversos Negros, e ultimamente por huma escrava de hum Cidadão de Lisboa, que era tambem de paizes muito remotos; pela qual foi entendido, não na sua propria lingoagem, porém n'outra, que sabião tanto elle, como ella. O que o dito Negro referio a ElRei por meio daquella mulher, não se entende bem, excepto que entre outras cousas lhe affirmou acharem-se na sua terra alicornios vivos: e assim o dito Senhor tendo-o retido alguns mezes, e feito mostrar muitas cousas do seu Reino, dando-lhe algumas roupas, com grandes caricias o fez conduzir de novo por huma Caravella ao seu paiz: e deste ultimo lugar não tinha passado Navio algum até á minha partida de Hespanha, que foi no primeiro dia do mez de Fevereiro de mil quatrocentos e sessenta e tres.

FIM DA VIAGEM DE PEDRO DE CINTRA E DA OBRA DE CADAMOSTO.

IN-

INDEX DOS CAPITULOS.

NAVEGAÇÃO PRIMEIRA.

PRoemio - - - - - - - - - - - - - - - Pag. 1.
CAPITULO I. - - - - - - - - - - - - - - - 5.
CAP. II. *Como Messer Luiz ficando no Cabo de S. Vicente, partio o anno seguinte para as Canarias.* - - - - 7.
CAP. III. *Da Ilha de Porto Santo aonde abordei.* - - ibid.
CAP. IV. *Do Porto da Ilha da Madeira, e suas producções.* 9.
CAP. V. *Das sete Ilhas Canarias, e dos costumes dos seus habitadores.* - - - - - - - - - - - - - - 11.
CAP. VI. *Do Cabo branco da Ethiopia, da Ilha de Arguim, e de outras visinhas.* - - - - - - - - - - 15.
CAP. VII. *Discurso sobre a Ethiopia, e o Deserto, que está entre ella e a Barbaria, e porque causa o Cabo branco foi assim chamado.* - - - - - - - - - ibid.
CAP. VIII. *Dos peixes que se achão na dita Costa, e dos bancos de areá que estão no Golfo de Arguim.* - - 16.
CAP. IX. *Da povoação de Guaden, dos costumes dos seus habitantes e suas mercadorias.* - - - - - - - - 17.
CAP. X. *Do contrato feito pelo Sr. Infante D. Henrique na Ilha de Arguim á cerca das mercadorias: do rio do Senegal, e dos costumes dos Azenegues.* - - - - 18.
CAP. XI. *O que os Azenegues julgárão ser os primeiros Navios que virão naquelles mares.* - - - - - - - - 20.
CAP. XII. *De huma povoação chamada Tagaza, donde se tira muita copia de sal: para onde se exporta, e como se faz o ajuste deste sal.* - - - - - - - - - - - 21.
CAP. XIII. *Da estatura de alguns Negros, que se não querem deixar ver; e aonde se leva o ouro que delles se tira.* - - - - - - - - - - - - - - - - 23.
CAP. XIV. *Da moeda de que uzão os Azenegues, e dos seus uzos.* - - - - - - - - - - - - - - - - 25.
CAP. XV. *Do grande rio chamado Senegal, antigamente Niger, e de como foi descoberto.* - - - - - - - 27.
CAP. XVI. *Do Reino do Senegal, e seus limites.* - - 28.
CAP. XVII. *Como se elegem os Reis do Senegal, e como sustentão os seus Estados; dos seus costumes e das suas mulheres.* - - - - - - - - - - - - - - - 28.

10 REIS

CAP. XVIII. *Da crença destes primeiros Negros.* - - 30.
CAP. XIX. *Do traje e costumes de todos os Negros.* - 30.
CAP. XX. *Das suas guerras e armas.* - - - - - - 32.
CAP. XXI. *Do paiz de Budomel, e do seu Senhor.* - 33.
CAP. XXII. *Como o Sr Budomel, consignou Messer Luiz a hum seu Neto chamado Bisboror: e quanto são bons nadadores os Negros daquelle paiz.* - - - - - - - 34.
CAP. XXIII. *Da casa de Budomel, e de suas mulheres,* 35.
CAP. XXIV. *Das ceremonias de que usa Budomel em dar audiencia: e do seu modo de orar.* . - - - - - - 37.
CAP. XXV. *Do modo de viver, e comer de Budomel.* 39.
CAP. XXVI. *Das producções do Reino do Senegal; do modo que tem os Negros em lavrar a terra, e como fazem o seu vinho.* - - - - - - - - - - - - - - ibid.
CAP. XXVII. *Dos animaes que nascem neste Reino.* 41.
CAP. XXVIII. *Dos animaes que ha no Reino do Senegal, e cousas notaveis dos elefantes.* - - - - - - - - 43.
CAP. XXIX. *Das aves deste paiz, de como ha nelle varias castas de papagaios, e da sua industria na construcção dos ninhos.* - - - - - - - - - - - - - 44.
CAP. XXX. *Do mercado que fazem os Negros, e das cousas em que nelle se contrata.* - - - - - - - - - 45.
CAP. XXXI. *Como se sustentão, e vendem os cavallos em este Reino, e de certas ceremonias e encantos de que uzão quando os comprão.* - - - - - - - - - - - - - 46.
CAP. XXXII. *Dos costumes das mulheres deste paiz, do que causava a admiração daquelles homens, e dos instrumentos musicos de que uzão.* - - - - - - - - 47.
CAP. XXXIII. *Como Messer Luiz achou Messer Antoniotto grande Navegador e Gentil-homem Genovez com duas Caravellas, e foi em sua conserva até passar Cabo verde.* - - - - - - - - - - - - - - - - 48.
CAP. XXXIV. *Do Cabo verde, porque foi assim chamado, de tres Ilhotas, que forão descobertas: e da costa do dito Cabo.* - - - - - - - - - - - - - - - 49
CAP. XXXV. *Dos Negros Barbacinos e Serreres, e como se governão; das qualidades deste paiz, e das suas guerras.* 51.
CAP. XXXVI. *Do rio Barbacim, e de como foi morto hum Interprete, que haviamos posto em terra para se informar do paiz.* - - - - - - - - - - - - - - - ibid.
CAP. XXXVII. *Como hindo mais adiante vimos tres almadias de Negros, os quaes não quizerão fallar, e de como são feitas estas almadias.* - - - - - - - - - 53.

CAP. XXXVIII.

CAP. XXXVIII. *Do paiz de Gambia, do traje daquelles Negrôs, de como combatêrão com os Portuguezes, e muitos delles forão mortos, e de como os Portuguezes ouvida a resposta que os Negros lhes derão, voltárão para traz.* 54.

CAP. XXXIX. *Da altura em que viamos a estrella do Norte, e das seis estrellas do Pólo Antartico: da grandeza que os dias tinhão aos dous de Julho; da qualidade do paiz, e methodo de cultivar; e de como nestes lugares nasce o Sol sem haver aurora.* - - - - 57.

NAVEGAÇÃO SEGUNDA.

CAP. I. *Quem forão os primeiros, que descobrírão as Ilhas de Cabo verde, a duas das quaes pozerão o nome de Boa vista, e S. Thiago.* - - - - - - - - - - - - 59.

CAP. II. *De hum lugar chamado as Duas palmas; da Ilha, a que se poz o nome de Santo André; e o porque: do Rei Forosangoli, e do Senhor Butimansa.* - - - 62.

CAP. III. *Do presente feito a Butimansa, e das roupas que os Portuguezes levavão para resgatar; do modo de vogar dos Negros deste paiz, e dos seus remos.* - - - - 63.

CAP. IV. *Da Religião; modo de viver, e trajar destes Negros.* - - - - - - - - - - - - - - - - 65.

CAP. V. *Dos elefantes deste paiz, do modo porque se cação, do comprimento dos seus dentes, e fórma dos seus pés.* - - - - - - - - - - - - - - - 66.

CAP. VI. *Do descobrimento de alguns rios: do rio de Casamansa, do Senhor igualmente chamado Casamansa; e da distancia do rio de Gambia, ao dito rio.* - - - 69.

CAP. VII. *Do lugar chamado Cabo vermelho, e porque razão lhe pozerão este nome; do rio de Santa Anna, do de S. Domingos, de outro grande rio; e da maré da agoa, enchente e vazante, daquelle paiz* - - - - 70.

CAP. VIII. *De duas Ilhas grandes, e outras mais pequenas.* - - - - - - - - - - - - - - - - - 72.

NAVEGAÇÃO DE PEDRO DE CINTRA.

CAP. I. *Do rio de Bessegue, de hum lugar a que pozerão o nome de Cabo da verga, e da qualidade desta costa.* 73.

CAP. II. *De hum lugar chamado Cabo de Sagres: da Religião, costumes, modo de viver, trajar, e navegar deste paiz.* - - - - - - - - - - - - - - - 74.

CAP. III. *Do rio de S. Vicente, e rio verde, do Cabo ledo, de huma grande montanha, e de tres Ilhas chamadas as Selvagens.* - - - - - - - - - - - - - 75.

CAP. IV. *Do rio vermelho, Cabo vermelho, Ilha vermelha; do rio de Santa Maria das Neves; da Ilha dos Bancos, do Cabo de Santa Anna, e da qualidade desta costa.* - - - - - - - - - - - - - - - - - 76.

CAP. V. *Do rio das Palmas, e rio dos Fumos, porque assim dito: do Cabo cortez ou mizurado; do bosque ou arvoredo de Santa Maria e dos costumes daquelles Negros.* - - - - - - - - - - - - - - - - - 77.

NA-

N.° II.

NAVEGAÇÃO
DE LISBOA Á ILHA DE S. THOME'

ESCRITA POR HUM

PILOTO PORTUGUEZ,

E

MANDADA

AO CONDE RAYMUNDO DE LA TORRE,

GENTIL-HOMEM VERONEZ,

Traduzida da Lingoa Portugueza para a Italiana, e novamente do Italiano para o Portuguez.

INTRODUCÇÃO.

ESTA descripção da viagem á Ilha de S. Thomé, foi escrita originalmente em Portuguez por hum Piloto nosso, prático naquella carreira; sendo já quando a compoz, a quinta vez que a havia andado. Ignoramos absolutamente qual fosse o seu nome, e pouco se sabe das particularidades da sua vida. Ramuzio o unico author de quem poderiamos tirar estas noticias, diz expressamente, que o não quer nomear por certos respeitos; podendo-se daqui inferir, que elle faria algum commercio de contrabando em os portos de Veneza, e que pelo não comprometer, he que Ramuzio não queria declarar-lhe o nome, em quanto ainda era vivo, isto he, em 1554.

Sabemos tambem que elle era natural de Villa de Conde, e que tendo chegado a Veneza com huma carregação de açucar, alli se demorou algum tempo, e tomou amizade com o bem conhecido Jeronymo Fracastor, e com o Conde Romualdo de la Torre, Gentil-homem Veronez, que igualmente se achava então em aquella Cidade; e foi esta tão grande, que em quanto o tal Piloto se demorou alli, não conheceo outra casa senão a do Conde; sendo infinito o deleite que este tinha em ouvillo discorrer, sobre as navegações antigas e modernas.

Era este Portuguez muito estudioso, e versado não só nos livros da sua profissão, mas ainda no conhecimento dos antigos Geografos, principalmente de Ptolomeo: e foi elle o primeiro que deo huma interpretação sufficiente do Periplo d'Hannon, *monumento que até então era reputado inintelligivel. O já citado Ramuzio, foi quem escreveo esta interpretação, de que ao depois tanto se servírão os outros Commentadores: aproveitando-se deste trabalho, que tinha sido feito juntamente com o Conde Romualdo, e que he muito anterior á viagem*

que

que traduzimos, a qual foi composta, estando já o Author de volta na sua patria de Villa de Conde.

Em quanto á época, em que esta obra foi escrita, he facil verificalla. No Capitulo outavo, diz o Author que a costa visinha á Serra Leoa, tinha já sido descoberta havia noventa, e mais annos: ora já vimos em Codamosto, ter hido alli a primeira vez Pedro de Cintra pelos annos de 1461. No Capitulo decimo diz mais, que a Ilha de S. Thomé havia bons outenta annos, que tambem era descoberta; e todos os nossos Historiadores põem este descobrimento em 1471, ou 1472: o que tudo faz ver claramente, que foi no anno de mil quinhentos e cincoenta e hum, ou no immediato, que o nosso Piloto escrevia para satisfazer os votos dos seus amigos de Italia, que huma e outra vez lhe tinhão instado por aquella descripção.

Esta viagem além de muito interessante, e curiosa; he o unico documento, que temos daquelle tempo, a respeito do commercio de S. Thomé; além disso ella continúa de alguma sorte a navegação de Pedro de Cintra, até debaixo da linha equinocial, aonde aquella Ilha está situada: por todas estas razões nos pareceo digna de ser traduzida em Portuguez, da versão Italiana de Ramuzio, não havendo esperança de podermos descobrir o seu original.

NA-

NAVEGAÇÃO
DE
LISBOA Á ILHA DE S. THOMÉ
ESCRITA
POR HUM PILOTO PORTUGUEZ.

CAPITULO I.

Com que vento os Navios, que partem de Lisboa para carregar açucar na Ilha de S. Thomé, navegão para as Ilhas Canarias; chamadas pelos Antigos Afortunadas: da Ilha das Palmas, e do Promontorio chamado Cabo Bojador.

ANtes que eu partisse de Veneza, como V. S. sabe, o Sr. Jeronymo Fracastor me pedio por huma carta sua, datada de Verona, que logo que eu tivesse chegado a Villa de Conde, lhe transcrevesse, de algumas das minhas memorias (que eu tinha dito a V. S. que trazia comigo) toda a viagem, que nós outros Pilotos fazemos á Ilha de São Thomé, quando lá vamos carregar açucares; e isto porque lhe parecia cousa admiravel, e digna de que qualquer homem estudioso a soubesse, o poder-se navegar até debaixo da Linha Equinocial: tambem V. S. me rogou o mesmo á minha partida; e todas estas razões juntas, me obrigárão a transcrever a dita viagem, e a communicalla a alguns dos meus amigos, que em outras occasiões a tinhão feito. Tendo-a lido depois, e pensado sobre esta materia, persuadi-me immediatamente, que esta minha historia, não era digna de ser lida por hum Senhor tão grande, e tão eminente nas Sciencias como he o Sr. Jeronymo; do que são bastantes testemunhas, os livros que V. S. me deo á minha partida de Veneza; e assim estava resolvido a pôr a minha obra de parte, e a não a deixar ver a ninguem; porém tendo-me V. S. novamente obrigado por esta divida,

me

me deo hum grande estímulo, e me fez conhecer, que não obedecendo aos seus rogos, que são para mim preceitos, pareceria desagradecido a tantos beneficios, e cortezanias, que tenho recebido, e que realmente são infinitas; motivo porque escolhi antes, ser reputado homem de pouco saber, e tosco, do que ingrato, e desobediente; e por isto mando a V. S. as poucas cousas, que tenho notado, e que ouvi notar a diversos homens, que tinhão estado nas terras da Ethiopia; ás quaes por eu ser marinheiro, e não prático em escrever, puz sem nenhuma ordem, ou ornato, supplicando a VV. SS. ambos, que depois de as lerem, as queirão esconder; para que este erro, que eu fiz só por obediencia, e não por presunção; não me possa ser lançado em rosto a tempo algum.

Os navios, que vão carregar açucares á Ilha de São Thomé, costumão partir de Lisboa (Cidade principal do Reino de Portugal chamada pelos antigos Ulisipo) as mais das vezes no mez de Fevereiro, se bem que partão em todo o tempo do anno; navegão pelo Sudoeste quarta a Sul, até ás Ilhas Canarias, chamadas pelos antigos Afortunadas, e chegão á de Palma, vinte e outo gráos e meio sobre a Equinocial; a qual he do Reino de Castella, distante noventa legoas de hum Promontorio da Africa chamado Bojador. Esta Ilha he muito abundante de vinhos, carnes, queijo, e açucar; e quando aqui chegão tem ja navegado duzentas e sincoenta legoas, que fazem mil milhas: esta paragem he muito perigosa por ser o mar alto e tormentoso em todos os tempos do anno, principalmente no mez de Dezembro; nos outros mezes sopra o vento do Noroeste, que vem direito pelo mar fóra, e não toca em terra alguma, causando grandissimas tempestades.

CAPITULO II.

Da Ilha do Sal, porque causa he assim hamcada: da Ilha da Boa vista: da de Maio, e da maravilhosa abundancia de cabras, que ha em todas estas Ilhas de Cabo verde.

DEsta Ilha de Palma costuma-se tomar hum de dous caminhos; isto he, se os Navios se achão providos de peixe salgado para o séu mantimento (o que fazem estudo de ter sempre em grande abundancia) vão de longo á Ilha do Sal, que he huma das de Cabo verde, assim chamadas por causa

sa

sa de hum Promontorio d'Africa deste nome. Esta Ilha está desaseis gráos e meio sobre a Equinocial, e navega-se sempre a quarta de Sodueste: chegando-se alli tem se corrido da Ilha de Palma a esta do sal dozentas e vinte e sinco legoas, e com bom vento faz-se esta jornada em seis ou outo dias: he deshabitada, esteril, não se achão nella outros animaes senão cabras selvagens; e por ser o seu terreno baixo, com qualquer pequeno temporal, sobe a agoa do mar a algumas lagoas, e lugares alagadiços, e como o Sol quando vem ao Tropico de Cancro, lhe passa perpendicularmente, para logo toda esta agoa se congela, e fórma-se o dito sal; o mesmo accontece em todas as Ilhas de Cabo verde, e em algumas das Canarias, mas muito mais nesta, que nas outras; por cuja causa he chamada a Ilha do sal; ainda que tambem haja a Ilha da Boa vista, e não muito longe della a de Maio, na qual existe huma lagôa de mais de duas legoas de comprido, e outro tanto de largo, toda chêa de sal congelado pelo Sol, do qual se poderião carregar mil navios; e he commum a todos que alli vão, como o he a agoa do mar, pois ainda que sejão sugeitas a ElRei de Portugal, com tudo não se paga cousa alguma pela exportação deste genero. Em todas estas Ilhas de Cabo verde, que são êm número de dez, parem as cabras de cada vez tres ou quatro cabritos, e parem todos os quatro mezes; estes cabritos são delicadissimos para comer, por serem gordos e saborosos, bebendo as cabras muitas vezes da mesma agoa do mar.

CAPITULO III.

Como em quatro horas se fornecem de peixe aquelles que navegão para a costa de Africa; a sua descripção, principiando de Cabo Bojador até Cabo branco: dos peixes chamados tubarões; e dos confins que dividem a Barbaria do paiz dos Negros.

SE porém os Navios, que fazem a viagem de S. Thomé, não se achão com abundancia de peixe salgado, e querem aprovisionar-se delle; tomão o rumo pela costa de Africa ao chamado rio do Ouro, sobre o qual corre a Linha do Tropico de Cancro, por Sueste quarta a Sul; e quando estão á vista de Africa tem vencido cento e dez legoas. Junto desta costa, quando tem tempo bonança e calmaria, em

espaço de quatro horas, com redes, ou com huns cordeis delgados e compridos, todos cheos de anzoes, que deitão no mar, pescão quanto peixe lhes he necessario: porque tanto que estão mergulhados na agoa, immediatamente se achão prezos em todos os anzoes, peixes grandes e pequenos; como pargos a que em Veneza se chama *Alberi*, peixe corvo, *Oneros* (*a*), que he huma especie de peixe maior do que pargo, e muito gordo, de côr escura; tanto que os tem pescado, abrem-os pelas costas, e os salgão; e he huma boa comida para os navegantes. Encontrão-se nesta viagem infinitos peixes chamados tubarões, que são muito grandes como atuns, tem na boca duas ordens de dentes agudissimos; e por serem ávidos de comida, logo que vem hum Navio o accompanhão, e toda a immundicia, que se deita fóra a engolem immeditamente; por isso são muito faceis de pescar, mas nós os Portuguezes, ainda que elles sejão muito bons para comer, os não provamos, estando persuadidos, que gerão muitas doenças, bem que todos os marinheiros Castelhanos na viagem, que fazem para a terra firme das Ilhas Occidentaes, os costumão pescar e comer.

Se pelo meio do rio do Ouro não se encontra calmaria, passa-se de longo toda a costa para Cabo branco, a ver se ahi se encontra, e chega-se até Arguim; huma cousa se deve notar, e he, que toda a costa de Africa principiando do Cabo Bojador (que quer dizer Cabo da volta (*b*), porque aquelles que navegão para as Ilhas Canarias na volta se encostão ao dito Cabo de Africa, e tomando vento seguem a sua viagem, o qual está em vinte e seis gráos e dous terços:) toda esta costa digo he de terra baixa e arenosa, até Cabo branco, que está em vinte gráos e meio, e continua até Arguim, aonde ha hum grande porto, e hum Castello d'ElRei N. S. no qual elle tem guarnição com hum Feitor seu. Arguim he habitada por Mouros negros; e aqui são os confins, que dividem a Barbaria, do paiz dos Negros.

CA-

(*a*) Será este Oneros o nosso Cherne?

(*b*) Esta ethimologia não he a seguida pelos nossos Historiadores. Eis aqui o que diz Barros .... » Este Cabo começa de incurvar » a terra de mui longe, e ao respecto da costa, que atraz tinhão » descoberta, lança, e boja para Aloeste perto de quarenta le» goas, donde deste muito bojar lhe chamárão Bojador. » Dec. I. L. I. Cap. 2.

CAPITULO IV.

Da Ilha de S. Thiago, da grande Cidade chamada Ribeira.

TOrnando porém á nossa viagem da Ilha do sal; passase a Ilha de S. Thiago tambem de Cabo verde, que está quinze gráos acima da Equinocial, andando-se para isto trinta legoas de caminho para o Sul. Esta Ilha tem desasete legoas de comprido, e huma Cidade sobre o mar com hum bom porto, chamada a Ribeira grande; porque está situada sobre dous montes altos, e passa-lhe pelo meio hum rio caudaloso de agoa doce, que nasce duas legoas acima; e da nascente do rio até á Cidade, de huma banda e da outra ha infinitos jardins de larangeiras, cidras, limoeiros, romeiras e figos de toda a qualidade; e de alguns annos para cá plantão palmeiras, que produzem cocos, vulgarmente chamados, nozes da India: nascem tambem aqui, e se crião perfeitamente todas as castas de hortaliça, mas as sementes que produzem não são boas para semear no anno seguinte; e cada anno he necessario trazellas novas de Hespanha. Esta Cidade está exposta ao Sul, e tem boas casas de pedra e cal, habitadas por infinitos cavalheiros Portuguezes e Castelhanos; contendo mais de quinhentos fogos. Assiste aqui hum Corregedor do nosso Rei; e cada anno se elegem dous Juizes, hum dos quaes he para as causas dos navegantes, e do mar, e o outro administra a justiça aos habitantes desta Ilha e das circumvisinhas. Todo o terreno he muito montuoso, e tem muitos lugares fragosos, e despidos de toda a casta de arvores, porém os valles são muito cultivados: quando o Sol entra em Cancro, que he no mez de Junho chove quasi continuamente, e os Portuguezes chamão a este tempo, a Lua das agoas: em os primeiros dias de Agosto he que principião a semear o grão, que se chama milho zaburro, e nas Ilhas Occidentaes maiz; he como o chicharo, branco, e commum a todas as Ilhas sobreditas, e a toda a costa de Africa, e com elle se sustentão os habitantes, medeando entre a sementeira e a colheita quarenta dias: semeão tambem bastante arrôz e algodão o qual produz muito bem, e depois de colhido obrão com elle diversas castas de pannos listrados de varias cores, que depois se expedem para toda a costa de Africa,

isto he para as terras de Negros, e se dá em troca de escravos.

CAPITULO V.

Como na costa de Africa, que olha ao Poente ha diversos paizes, Guiné, costa de Malagueta, Benim, e Manicongo; e pela terra dentro, muitos Senhores e Reis; e como os Reis destes Povos são adorados, crendo-se geralmente que descêrão do Ceo: de algumas das suas Ceremonias, e do que se pratica no Reino de Benim pela morte do Rei.

PAra se perceber este trafico de Negros, deve-se saber que em toda a costa de Africa, que olha para o Ponente ha diversas Provincias e paizes; como he Guiné, costa de Malagueta, Reino de Benim, e Reino de Manicongo; o qual está em seis graos além da Linha Equinocial para a banda do Pólo Antartico; e pela terra dentro ha muitos Senhores e Reis de Negros, e tambem muitos Povos, que vivem em commum, e são parte Mahometanos, parte Idolatras, e fazem continuamente grandes guerras entre si. Os Reis são adorados por estes Povos, porque crem que vierão do Ceo, e lhes fallão sempre com grande acatamento, em distancia, e postos de joelhos: muitos destes Reis, para maior ceremonial, nunca se deixão ver quando comem, para não perderem a opinião, que os Povos tem, de que vivem sem tomar alimento; adorão o Sol, persuadem-se de que as almas são immortaes, e que depois da morte vão habitar junto ao Sol. No Reino de Benim ha este costume antigo de mais que nos outros, o qual se tem observado até o dia de hoje, e he que quando morre o Rei, todo o Povo se ajunta em hum grande campo, no meio do qual abrem hum poço muito fundo, ficando largo em baixo, e vindo apertando para a boca: dentro deste poço deitão o corpo do Rei defunto, e apresentando-se todos os seus amigos e creados; aquelles que são julgados terem-lhe sido mais aceitos, e validos (no que não ha pequena contenda, desejando todos esta honra) voluntariamente descem a fazer-lhe companhia; logo que estão em baixo, põe-se huma grande pedra sobre a boca do poço, e o Povo não se tira dalli nem de dia, nem de noute: no segundo dia, vão alguns deputados descobrir a pedra, e perguntão aos debaixo se algum delles já foi servir o Rei, ao que respondem

que

que não; no terceiro dia fazem a mesma pergunta, e algumas vezes lhes he respondido que fuão (dizendo-lhe o nome) foi o primeiro a partir, e fuão o segundo, porque he reputado cousa de grande louvor ter sido o primeiro: e de tudo isto o Povo que está á roda, fica fallando com summa admiração, julgando-o bemaventurado e feliz: no fim de quatro ou sinco dias morrem todos aquelles desgraçados, o que tanto que pressentem os que estão de cima, logo o dizem ao Rei, que ha de ser successor, o qual manda fazer hum grande fogo sobre o dito poço, em que assa muitos animaes, que dá de comer ao Povo, e com esta ceremonia se reputa coroado, e que tem jurado governallos com rectidão.

CAPITULO VI.

Os Negros de Guiné, e Benim ainda que desregrados no comer, vivem longamente: de certa superstição de alguns Negros pela terra dentro: da especiaria chamada malagueta, e da pimenta de cauda, de algumas vagens de hum arbusto que tem o sabor de gengibre, e do sabão feito com as cinzas, e oleo de palmeira.

OS Negros de Guiné e Benim são muito desregrados na sua comida, porque não se alimentão a horas certas, e comem quatro, ou sinco vezes cada dia: a sua bebida he agoa ou vinho, que estilla de huma arvore chamada palmeira: não tem cabellos, e só alguma carapinha na cabeça, a qual não cresce: o restante do corpo não tem pello algum: vivem longamente até cem annos, sempre bem dispostos e sadios, excepto em alguns tempos do anno, que se sentem adoentados como se tivessem febre, e então se fazem sangrar, e sarão, porque o sangue predomina no seu temperamento. Pela terra dentro ha alguns Negros supersticiosos, que adorão a primeira cousa que vem naquelle dia. Nasce nesta costa a especiaria chamada malagueta, muito semelhante ao milho da Italia, porém de hum gosto forte como a pimenta; produz-se alli tambem huma especie de pimenta fortissima, mais do dobro do que he a de Calicut; á qual nós os Portuguezes, porque ella tem hum pézinho que conserva depois de seca, chamamos pimenta de cauda; he muito semelhante ás cubebas

em

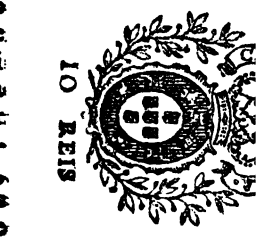
em a sua figura, porém para o paladar he tão forte, que huma onça della faz o mesmo effeito, que faria meia libra da ordinaria; e ainda que seja prohibido debaixo de gravissimas penas exportalla da dita costa, tirão-na comtudo ás escondidas, vendendo-a em Inglaterra por hum preço dobrado daquelle porque venderião a pimenta vulgar. Procede esta prohibição, de que desconfiando ElRei N. Sr., que esta planta não fizesse empatar, e abaratar a grande quantidade de pimenta, que vem cada anno de Calicut, determinou que de modo algum se podesse conduzir para fóra. Ha tambem huns arbustos, que produzem vagens longas como são as dos feijões, com algumas sementes dentro, as quaes não tem sabor algum, mas a vagem mastigada tem hum gosto delicado de gengibre, e os Negros lhe chamão *Unias*, e lhes serve de tempero, junto com a dita pimenta, quando comem peixe, de que são sobremaneira ávidos. Tambem he prohibido por ElRei o sabão fabricado com cinzas, e oleo de palmeira, o qual produz o grande effeito de fazer as mãos brancas, e igualmente os panos de linho, mais do dobro do sabão ordinario.

CAPITULO VII.

Como os pais e mãis dos Negros levão a vender os proprios filhos, e o que aceitão em troca; como estes escravos são conduzidos á Ilha de S. Thiago aonde se vendem aos pares, isto he, tantos machos como femeas: da costa chamada da Mina, e porque razão Sua Magestade mandou alli fabricar hum Castello.

TOda esta costa até o Reino de Manicongo, he dividida em duas partes, as quaes se arrendão todos os quatro ou sinco annos, a quem mais offerece, para poder hir contratar áquellas terras e portos. Chamão-se aquelles que tomão este contrato, arrematadores, e salvo estes, ou seus delegados, não póde mais ninguem avisinhar-se, nem descer áquellas marinhas, nem por conseguinte vender nem comprar. Vem aqui infinitas caravanas de Negros, que trazem ouro, e escravos para vender, em parte dos que elles aprizionárão na guerra, e em parte dos proprios filhos que os pais e máis conduzem para o mesmo fim, parecendo-lhes que lhes fazem o maior beneficio do mundo, em os mandar por este meio, habitar n'outros

tros paizes mais abundantes ; todos elles vem nús, como nascêrão, tanto machos como femeas, do mesmo modo, que se fosse hum rebanho de gado : recebem por resgate contas de vidro de diversas cores, e varias quinquilharias de cobre ou latão, panos de algodão de differentes cores, e outras cousas semelhantes, que conduzem por toda a Ethiopia ; os arrematantes levão depois os escravos á Ilha de S. Thiago, aonde de continuo chegão navios com mercadorias de diversos paizes, e provincias, principalmente da India descoberta pelos Hespanhoes, os quaes recebem algumas mercadorias em troca, e querem sempre ter tantos machos como femeas, porque os que depois lhos comprão, sempre os ajuntão aos pares ; pois doutro modo não farião bom serviço : quando conduzem estes escravos por mar, estremão-os das mulheres, fazendo estar aquelles por baixo da coberta, e estas por cima ; não consentindo que os machos as vejão quando lhes dão de comer, porque não farião nada mais do que olhar para ellas ; e por causa destes Negros, o nosso Rei fabricou hum Castello sobre aquella costa chamada da Mina seis gráos sobre a Equinocial, onde não deixa hir senão os seus Feitores. Neste lugar concorrem semelhantemente grande numero de Negros com gráos de ouro, que se achão em os rios, na arêa ; e contratão com os ditos Feitores havendo delles diversos generos, e principalmente contas de vidro, e outra especie dellas feitas de huma pedra azul, que não he Lapis-lazuli, mas de outra mina, as quas o nosso Rei fez vir do Reino de Manicongo, aonde nasce esta pedra. Estas contas são furadas, e do tamanho de avelans, e por ellas (sendo desta segunda especie) dão bastante ouro, pois são grandemente estimadas por todos os Negros, que as põem ao fogo para ver se são falsificadas ; porque levão alli algumas feitas de vidro, mas que não estão á prova do fogo.



CAPITULO VIII.

De hum rio chamado rio grande e antigamente Niger, e de huma grandissima montanha chamada a Serra Leôa.

ANtigamente ha já mais de noventa annos, quando esta costa foi descoberta, os mercadores entravão com os seus navios pela Ethiopia dentro, sobindo rios grandissimos,

mos, aonde achavão infinitos Povos com os quaes contratavão, porém nos nossos tempos foi prohibido pelos Reis de Portugal, que ninguem podesse fazer este commercio, senão os arrematantes do Contrato, dos quaes me pareceo escreuer a V. S. com alguma extensão, para ficar mais bem informado. Porém tornando á nossa viagem de S. Thomé, partindo se da Ilha de S. Thiago, toma-se o rumo do Sueste na volta do rio grande da Ethiopia, onze graos para o nosso Polo: e este rio se crê ser aquelle, que os antigos chamárão Niger, e que he hum ramo do Nilo, que corre para o Poente, porque nelle se achão crocodilos, e cavallos marinhos, cujos dentes os Negros tem agora em grande estima, para fazerem delles aneis que trazem comsigo, e que dizem os livrão de certas doenças. Este rio cresce nos mesmos dias, que cresce o Nilo; e navegando além delle pela costa adiante, se descobre huma montanha altissima chamada Serra Leôa, o cume da qual está sempre occupado e rodeado por huma nevoa muito densa, que produz continuamente trovões e raios; sente-se este estrondo em o alto do monte, a quarenta ou sincoenta milhas de distancia pelo mar, e nunca se dissipa esta nevoa, ainda que o Sol seja ardentissimo, e passe perpendicularmente por cima. Os nossos navios conservão se sempre á vista da costa, mas longe da terra, observando a declinação do Sol, navegando tanto para Sueste, até que tenhão passado outenta legoas, e se achem quatro gráos sobre a Linha Equinocial, aonde se volta a Leste quarta a Sueste, tendo sempre á mão esquerda a costa da Ethiopia, e isto até chegar á Ilha de S. Thomé, sobre a qual corre a dita Linha, caminhando tanto por baixo della até que alli chegão; e desde os ditos quatro gráos para Levante, até á Ilha tem feito quatrocentas e sessenta legoas.

CAPITULO IX.

Como ao chegar ao rio grande se principião a ver quatro estrellas muito brilhantes em fórma de Cruz, que se chamão o Cruzeiro: e como na Ilha de S. Thomé se vê ás vezes depois de ter chovido, fazer a Lua a apparencia do Iris, como faz o Sol de dia.

NEsta paragem, que he entre o Tropico, e a Linha, não ha tormentas porque ordinariamente entre os Tropicos não se

se sentem tempestades: em muitas partes desta costa da Ethiopia, vinte milhas junto da terra, ha cousa de sincoenta braças de fundo, depois alongando-se mais, he o mar muito alto e profundo; e nós os Pilotos Portuguezes temos hum livro, em que notâmos diariamente a viagem e caminho, que fazemos, os ventos que encontramos, e em que gráos de declinação está o Sol. Para hir a S. Thomé, quando nos achamos nos quatro gráos da Equinocial servem-nos os ventos, Sudoeste, Sul, e Oeste. Quando chegamos ao rio do ouro acima dito, o qual está perpendicularmente debaixo do Tropico de Cancro, principiamos a ver quatro estrellas de admiravel grandeza, e muito brilhantes, postas em fórma de Cruz (*a*); as quaes estão na distancia de trinta gráos do Polo Antartico, e lhe chamamos o Cruzeiro, que no dito Tropico se vê muito baixo, e apontando hum Instrumento chamado Balestilha a huma das quatro estrellas, que he o pé do Cruzeiro, como ella se acha ao meio dia sabemos estar pelo meio do Polo Antartico; quando chegamos á Ilha de S. Thomé vemos estas estrellas muito altas. Tambem em alguns annos, depois de ter chovido se vio fazer a Lua de noute a apparencia do Iris, como faz o Sol de dia, porém as côres que a Lua produz são como nevoas brancas. A respeito da enchente e vazante da maré digo, que desde que se parte do Estreito de Gibraltar pela costa de Africa, até o Tropico de Cancro, quasi que se não percebe maré sensivel; mas pas-

(*a*) Esta contellação do Cruzeiro, que não podia descobrir-se senão na visinhança do Equador, foi com tudo admiravelmente descrita pelo Dante, que viveo tantos annos antes destas Navegações; seria a sua descripção hum mero acaso? parece incrivel: teria algumas noções destas estrellas? mas donde lhe havião de vir? seja como for não podemos deixar de transcrever as suas palavras:

I'me volsi a man destra, e posi mente
All'altro polo, e vidi quatro stelle
Non viste mai, fuor ch'alla prima gente.
Goder pareva 'l Ciel di lor fiammelle
O Settentrional vedovo sito,
Poi chè privato se' di mirar quelle!
Com' io da loro sguardo fui partito,
Un poco me volgendo all'altro polo
La, onde 'l Carro gia era sparito. &c.

Dante Purg. c. I.

sado o Tropico, quando se chega ao rio grande, que já dissemos chamar-se Niger, e que está a onze graos sobre a Equinocial, vê-se já maré sensivel, hum pouco abaixo delle, e a enchente e vazante naquella paragem, he semelhante á que ha em Portugal. Como o Sol passa aqui perpendicularmente, chove tanto pela terra dentro na Ethiopia, que o dito rio engrossa e se torna turvo, em o mesmo tempo que o Nilo cresce; e assim as suas agoas turvas, e vermelhas, se conhecem ainda quarenta milhas pelo mar dentro. Na Ilha de S. Thomé, não sobe mais alta a maré do que na Cidade de Veneza, isto he, duas braças ao menos.

CAPITULO X.

Descripção da Ilha de S. Thomé: da Ilha do Principe: da Ilha de Anno bom, e da chamada Povoação.

A Ilha de S. Thomé, que foi descoberta ha outenta e mais annos pelos Capitães do nosso Rei, tendo sido desconhecida pelos antigos, he de fórma circular, e tem sessenta milhas Italianas de diametro, isto he, hum gráo; jaz debaixo da Linha Equinocial, o seu horizonte passa pelos dous Polos Artico e Antantartico; tem sempre os dias iguaes ás noutes, sem a mais pequena differença, quer o Sol esteja em Cancro, quer em Capricornio. A estrella do Polo Artico he invisivel, mas as guardas ainda se vem fazer hum pequeno giro, e a constellação chamada o Cruzeiro vê-se muito alta. Esta Ilha tem da banda do Levante, huma Ilhota chamada o Principe, cento e vinte milhas distante, a qual presentemente he habitada e cultivada: o tributo que se tira dos açucares, he do Filho mais velho de ElRei, e por isso se chama do Principe. Da parte do Oeste ha outra Ilha deshabitada chamada Anno bom, que he toda pedragosa: tem ella huma grande pescaria, e os que habitão em S. Thomé vão alli pescar repetidas vezes: he quarenta legoas ou dous gráos afastada da Linha para o Polo Antartico, e ha alli infinitos crocodilos, e cobras venenosas. Quando esta Ilha de S. Thomé foi descoberta, era toda ella hum bosque copadissimo, com arvores viçosas e tão grandes, que parecia tocarem no Ceo; erão de diversas castas, porém estereis, e os seus ramos differentes do que o são entre nós, onde parte se extendem horizontalmente, e parte sobem direitos: aqui porém sobem todos di-

direitos para cima. Ha alguns annos para cá tendo cortado huma grande quantidade destas arvores, edificárão huma grande Cidade, a que chamão a Povoação, aonde ha hum bom Porto, que olha para o Les-Nordeste. As casas são todas feitas de madeira e cobertas com taboas; tem o seu Bispo que ao presente he natural de Villa de Conde, ordenado pelo Summo Pontifice a instancia do nosso Rei, (*a*) com hum Corregedor, que tem á sua conta a administração da Justiça, e podem haver de seiscentos a setecentos fogos. Habitão alli muitos commerciantes Portuguezes, Castelhanos, Francezes, e Genovezes, e de qualquer outra nação que aqui queirão vir habitar, se aceitão todos de mui boa vontade; quasi todos tem mulher e filhos; e os que nascem nesta Ilha, são brancos como nós; mas ás vezes acontece, que os ditos mercadores morrendo-lhes as mulheres brancas as tomão negras, no que não fazem muita difficuldade; sendo os habitantes negros de grande intelligencia, e ricos, e criando as suas filhas ao nosso modo, tanto nos costumes, como no traje, e os que nascem destas taes Negras são de côr parda, e lhes chamão Mulatos.

(*a*) Correndo o Catalogo dos Bispos de Cabo verde, que vem no Tom. II. das Memorias da Academia Real de Historia, achámos por este tempo a D. Fr. João Baptista da Ordem dos Prégadores, o qual segundo o P. Balthezar Telles estava Bispo em 1547, sendo-lhe nomeado successor, segundo Cardoso, em 1553; parece nos que governou o Bispado até quasi este tempo, segundo a época que na Introducção assignámos á escritura desta Obra. Confirma-se que este he o mesmo Bispo de que falla o nosso Piloto, pelo que delle diz Fr. Luiz de Souza na *Historia de S. Domingos*. » D. Fr. João » Baptista foi mandado por ElRei D. João III. a Roma a nego- » cios de importancia, deo tão boa conta de si, e delles, que o » houve por merecedor da Mitra, e lá lhe mandou a nomeação da » Igreja da Ilha de S. Thomé. . . . . » Foi este Prelado, antes de sahir de Roma, sagrado, &c.

CAPITULO XI.

Como os habitantes de S. Thomé expedem os açucares: que fazendas levão os navios que vão buscallos: da bondade daquella terra: do modo de plantar as canas, como se extrahe o açucar dellas; e porque causa a carne de porco deste paiz he sadia, e de facil digestão.

O Principal negocio dos habitantes desta Ilha, he fabricar açucar, e vendello aos navios, que vão buscallo todos os annos. Levão estes barricas de farinha, vinhos de Hespanha, azeites, queijos, couros para çapatos, espadas, taças de vidro, contas, e huma especie de conchinhas pequenas e brancas, a que os Italianos chamão *Porcellete*, e nós buzios, e que servem na Ethiopia como moeda: se não fossem estes navios, que conduzem estes generos, os mercadores brancos morrerião, porque não estão costumados ás comidas dos Negros. Cada habitante compra escravos negros com as suas Negras de Guiné, Benim, e Manicongo, e os empregão aos casaes, em cultivar as terras para fazer as plantações, e extrahir os açucares: e ha homens ricos que possuem cento e sincoenta, duzentos, até trezentos entre Negros e Negras, os quaes tem obrigação de trabalhar toda a semana para o seu Senhor, excepto no Sabbado, que trabalhão para si; e nestes dias semeão milho zaburro, em que já fallámos acima, as raizes de inhame, e muitas hortaliças offecinaes, como alfaces, couves, rabãos, baterrabas, e aipo, as quaes semeadas crescem em poucos dias, e são muito boas: mas a semente que produzem não presta para semear. A terra he de côr avermelhada, e amarella, gorda como greda forte, e pelo muito orvalho, que cahe todas as noutes continuamente, não se desfaz em pó; mas fica como huma cêra branda, e por isso produz bem quanto se lhe planta. A bondade da terra vê-se por esta experiencia, que se os Negros deixão algum tempo de cultivar huma planicie, immediatamente lhe nascem arvores; fazem-se em poucos dias tão grandes, como entre nós em muitos mezes; e he forçoso cortaremas, e depois as reduzem a cinzas: neste lugar aonde forão cortadas e queimadas, he bom plantar canas de açucar, que põem sinco mezes em amadurecer por esta fórma:

ma: as canas que forão plantadas no mez de Janeiro, cortáonas no principio de Junho; as de Fevereiro, estão maduras no principio de Julho, e assim em todos os mezes as plantão, e cortão; nem lhes faz mal algum o passar-lhe o Sol perpendicular no mez de Março e Setembro; porque neste tempo reinão alli chuvas continuas, com a atmosfera nebulosa e carregada, o que vem muito a proposito para as canas. Dá esta Ilha cento e sincoenta mil arrobas de açucar e mais; e esta conta se tira da dizima, que se paga a ElRei, a qual de ordinario importa em doze a quatorze mil arrobas; a pezar de serem infinitos aquelles que a não pagáo por inteiro; ha tambem cousa de sessenta engenhos já construidos; onde corre agoa, com que moem a cana, e a pizão; deitão o succo em caldeiras grandissimas, e depois de fervido o lanção em fôrmas, em que fazem pães de quinze ou vinte arrates, e purificão com cinza, do mesmo modo que nós fazemos com a greda peneirada. Em muitos lugares da Ilha, em que não ha agoa, empregão nisto os braços dos Negros, e ainda mesmo cavallos: a cana depois de machucada he deitada aos porcos, de que tem hum número infinito; os quaes não comendo outra cousa senão as ditas canas, engordão extraordinariamente, e a sua carne he tão delicada e sadia, que se digire melhor, que a de gallinha, e por isso a costumão dar aos doentes.

CAPITULO XII.

Como os açucares desta Ilha não são nem muito duros, nem muito brancos; e como os enchugão.

TEm vindo para aqui muitos mestres da Ilha da Madeira, para fazer os açucares mais brancos, e mais duros: mas por mais diligencias que tenhão posto nisso, não o podem conseguir: a primeira causa que dão, he ser o terreno muito gordo, e tão untuoso, que o açucar participa daquella untuosidade, do mesmo modo que entre nós o vinho produzido em terra gorda, se resente daquelle sabor; a segunda he a atmosfera, que não enxuga os açucares tirados das fôrmas, porque o Sol, esteja aonde estiver, não he quente e seco, como aqui em Villa de Conde; mas sim quente e humido, e isto sempre, excepto nos mezes de Junho, Julho, e Agosto, em que

que os ventos, que vem da parte da Ethiopia são enchutos e frescos: mas nem ainda estes são bastantes para enchugallos. Comtudo os lavradores de açucar imaginárão hum methodo para conseguir este fim, e he o seguinte: fazem hum coberto alto de taboas, como entre nós hum estendedouro, todo fechado por cima, sem janella alguma das ilhargas, e sómente com a abertura da porta: levantão dentro delle hum estrado da altura de seis pés, com traves distantes huma da outra quatro pés, e sobre ellas vão estendendo taboas, nas quaes põem os páes de açucar; debaixo do dito estrado estão alguns madeiros secos, de arvores grossas; os quaes lançando-lhe fogo não fazem chama, nem fumo, mas vão-se consumindo a modo de carvão; e deste modo enchugão os açucares como em huma estufa, e os conservão depois em lugares todos fechados com taboas, de sorte que não lhe entre o ar, e assim que vem navios, logo os vendem, porque se os quizessem conservar dous annos ou tres, logo se tornarião liquidos.

CAPITULO XIII.

Como aos commerciantes que vem habitar nesta Ilha he assignado pelo Feitor d'ElRei, para comprar por preço commodo, tanto terreno, quanto podem fazer cultivar; e de como a raiz do inhame he o principal sustento dos Mouros.

As duas terças partes desta Ilha ainda não estão arroteadas, ou reduzidas á cultura dos açucares; logo porém que algum negociante de Hespanha, ou de Portugal, ou de qualquer outra nação vem aqui habitar, he-lhe assignado pelo Feitor d'ElRei, por via de compra, e por preço commodo, tanto terreno, quanto lhe parece, que tem modo de fazer cultivar; e este compra logo huma porção de Negros, e os põe a fabricar o dito terreno, isto he, a arroteallo, e depois deita-lhe fogo, para plantar as canas de açucar: o Senhor não dá cousa alguma áquelles Negros, mas como se disse acima, elles trabalhão toda a semana para elle; e o Sabbado só para si: nem mesmo faz despeza em dar-lhes vestidos, nem de comer, nem em mandar-lhes construir choupanas; porque elles por si mesmos fazem todas estas cousas: além de hum pouco de pano de algodão, ou esteiras de palmeira, com que cobrem a cintura, o resto do cor-

corpo trazem-o nú, assim homens como mulheres. Comem aquella semente, que acima dissemos, que he como chicháros brancos; e moida em farinha, fazem della pão, ou bolos cozidos debaixo das cinzas. A raiz do inhame he o seu principal sustento: bebem agoa ou vinho de palmeira, que tem em abundancia, e leite de algumas ovelhas ou cabras.

CAPITULO XIV.

De que maneira fabricão as suas casas os Mouros, que habitão junto aos bosques, por causa da lavoura do açucar.

NEsta Ilha, quando não reinão os ventos, apparece huma grande quantidade de mosquitos, que são muito maiores do que os nossos, e muito mais fastidiosos; sobre tudo para aquelles que habitão junto dos bosques, ou aonde ha muitas arvores, como he necessario que haja, nos lugares em que se lavrão os açucares, por causa das lenhas, que todos os dias se gastão em cozellos; por esta razão os Negros fabricão as suas casas por este modo; encravão quatro páos dos mais altos que podem achar, em quadrado, e em cima delles fazem hum sobrado, com taboas atadas em huma e outra ponta; e tanto por cima como pelos lados, o cobrem com certa herva, a modo de palha grossa; depois com huma escada de mão de muitos degráos, que está quasi a prumo sobem acima de noute para dormir, e as Negras levão alli os seus filhos com muita facilidade; deste modo parece que se defendem dos ditos mosquitos: em a Povoação, não dão tanto incommodo aos habitantes, por não haver alli visinhança de bosques. Em alguns annos nascem tambem formigas pequenas negras, em tanta abundancia, que comem, e roem tudo quanto achão, nem dellas se podem defender os açucares depois de feitos em páes; mas logo que chove parece que fogem, ou se somem: os ratos são tambem aqui muito daninhos.

CAPITULO XV.

Da raiz chamada batata ou inhame, de suas diversas especies; do modo de plantallas, e de conhecer quando estão maduras.

A Raiz a que os Indianos da Ilha Hespanhola chamão batata, chamão os Negros de S. Thomé inhame, e cultivão-a como fazendo della o seu principal sustento: a sua côr he negra na casca de fóra, mas por dentro he branca, e grande como hum rabão, com muitas raizes; tem o gosto de castanha, mas he muito melhor, e muito mais tenra: comem-a assada debaixo das cinzas, e tambem cozida: põe muita substancia, e farta como pão; não tem qualidade alguma, nem fria nem quente; he de facil digestão, e por tanto reputada sadia. Ha diversas especies destas raizes, isto he, inhame chicoreiro, o qual os navios, que vão a S. Thomé carregar açucar, trazem em grande quantidade para se sustentarem no mar; aturão frescas muitos mezes, e passão hum anno sem se perderem: ha mais tres especies de batatas; a de Benim, a de Manicongo, e a terceira amarella, mas não durão tanto tempo. As de Benim tem hum gosto mais delicado, que nenhumas das sobreditas; e os Negros plantão bastantes, porque tambem os navios levão muitas, e o modo de plantallas he o seguinte: cortão estas raizes em talhadas, e em cada huma dellas deixão hum bocado de casca negra, e plantão cada talhada onde tem cultivado a terra com enxadas, isto he, tirado a herva; ao pé espetão hum páo comprido, a fim de que quando a batata nasce, se vá enrolando á roda dos ditos páos, a modo de parreira de enforcado: produz huma folha semelhante em côr e lustro, á do limoeiro, mas mais pequena, e delgada; gastão sinco mezes a amadurecer; e conhece-se que se devem tirar da terra quando olhando para os ditos páos, á roda dos quaes estão as folhas das batatas, se vem todas secas; e senão fossem os páos, que servem de sinal, não se poderião achar pela multidão de hervas, que lhes tem nascido á roda: a raiz produz ordinariamente quatro ou sinco filhos, ou raizes grandes; arrancão todas, e as põem em hum monte, e estendidas depois ao Sol, e ao vento por alguns dias as fazem amadurecer, e sazonar.

CA-

CAPITULO XVI.

Noticia de hum grandissimo monte, que está quasi no meio da Ilha, cujo cume tem huma altura desmedida.

NEsta Ilha ha hum monte grandissimo, e quasi no meio della, o qual sobe com a sua extremidade a muitas milhas de altura; todo vestido de arvores altissimas, muito viçosas, e todas direitas: e são tão espessas e densas, e o caminho tão alcantilado, que com mui grande difficuldade se póde alli subir: á roda do cume deste monte, e dentro daquella espessura se vê continuamente como huma nevoa, e ou esteja o Sol na Linha, ou no Tropico, em qualquer hora, sempre alli se conserva sem se dissipar, quer de dia, quer de noute; não de outro modo do que nós vemos em os montes altissimos estarem continuamente as neves. Esta nevoa se está sempre resolvendo em agoa sobre as folhas, e ramos das ditas arvores, em tanta quantidade, que de cada lado do monte descem rios della, huns maiores, outros menores conforme toma o seu curso, mais por huma banda do que pela outra; e he com esta agoa, que os Negros regão os campos aonde estão as canas de açucar. Ha tambem em toda a Ilha muitas fontes de agoa viva, de que se servem para o mesmo fim, e pelo meio da Povoação corre hum regato de agoa clarissima, muito espraiado e pouco fundo, da qual dão a beber aos doentes, por ser muito ligeira, e delgada: e he opinião constante dos habitantes, que se não fosse a excellencia e bondade deste regato, não se poderia viver em S. Thomé.

CAPITULO XVII.

Das arvores desta Ilha; e da utilidade da palmeira, que produz os cocos.

A Maior parte das arvores, que nascem nesta Ilha são silvestres, não produzem fruto algum; e todas em geral quando se cortão, se achão occas e carcomidas na medulla, o que os habitantes pensão que accontece pela grande humidade, que aqui reina. Os que tem vindo de Hespanha, tem trazido oliveiras, pecegueiros, e amendoeiras; e plantando-as tem-se feito bellas e grandes, porém estereis e

sem fruto; e isto accontece a todas as arvores frutiferas de caroço: tambem alli levárão da costa da Ethiopia a arvore da palmeira, que produz os frutos, a que elles chamão cocos, e na Italia nozes da India, cuja amendoa quando está fresca he de hum gosto delicadissimo, e da agoa que se contém dentro do coco se servem por mil maneiras, por ser de hum sabor muito suave. Tambem fazendo hum golpe nesta arvore, põem-lhe por baixo huma cabaça, aonde estilla hum licor branco, e claro, que no primeiro dia faz hum vinho delicado; depois torna-se mais forte; e no fim de alguns dias faz-se vinagre. Tem igualmente principiado a plantar aquella herva, que se faz tão grande em hum anno, que parece arvore, e produz aquelles cachos com frutos a modo de figos, a que em Alexandria, e no Egypto, como ouvi, chamão *Muce*, e na dita Ilha avelás (*a*).

CAPITULO XVIII.

Da causa porque as Estações nesta Ilha são differentes das nossas, e de quaes tempos são nocivos aos Pretos, e quaes aos Brancos.

AS Estações nesta Ilha, são muito differentes das que nôs temos, do que he causa o Sol, que lhe passa perpendicularmente duas vezes cada anno, em Março e Setembro; em cujos tempos se observa o mesmo, que o Sol sempre costuma fazer; isto he, attrahir a si os vapores do mar, e resolvellos em chuva; porque quando o Sol está perpendicular continuamente se vê o ar fusco, nublado, e chove grandemente; e quando se vai affastando, logo os dias se tornão mais claros e serenos, e por isto os habitantes reputão Março, e Setembro, como dous Invernos pelas agoas, chuvas, e dias nublosos. Chamão tambem, e com razão, a alguns mezes, os mezes do vento, e estes são Maio, Junho, Julho, e Agosto, em que o Sol se acha nos Signos Septentrionaes, e então soprão os ventos Sueste, Sudoeste e Sul, (que são os ventos proprios e particulares) porque Nordeste, Norte, e Noroeste nunca se sentem, tendo toda a parte da Africa, que a abriga delles, e os não deixa fazer impressão, porque tambem não podem penetrar a

(*a*) São as Bananeiras.

a grande força do Sol; mas, como já disse, quando naquelles mezes soprão os ditos ventos, que produzem frescura, he ella muito contraria á compleição dos Negros, que andão nús, e são secos como páos, e sem carnes; e por pouco fresco que faça se sentem trespassados, e muitos delles adoecem e morrem; mas para os habitantes brancos e vindos de Hespanha, e para os seus filhos, que tem diversa compleição dos Negros, este he o tempo mais temperado que tem em todo o anno, e passão muito bem. Ha depois alguns mezes de calor, que são Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, porque então estando o Sol no Tropico de Capricornio, não deixa soprar os ventos particulares; e ás vezes quando não ha vento, faz hum calor insoportavel, por causa dos vapôres que continuamente se vem levantar. Durante o calor, assim como os Negros se sentem bem dispostos e alegres, e fazem todos os seus trabalhos, não havendo tempo mais saudavel para elles, assim pelo contrario os habitantes brancos se sentem muito adoentados, e abatidos; e ainda que não tenhão febre, tem huma certa ansiadade em todo o corpo, que se não podem mover, e muitos andão sem vestia, e com hum gibão só, e hum páo na mão para se segurarem; perdem a vontade de comer, e quererião estar sempre bebendo, e por predominar o sangue em a sua compleição, sempre naquelle tempo se fazem sangrar na cabeça e nos braços; e este tirar de sangue he remedio particular para todos os habitantes da Ilha, tanto brancos como pretos.

CAPITULO XIX.

Do que costumão fazer na Povoação no tempo do maior calor; como reina nesta Ilha o mal venereo, e de como o curão.

EM a Povoação tem hum costume muito ordinario em quanto dura a atmosfera carregada, e sem vento, o que he poucos dias (nos quaes sentem hum calor extraordinariamente grande, e tão humido, que parece huma caldeira de agoa a ferver) e vem a ser, ajuntarem se quatro ou sinco familias visinhas a comerem juntas em alguns quartos terreos e grandes, com as suas mulheres e filhos; e para estas casas leva cada hum o que tem preparado na sua; e posto tudo sobre huma meza comprida, parece que

cada hum se serve de melhor vontade das iguarias dos seus visinhos, do que das preparadas na propria casa, tanto se sentem fracos e desalentados: com varias conversações passão aquelles dias tormentosos, sem poderem fazer negocios fóra de casa; e he tanto o calor que communica a terra, que trazem as solas dos çapatos dobradas, e de mais huns socos grossos com pêllo por dentro. Os habitantes brancos da Povoação, ordinariamente em todo o anno, todos os outo ou dez dias sofrem huma especie de sezão, isto he, primeiro o frio depois a febre, e em duas horas passa tudo, segundo a compleição que tem: este accidente accontece áquelles que habitão alli de continuo, os quaes se sangrão tres ou quatro vezes no anno; porém os estrangeiros que alli vem com navios, a primeira febre que os accomete he mortal, e costuma-lhes durar vinte dias: sangrão-se sem conta de onças, tirando da vêa do braço quasi hum pichel, e como estão sangrados, lhes fazem huma sopa de páo em agoa, sal, e hum pouco de azeite; e se passão o setimo dia, esperão ainda o quatorzeno, e depois os dão por salvos, senão fazem alguma grande desordem: á proporção que lhes vai diminuindo a febre, assim lhes vão accrescentando a comida com carne de frango, e no fim della dão-lhe carne de porco. Reina muito nesta Ilha o mal venereo, e igualmente a sarna, doenças de que os Negros não fazem caso, e algumas mulheres negras com huma pouca de pedra hume, e de solimão fazem hum emplastro, e uzão delle juntamente com a agua de certas raizes, que dão a beber.

CAPITULO XX.

Em que tempo do anno os Negros costumão adoecer de febre; e do seu remedio da sangria.

EM o mez de Junho em que, como já disse, sopra o vento do Sul, que aqui he fresco; costumão os Negros adoecer de febres, e no dia em que a sentem declinar, põem ventosas sobre as fontes e sobre a testa, que depois retalhão com huma navalha de barba, e com este remedio sarão: algumas vezes sangrão-se sobre as espadoas, e a sua dieta he muito tenue, isto he, hum pouco de páo daquelle seu milho, com azeite de Hespanha, e algmas hervas que lhes são particulares. Não ha memoria de que tenha en-

entrado pestilencia nesta Ilha como nas de Cabo verde, aonde se diz que huma vez a houve grandissima, e tal que o sangue afogava o coração. Aos brancos accometem febres ardentes, e fluxos pelo muito que bebem sem comer em o tempo que não faz vento, e poucos são os habitantes que passão de sincoenta annos, sendo cousa extraordinaria, ver hum homem branco com barba branca: mas os Negros chegão a cento e dez annos, por ser o clima apropriado á sua natureza. Por sinco vezes que estive aqui com navios, principiando em o anno de mil quinhentos e vinte, affirmo ter fallado com hum Negro chamado João Menino, homem muito velho, o qual dizia ter sido conduzido alli, com os primeiros que forão da costa de Africa para esta Ilha, quando ella foi povoada por ordem d'ElRei de Portugal; e este Negro era riquissimo, e tinha filhos, netos, e bisnetos casados, os quaes já tinhão filhos. Os habitantes crião infinitas pulgas, e os Negros muitos piolhos, que os Brancos não tem; nem nos leitos aonde se dorme, se achão nunca percevejos.

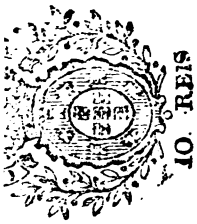
CAPITULO XXI.

Da causa porque nesta Ilha não chegão a amadurecer os trigos, e igualmente as uvas: dos frutos que alli nascem, das aves, e de differentes qualidades de pescados.

TEndo-se experimentado muitas vezes, e em diversos tempos do anno semear trigo, parece que elle não póde chegar aqui á sua perfeita maturação, e que não produz espiga chêa; cresce porém todo em herva, sem que se crie grão algum: e tendo-se semeado em diversos mezes, nunca se lhe tirou fruto; pelo que considerando no caso attentamente, dizem que por causa da gordura da terra, he que a planta põe tudo em herva. O mesmo accontece ás videiras que estão plantadas junto ás casas de S. Thomé, pois pela Ilha dentro as não põem, que seria cousa inutil; mas nos pateos das habitações, he que fazem huma especie de parreiras. Estas videiras produzem cachos de modo que em quanto alguns bagos estão maduros, outros estão como agraço, e outros ainda em flor, e produzem duas vezes cada anno; em Janeiro e Fevereiro, e em Agosto e Setembro: e tambem as figueiras produzem duas vezes no dito tempo, e os figos são delicadissimos: os me-

meloaes dão huma só vez em Junho, Julho, e Agosto, e as abóboras em todo o tempo. Ha huma infinidade de caranguejos semelhantes aos do mar, que andão por toda a Ilha; os que nascem sobre os montes, são melhores do que os da planicie, porém todos elles se comem. Ha infinitas aves como perdizes, estorninhos, merlos, e huns passaros verdes, que cantão, e tambem huma especie de papagaios pardos. Pesca-se toda a qualidade de peixes, mas sobre tudo em alguns tempos do anno: os saveis são delicadissimos nos mezes de Junho, e Julho. Entre esta Ilha, e a costa de Africa, vê-se tão grande quantidade de balêas grandes, e pequenas, que he cousa maravilhosa de dizer.

Eis-aqui tudo quanto eu achei nesta Ilha, tendo lá estado sinco vezes, como já disse, com os navios a carregar açucar, e se V. S. não ficar satisfeito com esta minha mal composta e confusa informação, ponha a culpa a eu ser hum homem do mar, e pouco pratico em escrever.



FIM.

IN-

INDEX DOS CAPITULOS.

CAPITULO I. *Com que ventos os navios, que partem de Lisboa para carregar açucar na Ilha de S. Thomé, navegão para as Ilhas Canarias, chamadas pelos antigos Afortunadas: da Ilha das Palmas, e do Promontorio chamado Cabo Bojador.* - - - - - - - - - Pag. 83.

CAP. II. *Da Ilha do Sal, porque causa he assim chamada: da de Maio, e da maravilhosa abundacia de cabras, que ha em todas estas Ilhas de Cabo verde.* - 84.

CAP. III. *Como em quatro horas se fornecem de peixe aquelles, que navegão para a costa de Africa; a sua descripção, principiando de Cabo Bojador até Cabo Branco: dos peixes chamados Tubarões; e dos confins que dividem a Barbaria do paiz dos Negros.* - - - - - - - - 85.

CAP. IV. *Da Ilha de S. Filippe, e da grande Cidade chamada Ribeira.* - - - - - - - - - - - - - - - 85.

CAP. V. *Como na costa de Africa, que olha ao Poente ha diversos paizes, Guiné, Costa de Malagueta, Benim, e Manicongo; e pela terra dentro, muitos Senhores e Reis; e como os Reis destes Povos são adorados, crendo-se geralmente que descêrão do Ceo: de algumas das suas Ceremonias, e do que se pratica no Reino de Benim pela morte do Rei.* - - - - - - - - - - 86.

CAP. VI. *Os Negros de Guiné, e Benim ainda que desregrados no comer, vivem longamente: de certa superstição de alguns Negros pela terra dentro: da especiaria chamada malagueta, e da pimenta de cauda; de algumas vagens de hum arbusto, que tem o sabor de gengibre; e do sabão feito com as cinzas e oleo de palmeira.* - - 87.

CAP. VII. *Como os pais e mãis dos Negros levão a vender os proprios filhos, e o que aceitão em troca; como estes escravos são conduzidos á Ilha de S. Thiago, aonde se vendem aos pares, isto he, tantos machos, como femeas: da Costa chamada da Mina, e porque S. Magestade mandou alli fabricar hum Castello.* - - - 88.

CAP. VIII. *De hum rio chamado rio grande, e antigamente Niger, e de huma grandissima montanha chamada a Serra Leôa.* - - - - - - - - - - - - - 89.

CAP. IX. *Como ao chegar ao rio grande, se principião a*

10 REIS

ver quatro estrellas muito brilhantes em fórma de Cruz, que se chamão o Cruzeiro: e como na Ilha de S. Thomé se vê ás vezes, depois de ter chovido, fazer a Lua a apparencia do Iris, como faz o Sol de dia. - - - 90.

CAP. X. *Descripção da Ilha de S. Thomé: da Ilha do Principe: da Ilha de Anno bom, e da chamada Povoação.* 92.

CAP. XI. *Como os habitantes de S. Thomé expedem os açucares: que fazendas levão os navios que vão buscallos: da bondade daquella terra: do modo de plantar as canas; como se extrahe o açucar dellas; e porque causa a carne de porco deste paiz he sadia, e de facil digestão.* 94.

CAP. XII. *Como os açucares desta Ilha não são nem muito duros, nem muito brancos, e como os enchugão.* 95.

CAP. XIII. *Como aos Commerciantes, que vem habitar nesta Ilha, he assignado pelo Feitor d'ElRei, para comprar por preço commodo, tanto terreno, quanto podem fazer cultivar: e de como a raiz do inhame he o principal sustento dos Mouros.* - - - - - - - - - - 96.

CAP. XIV. *De que maneira fabricão as suas casas os Mouros, que habitão junto aos bosques, por causa da lavoura do açucar.* - - - - - - - - - - - - 97.

CAP. XV. *Da raiz chamada batata ou inhame; de suas diversas especies; do modo de plantallas, e de conhece quando estão maduras.* - - - - - - - - - - - 98.

CAP. XVI. *Noticia de hum grandissimo monte, que está quasi no meio da Ilha, cujo cume tem huma altura desmedida.* - - - - - - - - - - - - - - - - 69.

CAP. XVII. *Das arvores desta Ilha, e da utilidade da palmeira, que produz os cocos.* - - - - - - - ibid.

CAP. XVIII. *Da causa porque as Estações nesta Ilha são differentes das nossas, e de quaes tempos são nocivos aos Pretos, e quaes aos Brancos.* - - - - - - - - 100.

CAP. XIX. *Do que costumão fazer na Povoação no tempo do maior calor; como reina nesta Ilha o mal venereo, e como o curão.* - - - - - - - - - - - - 101.

CAP. XX. *Em que tempo do anno os Negros costumão adoecer de febre, e do seu remedio da sangria.* - - 102.

CAP. XXI. *Da causa porque nesta Ilha não chegão a amadurecer os trigos, e igualmente as uvas: dos frutos que alli nascem, das aves, e de differentes qualidades de pescados.* - - - - - - - - - - - - - - - - 103.

NOTICIAS
PARA
A
HISTORIA E GEOGRAFIA
DAS
NAÇÕES ULTRAMARINAS.

COLLECÇÃO
DE
NOTICIAS PARA A HISTORIA
E GEOGRAFIA
DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,
QUE VIVEM
NOS
DOMINIOS PORTUGUEZES,
OU LHES SÃO VISINHAS:
PUBLICADA
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO II. NUM.os III. ATE' VI.

O REIS

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1812.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

N.° III.

NAVEGAÇÃO
DO CAPITÃO PEDRO ALVARES CABRAL,
ESCRITA POR HUM
PILOTO PORTUGUEZ,

Traduzida da Lingoa Portugueza para a Italiana, e novamente do Italiano para o Portuguez.

INTRODUCÇÃO.

A Viagem de Pedro Alvares Cabral, successor do grande Vasco da Gama, foi escrita por hum Piloto Portuguez, cujo nome ignoramos, o qual tendo-o accompanhado nella, foi testemunha ocular de quasi todos os factos que refere.

Parece que os nossos Historiadores tiverão pouco conhecimento deste escrito, que anda impresso em algumas das antigas collecções de viagens; pois até o erudito Abbade Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana, *o attribue ao mesmo Pedro Alvares, a pezar de se conhecer o contrario pela leitura da mesma obra.*

Outra equivocação do mesmo Barbosa foi dizer, que este opusculo sahira tráduzido em Latim, por Luiz de Cadamosto em o Livro Novus Orbis Regionum ac Insularum: *mas nos já notámos em a Introducção ao N.° I.° desta collecção, que a Obra de Cadamosto, escrita por elle em Italiano, tinha sido depois traduzida em Latim por Archangelo Madrignano; e que este Traductor lhe tinha ajuntado algumas outras viagens mais, formando de todas huma só obra. Entre estas viagens, he que elle inserio a de Pedro Alvares, que sendo escrita originalmente em Portuguez, foi depois vertida em Latim, não por Cadamosto, mas pelo mesmo Madrignano.*

Visto ter-se perdido provavelmente o antigo original, fizemos a presente traducção sobre a versão Italiana, que traz João Baptista Ramuzio, que preferimos á Latina do Novus Orbis *de Grineo; em a mesma Introducção de Cadamosto, já deixámos notados os motivos desta preferencia.*

Ainda que os factos que se narrão nesta viagem, sejão bastante semelhantes aos que nos transmittírão os nossos dous Historiadores da India, Barros e Castanheda, e ao que na

Chronica do Sr. Rei D. Manoel deixou escrito o célebre Damião de Goes ; faz-se com tudo recommendavel não só, como já dissemos, por ter sido seu Author testemunha ocular do que relata; mas sobre tudo pelo bem que liga a descoberta do Brazil por Pedro Alvares, com a que depois fez da mesma terra Americo Vespucio ; facto da nossa Historia pouco averiguado, e que agora o ficará melhor com a publicação das Cartas do mesmo Americo, que formarão o N.° 4.° desta Collecção.

NA-

NAVEGAÇÃO
DE
PEDRO ALVARES CABRAL.

CAPITULO I.

De como ElRei de Portugal mandou huma Armada de doze nãos, de que era Capitão mór Pedro Alvares Cabral; dez das quaes forão ter a Calicut, e as outras duas a Çofala, que fica na mesma derrota, a fim de contratar em mercadorias; e de como descobrírão huma terra muito povoada de arvores, e de gente.

NO anno de mil e quinhentos mandou o Serenissimo Rei de Portugal D. Manoel huma armada de doze náos e navios (*a*) para as partes da India, e por seu Capitão mór Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua Casa, as quaes partírão bem apparelhadas, e providas do necessario para anno e meio de viagem. Dez destas náos levavão regimento de hir a Calicut, e as duas restantes a hum lugar chamado Çofala para contratar em mercadorias, ficando este porto na mesma derrota de Calicut, para onde as outras dez hião carregadas. Em hum Domingo outo de Março daquelle anno, estando tudo prestes, sahimos a duas milhas de distancia de Lisboa, a hum lugar chamado Rastello, onde está o Convento de Belém, e ahi foi ElRei entregar pessoalmente ao Capitão mór o Estandarte Real para a dita Armada. No dia seguinte levantámos ancoras com vento prospero, e aos quatorze do mesmo mez chegámos ás Cana-

(*a*) Os navios erão treze, mas o Author não mete nesta conta, como logo se verá, o de Gaspar de Lemos, que hia carregado de mantimentos, e que o Capitão mór expedio do Brazil para Portugal, com a noticia daquella tão importante descoberta.

narias: aos vinte e dous passámos Cabo verde; e no dia seguinte esgarrou-se huma náo da Armada, por fórma tal, que náo se soube mais della (*a*) Aos vinte e quatro de Abril, que era huma quarta feira do Outavario da Pascoa houvemos vista de terra; com o que tendo todos grandissimo prazer, nos chegámos a ella para a reconhecer, e achando-a muito povoada de arvores, e de gente que andava pela praia, lançámos ancora na embocadura de hum pequeno rio.

O nosso Capitão mór mandou deitar fóra hum batel, para ver que povos erão aquelles, e os que nelle forão achárão huma gente parda, bem disposta, com cabellos compridos; andavão todos nús sem vergonha alguma, e cada hum delles trazia o seu arco com frexas, como quem estava alli para defender aquelle rio: não havia ninguem na armada que entendesse a sua lingoagem, de sorte que vendo isto os dos bateis, tornárão para Pedro Alvares, e no em tanto se fez noute, e se levantou com ella hum muito rijo temporal. Na manhá seguinte escorremos com elle a costa para o Norte, estando o vento Sueste, até ver se achavamos algum porto aonde nos podessemos abrigar e surgir; finalmente achámos hum aonde ancorámos, e vimos daquelles mesmos homens, que andavão pescando nas suas barcas; hum dos nossos bateis foi ter aonde elles estavão, e apanhou dous que trouxe ao Capitão mór, para saber que gente erão; porém, como dissemos, não se entendião por fallas, nem mesmo por accenos, e assim tendo-os retido huma noute comsigo, os poz em terra no dia seguinte, com huma camiza, hum vestido, e hum barrete vermelho, com o que ficárão muito contentes, e maravilhados das cousas, que lhes havião sido mostradas.

REIS

CA-

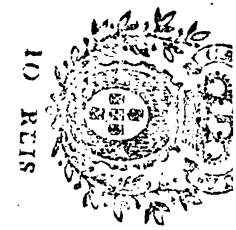
(*a*) O navio que se esgarrou era do Capitão Luiz Pires; e quando o Author diz que nunca mais se soube delle, não quer dizer que se perdeo, porém sim que não se lhe tornou a ajuntar durante toda a viagem: passado algum tempo arribou a Lisboa, como dizem Barros, e Castanheda.

CAPITULO II.

Como os homens daquella terra principiárão a tratar comnosco: das suas casas, e de alguns peixes que alli ha muito diversos dos nossos.

NAquelle mesmo dia, que era no Outavario da Pascoa a vinte e seis de Abril, determinou o Capitão mór de ouvir Missa; e assim mandou armar huma tenda naquella praia, e debaixo della hum altar; e toda agente da Armada assistio tanto á Missa como á Prégação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavão, e tangião nos seus instrumentos; logo que se acabou, voltámos aos navios, e aquelles homens entravão no mar até aos peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias. Depois de jantar tornou a terra o Capitão mór, e a gente da armada para espairécer com elles; e achámos neste lugar hum rio de agoa doce. Pela volta da tarde tornámos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer aguada, e tomar lenhas; pelo que fomos todos a terra, e os naturaes vierão comnosco para ajudar-nos. Alguns dos nossos caminhárão até huma povoação onde elles habitavão, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxerão de lá papagaios, e huma raiz chamada inhame, que he o pão, de que alli uzão, e algum arroz; dando-lhe os da Armada cascaveis e folhas de papel, em troca do que recebião. Estivemos neste lugar sinco ou seis dias: os homens, como já dissemos, são baços, e andão nús sem vergonha, tem os seus cabellos grandes, e a barba pelada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beiço debaixo furado, e metem-lhe hum osso grande como hum prégo; outros trazem huma pedra azul ou verde, e assobião pelos ditos buracos: as mulheres andão igualmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira, cobertas de folhas e ramos de arvores, com muitas colunnas de páo pelo meio, e entre ellas e as paredes prégão redes de algodão, nas quaes póde estar hum homem; e de cada huma destas redes fazem hum fogo, de modo que n'huma só casa póde haver quarenta ou sincoenta leitos armados a modo de teares. Nesta terra não vimos ferro nem outro algum metal, e cortão

as



as madeiras com huma pedra: tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas cores, e entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapeos e barretes de que uzão. A terra he muito abundante de árvores, e de agoas, milho, inhame, e algodão; e não vimos animal algum quadrupede: o terreno he grande, porém não podémos saber se era Ilha ou terra firme; ainda que nos inclinámos a esta ultima opinião pelo seu tamanho; tem muito bom ar; os homens uzão de redes, e são grandes pescadores; o peixe que tirão he de diversas qualidades, e entre elle vimos hum, que podia ser do tamanho de hum tonel, mas mais comprido, e todo redondo; a sua cabeça era do feitio da de hum porco, os olhos pequenos, sem dentes, com as orelhas compridas: pela parte inferior do corpo tinha varios buracos, e a sua cauda era do tamanho de hum braço; não tinha pés, a pele era da grossura de hum dedo, e a sua carne gorda e branca como a de porco.

CAPITULO III.

Como o Capitão mór mandou cartas a ElRei de Portugal, dando-lhe parte de ter descoberto aquella nova terra; e como por causa da tempestade se perdêrão quatro nãos: da povoação de Çofala, aonde ha huma mina de ouro, a qual fica junto a duas Ilhas.

NOs dias que aqui estivemos, determinou Pedro Alvares fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o descobrimento desta terra, e deixar nella dous homens condenados á morte, que traziamos na Armada para este effeito; e assim despachou hum navio que vinha em nossa conserva carregado de mantimentos, além dos doze sobreditos, o qual trouxe a ElRei as cartas, em que se continha tudo quanto tinhamos visto e descoberto. Despachado o navio sahio o Capitão em terra, mandou fazer huma Cruz de madeira muito grande, e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dous degradados neste mesmo lugar; os quaes começárão a chorar, e forão animados pelos naturaes do paiz, que mostravão ter piedade d'elles. No outro dia, que erão dous de Maio, fizemo-nos á véla, para hir demandar o Cabo da boa Esperança, achando-nos en-

então engolfados no mar mais de mil e duzentas leguas de quatro milhas cada huma; e aos doze do mesmo mez, seguindo o nosso caminho, nos appareceo hum cometa para as partes da Ethiopia, com huma cauda muito comprida, o qual vimos outo ou dez noutes a fio: em fim quando se contavão vinte do mesmo mez, (*a*) navegando a Armada toda junta, com bom vento, as vélas em meia arvore e sem traquetes, por causa de huma borrasca, que tinhamos tido em o dia antecedente; veio hum tufão de vento tão forte, e tão de subito por diante, que o não percebemos senão quando as vélas ficárão cruzadas nos mastros; neste mesmo intante se perdêrão quatro náos com toda a sua matalotagem, sem se lhe poder dar soccorro algum; e as outras sete que escapárão, estiverão em perigo de se perderem; e assim fomos agoentando o vento com os mastros e vélas rotas, e a Deos misericordia todo aquelle dia: o mar embraveceo-se por maneira tal, que parecia levantar-nos ao Ceo; até que o vento se mudou de repente, e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as vélas; ainda assim navegándo sem ellas, perdemo-nos huns dos outros de modo, que a Capitania com duas outras náos tomárão hum rumo, outra chamada ElRei com mais duas tomárão outro; e as que restavão ainda outro; (*b*) e assim passámos esta tempestade vinte dias consecutivos sempre em arvore seca; até que aos dezaseis do mez de Junho, houvemos vista da terra da Arabia onde surgimos; e chegados á costa podemos fazer huma boa pescaria. Esta terra he muito populosa, como vimos, navegando ao longo da praia com bom vento, e tempo aprazivel; além disso

(*a*) Tanto Barros como Castanheda assignálão o principio desta tormenta no dia vinte e tres,

(*b*) O Author conforma-se aqui mais, com Castanheda do que com João de Barros: este ultimo faz chegar toda a Armada junta a Çofala, e diz expressamente que se compunha então de seis náos: pelo contrario Castanheda diz, que as náos se apartárão com a força do vento; que com a de Pedro Alvares foi a de Simão de Miranda, a de Pedro de Ataíde, e a de Nicoláo Coelho: que a náo de Nuno Leitão se separou para outro lado com a de Sancho de Thoar, e que Diogo Dias arribou só, e isto he com pouca differença, o que diz o nosso Author; pois ainda que aqui o não expresse, veremos no Cap. ultimo, o que succedeo a este Diogo Dias, que encontrárão, quando voltavão para Portugal.

he muito frutifera, com muitos rios grandes, e muitos animaes, de modo que toda era bem povoada. Continuando a nossa viagem chegámos diante de Çofala, onde ha huma mina de ouro, e achámos junto a esta povoação duas Ilhas: estavão aqui duas náos de Mouros, que tinhão carregado ouro daquella mina, e hião para Melinde, os quaes tanto que nos avistárão, começárão a fugir, e lançarão-se todos ao mar, tendo primeiro alijado o ouro para que lho não tirassemos. Pedro Alvares depois de se ter apoderado das duas náos, fez vir ante si o Capitão dellas, e lhe perguntou de que paiz era, ao que respondeo que era Mouro, primo de ElRei de Melinde, que as náos erão suas, e que vinha de Çofala com aquelle ouro, trazendo comsigo sua mulher e hum filho, os quaes se tinhão afogado querendo fugir para terra: o Capitão mór quando soube que o Mouro era primo de ElRei de Melinde (o qual era muito nosso amigo) se desgostou sobre maneira, e fazendo-lhe muita honra, lhe mandou entregar as suas duas náos com todo o ouro que se lhe tinha tirado. O Capitão Mouro perguntou ao nosso se trazia comsigo algum Encantador, que podesse tirar a outra porção que tinhão deitado ao mar, ao que elle respondeo que eramos Christãos, e que não tinhamos semelhantes uzos. Depois tirou o nosso Capitão mór informações das cousas de Çofala, que ainda neste tempo não era descoberta senão por fama, e o Mouro lhe deo por novas, que em Çofala havia huma mina muito abundante de ouro, cujo Senhor era hum Rei Mouro, o qual assistia em huma Ilha chamada Quiloa, que estava na derrota, que deviamos seguir: e que o parcel de Çofala já nos ficava atraz; com isto o Capitão se despedio de nós, e continuámos a nossa jornada.

CAPITULO IV.

Da Ilha de Moçambique; e como chegámos a Quilôa aonde achámos as outras náos, que se tinhão esgarrado: como o Capitão Mór fallou com o Rei da dita terra, e da Cidade de Mombaça.

AOs vinte do mez de Julho chegámos a huma Ilha pequena, que he do mesmo Rei de Çofala, chamada Moçambique, não muito povoada, a pezar de assistirem nella mer-

mercadores ricos; aqui fizemos agoada, e tomámos refrescos, e hum Piloto para nos levar a Quiloa: esta Ilha tem muito bom porto, e está pouco distante da terra firme; daqui partimos para Quiloa ao longo da costa, e achámos muitas Ilhas povoadas, que são deste mesmo Rei. Chegámos a Quiloa aos vinte e seis do dito mez, e ahi nos ajuntamos seis das nossas vélas, porém a outra nunca mais se encontrou. Esta Ilha he pequena, junta com a terra firme, e tem huma bella Cidade; as suas casas são altas ao modo de Hespanha: habitão nella mercadores ricos, que commerceão muito em ouro, prata, ambar, almiscar, e pérolas: os da terra andão vestidos de panos de algodão finos, e de sedas e brocados finissimos, e são negros. Logo que aqui chegámos mandou o Capitão mór pedir hum salvo-conducto ao Rei, que lho enviou immediatamente, e assim que o teve mandou a terra Affonso Furtado, com sete ou outo homens bem vestidos, por seu Embaixador, e por elle lhe fez dizer que aquellas náos erão de ElRei de Portugal, as quaes vinhão alli para commerciar com elle; e trazião muitas mercadorias de varias qualidades de que podia escolher; e bem assim que teria muito gosto de fallar-lhe. ElRei respondeo que era muito contente disso, e que no dia seguinte lhe viria fallar querendo elle sahir em terra. Affonso Furtado fez-lhe então saber, que o Capitão mór tinha regimento para não desembarcar, e que sendo sua vontade se fallarião antes nos bateis; e nisso ficárão de accordo para o outro dia, em que o Capitão mór se poz em ordem com toda a sua gente, e as náos e bateis todos embandeirados, com os seus toldos, e com a artilharia prestes. O Rei mandou tambem apparelhar as suas Almadias, ou bateis com muitas festas, e tangeres ao seu modo, e Pedro Alvares com as suas trombetas e pifaros, e assim partírão hum para o outro: logo que se avisinhárão, desparou-se a artilharia das naos, fazendo hum tão grande estrondo, que ElRei com toda a sua comitiva ficou attonito e assustado; depois disto estiverão hum bom espaço em conversação, e despedindo se hum do outro voltou o Capitão mór para a náo. No dia seguinte tornou a mandar Affonso Furtado a terra, para principiar a negociação, porém achou o Rei muito fóra do proposito, em que primeiramente estava, escusando-se que não tinha necessidade das nossas mercadorias, e persuadido de que eramos Corsarios; deixando pois as cousas

neste estado voltou Affonso Furtado ao Capitão mór. Demoramo-nos ainda neste lugar dous ou tres dias, mas por mais diligencias que pozemos, não nos foi possivel conseguir cousa alguma; e no tempo que alli ficámos, estiverão sempre mandando gente da Ilha para a terra firme (*a*) receando que a tomassemos por força. Quando Pedro Alvares percebeo isto, determinou partir, e se fez á véla pelo rumo de Melinde. Ao longo desta costa achámos muitas Ilhas, povoadas de Mouros, e vimos outra Cidade por nome Moçambique., que tinha hum Rei da mesma nação, de que he povoada toda esta costa da Ethiopia: tanto porém na Ilha como pela terra dentro, dizem elles, que ha Christáos, que lhes fazem muita guerra; porém nós não o soubemos senão por informações.

CAPITULO V.

Como chegámos a Melinde, aonde fomos muito bem recebidos pelo Rei; do presente que lhe mandou ElRei de Portugal, e como o de Melinde fallou com o Capitão Mór.

CHegámos a Melinde aos dous de Agosto deste mesmo anno, e alli achámos surtas tres náos de Cambaya, cada huma do porte de cem toneladas; são muito bem feitas, de boas madeiras, e bem cosidas com cordas, pois não tem prégos; e alcatroadas com huma mistura, em que entra muito encenso, e não tem senão o castello de popa: estas náos vinhão aqui a contratar das partes da India. Logo que chegámos, mandou-nos ElRei visitar, e ao mesmo tempo hum refresco de muitos carneiros, gallinhas, patos, limões, e laranjas as melhores que ha no mundo, e com ellas sarárão de escrobuto alguns doentes, que tinhamos comnosco. Apenas ancorámos diante da Cidade, mandou o Capitão mór dar fogo a todas as bombardas, e embandeirar as náos, e forão logo a terra dous Feitores d'ElRei, hum dos quaes sabia fallar Mouro, isto he Arabigo, com hum cumprimento para ElRei de Melinde, e a dar-lhe parte como eramos chegados, ao que vinhamos, e que no dia seguinte mandaria o Capitão mór a sua embaixada, com a carta que ElRei de Portugal lhe

(*a*) Ainda que o original diga isto, parece dever-se entender o contrario; que metião na Ilha gente da terra firme.

lhe escrevia. O Rei teve grande prazer com a nossa vinda, e a rogos seus ficou em terra o Feitor, que sabia fallar Arabigo, e logo no dia seguinte mandou á náo dous Mouros muito honrados, e que fallavão a mesma lingoa gem, para visitar a Pedro Alvares, e por elles lhe fez dizer como tinha grande contentamento com a sua chegada, rogando-lhe mandasse a terra por tudo quanto lhe fosse necessario, do mesmo modo que o faria se estivesse em Portugal, pois que elle, e todo o seu Reino estava á disposição do nosso Rei. Com isto determinou logo o Capitão mór mandar a terra as cartas com o presente que ElRei de Portugal lhe remettia, e era huma sella rica, hum par de cabeçadas com seu esmalte, hum par de estribos com humas esporas tudo de prata esmaltado e dourado, com seu peitoral irmão para a dita sella, e todas as corrêas e mais jaezes de carmezim muito ricos; e hum cabrestilho de fio de ouro tambem para hum cavallo: duas almofadas de brocado, e outras duas de veludo carmezim; hum tapete fino, hum pano de Arraz, e dous cortes de pano escarlate; huma peça de setim carmezim, e outra de tafetá da mesma côr; o que tudo em Portugal valeria mil ducados; e tiverão conselho de que Aires Corrêa, que hia por Feitor mór, lhe levasse aquelles presentes, pelo que foi a terra com as cartas, e com elle muitas pessoas das principaes, com os seus trombetas: e igualmente mandou ElRei todos os seus principaes a receber o Feitor mór. O seu palacio era junto da praia, e antes que os Portuguezes chegassem a elle, lhes vierão ao encontro muitas mulheres com perfumadores cheos de brazas, deitando-lhes tantos profumes, que toda a terra estava embalsamada; e assim entrárão aonde o Rei estava assentado em huma cadeira, accompanhado de muitos Mouros dos principaes, o qual mostrou muito prazer com o presente e a carta, que de huma parte era escrita em Portuguez e da outra em Arabigo; e tanto que a leo, fallou áquelles Mouros, que fizerão muita festa entre si, e todos a hum tempo derão hum grande grito no meio da sala, dando graças a Deos em ter por amigo hum tão grande Rei e Senhor como era ElRei de Portugal: depois disto, mandou vir alguns panos, e sedas e as repartio por aquelles que tinhão trazido o presente, e disse a Aires Corrêa, que lhe rogava ficasse em terra em quanto a Armada não partia, porque sentia grande contentamento em fallar com elle; Aires Corrêa lhe respondeo

que

que não podia sem licença do Capitão mór, e assim ElRei lhe expedio hum cunhado com (*a*) hum anel seu a rogar-lhe deixasse ficar Aires Corrêa, e que mandasse a terra por tudo quanto lhe fosse necessario, tanto para agoada como para o mais. Pedro Alvares foi disso contente, e ElRei mandou logo dar a Aires Corrêa hum muito bom alojamento, com todas as cousas que lhe havião ser necessarias, como carneiros, gallinhas, arrôz, leite, manteiga, tamaras, mel, e fructos de toda a especie, salvo pão que elles não comem; e assim esteve em terra tres dias, fallando-lhe ElRei a todo o instante a respeito do de Portugal, e das cousas Portuguezas, dizendo-lhe que teria grande satisfação em vêr-se com o Capitão mór. Aires Corrêa féz tanto com elle, que o resolveo a isso, e logo o mandou dizer a Pedro Alvares, o qual se fez prestes com os seus bateis deixando as náos em bom recado: o em que elle hia era coberto de seda, e levava a gente secretamente armada por baixo das suas vestes de gram e panos finos: ElRei mandou igualmente apparelhar dous bateis dos seus tambem com toldos, e com a gente mais luzida, e fez ajaezar hum cavallo ao modo de Portugal mas os seus não o souberão fazer, tanto que forão os nossos que o arreárão; depois desceo por huma escada, e no fundo della estavão-o esperando todos os Mouros mais ricos e honrados, com hum carneiro, que degolárão apenas montou a cavallo: ElRei passou sobre elle, e toda a gente gritou muito e com grande vozaria; tendo este costume por ceremonia e feitiço. Fallárão depois ambos hum grande espaço, até que o Capitão mór disse, que desejava partir; mas que tinha necessidade de hum Piloto que o conduzisse a Calicut: ElRei lhe respondeo, que lho mandaria dar; e assim se despedírão hum do outro. Logo que ElRei chegou a terra mandou Aires Corrêa para a náo com muitas carnes, e frutas para o Capitão, e igualmente hum Piloto Guzarate d'aquellas náos de Cambaya que estavão no porto. O Capitão mór deixou alli dous homens Portuguezes que hião degradados, para ficar hum delles em Melinde, e o outro hir com a náo de Cambaya; e no dia seguinte, que se contavão sete de Agosto, fizemo-nos á véla, e começámos a atravessar o golfo para Calicut.

CA-

(*a*) Este anel era, como diz Barros o salvo conducto que lhe enviava.

CAPITULO VI.

Da Cidade chamada Magadaxo; da Ilha Julfar, e Ormuz, e da mui fertil e pingue Provincia de Cambaya.

DEixámos atraz em toda esta travéssa a costa de Melinde, e huma Cidade de Mouros que se chama Magadaxo muito rica e formosa; mais adiante está huma Ilha grandissima, com outra Cidade tambem muito bella e grande, cercada de muro; chama-se esta Ilha Socotora, e caminhando mais avante pela costa está a embocadura do estreito de Meca, que terá obra de legoa e meia de largo, e dentro delle jaz o mar roixo, a Casa de Meca, e a de Santa Catharina do monte Sinay, por onde levão as especiarias e joias ao Cairo e Alexandria, atravessando hum dezerto em dromedarios, que são huma especie de camelos corredores: deste mar se poderião contar muitas cousas que passo em silencio. Da outra banda do Estreito está o mar da Persia, no qual ha grandissimas Provincias e Reinos sugeitos ao Grão Sultão de Babilonia; no meio deste mar ha huma Ilha pequena chamada Julfar, na qual se pescão muitas e bellissimas pérolas; ha tambem outra Ilha na sua embocadura chamada Ormuz, que he de Mouros, e tem hum Rei que tambem o he de Julfar. Em Ormuz ha optimos cavallos que se levão a vender por toda a India, e tem hum grande valor, e em todas estas terras ha hum grande trafico de navios. Passado este mar da Persia achase huma Provincia chamada Cambaya, a qual tem o seu Rei, que he muito poderoso e forte; esta terra he mais frutifera e pingue, que nenhuma outra do Mundo: nella se acha muito trigo, cevada, arrôz, cêra, e açucar, produz tambem encenso, e fabricão-se nella muitos panos de seda e algodão, e tem muitos cavallos e elefantes: o Rei foi idolatra, mas fez-se depois Mouro por causa dos muitos de que abunda o seu Reino; porém entre os naturaes ainda ha bastantes idolatras. Achão-se allí grandes mercadores, os quaes por huma parte contratão com os Arabes, e pela outra com a India, que começa propriamente aqui, e correm estes mercadores toda esta costa até ao Reino de Calicut, e por toda ella ha grandes e bellissimas Provincias e Reinos de Mouros e de Idolatras. Deve advertir-se que tudo o que neste Capitulo deixo escrito foi observado por nós.

CA-

CAPITULO VII.

De huma Ilha chamada Anchediva.

CHegámos á vista da India aos vinte e dous de Agosto, e a primeira terra que vimos foi a do Reino de Goga: assim que o reconhecemos, fomos ao longo delle até chegar a huma Ilha pequena chamada Anchediva, a qual he de hum Mouro; tem no meio hum grande lago de agoa doce, e he despovoada; d'alli á terra firme são duas milhas: foi n'outro tempo habitada por Gentios, mas porque os Mouros de Meca fazem este caminho para hir a Calicut, e alli se demorão pela necessidade de agoa, e lenhas, por isso se despovoou mais. Tanto que alli chegámos, descemos a terra, e estivemos bons quinze dias a tomar as ditas provisões; aguardando entre tanto se vinhão as náos de Meca, que queriamos aprezar, se nos fosse possivel; e durante este tempo a gente da terra vinha a bordo, e nos trazia muitas noticias, recebendo-a o Capitão mór com muito festejo. Ha em esta Ilha huma especie de Ermida na qual, nos dias que alli estivemos, se celebrárão muitas Missas pelos Padres, que levavamos para ficarem com o Feitor de Calicut; e assim nos confessámos e commungámos todos, e depois de tomada a agoa e lenha precisa, vendo que as náos dos Mouros não acabavão de chegar, partimos para Calicut, que dista daqui setenta legoas.

CAPITULO VIII.

Como chegámos a Calicut, e o Capitão mór sahio a terra a fallar com ElRei.

CHegámos a Calicut aos treze de Setembro, e a huma legoa de distancia da Cidade, sahio a receber-nos huma frota de bateis, em que vinha o Governador, e hum mercador Guzarate muito rico e principal; os quaes entrárão na Capitania, dizendo como ElRei tinha grande prazer com a nossa vinda, e que assim lançassemos as ancoras diante da Cidade. Principiámos logo a desparar a nossa artilharia, do que elles se maravilhárão grandemente, dizendo que contra nós ninguem tinha poder senão Deos; e assim estivemos toda aquella noute: no dia seguinte pela

la manhá determinou Pedro Alvares mandar a terra os Indios, que trouxeramos comnosco de Portugal que erão sinco, a saber hum Mouro que entre nós se tinha feito Christão, e quatro pescadores Gentios, e enviou-os todos muito bem vestidos á Cidade, para fallar com ElRei, e dizer-lhe a causa porque alli eramos chegados; e que lhe pediamos hum salvo-conducto para podermos sahir em terra. O Mouro fallou com ElRei, porque os outros que erão pescadores não se atrevião a chegar a elle, nem mesmo o podérão vêr, tendo esta ceremonia por estado e grandeza Real, como ao diante se dirá. O Rei mandou o salvo-conducto, dizendo que qualquer de nós podia sahir em terra: o que visto pelo Capitão mór fez desembarcar logo Affonso Furtado com hum Interprete, que sabia fallar Arabigo, o qual devia dizer a ElRei como estas náos erão de ElRei de Portugal, que as mandava a esta Cidade para tratar de Paz, e trafico de mercancias; e que para fazer isto era necessario, que sahisse a terra o Capitão mór, o qual levava em o seu regimento de não desembarcar em parte alguma, sem primeiro ter hum penhor pela sua pessoa; e que assim lhe houvesse de mandar para as náos aquelles homens que Affonso Furtado lhe indicasse. ElRei ouvida a dita embaixada, recusou hum pouco; dizendo que os refens que lhe pedião erão muito velhos, e anciáos; e que não podião ficar no mar; mas que elle lhe daria outros. Affonso Furtado lhe tornou, qne não havia de tomar senão aquelles, que lhe pedia pela memoria que o Capitão mór lhe tinha dado, que era a mesma que lhe entregára ElRei de Portugal. O Rei se maravilhou bastante com isto e esteve em duvidas dous ou tres dias, até que finalmente se resolveo a mandallos. Recebendo Pedro Alvares este aviso aprontou-se para sahir em terra, e ficar alli dous ou tres dias levando comsigo trinta homens dos mais honrados, e assim se pôz pronto com todos os seus officiaes e creados, como podia convir a hum Principe, e levou toda a prata que havia em as náos, das quaes deixou por Capitão mór Sancho de Tovar, com o encargo de fazer honra e agazalho áquelles homens da terra, que ficavão em penhor. No dia seguinte veio ElRei a huma casa, que tinha junto á marinha, e dahi mandou os refens para as náos, a saber sinco homens muito principaes, e cem outros de espada e adarga, que os acompanhavão com vinte e sinco ou trin-

ta tangedores: o Capitão mór sahio da náo em os seus bateis, depois de ter mandado para terra tudo o que lhe parecêra necessario, e sahindo na praia vierão tambem os sinco homens da Cidade, que não quizerão entrar na náo, sem que elle desembarcasse; e sobre isto estiverão em questão hum grande espaço, até que Aires Corrêa subio a hum seu Zambuco, e tanto fez que entrárão nella. Logo que Pedro Alvares sahio em terra vierão recebello muitos Gentis-homens, que o tomárão nos braços como igualmente toda a sua comitiva; por tal maneira que não tocárão com os pés em terra até que chegárão perante o Rei, o qual estava pelo modo que ao diante se dirá.

CAPITULO IX.

Da grande magnificencia, e pompa de ElRei de Calicut; e do presente que lhe fez o Capitão mór em nome de ElRei de Portugal.

ESTava ElRei em huma casa alta, assentado em hum estrado com duas ou tres almofadas de seda debaixo do braço; a coberta deste estrado era de seda côr de purpura; estava nú da cintura para cima, e dalli para baixo envolvido em hum pano de seda e algodão muito subtil e branco, e com muita roda, todo lavrado de ouro. Tinha na cabeça hum barrete de brocado, feito a modo de capacete comprido, e muito alto: as suas orelhas erão furadas e dellas pendião grandes brincos d'ouro, com rubins de muito preço, diamantes, e duas pérolas muito grandes, huma redonda, outra do feitio de huma pera, e maior que huma grande avelã: tinha tambem nos braços do cotovello para cima braceletes d'ouro adornados de ricas joias, e pérolas de grande valor: as pernas estavão igualmente adornadas, e em hum dedo do pé tinha hum anel de hum rubim ou carbunculo de grande fogo e estima. Os dedos das mãos estavão tambem cubertos de joias, como rubins, esmeraldas, e diamantes; e entre estes hum do tamanho de huma fava grande: tinha dous cintos de ouro cheos de rubins, de modo que não havia preço que pagasse as riquezas que o adornavão. Ao seu lado estava huma grande cadeira toda de prata, salvo o lugar aonde encostava os braços, que era de ouro, e as suas costas engastadas de joias e pedras preciosas. Havia nesta casa hu-

huma especie de andor, em o qual tinha vindo do palacio aonde costumava residir habitualmente; este andor he levado por homens infinitamente ricos, e junto a elle tocavão de quinze a vinte trombetas de prata, e tres de ouro, huma das quaes era de grandeza e pezo tal, que custava a dous homens a levalla; as bocas destas tres tinhão cravados muitos rubins. Tinha tambem junto de si quatro vasos de prata, muitos de bronze dourado, e bastantes candieiros de latão grandes e cheos de azeite com pavios sempre accesos; a pesar de não ser necessario para a claridade, mas sómente para grandeza. Estava tambem alli hum seu parente com sinco pagens em pé, e igualmente dous Irmãos seus cobertos de infinitas riquezas; e muitos outros Gentis-homens, que estavão mais desviados, mas tambem muito ricos ao modo do Rei. Quando o Capitão mór entrou, quiz hir direito beijar-lhe a mão; porém accenarão lhe para que parasse, por não ser costume entre elles avisinharse-lhe ninguem, e assim o fez. ElRei fello sentar por maior honra, e Pedro Alvares lhe começou a dar a sua embaixada, e lhe fez lêr a carta de ElRei de Portugal, que era escrita em lingoa Arabiga, e logo mandou pelo presente, que se compunha do seguinte: huma bacia de prata para as mãos lavrada de bastiões todos dourados, e muito grande; hum gomil dourado com a sua tampa tambem de bastiões; huma taça grande de prata lavrada pelo dito modo; duas maças de prata com as suas cadêas do mesmo metal para os maceiros, e quatro almofadas grandes, duas de brocado e duas de veludo carmezim: demais disto hum docel de brocado com franjas de ouro e carmezim, hum tapete grande, e dous panos de Arraz muito ricos, hum de figuras, e outro de verdura. Quando ElRei houve recebido este presente juntamente com a carta, e a embaixada, mostrou-se muito alegre, e disse ao Capitão mór que se podia retirar para aquella casa que elle lhe tinha mandado preparar, e que fizesse vir os homens que dera em refens, porque erão de qualidade, e não podião comer, beber, nem dormir no mar; e que se elle queria hir para as náos que fosse, pois no dia seguinte tornaria a mandar-lhos, e elle voltaria a terra, para tratar do que lhe fosse necessario.

CAPITULO X.

Como tornando o Capitão mór para as náos, se deitárão ao mar os que estavão em refens; e dous delles forão retidos; dos inconvenientes que daqui provierão, e como Aires Corrêa concluio com ElRei o acordo que pertendia.

VOltou Pedro Alvares para as náos, e deixou em terra Affonso Furtado com sete ou outo homens, para cuidarem no que tinha em casa. Apenas elle partio da praia, logo hum Zambuco dos de Calicut lhe foi adiante até ás náos, para dizer aos que estavão em refens, como o Capitão mór voltava; assim que elles ouvírão isto immediamente se lançárão ao mar; e logo Aires Corrêa Feitor mór se metteo em hum batel, e tomou dous dos principaes, com dous ou tres dos seus familiares que os tinhão acompanhado, porém todos os outros fugírão a nado para terra. Neste instante chegou o Capitão mór á náo, e mandou pôr os dous prisioneiros debaixo da coberta, fazendo dizer ao Rei, que quando elle chegára tinha achado aquella desordem, que hum Escrivão da sua terra tinha causado (*a*); e que elle mandára depois reter aquelles dous, por terem ficado em terra muitos homens dos seus,

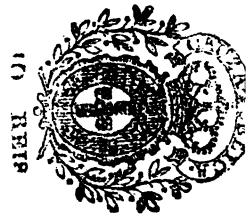
(*a*) Ainda que esta passagem tenha alguma diversidade do que diz Barros he perfeitamente semelhante ao que escreve Castanheda: eis-aqui as suas palavras, que servirão de aclarar o que diz o nosso Author. » Em quanto Pedralvares esteve fallando com El-» Rei de Calicut desejando os Mouros de haver revolta entrelle, » porque não houvesse effeito ho trato que Pedralvares queria as-» sentar em Calicut: fizerão com hum Escrivão da fazenda de El-» Rei que fosse á frota pedir-os arrefens da parte de Pedralvares; » e Aires Corrêa não os quiz dar, porque elle deixou dito que » posto que lhos pedissem da sua parte que lhos não desse. E » estando nesta pratica o Escrivão do mar em huma almadia: e » Aires Corrêa do bordo da náo os arrefens pelo que lhe o Es-» crivão disse lançarão-se ao mar para se acolherem na alma-» dia . . . . E em Pedralvares sahindo do çarame soube o que » passava por hum Portuguez, e com agastamento que trazia del-» Rei; e com o que isto lhe deo não teve acordo para reco-» lher o fato que tinha na sua pouzada, nem Affonso Furtado » com sete Portuguezes, &c.

seus, e igualmente muita fazenda; que assim Sua Alteza lhe enviasse tudo e elle lhe entregaria logo os que tinha retido, que entre tanto erão muito bem tratados. Com esta embaixada partirão dous Italianos daquelles que tinhamos tomado (*a*), e toda aquella noute esteve o Capitão mór esperando a resposta; no dia seguinte veio o Rei á praia com mais de dez ou doze mil homens, e os nossos que tinhão ficado em terra forão prezos, a fim de serem mandados á Armada e trocados por aquelles; que o Capitão mór tinha retido. Estando as cousas nestes termos vierão vinte ou trinta almadias, e sahirão os nossos bateis para effeituar a dita troca, mas nem as almadias tiverão animo de chegar-se aos nossos bateis, nem estes a ellas; e assim estiverão todo aquelle dia sem se fazer cousa alguma; e como voltárão outra vez para terra com os nossos, principiárão a fazer-lhes grande descortezia metendo-lhes medo, e dizendo-lhes que os querião matar: os nossos estiverão toda aquella noute em grande tribulação, e no dia seguinte tornou ElRei a mandar dizer a Pedro Alvares, que lhe mandaria os Portuguezes e sua fazenda nas almadias totalmente desarmados, e que do mesmo modo mandasse elle os seus bateis. Pedro Alvares logo lhos mandou, e com elles Sancho de Tovar segundo Capitão, e chegando aonde estavão as almadias principiárão a receber todos os trastes de prata e tudo o mais que tinhão em terra (de modo que não restava já senão hum almofreixe ou mála aonde estava o leito com os seus preparos) e igualmente quasi todos os homens: senão quando hum daquelles Gentis homens, que estavão nos nossos bateis, e que Sancho de Tovar tinha pelo braço se deitou ao mar, o que visto pelos nossos que estavão em algumas das almadias, principiárão a ensoberbecer-se e indignar-se de modo, que deitárão á agoa os Mouros das almadias apoderando-se dellas. Nos nossos bateis ficou hum velho Gentil-homem que estava em penhor; e dous rapazes Portuguezes que não podérão escapar se, ficárão nas suas almadias. No dia seguinte, condoendo-se Pedro Alvares daquelle Velho, que havia já trez dias, que não tinha comido; o mandou pa-

(*a*) Aonde se tinhão tomado estes Italianos? he o que o Author não declara. Na traducção de Grineo diz-se = partírão dous daquelles, que tinhamos tomado nas almadias. = Parece por conseguinte erro da Impressão e que em ves de Italianos se devia escrever Indianos.

para terra, e lhe deo todas as armas, que tinhão ficado na náo, pertencentes aos que se havião lançado ao mar, com hum recado para que ElRei lhe mandasse os dous moços, o que elle fez. Passado isto estivemos tres ou quatro dias, sem que ninguem fosse a terra, nem viesse ás náos, e tendo Pedro Alvares conselho com os outros Capitães sobre o que devião fazer; disse o Feitor mór que se algũem de Calicut lhe mandasse dous homens para segurança, elle estava pronto para hir a terra: a todos pareceo bem esta resolução, mas não sabião se haveria quem quizesse levar a embaixada, e logo hum Cavalheiro chamado Francisco Corrêa, disse que elle estava pronto, e partindo immediatamente representou a ElRei como Aires Corrêa Feitor mór, ordenava de hir a terra a firmar o contrato com S. Alteza; e que assim lhe mandasse por penhor dous mercadores, que elle lhe nomeava, hum dos quaes era Guzarate muito rico. Este Mouro, que estava presente, respondeo que entregaria em seu lugar dous netos seus: com o que ElRei se mostrou muito satisfeito. No outro dia mandárão esta resposta ao Capitão mór e os refens juntamente; e assim Aires Corrêa partio para terra levando comsigo ouro ou dez homens. Naquella noute veio dormir á náo, e no dia seguinte tornou novamente para terra a effeituar quanto estava determinado, ficando todavia os penhores na náo. ElRei mandou que se lhe désse a melhor casa da terra, que era a de hum Mouro Guzarate, a quem cometeo o cargo de ensinar ao Feitor os costumes e trato do paiz, e assim Aires Corrêa principiou a negocear e vender as suas mercadorias. O Interprete que fallava por nós era Arabe, de modo que não se podia fallar ao Rei, sem se meterem Mouros de permeio, que são huma gente má e muito nossa contraria; que a todo o instante usavão de embustes, e nos prohibião que mandassemos ninguem ás náos. Quando o Capitão mór vio que todos os dias hião homens a terra, sem que nenhum voltasse, determinouse a partir e mandou dar á vela; e estando nós prezos em terra em huma casa guardada por muita gente, vimos como as náos se hião embora, e o Guzarate por respeito de seus netos, que tambem partião deo azo a Aires Corrêa para mandar hum rapaz em huma almadia a protestar ao Capitão mór por semelhante partida. Pedro Alvares voltou em razão disto para o porto, e Aires Corrêa principiou a tratar com ElRei, e se concluio depois de algumas

mas dilações o contrato, como elle queria; porque o Guzarate fazia para isso todas as diligencias por causa dos netos que tinha em penhor. ElRei encarregou hum Turco, grade mercador, de fazer todos os nossos negocios, e nos mandou sahir daquella casa para outra mais visinha á sua; e logo principiámos a vér algumas mercadorias de que comprámos parte; e assim estivemos dous mezes e meio antes que o dito tratado se acabasse de assentar; mas em fim ficou terminado com muito trabalho de Aires Corrêa, e dos que com elle estavão, e acabado elle tornamo-nos a mudar para huma casa junto ao mar, a qual tinha hum jardim grande, e nella arvorou o Feitor huma bandeira com as Armas Reaes. Deste contrato deo ElRei duas escrituras assignadas pela sua mão, huma das quaes era em huma lamina de cobre com o seu sello esculpido em latão, e esta devia ficar na Feitoria: a outra era de prata com o sello esculpido em ouro; e deviamo-la trazer comnosco para ElRei de Portugal. Feitas estas escrituras veio logo Aires Corrêa ás náos, e entregou a de sello de prata ao Capitão mòr, e levou para terra os homens que estavão em refens, e dahi para diante principiámos a fiar-nos tanto desta gente, que parecia que estavamos no nosso proprio paiz.



CAPITULO XI.

Como o Capitão mór a rogos d'ElRei, mandou huma sua caravella a combater com huma náo grande; e depois de aprezada entregou tanto a náo como o Capitão della ao mesmo Rei.

AConteceo hum dia apparecer naquellas paragens huma náo, que hia de hum para outro Reino, dentro da qual estavão sinco elefantes, hum delles muito formoso e de grande preço por ser prático na guerra. A náo que os trazia era muito possante e tinha muita gente de guerra: quando ElRei soube da sua chegada mandou rogar ao Capitão mór, que a mandasse aprezar, pois trazia hum elefante pelo qual tinha offerecido muito dinheiro, mas não lho tinhão querido vender. Pedro Alvares lhe mandou dizer que assim o faria; mas que a tripulação corria risco de ser morta, se não se quizesse render; ElRei o houve por bem, e fez hir hum Mouro comnosco, para ver como tomava-

mos

mos a náo, e para fallar com os que nella vinhão a fim de se entregarem. O Capitão mór mandou huma caravella de bombarda grossa, e bem armada, com sessenta ou setenta homens, a qual partio de noute direita á náo, sem a poder abordar; mas no dia seguinte cahio sobre ella gritando-lhe que se rendesse: os Mouros puzerão-se a rir, porque erão muitos, e a náo muito grande; e principiárão a atirar com frechas. Quando o Capitão da caravella vio isto, mandou disparar a artilharia, de modo que achando-se os da náo sem esperança, logo se rendêrão; e assim a levárão a Calicut com toda a gente. O Rei sahio á praia a vêllos, e o Comandante da caravella veio entregar-lhe o Capitão Mouro, e a sua preza; e o deixou muito maravilhado de ver como huma caravella tão pequena, e com tão pouca gente, tinha podido aprezar huma náo tão grande, na qual havia trezentos homens de batalha; assim recebeo a náo e os elefantes, com grande prazer e satisfação; e a caravella tornou a ajuntar-se á Esquadra (*a*).

CAPITULO XII.

Descripção da Cidade de Calicut, e dos uzos do Rei e do seu Povo.

A Cidade de Calicut he grande, e não tem muros que a cerquem; no seu interior tem muitos lugares vasios, e as casas affastadas humas das outras; são de pedra e cal, chapeadas de relevos, e em cima cobertas de folhas de palmeira; as portas são grandes, e os portaes muito bem trabalhados; em torno das casas ha hum muro, dentro do qual estão muitas arvores, e lagos de agoa, em que se lavão, como tambem poços de donde bebem. Pela Cidade ha outros lagos grandes, aonde o povo miudo vem lavarse; e he isto preciso, porque cada dia lavão duas ou tres vezes o corpo todo. O Rei he Idolatra, ainda que alguns pensárão, que era Christão; mas procede isto de não terem

(*a*) O facto que se narra neste Capitulo vem com bastante differença em Barros e Castanheda, principalmente no primeiro, tanto a respeito dos motivos que fizerão tomar a náo, como do modo porque foi tomada. Os Leitores podem consultar estes Historiadores, pois os lugares são bastante extensos para os transcrevermos.

rem sabido tanto dos seus uzos, como nós, que temos negociado bastante em Calicut. O Rei actual chama-se *Glafer*, e todos os seus Gentis-homens, e gente que o seve são homens pardos como os Mouros, mas bem dispostos. Andão nús da cintura para cima, e trazem á roda de si panos finos de algodão brancos e de outras cores; não uzão de calçado nem de barretes, salvo os grandes Senhores que os trazem de veludo e brocado, e alguns delles são muito altos. Tem as orelhas furadas, e nellas põem muitas joias, e braceletes de ouro em os braços. Estes Gentis-homens trazem espada e adraga, e as espadas nuas; são mais largas na ponta do que no resto, e as adargas redondas, como rodelas de Italia; muito leves, e de côr negra ou vermelha; e são os maiores jogadores, que ha de espada e rodela, não se empregando quasi noutra cousa; e havendo innumeraveis homens destes na Corte. Casão com huma só mulher, e convidão sinco ou seis dos seus maiores amigos, para dormirem com ella; de modo que entre elles não ha honestidade, nem vergonha, e assim as raparigas quando tem outo annos principião a prostituir-se. Estas mulheres andão nuas assim como os homens, e trazem sobre si muita riqueza e os cabellos muito bem pintados; são muito luxuriosas, e pedem aos homens que lhe tirem a virgindade; porque em quanto estão virgens não achão marido. Estes povos comem duas vezes ao dia, porém não usão de pão, vinho, carne, ou peixe; mas sim de arroz, manteiga, leite, açucar e frutas. Lavão-se antes de comer, e depois de lavados, se algum que o não estivesse, lhes tocasse, não comerião sem se tornar a lavar; de modo que fazem nisto grande ceremonia. Tanto homens como mulheres trazem todo o dia na boca huma folha de betele, que tem a propriedade de a fazer vermelha, e os dentes negros: os que não fazem isto são homens de baixa extracção. Quando algum morre, os que devem trazer luto tingem os dentes de preto, e não comem desta folha durante alguns mezes.

CAPITULO XIII.

Como os Sacerdotes chamados Bramanes tratão carnalmente com as mulheres do Rei para honrallo, e da grande reverencia que o Povo tem ao seu Rei.

O Rei tem duas mulheres, e cada huma dellas he accompanhada por dez Sacerdotes, a que chamão Bramanes, cada hum dos quaes dorme com ellas para o honrar. Por esta causa não herdão os filhos o Reino, mas sim os sobrinhos, filhos da irmã. Habitão no palacio mais de mil a mil e quinhentas mulheres, para maior magnificencia e estado; e a sua occupação he de varrer, limpar, e agoar as casas por onde ElRei quer andar, com agoa misturada com bosta de vacca. Os quartos do palacio são muito grandes, e tem nelles muitas fontes de agoa em que se lava; quando sahe fôra vai em hum andor muito rico que levão dous homens, e vão com elle muitos tangedores de instrumentos, e muitos Gentis-homens com espadas e rodelas, e muitos archeiros; e adiante de tudo os seus guardas, e porteiros: vai ElRei coberto com hum docel, de sorte que lhe fazem mais honra do que a nenhum outro Rei do Mundo, porque ninguem se avisinha a elle senão na distancia de tres ou quatro passos; e se lhe querem dar alguma cousa he em hum ramo para o não tocarem: quando lhe fallão he sempre com a cabeça baixa, e a mão diante da boca, e nenhum Gentil-homem lhe apparece sem espada e rodela; quando fazem cortezia põem a mão sobre a cabeça, e nenhum official, nem homem de baixa extracção se atreve a ver o Rei, nem a fallar com elle, especialmente os pescadores; de tal sorte que se hum Gentil-homem viesse por hum caminho, e dous pescadores lhe sahissem ao encontro; ou fugirião, ou receberião muitas bastonadas. Estes principaes quando morre o Rei, ou suas mulheres, queimão o corpo com madeira de sandalo pelo honrar: a gente de baixa condição he enterrada, e cobrem-lhe com cinza a cabeça e as costas: trazem sempre a barba comprida.

CA-

CAPITULO XIV.

De huma casta de mercadores Guzarates, e dos seus uzos.

OS Guzarates são grandes musicos, e escriváes: escrevem em huma folha de palmeira, com huma pena de ferro sem tinta: são grandes mercadores, e naturaes de huma Provincia chamada Cambaya. Estes e os naturaes são Idolatras, e adorão o Sol, a Lua e as vaccas; de sorte que se alguem matasse huma, seria logo morto. Estes Guzarates não comem cousa alguma, que padeça morte, nem igualmente pão; nem bebem vinho, e se alguma criança das suas come carne, deitão-a fóra a pedir esmóla pelo mundo, ainda que descendesse, ou fosse filho de hum senhor grande, ou de hum mercador rico. Crem nos encantamentos e nos adevinhos, são mais brancos que os naturaes de Calicut, trazem os cabellos da cabeça e barba muito compridos; os seus vestidos são de algodão fino, uzão dos cabellos ornados e enlaçados como mulheres: trazem çapatos, e casão com huma só mulher como nós, são muito ciosos, e as mulheres muito bellas e castas; commerceão em panos, sedas e joias.

CAPITULO XV.

De outra casta de mercadores chamados Zetires, e dos seus uzos.

HA tambem outros mercadores de outra Provincia, chamados Zetires, os quaes são Idolatras, e grandes contratadores de joias, de pérolas, de ouro, e de prata. São mais negros, andão nus, e trazem toucados mais pequenos, e os cabellos metidos por baixo em huma especie de bolsas compridas, que parecem caudas de boi, ou de cavallo. Estes homens são os maiores encantadores do mundo, fallão todos os dias invisivelmente com o Demonio; e as suas mulheres são muito luxuriosas. Nesta Cidade ha tambem Mouros de Meca, de Turquia, de Babilonia, de Persia, e de muitas outras Provincias. São mercadores grandes e ricos, que tem de todas as mercancias, que aqui vão; isto he, joias de muitas qualidades, sedas de ouro e prata muito ricas, almiscar, am-

bar, beijoim, encenso, páo aloes, ruibarbo, porçolana, cravo da India, canella, páo Brazil, sandalo, laca, noz noscada e massa (*a*), o que tudo vem de fóra: além da gengibre, pimenta, tamarindos, mirobalanos, e cassiafistula, que nascem mesmo em Calicut, juntamente com alguma canella silvestre. Estes Mouros são tão poderosos e ricos, que quasi são os que governão em todo Calicut.

CAPITULO XVI.

Do Rei de Narsinga, e do grande numero de mulheres que tem, e como por sua morte todas ellas se queimão vivas: dos seus elefantes; do tempo em que tem o Verão e e o Inverno, e em que mezes partem os navios de Meca com as especiarias.

NAs montanhas deste paiz ha hum Rei muito grande e poderoso, com o titulo de Rei de Narsinga; cujos Povos são Idolatras: tem elle duzentas ou trezentas mulheres, e no dia em que morre queimão o seu corpo, e todas estas mulheres juntamente. Por igual maneira todas as pessoas casadas, quando morrem fazem-lhe huma grande cova, em que as queimão; as suas viuvas vestem-se o mais ricamente que podem, e accompannadas de todos os seus parentes, com muitos instrumentos e folias vão á cova, e bailando á roda della como caranguejo, se deixão cahir dentro estando a cova chea de fogo. Os parentes estão com muita attenção, e apparelhados com panellas de azeite e manteiga, e tão depressa cahem dentro com o lhas deitão em cima para se abrazarem com mais brevidade. Ha neste Reino muitos cavallos e elefantes, com que fazem guerra, e tem-os tão bem ensinados, que não lhe falta nada senão fallar; e entendem tudo como se fossem gente, segundo vimos em Calicut. Os elefantes que tem o Rei, e em que elle cavalga, são os mais robustos e ferozes animaes do mundo; por modo que dous delles, arrastão huma náo para terra. As náos não navegão aqui senão em Outubro e Novembro, até o fim de Março; nestes mezes he o seu Verão e nos outros o Inverno, durante

(*a*) Massa chama se a pelle que cobre a noz nuscada, he de côr vermelha e muito mais estimada do que a mesma noz, pois vale o tresdobro. Veja-se Garcia de Orta *Colloquios dos Simp. Colloq.* 32.

te o qual tem as náos em terra. No mez de Novembro partem de Calicut estas náos de Meca carregadas de especiarias, que levão a Zeide que he porto de Meca, e dalli por terra ao Cairo para Alexandria.

Havendo já tres mezes que estavamos em terra com o tratado assentado, e duas das nossas náos carregadas; mandou o Capitão mór hum dia dizer a ElRei, que já era passante de tres mezes que alli estavamos, e que não havia ainda carregadas senão duas náos; que os Mouros lhe escondião as mercadorias, as quaes as náos de Meca carregavão occultamente; pelo que elle lhe fizesse dar melhor despacho, pois a monção estava proxima. ElRei lhe respondeo que aprontaria todas as mercadorias que quizesse, e que nenhuma náo de Mouros carregaria em quanto as nossas não estivessem carregadas; mas se alguma contraviesse esta ordem, o Capitão mór a poderia tomar para examinar se continhão especiarias, que elle lhe faria dar pelo mesmo preço, que os Mouros as tivessem comprado.

CAPITULO XVII.

Como os Portuguezes forão assaltados de improviso pelos Mouros, e por elles combatidos, e como foi morto Aires Corrêa Feitor d'ElRei.

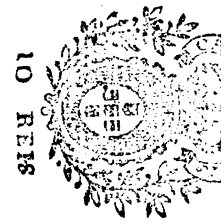
AOs dezaseis de Dezembro, estando Aires Corrêa fazendo contas com os Feitores das duas náos carregadas: fez-se á véla huma náo de Mouros chea de especiarias, a qual Pedro Alvares apprisionou. O Capitão della, e os mais principaes sahírão em terra, e fizerão grandes lamentos e rumores, de modo que todos os Mouros se juntárão, e forão fallar a ElRei, dizendo-lhe que nós tinhamos ajuntado em terra mais riquezas, do que levavamos para o seu Reino, e eramos ladrões e roubadores, que andavamos pelo mundo: e tendo aprizionado aquella náo em o seu proprio porto, que se podia esperar que fizessemos dalli por diante? que assim elles se obrigavão a matarnos todos, e Sua Alteza roubaria a casa da Feitoria. ElRei como homem avaro disse logo que assim se fizesse, e em quanto nós, que náo sabiamos nada do que se urdia, andavamos alguns pela terra tratando dos nossos negocios, de repente vimos vir todo o povo sobre nós, matando e ferindo: o que tendo sido participado aos da Feito-

toria sahírão logo em seu socorro, de modo que nesta praia matámos sete ou outo, e elles dous ou tres dos nossos. Eramos cousa de setenta homens de espada e capa, e elles hum numero infinito com lanças, espadas, rodelas, arcos, e frechas; e apertarão-nos de modo, que foi necessario refugiar-mo-nos na casa da Feitoria: mas não o fizemos tanto a salvo, que sinco ou seis não ficassemos feridos; e assim fechámos a porta com muito trabalho. Os Mouros combatião por todos os lados a casa, que era cercada de hum muro da altura de hum homem a cavallo; achavamo-nos nós com sete ou outo béstas, com que matámos hum montão de gente; mas nisto tendo-se ajuntado mais de tres mil homens de peleja, içámos huma bandeira para que nos mandassem socorro das náos. Immediatamente vierão os bateis até junto da praia, e dalli atirárão com as suas bombardas, mas não podião fazer mal algum. Os Mouros principiárão a arrombar as paredes da casa, de modo que no espaço de meia hora a deitárão toda por terra, ao som de trombetas e atabales, com grande vozaria, e muito prazer d'ElRei; o que podemos conhecer por causa de hum pagem seu, que aqui vimos. Vendo Aires Corrêa, que não tinhamos remedio algum em resistir, porque havia já duas horas que combatiamos, tão asperamente que nos não podiamos sustentar; determinou que nos acolhessemos á praia, rompendo por meio delles, para ver se nos podiamos salvar em os bateis, e assim o fizemos; chegando a maior parte dos nossos até meter-se na agoa, sem que os bateis ouzassem avisinhar-se para recebellos; e assim por falta de socorro matárão Aires Corrêa, e com elle sincoenta e tantos homens; e nós podémos escapar sendo por todos vinte pessoas, porém muito feridos, e entre estes fugio hum filho de Aires Corrêa de idade de onze annos: assim quasi affogados entrámos nos bateis cujo Capitão era Sancho de Tovar, porque Pedro Alvares estava doente, e chegámos ás náos. Quando o Capitão mor vio esta destruição, e máo recado mandou aprizionar dez náos de mouros, que estavão no porto, e fez matar toda a gente que nellas se achava, que serião de quinhentos a seiscentos homens; e achámos vinte ou trinta, que se havião escondido no fundo por baixo das mercadorias, e assim roubámos e saqueámos o que tinhão dentro; achando n'huma tres elefantes, que matámos e comemos. As náos depois de descarregadas forão todas quei-

queimadas: no dia seguinte chegárão a terra todas as nossas embarcações, e bombeárão a Cidade de maneira, que lhe matámos infinita gente e fizemos muito dano. Elles nos respondião com bombardas, mas com muita frouxidão; e estando nisto passárão duas náos ao largo, que hião para Pandarame, daqui sinco legoas de distancia, e vendonos forão varar em terra de companhia com outras sete náos grandes, que já ahi estavão em seco, e deitárão muita gente em terra, pelo que tambem as bombardeámos, e lhe matámos grande parte da matalotagem que ainda tinhão; mas não as podemos aprizionar por estarem muito em seco. Depois disto feito determinou Pedro Alvares hirmos a Cochim aonde carregámos as náos.

CAPITULO XVIII.

Como hindo para Cochim, Reino trinta legoas distante de Calicut, queimámos duas náos que vinhão carregadas daquelle Reino, e como ElRei de Cochim teve grande prazer com a nossa chegada.



PArtimos para Cochim distante trinta legoas de Calicut; he Reino diverso cujos Povos são Idolatras e uzão da mesma lingoagem; e seguindo a nossa derrota achámos duas náos de Calicut, carregadas de arroz; fomos direitos a ellas, e os Mouros fugírão para terra nos bateis e nos deixárão as náos; vendo o Capitão que não levavão mercadorias, as mandou queimar; e com isto chegámos a Cochim aos vinte e quatro de Dezembro, e lançámos ancora na embocadura de hum rio. Pedro Alvares mandou a terra hum pobre homem de nação Guzarate, que por sua vontade partíra de Calicut para vir a Portugal, o qual disse ao Rei quanto nos tinha succedido em Calicut, e que o Capitão lhe mandava pedir carga para as náos, em cuja troca lhe podia dar dinheiro e mercadorias. Respondeo-lhe ElRei que sentia muito ter-lhe sido feita tamanha injuria, e que tinha grande prazer em termos vindo á sua terra, pois bem sabia quão boa gente eramos, e que assim faria tudo quanto quizessemos. O Guzarate lhe tornou, que para a nossa gente hir a terra com segurança, precizava de algum penhor, o qual se dava homem por homem; que lhe mandasse algum dos seus, e logo os nossos desembarcarião. O Rei mandou logo dous homens

dos

dos principaes com outros mercadores, e algumas amostras de especiarias e os seus preços, com hum recado ao Capitão mór que fizesse tudo o que lhe agradasse: este mandou logo o Feitor a terra, com quatro ou sinco homens para fazer as compras, retendo todavia os outros para penhor, e tratando-os muito bem; trocavão-se porém todos os dias, porque todos os homens destes Paizes não comem no mar, e se por ventura comessem não poderião mais ver o Rei: aqui nos demorámos doze ou quinze dias carregando as náos.

CAPITULO XIX.

Como veio huma Armada de Calicut para combater os Portuguezes, e chegámos ao Reino de Cananor cujo Rei nos fez grandes offertas, e mandou logo dar a canella que nos faltava para completar a carga.

ALgum tanto affastado de Cochim está hum lugar chamado Carangolor, aonde ha Christáos, Judeos, Mouros, e Cafres; e neste lugar achámos huma Judia de Sevilha, a qual veio pela via do Cairo, e de Meca; e aqui vierão tambem ter comnosco dous outros Christáos, os quaes dizião, que querião passar a Roma, e dahi a Jerusalem. O Capitão mór teve grande prazer com estes dous homens, e estando as náos já quasi carregadas, veio de Calicut huma Armada de outenta ou outenta e sinco vélas, entre as quaes vinte e sinco muito grandes. Como o Rei teve esta noticia, mandou logo dizer ao Capitão mór, que se queria combater elle lhe mandaria náos e gente: Pedro Alvares respondeo-lhe que não era necessario; e a Armada inimiga por ser já noute surgio distante de nós cousa de legoa e meia. O Capitão mór assim que escureceo de todo mandou dar á véla, levando comsigo os homens que tinha em penhor; porém o vento acalmou de todo: no dia seguinte, que erão dez de Janeiro de mil quinhentos e hum, podemos adiantar-nos para elles e elles para nós, de modo que depressa nos ajuntámos. Estando Pedro Alvares determinado a combatellos, e na distancia de hum tiro de bombarda, reparou que Sancho de Tovar segundo Capitão com a sua náo, e outro navio tinhão ficado para traz; e vendo assim que não estavão em ordem resolveo com os outro Capitães tomar o rumo de

Por

Portugal, para onde tinhamos o vento em popa. A Armada de Calicut seguio-nos todo aquelle dia, e huma hora depois de noute, até a perdermos de vista: então o Capitão mór determinou partir para Portugal, deixando os seus sete homens com o Feitor em terra, e levando comsigo os dous de Cochim, os quaes principiámos a acariciar pedindo-lhes, que quizessem comer pois erão já tres dias passados sem terem tomado alimento algum; e com effeito comêrão com grande pena e paixão, e nós seguimos a nossa jornada. Aos quinze de Janeiro chegámos a hum Reino áquem de Calicut, chamado Cananor, que he de Cafres; e tem huma lingoagem quasi como a de Calicut, e passando por elle mandou ElRei dizer ao Capitão mór, que tinha grande desprazer em não abordarmos no seu Reino, e que assim lhe rogava lançassemos ferro, pois se não levassemos carga elle no-la daria. Vendo isto Pedro Alvares ferrou as vélas e mandou hum Guzarate a terra, a dizer-lhe que as náos estavão carregadas e não tinha necessidade senão de cem *bahares* de canella, que são quatrocentos quintaes, os quaes logo se lhe mandárão com muita brevidade; fiando-se ElRei muito de nós. O Capitão mór fez immediatamente pagar tudo, e foi depois trazida tanta que já não havia onde a meter. ElRei mandou dizer a Pedro Alvares que senão a tomava por não ter dinheiro, nem por isso deixasse de carregar á sua vontade, que na viagem seguinte lhe pagaria; porque bem tinha sabido, como ElRei de Calicut o tinha roubado, e quam boa gente nós eramos. O Capitão mór lhe agradeceo muito o recado e mostrou ao mensageiro ou embaixador, tres ou quatro mil cruzados, que ainda nos restavão; e assim mandando-lhe ElRei perguntar se queria mais alguma cousa, lhe respondeo que não, salvo que mandasse S. Alteza hum homem comnosco para ver as cousas de Portugal. ElRei mandou-lhe hum Gentil-homem; e os dous de Cochim, que tinhão ficado comnosco nas náos, escrevêrão ao seu Rei como vinhão para Portugal, e do mesmo modo o fez Pedro Alvares ao Feitor, que lá tinha ficado. Não nos demorámos aqui mais que hum dia, e principiámos a atravessar o golfo para Melinde; no ultimo de Janeiro estavamos no meio delle, e encontrando huma náo de Cambaya a aprizionámos julgando ser de Meca: vinha ella muito rica e carregada com mais de duzentos homens e mulheres: quando o Capitão mór vio que erão de Cambaya deixou-os se-

guir a sua viagem excepto hum Piloto que lhe tirou, e assim partírão elles pelo seu caminho, e nós pelo nosso.

CAPITULO XX.

Como a náo de Sancho de Tovar carregada de especiaria deo em seco, e se abrio de modo que não se salvou nada senão a gente em camiza.

AOs doze de Fevereiro quasi á boca da noute, todos os Pilotos e aquelles que tinhão cartas de navegar, dizião que estavamos juntos a terra; e Sancho de Tovar, que era Capitão de huma náo grande, disse que queria hir adiante de todos; mandou deitar fóra todo o pano, e se poz adiante das outras: pela volta da meia noute deo elle em seco e principiou a desparar a artelharia. Quando o Capitão mór vio isto mandou ferrar; mas o vento cresceo tanto pela noute adiante, que o não podiamos augoentar; logo que elle amainou, mandou Pedro Alvares os batéis á náo, com ordem de a salvar se podessem, e se náo, queimarem-na voltando com a gente. Neste tempo estava já a náo aberta, e posta em paragem donde não podia sahir; e o vento crescia tanto, que as outras estavão em grande perigo; de modo que foi necessario muito trabalho para salvar a gente em camiza, tudo o mais se perdeo. A náo era de duzentas toneladas, carregada de especiarias; e tendo ella ardido partimos dalli sómente em numero de sinco, e passámos por Melinde aonde não podemos entrar: depois viemos a Moçambique aonde fizemos agoada, tomámos lenhas e espalmámos as embarcações. Por ordem do Capitão mór partio dalli Sancho de Tovar em hum navio mais pequeno, com hum Piloto que tinhamos tomado, a fim de reconhecer a Ilha de Çofala; e nós depois de reparados, partimos em numero de quatro náos, e fomos dar a huma angra aonde fizemos huma grande pescaria de pargos, e partidos de lá tivemos huma tormenta, que nos fez voltar para traz em arvore seca, perdendo neste meio tempo huma náo de vista, por maneira que ficámos sómente tres.

CAPITULO XXI.

Como de toda a Armada que foi para Calicut voltárão a Portugal sómente seis náos; do paiz de Besenegue, e da Ilha de Çofala.

CHegámos ao Cabo de Boa Esperança dia de Pascoa de flores, e ahi achámos bom tempo, com o qual viajámos para diante e abordámos na primeira terra junta com Cabo verde, que se chama Besenegue aonde achámos tres navios (*a*), que ElRei de Portugal mandára para descobrir a terra nova, que nós tinhamos achado quando hiamos para Calicut. Estes nos derão noticias da náo que se tinha esgarrado quando hiamos para lá, a qual foi até á embocadura do estreito de Meca, e chegou a huma cidade aonde lhe tirárão o batel com toda a gente que tinha; e assim vinha a náo sómente com seis homens a maior parte doentes, e sómente com a agoa que podião ajuntar quando chovia. Partindo daqui chegámos a esta Cidade de Lisboa no fim de Julho: hum dia depois chegou a náo que perdemos de vista quando voltavamos, e igualmente Sancho de Tovar com a Caravella que foi a Çofala; que elle disse ser huma pequena Ilha na embocadura de hum rio; e que o ouro que alli vem, he de huma montanha aonde está a mina; he povoada de Mouros, e Gentios, que resgatão o dito ouro por outras mercadorias. Quando alli chegou Sancho de Tovar achou muitas náos de Mouros, e tomou hum destes para refens de hum Christão da Arabia que mandára a terra, e pelo qual esperou dous ou tres dias; passados os quaes vendo que elle náo voltava o deixou ficar vindo com o Mouro para Portugal; de modo que da Armada que foi a Calicut vierão seis náos, e todas as outras se perdêrão.

FIM.

(*a*) Veremos em o N.º seguinte que estes erão os navios, em que hia Americo Vespucio; nem Barros nem Castanheda fallão deste encontro, ou pelo terem ignorado, ou por não pertencer propriamente ao seu assumpto.

TABOADA DOS CAPITULOS.

CAPITULO I. *De como ElRei de Portugal mandou huma Armada de doze nãos, de que era Capitão mór Pedro Alvares; como dez destas nãos forão ter a Calicut, e as outras duas a Çofala que fica na mesma derrota, a fim de contratar em mercadorias: e de como descobrirão huma terra muito povoada de arvores e de gente.* - - - - - - - - - - - - - - Pag. 107.

CAP. II. *Como os homens daquella terra principiárão a tratar comnosco; das suas casas, e de alguns peixes que ahi ha muito diversos dos nossos.* - - - - - - - 109.

CAP. III. *Como o Capitão mór mandou cartas a ElRei de Portugal dando-lhe parte de ter descoberto aquella nova terra; e como por causa da tempestade se perdêrão quatro navios: da Povoação de Çofalla aonde ha huma mina de ouro, a qual fica junto a duas Ilhas.* - - 110.

CAP. IV. *Da Ilha de Moçambique, e como chegámos a Quiloa aonde achámos as outras nãos que se tinhão perdido de nós; como o Capitão mór fallou com o Rei da dita terra, e da Cidade de Mombaça.* - - - - - 112.

CAP. V. *Como chegámos a Melinde aonde fomos muito bem acolhidos pelo Rei, do presente que lhe mandou ElRei de Portugal, e como o de Melinde fallou com o Capitão mór.* - - - - - - - - - - - - - - 114.

CAP. VI. *Da Cidade chamada Magadaxo, da Ilha de Julfar, e Ormuz, e da muito fertil e pingue Provincia de Cambaya.* - - - - - - - - - - - - - - - 117.

CAP. VII. *De huma Ilha chamada Anchediva.* - - 118.

CAP. VIII. *Como chegámos a Calicut, e o Capitão mór sahio a terra a fallar com ElRei.* - - - - - - - ibid.

CAP. IX. *Da grande magnificencia e pompa de ElRei de Calicut, e do presente que lhe fez o Capitão mór em nome de ElRei de Portugal.* - - - - - - - - - - 120.

CAP. X. *Como tornando o Capitão mór para as nãos se deitárão ao mar os que estavão em refens, e dous delles forão retidos: dos inconvenientes que daqui provierão; e como Aires Corrêa concluio com ElRei o acordo que pertendia.* - - - - - - - - - - - - - 122.

CAP. XI.

CAP. XI. *Como o Capitão mór a rogos de ElRei, mandou huma sua caravella a combater com huma náo grande, e depois de aprezionada entregou tanto a náo, como o Capitão della ao mesmo Rei.* - - - - - 125.

CAP. XII. *Descripção da Cidade de Calicut, e dos uzos do Rei e do seu povo.* - - - - - - - - - - - 126.

CAP. XIII. *Como os Sacerdotes chamados Bramanes tratão carnalmente com as mulheres de ElRei para honrallo, e da grande reverencia que o povo tem ao seu Rei.* - - - - - - - - - - - - - - - 128.

CAP. XIV. *De huma casta de mercadores Guzarates, e de seus uzos.* - - - - - - - - - - - - - - 129.

CAP. XV. *De outra casta de mercadores chamados Zetires, e dos seus uzos.* - - - - - - - - - - - ibid.

CAP. XVI. *Do Rei de Narsingua, e do grande numero de mulheres que tem, e como por sua morte todas se queimão vivas: dos seus Elefantes: do tempo em que tem o Verão e o Inverno; e em que mezes partem as náos de Meca com as especiarias.* - - - 130.

CAP. XVII. *Como os Portuguezes forão assaltados de improviso pelos Mouros e por elles combatidos, e como foi morto Aires Corrêa Feitor d'ElRei.* - - - 131.

CAP. XVIII. *Como hindo para Cochim, Reino trinta legoas distante de Calicut, queimámos duas náos que vinhão carregadas daquelle Reino, e como ElRei de Cochim teve grande prazer com a nossa chegada.* - 133.

CAP. XIX. *Como veio huma armada de Calicut para combater os Portuguezes; como chegámos ao Reino de Cananor cujo Rei nos fez muitas offertas, e mandou logo dar a canella que nos faltava para completar a carga.* - - - - - - - - - - - - - - - - 134.

CAP. XX. *Como a náo de Sancho de Tovar carregada de especiaria deo em seco, e se abrio de modo que não se salvou nada senão a gente em camiza.* - - - 136.

CAP. XXI. *Como de toda a Armada que foi para Calicut voltárão a Portugal somente seis náos, do Paiz de Besenegue, e da Ilha de Çofala.* - - - - - 137.

CARTA PUBLICA
10 REIS

N.º IV.

CARTAS
DE
AMERICO VESPUCIO
A PEDRO SODERINI
GONFALONEIRO PERPETUO
DA
REPÚBLICA DE FLORENÇA,
SOBRE DUAS VIAGENS
FEITAS POR ORDEM
DO
SERENISSIMO REI DE PORTUGAL.

Traduzidas do Italiano.

O REIS

INTRODUCÇÃO.

São extremamente escassas as noticias, que se conservárão até aos nossos tempos sobre o descobrimento do Brazil: os Historiadores Portuguezes apenas nos dão a saber, que Pedro Alvares Cabral foi o primeiro que abordou naquellas Regiões em o sitio chamado ainda hoje Porto Seguro, e Americo Vespucio o segundo: ignora-se porém absolutamente quasi tudo o mais. Os Escritores daquelle seculo embebidos na gloria, que as nossas Armas alcançávão diariamente na India, cuidárão pouco em averiguar os progressos daquelle importante descobrimento; não prevendo que para o futuro havia de vir dalli a Portugal hum manancial inexaurivel de riqueza, e prosperidade.

João de Barros e Gonçalo Coelho forão os unicos, que positivamente tratárão deste assumpto, mas a obra que o primeiro escreveo, ou se propoz escrever com o titulo de Historia da Provincia de Santa Cruz *não existe, e talvez mesmo nunca existissem mais do que alguns apontamentos para ella: a do segundo que devia ser muito estimavel por ter sido feita por hum homem, que examinou com os seus olhos por ordem do Senhor Rei D. Manoel tudo o que escreveo, não se conserva nada della senão a tradição de ter sido offerecida pelo seu proprio Author ao Sr. Rei D. João III.*

Na falta porém destes soccorros não são para desprezar os que ainda nos restão, se bem que diminutos; taes são a Viagem de Pedro Alvares, que já traduzimos, e as Cartas de Americo Vespucio entre nós pouco conhecidas: aproximemos brevemente os factos que se relatão em estes dous escritos.

Partido Pedro Alvares de Lisboa para a India, lançado por huma tempestade sobre a costa do Brazil aos 24 de Abril de 1500, e vendo a grandeza, população, e bondade

daquelle paiz; pensou que não devia demorar a noticia de hum descobrimento, que elle julgava do maior interesse; e mandou para Portugal Gaspar de Lemos com Cartas a ElRei D. Manoel em que lhe relatava o succedido. Recebidas estas não perdeo ElRei tempo, e soando então por toda a parte os descobrimentos, que Americo Vespucio tinha feito por ordem d'ElRei D. Fernando de Castella, determinou escrever-lhe huma e mais vezes, para o fazer vir a Portugal, e empregallo naquella navegação.

Não pòde resistir Americo a tantas rogativas, veio a Lisboa, e partio immediatamente para o seu destino com tres náos, que já estavão prontas, aos 10 de Maio de 1501: e como o verdadeiro caminho do Brazil ainda não estava descoberto, seguio o mesmo que já tinha seguido o seu antecessor, e refrescou em Cabo verde aonde chegou em os principios de Junho.

Em quanto isto se passava, tinha Pedro Alvares feito a sua viagem á India, e voltava como vimos para Portugal, aonde chegou no fim de Julho de 1501: quando passou por Cabo verde encontrou-se casualmente (como elle diz) com a Armada de tres náos em que hia Vespucio, que então lhe fallou, e he provavel acabasse de se instruir sobre o seu ulterior destino: he certo que elle partio immediatamente, e que depois de huma grande tormenta, que durou sessenta e sete dias chegou á vista da terra tão desejada.

Não seguiremos o Author na sua jornada, para não repetirmos o que elle melhor dirá: em lugar disto indicaremos brevemente o que se sabe das particularidades da sua vida.

Americo Vespucio era filho de Anastacio Vespucio, e de Isabel Mini, nasceo em Florença aos 9 de Março de 1451; depois de ter passado os seus primeiros annos aplicando-se ás letras, em que fez progressos; foi instado por seu pai em

1490 *para vir exercitar a Hespanha a profissão do Commercio, ao que annuio partindo para Sevilha.*

Não se fallava neste tempo senão em as novos descobrimentos tanto nossos, como Hespanhoes; e estas noticias que por huma ou outra fórma interessavão a todos, devião interessar principalmente ás pessoas dadas ao trafico mercantil, pelo muito lucro que prometião. Assim chegando Americo a Sevilha, e ouvindo muitas vezes tratar da gloria e grandeza a que tinha chegado Christovão Colombo; desejando igualmente ter parte nella, se offereceo a ElRei D. Fernando para continuar no descobrimento do novo Mundo.

Não nos pertence neste lugar examinar as duas Viagens que Americo então fez; quaes forão os paizes que elle descobrio, e as duvidas e questões que a este respeito depois se suscitárão; tudo isto pertence propriamente á Historia das navegações Hespanhollas: bastará sómente saber, que ganhou com ellas a estimação e favor de ElRei de Hespanha, e que mereceo ser cobiçado pelo de Portugal para o descobrimento do Brazil, para onde, como vimos, partio em 1501.

Feita a primeira viagem, tornou a fazer segunda em 1503, a qual se por huma parte foi desgraçada, foi pela outra feliz; fazendo descobrir a Babia de Todos os Santos, e fundar o primeiro estabelecimento, que os Portuguezes tiverão naquellas paragens.

Ignoramos até quando Americo se demorou em Portugal, mas sabemos que em 1507 já elle estava em Sevilha, recebendo novas provas da amizade e contemplação de ElRei Catholico. Herrera (a) que não era nada affeiçoado a este homem célebre, e que excogita até com falsidade occasiões de o calumniar, não póde passar em silencio estes testemunhos em seu abono. Com effeito por huma Carta passada em Burgos aos 22 de Março daquelle anno foi Vespucio, que então es-

(a) Herrera Historia de las Indias Occid. Decad. I. L.° 7. C. I.

tava em Sevilha, nomeado Piloto môr com 50$ maravedís de salario por anno, que depois forão accrescentados com mais 25$ tambem annuaes: e finalmente foi-lhe conferido o emprego de Examinador dos mesmos Pilotos, o que tudo concorreo para lhe fazer dar o seu nome áquella parte do Mundo, em cujo descobrimento tinha influido tanto (a).

Em quanto ás obras que Americo deixou escritas, consistem, além da presente, em huma Carta em que relata a segunda viagem feita porparte de ElRei de Hespanha, hum Resumo da navegação de Vasco da Gama, e hum Summario das suas viagens, do qual extrahimos em notas algumas passagens que dizião respeito ao nosso assumpto. Quasi todos estes escritos publicárão ou traduzírão além dos citados Ramuzio e Grineo, Theodoro de Bry ou antes seu filho Thomaz de Bry no undecimo volume da sua Collecção, e todas ellas forão modernamente impressas pelo Conego Bandini em a sua obra Vita e lettere de Americo Vespucio, *que sahio á luz em* 1745, *e que trez annos depois foi traduzida do Alemão, e publicada em Hamburgo: este Editor tendo achado manuscritos mais exactos, a seu ver, do que os que tinhão servido aos seus antecessores, emendou algumas passagens nos opusculos já conhecidos, e publicou outros de novo, como se póde ver naquella obra, e na* Historia de la Litteratura Italiana *de Tiraboschi.*

Julgamos escusado entrar em nenhuma das questões que discutio Bandini, como por exemplo, se as Cartas que traduzimos são duas ou sómente huma? se forão dirigidas a Pedro Soderini ou a outra pessoa? &c. e sómente puzemos em grifo algumas palavras que vem de mais em Ramuzio; não porque jul-

(a) Como Americo era, em razão do seu lugar, o Constructor das Cartas de navegar, que os Pilotos levavão para as suas viagens das Indias, e he provavel que as assignasse todas com o seu nome de Americo; daqui he que naturalmente havia de proceder a honra impensada de se chamar com o seu nome aquella tão grande parte do Globo.

julguemos máo o manuſcrito de que elle ſe ſervio, mas para maior exactidão, eſtando perſuadidos que eſta diverſidade pende de ter o Author feito varias cópias das ſuas Cartas, para diverſas peſſoas com quem eſtava em relações, nas quaes não era obrigado a guardar eſcrupuloſa uniformidade, reſultando talvez daqui a maior parte das differenças que achou Bandini.

Em o fim do ſeu Summario diz Americo que formava tenção, logo que tiveſſe algum deſcanſo, de emprehender huma obra mais longa de Coſmografia, para o que tinha já promptos muitos materiaes: eſperava além diſſo recolher-ſe á ſua patria, e ahi trabalhar em huma hiſtoria circunſtanciada das ſuas viagens de que as Cartas que publicâmos são imperfeitos extractos; tendo o Author logo que chegou entregado todos os ſeus livros, e papeis ao Sr. Rei D. Manoel que os quiz ver e examinar. He provavel porém que as novas occupações e empregos, que como vimos lhe forão conferidos em Heſpanha, o impediſſem de pôr em prática deſejos tão recomendaveis; a pezar de que deſtes ſeus apontamentos e cartas he que provavelmente se extrahio o que durante alguns annos ſe ſoube da deſcripção do Brazil.

GAZETA PUBLICA

10 REIS

CARTAS
DE
AMERICO VESPUCIO.

CARTA I.

ESTava eu em Sevilha descançando dos trabalhos, que tinha soffrido *em duas viagens feitas ás Indias Occidentaes por ordem do Serenissimo Rei D Fernando de Castela*, e com desejos de tornar de novo á terra das Pérolas: quando a Fortuna não contente com os meus passados incómmodos, fez vir á idéa do Serenissimo Rei de Portugal Dom Manoel, querer-se servir de mim: assim pois quando menos lembrança tinha de vir a Portugal, chegou hum Correio, que me trouxe carta sua, em que me mandava fosse eu fallar-lhe a Lisboa, prometendo fazer-me muita honra. Aconselharão-me a não partir por então, mas sim a despedir o correio dizendo, que estava doente, e que quando estivesse bom partiria a fazer quanto S. A. me ordenasse, no caso de querer servir-se de mim. Vendo ElRei, que me não podia haver por este modo, deliberou deputar-me hum filho de Bartholomeo del Giocondo, que então se achava em Lisboa com ordem de me levar comsigo por todos os modos. Veio pois a Sevilha o dito Julião, e com a sua vinda e rogativas fui forçado a partir, a pezar de mo levarem a mal quantos me conheciáo, por sahir de Hespanha aonde me faziáo honra, e ElRei me tinha em boa reputação; e o peor foi que parti *insalutato hospite.*

Apresentando-me a ElRei D. Manoel, mostrou elle grande prazer com a minha chegada, e rogou-me que fosse com tres náos suas, que estaváo a pique, a descobrir terras novas; e porque os rogos de hum Rei equivalem a ordens, tive de consentir em quanto me mandava, e assim desafferrámos deste porto de Lisboa aos dez de Maio de mil quinhentos e hum, em tres náos que hiáo de conser-

serva; tomando o rumo das Canarias, á vista das quaes passámos sem nos demorar; daqui fomos costeando a parte occidental da Africa, aonde fazendo a nossa pescaria apanhámos alguns pargos, e nos demorámos *dous ou* tres dias; depois seguimos a costa da Ethiopia até hum porto chamado Besenegue (*a*) que está na Zona torrida a quatorze gráos e meio de elevação do Polo Septentrional e por tanto em o primeiro clima (*b*). Alli estivemos onze dias fazendo provimento de agoa e lenhas; e porque a minha intenção era navegar para o Sul pelo mar Atlantico, partimos deste porto da Ethiopia, e tomámos pelo Sudueste quarta a Sul, de sorte que em sessenta e sete dias chegámos a huma terra, que distava do lugar da nossa partida setecentas legoas para Sudoeste: tendo entre tanto o peor tempo que nunca ninguem experimentou por mar; por causa das muitas chuvas, tempestades e fortunas que soffremos (*c*), sempre com o vento muito contrario; porque

(*a*) Foi aqui onde se encontron com Pedro Alvares, como vimos na Historia daquella Navegação, e dissemos na Introducção.

(*b*) Os Antigos não fazião a mesma divisão de climas que actualmente se faz; segundo a divisão moderna acaba o primeiro clima em outo gráos e trinta e quatro segundos, e por conseguinte não podia ficar nelle Cabo verde, que está em quatorze gráos e meio, mas não accontece assim pela divisão antiga.

(*c*) Em o Summario destas Navegações de que fallámos no Prologo se explica o Author do modo seguinte. » Os trabalhos, e » perigos que passámos nesta Navegação, as aflicções, perturbações e desgraças que padecemos, as vezes que nos aborrecemos da vida, deixallo-hei a julgar aos que tem experiencia, e » principalmente aos que conhecem quanto he difficil procurar » cousas incertas, e navegar por paragens ainda não vistas por » pessoa alguma; não quereria porém que fossem meus Juizes os » que não são experimentados: pois para me explicar em poucas palavras, navegámos sessenta e sete dias sempre com grandissimo trabalho; ouvindo em quarenta e seis delles hum grandissimo rumor e estampido dos Ceos, não vendo senão relampagos, trovões, raios, e chuvas impetuosissimas, e huma nevoa » escura que tinha coberto o Ceo de maneira, que dia e noute » não viamos nada, bem como em huma noute tenebrosa e sem » luar. Por estes motivos soçobrou-nos o temor de modo que já » nos parecia ter perdido a vida; mas depois de afflicções tão » graves e tão crueis, aprouve a Deos pela sua clemencia ter » compaixão de nós, e de repente nos appareceo a terra, com » cuja vista os animos e forças já desalentadas, se tornárão

que a força da nossa navegação era junto da Equinocial em o mez de Junho em que alli he Inverno. Os dias erão sempre iguaes ás noutes, e a sombra cahia para a parte do Sul: em fim no primeiro de Agosto prouve a Deos mostrar-nos nova terra (*a*) a meia legoa da qual surgimos, e deitámos fóra os nossos bateis para ver se era habitada por gente, e de que qualidade.

Achámos com effeito a terra populosa, e habitada por huma nação peor que féras como V. S. ouvirá: he certo que ao principio não vimos ninguem, mas concluimos que havia homens por muitos sinaes que observámos: tomámos posse do paiz em nome do Serenissimo Rei de Portugal, e o achámos muito ameno, viçoso, de boa apparencia, e situado além da Equinocial sinco gráos para o Sul (*b*): isto feito voltámos para as náos, e porque tinhamos grande necessidade de agoa e lenhas nos resolvemos no dia seguinte a tornar a terra para fazermos o nosso provimento. Estando pois alli, vimos alguma gente no cume de hum monte, a qual olhava para nós sem ouzar descer abaixo. Estavão todos nûs, *e erão da mesma côr e feições daquelles que eu tinha descoberto por ordem de ElRei de Castella*, e por mais diligencias que fizemos para que descessem e nos viessem fallar, nunca os podémos resolver a isso, não se querendo fiar de nós: pelo que vendo eu a sua obstinação, e sendo já tarde tornámos para os navios deixando-lhes em terra muitos cascaveis, espelhos, e outras quinquilharias. Assim que nos affastámos pelo mar dentro, descêrão do monte pelo que lhe tinhamos deixado, ficando muito maravilhados de tudo o que vião; e assim neste dia não nos provemos senão de agoa. Na ma-

» a confortar como costuma accontecer áquelles que tem passado » grandes adversidades, e principalmente aos que a desgraça tomou á sua conta. No dia pois de sete de Agosto de 1501 surgimos na praia daquelle paiz, e dando a Deos as graças o melhor que nos foi possivel, fizemos celebrar solemnemente a » Missa segundo o costume Christão, &c. »

(*a*) Ou aqui ou na passagem que transcrevemos do Summario houve erro, pois n'huma parte diz, que foi no primeiro de Agósto e na outra aos sete: Ramuzio, e Grineo lem desasete, que parece o mais provavel.

(*b*) Parece fóra de duvida que este primeiro ponto aonde Americo abordou, fosse o Cabo de S. Roque que fica na Latitude de sinco gráos.

nhá seguinte vimos das náos, que a gente da terra fazia muitos fumos, e pensando que seria para chamar-nos, desembarcámos, e conhecemos que se tinhão ajuntado em grande número, mas conservavão-se todavia em distancia, accenando-nos para que fossemos a elles pela terra dentro. Em consequencia disto dous dos nossos se animárão a pedir licença ao Capitão, para se exporem ao perigo de hir a terra ver a gente que era, e se tinhá alguma riqueza, ou especiaria, ou outras drogas; e tanto instárão até que o Capitão o houve por bem. Aprontárão-se pois com muitas fazendas de resgate, e partírão com regimento de não pôrem mais de sinco dias em voltar; porque tanto era o tempo, que deviamos esperar por elles. Tomárão o seu caminho para terra, e nós para as náos; das quaes viamos vir todos os dias gente á praia, mas sem quererem nunca fallar-nos. No setimo dia sahimos nos esquifes, e achámos que tinhão trazido comsigo as suas mulheres, as quaes mandavão para nós, apenas nos avisinhámos. Vendo pois que não acabavão de tomar confiança, deliberámos enviar-lhes hum dos nossos mancebos, muito galhardo e gentil, e para o segurarmos mais ficámos nos bateis, e elle foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas, metterão-o no meio de hum grande circulo, e apalpando e olhando-o attentamente se maravilhavão sobremaneira. Estando nisto vimos descer do monte huma mulher, que trazia hum grande páo na mão, e chegando aonde estava o nosso Christão, lhe sahio por detraz e levantando o páo lhe deo hum tão grande golpe que o estendeo morto: as outras tomarão-o logo pelos pés e o arrastárão para o monte; os homens corrêrão para a praia, e principiárão a atirar com as suas setas, pondo a nossa gente em tal confusão, que estando surtos com os bateis sobre os bancos de area que estão junto a terra, nenhum se atreveo a tomar as armas por causa das muitas frechas com que erão accomettidos. Nós desparámos quatro tiros de bombarda, que não acertárão, porém ouvindo o estrondo fugírão todos para o monte, aonde já estavão as mulheres fazendo o Christão em pedaços, e assando-o a hum grande fogo, que tinhão accendido á nossa vista, mostrando-nos muitas porções delle e comendo-as; e os homens fazendo-nos sinaes como dando-nos a entender, que tinhão tambem morto e comido os outros dous Christãos (*a*). Pezou-

nos

(*a*) O Author diz no Summario já citado, que todos estes In-

nos isto muito, vendo com os nossos proprios olhos as crueldades, que cometião com o morto, parecendo a todos huma injuria intoleravel; e estando mais de quarenta dos nossos com o proposito de saltar em terra, e de vingar tão crua morte, e acto tão bestial e deshumano; o Capitão mór lho não quiz consentir (*a*). Elles ficárão satisfeitos com tão grande injúria, e nós partimos com bem má vontade e vergonha nossa, por causa do Capitão mór.

Sahindo desta paragem, seguimos a nossa navegação entre Leste e Sueste, que assim corre a costa, e fizemos varias escalas, mas não achámos gente com quem podessemos tratar; e assim navegámos tanto, até que vimos voltar a costa para Sudoeste; e como passámos hum Cabo, a que pozemos o nome de Santo Agostinho, principiámos a seguir a feição da terra. Está este Cabo distante do lugar em que vimos matar os dous Christãos, cento e sincoenta legoas para Levante, em 8 gráos além da Equinocial para o Sul (*b*), e continuando a nossa navegação avistámos hum dia muita gente pela praia, que tinha corrido a ver o prodigio das nossas náos, e cessando de navegar nos fizemos na volta de terra, aonde fomos nos ba-

 teis.

dios são Antropofagos; eis-aqui como elle se explica . . . » Prendem e despedação os Inimigos que tomão na guerra, o que reputão huma comida saborosissima; e nutrem-se de carne humana de modo tal, que o pai come o filho, e o filho ao pai, » segundo o acaso ou sorte. Eu vi certo homem muito malvado que se jactava, não com pequena gloria, de ter comido » mais de trezentos homens. Vi tambem huma certa Cidade na » qual estive huns vinte e sete dias, aonde as carnes humanas » tendo-as salgado, estavão penduradas ás traves como nós costumamos fazer com a carne de porco: e admirão-se muito de » que nós não comamos a carne dos nossos Inimigos . . . &c. »

(*a*) Daqui se vê que Americo não hia por Capitão mór da Armada, e que tem razão o nosso Rocha Pita, quando diz que hia como » hum insigne Cosmografo daquelles tempos, reconhecer e examinar os mares e terras desta Região. » Rocha Pit. Am. Port. L. I. n. 90.

(*b*) O Cabo de Santo Agostinho que ficou conservando este nome, está a outo gráos e meio, e dista segundo o P. Vasconcellos, do Cabo de S. Roque noventa legoas pela costa, em razão das tortuosidades della, e tres gráos e meio em linha recta: daqui podemos tirar que as legoas de que uza Americo são muito mais pequenas do que as nossas de vinte ao gráo; o que faz bem difficuldade para marcar os lugares que elle indica por este methodo.

teis, e achámos hum bom ancoradouro, e homens de melhor condição do que os passados; pois ainda que com algum trabalho em domesticallos; forão por fim nossos amigos, e comerciámos com elles. Estivemos sinco dias nesta paragem, e aqui achámos canafistula muito grossa (*a*) verde, e tambem seca em cima das arvores; assentámos em trazer deste lugar hum par de homens, para aprender a Lingoa, e vierão tres delles por sua vontade para Portugal. Mas como estou cansado de escrever, só posso em breve referir a V. S. que partimos deste porto navegando sempre pelo Susudoeste á vista de terra, fazendo muitas escalas e fallando com infinita gente (*b*): em fim andámos tanto para o Sul, que já estavamos fóra do Tropico de Capricornio, aonde o Polo Antartico se levanta sobre o Horizonte trinta e dous gráos (*c*), e já tinhamos perdido de todo a Ursa menor, e a maior estava tão baixa que apenas apparecia no fim do Horizonte, e assim nos gover-

(*a*) A abundancia de Canafistula que aqui se achou, faz lembrar que esta paragem onde Vespucio se demorou, seja o Rio de S. Francisco, quarenta e duas legoas distante do Cabo de Santo Agostinho.

(*b*) » Navegámos, diz o Author no *Summario* já citado, por » esta costa algumas seiscentas legoas sahindo muitas vezes a » terra, e vindo muitas á falla com os naturaes, os quaes nos » recebião com cortezia e amorosamente, e assim movidos da » sua bondade e innocentissima natureza, nos demoravamos ás » vezes com elles quinze a vinte dias, pois tem huma grande » hospitalidade para com os forasteiros.

(*c*) Marca Americo por dous modos o ponto a que chegou da costa do Brazil dizendo aqui, que navegou até trinta e dous gráos, e mais adiante que andou seiscentas legoas do Cabo de Santo Agostinho para o Sul. Chegando á trinta e dous gráos, correo toda a nossa costa até ás visinhanças do Rio da Prata, mas não parece este o calculo que se deduz do numero de legoas que elle diz ter andado, as quaes não podem ser de vinte ao gráo, visto fazer do Cabo de Santo Agostinho até ao de S. Roque cento e sincoenta, como vimos atraz. Ora como as seiscentas legoas do Cabo de Santo Agostinho para diante, devem ser iguaes cada huma de per si ás cento e sincoenta anteriores; a governarmo-nos por esta conta, não passaria do Rio de S. Vicente que fica em vinte e tres gráos e meio, e por conseguinte tambem já fóra do Tropico de Capricornio. Nesta diversidade não he facil conciliar estes dous calculos, se bem que o dos gráos he menos susceptivel de engano, do que o das legoas.

vemámos pelas Estrellas do outro Polo Antartico, que são muitas, muito maiores, e mais luzentes, que as do nosso: da maior parte das quaes trouxe as figuras, principalmente das da primeira grandeza, com declaração das orbitas que descrevião á roda do Polo do Sul, e dos seus diametros, e semidiametros como se póde ver em as minhas quatro viagens (*a*): corremos algumas setecentas e sincoenta legoas desta costa, a saber cento e sincoenta do Cabo de Santo Agostinho para Ponente, e seiscentas para o Sudueste. Se eu me propuzesse a contar as cousas que vi nesta navegação não teria papel bastante, mas póde-se dizer que nella não encontrámos nada de proveito, excepto infinitas arvores de páo Brazil, de Canafistula as de que se tira a mirra, e outras mais maravilhas da natureza, que serião longas de referir (*b*), e havendo já bons dez mezes

(*a*) Ramuzio diz, *em o Summario das mesmas navegações*; e com effeito no Summario trata o Author de algumas destas Estrellas e constellações.

(*b*) No mesmo Summario vem estes objectos tratados com mais alguma individuação. » Este paiz (diz elle) he o mais » povoado que eu tenho visto, e as gentes muito domesticas e » mansas: não offendem a ninguem, andão sempre nuas, são » muito bem feitas do corpo, e a sua côr he avermelhada.... » os cabellos são negros mas compridos e corredios; em o seu » modo de andar e nos seus jogos, são tão destros como ou- » tros que mais o podem ser; a sua cara tem hum aspecto bel- » lo e gentil, mas tornão-a fea até hum ponto inorivel, por- » que a trazem toda furada: as faces, queixadas, nariz, beiços » e orelhas, e isto não com hum só e pequeno furo, porém » com muitos e esses grandes, tendo chegado a ver alguns que » tinhão sete furos, cada hum delles capaz de conter huma gran- » de ameixa. Depois de terem tirado a carne enchem estes bu- » racos com pedra de marmore, cristal, alabastro, ou com » marfim, e ossos lavrados com muito primor; o que para nós » he tão insolito, nojento, e feo que á primeira vista parecem » monstros.... e muitas vezes observei que aquellas sete pe- » dras chegavão ao pezo de desaseis onças. Nas orelhas trazem » ornatos mais preciosos como aneis e perolas pendentes, segun- » do o uzo dos Egypcios e Indianos..... Estes Povos não » tem propriedade alguma, porém sim tudo em commum sem » Rei nem Imperio.... nem Religião alguma.... Vivem, se- » gundo me informão, até cento e sincoenta annos, raras vezes » adoecem, e se cahem com alguma enfermidade curão-se facil- » mente com succos de hervas.... Tem grande entretenimento

zes que viajavamos, vendo que na terra não achavamos mina alguma; (*a*) resolvemo-nos a deixalla e hir examinar o paiz por outra parte, e assim se determinou seguir aquella navegação, que me parecesse bem; incumbindo-me absolutamente do commando da Armada. Mandei pois fazer provimento de agoa e lenha para seis mezes, que tanto julgárão os Officiaes das náos que podiamos navegar com ellas; e feito isto principiámos a nossa viagem pelo Les-Sueste aos quinze de Fevereiro, quando o Sol estava visinho ao Equinocio, e voltava para este nosso hemisferio Septentrional; e tanto navegámos por este rumo, que a elevação do Polo Antartico sobre o nosso Horizonte era de

» com a pesca e ordinariamente vivem della, ajudando-os nisto a » natureza, porque o mar he abundante de toda a casta de pesca- » do; apraz-lhes pouco a caça pela grande quantidade que alli » ha de animaes selvagens, por medo dos quaes não entrão em » os bosques. Ha aqui toda a casta de leões, ursos, &c. e as » arvores crescem a huma altura que apenas póde crer-se. O » paiz he mui temperado, fertil, e deleitoso; bem que tenha » muitas collinas, he com tudo regado de infinitas fontes e rios, » e tem os bosques tão cerrados que não se póde passar por en- » tre as arvores .... Os fructos crescem espontaneamente e sem » cultura, são optimos, em grande abundancia, sádios, e total- » mente differentes dos nossos. Igualmente produz a terra infi- » nitas hervas e raizes de que fazem pão e outras iguarias .... » todas as arvores exhalão hum cheiro tão suave, quanto he possi- » vel de imaginar, e estillão gomas, licores, e succos, cujas » virtudes se nós as conhecessemos, penso que viriamos no co- » nhecimento que não falta aqui nada não só para o prazer, » mas para nos manter sãos, e fazer recuperar a saude perdi- » da.... O Ceo e ar estão raras vezes cobertos com nuvens, » quasi sempre os dias são serenos, algumas vezes cahem cassim- » bas em pequena quantidade, e não durão mais de tres ou qua- » tro horas desfazendo-se á maneira de nevoa. &c.

(*a*) O contrario escreve o Author com mais razão no seu Summario. » O Paiz, diz elle, não produz metal algum senão » ouro do qual ha grandissima abundancia, bem que nesta pri- » meira viagem não tivessemos trazido nenhum: mas certificá- » rão-nos indubitavelmente disso todos os naturaes, que affirma- » vão ser o terreno muito abundante delle, e muitas vezes » ouvi que entre elles tinha muito pouca estimação, e quasi ne- » nhum valor. Tem tambem muitas perolas e pedras preciosas, » o que tudo se eu quizesse contar com mais individuação, esta » historia se tornaria extremamente volumosa.

de sincoenta e dous gráos, e desde então não viamos mais estrella alguma da grande, nem da pequena Ursa, estavamos distantes da terra donde tinhamos partido boas quinhentas legoas Les-Sueste, e isto aos tres de Abril. Neste dia principiou no mar huma borrasca tão grande, que nos fez ferrar de todo as vélas, corriamos arvore seca com hum vento muito forte (que então era Su-sudoeste) com muito grande mar, e o ar muito carregado; sendo tal a furia do vento, que toda a Armada estava na maior consternação. As noutes erão muito grandes, e a de sete de Abril foi de quinze horas, porque o Sol estava no fim de Aries, e era então Inverno nestas paragens, como V. S. póde facilmente comprehender. Estando pois assim afflictos, no dia sete de Abril tivemos vista de huma nova terra, a qual corremos cousa de vinte legoas (*a*), e achámos toda a costa brava sem porto nem gente alguma, e era tanto o frio que ninguem da Armada se podia valer, nem supportallo; de modo que vendonos em tal perigo e fortuna, que apenas podiamos avistar-nos huns aos outros, pelo grande mar, que se levantava entre nós, e a muita escuridade do tempo: conviemos com o Capitão mór em fazer sinal á Armada para se ajuntar, a fim de que deixando a terra tomassemos o rumo de Portugal: o que foi muito bom conselho, pois he certo, que se nos demoravamos ainda aquella noute estavamos perdidos. Tomámos pois o vento em popa, e na noute e dia seguinte cresceo tanto a tormenta, que estivemos a ponto de hir ao fundo, e promettemos de fazer peregrinações e outras ceremonias, como he costume dos Marinheiros em semelhantes occasiões. Corremos assim sinco dias *com o vento em popa, sómente com o traquete e este bem baixo, e nelles navegámos duzentas e sincoenta legoas* avisinhando nos sempre á Equinocial, e a hum mar e atmosfera mais temperados. *Finalmente prouve a Deos livrar-nos*

(*a*) Pela conta de sincoenta e dous gráos de Latitude, que o Author assignou acima, pelo muito frio que experimentou na visinhança da costa, e pela distancia de 1550 legoas que elle mais abaixo diz, que se achava distante da costa de Africa, parece dever-se concluir que foi dar, levado pela tormenta, a alguma paragem da costa da Terra de Magalhães, onde se verificarião as circumstancias que elle aponta. Em o Appendix que accompanha estas Cartas veremos que se diz, que estes Navegadores chegárão a sincoenta gráos.

10 REIS

nos de tamanho perigo; e sendo a nossa navegação pelo Nor nordeste (por querermos reconhecer a costa da Ethiopia de que estavamos distantes mil e trezentas legoas pelo mar Atlantico) com ajuda de Deos chegámos aos dez de Maio a huma terra para o Sul chamada Serra Leôa, aonde estivemos quinze dias para refrescar, e dahi navegámos para as Ilhas dos Açores, distantes obra de setecentas e sincoenta legoas, onde chegámos pelo fim de Julho e nos demorámos outros quinze dias; depois partimós para Lisboa, donde ainda distavamos trezentas legoas ao Este; e entrámos a salvamento neste porto aos sete de Setembro de mil quinhentos e dous, com duas náos sómente, porque a outra foi queimada na Serra Leôa, por não poder navegar mais. Puzemos nesta viagem dezouto mezes e vinte e outo dias (*a*) navegando quasi sempre sem ver a strella do Norte nem as Ursas, e governando-nos pelas estrellas do outro Polo; e eis-aqui quanto vi nesta primeira navegação.

CARTA II.

REesta-me dizer o que vi na segunda viagem feita por ordem de ElRei de Portugal, e tanto por estar cansado de escrever, como porque ella se não fez segundo a tenção que eu levava, por causa de huma desgraça, que succedeo no mar Atlantico, como V. S. vera ao diante, cuidarei em ser breve.

Partimos de Lisboa seis náos de conserva, com o proposito de hir para a banda do Oriente descobrir huma Ilha chamada Malaca, a qual se dizia ser muito rica, e como o armazem de todas as náos, que vem do mar Gangetico e Indico: bem como Cadiz o he de todos os navios, que passão do Levante a Ponente: Malaca está mais ao Leste do que Calicut, e muito mais alta; pois sabemos que está em tres gráos do nosso Polo. Partimos no dia dez de maio de mil quinhentos e tres (*b*), e fomos em direitura

(*a*) As Edições variáo nesta conta, mas fazendo-a pelo dia da partida se vê, que he a que pômos no texto.

(*b*) Esta segunda viagem ao Brazil acha-se bem variamente tratada pelos nossos Authores. Pedro de Mariz em o seu Dialogo quinto diz, (sem declarar o anno) que ElRei D. Manoel mandou

ra ás Ilhas de Cabo verde, aonde sahimos em terra, e tomámos toda a casta de refrescos: depois de nos termos demorado treze dias, seguimos a nossa viagem no rumo de Les-Sueste, e como o Capitão mór era homem presumptuoso, e obstinado, quiz reconhecer a Serra Leôa, montanha da Ethiopia Austral, sem ter necessidade alguma disso; senão para fazer ver que era Capitão de seis náos, e contra vontade de todos nós os outros Capitães; navegando assim, quando estivemos junto á dita terra, forão tantas as tormentas que tivemos, e o vento tão contrario, que estando á vista della alguns quatro dias, não nos deixou nunca o temporal tomar terra: de modo que fomos forçados a voltar á nossa verdadeira navegação, e deixar a dita Serra.

Partindo daqui pelo Sudoeste quando teriamos andado bem trezentas legoas pela immensidade deste mar, estando já além da Linha Equinocial tres gráos para o Sul, se descobrio huma terra, de que então podiamos estar distantes vinte e duas legoas, o que nos servio de maravilha; achando que era huma Ilha no meio do mar (*a*) *extremamente alta*, e notavel, por não ter mais de duas legoas de comprido e huma de largo, e nunca foi habitada por gente alguma. Foi esta Ilha bem prejudicial a toda a Armada; porque saberá V. S., que por máo conselho, e ordem do nosso Capitão mór se perdeo aqui a Capitania, dando com ella em hum cachopo, aonde se abrio na noute de S. Lourenço dez de Agosto, e foi ao fundo; não se salvando della cousa alguma senão a gente. Era náo de tre-

huma Armada de seis náos e por Capitão della Gonçalo Coelho, o qual tendo perdido duas voltou com as quatro outras para Portugal, depois da morte daquelle Rei: isto mesmo segue o Padre Simão de Vasconcellos e alguns outros: porém Damião de Goes na sua Chronica de ElRei D. Manoel, diz expressamente que em 1503 he que partio Gonçalo Coelho com seis náos aos dez de Junho; diz mais que perdeo quatro destas, e que se recolheo só com duas. Isto mesmo he com pouca differença o que diz Vespucio, excepto que aquelle não dá por perdido o Capitão mór; porém he mais crivel o testemunho de Vespucio que era seu companheiro, do que o de Goes que tinha então tres annos de idade.

(*a*) Suppomos ser esta Ilha a de S. Mattheus, que está em tres gráos de Latitude, e que a pezar de estar ainda despovoada neste tempo, havia muito que já tinha sido descoberta pelos Portuguezes.

zentas tonelladas, e nella hião todos os mantimentos da Armada; e trabalhando todos por lhe achar algum remedio, o Capitão mór me mandou com a minha náo áquella Ilha, em procura de algum surgidouro, onde podessemos ancorar todos: e porque o meu batel armado com nove dos meus marinheiros estava em serviço da náo alagada; fui obrigado a partir sem elle, dizendo-se-me que depois mo levarião. Separei-me pois do resto da Armada com metade só da minha tripulação, e assim fui em demanda da Ilha, que então me ficava na distancia de quatro legoas, e achei nella hum bellissimo porto, onde seguramente podião ancorar as náos. Esperei aqui outo dias, sem que me apparecesse ninguem, de sórte que já estávamos pouco contentes, e os homens que ficárão comigo com tanto susto, que os não podia por modo algum consolar. Estando assim, vimos ao outavo dia vir huma náo pelo mar fóra; e com o receio de que nos não visse, fizemo-nos á véla e fomos direitos a ella, pensando eu que me traria o meu batel e gente. Quando estivemos perto saudámolla, e a inquirimos sobre estes pontos; ao que nos respondeo, que a Capitania tinha hido ao fundo *salvando-se apenas a gente*; e que o meu batel, e tripulação tinhão seguido a Armada por aquelle mar fóra. Aqui foi tal a minha paixão, como V. S. póde pensar, por me achar mil legoas distante de Lisboa, muito engolfado, e com pouca gente: comtudo fazendo frente á desgraça, foi-nos forçoso navegar por diante, e tornando á Ilha nos provemos de agoa e lenhas, com o batel da minha conserva. Esta Ilha he deshabitada, tem muitas agoas doces e correntes, infinitas arvores, e innumeraveis aves maritimas e terrestes, tão simples que se deixavão apanhar á mão; e assim caçámos tantas, que carregámos hum batel dellas; não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com duas caudas, e algumas serpentes.

Feita a nossa provisão, partimos pelo Sul quarta a Sudoeste, porque tinhamos por regimento, que se alguma das náos se perdesse, ou da Armada ou da Capitania, endireitasse o rumo para a terra descoberta na viagem passada. Continuando pois a navegar assim, descobrimos hum porto, a que pozemos o nome de Bahia de todos os Santos: (*a*) e prouve a Deos dar-nos tão bom tempo que em

(*a*) Este descobrimento da Bahia de todos os Santos, he igno-

em desasete dias tomámos terra, ainda que estivessemos distantes da tal Ilha boas trezentas legoas. Não achando aqui o nosso Capitão mór, nem nenhuma outra náo da Armada esperámos dous mezes e quatro dias; e vendo que não vinha noticia alguma, deliberámos a conservar e eu correr a Costa, e navegámos mais para diante duzentas e sessenta legoas; até que chegámos a hum porto, onde determinámos fazer huma fortaleza, como com effeito fizemos, deixando nella vinte e quatro Christáos, que vinhão na outra náo, dos que tinhão naufragado na Capitania. Estivemos neste porto sinco mezes fazendo a fortaleza, e carregando páo Brazil, porque não podiamos navegar mais para diante; por nos faltar muita gente e apparelhos. Feito isto, conviemos em voltar para Portugal, que nos ficava pelo Nor-Nordeste, e assim deixando os vinte e quatro homens em terra, com mantimentos para seis mezes, doze bombardas, e muitas outras armas; pacificámos toda a gente do paiz, da qual não faço menção nesta viagem, não porque não vissemos e praticassemos com infinita, pois fui pela terra dentro accompanhado de trinta homens algumas quarenta legoas, aonde vi muitas cousas, que por alguns respeitos deixo de dizer; rezervando-as para as minhas quatro viagens. Está esta terra além da Equinocial desouto gráos (*a*), e trinta e sete mais ao Occidente do que Lisboa, segundo mostrárão os nossos Instrumentos. Feito tudo isto despedimo-nos dos Christáos e da gente da terra, e começámos a nossa navegação pelo Nor-Nordeste, com tenção de hir em direitura à Lisboa, e em setenta e sete dias, depois de tantos trabalhos e perigos, entrámos nesta barra aos dezouto de Junho de mil quinhentos e quatro, Deos louvado; e aqui fomos muito festejados, por todos nos reputarem perdidos: e as outras náos da Armada todas o estarão, pe-

rado pelos nossos Historiadores, pois alguns como Francisco de Brito Freire na sua *Hist. da Guer. Brazilica* p 70. a dão como descoberta por Christovão Jaques, que não foi lá senão muitos annos depois.

(*a*) Este porto, onde Americo esteve sinco mezes, e fez a Fortaleza, estando naquella Latitude, he provavel que seja o Rio das Caravellas, que fica em desouto gráos; nem póde fazer duvida o número das legoas, que elle diz acima fica distante da Bahia de todos os Santos, pois como já notámos, as legoas porque Vespucio conta são muito mais pequenas do que as ordinarias.

pela soberba e loucura do nosso Capitão mór; pois assim paga Deos aos soberbos.

Presentemente acho-me em Lisboa; e não sei o que ElRei quererá fazer de mim, que tenho muito desejo de descançar. O portador desta, que he Bemvenuto filho de Domingos Benevenuto, contará a V. S. das minhas circunstancias, e de algumas cousas que deixo de dizer, por elle as ter visto e ouvido.

Fui simplificando esta quanto pude, e se deixei de refirir muitas cousas de Historia Natural, querendo-me refirir a elle, V. S. me desculpará: supplico-lhe me tenha no número dos seus creados, e recommendo-lhe Antonio Vespucio meu Irmão e toda a minha casa; rogando a Deos, que prospere a vida e honra de V. S., e que exalte e augmente o Estado dessa magnifica e excelsa República como desejo.

Escrita em Lisboa aos 4 de Setembro de 1501.

APPENDIX ÁS CARTAS DE AMERICO VESPUCIO.

No fim da Geografia de Ptolomeo impressa em Roma em 1508 *em hum volume de folha, ajuntou o Editor em fórma de appendix hum opusculo com o titulo*, Nova Orbis destriptio ac nova Oceani navigatio, qua Lisbona ad Indicum pervenitur pelagus; Marco Beneventano monacho cœlestino ædita; *o Capitulo XIV. desta Obra trata da descripção da America debaixo do nome de* Mundo novo; *descripção que agora publicamos traduzida, por pensarmos que este trabalho pertence originariamente a Vespucio na parte que diz respeito á nossa Costa, sendo tirado dos seus apontamentos; o que he facil de acreditar visto ter elle sido o unico Cosmografo que até daquella época viajou alli. Esta passagem vertida em Portuguez diz o seguinte:*

Resta-nos descrever huma terra, que observárão tanto Colombo como os Portuguezes, e a que pozerão o nome de Santa Cruz, por isso que foi descoberta em o dia daquella gloriosa bandeira e estandarte, a cuja vista se prostrão os Demonios (*a*), e á qual chamão Mundo novo por causa da sua vasta extensão. Estende-se ella da banda do Norte até desouto gráos de Latitude pouco mais ou menos (*b*), da parte do Nascente até á longitude de trezentos e quarenta e quatro gráos com pouca differença (*c*): para o

(*a*) Vimos em as Navegações de Pedro Alvares, que o nome de Santa Cruz fôra posto a esta terra por aquelle Capitão, em consequencia de huma que alli mandára levantar.

(*b*) A America Meridional não se estende senão aos doze gráos de latitude Septentrional, aonde está situado o *Cabo falso*; as nossas possessões na costa não passão de dous gráos e meio da mesma latitude.

(*c*) O ponto maris Oriental do Brazil, que he o Cabo de S. Roque, está em desasete gráos de longitude Occidental, o que vem quasi a coincidir com o que diz o Author, que não conta as longitudes senão do Meridiano para o Nascente. Em quanto ao mais, devemos advertir que toda esta descripção he muito diffe-

o Poente ainda se não tem decoberto aonde chega, e do mesmo modo para o Sul, pois para aquella parte tambem ainda se não observou nem chegou a conhecer tudo. A Latitude Septentrional do seu limite mais Occidental he de quinze gráos, e a sua longitude de duzentos e setenta, assim como no seu Mappa o representa João (*a*): assim continúa no mesmo parallelo pela extensão de outo gráos e meio, depois eleva-se hum pouco para o Norte quasi meio gráo, e faz huma pequena enseada que tambem olha na mesma direcção, cujo fundo está em quatorze gráos e sinco outavos de latitude Septentrional, e o seu limite mais Oriental em a longitude de duzentos e outenta gráos. Daqui se vai a terra recolhendo para o Sul, hindo pouco a pouco tomando a figura de hum grande golfo e formando huma Peninsula muito maior do que o Peloponneso, em cujas costas se fórmão duas enseadas, que olhão ambas para o Poente. A latitude mais Septentrional desta Peninsula está em desouto gráos; a sua parte mais Occidental está em duzentos e outenta e quatro de longitude, e a mais Oriental em duzentos e noventa. O Isthmo está na longitude de duzentos outenta e sete e hum terço, e o seu ponto mais Oriental na latitude de quasi quinze gráos. Outra vez torna a Peninsula a formar huma enseada que olha para o Norte, cuja costa mais Occidental está em duzentos outenta e sete e tres quartos de longitude, e esta enseada se chama Vercida. Para diante estende-se a terra para o Nascente, elevando-se ao mesmo tempo para o Norte ate á longitude de duzentos e noventa e dous gráos e meio, e á latitude Septentrional de desasete gráos. Daqui hindo-se a terra recolhendo fórma quatro enseadas e huma quinta, que he muito maior: as quatro primeiras olhão para o Nascente, e a quinta para o Norte e para o Nascente, a qual tem por nome o Inferno, e a sua costa mais Occidental está quasi na longitude sobredita, e na latitude de qua-

rente da que representão os mappas mais exactos, o que he facil de conhecer cotejando-a com elles; e por isso o não observamos em notas.

(*a*) Este João he João Ruysch Geografo Alemão, e Author do Mappa Mundi, que accompanha esta Edição de Ptolomeo, em o qual já vem os descobrimentos dos Portuguezes até áquelle tempo: foi este mappa feito a instancias de Evangelista Tossino que correo com as despezas desta Edição de Ptolomeo.

quatorze gráos e meio. Daqui principia a levantar-se o Cabo formoso até á longitude de duzentos noventa e sinco e hum quinto, e á latitude de desaseis. Então torna novamente a praia a fazer-se sinuosa, e se estende até á latitude de desasete gráos e á longitude de trezentos e hum até Cabo Lereno. Depois recolhe-se a terra, tomando a fórma de huma enseada, cuja cavidade olha tanto ao Norte como ao Nascente, tendo o seu limite mais Austral em a latitude de quasi nove gráos, o ponto mais Occidental em duzentos e noventa e nove e hum terço de latitude, e o mais Oriental em trezentos e sinco, aonde he o Cabo de Pareas, e a este mesmo golfo se chama o Golfo de Pareas. Para diante torna a costa a ser sinuosa, e fórma hum golfo, cuja cavidade olha ao Norte e Nascente, em a embocadura do Rio formoso, cuja latitude Septentrional he de outo gráos e á longitude de trezentos e seis. Daqui levanta-se a terra para o Norte até quasi á latitude de outo gráos e meio, e á longitude de trezentos e sete e meio, depois recolhe-se fazendo enseada para o Sul até ao Rio de Flagrazan, que está na latitude de sinco gráos, e na longitude de trezentos e quatorze. Passado elle levanta-se para o Norte quasi a extenção de hum gráo, até á longitude de trezentos e desouto, isto he, até ao Cabo das Aves pelo Cabo de Focosseco; dalli mete-se tanto para o Sul que apenas fica hum gráo longe do Equador em a longitude de trezentos e vinte. Novamente torna a estender-se para o Norte até á latitude antecedente; depois do que, vai a praia fazendo varias enseadas até á longitude de trezentos e vinte e quatro gráos e meio, onde faz hum grande seio que olha para o Norte, cujo ponto mais Austral está na latitude de tres gráos e meio; o meio da enseada tem a longitude de trezentos e vinte e sinco, a parte mais Oriental de trezentos vinte e sete, e a mais Septentrional de trezentos vinte e seis, com a latitude acima dita. Daqui volta ao Nascente, descendo para o Sul tortuosamente até á longitude de trezentos e quarenta gráos, na latitude meridional de quasi quatro gráos. Depois sobe algum tanto para o Nascente até o Cabo de Santa Cruz em a longitude de trezentos quarenta e quatro gráos, e latitude sobredita: daqui volta, e mete-se para dentro pouco a pouco sinuosamente até á embocadura do Rio de Santa Luzia, e Promontorio de Santo António, que está na longitude de trezentos e quarenta gráos e meio, e na lati-

titude Meridional de desouto. Então novamente mete para a banda do Poente até debaixo do Tropico de Capricornio, em a longitude de trezentos trinta e tres, e continua mais a meter para o Poente até á longitude de trezentos trinta e quatro. Daqui mete para dentro pouco a pouco tambem para o Occidente, até á latitude meridional de trinta e sete gráos, e a longitude de trezentos e trinta e dous. Ainda que os primeiros Navegadores Portuguezes navegárão até á latitude meridional de sincoenta gráos segundo dizem; com tudo não achei descripta a Costa daqui para diante; e assim basta o que deixo dito a respeito desta terra.

N.º V.

NAVEGAÇÃO
A' S
INDIAS ORIENTAES
ESCRITA EM PORTUGUEZ
POR
THOME' LOPES.

Traduzida da Lingoa Portugueza para a Italiana, e novamente do Italiano para o Portuguez.

INTRODUCÇÃO.

EM o anno de 1502 mandou ElRei D. Manoel á India huma Esquadra de vinte vélas, repartida em tres divisões; a primeira de sinco náos, destinada a ficar naquelles mares a fim de favorecer o commercio de Cananor e Cochim, teve por Commandante Vicente Sodre, que partio do Téjo em companhia de outra, a bordo da qual estava Vasco da Gama, que tinha sido nomeado Almirante com o commando de toda a expedição. A terceira divisão tambem composta de sinco náos não se pôde aprontar a tempo, e deo á véla no primeiro de Abril do mesmo anno, levando por Capitão mór a Estevão da Gama.

Referem os nossos Historiadores as particularidades da navegação do Almirante e da sua Esquadra, porém todos elles guardão silencio em o succedido á de Estevão da Gama até chegar a Anchediva, aonde por fim todos se ajuntárão; e o nosso Fernão Lopes confessa em o Cap. XXXXIV. do L.º I.º que até áquella Ilha não se soubera o que lhe acconteçêra na viagem.

He em parte para supprir esta falta que publicamos a versão da viagem de Thomé Lopes, que Ramuzio imprimio traduzida em Italiano; na qual se referem com miudeza não só estas particularidades, mas muitas outras succedidas depois que se encorporou toda a Armada. Desde esta época he a sua narração bastante semelhante á de Barros em o fundo dos accontecimentos; porém muitas vezes diversa em as circunstancias que os accompanhão, diversidade bem natural em dous Escritores que narrão os mesmos factos sem se copiarem, e da qual resulta a verdade da Historia, principalmente quando elles são, como Thomé Lopes, testemunhas oculares do que referem.

Os nossos Bibliografos dão poucas noticias deste Author, e Barbosa diz apenas que era natural da Cidade do Porto, e que accompanhou Estevão da Gama com o cargo de Escrivão de huma das nãos; o mesmo Thomé Lopes affirma isto, e accrescenta que esta não era de Rui Mendes de Vasconcellos, e que nella hia por Capitão João Buonagracia, de Nação Italiana. Ainda que este cargo parecesse dispensallo das obrigações de Soldado, não acconteceo assim, segundo elle escreve em o Cap. IX. sendo hum dos ultimos que se retirou quando os Mouros da não Meri entrárão em o seu navio, onde defendeo o posto até que todos o desempardrão, e se vio só juntamente com o seu Capitão.

A pesar porém deste feito não apparece o seu nome nos nossos Historiadores, a não nos persuadirmos que hum Escrivão Diogo Lopes, de quem falla Barros no Cap. III. L.° VI. Decada 1.ª he a mesma pessoa do dito Thomé Lopes, com aquelle engano no primeiro nome.

O nosso Abbade Barbosa, Antonio de Leão, e Nicoldo Antonio, todos fazem menção deste Author em as suas Bibliografias.

NA-

NAVEGAÇÃO
A'S
INDIAS ORIENTAES,
ESCRITA POR THOME' LOPES.

BIBLIOTECA BORBA

CAPITULO I.

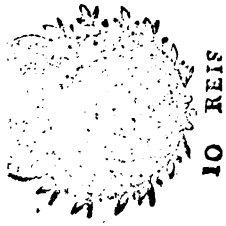
De hum porto chamado o Funchal, de como fomos assaltados por huma grande tempestade, e de hum lugar chamado Cabo primeiro.

EM huma Sexta feira no primeiro de Abril de mil quinhentos e dous (*a*) a horas de Vespera, partimos da Cidade de Lisboa em numero de sinco náos, e aos quatro passámos á vista de Porto Santo: no mesmo dia descobrimos as Desertas, que estão ao lado do Funchal porto da Ilha da Madeira, e aos outo escorremos as Ilhas de Ferro e Palma, que fazem parte das Canarias: no dia quinze passámos pegados com as de Cabo verde, de modo que fomos vistos dos da terra; e aos desouto de Maio vimos huma Ilha ainda não descoberta (*b*), alta, bella segundo nos pareceo, chêa de bosques, e pouco mais ou menos do tamanho da Madeira; está em hum clima muito temperado por

(*a*) João de Barros põe com effeito a partida de Estevão da Gama, Capitão mór desta Armada no referido tempo; porém Castanheda provavelmente com engano, lhe assigna o dia sinco do mesmo mez.

(*b*) Não será facil, segundo estas informações, saber qual he a Ilha de que falla Thomé Lopes: primeiramente entre as Ilhas de Cabo verde e a Linha, não ha Ilha alguma senão junto á costa; em segundo lugar desconhecemos absolutamente a Ilha dos Papagaios vermelhos, e só suspeitamos chamar-se assim alguma das de Cabo verde, ainda que desde o tempo do Sr. Rei D. João II. já tivessem o mesmo nome que hoje tem; em ultimo lugar seguindo os rumos, e o numero de legoas que o Author aponta, não existe Ilha nenhuma naquellas paragens.

por ficar ainda distante da Equinocial, e jaz de Noroeste a Sueste com a Ilha dos Pagagaios vermelhos, contando-se de huma a outra trezentas legoas. Fica tambem na distancia de setecentas setenta e sinco legoas da Ilha da Boa vista; e assim quem a quizer procurar ponha-se trinta legoas della entre Poente e Levante, depois tome o rumo do Sul e achalla-ha. Demora tambem com o Cabo da Boa Esperança de Levante a Poente, e enfia de Noroeste a Sueste; assim quem deste Cabo a quizer demandar, deverá hir trinta legoas ao largo, e contará delle á tal Ilha outocentas e sincoenta legoas de travessa. Não fomos a ella, porque o tempo nos foi contrario, ainda que bem trabalhámos pela afferrar: daqui por diante quanto mais nos avisinhávamos á Linha maior calor sentiamos, chegando ao ponto de não nos podermos mover, tanto de dia como de noute: e isto de pois de passarmos o Cabo das Palmas na costa de Guiné; o qual jaz de Les-Nordeste a Oes-Sudoeste, e caminharmos trezentas legoas, que tantas se contão das Ilhas de Cabo verde até aqui. Pelo contrario quanto mais nos affastavamos da Equinocial mais temperado e fresco achavamos o ar, e deve notar-se que tinhamos perdido de vista a Estella do Norte duzentas legoas antes da Linha; e que quatrocentas antes do Cabo da Boa Esperança já se sentia hum grande frio, que hia augmentando á proporção que nos avisinhavamos delle, até ao ponto de nos ser necessario vestir muito fato, e comer e beber bem para nos agazalharmos. Em o primeiro dia de Junho em que o vento se espertou alguma cousa mais, avisinhando-nos ao Cabo da Boa Esperança, principiárão a diminuir os dias, de modo que aos outo, achámos pelo relogio da não ser o dia de outo horas e meia de Sol a Sol, e a noute de quinze e meia; e a razão porque em tão pouco tempo diminuírão tanto, foi porque nestes outo dias andou a não muito caminho.



Em huma terça feira sete de Junho em o quarto da.... saltou comnosco huma tão grande tormenta de vento Oeste, que fez esgarrar as náos humas das outras, de sorte que na manhã seguinte, não nos achámos juntas senão a Julia (*a*) e nós; e ficámos sem saber nada das outras: no ultimo quarto da noute já não levavamos a bojarrona, mas tão sómente os papafigos muito pequenos. Neste tempo tivemos hum vento tão grande, que nos quebrou a an-

(*a*) Barros chama a esta nao a Julioa.

antenna pelo meio, e igualmente o mastro da Julia, o que pôz a todos em tão grande susto, que todo aquelle dia e noute corremos em arvore seca, e se ferrámos o segundo traquete; era cousa pasmosa ver como o mar estava empolado; fizerão-se neste dia muitos votos, e deitarão-se sortes sobre quem devia hir visitar a devota Igreja de N. Senhora de Guadalupe. Os da náo Julia, que não tiverão menos medo, antes muito maior, porque lhe entravão dentro muitos golpes de mar, tambem fizerão muitos votos: igualmente entrava muita agoa em a nossa náo; mas como era melhor que nenhuma das outras, náo estávamos em tão grande perigo. No dia nove do mesmo mez tivemos bonança, de sorte que todos pozemos o fato a enxugar ao Sol, náo obstante o aquecer-nos elle bem escassamente; estando todos muito molhados não só dos golpes do mar, mas mais ainda por causa da chuva. Aos onze tornou a levantar-se a tempestade, e pouco pôde fallar em todo o dia huma náo com a outra; o nosso rumo era então para o Leste. Nos dias doze e treze (em que já tinhamos navegado quatrocentas e sincoenta legoas no mesmo rumo) achámos nas agoas muitos sinaes de terra, como limos, toninhas, e lobos marinhos, e muitas castas de aves brancas e grandes, e varias qualidades de passaros mais pequenos, como estorninhos mas com o peito branco; e todos julgámos que estaria proxima alguma Ilha ainda náo descoberta pelos Christáos, pois terra firme náo podia ser por estar muito longe daqui. Tambem depois que passámos a Linha, achámos que o Sol e a Lua tinháo hum curso contrario ao que tem em Hespanha, isto he, que aqui e mais para diante nasce o Sol do Nordeste, e põe-se para Oes-Sudueste. Aos sete de Julho sendo ainda o vento muito forte principiámos a navegar para o Norte, depois a Noroeste até aos dez em que houvemos vista de terra, distante da qual estavamos ainda dez ou doze legoas, e porque era tarde pairámos aquella noute até que se pôz a Lua que seriáo onze horas (e entre nós correspondiáo ás sinco): voltámos a proa ao mar, estivemos sobre a amarra até que amanheceo, e então fomos reconhecer a dita terra. Neste dia náo nos foi possivel saber aonde estavamos, porém voltando no seguinte, foi-nos dito que este era o Cabo primeiro, o qual mete huma lingoa muito aguda pelo mar dentro: e affastando-se a gente do mar vem-se entre estes dous Cabos dez ou doze Ilhotas, algu-

gumas restingas de arêa. Daqui navegámos sincoenta legoas para o Nordeste e.... para Nornordeste, e chegámos defronte das lagôas que distavão de nós vinte e sinco legoas. Continuámos a navegar Nordeste quarta a Norte, e estavamos cousa de quinze legoas distantes do Cabo das Correntes pelo mar dentro, depois corremos ao Norte obra de sessenta e sinco legoas, e porque havia falta de carnes nos voltámos a hum pouco de peixe seco que traziamos, que igualmente se veio a acabar no dia doze; depois a alguns grãos; faltando-nos estes ao queijo, e por fim a hum resto de carne de porco que nos durou pouco tempo; e por esta maneira nos hiamos sempre avisinhando a India.

CAPITULO II.

Da Ilha de Çofala, do Rio dos bons Sinaes, e de Moçambique.

AOs quinze de Julho achavamo-nos sobre a embocadura do rio de Çofala, e por estar calmaria estivemos aqui surtos em onze braças, desde huma Sexta feira depois de Jantar até ao Domingo á tarde; os da terra fizerão-nos muitas rogativas, e vimos muitos fumos com que nos convidavão a entrar, o que não fizemos, perdendo nisso muito; pois não obstante achar o Almirante pouco ouro quando alli passou, pelo terem levado dous ou tres zambucos que dalli tinhão partido outo ou nove dias antes, e ser costume dos Mouros não o mostrarem por medo de que os Christãos lhes fação mal, com tudo já por fim principiavão a trazer-nos algum; por isso julgámos que os fumos erão sinal para chamar-nos. Aqui concertámos o nosso mastro, que estava quebrado e sem gavea, e notámos humas restingas que entrão pelo mar duas ou tres legoas, e davão mostras que entre ellas havia algum rio; pois o mar corria com muita força, e trazia hum grande numero de folhas e outros sinaes de o haver. Da banda do Poente havia hum pequeno Cabo a modo de huma colina chata, e além delle apparecia huma pequena terra como Ilha. Sahimos dalli por Nordeste, e na Segunda feira á noute vimos tambem no mar muitos sinaes de terra, isto he, canas semelhantes ás de Portugal, madeira de bosque, muitas folhas, e grande corrente de agoa. Na

Ter-

Terça feira aos desouto de Julho achámo-nos em huma enseada de pouco fundo e muitos parceis, a qual tem sete ou outo legoas de extensão, ao sahir da qual andámos mais hum dia e huma noute; e segundo o caminho e sinaes que depois encontrámos, conhecemos que estavamos no rio dos Bons Sinaes. Correndo esta costa vimos arvores grandes como mastros de navio, e da banda do Poente apparecia hum Cabo como o de Espichel. Achámos aqui algumas Ilhas junto a terra, huma das quaes que está mais para o Nordeste, tem a figura de hum chapeo, e a sete legoas de distancia hindo para Moçambique achámos outra de arêa.

Quando sahimos da sobredita enseada tornámos a tomar para Nordeste quarta a Norte, e dentro de pouco tempo nos pozemos á vista das Ilhas primeiras. Aos 21 de Julho estavamos sinco ou seis legoas affastados dellas, e ahi fizemos huma pescaria de pargos e outros peixes pintados, de diversas castas, e muito differentes dos de Portugal. Vinte legoas antes de chegar a Moçambique, achámos hum baixo muito comprido que vai ao longo da costa, entra duas legoas pelo mar, e estende se outo ou mais. Corre elle de Nordeste a Sudoeste do mesmo modo que a costa.

CAPITULO III.

Da Mina donde ElRei Salomão tirava o ouro, e da qual se extrahe Mirra fina,

EM huma Sexta feira vinte e dous de Julho chegámos diante de Moçambique, e entrámos pelo meio de duas pequenas Ilhas, que lhe ficão na distancia de dous ou tres tiros de bésta. Immediatamente vierão ter comnosco alguns Mouros de reputação, e trouxerão nos huma carta assignada pelo Almirante (*a*), na qual mandava a qualquer navio Portuguez que chegasse ao porto, que não fizesse mal ou damno algum aos da Ilha, porque tinha feito contrato de paz e amizade com elles; dava nos além disso a saber que tinha espalmado aqui sinco náos, e que nos deviamos demorar o menos possivel, partindo immediatamente pelo caminho de Quiloa; que se ahi o não achassemos fossemos para Anchediva, e dahi até o encontrarmos, navegando sempre de dia e de noute. Mostrava-

(*a*) Vide Barros Decad. I.ª L. VI. Cap. 3.

se pela dita carta que havia onze dias que elle tinha partido; e no fim della estava escrito por mão de Estevão da Gama, Capitão da náo chamada Flor de la Mar (*a*), como elle com as duas náos tinha partido a desouto, isto he, quatro dias antes. Demorámo-nos aqui até o dia vinte e seis, e provemo-nos da agoa e lenha que quizemos: os Mouros da terra vinhão livremente ao nosso bordo, e com elles faziamos algum contrato de ouro e perolas; andavamos seguros pela terra, e elles nos tratavão com grande cortezia.

Estando nós nesta Ilha foi-nos affirmado que tinhão hido á Capitania certos Mouros honrados, que aqui habitavão, a cumprimentar o Capitão; aos quaes elle perguntou muitas cousas a respeito da mina de Çofala; e perante muita gente que alli se achava, respondêrão, que com toda a certeza havia então huma grande guerra no lugar donde vinhá o ouro, e por este motivo não podia chegar naquella occasião; porém que havendo paz podem-se extrahir da mina dous milhões de mitigaes, valendo cada mitigal hum ducado, e hum terço; e que os annos passados, estando o paiz pacifico, as náos de Meca, de Judá, e de muitos outros lugares, tiravão da mina os ditos dous milhões: disserão mais que tinhão livros e escrituras antigas, por onde consta que a mina donde ElRei Salomão tirava de tres em tres annos tanto ouro, era esta mesma (*b*); e que a Rainha Sabá, que levou a este Rei hum tão grande presente, era natural das partes da India. Derão tambem aquelles Mouros ao Almirante huma bola de mirra fina, dizendo que da mesma mina se podião tirar duzentas cantaras della annualmente.

CA-

(*a*) Era Estevão da Gama, como dissemos no Prologo, o Capitão mór da Armada em que hia Thomé Lopes, o qual se tinha separado delle por occasião da tormenta acima descripta.

(*b*) Tem sido diversissimas as opiniões dos differentes Authores, a respeito do lugar onde estava situada a Região de Ophir: com tudo a opinião mais provavel parece ser, que esta Ophir donde Salomão tirava o ouro era com effeito Çofala. Veja-se a Memoria de Mr. d'Anville inserida nas da Academia de Inscripções e Bellas Letras de Paris Tom. 30. pag. 83. e seguintes, na qual expende as razões que tem para assim o pensar.

CAPITULO IV.

De Quiloa e Mombaça.

PArtímos daqui aos vinte e sinco do mesmo mez de Julho levando comnosco hum Piloto negro, que nos pedio dez cruzados para pôr ambas as náos em Quiloa; e tomámos o rumo para o Norte, porque a costa corre Norte a Sul: de noute alargavamo-nos hum pouco ao mar, e de dia tornavamos a reconhecer a terra: e como tivessemos andado quarenta e sinco legoas, vimos huma terra que tinha treze ou quatorze colinas altas, e entre estas tres ou quatro ainda maiores, e ao longo della muitas Ilhotas; pelo que reconhecemos que estavamos em Quiloa, aonde não quizemos entrar, por não estar lá o Almirante. Antes que alli chegassemos tinhamos já visto certas montanhas altas, e pensando que era Quiloa, estivemos essa noute ao pairo: no dia seguinte continuámos a navegar, e quando conhecemos o nosso engano fomos costeando, e vimos huma torre branca que nos disserão chamar-se Quiloa a velha, com huma pequena povoação que nos pareceo estar em huma Ilha. Entre estas duas Quiloas ha hum rio, que nos deo bastante trabalho a passar; e entrando dentro delle, até hum remanso que faz junto a huma Ilhota vimos grandes palmares e outros arvoredos. Seguimos depois a nossa navegação Nordeste quarta a Leste, por ser já muito tarde. Ao lado de Quiloa achámos huns bancos voltados ao Nordeste, na distancia de tres ou quatro legoas ao longo da costa; e daqui nos fizemos na volta de Mombaça, por Nordeste quarta a Norte; e porque não sabiamos bem o caminho, por hir mais seguros, tomámos o rumo entre Nordeste e Norte, e Sul e Sudoeste. Entre Quiloa e Melinde vimos duas Aldeas huma junto á praia, e outra hum pouco mais pela terra dentro. Ao longo da costa ha grandes montanhas e algumas campinas que parecião semeadas: não avistámos Mombaça por estarmos muito ao largo. Antes que chegassemos a Melinde, vimos tres montes grandes ao pé huns dos outros, longe da Cidade treze ou quatorze legoas; corre aquella costa de Nordeste a Sudoeste; e quando estavamos na distancia só de sinco legoas, vimos huma pequena Ilhota, e huma grande arriba de barro vermelho; pou-

co mais adiante estavão alguns baixos, que parece sahem a tres legoas de distancia voltados a Noroeste, e descobre-se tambem outro monte, que parece hum castello. Tinhamos formado tenção de entrar em Mombaça, que está desouto legoas antes de Melinde, porém passámos de Noute, e pela manhá quando reconhecemos a terra, achámos tella escorrido, e não quizemos tornar para traz.

CAPITULO V.

De Melinde, da residencia do Rei, dos elefantes, e como he falso dizer-se que não tem juntas: de ElRei de Quiloa, e como se fez tributario de Portugal.

AOs dous de Agosto em huma Terça feira de tarde surgimos defronte de Melinde, que saudámos com algumas bombardas; vierão logo á não treze ou quatorze Mouros, e entre elles hum parente de ElRei, com hum trombeta dos seus tangendo com grande prazer; vinha em sua companhia hum Luiz de Moura criado de ElRei N. Sr. que Pedro Alvares Cabral tinha aqui deixado, e já fallava muito bem aquella lingoagem. Todos elles nos saudárão por parte de ElRei de Melinde, dizendo-nos que ficava summamente satisfeito com a nossa chegada: nós os recebemos mui graciosamente, e convidámos com muitas fogaças; conservas, e fructos de Portugal, e vinho bom e em abundancia: mandámos tambem á Rainha huma cesta chea de biscoutos e muitas avelans, nozes, uvas passadas, e doce de amendoas; o que tudo foi a proposito, porque estava proxima a parir. Em troco disto; tivemos muitas gallinhas, peixe, e outros refrescos, e ElRei mandou que naquella noute todos levassem gallinhas, e outros mantimentos a vender ás náos; dizendo-nos que podiamos hir a terra seguramente, porque elle e todo o seu Reino estava ao serviço de ElRei de Portugal. Pela manhá desembarcámos, e fomos ao palacio do Rei, que he sobre o mar, e lhe beijámos a mão, recebendo-nos elle com muita benevolencia, sentado em huma cadeira de palmo e meio de altura, forrada de hum couro negro com hum pelo luzente que parecia veludo, e envolto em hum pano pintado: do lugar onde elle estava via o mar, e estavão tambem assentados desouto ou vinte Mou-

to-

ros, e havia algumas outras cadeiras vazias. Parte destes Mouros estavão descalços; ao lado de ElRei havia hum par de chinelas, e tinha á roda da cabeça huma grande toalha de seda á Mourisca, e a boca chêa de betelle que não cessava de mastigar (*a*). Logo que nós chegámos, principiou a fallar, e a pedir-nos novas d'ElRei e da Rainha NN. SS. perguntando-nos se se achava pejada; disse-nos depois que estava melancolico e pezaroso de o Almirante não ter hido pelo seu porto, o que lhe parecia desconfiança segundo lhe tinha dito o Christão, que lá tinhamos deixado. Vimos em sua casa dous elefantes novos, hum de seis mezes, que era do tamanho de hum grande boi, e tinha carne como dous; o outro era muito maior, ambos negros muito carnudos, e os seus dentes não excedião a hum palmo: ha-os tambem grandes por maneira que dous delles arrastão para terra huma náo, por maior que seja, para o que prendem os dous elefantes cada hum por seu lado, e não tem mais cuidado, pois a levão o melhor e mais direito que he possivel. Os que dizem que os elefantes não tem juntas, não dizem bem, porque se deitão em terra e saltão com muita ligeireza; tem huma tromba, de algumas tres braças de comprido, com que levantão a comida do chão, o que não poderião fazer de outro modo; e com ella he que a metem na boca. Os Mouros para nos fazer honra, lhe davão com huma vara nos joelhos, e logo se dobravão, e fazião cortezia com o joelho no chão. Quando partimos, fez ElRei dar hum boi a cada náo; e os nossos lhe mandárão hum presente de vasos de estanho grandes e pequenos com hum pouco de açafrão. Em quanto alli nos demorámos, hiamos a terra tão livremente como em Portugal, fazião-nos muito agazalho e reverencia, e erão tantas as gallinhas, pescados, melancias, limões e outros resfrescos, que elles nos vendião, que verdadeiramente era cousa maravilhosa. Depois de feita a agoada mandou ElRei escrever ao Almirante, e eu Thomé Lopes, Escrivão da náo de Ruy Mendes de Brito,

(*a*) Traduzimos por Betelle o que no original está *atambor*; pois além de que o betelle he a folha que os Asiaticos uzão continuamente trazer na boca; ella se chama, segundo Garcia de Horta, em Arabigo, Tambul, e o Pagem que a leva ao Rei, Tombuldar: donde talvez venha o nome de Atambor que lhe dá Thomé Lopes. Vej. Garcia. d'Hort. Col. de Betre.

to, (*a*) fui chamado á sua presença, e alli escrevi a carta dizendo-me Luiz de Moura por parte do Rei o que queria que eu escrevesse.

Contou-nos depois ElRei que já lhe tinha escrito outra carta antes delle alli chegar, estando defronte de huma montanha affastada de Melinde seis ou sete legoas, aonde se demorou por causa de hum temporal; e osque levárão a dita carta, hião metidos pelo mar até á cintura, por motivo das féras, que de noute se encontravão em terra, as quaes os terião morto; trouxerão elles a resposta, e hum escrito do Almirante, no qual mandava a todas as náos Portuguezas, que por alli passassem, que não tivessem detença.

Deo-nos além disso outras cartas, que João da Nova tinha deixado escritas em Quiloa, quando voltou para Portugal, contando como ElRei de Calicut armou contra elle huma grande frota, que elle destruio e desfez, a qual eu copiei; e depois recebemos o original para entregar ao Almirante.

Contou-nos tambem como ElRei de Quiloa se tinha já feito tributario de ElRei N. S. por quatrocentos ou quinhentos pezos de ouro por anno; e que desculpando-se este Rei de não vir fallar ao Almirante por estar doente, e differindo de dia em dia satisfazer o contrato que fizera com os Christáos, como já havia praticado com Pedro Alvares Cabral, mandou o Almirante que todas as náos se chegassem á Cidade o mais que podessem, e he tal o porto que as náos quasi punhão a proa em cima da muralha: feito isto, estando toda a artilharia pronta, o Almirante se armou com trezentos e sincoenta homens, e se metêrão nos esquifes para hir a terra; o que vendo os Mouros tiverão hum tão grande susto, e os correios hião e vinhão por hum modo tal, que ElRei foi forçado a sahir da Cidade, e a vir-se meter nas mãos do Almirante e no seu esquife, mais morto do que vivo: pois se persuadia, que elle lhe faria cortar a cabeça. Recebeo-o o Almirante com honra e agrado, e o fez sentar sobre hum estra-

(*a*) Ainda que Ruy Mendes de Brito fosse o dono deste navio, com tudo quem o commandava era João Buonagracia como o Author diz adiante. Barros, e Castanheda que nos deixárão, postoque com bastante diversidade, os nomes de todos estes Capitães, fallão sem discrepancia em Buonagracia como Capitão da Armada de Estevão da Gama.

trado alcatifado, que estava na popa do esquife; e voltando se a elle lhe disse, que vinha do modo que podia ver, para fazer pazes ou guerra com quem quizesse qualquer das duas cousas; e que assim escolhesse o que melhor lhe agradasse, sem susto nem suspeita alguma; porque o faria pôr em terra salvo e seguro, conforme a palavra e salvo-conducto, que lhe tinha dado, o que os Christãos nunca costumavão quebrar: respondeo ElRei que queria paz; e então o Almirante lhe disse, que se devia fazer vassallo de ElRei de Portugal, e pagar-lhe hum tributo de vinte pérolas; ao que elle tornou, que as pérolas era duvidoso podellas achar de pezo de hum mitigal cada huma, como lhe pedia; e que além disso talvez se dissesse, que não erão bem finas; que assim lhe daria todos os annos em ouro o que fosse razoavel, ajustando-se ambos amigavelmente; e que offerecia mil e quinhentos pezos annuaes, cada hum dos quaes val hum justo (*a*) de ouro: com isto se foi embora e deixou em poder do Almirante alguns Mouros de qualidade para segurança das pareas, e mandou immediatamente mil mitigaes de ouro, que trouxerão ao rio com grande festa, e muitos tangeres e alegria, estando a praia chea de mulheres que gritavão *Portugal Portugal*; depois mandou os quinhentos que restavão sempre com grande festa, e mostrando que estavão muito contentes e alegres com a nossa paz. O Almirante deo aos Mouros, que trouxerão o ouro bastante pano escarlate muito fino, e presenteou o Rei com huma grande porção de veludo carmezim, e pano escarlate finissimo, e lhe deo huma patente do dito tributo, e huma bandeira de seda recamada de ouro com as armas de ElRei de Portugal, mandando que a gente mais escolhida da Armada entrasse nos esquifes para a accompanhar com muitas trombetas, atabales, tambores, e tiros de bombardas. Ao sahir em terra ElRei a recebeo com grande prazer, e a mandou pôr no lugar mais alto da Cidade por ci-

(*a*) Moeda antiga Portugueza do valor de seiscentos rs. assim chamada, porque a sua lenda era *Justus ut palma florebit*: vem pois os mil e quinhentos justos a valer novecentos mil rs., porém no principio do Cap. vimos nós que o dito Rei se tinha feito tributario por quatrocentos ou quinhentos, o que he conforme ao que diz Barros, será pois erro o dizer agora mil e quinhentos? ou antes os mil que apparecem de mais serião dados como hum resgate só naquelle anno, além dos quinhentos que se ficárão dando?

cima das suas, e fez presente ao Almirante de hum grande refresco de carneiros e gallinhas: o Almirante lhe mandou dizer, que se tinha algum inimigo, lho fizesse saber e o vingaria; com o que teve grande prazer, agradecendo-lho muito, e assim se separárão mui satisfeitos hum do outro.

Disse-nos finalmente o mesmo Rei de Melinde, que os do Reino de Mombaça confinantes com Quiloa estavão com grande receio dos Christãos; pelo que não duvidava que ficarião muito satisfeitos em pagar tambem hum Tributo a ElRei de Portugal, sobre o que tinha escrito largamente ao Almirante.

CAPITULO VI.

De Anchediva e das tres Ilhas chamadas de Ghediva.

EM huma quarta feira tres de Agosto partimos de Melinde, e nos fizemos na volta de Calicut, tomando o rumo pelo Les-Nordeste; e aos quatro entrámos outra vez debaixo da Equinocial, aonde não sentimos tanta calma, quanta achámos na costa de Guiné, quando estivemos debaixo della. Fomos sem a náo Julia, porque não quiz esperar por nós, e caminhámos trezentas e setenta e sinco legoas a Les-Nordeste, e dahi para diante Leste quarta a Nordeste; corremos assim trezentas legoas e depois voltámos ao primeiro rumo e navegámos mais sessenta e sinco. Em huma sexta feira pela manhá, aos 19 de Agosto, vimos terra da banda de Calicut, distante de Anchediva cousa de quarenta legoas; e dahi viemos costeando naquelle rumo, e achámos tres Ilhas chamadas as Guedivas, que estão de Sul a Norte, quinze legoas distantes da terra firme; e já antes tinhamos passado nove ou dez, tres ao Nordeste, e as outras mais para o Sudoeste. Obra de dez ou doze legoas antes de chegarmos ás Ghedivas, descobrimos grandes e asperas montanhas; huma das quaes vem ter ao mar, e na sua fralda há huma colina; e vista do lado do Sul faz outra que parece como a gavea de huma náo, o que he hum bom sinal para se reconhecer. Tres ou quatro legoas antes de chegar a Anchediva ha tres ou quatro Ilhotas para o Norte, e outras tres da banda do Sul ao lado della, e huma mais pequena, que do mar parece escalvada e com hum monte no meio;

e

e mais adiante na terra firme fica huma alta e grande montanha. Antes que avistassemos a costa achámos cobras de agoa, pelo que conhecemos que estavamos junto a terra, pois não se costumão affastar della mais de trinta ou quarenta legoas. Em o Domingo vinte e hum de Agosto, pela manhã ainda cedo chegámos á dita Ilha, de modo que antes de hora da Noa fomos vistos e salvados com alguns tiros de bombarda; e como o Almirante, que estava ouvindo Missa (*a*) os ouvio, deixou tudo e com grande pressa fez apparelhar tres náos e duas caravellas, e veio para nós julgando que erão náos de Meca, e poz-se de permeio com a terra para não nos podermos refugiar a ella. Apenas o avistámos tivemos hum grande prazer, e içámos muitas bandeiras, toldos, e estandartes; com o que conheceo, que eramos Portuguezes, e tornou para a Ilha; porém huma das caravellas veio perguntar-nos noticias da náo Julia, ao que respondemos que tinha partido de Melinde antes de nós, e que nunca mais a tinhamos avistado: porém chegou depois no cabo de quinze dias. O Almirante teve, como dissemos, grande contentamento com a nossa chegada, e veio depois todo embandeirado á nossa náo, a saber noticias de Portugal, e se traziamos cartas. Muita da gente da sua Armada estava doente, e com ella repartimos as gallinhas que tinhamos trazido de Melinde, e assim as melancias, e outras cousas de comer, e muito se maravilhárão de estarmos todos sãos e bem dispostos. Tinhão levantado algumas tendas em terra aonde estavão os doentes, á maior parte dos quaes crescião as gengivas sobre os dentes, de modo que muitos morrião. Outros padecião de hum tumor, que lhes nascia entre as coxas, o que os não fazia tão perigosos como os primeiros. Vierão ter á nossa náo alguns homens negros, sem vestido algum da cintura para cima, e envolvidos em hum pano de linho ou de algodão dahi para baixo: trazião a vender-nos peixe cru, e cozido, pepinos, e ramos de canella selvagem, que nos davão por pouco preço, e muitas outras cousas, entre ellas huma especie de figos compridos, e grandes como

(*a*) João de Barros na Dec. I. L.º VI. Cap. 3. diz que no golfo da India he que o Almirante se encontrou com Estevão da Gama: porém o que conta Thomé Lopes he tão circunstanciado, que não deixa lugar a duvidar-se da sua exactidão.

pepinos pequenos, que he hum dos fructos mais saborosos, que póde haver no mundo; e dos quaes ainda que se coma hum cesto cheo, não fazem mal algum nem empacháo o estomago.

Contarão-nos os Portuguezes, que tinhão accompanhado o Almirante, que quando atravessárão aquelle golfo, andárão algumas cem legoas fóra do rumo, para a banda da Casa de Meca, e que virão hum zambuco de Mouros, que foi aprisionado pela caravella com toda a tripulação, o qual era de huma grande Cidade, que estava alli perto dentro de hum rio chamado Calimul; e que o Almirante entrou disfarçado em huma caravella, levando comsigo os ditos Mouros, e o zambuco, até defronte da Cidade, donde sahírão trinta homens a cavallo, ou inda mais, segundo dizem os que o accompanhárão. Quando abordárão alli, mandárão os Mouros em paz; assim que elles chegárão á Cidade, tornárão em breve com hum refresco de gallinhas e fructos, pedindo da parte do Rei dissessem, que gente erão, e o que andavão procurando pelo mar. O Almirante lhes respondeo, que erão Christãos, que trazião mercadorias para negociar na India, e vinhão com o proposito de assentar pazes com quem as quizesse, ou fazer guerra a quem mais lhe agradasse. Disserão-lhe tambem que ElRei lhe dava seguro, para toda a frota que estava diante do seu porto; e lhe venderia muitos diamantes e lacca, e que se por ventura quizessem carregar grão, elle lho daria para toda a frota dentro de dez ou quinze dias, e lhe compraria pano escarlate no caso que o tivessem: o Almirante os deixou dizendo, que participaria tudo ao seu Capitão, e quando partio mandou disparar hum tiro de bombarda grossa para os amedrontar, e determinou entrar dentro com toda a frota; mas quando chegou a ella principiava a soprar hum vento tão favoravel, que determinou seguir a sua viagem.

CAPITULO VII.

Como forão aprizionados os que vinhão em hum zambuco para Cananor; e depois de se lhe restituir outra vez toda a sua fazenda, forão entregues a hum Embaixador daquelle Rei, a fim de o compensar das muitas joias que elle tinha dado ao Almirante.

AOs vinte e seis de Agosto mandou o Almirante que partissem todos da Ilha de Anchediva, e antes de nós já tinhão sahido para Cananor as caravellas e duas náos. Aos vinte e outo desafferrámos com vento bonança, navegando de dia tão somente junto á costa, até que chegámos a huma enseada aonde estava huma Aldea chamada monte Delli, de ElRei de Cananor; e logo mandou o Almirante algumas das náos em procura das que vinhão de Meca; revezando-se humas ás outras. Assim passárão sinco ou seis dias, em que a náo Esmeralda concertou o mastro, que se lhe havia quebrado no golfo, tendo sido preciso cortar outro pela ribeira acima junto ao mar; o qual acarretárão dous elefantes sem trabalho de mais ninguem, nem he muito que tal podessem fazer, quando nos segurárão que carregarião com huma náo por maior que fosse, até a pôr pela terra dentro tão direita que he cousa maravilhosa: e por certo que animal algum deixa de fazer tudo aquillo, que lhe ensinão do mesmo modo que o elefante. Andando pois as náos de guarda costa encontrou Fernando Lourenço (*a*) huma, que dizia parecer-lhe tão grande como a náo Rainha, e lhe deo caça atirando-lhe com seis ou sete bombardas, e por não ter mais balas do calibre da bombarda a náo rendeo, e assim que se fez noute, a perdeo totalmente de vista. Nós que estavamos na náo de Ruy Mendes de Brito Gentil-homem da Camara de ElRei N. S. tambem em procura de alguma náo de Meca, vimos hum zambuco, que nos pareceo estar surto; e porque havia calmaria, e vinha a no-

(*a*) Em nenhum dos Historiadores, Barros, Goes e Castanheda, vem Fernando Lourenço nomeado entre os Capitães desta expedição, a pezar de que cada hum delles faz esta enumeração com bastante diversidade.

noute, concordámos em mandar o esquife bem armado com doze homens, entre os quaes era hum João Buonagracia Florentino, Capitão da dita náo: quando os Mouros virão que não podião escapar, vierão tres delles ter comnosco em a sua almadia, com hum presente de figos e cocos: logo que chegárão recebemo-los no batel, deixando a almadia pela popa; e quando estivemos perto do zambuco, disparámos dous tiros de bombarda, para lhes meter medo, com o que todos se deitárão ao mar; mas os nossos os apanhárão, e se metêrão com elles em o zambuco. Erão por todos vinte e quatro homens, grandes de corpo; e hião de huma Ilha para Cananor, a tomar carga segundo disserão, e levavão Cairo (*a*) e inhame. Atámos o zambuco pela popa, pozemos em boa guarda os Mouros que estavão dentro, e tomámos o nosso rumo para onde estava o Almirante com toda a Frota; mandou elle que estivessemos assim, até determinar o que haviamos de fazer dos prizioneiros, os quaes assim estiverão até doze do mez, entregando-os depois ao Embaixador de ElRei de Cananor, que lhe havia feito presente de muitas joias: e lhes perguntou se lhes tinhão tirado alguma cousa, para lha fazer restituir; ao que lhe respondêrão, que não lhes havião tirado senão mantimentos, do que lhes não pezava; e além disso quatro vestidos, que rogavão lhes fossem restituidos, o que desprazeo muito ao Almirante que lhos mandou logo entregar, e pôz tudo nas mãos do Embaixador com muito gosto de todos: concluido isto puzerão-se immediatamente em caminho para Cananor, como homens, que lhes parecia terem escapado do cativeiro, tocando os atabales que tinhão em o zambuco.

CAPITULO VIII.

Da grande refrega que houve entre huma náo Portugueza e outra de Calicut.

AOs vinte e nove de Setembro andando algumas das nossas náos em procura das que vinhão de Meca, a S. Gabriel (*b*) se encontrou com huma de Calicut que dalli volta-

(*a*) O Cairo he feito da materia filamentosa dos entrecostos de coco, com que se fabricão as cordas em toda a India, principalmente para as embarcações.

(*b*) O Capitão deste navio era, segundo Barros, Gil Matoso.

tava com duzentos e quarenta homens, sem fallar nas mulheres e creanças, que erão bastantes, e que todos voltavão daquella peregrinação: deo-lhe logo caça, e tendo disparado alguns tiros de bombarda, para logo se rendêrão; e não obstante terem armas e artilharia não quizerão combater, parecendo-lhes que com a muita fazenda que tinhão na náo, podião resgatar suas vidas; pois estavão alli dez ou doze Mouros mercadores dos mais ricos de Calicut; hum dos quaes se chamava Joar Afanquei e dizião que era Feitor do Sultão de Meca na dita Cidade, e dono de esta e de tres ou quatro outras náos, tendo grande trafico de mercancias. Apenas elle chegou á presença do Almirante, as primeiras palavras que lhe disse, forão que lhe deixasse a náo tal como estava, e que lhe daria pelo mastro da nossa que estava quebrado, cem cruzados, e carregaria de especiaria toda a frota, que erão duas caravellas e desouto náos, sinco ou seis das quaes erão muito grandes. Vendo depois que o Almirante não queria aceitar este partido, lhe tornou a offerecer outro, a saber, dar-lhe por elle, sua mulher, e seu neto que alli estavão, carga para quatro das maiores náos da Frota, ficando elle prezo na Almirante, em quanto seu neto hia a terra; e que se em quinze ou vinte dias não satisfizesse a quanto promettia, podia fazer delle o que lhe parecesse; obrigava-se além disso a fazer restituir a ElRei de Portugal, toda a fazenda que lhe havião roubado em Calicut; e a que se assinassem pazes e amizade entre aquelles Monarcas. O Almirante não quiz assentir a nenhum destes partidos, e disse ao dito Joar que ordenasse aos Mouros, que cada hum lhe desse de presente toda a fazenda que tinhão na náo. » Quando eu commandava, respondeo o Mouro, todos cumprião as minhas ordens, mas agora que tu só commandas, he justo, que sejas o proprio que dês semelhante ordem. » Com isto derão os Mouros ao Almirante aquillo que cada hum quiz; sem que elle os obrigasse com tormento nenhum; nem mesmo fizesse as pesquizas que se devião fazer; porque ao depois acharão-se roupas do mesmo Joar, por mais de tres mil cruzados; e pensesse as joias, e outras miudezas, que ficarião; os vasos de azeite, manteiga, e mel, &c. Acabado isto mandou o Almirante a sinco ou seis bateis, que conduzissem a náo a reboque, e tanto que se affastassem hum pouco da frota, lhe pozessem fogo fazendo-a ar-

arder com quanta gente estava dentro. Desarmada a náo, e deixada sem leme e enxarcias; alguns bombardeiros lhe puzerão fogo na coberta, mas voltando para os bateis os Mouros o apagárão, e pegárão em as armas que tinhão escapado, por não se terem procurado bem; e em muitas pedras de mão que alli estavão para lastro, e determinárão-se a morrer combatendo. Logo que os dous bateis virão o fogo apagado, tornárão para o accender, mas forão recebidos com infinitas pedradas tanto dos homens como das mulheres, de modo que não puderão entar dentro, e se affistárão principiando a atirar-lhes com as suas bombardas: que por serem pequenas não lhe fizerão mal algum. Nisto as mulheres subírão á tolda, e muitas dellas mostravão grandes porções de ouro, prata, e muitas joias; e gritando em altas vozes, chamavão pelo almirante meneando a cabeça, dando a entender segundo se percebia, que lhe darião tudo se quizesse salvar-lhes a vida. O Almirante via o que se passava por huma escotilha; e algumas mulheres tomavão nos braços os seus filhinhos e os levantavão ao ar persuadindo-o assim a que tivesse piedade daquelles innocentes; os homens fazião igualmente sinal com a cabeça, que se querião resgatar a todo o custo; e he certo que com a riqueza que havia naquella náo, se podião tirar do cativeiro, quantos Christáos estão prezos no Reino de Fez, e ainda sobraria muito para ElRei N. S. Vendo porém a determinação do Almirante, que não lhes queria fazer graça reparárão a náo como podérão com colchões, fato, esteiras, e redes; e se despozerão a vender suas vidas o mais caro que lhes fosse possivel, como com effeito fizerão; porque matavão e ferião quantos dos nossos podião alcançar.

CAPITULO IX.

Da muito grande e desesperada defeza que fez esta náo de Calicut, e como finalmente foi queimada, tendo primeiramente os Mouros que estavão dentro deitado ao mar o grande tesouro que tinhão, de ouro, e prata, e joias: e como a náo S. Paulo deo caça a quatro náos de Mouros.

ESTando as cousas nestes termos, nós que estavamos na náo de Ruy Mendes de Brito, e tinhamos como já disse, ata-

atado na popa o zambuco, que aprezáramos; viamos perfeitamente o que se passava, (foi isto em huma segunda feira tres de Outubro de mil quinhentos e dous, de que me lembrarei toda a minha vida) quando os que estavão nos bateis principiárão a chamar-nos, fazendo sinal com huma bandeira, por cujo motivo nos avançámos. Antes que chegassemos ao pé, repartimos a pouca gente de que podiamos dispôr, deixando alguma no zambuco: muitos dos nossos não tomárão armas, parecendo-lhes tinhão a combater com gente desarmada; e com esta desprevenção fomos ferrar-nos com a náo, na balustrada do Castello que era sobre maneira alta, tendo disparado quando nos avisinhámos huma bombarda grossa que fez hum grande rombo junto á carlinga. Os Mouros como homens deliberados a morrer, atracárão a nossa náo por duas partes; o que foi feito com tanta pressa e furia, que não tivemos tempo de atirar huma só pedrada da gavia: tinhamos além disso poucas lanças, e poucos dardos, mas com estes mesmos poucos faziamos-lhe muita guerra; deviamos tambem attender aos vinte e quatro Mouros, que aprezáramos no zambuco, e fazellos descer debaixo da coberta; pois os da náo desejavão muito tellos comsigo, e fazião quanto podião por se emparelharem comnosco, por ser a sua náo muito mais alterosa do que a nossa; e se com effeito o conseguissem, não tinhamos esperança alguma de salvação, porque nos recebião cada hum com tres ou quatro pedras, e davão-se tanta pressa que Artilheiro nenhum podia chegar á sua bombarda, nem fazer-lhes mal senão com béstas, que algumas vezes matavão alguem. Com tudo faziamos voltar para traz os que querião saltar na nossa náo, e elles igualmente fazião-nos o mesmo. Estavão em nossa companhia huns quarenta homens dos bateis; mas não apparecia ninguem que não se visse logo com vinte ou trinta pedras á roda de si, e algumas fréchas de mistura com ellas. Durou a batalha até muito pela tarde, em hum dia o maior do anno; e era maravilhoso ver o impeto com que combatião; pois ainda que lhe ferissemos e matassemos bastantes, parecia que não sentião mingoa, nem fazião caso das feridas; tanto, que se atrevêrão a descer ao nosso castello de diante quatorze ou quinze homens: foi então alli a força da batalha, porque estavamos atracados pelo castello, e elles como raivosos e danados, nos ferião tão ri-

ja-

jamente, que fomos obrigados a desamparar aquelle posto, pois ainda que lhe pozessemos as lanças aos peitos, corrião sobre ellas sem medo algum, tanta era a sua raiva. Em fim já não estava naquelle lugar senão eu e João Buonagracia Capitão da náo, armado com huma couraça descoberta já toda amolgada e destruida com as pedradas; e forão ellas tantas e taes, que ultimamente lhe quebrárão as corrêas, e lha fizerão cahir em terra. Nisto tinhão já entrado para dentro alguns Mouros, e o dito Capitão voltando-se para mim gritou: » Escrivão Thomé Lopes! que fazemos nós aqui depois de todos se terem » retirado? » e assim sahimos já bem feridos. Os Mouros entrárão immediatamente no castello dando grandes gritos, e os que estavão na náo tomárão com isto alento e ensoberbecendo-se combatião mui feramente. Os marinheiros que tinhão vindo ajudar-nos, vendo como o castello da proa estava perdido, que andavão já muitos Mouros por cima da tolda, e que outros tinhão descido para baixo do castello, perdêrão o animo de modo, que se deitavão ao mar acolhendo-se aos bateis: ficámos pois muito poucos, e a maior parte feridos, mas com tudo ainda assim peleijavâmos com os inimigos, parte dos quaes se retiravão dando lugar a outros que vinhão de novo; de modo que nunca se experimentava mingoa, e estavão alguns tão feridos, que quando pensavão voltar para a sua náo, cahião ao mar e morrião. Os desoûto Mouros, que acima dissemos tinhão descido comnosco abaixo do castello da proa, matárão aqui hum homem, e ferírão dous ou tres, e mal nos podiamos defender das pedradas, ainda que a véla nos amparasse alguma cousa: estando neste aperto encaminhou-se a náo Joia dando mostras de querer abordar a outra; pelo que os Mouros deixando-nos, voltárão todos para o seu bordo, cortando-nos quando se desafferrárão algumas enxarcias; tudo por julgarem que a náo Joia os queria abalroar, o que com effeito não fez (a pezar de ser maior do que a nossa) pois os via sobremaneira inflamados. Nesta retirada ficárão tres delles mortos ás lançadas, e por certo se isto não tivesse accontecido, ter-nos-hião tratado muito mal; porque erão muitos e nós poucos, a maior parte feridos, e tão mal de armas que se póde dizer que as náo tinhamos. A náo Joia se avisinhou á outra, e lhe atirou dous tiros de bombarda, não lhe podendo fazer outro algum damno. O Almi-

mirante entrou na náo Leonarda, e com seis ou sete outras das principaes da Frota, se pôz em seguimento da náo inimiga, que hia navegando com a corrente da agoa, e a perseguírão quatro dias com quatro noutes, sem que nenhuma dellas a podesse afferrar, e só quando passavão de costado, lhe atiravão com bombardas; já os nossos estavão resolvidos a náo a perseguir mais, se hum dos Mouros não se tivesse lançado ao mar, para vir dizer á Capitania, que se lhe dessem vida elle hiria a nado atar hum cabo á femea do leme da náo, para poderem incendialla; e pondo isto em pratica, o Almirante lhe concedeo a vida, e o deo a João de Vera. Tinha elle comsigo sincoenta e tantos xarafins de ouro, e contou do grande cabedal, que estava na náo, o qual todo foi lançado ao mar, além dos muitos mantimentos que trazia: contou-nos tambêm que nos vasos de mel e de azeite tinhão escondido muito ouro, prata, e joias; alijando tudo, quando virão que não lhe queriamos perdoar as vidas: e a sua furia era tal, que vimos algumas vezes no meio da batalha alguns feridos de frechas tirarem-nás fóra, atirando-as para nós com a mão, e continuarem a combater como se não sentissem nada. Assim depois de tantos combates, fez o Almirante pôr fogo áquella náo, que ardeo com quantas pessoas se achavão dentro, com muita crueldade, e sem comiseração alguma. (*a*)

Depois disto concluido, encontrou a náo S. Paulo quatro náos grandes e lhes deo caça, porém ellas fugírão para terra; tres entrárão em hum rio, e a outra encalhou na praia, e chegando aonde ella estava a abordárão sem embaraço. Os nossos para não encalharem tambem lançárão fóra huma ancora; e porque a náo dos Mouros estava deitada, e a ancora os não podia segurar por ser o vento forte e o mar grande, a largárão por não se perderem com ella. Logo que os Mouros se virão abordados, se lançárão ao mar; alguns delles salvarão-se no seu batel, porém muitos se affogárão, e a náo se desfez pouco a pouco pela força das ondas. Os nossos estiverão sobre a ancora ainda algum tempo, sem acharem outro meio

(*a*) Barros diz expressamente que o Almirante mandou recolher vinte e tantos meninos, os quaes depois mandou fazer Christãos, e o mesmo Thomé Lopes o dá a entender adiante, em o Capitulo XIII.

de recolher alguns homens, que tinhão saltado em a não dos Mouros quando abordárão, senão o de deitar fóra o batel para hir buscallos; mas por causa do grande impeto do mar, não podérão tirar nada do que estava dentro, senão algumas espadas e adargas; e entre tanto estava muita gente na praia, apanhando tudo quanto o mar deitava fóra.

CAPITULO X.

Como ElRei de Cananor fallou com o Almirante, e os nossos tomárão hum zambuco de Mouros que hia para Calicut, e da carta que escreveo aquelle Rei ao Almirante.

AOs desouto de Outubro de mil quinhentos e dous chegámos defronte de Cananor, e vierão logo alguns homens de importancia da parte do Rei a visitar e saudar o Almirante, dizendo-lhe que elle desejava fallar-lhe, e para isso ajustárão o dia. Em o seguinte fez ElRei construir sobre o mar huma ponte de madeira muito grande, da largura da de Lisboa, e bem ornada: e no mesmo dia mandou o Almirante preparar huma caravella, com a popa coberta de velludo metade carmezim, e metade verde, e nella se meteo a gente mais luzida da Armada, e igualmente nos bateis das náos, com muitas bandeiras, trombetas, atabales, e tambores, e com muitas danças, e folias; bombardas, lanças, béstas e outras armas; e elle com hum apparato muito custoso, vestido de seda, com dous grandes colares de ouro, hum ao pescoço, e outro a tiracolo, e assim foi para a ponte que tinha duas entradas huma da banda da terra, outra da banda do mar, ambas cobertas com panos pintados. O Rei chegou com obra de quatrocentos homens, com as espadas e adargas vermelhas, muito vistosas; outros com arcos e frechas, outros com partazanas: tanto elle como a sua comitiva não tinhão outro vestido, senão hum pano pintado que o envolvia da cintura para baixo; o resto do corpo estava nú, e tinha na cabeça hum barrete pintado. Este accompanhamento ficou hum pouco affastado da ponte, porque assim se ordenou para segurança; e ElRei entrou na primeira pousada, que era hum pequeno gabinete, e descançou hum espaço, não só porque fazia grande calma, mas porque o Almirante ainda não acabava de chegar. Logo que abordou, ElRei se foi para elle,

e

e o achou com trinta homens, porque se tinha ajustado que nem hum nem outro levaria mais deste numero: o motivo porque fallárão deste modo, foi porque o Almirante lhe disse que tinha regimento de ElRei para não descer em terra, e assim estava hum na ponte e o outro na sua caravella. Vinhão diante do Rei dous homens com bastões grandes, em que estavão pintadas humas cabeças de boi com que fazião vento a ElRei, não sabendo nós se isto era por magnificencia, ou pela muita calma que fazia: trazia tambem outros dous homens com outros bastões, e em cada hum delles hum mosquiteiro branco com o qual andavão bailando como em Portugal as crianças (*a*). Logo que ElRei, e o Almirante chegárão ao pé, apertarão as mãos em sinal de amizade; e depois que fallárão hum pouco por meio de hum interprete, deo o Almirante ao Rei certos vasos de prata dourada muito ricos, bacias grandes, gomis, saleiros, e outras cousas; sendo criticado por alguns de lhas ter dado pela propria mão, pois parecia estimar mais aquelles trastes de prata, do que elles o ouro. O Rei deo igualmente ao Almirante, porém não pela sua mão, muitas pedras preciosas de grande valor, e igualmente aos outros Capitães e Gentis-homens, mas não tão ricas, mostrando que erão cousas que não estimavão muito, a pezar de serem mui preciosas. Depois disto rogou lhe o Almirante, que fizesse preço ás especiarias, e ás mercadorias que elle levava; mas ElRei lhe respondeo que não era tempo de fazer semelhante contrato, nem elle tinha especiarias naquella occasião, por não lhe terem ainda chegado; que na manhã seguinte elle lhe mandaria aquelles Mouros cujas ellas erão; os quaes então estavão em terra, e lhes ordenaria que se ajustassem com elle, por

(*a*) A traducção Italiana está hum pouco confusa, pois he claro que nem os Indios podião abanar com os bastões, nem he provavel que dançassem com os mosquiteiros. Eis-aqui a passagem de Barros: » ElRei vinha em hum andor de que elles uzão, » ás costas de certos homens, mui bem vestidos a seu modo » com panos de seda, e per cima o cobrião tres, ou quatro » sombreiros de pé de copa de hum grande esparavel, que fa- » zia sombra, não sómente á pessoa de ElRei, mas ainda aos » homens que o trazião aos hombros. Outros trazião abanos al- » tos com que abanavão, como que lhe querião refrescar o ar per » onde passava, &c.

aquillo que fosse rasoavel. No dia seguinte vierão com effeito os Mouros, mas pedirão-nos hum preço muito maior do que das outras vezes; de sorte que depois de muitas razões, não se pôde concluir partido algum que bom fosse: pelo contrario mostravão não quererem as nossas fazendas, para com isto se escuzarem de nos darem as suas por hum preço justo, como homens que folgarião muito se não tivessemos achado carga em lugar algum. Conhecendo isto, despedio-os o Almirante com grande sanha, e mandou dizer a ElRei que bem via que não lhe importava a nossa paz, pois não queria tratar pessoalmeute com elle, e lhe mandava Mouros, que como sabia tinhão odio antigo aos Christãos, e erão muito nossos inimigos; e visto que só com Mouros he que tinha a contratar, tambem queria contratar com elle, e assim alguns fardos de especiaria, que já estavão na Capitania sem preço, elle lhos mandaria no outro dia de madrugada, com tantos tiros de bombarda com quantos os tinha recebido. Estando assim enfurecido, veio da terra Paio Rodrigues Feitor do Sr. D. Alvaro; o qual estava naquella Cidade tendo lá ficado da viagem passada, e o Almirante lhe ordenou de não tornar mais a terra, por ter quebrado as pazes com ElRei. » Não queira Deos, lhe » tornou elle, que eu dê tão má conta de mim ao meu » Sr. D. Alvaro; aonde se aventurarem os seus bens, tam» bem eu me quero aventurar, » e com isto voltou para terra. Em quanto lhe durava esta paixão, tornou o Almirante a mandar dizer a ElRei, que queria partir do seu porto, e hir procurar carga para as náos; que não lhe segurava os Mouros da sua terra, e assim esperava lhe mandasse dizer se os Portuguezes, que nella estavão ficarião seguros; e senão o estivessem, lhos mandasse, pois de outro modo jurava, que se lhes fizesse algum mal ou desgosto, os seus Cafres o pagarião; (chamão Cafres aos naturaes do paiz). Partimos deste porto de Cananor hum Sabbado vinte e dous de Outubro, com vento bonança, surgindo de noute e navegando de dia; e seguindo assim nosso rumo para Calicut, vimos hum zambuco ao qual por ordem do Almirante deo caça huma caravella, e lhe tomou a terra por não se acolher a ella como já principiava a fazer; tomamo-lo com obra de vinte Mouros ou Cafres, e achamo-lo carregado para Calicut com cairo e cocos; e hindo costeando para Calicut, vi-

vimos tres grandes náos tão cozidas com a terra, que parecia estarem em seco, ás quaes forão outo bateis bem guarnecidos, e duas caravellas em huma das quaes hia o Almirante; e logo principiárão a atirar-lhe com bombardas, e tanto os apertárão, que se principiárão a deitar ao mar, fugindo a nado. Apenas vio isto hum Senhor daquelle paiz, cujas erão as náos, deitou a correr para a praia, e se embarcou em huma almadia com sete ou outo homens, e hindo ao Almirante lhe disse que era vassallo de ElRei de Cananor, e que toda aquella terra em circumferencia lhe era sugeita; que este Rei tinha paz e amizade com os Portuguezes, e por se fiar nella he que tinha deixado alli as suas náos, do que era prova não as ter afretado a ElRei de Calicut para armar contra os Christãos, quando preparou a sua expedição contra João da Nova; e que por isso trazia guerra com o dito Rei de Calicut, e era por elle maltratado: que além disto era parente, e grande amigo de ElRei de Cochim, e que se fosse necessario elle deixaria em penhor aquelles homens que comsigo tinha trazido, até estar certificado de tudo quanto lhe dizia, e assim se fez. Em aquella mesma noute, veio ter á Frota hum criado de Paio Rodrigues com cartas para o Almirante, tanto de ElRei, como de seu amo, em resposta á embaixada que aquelle tinha mandado ao partir; nas quaes lhe dizia que no caso de o Almirante matar os seus Cafres, ou lhos prender, como lhe mandára dizer, nem por isso reputava quebrada a paz, que tinha feito com ElRei de Portugal; a qual tinha por firme e segura, sem que quizesse obrar nada contra elle; e que assim, querendo matar e roubar a sua gente o poderia fazer, pois não daria ordem para se aguardarem delle, porém faria saber tudo a ElRei de Portugal; assim que se elle houvesse por bem fazer-lhe a guerra sem prejudicar á paz já feita, não o levaria a mal: que pelo que dizia respeito aos Christãos, que estavão no seu Reino, posto que o Almirante lhe fizesse toda a guerra que quizesse ou pudesse, nem por isso elle lhe faria dano algum, e o mesmo dizia Paio Rodrigues na sua carta. Vasco da Gama teve com isto grande desprazer, parecendo-lhe que por conselho do dito Paio, he que ElRei lhe escrevia por este modo. No dia seguinte o dono das náos acima ditas, mandou ao Almirante hum presente de gallinhas, figos, quatro ou sinco sacos de arroz, e hum carneiro:

o que elle recebeo fazendo-lhe pagar tudo pelo seu valor, e tornou-lhe a mandar os homens que tinha deixado na náo, dizendo-lhe que por amor de ElRei de Cochim, de quem se dizia parente, he que lhos entregava, e igualmente por seu respeito havia a náo por segura.

CAPITULO XI.

Como hindo costeando para Calicut, e avistando-se huma grande náo, se tomou a resolução de a não queimar por ser chamado o Almirante a tratar pazes com aquelle Rei.

PArtimos daqui em huma Quarta feira vinte e sinco de Outubro, seguindo a nossa viagem para Calicut, e hindo assim costeando, vimos muito ao pé de terra, huma grande náo; pelo que o Almirante se meteo em a caravella (porque a Frota estava toda ao largo), e se avisinhou a ella para a reconhecer; logo que voltou fez içar bandeira, com o que forão todos os Capitães a seu bordo, e concordárão em não a queimar, por ter sido chamado o Almirante por ElRei de Calicut, de quem tinha recebido cartas estando em Cananor, em que lhe rogava fosse ao seu porto para assentarem paz e trato de mercadorias. Soube-se tambem que aquella náo era de Judeos, que negoceão muito por toda a India, e tem grande quantidade de especiarias que alli vão vender; e por tudo isto determinárão não lhe meter maior susto, mas que o Almirante os mandasse chamar a terra, com hum seguro para tratar com elles paz e commercio, e assim se fez; porém elles não quizerão fiar-se em nada do que se lhes promettia.

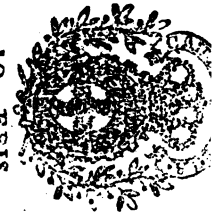
CAPITULO XII.

Da causa que moveo ElRei de Calicut a escrever ao Almirante para vir ao seu porto.

DEixámos de escrever atraz, como estando o Almirante em Cananor, teve cartas de Cochim escritas por Gonçalo Gil, que alli tinha deixado João da Nova: (*a*) conta-

(*a*) Gonçalo Gil tinha sido deixado em Cochim por Pedro Alvares Cabral.

táva elle como ElRei de Calicut escrevêra com muitas instancias ao de Cochim, no tempo em que a nossa Frota estava em Anchediva, dando-lhe a saber que nas partes da India tinhão passado vinte grandes náos Portuguezas, que vinhão para prejuizo, e damno de todo aquelle paiz, porque não lhe poderia escapar navio algum dos que encontrassem; e que este damno ainda seria maior, huma vez que os Christáos se podessem fazer Senhores de algum ponto em terra: o que tudo bem considerado, não tinhão senão hum unico remedio, o qual se senão tomasse estavão todos perdidos e sugeitos, e vinha a ser, não lhes darem especiarias em toda a India por preço algum; porque realmente o nosso fim, vindo de tão longe, não era outro senão tellas, e quando soubessemos de certo, que por preço algum as podiamos alcançar, não tornariamos a voltar áquelles mares. Dizia mais, que o modo de nos desviar, era concordarem nisso todos os Reis, pois vião que todos juntos não erão bastante poderosos a impedillo por outra maneira: que elle já tinha requerido os Mouros do seu Reino para armar contra os Christáos; ao que tinhão respondido, que lhes era impossivel medirem-se contra huma tão grande força, pois bem sabia como no anno passado tinhão armado contra quatro navios pequenos que tinha João da Nova, e não lhes podérão fazer mal algum; motivo porque não julgavão a proposito expôem-se novamente. Em fim rogava-o instantemente de buscar maneira, com que os Portuguezes voltassem sem especiaria alguma, e que elle faria com que os outros Reis e Senhores em cujas máos estão as especiarias, igualmente lhas recusassem. A resposta, que lhe deo ElRei de Cochim foi, que já tinha ajustado paz e commercio mui vantajosamente com os Portuguezes, e por isso já nada pódia fazer em contrario; que sabia que os Christáos erão homens verdadeiros, e assim esperava preparar-lhes huma boa carregação. Ambas estas cartas, isto he, a que lhe mandou ElRei de Calicut, e a resposta que elle lhe deo; mostrou ElRei a Gonçalo Gil; e para levar ao fim este ardil, he que ElRei de Cochim escreveo ao Almirante, estando elle em Cananor, para que fosse ao seu porto, dizendo-lhe que não queria senão paz e amizade com os Christáos, e pagar-lhes a fazenda de ElRei de Portugal que elle havia já dado ao dono da náo que Pedro Alvares tinha queimado; e por isso parte desses bens havião de ser pagos



10 Reis

gos em hum pagamento, que queria que se fizesse nomeando-se arbitros, a fim de avaliar a perda de cada huma das partes, e pagando quem fosse devedor: que pelo que tocava á gente que tinha morrido, era isto cousa que não se podia pagar nem restituir; mas que quando tudo se tivesse examinado, se viria no conhecimento de que os Christãos estavão bem vingados com a morte de tantas pessoas, tanto da náo de Meca, como de muitos outros navios que lhe tinhão queimado: e sobre todos estes motivos he que o Almirante se fez na volta de Calicut.

CAPITULO XIII.

Como o Almirante foi a Calicut, e ElRei o mandou saudar, e perguntar se estava satisfeito com os Capitulos de pazes que elle lhe enviára; da resposta que o Almirante lhe deo: e como tomámos quatro almadias de pescadores e hum zambuco, o que foi causa da indignação d'ElRei.

AOs vinte e seis de Outubro fez o Almirante enforcar na verga dous Mouros daquelles, que forão aprizionados no zambuco junto a Pandarane; porque forão conhecidos por alguns mancebos, que vinhão na náo de Meca, os quaes disserão que erão de Calicut, e que hum delles costumava pouzar em casa do pai de hum dos ditos rapazes; e que tinha matado dous Christãos na batalha de Calicut. Disserão tambem que o outro tinha cortado hum braço na dita batalha a hum Christão, e por esta causa morrêrão com hum rotulo que dizia, que morrião por justiça. Igualmente no outro dia fez matar outro Mouro ás lançadas, porque os mesmo rapazes o culpárão dizendo, que tinha roubado alguma fazenda em aquella batalha, e erão estes mancebos naturaes de Calicut, e voltavão da romaria de Meca. Depois fez o Almirante repartir por todas as náos da Frota os Mouros, que tinhão sido aprezionados no zambuco; e foi immediatamente á náo Helena e mandando arvorar nella a bandeira de Capitania, nos fizemos á véla no rumo de Calicut em hum Sabbado vinte e nove de Outubro, e chegámos diante daquella Cidade; da qual não podiamos ver do mar, senão huma pequena parte, porque está toda assentada em hum valle plano, e he coberta

ta de palmares muito altos. Quando nos avisinhámos, veio á Capitania hum Embaixador para visitar e saudar o Almirante por parte de ElRei, dizendo-lhe que fosse bem vindo, e que o acharia pronto a observar quanto lhe havia escrito a Cananor; perguntando-lhe tambem se estava contente em ajustar a paz pelo modo que lhe tinha escrito. O Almirante lhe respondeo que a primeira cousa que elle tinha a fazer, era deitar fóra do seu paiz todos os Mouros de Meca, tanto os mercadores, como os que lá estavão de assento; pois de outro modo não queria fazer paz nem contrato algum com elle; porque desde o principio do Mundo erão os Mouros inimigos dos Christãos, e estes dos Mouros, e sempre tinhão andado em guerra huns com os outros; por isso, contrato nenhum que fizessem seria firme; e que a fim de se-lo daqui em diante, não devia ElRei consentir, que nenhuma náo de Meca abordasse nem commerciasse nos seus portos. ElRei mandou dizer ao Almirante, que na sua terra havia de quatro a sinco mil casas de Mouros ricos, e grandes mercadores, os quaes a ennobrecião, e que sempre tinhão sido bem vistos, e acatados pelos seus antepassados; tendo-se mostrado sempre leaes, e fazendo-lhes muitos serviços, assim como a elle; e emprestado muitos dinheiros para as urgencias da guerra, com muitas outras cousas que serião longas de referir; e por isso pareceria a todo o Mundo cousa fêa e indigna, que nem elle devia fazer, nem o Almirante tentar; mas que afóra isso, faria tudo o que fosse decente: mostrando nesta sua embaixada grande desejo de ter pazes comnosco. Em quanto se praticava isto entre o Rei e o Almirante, sahírão alguns pescadores da Cidade com as suas almadias, e redes, tendo confiança em que se concluisse a paz; mas quando estiverão hum pouco affastados da Frota, mandou o Almirante que alguns barcos dos nossos fossem assaltar os dos pescadores; e assim aprezárão quatro com os homens e redes que estavão dentro; depois disto mandou-os junto á Cidade, por hum rio acima que banha hum lado della, a fim de aprizionar hum zambuco que alli estava, no qual tomárão alguns cocos, e mel metido em alcofas porque era muito duro, e outro mais liquido em odres de couro muito forte, cosidos com cairo, e huma grande dorna de agoa, que dizião levaria seis ou sete pipas. Não se póde duvidar que tudo isto foi causa da in-

dignação em que depois ficou o Rei, por lhe parecer que os Christãos tinhão mais prazer em roubar e andar pirateando pelo mar, do que em fazer pazes e amizade, e commerciar com elle (*a*): por cujo motivo se encolerizou tanto, que lhe mandou dizer, que se queria pazes havião de ser sem condição alguma, e se queria a fazenda de ElRei de Portugal que tinha ficado na Cidade, lhe devia pagar toda a perda e damno que os Christãos tinhão feito no seu paiz; e dar-lhe tudo o que tinha sido tirado á não de Meca, que era de vassallos seus. Além disto dizia-lhe que o porto de Calicut sempre fôra franco, e que assim não podia prohibir os Mouros de virem traficar nelle, nem mesmo despedir Mouro algum: que se se contentava com isto, contratarião sem se darem refens, e só debaixo da sua palavra: se porém não quizesse, podia partir logo do seu porto, no qual não devia ter demora, pois para isso lhe não dava licença, nem para se demorar em porto nenhum de toda a India.

CAPITULO XIV.

Da soberba resposta que o Almirante mandou a ElRei de Calicut, e como os navios Portuguezes se chegárão á Cidade.

A Resposta do Almirante foi muito altiva, pois lhe dizia que elle era creado do poderosissimo Rei D. Manoel seu Senhor, e que só por ser seu creado valia mais que elle Rei de Calicut; pois seu Amo de huma palmeira faria hum Rei semelhante a elle; e que tanto lhe importava a sua ordem para partir, quanto a elle a sua licença para mastigar o seu betele; que em prova disso chegar-se-hia mais á Cidade, dando-lhe tempo até ao meio dia seguinte, para haver a sua resposta; que desde logo lhe promettia mandar algumas daquellas náos carregadas de especiarias, a ElRei de Portugal seu Senhor; e que as outras ficarião naquellas paragens, a fim de fazer-lhe guerra; pois o seu Rei era tão poderoso e grande, que lhe man-

(*a*) Depois da carta que o Author refere no Cap. XII. parece não ter lugar esta reflexão: pois pela dita carta se vê que ElRei de Calicut nunca quiz taes pazes, e só sim embaraçar aos Portuguezes o seu commercio.

mandaria quantas náos e gentes fossem necessarias, para o combater por mar e terra, e destruillo totalmente. Neste mesmo Domingo de tarde, mandou o Almirante a todas as náos que se avisinhassem á Cidade, sondando primeiro para saber até aonde podião chegar, e fazendo pôr balizas: fizerão-se pois á véla só com o traquete, e forão surgir junto á Cidade com a proa para ella; e ancorárão sobre dous ferros, hum para o mar outro para terra, tudo a fim de que a artilharia grossa podesse jogar do castello da proa, e a da terra não lhe fizesse tanto damno. A Capitania, a Esmeralda, a Leonarda, e a Flor de la mar, ficárão mais ao largo por que erão náos grandes. Naquella tarde e noute, esteve muita gente na praia com lanternas, e não cessárão de trabalhar em fazer fossos na arêa, ordenar as suas trincheiras, e assestar artilharia; e logo que foi dia vimos que a gente que andava pela praia, era em muito maior numero do que de noute nos parecêra. Nesta manhá mandou o Almirante, que se avisinhassem as náos á Cidade quanto podessem estando prontas e apparelhadas, e como vissem arvorar huma bandeira sobre a gavea da Leitoa velha, enforcassem os Mouros do zambuco apanhado em Pandarane, que acima dissemos terem sido repartidos por todas, e igualmente muitos Cafres, que tinhamos tomado nas almadias; ordenou tambem que os guindassemos bem acima, para serem mais bem vistos, supposto estavamos visinhos á Cidade. Feito este apparato mandou dizer a todas as náos por hum Escrivão, que passada huma hora depois do meio dia, se vissem que não vinha resposta alguma da Cidade, enforcassem os Mouros no lais da verga, o que com effeito succedeo a trinta e quatro. Estava na praia hum sem numero de gente, e sahia muita da Cidade para ver os enforcados, estando como insensatos a olhar para elles. Nisto disparárão hum tiro de bombarda grossa da náo Almiranta, e igualmente de huma caravella, os quaes dando aonde estava aquelle montão, deitárão muitos por terra: vendo isto as outras náos atirárão tambem, de modo que em breve espaço ficou a praia limpa, e se alguns se demorárão mais por não serem tão ligeiros, deitavão-se em terra e depois se levantavão, e fugião ou se arrastavão pela arêa a modo de cobras. Nós mofávamos delles, e lhes davamos grandes apupadas quando os viamos fugir, e serem tão cortezes que immediatamente limpárão a praia; alguns porém ficárão escondidos nos

fossos que tinhão feito, junto aos quaes estava a artilharia, e de quando em quando atiravão algum tiro para as nossas náos, mas poucas vezes os empregávão. Succedia tambem que algumas das nossas bombardas, alcançavão as trincheiras aonde elles estavão, e com isto fugião logo para á Cidade, e vinhão outros em seu lugar, hindo e vindo de gatinhas: a sua artilharia compunha-se de duas ou tres peças más, não sabião fazer pontaria, e gastavão muito tempo a carregar: a nossa não cessou de atirar até á noute para a Cidade, mas posto que acertassemos nas casas, poucas ou nenhumas derribavamos, porque não erão de pedra e cal: mas aonde davão as balas fazião hum grande buraco, e as que cahião por aquelles palmares, produzião hum tão grande estrondo que parecia se deitavão as arvores abaixo com machados: ás vezes via-se sahir o povo que estava na Cidade, do lugar aonde cahião as balas, e deitar a fugir. A' boca da noute mandou o Almirante dizer ás náos que tirassem os enforcados, e lhes cortassem as cabeças, as mãos, e os pés, e que deitassem ao mar os toros dos corpos, remettendo todos os outros membros para a sua náo; os quaes fez embarcar em huma almadia das que tinhão sido aprezionadas; e mandou escrever em lingoa Indiana a hum chamado Frangola, hum escrito por esta maneira. » Eu vim a » este porto com boa mercadoria, para vender, comprar, » e pagar os vossos generos; estes são os generos desta » terra: eu vo-los envio de presente, como tambem a El» Rei; se quereis a nossa amizade, tendes que princi» piar por pagar o que roubasteis neste porto, debaixo » da vossa palavra e seguro, depois pagareis a polvora, » que constar nos fizesteis gastar; e se depois de isto feito » quizerdes a nossa amizade, seremos amigos. »

CAPITULO XV.

Como as náos Portuguezas principiárão a bombardear a Cidade.

ESta carta foi atada na ponta da aste de huma lança posta a prumo sobre a proa de huma almadia, de modo que se podesse ver de longe; e estava esta almadia preza a hum batel, que a levou a reboque até hum lugar onde o mar espraiava junto á Cidade, e apenas a deixárão

tão, as mesmas ondas a levárão a terra: o primeiro Mouro ou Cafre que chegou aqui, pegou da carta não a querendo dar aos outtos que depois vierão, e quizerão tirar-lha; tinha o Almirante mandado que cessasse a artilharia, para dar lugar a sahirem da Cidade a verem o que se passava, e com effeito ainda que fosse muito tarde, sahio immensa gente levada pela curiosidade, e como chegavão á almádia, voltavão a cara, mostrando o seu desgosto e consternação; porque além do que vião, não se consideravão seguros, e havia tal que vinha correndo, e como via aquellas cabeças voltava logo, outros pegavão nellas e as levavão muito affastadas de si; nós estavamos muito perto, e viamos bem o que se passava: vigiámos toda aquella noute, por causa do grande rumor que se fazia em terra, e pelos cantos que entoavão sobre os corpos dos enforcados que o mar tinha deitado fóra; e em quanto não foi dia não descançárão de andar com vélas e lanternas, concertando as suas trincheiras, com medo que fossemos pôr fogo á Cidade. Assim que esclareceo a manhã seguinte, aos dous de Novembro, principiárão todas as náos por ordem do Almirante a atirar com artilharia grossa, tendo-se prohibido atirar de noute, excepto se elles nos atacassem: a maior parte dos tiros deste segundo dia forão ás casas dos Senhores e outras Personagens, que estavão muito entranhadas na Cidade, pois as proximas ao mar estavão já todas destruidas, e não havia nellas senão gente de pouca monta que tinha desamparado a maior parte. Vimos tambem neste dia levantar-se grande quantidade de povo do lugar onde cahião as balas, que as náos principiárão a lançar desde o romper da alva até ao meio dia, atirando para cima de quatrocentas bombardas gossas; pois erão dezaseis náos com duas caravellas, e algumas fazião fogo com dez peças, e muitas dellas disparárão passante de trinta e sinco a quarenta tiros: neste dia corresponderão-nos mal, ou por não terem polvora, ou por verem que não nos fazião damno algum: depois affastarão-se as náos, e avisinharão-se as outras quatro que tinhão ficado ao largo; e então fez o Almirante repartir por todos os cocos e mel que achárão em o zambuco; e assim que foi descarregado o fez conduzir junto á Cidade, e pôr-lhe fogo. Estando todas as náos surtas, e nós a cear, vimos vir da Cidade dez ou doze almadias que sahião ou para le-

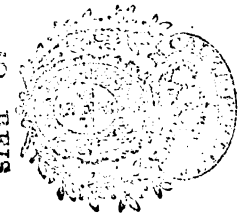
levar comsigo a embarcação incendiada, ou para cortar hum cabo com que estava amarrada, para a corrente a arrojar a terra; os nossos embarcárão nos bateis, e forão-se a elles; e senão estivessem tão apaixonados, e os tivessem deixado aproximar mais, teriáo tomado a maior parte; mas assim que virão vir os bateis, voltárão outra vez para a Cidade. Os Portuguezes sahirão tão furiosos, que em pouco tempo se aproximárão tanto, que parecia das náos quererem afferrallos; e de espaço a espaço lhes atiravão com bombardas, e elles com as frechas; mas virão-se por fim em tal aperto, que varárão em terra, onde saltárão fugindo para a Cidade, não tendo mesmo vagar para levar os arcos e frechas. Os Portuguezes não se quizerão arriscar a hir buscar o que estava nas almadias encalhadas, porque se tinha apinhado muita gente na praia, á qual estiverão atirando hum grande espaço, de modo que quando voltárão para as náos era já noute fechada.

CAPITULO XVI.

Como os Portuguezes se fizerão á véla na volta de Cochim, e do que contou Gonçalo Gil a respeito da Armada que hia para Calicut a qual se perdeo no mar por causa de huma tempestade: como hum filho de ElRei de Cochim foi saudar o Almirante, e agradecer-lhe a mercê feita a hum parente d'ElRei de lhe salvar tres navios, e como se lhe offereceo para dar carga.

EM huma quarta feira pela manhá tres de Novembro, fizemo-nos á véla na volta de Cochim, e deixámos ficar seis náos e huma caravella debaixo do commando de Vicente Sodré, para impedir que viessem por mar tanto os comestiveis, como outros generos. Na segunda feira outo do dito mez, chegámos diante do porto de Cochim; e logo veio á Capitania Gonçalo Gil, que alli tinha ficado em a viagem passada; e contou ao Almirante e a muitos outros, como tinhão vindo cartas de Calicut de certos mercadores Mouros, a outros mercadores de Cochim, as quaes referião o grande prejuizo, e mortandade que alli tinhamos feito; e como na Cidade se morria de fome, pois por causa das náos que ficárão de guarda, nem hião mantimentos de fóra, nem podião pescar no mar: contou tam-

tambem como por causa de huma tempestade se tinha perdido hum grande comboy, que hia para Calicut carregado de viveres e mercadorias, em que entravão mais de duzentas vélas todas afretadas por ElRei para depois armar contra nós: e como huma destas náos, que era muito grande pòde agoentar o mar melhor do que as outras, a pesar da tempestade, e escorreo até Cochim, cujo porto quiz afferrar, porém não pòde, e correo ao longo da costa; salvando-se os homens e carga; e que ElRei tomou tudo para si sem dar nada ao de Calicut. Neste dia veio fallar ao Almirante hum filho de ElRei de Cochim, e o saudou dando-lhe muitos agradecimentos pela graça, que tinha feito ao seu parente, sobre as tres náos que quizera queimar na sua viagem, e que depois deixou em paz, dizendo-lhe que ElRei já sabia por cartas todo o succedido; e que agora mandava pelo seu filho dar-lhe os agradecimentos, e segurar-lhe quanto estimava aquella honra e favor, que por seu respeito tinha feito a outrem: fazia-lhe além disso muitos offerecimentos, protestando-lhe, que elle daria a melhor ordem possivel para que tivesse carga com pronptidão. Com esta offerta, e boa nova todos nos alegrámos, e principiámos a calafetar, e regular os lugares para as mercadorias, e arranjar o mais de que tinhamos necessidade; e logo em a quinta feira onze, mandou ElRei recado ao Almirante, para principiar a carregar naquelle dia, porque o tem pelo melhor da semana, e não principião cousa de importancia senão nelle. O Almirante respondeo, que lhe aprazia, e logo começárão a carregar na náo de Ruy de Figueiredo (*a*) quarenta e tantas cantaras de pimenta; e porque não se tinha estipulado preço, não quizerão dar mais, e assim estiverão tres ou quatro dias; o que obrigou o Almirante a fazer saber a ElRei, que dezejava fallar com elle.



CA-

(*a*) Nenhum dos tres Authores acima citados contão Ruy de Figueiredo entre os Capitães daquella Armada porém sim Ruy de Castanheda, com o qual talvez houvesse equivocação.

CAPITULO XVII.

Como ElRei de Cochim fallou com o Almirante; dos presentes que derão hum ao outro, e como ElRei de Cananor lhe mandou pedir algumas náos para lhe carregar de especiarias, pelo mesmo preço que em Cochim.

AOs quatorze de Novembro, fez se o Almirante conduzir em huma caravella, do mesmo modo que dissemos tinha praticado em Cananor; e foi a terra com o batel, e a gente mais luzida da Armada; e antes que fallasse com o Rei, passou-se grande espaço em embaixadas, que mandárão hum ao outro: estando já a ponto de fallar, principiou a chover muito, por cujo motivo mandou ElRei dizer ao Almirante, que deixasse a visita para a manhã seguinte; visto que o tempo a embaraçava naquelle dia, e assim tornou cada hum por onde tinha vindo; depois fallarão-se no outro dia, não levando ElRei comsigo tanta gente como da primeira vez, a pesar de que vinha em bellissima ordem segundo o seu uzo, mas não com tantas ceremonias como ElRei de Cananor, e sómente com quatro ou sinco homens armados com espadas, adargas, lanças, arcos, e fréchas. O Almirante deo ao Rei certas peças de prata douradas com lavores, que parecião de ouro maciço; a saber, bacias grandes de lavar as mãos, gomís, saleiros, e outras cousas mais; e huma cadeira de estado Real muito lavrada, e guarnecida de prata, que lhe mandava ElRei N. S. Igualmente deo ElRei ao Almirante bastantes joias, grandes e de muito valor, e tambem aos Gentis-homens e Capitães que forão com elle, mas de menos preço. No dia seguinte ao em que fallárão, vierão de Calicut tres dos nossos navios que trazião ao Almirante o Embaixador de Cananor, o qual tinha chegado em hum zambuco a Calicut, e pedido que o levassem ao Almirante; por elle mandava dizer aquelle Rei, que bem podia enviar algumas náos Portuguezas a Cananor, pois que elle as carregaria de especiarias pelo mesmo preço que em Cochim; e bem assim tomaria as nossas mercadorias pelo mesmo valor que naquella terra; e que querendo o Almirante alguma segurança, o mesmo Embaixador ficaria em refens: por este motivo mandou o Almirante duas náos as quaes levárão outra vez o Embaixador.

CA-

CAPITULO XVIII.

Como os de Calicut armárão secretamente em hum rio vinte zambucos; e os nossos seguindo humas almadias de pescadores forão de improviso furiosamente assaltados, até que hum bombardeiro atirando a huma almadia fez hir a pique o zambuco principal. Como El-Rei de Cochim mandou empalar tres Mouros por terem vendido huma vacca.

Contárão-nos os que vierão em aquelles tres navios, como estando diante de Calicut, determinárão hum dia os da terra armar secretamente, em hum rio que alli está proximo, vinte grandes zambucos de remo, e logo que estiverão apparelhados, fizerão sahir pela embocadura delle humas almadias de pescadores, mostrando não ter receio das nossas náos, e chegando até perto dellas a fim de darem occasião para serem assaltados, como com effeito o forão pelos nossos bateis: vendo isto os pescadores deitárão a fugir, mas não quanto terião podido, a fim de que os nossos os seguissem, como com effeito fizerão com quanta pressa podião, hindo-os elles guiando para o rio, aonde a armada estava escondida entre huns palmares. Logo que os nossos se avisinhárão, sahio ella para fóra assaltando-nos por todos os lados; e atirando-nos com frechas de modo que os nossos não sabião dar-se a conselho; até que prouve a Deos que hum dos bombardeiros atirando a huma das suas almadias, a errou; e passando a bala por cima, foi cahir em outra que estava mais adiante, e a metteo no fundo. Os outros zambucos corrêrão todos alli a tomar a gente, por ser a Capitania; e nisto tiverão os nossos tempo de se retirar para as náos com muita gente ferida: se não acontecesse isto ficavão perdidos sem remedio, e far-se-hia em todos huma justiça exemplar.

Aos desouto de Novembro, vierão tres homens do paiz á náo Julia que estava no porto de Cochim, e lhe vendêrão huma vacca por sete vintens; o que sabido por El-Rei mandou pedir ao Almirante, que lhe enviasse presos aquelles tres homens, e quaesquer outros que lhe vendessem alguma porção de vacca; por cuja causa fez pregar em cada huma das naos hum escrito, no qual man-

dava e prohibia, sob pena de açoutes, que ninguem comprasse porção alguma de vacca, e que prendessem todos os que fossem vender a dita carne, e os levassem á Capitania. No dia seguinte voltárão á Julia aquelles tres Mouros ou Cafres que tinhão vendido a primeira vacca, trazendo outra; e logo forão conduzidos ao Almirante, que os mandou com ella prezos a ElRei; e apenas chegárão, sem nenhum outro processo forão empalados vivos pela maneira seguinte. Espetárão hum páo pelos rins a cada hum, que lhe passava pelo peito; e com a cabeça para cima os encravárão na terra, ficando altos do chão cousa de huma lança, e com os braços e pernas abertas, atados a quatro páos, não podendo correr para baixo porque havia huma travessa que os embaraçava; e por este modo fizerão delles justiça, por terem vendido aquellas vaccas; pois que o Deos em que crem, tem a imagem de hum boi ou novilho, e he chamado Tambarane.

CAPITULO XIX.

Como a terra de Mangalor e muitas outras se sugeitárão voluntariamente a ElRei de Portugal: da Ilha de Cetlão: do modo de caçar e domesticar os elefantes, e dos cavallos marinhos.

AOs desanove do mesmo mez, vierão á Capitania alguns Christáos de Mangalor, e de muitos outros lugares pela terra dentro, os quaes tinhão apparencia de homens muito honrados; e trouxerão ao Almirante hum presente de gallinhas e frucros; e além disso huma vara vermelha ponte aguda, com huma ponteira de prata em cada extremidade, e em huma dellas enfiados tres campanarios de prata, cada hum com sua campainha do mesmo metal; e além disso huma carta da Senhoria de todas aquellas terras, que tem alguns trinta mil homens debaixo da sua jurisdição: os quaes dizião que estavão muito satisfeitos, e contentes com a nossa chegada ás partes da India; e que a Senhoria daquelle paiz mandava obediencia a ElRei de Portugal, e o reconhecia por seu Rei; enviando-lhe aquella vara de Justiça; e que elles em seu nome vinhão fazer preito e homenagem ao Almirante, e promettião de não fazer dalli em diante justiça em malfeitor algum, senão em nome de ElRei de Portugal; ao qual pe-

pedião que mandasse construir huma Fortaleza em o seu paiz, onde elles lhe dissessem, pois com ella se senhoriaria de toda a India. Contarão-nos estes Embaixadores como tinhão seus Bispos, e todos elles dizião Missa; e entre outras muitas cousas, como fazião grandes peregrinações á sepultura do Bemaventurado S. Thomé, que está junto á sua terra, aonde faz muitos milagres. Fizerão-nos tambem muitas outras perguntas a repeito das nossas Igrejas, Bispos e Prelados; e das nossas terras, dizendo, que não podião crer que houvesse Christãos em paizes tão remotos. O Almirante fez-lhes hum acolhimento muito amigavel, e deo-lhes hum prezente de pano de grã, seda, e outras cousas mais, e assim ficárão por subditos de El-Rei N. S. Tambem contárão os de Cochim, que dalli a cento e sincoenta legoas está Ceilão, que he huma Ilha rica, e de trezentas legoas de grandeza, aonde ha grandes serranias, e produz canella em muita mais abundancia do que nenhum outro lugar, sendo tambem a de melhor qualidade; e bem assim muitas pedras preciosas de que abundão as suas montanhas: tem bastantes elefantes selvagens, muito grandes, os quaes domesticão fazendo hum grande tapume de estacada forte, com huma porta levadiça entre duas arvores, dentro da qual põem hum elefante femea domesticado, quando está com o cio; e porque são os animaes mais luxuriosos de todos, assim que sentem a femea, vão por si mesmos buscar a dita porta e entrão para dentro; immediatamente hum homem que está sobre as arvores, corta huma corda ou calabre que segura as portas, e as faz cahir. Deixão-os estar aqui sem comer nem beber seis ou sete dias, até que principião a não se poder ter de fome, e quando assim estão fracos, entrão vinte ou trinta homens com grandes varapaos, e lhes dão muitas pancadas, revezando-se com outros apenas cansão, até os fazerem cahir no chão como mortos: isto conseguido, cavalgão-lhes em cima, e estão grande espaço montando-se e apeando-se: entretanto vão-lhes dando de comer pouco a pouco, e assim os vão domesticando, de modo que depois de domesticos, não ha animal algum que tenha tal instincto e conhecimento, e que aprenda tão bem qualquer cousa que o homem queira ensinar lhe; e certamente antes que vissemos o que hum elefante fazia em Cochim, não teriamos podido crer o que elles contão, isto he, que dous elefantes sem pessoa alguma mais, pu-

xem pela terra huma náo de quatrocentas ou quinhentas toneladas, ou a levem do estaleiro para o mar sem que mais nimguem trabalhe n'isto; conduzindo-a elles admiravelmente, e com muita igualdade, hum por diante outro por detraz, sem que penda para os lados; entrando tanto pelo mar dentro, até ficar a nado, ou até ao sitio que se lhes determinou. Em Cochim havia hum elefante pequeno, que tinha hum Negro que andava com elle, ao qual entendia perfeitamente, e dizendo-lhe este na nossa presença, que andasse coxo com o pé de diante, assim o fazia, e igualmente quando lhe dizia que coxeasse com o outro pé: tambem se deitava no chão, fazendo muitas cortezias a quem lhe indicavão; mandava-lhe depois que se levantasse, e alçasse o pé de diante, e fazendo isto punha o Negro o seu pé sobre o que elle alçava, e pouco a pouco o hia erguendo ao ar até á altura de montar nelle. Deitou-lhe tambem ao pé a ponta de hum calabre, que estava atado a hum batel da náo Santo Antonio, mostrando-lhe até aonde queria que o levasse; tomou o elefante o calabre, envolveo-o á roda da tromba, e pegando-lhe com os dentes o principiou a puxar para si com quinze ou vinte homens que o batel tinha dentro, e tendo-o posto fóra do mar, o arrastou pela terra até onde lhe mandou o Negro; advertindo que todos os homens que estavão no batel, o não podérão depois levar para o mar estando vazio; o que o elefante fez recuando sem o menor esforço. Tambem lhe mandou o Negro que tomasse agoa com a tromba, e a deitasse entre a gente que alli estava o que elle logo fez: de modo que com semelhante instincto não he possivel haver nenhum outro animal.

Dizem tambem os da náo de Luiz Fernandes (*a*) (a qual na sua hida para a India, antes de passar o Cabo da Boa Esperança, se perdeo da Frota e veio só, julgando-a todos perdida pela tardança que teve, procedida da grande tormenta que soffreo até passar o Cabo); que forão dar a huma terra de Negros, os quaes andão todos nús salvo as partes genitaes, que trazem em hum estojo de páo, em que fazem quantas pinturas e galas lhes he possi-

(*a*) Esta náo era pertencente á Armada de Vasco da Gama; tanto Thomé Lopes, como Damião de Goes chamão ao seu Capitão Luiz Fernandes; Barros porém e Castanheda dão-lhe o nome de Gil Fernandes.

sível; e pouco mais adiante achárão huma grande foz maior que a do Téjo, e entrárão por ella dentro cousa de dez legoas, pensando ser a mina de Çofala, e encontrárão huma grande povoação de negros, com muita quantidade de vaccas, do tamanho das nossas porém mais gordas, quatro das quaes vendião por huma caldeira de cobre, ou cada huma por dous vintens; e tres gallinhas por huma manga de camiza velha, que fazião em tres pedaços, e por cada hum davão huma gallinha; e nesta paragem estiverão hum mez, e se fornecêrão de quanta carne quizerão. Disserão mais que todos os dias vião sahir do mar grandes esquadras de cavallos marinhos castanhos e pretos, que hião pastar a herva das visinhanças; erão da mesma fórma que os cavallos, mas não tão grandes, pouco mais ou menos como os Gallizianos: hum dia virão dous, que pastavão em hum prado, e dous marinheiros lhe corrêrão apòs pela banda do mar para não fugirem para a elle: mas por muito que corressem mais corrião os cavallos, de modo que se metêrão na agoa; e quando se affastárão com o batel para voltar á náo, os taes cavallos os forão atacar com muita furia, e mordêrão no batel por tal maneira que aonde chegavão com os dentes arrancavão grandes lascas de madeira, mordendo-o todo, e a pezar de lhe darem com as lanças, não lhe podião fazer mal por terem a pele muito dura; de sorte que chegárão a persuadir-se que os metião a pique. Tambem disserão, que tinhão visto neste mar muitas e muito grandes balêas.

CAPITULO XX.

Como o Almirante se ajustou por fim com os Mouros a respeito da carga das especiarias, e como ElRei de Calicut mandou hum Bramine com seu filho ao Almirante, para fazer pazes e amizade com elle.

DEpois que o Almirante e ElRei de Cochim se visitárão, querendo tratar do preço das especiarias e das nossas mercadorias; fez-lhe entender que os mercadores que possuião estas especiarias erão Mouros, os quaes desejavão antes mandar-nos sem carga, do que com ella; e por isso cada dia tinhão comnosco huma nova questão; dizendo humas vezes que querião maior preço, outras

que

que não podião tomar nenhuma das nossas fazendas, e com semelhantes duvidas ficavão as náos por carregar. O Almirante era obrigado a hir todos os dias a terra, e apenas concordavão com elle em huma duvida, e principiavão a dar a carga, paravão logo; até que finalmente assentarão que se pagaria a pimenta tres quartas partes em dinheiro, e a outra em cobre, a razão de doze ducados de ouro a cantara, e que por hum pezo de pedra hume refinada, lhe darião dous de páo Brazil; e do mesmo modo a canella, encenso, e outras mercadorias, que não tem tanta estimação como a pimenta; e que o cravo e o beijoim o trocaria pelas nossas fazendas, posto que não dessemos dinheiro. Ajustado isto aos tres de Janeiro de mil quinhentos e tres, veio ter á Capitania hum Bramine com hum filho seu, e outros dous homens de monta com cartas de ElRei de Calicut ao Almirante, nas quaes lhe dizia, que fosse ao seu porto para tratar com elle boa amizade e commercio; pois não desejava senão o nosso bem, e que absolutamente queria restituir tudo o que tinha de ElRei de Portugal, ametade em dinheiro ametade em especiarias, pelo preço do paiz: e que para sua segurança lhe daria em refens as pessoas que quizesse, as quaes ficarião nas suas máos até que tudo fosse satisfeito. Estes Bramines são como entre nós os Bispos, e Religiosos; homens sacros, que não tem outro officio ou cargo senão orar pelo povo, e dar esmolas; andão por todos aquelles paizes com muita segurança, pois ninguem lhe faria mal mesmo entre inimigos, nem a ninguem que fosse na sua companhia; porque se terião por malditos, e excommungados e não podeviáo ser de modo algum absolvidos; em fim são homens em que todos naquellas terras tem grande confiança. Este Bramine, que veio de Calicut, trouxe comsigo mui rica pedraria pelo preço de tres mil cruzados em a India, e disse ao Almirante que queria vir com elle para Portugal, e trazer aquellas joias, e lhe pedia que lhe deixasse carregar nas suas máos algumas especiarias. O Almirante lhe deo licença para vinte baares de canella, que elle logo comprou em Cochim, e fez embarcar na Capitania com as sobreditas joias; e visto tudo isto, o Almirante foi para a náo Flor de la mar, levou comsigo os Embaixadores a quem fazia muita honra, e partio de Cochim com huma caravella mais, aos sinco de Janeiro antes de amanhecer; adver-

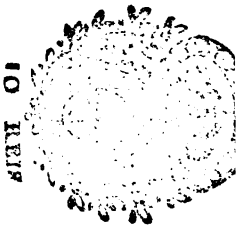
AO REIS

vertindo e dizendo áquelles Indios, que se ElRei de Calicut não observasse tudo quanto elles dizião, os faria enforcar logo; e hindo assim pelo mar toparão com hum zambuco que levava louça de barro para Calicut, o qual tomou a caravella porém sem gente, porque toda ella se acolheo a terra, e logo que o Almirante chegou a Calicut, mandou a mesma caravella a Gananor chamar hum tio seu.

CAPITULO XXI.

Como Luiz Coutinho, que tinha ficado por Capitão mór em Cochim deixando os Mouros de dar carga ás náos por ter hido o Almirante a Calicut; chegou com ajuda de Deos a Gananor onde achou a Frota do Almirante pronta a combater, e como os de Calicut vierão de noute com zambucos assaltar a Armada.

Tornemos á Armada, que ficou em Cochim cujo Capitão mór era Luiz Coutinho: tanto aos Mouros desta Cidade, como a toda a outra gente, foi extremamente penoso que o Almirante fosse assentar pazes em Calicut; duvidando se hiriamos carregar lá; e isto por causa do grande interesse que fazião comnosco; por cujo motivo deixárão de dar carga ás náos, e assim o dito Luiz Coutinho foi a terra no dia dez, para ver se podia concordar com os Mouros que tornassem a dar carga; o que tendo sido recusado, veio á nossa náo duas horas depois de noute, com cartas para o Almirante; e nos mandou que então mesmo partissemos com ellas para Calicut; e assim principiámos logo a pôr-nos em ordem, e quando acabámos de alimpar a náo, porque náo navegava bem, nos fizemos á vela cousa de duas horas antes de amanhecer, náo podendo partir mais cedo; e por o vento ser máo náo chegámos a Calicut senão aos treze de Janeiro á tarde, e passámos pouco mais de meia legoa distante da Cidade. Náo vendo o Almirante, fomos ao longo da costa na volta de Gananor, aonde julgámos que estaria com hum tio seu, depois de concluida a paz; a fim de tomar algum descanço; mas por causa do vento que continuava a ser-nos contrario náo podémos afferrar Gananor, e arribámos a Calicut, surgindo junto á Cidade, como ignorantes que estavamos do que tinha succedido; e assim



sim andavamos com grandissima confiança, pois ainda que algumas das suas náos tivessem vindo para nós, nem lhe fugiriamos, nem fariamos preparo algum para os combater; e louvado seja o Senhor que nos fez huma grandissima mercê em não nos acalmar o vento junto á Cidade. No dia desasete chegámos a Cananor, e achámos aqui o Almirante com toda a Frota de verga d'alto, empavezada, e pronta; as gaveas fornecidas de pedras, e tudo posto em tão bom resguardo, como quem esperava combater com mil vélas, que dizião prepararem-se em Calicut, para lhe sahir ao encontro; pelo que assim que nos virão e conhecêrão, tiverão grande prazer, porque lhes parecia impossivel podessemos escapar de tão grande perigo; e com a alegria da nossa vinda, deitárão fóra todas as flamulas e bandeiras: nós lhe dissemos que não tinhamos visto Armada, nem sinal algum della em Calicut, e sómente deixáramos em Pandarane dez ou doze náos grossas, com o que se alegrárão grandemente. Contárão-nos então que apenas o Almirante chegou a Calicut com o seu Bramine, lhe dera o seguinte recado para levar ao Rei » Que dois inimigos muitas vezes se tornavão grandes amigos, e que assim fariáo os Christáos com elle, e dalli por diante negociarião, e lucrarião huns com outros como irmáos; e os Christáos farião grande proveito ao paiz. » Ajustou tambem com o dito Bramine, que fosse á Cidade, para dar a conhecer a ElRei que era chegado; que o esperaria até de tarde, e no caso de se demorar muito, dispararia huma bombarda; e não vindo logo, hir-se-hia embora no dia seguinte. Feito isto, despedio-se o Bramine do filho, de Hobeigon e Corou, e de todos os outros, e foi para terra, em hum batel da náo, estando-o já esperando muita gente na praia: o Almirante se deixou estar, e vendo que era já muito tarde, disparou a bombarda; mas veio outro homem de ponderação na apparencia, e da parte de ElRei lhe disse que não se espantasse, nem entrasse em sospeitas; pois elle estava pronto a satisfazer a tudo quanto lhe tinha mandado dizer, e que no outro dia ficaria tudo ajustado, tanto a respeito do dinheiro, como das mercadorias; que pelo que tocava ao primeiro estava já pronto, e podia mandar a terra hum Gentil-homem a recebello. Quando o Almirante ouvio isto, lhe respondeo com muita furia que fizesse saber a ElRei, que não mandaria a terra o mais pequeno

ra-

rápiz da sua náo; porque elle não devia nada a ElRei de Calicut, mas sim ElRei a elle, e por isso qualquer cousa que tivesse a dar, a devia mandar á náo, e por outro modo não terião nada feito. Então pedio lhe o Embaixador, que não partisse dalli por todo o dia seguinte, porque elle sabia a vontade de ElRei e de todos, que estava pronto a satisfazello em tudo, e que não obstante o dizer-lhe que o aviaria por todo o dia, certamente o faria logo, e com esta conclusão se despedio, e foi a terra protestando que pela manhá voltaria com a resposta. Naquella noute, no quarto da modorra, os que estavão de guarda, virão vir hum zambuco que julgarão ser de pescadores, e como se avisinhou conhecêrão que erão dous atados hum ao outro, que vinhão direitos á náo; pelo que forão logo chamar o Almirante que dormia na sua camera, e lhe contárão o que se passava. Levantou-se elle immediatamente, julgando que ElRei mandava o que tinha promettido; e estando assim virão vir da terra mais setenta ou oitenta zambucos a remos, que julgárão ser de pescadores. Quando os dous primeiros chegárão á náo principiárão a atirar bombardas com balas de ferro ao lume d'agoa, que fazião grandes buracos aonde acertavão; e assim que os outros chegárão começárão tambem a atirar á náo; e a penas alguns dos nossos apparecião na tolda, ou em qualquer lugar que podessem ser vistos delles, logo erão feridos com as innumeraveis frechas que disparávão. Os da náo não podião fazer-lhe outro damno senão da gavea com algumas pedras, porque os zambucos estavão tão perto, que ficavão debaixo da artilharia; o que o Almirante tinha aprezionado no caminho com a carga de louça, e estava atado na popa da náo, enchêrão-o os inimigos de lenha e lhe pozerão logo para arder juntamente com ella; o que vendo os nossos, cortárão o cabo com que estava prezo, e a corrente da agoa o fez separar com brevidade. Neste meio tempo tinhão se multiplicado as almadias e zambucos que vinhão de terra, e assim que chegavão á náo atiravão todos, porque todos tinhão bombardas, arcos, e frechas; e foi tão grande o assalto, que não tinhamos outro remedio senão cortar os cabos, deixar ficar as ancoras, e fazer-mo-nos á véla; pois de continuo crescião em numero, e antes que podessemos conseguir isto era já passada grande parte do dia, porque tinhamos deitado ao mar huma ancora com quatro ou sin-

co braças de cadea de ferro, por sospeitarmos que de noute viesse alguem escondidamente a nado para cortar as amarras, em cujo caso ficaria sempre segura pela cadèa, e esta foi a causa pela qual se demorárão tanto, cortando-a com machados; mas ainda mesmo depois de se fazer a náo á véla náo mostrárão medo, antes a forão seguindo; e estando neste aperto (que era tão grande porque ninguem da náo tinha tomado armas por terem sido assaltados de repente, e terem attendido só a livar-se de tanta furia) chegou de Cananor Vicente Sodré tio do Almirante, que tinha comsigo as duas caravellas; e vendo o que se passava, fez força de remos porque estava calmaria, e correo sobre os Mouros que cheios de susto se recolhêrão á Cidade, huns sem braços, outros sem pernas, e alguns mortos pelas bombardas.

CAPITULO XXII.

Como o Almirante fez enforcar os Indios, que tinhão ficado na náo, e mandando-os metter em huma almadia os fez pôr junto á Cidade com hum escrito feito na sua letra e lingoagem.

ISto concluido, mandou o Almirante enforcar na verga os Indios que tinha na náo, e que fossem nas caravellas assim enforcados ao longo da Cidade o mais perto que podessem; por esta fórma derão duas ou tres voltas, andando de cá para lá, sahindo da Cidade muita gente para os ver; e quando estava apinhada disparavão as bombardas, dando-lhe huma grande apupada. Depois fez metter os corpos daquelles enforcados em huma almadia, que huma das caravellas levava a reboque, e mandou que a deixassem proximo á Cidade, em a vêa da agoa, com hum escrito feito na sua letra e lingoagem, que dizia assim » Homem vil, mandaste-me chamar, e eu » accudi á vossa voz; fizeste quanto podeste, e se mais » tivesses podido mais terias feito; será tal o castigo co» mo vós mereceis; quando eu voltar eu vos pagarei os » vossos direitos sem precisão de dinheiro. »

CAPITULO XXIII.

Como a Armada de Calicut fugio para o porto.

AOs dez de Fevereiro de mil quinhentos e tres, em huma terça feira pela manhã, partimos do porto de Cochim, toda a Frota junta, porque as outras náos tinhão já chegado. No Sabbado o Almirante e Vicente Sodré se adiantárão mais á força de velas; e ficou D. Luiz Coutinho por Capitão mór da Armada, o qual se metteo logo em hum esquife, e foi por todas as náos dizendo que o seguissem. Desta idéa usou o Almirante, a fim de fazer negaça aos de Calicut, para virem atacar aquellas duas náos vendo que hião sós, e atreverem-se a sahir contra ellas; e isto porque antes que partissemos de Cochim, tinha sabido que ElRei de Calicut preparava outra grande Armada. Aos doze de madrugada estando quatro ou sinco legoas de Calicut, vimos sahir do porto algumas trinta e duas náos, que tinhão chegado de Pandarane, e vinhão em nossa procura; pelo que principiámos a pôr-nos em ordem, e a preparar-nos para as receber. Trazião as vélas infunadas, e o vento era-lhe mais largo do que para nós que hiamos á bolina, e de muito longe principiámos a ouvir os seus atabales; além das trinta e duas náos, sahírão tambem da Cidade muitos zambucos, e almadias a remo; e todas trazião bombardas com que atirávão; porém não tardou muito, que lhe não pagassemos a saudação: com tudo nem por isso deixavão de aproximar-se, mettendo-se entre as náos, deixando huma da banda do mar outra da terra; e porque seguião muito dous navios mercantes de Cochim (que vinhão em nossa conserva, e hião a Chaul carregar arróz e outros mantimentos, e erão menos veleiros do que os nossos), e não cessavão de lhes atirar, por este motivo mandou o Almirante dizer ás náos que os não dezamparassem, e que os mettessem no meio, e assim fizemos. Achando-se huma das nossas náos mais affastada delles, pôde jogar a sua artilharia, e por hum modo tal que não julgárão conveniente avisinhar-se mais, mas tendo-nos acalmado o vento ainda em distancia ficámos impossibilitados de ganhar mais honra; pois ainda que os bateis levassem todas as náos á cirga, e as barcas que puxavão os dous navios ronceiros ti-

vessem alguns remos de mais, não podémos com tudo chegar-lhe a tiro senão defronte de Calicut huma legoa ao mar; e logo se começárão a tresmalhar, e a fugir para a Cidade. A primeira que fugio, segundo nos disserão, foi a Capitania, seguírão-a a remos as duas caravellas, porque estava calmaria, e algum bafo de vento que assoprava fazia adiantar o inimigo, porque as suas embarcações erão ligeiras e estavão crenadas e alcatroadas de fresco, e as nossas muito carregadas e sujas, por isso os não podiamos alcançar: em fim hião sempre fugindo, e nós seguindo-os; as caravellas dando caça á náo, e atirando-lhe muitas bombardas, sem que nunca se quizessem render: e como era muito grande, e tinha de quatrocentos a quinhentos homens, nunca as caravellas a afferrárão, e esperavão para isso por alguma das nossas náos. Não podémos conseguir ajudallas, porém sim a Esmeralda que tendo afferrado huma, lhe veio cahir outra em cima pelo lado opposto; mas as tripulações de ambas se deitárão ao mar, fugindo para a Cidade que estava tão perto, quanto o he do lugar aonde no Téjo costumão ancorar as náos, até Lisboa. Os nossos forão perseguindo os que se tinhão lançado ao mar, e ferindo os com as suas lanças por modo tal, que sómente escapou hum que não fosse morto: achárão em huma destas náos huma criança escondida, a qual o Almirante mandou enforcar no primeiro impeto, se bem que depois revogou a sentença, e não morreo: contou ella como os Mouros por força e ordem de ElRei, forão obrigados a armar-se, sob pena de lhes fazer cortar as cabeças, e a suas mulheres; e que naquella Armada tinhão vindo sete mil homens deliberados a morrer, e trazião toda a artilharia que estava em Calicut, porque ElRei lhe dizia todos os dias que por sua causa he que estava em guerra com os Christáos, e tinha feito embarcar muitos á força de pancadas: tambem disse que alguns tiros, que tinhão ouvido em terra antes que nós nos avisinhassemos, parecêra a alguns Mouros sinal para voltarem para a Cidade. Não achámos naquella náo senão cocos, arrôz, e agoa, sete ou outo bombardas muito curtas e más, bastantes arcos e fréchas, e algumas adargas e espadas; e em quanto a andavão despejando do que tinha dentro, descobrírão em baixo dous Mouros que se tinão escondido, os quaes matárão immediatamente.

Os que tinhamos seguido as náos, estavamos já a este

te tempo bem perto de Calicut, porque tinhamos tanta ancia de as afferrar, que as seguimos até junto a terra; mas os Mouros chegárão a ella ainda com mais presteza, e dezamparárão as embarcações de sorte que se o Almirante quizesse, bem podiamos queimar todas ou a maior parte; mas tiverão a fortuna de que pela noute se levantou hum vento mui rijo da banda do mar, que arrojou para terra todos os cadaveres dos mortos, e tiverão sobejo tempo para os contar.

CAPITULO XXIV.

Como chegando os Portuguezes a Cananor, alguns mercadores lhes contárão como as duas náos tinhão sido aprezionadas, e queimadas á vista dos de Calicut, com cousa de setecentos homens, dos quaes não escapárão senão desaseis; e como foi despedaçada a outra náo em que estavão quinhentos homens, todos os quaes forão mal feridos; e aonde esteve o Rei para ver a batalha.

AOs quinze de Fevereiro, em huma quarta feira ao meio dia, chegámos diante de Cananor, aonde nos contárão novas de Calicut, que fica a penas na distancia de desouto legoas, e nos fallárão nas náos que tinhamos aprezionado, do que tinhamos achado nellas, e como as haviamos queimado á sua vista estando a praia chea de gente: referírão-nos tambem que vinhão nellas setecentos homens, dos quaes não escapárão senão desaseis que fugirão na barca para a Cidade; e que em cada huma das náos estavão não menos de trezentos a quatrocentos homens, em algumas quinhentos, e em huma das maiores a que as caravellas tinhão dado caça, quinhentos, ametade dos quaes forão mortos pelas bombardas, e muitos dos outros feridos e estropiados, quaes de braços, quaes de pernas; e que toda a náo estava descozida, e fazia muita agoa de modo que já se não podia sustentar no mar; valendo-lhe de muito não estar elle encapellado, porque se o estivesse, teria hido ao fundo, tão arruinada tinha ficado da artilharia. Estes mesmos nos contárão, como ElRei tinha subido ao terrasso de huma casa muito alta sobre a praia, não obstante que todas as casas estivessem derribadas, e perdidas pelas nossas bombardas; e que daqui esti-

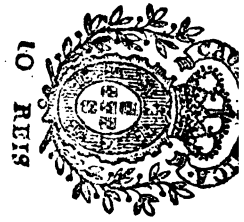
tivera vendo a batalha; e como depois sahírão duas náos, a observar se alguma das nossas se separava da Armada, para neste caso dar-lhe caça, e depois hirem fugindo vagarosamente, e na fugida passarem sobre certos bancos, que estão junto de Calicut; e obrigarem-nos assim a passar tambem sobre elles; porque os Mouros hião leves, e nós empachados, e assim teriamos dado em seco, e nos roubarião á sua vontade; desejando muito ElRei haver ás mãos alguns de nós, por ter promettido fazer huma justiça exemplar, e feito voto de assar vivos os primeiros Christãos que cahissem em seu poder. Isto e muitas outras cousas nos contárão alguns mercadores naturaes de Calicut que tinhão fugido, e vindo habitar em Cananor por causa da guerra que traziamos, e tinhão levado comsigo suas mulheres, e filhos, e todos os seus bens, por que em Calicut morrião de fome; valendo então todos os mantimentos, dois tantos mais do que era costume: muitos outros mercadores principaes de Calicut fugírão para outras partes vendo aquella destruição, porque por mar já não vinha nada, e o que produzia o paiz era tão pouco, que não dava para o sustento de huma pequena parte do anno. Soubemos tambem como ElRei de Cananor fez deitar pregões, destribuir dinheiros, e tomar gente a soldo; e ordenou que todas as suas náos se pozessem prontas para virem em nosso auxilio. Isto nos contárão os Christãos que estavão em Cananor, todos os quaes mostravão alegria com a nossa victoria.

CAPITULO XXV.

Como partindo de Cananor na volta de Portugal, atravessámos o golfo, e achámos muitas terras ainda não descobertas.

AOs vinte de Fevereiro partimos de Cananor na volta de Portugal; não pelo rumo por onde as outras náos costumão vir, porém sim atravessando o golfo direito a Moçambique, como o Almirante quiz a pezar de ainda não ter sido descoberto; e ficárão aqui as tres náos e duas caravellas que ElRey N. S. tinha ordenado para andarem em Armada, por aquelles mares da India, a fim de obstar que passassem algumas especiarias para Meca. Tinhamos tambem de hir a Coulão em busca de huma náo de Calicut,

eut, que nos disserão tinha lá carregado; e assim tomámos o rumo do Oes-Sudoeste, e aos vinte e quatro vimos algumas Ilhas pelo mar, longe de Cananor sincoenta legoas, e não soubemos se erão povoadas ou não porque passámos ao longe. Aos quinze de Março vimos outra Ilha (*a*) que jaz de Noroeste a Sueste com Magadaxo, e julgámos estar para além da dita terra, assim quem aquizer procurar, tome sahindo de Magadaxo o rumo do Sueste: he bastante alta, mas tambem não soubemos se era povoada. Aos dezaseis achámos alguns parceis, e igualmente outras muitas Ilhas que tambem ficámos em duvida se tinhão gente (*b*): vimos depois duas junto a Moçambique a quinze ou vinte legoas de terra, e em fim outras duas muito grandes e bellas, cheias de arvores, e pouco menores cada huma do que a Ilha da Madeira (*c*); distão de Moçambique trinta legoas, e huma da outra sete ou oito. Estão na direcção de Noroeste a Sueste, e disserão-nos em Moçambique, que nellas ha bastante carne, gengivre, canas de açucar, e que tinhão muito boas agoas, e erão muito ferteis. Estivemos em calmaria onze dias defronte dellas, mas não quiz o Almirante que ninguem sahisse a terra, sem embargo do que, conhecemos que era paiz lavrado e rico, e vimos fumo em muitos lugares.



CAPITULO XXVI.

Como chegámos a Moçambique e não achando alli agoa doce, o Almirante fez cavar em hum sitio, e a achou com grande contentamento dos habitantes; e como tendo partido de lá fomos obrigados a arribar de novo, e o motivo porque.

No dia doze de Abril, chegámos defronte de Moçambique, aonde algumas das nossas náos se espalmárão, porque vinhão muito comidas do guzano; e os naturaes da terra nos a judárão a dar-lhe pendor, e a calefetallas com palha, por não podermos fazer de outra maneira, havendo taes que pregárão de quatro a sinco mil tornos em os bu-

(*a*) He provavel seja a Ilha de Náta.
(*b*) São as Ilhas de Sandy, Cosmoledo, e Aldabra, &c.
(*c*) Parece não poderem ser outras senão as Ilhas de Masamede e Angoxa.

buracos; entretanto tomámos quanta agoa e lenha quizemos, e porque naquella Ilha não havia agoa doce, e os habitantes hião por ella á terra firme, fez o Almirante cavar em certo lugar, e a achou; com o que os naturaes se alegrárão muito. No dia desouto partirão por ordem sua para Portugal (a fim de trazer novas a ElRei de como aqui ficava a Frota) as duas náos S. Gabriel, e a de Ruy, tendo primeiro hido buscar lenha a outra Ilha donde desafferrárão no dia seguinte que se contavão desanove, com bem mío vento. Na Sexta feira vinte e outo dó mesmo mez, largou o Almirante Moçambique com outo náos, entrando a Capitania, e forão á mesma Ilha buscar a lenha, que nós tinhamos cortado; e na madrugada de vinte e nove fizerão-se á véla para Portugal, deixando sinco navios, que não quiz que viessem em sua companhia, apezar de se terem aprontado primeiro do que elle; e por Capitão mór destes ficou Pedro Affonso de Aguiar, com ordem de partir hum ou dous dias depois, o que assim se fez; porque no Domingo trinta, sahírão todos sinco com vento mais largo, que o Almirante não tinha tido, e forão á mesma Ilha para se proverem de lenha, e partirem para Portugal no primeiro de Maio. Neste mesmo dia depois de jantar vimos nós que o Almirante, e toda a mais frota se fazia na volta para arribar a Moçambique, e isto porque as náos Flor de la mar e Leonarda fazião muita agoa, e não podião seguir viagem, e assim mandou que todos voltassemos com elle para Moçambique. Em fim aos quatro de Maio partio a não de Fernando Lourenço, e a de Luiz Fernandes para trazerem noticias a ElRei de como o Almirante com toda a Frota tinhão arribado a Moçambique a fim de reparar as náos.

CAPITULO XXVII.

Como fomos assaltados de huma terribillissima tempestade, na qual não tivemos outro remedio senão encommendar-nos a Deos, e como nos veo a faltar o mantimento.

PArtimos outra vez aos vinte de Moçambique, e aos vinte e sinco fomos reconhecer a terra, e achamon-os longe della de trinta a trinta e sinco legoas; e novamente fomos obrigados a arribar no mesmo porto, fazendo-nos ora ao mar ora á terra, até que a trinta e hum do mesmo mez

o afferrámos o Almirante e toda a Frota, por ter necessidade de grandes reparos a náo Leonarda que estava aberta; e nós que estavamos na de Ruy Mendes de Brito, tambem entrámos em Moçambique no primeiro de Junho, para em huma enseada fazer reparar a náo que náo podia navegar por causa de hum rombo que lhe tinha feito a Leonarda, tendo abalroado com ella em a noute de hum Domingo vinte e outo de Maio depois da peça, de que náo nos poderiamos salvar senáo por milagre de Deos, e náo por via natural como foi visivel a todos; porque o mar estava muito empolado e furioso, e ao tempo em que faziamos hum bordo, cahio sobre nós a Leonarda que trazia quasi todo o pano fóra; mas a pezar de sermos grandes peccadores, náo quiz N. Sr. que fossemos ao fundo: sendo tal a pancada que perdemos huma parte do Castello da Proa, e encruzarão-se as nossas com as suas enxarcias, de modo que estivemos afferrados huns aos outros: e com os encontros que davamos, e a força do mar, cahião muitos pedaços de madeira das obras mortas, que era cousa pavorosissima, e fazia grande dor de coração a ver e ouvir; porque o mar estava muito encapellado e terrivel, e quando as enxarcias de diante se desafferrárão, corrérão ambas as náos emparelhadas, quebrou-se o cepo de huma ancora, dando-nos huma grandissima pancada no lugar aonde pouza a antenna; e senáo fosse huma curva em que bateo, ter-nos hia aberto até á quilha; mas sempre nos quebrou huma cinta, e a dita curva. Ficou a náo aberta por este lugar, fez-se em pedaços a meza de guarnição, e as bigotas e cadeas daquelle lado; rasgou-se a véla, e estalou o mastro da mezena de alto abaixo, todas as obras mortas da popa, e bastantes enxarcias de bombordo. Nesta afflicção náo nos restava outra esperança senáo em Deos, e igualmente aos da outra náo, e por certo fomos ajudados da sua misericordia; pois assim que nos vimos separados huns dos outros, cortámos algumas das enxarcias que elles nos tinhão quebrado; e aquella pouca gente que tinhamos principiou toda a trabalhar com muito animo, e quanto podia, huns com a bomba, e outros com os baldes e caldeiras, a deitar a agoa fóra da coberta. Treze dos nossos passárão para a outra náo que era maior, julgando que a nossa hiria ao fundo; e alguns dos que ficárão, a andárão examinando toda com luzes, e como achárão que a parte

te inferior estava vedada, tomárão mais algum alento; mas porque o mar se tinha embravecido muito, e não manobravamos bem, por não podermos amurar da banda donde estava o Almirante com as outras náos; (visto ser justamente aquella por onde a nossa estava aberta, e meter assim muita agoa quando inclinava para aquelle lado) por esta razão disparámos muitos tiros, para que as outras nos não deixassem em desamparo: a primeira que respondeo a elles foi a Capitania, que veio á falla, e nos perguntou o que queriamos; e quando lhe dissemos que a Leonarda nos tinha abalroado com muita força, nos perguntárão se queriamos passar ao seu bordo, ao que respondemos que não, e que nos podiamos sustentar até á manhá seguinte. A Flor de la mar nos disse, que se quizessemos ella deitaria fóra o seu batel para nos hir buscar; e huns e outros não podião crer como podessemos naquelle estado augoentar o mar, andando elle tão furioso e embravecido. Vendo todos nós este milagre, fizemos voto de quando chegassemos a Lisboa hirmos immediatamente em romagem a Nossa Senhora da Vida, e de em sua honra fazermos dizer huma Missa solemne, e darmos huma pintura do milagre de ambas as náos, passando todo o dia em aquelle lugar.

Aos dez de Junho, principiámos na nossa náo a dar pão por pezo, isto he, doze onças de biscouto a cada hum; e já alguns dias antes tinhamos principiado a dar huma canada de vinho por dia, e porque depois nos pareceo que nos poderia vir a faltar o pão de todo, demos a dez onças por dia com o dito vinho, e mais meia escudela de arroz cozido, o qual durou em quanto estivemos em Moçambique, e quatro dias mais: depois voltámos a hum pouco de milho que houvemos na dita Ilha, e podia ser por todo obra de duas staras, custandonos a razão de hum ducado cada stara, e durou-nos outo dias: passado isto fizemos papas com o pó e migalhas do biscouto que ficárão, e erão amargosas como fel, sendo a terça parte de immundicie de ratos: ao principio erão feitas com azeite ou mel, e por fim sómente em agoa que não tinha necessidade de outras especiarias, pois fedia como cão morto, porém com a fome tudo se comia. O Almirante veio no dia quinze de Junho á nossa náo, para ver a amassaria, e tomou juramento a certos homens que vinhão com elle, para lhe dizerem quan-

to

to pão podia haver nella : e lhe respondêrão , que não passava de vinte e sinco a trinta cantaras , estando ainda mais de duas mil e trezentas legoas de Portugal. Pelo que vendo o Almirante que nós , a Leitoa nova , e a Julia tinhamos pouco pão e vinho , nenhum azeite , senão hum pouco para a caldeira , nem mel , nem carne , nem peixe , nem legumes , mandou-nos partir a todos tres para Portugal , e elle ficou-se aprontando ainda mais dous ou tres dias.

CAPITULO XXVIII.

Como vindo de Moçambique para Portugal encontrámos algumas náos Portuguezas que hião para a India : das novas que nos derão , e como vimos huma Ilha ainda não descoberta.

VIsto ter-nos o Almirante mandado vir para Portugal , com o que tivemos hum grandissimo prazer , partimos de Moçambique em huma Sexta feira de madrugada , aos dezaseis de Junho com máo vento , soprando ora do mar ora da terra. Em huma Segunda feira tres de Julho , hindo nós costeando , e pensando estar no Cabo das agulhas , principiou huma grande tormenta de vento da banda do Poente , com huma furia prodigiosa ; de modo que apanhando todas as vélas , ficámos com hum papafigo baixo no meio do mastro ; e porque era muito pequeno estivemos assim até ás duas horas antes do dia com a proa para o mar ; e foi o vento tão forte , que quando quizemos apanhar a véla para correr em arvore seca , não o podemos fazer pelo movimento e impeto das ondas senão com grande trabalho e fadiga : em fim prouve a Deos que podessemos recolher a véla , porque se assim não fosse corriamos grande perigo , visto a muita furia e impeto com que o mar andava : corremos pois (como digo) em arvore seca até á quarta de tarde , e então a náo Julia içou bandeira , poz huma flamula no traquete de diante , e veio para nós , e nós para ella : quando chegámos a distancia de nos podermos entender por sinaes (porque era tal o estrondo do mar , que por mais que nos chegassemos não nos podiamos ouvir) percebemos que gritavão *terra terra* , isto he , que fossemos com elles demandar a terra , ainda que estivesse distante ; e dizião isto porque estavão a ponto de hir ao fundo , por isso tinhão posto a flamula no traque-

te da proa e logo principiárão a navegar para terra. No dia seguinte houvé bonança, da qual elles se aproveitárão para despejar a muita agoa que os alagava, e por isso não nos foi necessario arribar. Em huma segunda feira dez de Julho encontrámos a Leitoa nova, que se tinha separado de nós, e nos contou como avistára duas náos Portuguezas que hião para a India: aos doze encontrámos tambem outras duas náos de Portugal que seguião a mesma derrota, cujo Capitão mór era Affonso de Albuquerque; com o que huns e outros tivemos grande prazer, e atirámos alguns tiros de bombarda. O Capitão mór não quiz deitar fóra o esquife, e mandou á Julia que se puzesse á capa, chegando-se ao pé para lhe dar novas da India, e assim fez. Nós fomos direitos á outra, e como dissemos ao Capitão que deitasse fóra o seu batel porque não tinhamos o nosso, logo o poz por obra vindo a nosso bordo e nós ao seu; e assim o avizamos de quanto lhe era necessario saber a respeito da India, e elles nos disserão como em Portugal tinhamos hum novo Principe, filho do muito alto e muito poderoso Rei D. Manoel N. S.; e nos derão muitas outras novas, e juntamente duas sacas de pão. Aos desouto de Julho passámos junto ao grande Leão, tão temido dos marinheiros, quero dizer, o Cabo da boa Esperança, e por certo que ha toda a razão para ser tão temeroso, porque hindo para a India, logo que elle se passa se reputa a viagem acabada, e do mesmo modo acontece quando se volta para Portugal. Aos trinta houvemos vista de huma Ilha ainda não descoberta (*a*), para a banda do Norueste, aonde abordámos; porém não achámos pescaria alguma, nem arvoredo, se bem que fosse toda viçosa, e que nos parecece que tinha agoa; as outras náos deitárão fóra os seus esquifes, e forão quem nos derão estas informações, porque a nossa ancora garrou; e assim nos fizemos á véla e andámos ao pairo todo aquelle dia, e a maior parte do seguinte; e não fazendo mostras de virem, conhecemos que as duas náos ficavão surtas na Ilha, a qual está com o Cabo da boa Esperança de Noroeste a Sueste, e toma huma quarta de Levante a Ponente, e della ao dito Cabo são seiscentas legoas de travessa. Jaz com a Ilha de

(*a*) He a Ilha de Santa Helena descoberta em 1502 por João da Nova, porém ainda nesse tempo ignorada pelo nosso Navegador.

de S. Thomé de Nordeste a Sudoeste, e de huma a outra são trezentas e outenta legoas; e com o Cabo das Palmas de Norte a Sul tomando huma quarta de Noroeste a Sueste e distão trezentas e sessenta legoas: com a Ilha da Ascenção tambem de Noroeste a Sueste, e distão duzentas legoas: em fim com a Ilha de Maio, de Noroeste a Sueste, tomando huma quarta de Norte a Sul, e são seiscentas e outenta legoas de distancia de huma a outra.

TABOADA DOS CAPITULOS.

CAPITULO I. *De hum porto chamado Funchal, de como fomos assaltados por huma grande tempestade, e de hum lugar chamado Cabo primeiro* - - - - Pag. 159.
CAP. II. *Da Ilha de Çofala, do rio dos Bons Sinaes, e de Moçambique* - - - - - - - - - - - - - 162.
CAP. III. *Da Mina donde ElRei Salomão tirava o ouro, e da qual se extrahe Mirra fina.* - - - - - 163.
CAP. IV. *De Quiloa e Mombaça.* - - - - - - - 165.
CAP. V. *De Melinde, da residencia do Rei, dos elefantes, e como he falso dizer-se que não tem juntas: de ElRei de Quiloa, e como se fez tributario de Portugal.* 166.
CAP. VI. *De Anchediva e das tres Ilhas chamadas de Ghediva.* - - - - - - - - - - - - - - - - 170.
CAP. VII. *Como forão aprizionados os que vinhão em hum zambuco para Cananor; e depois de se lhes restituir outra vez toda a sua fazenda, forão entregues a hum Embaixador daquelle Rei, a fim de o compensar das muitas joias que elle tinha dado ao Almirante.* - 173.
CAP. VIII. *Da grande refrega que houve entre huma náo Portugueza e outra de Calicut.* - - - - - - - - 174.
CAP. IX. *Da muito grande e desesperada defeza que fez esta náo de Calicut, e como finalmente foi queimada, tendo primeiramente os Mouros que estavão dentro deitado ao mar o grande tesouro que tinhão, de ouro, prata, e joias: e como a náo S. Paulo deo caça a quatro náos de Mouros.* - - - - - - - - - - - 176.
CAP. X. *Como ElRei de Cananor fallou com o Almirante, e os nossos tomárão hum zambuco de Mouros que hia para Calicut, e da carta que escreveo aquelle Rei ao Almirante.* - - - - - - - - - - - - - - - 280.
CAP. XI. *Como hindo costeando para Calicut, e avistando-se huma grande náo, se tomou a resolução de a não queimar por ser chamado o Almirante a tratar pazes com aquelle Rei.* - - - - - - - - - - - - - - 184.
CAP. XII. *Da causa que moveo ElRei de Calicut a escrever ao Almirante para vir ao seu porto.* - - - ibid.
CAP. XIII. *Como o Almirante foi a Calicut, e ElRei o mandou saudar, e perguntar se estava satisfeito com os Ca-*

10 REIS

Capitulos de pazes que elle lhe enviára; da resposta que o Almirante lhe deo: e como tomámos quatro almadias de pescadores e hum zambuco, o que foi causa da indignação de ElRei. - - - - - - - - - - - - 186.

CAP. XIV. *Da soberba resposta que o Almirante mandou a ElRei de Calicut, e como os navios Portuguezes se chegárão á Cidade.* - - - - - - - - - - - - 188.

CAP. XV. *Como as nãos Portuguezas principiárão a bombardear a Cidade.* - - - - - - - - - - - - 190.

CAP. XVI. *Como os Portuguezes se fizerão á véla na volta de Cochim, e do que contou Gonçalo Gil a respeito da Armada que hia para Calicut, a qual se perdeo no mar por causa de huma tempestade: como hum filho de ElRei de Cochim foi saudar o Almirante, e agradecer-lhe a mercê feita a hum parente d'ElRei de lhe salvar tres navios, e como se lhe offereceo para dar carga.* 192.

CAP. XVII. *Como ElRei de Cochim fallou com o Almirante; dos presentes que derão hum ao outro, e como ElRei de Cananor lhe mandou pedir algumas nãos para lhe carregar de especiarias, pelo mesmo preço que em Cochim.* - - - - - - - - - - - - - - - - 194.

CAP. XVIII. *Como os de Calicut armárão secretamente em hum rio vinte zambucos; e os nossos seguindo humas almadias de pescadores forão de improviso furiosamente assaltados, até que hum bombardeiro atirando a huma almadia fez hir a pique o zambuco principal. Como ElRei de Cochim mandou empalar tres Mouros por terem vendido huma vacca.* - - - - - - - - - - - - 195.

CAP. XIX. *Como a terra de Mangalor e muitas outras se sugeitárão voluntariamente a ElRei de Portugal: da Ilha de Ceilão: do modo de caçar e domesticar os elefantes, e dos cavallos marinhos.* - - - - - - 196.

CAP. XX. *Como o Almirante se ajustou por fim com os Mouros a respeito da carga das especiarias, e como ElRei de Calicut mandou hum Bramine com seu filho ao Almirante, para fazer pazes e amizade com elle.* - 199.

CAP. XXI. *Como Luiz Coutinho, que tinha ficado por Capitão mór em Cochim, deixando os Mouros de dar carga ás nãos, por ter hido o Almirante a Calicut; chegou com ajuda de Deos a Cananor, onde achou a Frota do Almirante pronta a combater, e como os de Calicut vierão de noute com zambucos assaltar a Armada.* - 201.

CAP. XXII. *Como o Almirante fez enforcar os Indios,*

que

10 REIS

que tinhão ficado na náo, e mandando-os metter em huma almadia os fez pôr junto á Cidade com hum escrito feito na sua letra e lingoagem. - - - - - 204.

CAP. XXIII. *Como a Armada de Calicut fugio para o porto.* - - - - - - - - - - - - - - - - 205.

CAP. XXIV. *Como chegando os Portuguezes a Cananor, alguns mercadores lhe contárão como as duas náos tinhão sido aprizionadas, e queimadas á vista dos de Calicut, com cousa de setecentos homens, dos quaes não escapárão senão desaseis; e como foi despedaçada a outra náo em que estavão quinhentos homens, todos os quaes forão mal feridos; e aonde esteve o Rei para ver a batalha.* - - - - - - - - - - - - - - 207.

CAP. XXV. *Como partindo de Cananor na volta de Portugal, atravessámos o golfo, e achámos muitas terras ainda não descobertas.* - - - - - - - - - - - 208.

CAP. XXVI. *Como chegámos a Moçambique e não achando alli agoa doce, o Almirante fez cavar em hum sitio, e a achou com grande contentamento dos habitantes; e como tendo partido de lá fomos obrigados a arribar de novo, e o motivo porque.* - - - - - - - - - 209.

CAP. XXVII. *Como fomos assaltados de huma terribilissima tempestade, na qual não tivemos outro remedio senão encommendar-nos a Deos, e como nos veo a faltar o mantimento.* - - - - - - - - - - - - - - 210.

CAP. XXVIII. *Como vindo de Moçambique para Portugal encontrámos algumas náos Portuguezas que hião para a India: das novas que nos derão, e como vimos huma Ilha ainda não descoberta.* - - - - - - - 213.

N. VI.

N.° VI.

VIAGEM
A' S
INDIAS ORIENTAES
POR
JOÃO DE EMPOLI,
FEITOR DE HUMA NÁO PORTUGUEZA,
ARMADA POR CONTA DOS MARCHIONES DE LISBOA.

Traduzida do Italiano.

INTRODUCÇÃO.

A Viagem de João de Empoli que fórma o N.º 6.º desta Collecção, foi emprehendida em o anno de 1503 em huma náo que fazia parte da Esquadra com que a primeira vez foi á India o grande Affonso de Albuquerque: todos os nossos Historiadores quando tratão desta viagem, dizem que o dito Capitão partíra do Téjo em o dia 6 de Abril daquelle anno, levando tres navios debaixo do seu commando, sem que nenhum falle em o quarto, nem em o Feitor João de Empoli.

Hum silencio tão uniforme faria suspeitoso este escrito, se o nome de seu Author, não fosse tão conhecido nas nossas Historias, pela segunda viagem que depois fez ás mesmas Indias como logo veremos: este motivo, e o modo abreviado porque todos os nossos tratão esta primeira navegação de Albuquerque tirão a suspeita que póde haver sobre a sua autenticidade, ainda quando não houvessem outras razões que a demonstrassem.

Talvez que huma das causas deste silencio procedesse de ter sido João de Empoli empregado, nesta primeira viagem, em hum navio armado, não por conta da Coroa, mas sim de Armadores, e estes Estrangeiros, como erão os Marchiones, grossos e ricos commerciantes Florentinos de Nação, então estabelecidos em Lisboa. Os Marchiones, segundo Barros e Goes, já se tinhão exercitado naquelle trafico da India, desde o tempo de João da Nova, e tanto se dedicárão a elle, que hum dos irmãos por nome Bartholomeo, passou depois pessoalmente áquelles mares em 1520 em huma náo sua, que fazia parte da Armada de que hia por Capitão môr Jorge de Brito.

Tendo João de Empoli feito esta sua primeira jornada pelo modo que nos deixou escrito, e recolhendo-se a Portugal

pelos fins de 1504, conservou os desejos de se empregar de novo no commercio e navegação do Oriente; e com effeito já em 1512 o vemos figurar outra vez na India, não já como Feitor, mas como Capitão e Senhorio da náo em que hia (1), *persistindo naquella carreira até além de 1516, época em que na Ilha de Çamatra lhe ardeo o seu navio com quanta fazenda levava debaixo da coberta* (2). *Achava-se elle nesta occasião de caminho para a China em companhia de Fernão Peres, que alli era mandado por ElRei de Portugal, e não podendo já continuar a viagem como Capitão, em consequencia daquelle desastre; foi nomeado Feitor mór de toda a Armada, e neste cargo se conservou até ao fim da sua vida. Chegando a Nantó foi mandado em embaixada ao Governador, a pedir licença para a Frota entrar no porto de Cantão, e depois que alli chegou foi segunda vez expedido com a maior pompa e solemnidade, por Embaixador ante os mesmos Governadores de Cantão, onde esteve bastantes dias em terra igualmente aceito e bemquisto dos Chins e dos Portuguezes. Finalmente sendo aquelle clima contrario á saude dos Europeos, enfermou gravemente naquella mesma Cidade, e se finou pelos fins de 1517, ou principios do anno seguinte, com universal sentimento de quantos o conhecião* (3).

João de Empoli era Florentino de Nação, e escreveo em Italiano em fórma de carta a sua primeira jornada, que appareceo impressa por João Baptista Ramuzio, de donde a traduzimos.

VIA-

(1) Barros Decad. 2.ª Liv. IX. Cap. IV.
(2) Barros Decad. 3.ª Liv. II. Cap. VI.
(3) Barros Decad. 3.ª Liv. I. e II.

VIAGEM
A'S
INDIAS ORIENTAES,
POR
JOÃO DE EMPOLI.

CAPITULO I.

Da terra chamada Vera Cruz ou Brazil; dos costumes, armas, e crença de seus habitadores; do porto chamado Agoada de S. Braz; do modo de vestir dos homens e mulheres daquelle lugar.

PArtimos de Lisboa no dia seis de Abril de mil quinhentos e tres, na Armada do Capitão mór Affonso de Albuquerque, a qual se compunha de quatro náos; huma de trezentas toneladas chamada Santiago, outra de trezentas e sincoenta chamada Espirito Santo, outra de cento e sincoenta chamada S. Christovão, e outra finalmente de cem chamada Catharina Dias; e hindo todas de conserva principiámos a navegar direitos a Cabo verde, do qual quando houvemos vista, tomou o Capitão conselho com os seus Pilotos, sobre o rumo que se devia seguir para ser melhor a navegação até ganhar o Cabo da Boa Esperança; porque o caminho que de ordinario se fazia, era ao longo da costa de Guiné da Ethiopia, em a qual ha muitas correntes, cachopos, e baixos, e fica além disso sotoposta á Equinocial, acalmando por esta causa muitas vezes o vento: para fugirmos pois della, deliberamos engolfar-nos de setecentas e sincoenta até outocentas legoas, e navegando nesta volta obra de vinte e outo dias, em huma tarde avistámos a terra, que já por outros tinha sido descoberta, ainda que mais por conjecturas do que por terem abordado nella, e se chama a Ilha da Ascenção junto á qual estivemos toda a noute, quasi a ponto de nos perdermos com hum grande temporal e vento de travessia.

Es-

Esta Ilha não tem nenhum valor segundo podémos observar; e partindo della navegámos tanto, que nos achámos muito engolfados na altura da terra da Vera Cruz ou Brazil, descoberta alguns annos antes por Americo Vespucio (*a*), da qual se tira grande quantidade de canafistula, e de páo Brazil; e não achámos mais nada de valor. Os naturaes são de boa presença, andão nús tanto homens como mulheres, sem cobertura alguma, fazem lavores pela pelle até á cintura, adornão-se com pennas verdes de papagaios, e enfião nos beiços espinhas de peixes; as suas armas são huma especie de dardos com as pontas cobertas das ditas espinhas; tem a fé Epicuria, e sustentão-se ordinariamente de carne humana, a qual secão ao fumeiro como nós a carne de porco. Partindo deste lugar, continuando a nossa navegação para voltar para o Cabo da Boa Esperança, quando estavamos em frente da Ilha de S. Thomé, perdemos de vista o nosso Polo Artico, e nos fomos avisinhando ao Antartico; e antes que podessemos ganhar aquelle Cabo tivemos huma grandissima tormenta, navegando as mais das vezes em arvore seca sem palmo de véla, ora a Poente ora a Levante, porque naquelle lugar não se encontrão outros ventos senão os sobreditos; em fim com ajuda de Deos vingamos o Cabo, á vista do qual chegámos aos seis de Julho; e partindo daqui ao longo da costa entrámos em hum porto que lhe fica visinho, chamado a Agoada de S. Braz, por ter sido descoberto naquelle dia, e por isso se fez huma pequena Ermida em sua memoria. Esta paragem he abundantissima de agoa doce, a qual se tira de covas feitas á mão, porém não tem mais nada de prestimo, salvo muitos animaes domesticos proprios para comer: custa cada vacca huma campainha das medianas, e nós assim as comprámos, pois o ouro ou prata não o terião estimado, sendo aquellas campainhas o que mais prezão. Os homens não tem cabellos; tem a cabeça tinhosa, e os olhos remelosos, vestem-se até á cintura com pelles sem sem lhe

(*a*) Por aqui se vê que foi esta a quarta vez que os Portuguezes abordárão em o Brazil; a primeira como vimos, capitaniados pelo seu descobridor Pedro Alvares; e a segunda e terceira em companhia de Vespucio: he de advertir que os Authores que tratão da primeira viagem de Affonso de Albuquerque omittem todos esta particularidade, dando só por causa da sua demora os ventos contrarios com que teve a combater.

lhe tirarem o pêllo, e cobrem as partes naturaes com hum couro a modo de bainha: as mulheres trazem tambem hum semelhante vestido de pelles, e lhe ajuntão huma cauda do mesmo, que lhe cahe tanto por traz como por diante, e assim andão cobertas, e tem os peitos muito grandes. Os homens uzão de huma especie de dardos com a ponta de ferro, pois aqui se acha alguma porção deste metal: não tem lei nenhuma; comem carne crua segundo vimos; a sua falla he gutural, e acompanhada de accenos e assobios, não os tendo nunca ouvido explicar huma palavra expeditamente; e ainda que entre nós houvessem homens que sabião differentes lingoas, nunca lhe podémos construir huma unica expressão, em fim são homens brutaes: e eis-aqui quanto nos foi possivel comprehender da dita terra.

CAPITULO II.

De huma povoação chamada Pate; dos sinaes que denotão no mar a visinhança da terra; do monte Delli, e como chegando nós a Cochim ouvimos ter sido derrotado, e expulso o seu Rei Mouro; e outra vez restituido aos seus Estados pelo Capitão Francisco de Albuquerque. Da fortaleza sobre o rio Repelim; do Reino de Coulão ainda não descoberto aonde achámos Christãos chamados Nazarenos, que alli ficárão do tempo de S. Thomé.

Partimos deste porto, e navegando ao longo da costa soffremos algumas tormentas que nos tornavão difficil avisinhar-mo-nos outra vez a ella, em fim andamos tanto para diante, que chegámos a Çofalla, onde he a mina de ouro, e S. Magestade faz huma Fortaleza bem abastecida de artilharia, e com boa guarnição. Partimos daqui para Melinde, em cujo porto deviamos entrar segundo o regimento que levavamos, para esperar o Capitão mór que se tinha esgarrado com a grande tormenta que passaramos: e determinando cumprir esta ordem, era-nos o vento opposto de sorte, que estando barlaventeando para tomar o porto, e pedir hum Piloto que nos levasse ás Indias, por causa do perigoso golfo que tinhamos a atravessar; jámais o podémos conseguir, e as agoas nos levárão muito para baixo até huma terra chamada Pate, a qual he cercada de muitos baxos; de maneira que sondando o

nos-

nosso Piloto, humas vezes achava trinta braças, outras dez e ainda menos; e assim por não termos outro remedio surgimos em quatro braças com bastante receio da nossa perdição; porque se tivesse soprado o vento contrario forçosamente teriamos naufragado todos: não podémos pois cumprir com o regimento de ElRei, por estar já muito adiantada a monção para atravessar o golfo (pois quem não se acha em o mez de Setembro nas Indias, não o póde atravessar, sendo os ventos seis mezes de Levante e outros seis mezes de Poente), e assim deliberamos a deixar o dito regimenro e o Piloto; e partimos principiando a entrar naquelle golfo, cuja travessa he de outocentas e mais legoas; e navegando por elle quinze dias achámos os navios da nossa conserva, excepto a náo Catharina que tinha hido ao fundo com a tempestade (*a*), e todos juntos ficámos muito alegres, e com grande satisfação contámos huns aos outros os perigos passados, e seguimos a nossa viagem com bastante susto, porque neste golfo ha algumas vinte e quatro mil Ilhas, nas quaes se se errasse o canal dariamos á costa; por isso mesmo se aqui fizessem impressão todos os ventos, como accontece nestes nossos mares, nenhuma não se salvaria; porém no tempo em que passámos, sempre o vento costuma ser favoravel e hum só; pois como já disse, não soprão senão os Poentes e os Levantes. Quando estavamos a sahir do canal, vimos os seguintes sinaes de visinhança de terra, que a todos são notorios: primeiramente achámos as agoas brancas apezar de estar a costa ainda na distancia de cento e sincoenta legoas; depois vimos o mar cheio de cobras, em tanta abundancia que não se póde exprimir; são delgadas e compridas em proporção, e andão com a cabeça fóra da agoa: o terceiro e ultimo sinal são caranguejos vermelhos, não muito grandes: quando se encontrão todas estas mostras sabemos que estamos visinhos á terra, a setenta legoas del-

(*a*) Já notámos que os nossos Authores não contavão nenhuma das particularidades desta jornada de Affonso de Albuquerque, por isso guardão silencio sobre a perda desta náo Catharina Dias que talvez ignorárão: como pois as náos que partírão de Lisboa erão quatro, e ficárão assim reduzidas ao numero de tres, provavelmente só com estas he que os mesmos Historiadores fizerão conta; resultando daqui a duvida que advertimos na Introducção.

della. Seguindo pois a nossa navegação chegámos ao monte Delli primeira terra da India chamada ao principio Molabad: daqui fomos a Cananor aos onze de Setembro, aonde refrescámos para allivio de tantos trabalhos e tormentas quantas tinhamos passado, e comprámos as mercadorias que achámos. Partindo daqui ao longo da costa chegámos a Cochim, fazendo escala por Calicut e outras terras circumvisinhas, e abordando alli achámos terem tambem chegado as náos do Capitão mór Francisco de Albuquerque, as quaes partírão de Lisboa em numero de tres, outo dias depois de nós; e com este encontro tivemos grande contentamento, e soubemos como á sua chegada tinhão achado destruido o Reino de Cochim, e expulso o seu Rei pelos Mouros e gente de Calicut; por cujo motivo o Capitão mór com seus bateis e gente destruira o acampamento dos inimigos, com algumas mortes de huma e outra parte, tendo depois entregado ao Rei os seus Estados. Juntos os dous Capitães deliberárão fazer guerra a ElRei de Calicut como já por outras vezes tinha accontecido, e mandárão construir em o lugar de Cochim huma Fortaleza, sobre a embocadura do rio Repelim, muito forte, de madeira cercada de grandes fossos, com muita gente, e artilharia que cada huma das náos deo para ella se prover. Feito isto principiámos a pedir carga, e achámos haver na terra doze mil cantaras de pimenta, que o outro Capitão que havia chegado primeiro que nós, já tinha comprado; e depois de muitas questões que com elle teve o nosso Capitão sobre a divisão della, nos louvámos nos Feitores de ElRei que aqui estavão, e foi julgado que as especiarias fossem dos que primeiro tinhão chegado (*a*). Achando-nos assim sem esperanças, e mal contentes por termos cansado tanto os nossos corpos, e vindo de tão longe para depois voltarmos sem carga: deliberámos antes não tornar

(*a*) O nosso Barros provavelmente por politica quiz occultar estas questões entre os dous Commandantes, e contentou-se de dizer que quando elles se ajuntárão, repartírão entre si o trabalho, ficando ao cargo de Francisco de Albuquerque a carga das náos, e ao de Affonso de Albuquerque a construcção da Fortaleza. Assim escreve Barros Decad. 1.ª Liv. 7.º Cap. II. Depois em o Capitulo seguinte diz que o motivo porque Affonso de Albuquerque foi carregar a Coulão, foi por huma Embaixada que a Rainha lhe mandára a este fim, offerecendo-se a dar carga ás náos.

a Portugal, e buscar a nossa ventura mais avante em algum outro lugar que ainda não fosse conhecido; e partindo de Cochim fomos ao longo da costa boas duzentas e sincoenta milhas, até chegarmos a huma terra que se chama Coulão, a qual ainda ninguem tinha hido descobrir, e aqui surgimos ao longo da praia, na costa brava, cousa de seis milhas distante de terra; e tendo surgido de tarde, quando era meia noute principiou a ventar muito, com vento contrario, e travessia da terra, durando esta tormenta sinco dias com tanta força, e com o mar tão grande, trazendo o vento tanto impeto que perdemos quatro ancoras, e ficámos sobre huma com pouca esperança de remedio, de sorte que a maior parte da gente já se tinha despido para se salvar a nado se necessario fosse. Porém não quiz Deos usar com nosco tanta crueldade, fazendo cessar a tormenta, acabada a qual mandou-me o Capitão a terra para saber o que nella havia: armado o batel levárão-me á praia com muitas trombetas e ceremonias, e achei nella huns quatrocentos homens que nos aguardavão para nos ver e aos bateis, parecendo-lhes ambas as cousas muito admiraveis; logo que nos avisinhámos, fizemos-lhe dizer pelo nosso Interprete, que eramos Christáos, e assim que isto ouvirão tiverão grande prazer, dizendo que tambem elles o erão, e que estavão aqui desde o tempo de S. Thomé, e chamavão-se pelo nome de Christáos tanto homens como mulheres assim como nós, e desta casta de gente haverá tres mil pouco mais ou menos: logo nos levarão a ver huma Igreja mediana, feita a nosso modo com Santos e Cruz, e com a invocação de Santa Maria, á roda da qual habitão os Christáos chamados Nazarenos que no-la offerecêrão para morada: depois fomos apresentados ao Rei chamado Nambiadorá (*a*) o qual nos recebeo com muita alegria e amor; e perguntando lhe se tinha especiarias que nos dar para a carga de tres navios; respondeo nos que em vinte dias se obrigava a carregallos com as que quizessemos, e assim tornámos para a não a dar esta resposta ao Capitão, principiando a aprontar os navios com grande festa; em fim carregámos tanto quanto era mister ao nosso desejo, e até dizer mais não.

CA-

(*a*) Barros faz passar estes contratos entre os Governadores da terra e Affonço de Albuquerque, e não diz huma palavra a respeito desta entrevista com o Rei.

CAPITULO III.

Como ElRei de Coulão veio para visitar o General, e do magnifico preparo que para isso fizerão tanto hum como outro.

ESTando já determinados a partir, o Capitão mór e ElRei de Coulão desejosos ambos de se verem, determinárão dia para isso, e quando este chegou, o Capitão mór pòz em ordem todos os seus bateis bem provídos de artilharia, bandeiras, estandartes, e flamulas; e mandou cobrir o em que hia com hum pano de veludo, e no lugar em que havia de sentar-se pôz muitos adornos de retalhos de seda lavrada á mourisca, e elle mesmo vestido de brocado com capa á Veneziana, e com muitas joias e cadèas de ouro, mui soberbamente ornado como cumpria a huma pessoa que representava ElRei de Portugal: nós outros estavamos preparados cada hum segundo as suas posses; e chegando junto a terra aonde ha hum porto, surgidouro natural das náos da India, deitámos ancora, e estivemos esperando que ElRei chegasse á praia, o que tardou o espaço de huma hora, apparecendo então com innumeravel gente, toda por ordem dividida em esquadras, com espadas e rodellas ao nosso modo, depois seguião-se os archeiros, a estes os lutadores untados com os seus oleos, e prontos para entrarem em combate, em o que se exercitão muito; depois os contratadores e negociantes, como banqueiros, ourives, e outros artistas que chamão Zetti; depois os Naires, que são como entre nós os Senhores de representação; apòs estes os Bramines, quatro dos quaes, dos mais principaes, trazião o Rei em huma especie de andor magnifico, da feição de piviola, com quatro braços de marfim muito bem trabalhados, e em cima delle o Rei assentado a seu modo sobre os pés á maneira de alfaiate, bem ornado com panos lavrados de seda e algodão, com muitos aneis de valia, e hum barrete de veludo carmezim coberto de joias, do comprimento de dous palmos pouco mais ou menos, dentro do qual ficão metidos os cabellos. Atrás delle hião muitos elefantes e cavallos, ainda que estes não são naturaes do paiz como os elefantes; e depois muitas musicas de trompas, charamellas, atabales, e trombetas: logo qne chegou diante

dos bateis do Capitão mór parou com toda a sua gente; e estando assim mandou este disparar toda a artilharia, e tocar todas as trombetas, e fez-se conduzir a terra nos bateis para desembarcar, e beijar a mão a ElRei; o que elle apenas vio, uzou de tal arte, que andando á roda sem dizer palavra, toda a sua gente se apartou delle bastante longe, e com isto mostrou que queria fiar-se de nós, antes que nos fiassemos delle. O Capitão assentou-se sobre os hombros dos seus marinheiros para se não molhar no desembarque, e ElRei veio para o receber, metendo-se na agoa até aos joelhos; e assim estiverão na marinha junto ao batel fazendo grande festa, e antes que se despedissem hum do outro, fizerão os seus Capitulos e accordo pelo modo seguinte.

CAPITULO IV.

Do accordo feito entre o Rei de Coulão e o Capitão General, a respeito de mercadorias e de tudo o mais; dos uzos e costumes dos Malabares, e Gentios da India.

ElRei se obrigou a dar todas as especiarias que na terra se colhessem, e nós obrigamo-nos a carregallas; estipulando-se hum preço certo, tanto para as ditas especiarias, como para as nossas mercadorias: depois pedimos que a pessoa que aqui ficasse por parte de ElRei de Portugal, tivesse a seu cargo a administração da Justiça aos Christãos quando houvesse mister, e isto tanto aos nossos como aos que achámos em terra, os quaes até então erão reputados como entre nós os Judeos, e como elles maltratados. ElRei condescendeo em tudo, ainda que lhe pareceo extraordinario tirallos da sua jurisdicção, mas por fim houve-o por bem. Deste accordo se lavrou Escritura em huma lamina de prata, e o Capitão se recolheo com grandes ceremonias de huma e outra parte. Desejando os Christãos da terra ver os nossos Sacerdotes, o Capitão mór fez desembarcar o Frade com dous Padres, todos revestidos com os seus paramentos Ecclesiasticos, hindo ao diante delles grande accompanhamento de gente dos nossos e dos Christãos da terra, e chegados á Igreja com grandes tangeres se começou a celebrar Missa solemne ao toque de campanas, estando a Igreja toda armada, e chea de homens e mulheres Christãos. He desnecessario dizer o quan-

quanto a devoção era grande; logo que a Missa se acabou começou o Frade a prégação; e o interprete (que era homem muito capaz) se o Frade dizia bem, ainda interpretava muito melhor, de maneira que a cousa continuava com grande fervor e zelo; e em outo dias que depois nos demorámos até se completar a carga, bautizarão-se infinitas pessoas dos Gentios da terra, e persuadome que com ajuda de Deos, não sómente o Serenissimo Rei de Portugal adquirirá áqui grande honra e riqueza, mas tambem me atrevo a dizer que no espaço de sincoenta annos se converterão muitas gentes, a quem Deos proteja com a sua infinita graça. Partidos daqui aos quinze de Janeiro nos fizemos na volta de Cochim, para ver o que tinha feito a Armada, a qual achámos já partida, e defronte de Calicut a ponto de fazer accordo com ElRei: não tinhão elles ainda podido obter especiaria para todas as náos, porque supposto lhe tinhão promettido mil e duzentas cantaras, não completárão depois a dita conta, com o que estavão pouco satisfeitos; por isso lhe démos duzentos sacos de pimenta que sobravão das nossas náos. Isto concluido, partimos e fomos direitos a Cananor aonde tomámos agoa, arroz, e peixe; e dahi sahimos a vinte e sete de Janeiro, levando a bordo hum Piloto Mouro para atravessar o grande golfo de Meca: fazendonos novamente á véla, quando julgavamos já tello passado, estivemos quasi dando á costa sobre tres Ilhas muito proximas, e a pique de perder-nos: sahindo deste perigo chegámos a Moçambique, e continuando ao longo da costa, antes que vingassemos o Cabo da Boa Esperança soffremos huma grande tormenta, na qual para não me estender muito, direi sómente que no primeiro de Maio de mil quinhentos e quatro he que podémos ganhar o dito Cabo. Dalli continuámos a navegar sobre a nossa direita, e parecendo-nos já estar defronte de Cabo verde, viemos no conhecimento de que estavamos ainda mais atrazados, e proximos á costa de Guiné. Aqui nos tomou huma calmaria sincoenta e quatro dias, em todos os quaes creio não andámos mais de seis legoas, de sorte que já estavamos sem nenhuma esperança: tinhamos apenas tres pipas de agoa, e nenhum vinho, os mesmos apparelhos da náo estavão todos consumidos, e a gente principiava a adoecer por maneira, que em trinta e sinco dias só da nossa náo deitámos ao mar setenta e seis pessoas, não nos fi-

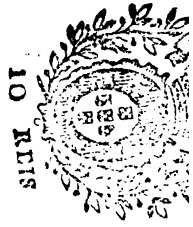
can-

cando mais do que nove, e na outra succedeo o mesmo; tendo morrido cento e trinta pessoas, e ficando o resto sem esperança nenhuma de salvação. As náos hiáo-se ao fundo por causa do guzano que as roia (*a*), e não havia redempção alguma senão a ajuda Divina, a qual era necessario que chegasse bem depressa, pois passámos mais de hum dia com a morte á vista, e por modo tal, que eu por mim não o sei escrever nem explicar: em fim quiz a nossa boa ventura, que avistassemos huma náo á qual fizemos sinaes para vir á falla, a fim de sabermos donde vinha; achámos que era de Portugal, e que hia a Guiné comprar escravos. O Capitão nos deo agoa, e outros soccorros, e finalmente o fizemos tornar para traz, e acompanhar-nos até á Ilha de S. Thiago de Cabo verde aonde surgimos, e nos provemos de agoa, carne, e escravatura para nos ajudar na manobra, e conduzir as náos para o Reino. Partindo daqui fizemos caminho pelas Ilhas dos Açores aonde não abordámos, mas seguimos o nosso rumo direito a Lisboa; e quando avistámos o monte de Cintra sinco legoas distante daquella Cidade, mandámos adiante a náo que tinhamos feito voltar para traz, para fazer saber a Sua Magestade como estavamos aqui, e esperavamos ordem sua para surgir. Depois de ter partido a náo, o tempo contrario, e o frio que sentimos fez morrer os Negros que tinhamos trazido, e estando já para entrar no porto, o mesmo vento contrario nos hia metendo no fundo por modo tal, que se durasse mais meio dia ter-nos-hiamos submergido. Em fim aos dezaseis de Setembro de mil quinhentos e quatro entrámos pela barra de Lisboa aonde fomos recebidos o melhor possivel; se bem que estou certo, que por mais alegria que os outros sentissem, a nossa era ainda muito maior.

Descuidei-me de contar os uzos, e costumes dos Malabares e Gentios da India, o que prova a minha pouca memoria. Estes Gentios são Idolatras, não comem carne, nem peixe, nem ovos, nem cousa que tenha sangue; e só-

(*a*) Por esta passagem e algumas outras desta Collecção, se virá no conhecimento de que a apparição do guzano na Europa, não he de tão recente data como os Naturalistas se persuadírão: não disputando sobre a sua origem, vê-se que já nos principios do Seculo de quinhentos era conhecido este insecto terrivel, que em 1732 esteve a ponto de causar a subversão total da Provincia de Zelandia.

sómente se sustentão de arroz e hervas: são homens limpos e civís, os que são ricos habitão em casas fabricadas de tijôlo e cal, adorão as vaccas como Deozes, e ha abundancia dellas por toda a terra. Eis-aqui tudo quanto pude comprehender, e o de que vos certifico; rogando a Deos que alongue a vida de V. Senhoria por muito tempo.



TA-

TABOADA DOS CAPITULOS.

CAPITULO I. *Da terra chamada Vera Cruz ou Brazil; dos costumes, armas, e crença de seus habitadores, do porto chamado Agoada de S. Braz; do modo de vestir dos homens e mulheres daquelle lugar.* - - pag. 219.

CAP. II. *De huma povoação chamada Pate; dos sinaes que denotão no mar a visinhança de terra; do monte Delli, e como chegando nós a Cochim ouvimos ter sido derrotado, e expulso o seu Rei Mouro; e outra vez restituido aos seus Estados pelo Capitão Francisco de Albuquerque. Da fortaleza sobre o rio Repelim; do Reino de Coulão ainda não descoberto, aonde achámos Christãos chamados Nazarenos, que alli ficárão do tempo de S. Thomé.* - - - - - - - - - - - - - - 121.

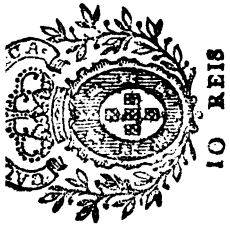
CAP. III. *Como ElRei de Coulão veio para visitar o General, e do magnifico preparo que para isso fizerão tanto hum como outro.* - - - - - - - - - - - - - 225.

CAP. IV. *Do accordo feito entre o Rei de Coulão e o Capitão General, a respeito de mercadorias e de tudo o mais: dos uzos e costumes dos Malabares, e Gentios da India.* - - - - - - - - - - - - - - 226.

COLLECÇÃO
DE
NOTICIAS PARA A HISTORIA
E GEOGRAFIA
DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,
QUE VIVEM
NOS
DOMINIOS PORTUGUEZES,
OU LHES SÃO VISINHAS:
PUBLICADA
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO II. NUM. VII.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA
1813.
Com licença de S. ALTEZA REAL.


10 REIS

e suas Colónias, oferecido ao Principe do Brazil N. S., publicado de ordem da Academia Real das Siências pelo seu Sócio Jozé Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho. 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura por Estevaõ Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chimica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez. *folh.* 4.° - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 2 vol. *fol.* - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 4000

A Primeira Parte do Tom. III. - - - - - - - - - - 1000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao Systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.° - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum. 1 vol. 4.° - - - - 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.° 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves: para distribuirse ao Exercito Portuguez *folh.* 12.° - - - - - - - - *gr.*

XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569., *folh.* 12.° - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1 vol. 8.° - - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.° vol. 8.° - 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe da Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8.° 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, Tom. 1.°, e 2.° em 4.° - - - - - - 1600

O Tom. III. Parte I. - - - - - - - - - - - - - - 400

10 REIS

XLIV.

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tomo I.° Numeros 1.°, 2.°, e 3.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 360
O Numero 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 240
O Tomo II. - - - - - - - - - - - - - - - - - - 800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca, traduzida em verso pelo Socio da Academia Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, *com o texto.* - - - - - - - - - - - - 300
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Numeros I. até IX. 240

Estão no prélo as seguintes.

Memorias de Mathematica e Physica: a II. parte do Tom. III.
Taboadas Perpétuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza.
Memorias Economicas, 5.° vol.
Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, e Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler. Tom. 2.°

Vendem-se em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina; *e em* Coimbra, *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.° - - 480

III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia pelo mesmo, 1 vol. 4.° - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historia Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 2400

VII. Olmia, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 160

IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1 vol 8.° - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 4 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 3200

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. Joaõ I., Dom Duarte, D. Affonso V., e D. João II., 3 vol. *fol.* - - 5400

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - *gr.*

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portu-

tugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tom. 8.° *mai.* - - - - - - - - - - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - - - - - - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Núm. da mesma Academia, 2 vol. 4.° 1800

XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 7 vol. 4.° - 5600

A Primeira Parte do Tomo 8.° - - - - - - - - - - - 400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, I.° vol. *fol. mai.* 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia - - - - - - - - 240

XXVII. Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal,

e

N.° VII.

LIVRO
DE
DUARTE BARBOSA.

INTRODUCÇÃO.

ENtre os nossos antigos Historiadores da India sempre mereceo hum lugar destincto Duarte Barbosa, que vivendo nos fins do seculo de quatrocentos, e principio de quinhentos, abrangeo em seu tempo quasi todos os nossos descobrimentos, viajou com hum espirito indagador por todas aquellas novas Regiões, e descreveo os principaes lugares e portos de Mar, principiando pelo Cabo de S. Sebastião, visinho ao da Boa Esperança, até chegar aos ultimos limites então conhecidos, isto he, ao paiz dos Lequios. A vastidão desta empreza, principalmente em hum tempo em que não tinha soccorros quasi nenhuns que o ajudassem, a veracidade do Author, as luzes que ministrava nesta Obra á Geografia, ao Commercio, e á Navegação, fizerão com que ella apparecesse alguns annos depois vertida em Italiano pelo Collector Ramuzio em o primeiro volume das suas Navegações; e a pezar desta versão ser feita sobre hum manuscrito falto em muitos lugares, como o mesmo Traductor declara, ainda assim foi grandemente prezada pelos Estudiosos, e tida na conta de hum livro Classico nesta materia, tanto mais que se julgava perdido o original sobre o qual se havia feito aquella traducção.

Estes motivos devião necessariamente incitar-nos a enriquecer com este livro a nossa Collecção; e com effeito tinhamos já principiado a traduzillo do Italiano, quando nos lembrou ter visto em hum antigo Codice manuscrito, que parava em nosso poder, hum opusculo muito semelhante a este; e cotejando hum com o outro, tivemos a satisfação de encontrar com o original de Duarte Barbosa, que até então não conhecêramos, por lhe faltar o nome do Author, e a Prefacção que o accompanha na traducção Italiana. Como este tratado

vai dar hum Historiador de mais á Litteratura Portugueza, o qual além de antigo he muito pouco conhecido; por isso pareceo-nos necessario descrever mais circunstanciadamente o manuscrito de que nos servimos, e darmos as noticias que podémos alcançar do seu Author.

Passadas as primeiras paginas, que contém algumas cousas de pouco interesse, por serem já sabidas, está huma carta de Lopo Vaz de Sampaio a ElRei D. João III. com bastante differença da que imprimio Couto. (1) *Segue-se hum diario da jornada do Visso Rei D. Constantino, e algumas Cartas dos Governadores da India daquelles tempos; e no fim disto huma declaração em fórma de titulo que diz o seguinte:* Este Liuro he de Lizvarte de Aureo que ho mandov fazer: começov-se na náo Rainha ha primeira uiajem qve fez; qve foi no anno de 1558 em que no propio anno se fez hvma armada em qve hia por Visso Rei da India D. Constantino, irmão do Dvque de Bragança; hia na propia náo D. Aleixo de Sovsa Chichorro Ueador da fazenda da India, e Capitão de Cochim, por Capitão da dita náo hia sev sobrinho Fernão de Sovsa Chichorro.

Passado este titulo continua outra breve relação da viagem de D. Constantino, e logo immediatamente o Livro de Duarte Barbosa, que fórma a maior parte do que ha escrito naquelle volume; digo escrito, porque quasi tudo o que se contém no resto delle, são pinturas que representão os diversos Governadores da India até áquelle tempo, e as differentes Frotas, que desde Vasco da Gama tinhão sido mandadas áquelles mares.

Deixando tudo o mais que não he para o nosso intento; e fallando sómente da Obra de Duarte Barbosa; conhece-se facilmente que foi escrita por duas differentes mãos, o que faz bastante diversidade na sua orthografia, e mesmo na exactidão

(1) Cout. Decad. IV. Liv. 6.º Cap. 7.º.

dão da copia, sendo esta sem duvida até ao meio mais fiel e correcta do que dahi por diante.

Independentemente desta consideração, bastava só não ser o manuscrito autografo, para procurarmos outro para o cotejar; e sendo baldadas todas as nossas diligencias a este respeito, vimo-nos na necessidade de lançar mão da traducção de Ramuzio, e achámos nesta confrontação bastantes differenças, de que he necessario previnir os Leitores.

A primeira dellas he causada não só pela diversa indole dos dous Idiomas Italiano e Portuguez, mas ainda pela liberdade que o Traductor tomou de abreviar ou parafrazear alguns periodos; o que em muitos lugares he de tão pouca ponderação, que não julgámos necessario advertillo. O mesmo se deve entender a respeito de algumas transposições, que não influem no sentido da Obra; e que tambem deixámos de notar, por ser hum trabalho prolixo, e de nenhum fructo.

Não acontece porém assim nas passagens que estão de mais, quer no original, quer na traducção Italiana: humas e outras julgámos dever notar; as que estão de mais na traducção, porque como o manuscrito que imprimimos não he autentico, podia o amanuense tellas omittido por descuido, sendo assim para desejar que apparecessem nos seus lugares competentes; mas como imprimindo-as alli, faltariamos á exactidão se se não ficasse conhecendo á primeira vista o que he tirado da traducção, por este motivo os accrescentamentos extrahidos de Ramuzio vão nos seus lugares proprios porém impressos em grifo.

Em quanto ás passagens que vem de mais no manuscrito Portuguez tambem as notámos, pondo-as entre virgulas: porque tanto pela razão acima ponderada, como pelo que logo veremos, se póde entrar em duvida se algumas dellas forão accrescentamentos feitos posteriormente á obra de Duarte Barbosa.

A' excepção do referido, esta Edição he copia fiel do ma-

nuſcrito donde he tirada, o qual tive a honra de apreſentar á Academia Real das Sciencias em a sua Seſsão de 29 de Julho do preſente anno. (1)

Tendo dado hum conhecimento previo do que nos pareceo dever notar ſobre eſta Edição; ſegue-ſe naturalmente dizer o que podémos alcançar a reſpeito de Duarte Barboſa: naſceo elle em Lisboa em os fins do ſeculo de quatrocentos, e teve por pai a Diogo Barboſa, Cavalleiro da Ordem de Santiago (2), *e grande privado de D. Alvaro de Bragança; o qual tinha bido á India em hum navio daquelle Senhor em o anno de* 1501, *na Armada de João da Nova* (3): *não ſómente neſta negociação elle tinha dado provas da ſua intelligencia e fidelidade* (4), *mas já antecedentemente ſe tinha dedicado de todo ao ſerviço de ſeu illuſtre amo, accompanhando-o na ſua deſgraça por todo o tempo que aſſiſtio em Heſpanha, e ſendo aſſim participante dos ſucceſſos proſperos e funeſtos por que paſſou durante a ſua vida* (5), *até ao anno de* 1504 *em que aſſiſtio ao ſeu falecimento em Toledo; reſolvendo-ſe por eſte accontecimento a fixar-ſe de todo com a ſua familia na Cidade de Sevilha, então Corte dos Reis Catholicos.*

Em

(1) Para guardar mais uniformidade na orthografia foi-nos necessario mudar algumas letras; assim tambem julgámos dever começar por maiusculas todos os nomes proprios de terras, rios, &c. Quando achámos no manuscrito alguma passagem manifestamente viciada, emendando-a no texto, advertimos em nota como o lugar se achava no original, tirando a palavra ou palavras que faltárão, da mesma traducção, e imprimindo-as igualmente em grifo.

(2) Vide Barros Decad. III. Liv. 5.° Cap. 8.°. e a Histor. Geneal. da Casa R. tom. X. p. 37.

(3) Vid. Barros Decad, I. Liv. 5.° Cap. 10.°

(4) Vid. nesta Collec. a Navegação de Thomé Lopes Cap. X.

(5) Quando no tempo de Sr. Rei D. João II. D. Alvaro de Bragança se refugiou em Hespanha, ElRei D. Fernando que sempre o estimou como elle merecia, lhe conferio a Alcaidaria mór de Sevilha e Adujar, e para o substituir em este emprego nomeou elle a Duarte Barbosa. Vid. Barros Decad. III. Liv. 5.° Cap. 8.°

Em quanto isto succedia ao pai, seguia o filho as suas pizadas na carreira da India, escóla de todos os mancebos daquelle tempo. São-nos desconhecidas as épocas tanto da sua hida, como da sua volta: o que he certo he que a sua assistencia naquellas paragens não podia ser de curta duração, visto o grande conhecimento que dellas alcançou; e que no anno de 1518 já elle tinha partido para Sevilha para companhia de seu pai, depois de estar algum tempo em Lisboa, movendo-o a isso alguns desgostos, segundo diz Ramuzio, e sobre tudo incitado, segundo nos persuadimos, pelas sugestões de alguns seus amigos e parentes.

Esta asserção, que não passa de huma conjectura, torna-se verosimil, lembrando-nos que por este mesmo tempo se ausentou destes Reinos o célebre Fernando de Magalhães, parente de Duarte Barbosa; o qual dirigindo-se tambem a Sevilha buscou abrigo em casa de Diogo Barbosa, que não só o hospedou com a maior urbanidade, e lhe deo todos os soccorros para levar por diante a grande empreza que meditava; mas até se lhe unio ainda mais pelos vinculos do sangue dando-lhe em casamento huma filha sua, irmã do nosso Author.

Estes novos laços, e o espirito curioso e indagador de que era dotado, não lhe permittirão ficar muito tempo em Sevilha gozando do descanso, para que o seu genio não propendia; antes achando-se aplanadas as intrigas e difficuldades, que até então tinhão embaraçado a viagem de Fernando de Magalhães, resolveo-se a partir com elle e com muitos Portuguezes que alli se achavão, e deo á véla aos dez de Agosto de 1519, em huma Esquadra destinada a fazer a volta do Globo, da qual fazia parte a náo Victoria em que tinha embarcado, a unica que depois pôde voltar daquella viagem.

Muitos são os Escritores assim Nacionaes como Estrangeiros que dão conta desta navegação, para julgarmos necessario demorar-nos em descrevella; contentar-nos-hemos com di-

IO REIS

zer que Duarte Barbosa depois de ter passado infinitos trabalhos suscitados tanto pelos homens como pelos elementos, foi morto com veneno em a Ilha de Zebu huma das Filippinas em o primeiro de Maio de 1521, digno por certo pela sua idade e talentos de huma mais prolongada duração (1)

O Author da Bibliotheca Lusitana *que conta esta morte pelo mesmo modo que nós a referimos, accrescenta inadvertidamente que sendo elle Escrivão da Feitoria de Cananor, fôra nomeado pelo Governador da India Nuno da Cunha para ajustar as pazes com o Samorim; sem reflectir que isto aconteceo em o anno de 1529, outo annos depois do seu falecimento, e que o Duarte Barbosa de quem falla Barros na Decada IV. Livro 4.° Cap. 3.° deve necessariamente ser outro differente daquelle de que tratamos.*

Esta reflexão nos offerece lugar para confessarmos em honra da memoria daquelle benemerito Author, que ninguem mais do que nós está persuadido do merecimento da Bibliotheca Lusitana, *e da immensidade de difficuldades que era necessario vencer para a sua composição; bastando para isso ser a primeira obra desta natureza que entre nós se emprehendia: por esta mesma razão quem for desapaixonado deve reconhecer, que as noticias que alli se encontrão nem sempre são exactas e veridicas, e que hum homem só não era bastante para ver o que tantos mil outros tinhão escrito. A Obra do Abbade Barbosa he huma rica mina de ouro, que necessita ainda das fadigas de muitos obreiros para apresentar este metal em toda*

(1) Alguns Authores referem esta morte por modo hum pouco differente; sobre esta viagem pódem consultar-se Barros Dec. III. Liv. V. Castanheda Liv. VI. Ozorio Liv. II. Faria Asia Portugueza Tom. I. Parte. III. Cap V. Antonio de S. Roman Histor. de la India Liv. II. Cap. XXV. Pizarro Liv. VIII. e a Carta de hum Portuguez companheiro de Duarte Barbosa, que refere a viagem da náo Victoria, e vem impressa na Collecção de Ramuzio no Tomo I. p. 370 da terceira edição.

da a ſua perfeição; e quando nos temos viſto na neceſſidade de o criticar, he ſó com o fim de concorrer quanto em nós eſtá para adiantar o ſeu precioſo trabalho.

O unico Eſcrito que temos de Duarte Barboſa, he eſte ſeu Livro que agora publicamos, e que foi acabado, ſegundo ſe diz na Prefacção que vem em Ramuzio, em o anno de 1516. He certo que em o noſſo original ha algumas paſſagens poſteriores a eſte anno (1); *mas como por huma parte elle não he autografo, e por outra parte eſtas paſſagens não vem na traducção Italiana, pode-ſe entrar em duvida ſe outra mão poſterior inserio alli aquellas noticias, o que não deixa de ter alguma probabilidade.*

A Bibliotheca Luſitana faz huma longa liſta dos Authores que fazem menção deſta obra.

(1) Quando o Author falla de Barborá, accrescenta o nosso ms. » Esta uila forçosamente foy tomada pelos Portuguezes com » hva frota de qve era Capitam moor Antonio de Saldanha, e es- » troio todo ho lvgar na era de 1518. » Mais adiante fallando de Zeila conclue o manuscrito: » Este lvgar foy tomado e es- » troido pelos Portvgvezes de qve foy Capitam moor Lopo Soares » qve entam era Gouernador da India, e tomovo uindo do porto » de Jvda na era de 1517. » Quando depois trata da Ilha de Ceilão diz: » ElRei N. Sr. tem ali hvma fortaleza de trato noua- » mente feita; » e o anno em que Lopo Soares foi áquella fortaleza foi o de 1517. Referindo finalmente os costumes dos Povos de Maçua diz no Italiano: » Sei isto por assim me ter sido » affirmado » ao mesmo tempo que no manuscrito diz: » Isto » ui ev por experiencia, porqve me achei na tomada de Zeila. »

LIVRO DE DUARTE BARBOSA.

PREFACÇÃO.

TEndo eu Duarte Barbosa, natural da muito nobre Cidade de Lisboa, navegado grande parte da minha mocidade pelas Indias descobertas em nome de ElRei N. Sr.; e tendo viajado por muitos e varios Paizes visinhos á Costa, e visto e ouvido varias cousas, que julguei maravilhosas e estupendas, por nunca terem sido vistas nem ouvidas por nossos maiores; resolvi-me a escrevellas para beneficio de todos, taes como as vi e ouvi de dia em dia; trabalhando por declarar em este meu Livro, os lugares e limites de todos aquelles Reinos aonde estive pessoalmente, ou de que tive informações dignas de fé; e bem assim quaes sejão os Reinos e Paizes de Mouros, quaes os de Gentios, e os seus costumes. Nem deixarei em silencio o seu trafico, e as mercadorias que nelles se achão, os lugares aonde nascem, e para onde se conduzem; e além do que pessoalmente vi, sempre me deleitei em procurar aos Mouros, Christãos, e Gentios pelos usos e costumes de que erão praticos; cujas informações tomei o trabalho de combinar humas com outras, para ter huma noticia mais exacta dellas, que foi sempre o meu principal intento, como deve ser o de todos os que escrevem sobre semelhantes materias; e persuado-me se conhecerá, que não poupei diligencia alguma para conseguir este fim, quanto o permittem as debeis forças do meu engenho; e foi no presente anno de 1516 que acabei de escrever este meu Livro.

Primeiramente ho Cabo de Sam Sabastiam.

INdo ha ho longvo da costa, passando ho Cabo da Boa esperança, caminho da India até ho de Sam Sabastiam, saom hvas terras assaz fermosas de mvytas montanhas, e campos, em que ha mvyta criaçam de mvytas uaqvas, carneiros e ovtras alimarias montezes; he a dita terra habitada de hvas gentes pretas, andaom nvvs, somente trazem de peles, com sev pelo de ceruo ov dovtras alimarias, hvas capas Francezas; da qval gente hos nossos nvnqva poderão hauer noticia de lingoa nem serem informados do qve uai pela terra dentro; nem elles tem nauegaçam, nem se seruem do maar, nem hos Movros Darabia, e Persia nvnqva téli nauegaraom, nem ha descobriraom por caso do cabo das Correntes ser mvyto tormentoso.

Has Ilhas qve chamaom Hvcicas grandes.

Indo mais ha ho longvo da Costa passando este cabo de Sam Sabastiam caminho da India, estaom jvnto com ha terra firme hvas Ilhas qve chamaom Hvcicas grandes; em has qvaes pela terra firme dellas, estaom algvmas pouoaçoens de Movros, qve trataom com hos Gentios da terra firme, e prestaom com elles; nestas Hvcicas se acha mvyto ambar qve estes Movros apanhaom, ho qval he mvyto boom, qve elles uendem pera ovtras partes: tambem se achaom mvytas perolas e aljofar mevdo, qve se acha dentro no maar, em ostras, porem elles nam ho sabem apanhar nem pescar; algvm qve tiraom he com assarem has ostras, e ho aljofar qve fiqva he mvyto roim e qveimado; nam seria mvyta dvuida hauello hy boom, se ho sovberem apanhar, e pescar, como fazem em ovtras partes de qve ha ho diante falarey.

Hucicas pequenas nos Rios.

Passadas as Hucicas grandes para a banda de Çofala, que he huma fortaleza que aqui tem ElRei de Portugal, perto da qual se acha muito ouro; a dezasete ou dezouto legoas longe della, ha alguns rios que formão Ilhas pelo meio, a que chamão Hucicas pequenas, aonde ha alguns lugares habitados por Mouros, que comerceão com os Gentios da terra firme: o seu sustento he arroz, milho, e carnes, que conduzem a Çofala em pequenas barcas.

Ço-

Çofala.

Indo mais adiante passando estas Hvcicas caminho da India, ha uinte ov trinta legoas della, está hvv rio, qve nam he mvyto grande pelo qval dentro está hva pouoaçam de Movros que chamaom Çofala, jvnto com ha qval tem elRey N. Sr. hva fortaleza; estes Movros ha mvyto tempo qve pouoáraom aqvi, por caso do grande trato de ovro qve tinhaom com hos Gentios da terra firme: hos Movros desta pouoaçam falaom Arauia, e tem hvm Rei sobre sy qve está ha obediencia delRey N. Sr., ha maneira de sev trato era qve ha elles uinhaom em peqvenos nauios, qve chamaom zambvqvos do regno de Qviloa, Mombaça e Melynde mvytos panos pintados dalgodam, ovtros branqvos e azvis, delles de seda, e mvytas continhas pardas, e roxas, e amarellas, qve ha hos ditos regnos uem em ovtros nauios mayores do gram regno de Cambaya, has qvaes mercadorias hos ditos Movros qve uinhaom de Melynde e Mombaça *comprão a outros que aqui as trazem* (1) e lhas pagaom em ovro pelo preço de qve elles hiaom mvyto contentes; ho qval ovro lhe daom ha pezo: hos Movros de Çofala goardauaom estas mercadorias, e has uendiaom depois ha hos Gentios do regno de Benametapa qve aly uinhaom carregados dovro; ho qval ovro lhe dauaom ha troqvo dos ditos panos sem pezo, em tanta cantidade qve bem ganhaom cento por hvv. Estes Movros recolhem tambem mvyta soma de marfim qve achaom derredor de Çofala, qve tambem uendem pera ho regno de Cambaya ha sinco e ha seis cruzados ho qvintal; tambem uendem algvm ambar qve lhe trazem das Hvcicas, qve he mvyto bóo. Saom estes Movros homeins pretos, e delles baços, falaom algvns delles arauia, e hos mais se seruem da lingoa da terra qve he ha dos Gentios: elles se cobrem da cinta pera bayxo com hvvs panos dalgodam e seda; trazem ovtros panos sobraçados como capas, e fotas nas cabeças, algvns delles carapvcinhas de graam de qvartos, e de ovtros panos de laam de mvytas cores, e chamalotes, e dovtras sedas, sevs mantimentos saom milho, arroz, carne, e pescado; em este rio ha ho maar delle, saem em terra mvytos caualos marinhos

(1) Estas palavras tiradas da traducção Italiana faltavão no manuscrito, e são necessarias para formar sentido completo.

nhos ha pascer, hos qvaes caualos andaom sempre no maar como peixes, tem dentes da feição dos alifantes peqvenos em sva cantidade segvndo saom; este he melhor marfim qve do alifante, mais aluo e rijo sem nvnqva perder cor. Na propia terra derredor de Çofala ha mvytos alifantes brauos e mvy grandes *os quaes a gente da terra não sabe nem costuma domesticar*, onças, e lioens, e ueação, e ovtras mvytas alimarias: ha terra he de campos e montanhas, de mvytas ribeiras de mvy boas agoas; na mesma Çofala fazem agora nouamente grande soma dalgodam, e tecemno, de qve se fazem mvytos panos branqvos; e porqve nam sabem tingir, ov por nam terem tinta, tomaom panos azvis *ou de outras cores* de Cambaya, e desfiaomnos, e tornaomnos ha jvntar, de maneira qve fazem hvv nouelo, e coeste fiado e com ovtro branqvo do sev, fazem mvitos panos pintados, e delles haom mvyta soma dovro » o qval remedio fizeraom depois qve uirão qve nos- » sas gentes lhe tolhiaom ha nauegaçam dos Zambvcos; has » mercadorias nam podem uir ha elles senam por mam dos » feitores qve elRei N. Sr. tem aly em svas feitorias e » fortalezas. »

Ho grande regno de Benametapa.

Indo assy desta terra contra ho certam, jaz hvv mvy grande regno de Benametapa qve he de Gentios, ha qve hos Movros chamaom Cafres; saom homeins pretos, andaom nvvs, somente cobrem svas uergonhas com panos pintados dalgodam da cinta pera bayxo; delles andaom cobertos com peles dalimarias monteses, algvns qve saom mais hontados, trazem das mesmas peles hvas capas com hvvs rabos, que lhe arrastaom pelo cham; trazem isto por estado e galantaria, andaom dando saltos, e fazendo gestos do corpo com qve fazem saltar aqvella pele de hvm cabo pera ho ovtro; trazem estes homeins hvas espadas metidas em hvas bainhas de páo lyadas com mvyto ovro, e ovtros metaes, e ha parte da mam esqverda como nós, com cintas de pano qve pera isso fazem, com qvatro ov cinqvo noos, com svas borolas dependvradas, como galantes homeins; trazem tambem nas mãos azagaias; e ovtros arqvos e frechas meãoos qve nam saom tam compridos como de Ingrezes, nem tam cvrtos como de Tvrqvos; hos ferros das frechas saom mvy grandes e svtis: elles saom homeins

de

de gverra, e ovtros grandes mercadores; svas mvlheres andaom nvas, somente cobrem svas uergonhas com panos dalgodam entrementes saom solteiras, e como saom casadas *e tem filhos* lançaom ovtros panos por cima dos peitos.

Zimbaoche.

Indo mais adiante pera ho certam qvinze ov uinte jornadas, está hva mvy grande pouoaçam qve chamaom Zimbaoche em qve ha mvytas casas de madeira *e de palha*; qve he de Gentios, em ha qval mvytas uezes está ho Rei de Benemetapa *e dahy a Benemetapa são seis jornadas*; ho qval caminho uai de Çofala pelo certam dentro contra ho cabo de Boa esperança: nesta mesma pouoaçam de Benemetapa he ho assento mais accostvmado do Rei em hvv lvgar mvyto grande, donde trazem hos mercadores ovro dentro ha Çofala, ho qval daom ha hos Movros sem peso por panos pintados e por contas, qve antre elles saom mvyto estimadas, has qvaes contas uem de Cambaya: dizem estes Movros de Benametapa qve ainda este ovro uem de mvyto mais longe, de contra ho cabo de Boa esperança, dovtro regno qve he svgeito ha este de Benametapa, qve he mvy grande Senhor, de mvytos Reis qve tem debayxo de sev porte: elle he Senhor de mvyto grande terra qve corre pelo certam dentro, assy pera ho cabo de Boa esperança, como pera Moçambiqve; elle he cada dia seruido de mvy grandes presentes, qve lhe hos ovtros Reis e Senhores mandaom, cada hvm em sva cantidade, e trazem-lhos pelo meio da Cidade, e descobertos sobre ha cabeça até qve chegvem a hva casa mvyto alta aonde ho Rei sempre está apovzentado, e elle ho uee per hva janela e nam ho ueem ha elle, somente ovuemlhe sva palaura; depois elle mesmo Rei manda chamar ha pessoa qve lhe ho tal prezente trovue, e ho manda logvo mvy bem despachado. Este Rei traz continvamente no campo hvv Capitam qve chamaom Sono, com mvyta soma de gente, e cinqvo e seis mil molheres qve tambem tomaom has armas, e pelejaom; com ha qval gente anda socegando algvvs Reis qve se leuantaom, ov qverem aleuantar contra sev Senhor. Este Rei de Benametapa manda cadano homeins honrados, despachados per sev regno ha todolos Senhorios e lvgares qve nelle tem, ha dar fogo nouo; pera saber se estaom em sva obediencia, silicet, cada homẽ des-

10 Reis

destes chegado ha cada lvgar, faz apagar qvantos fogos nelle estaom, de maneira qve em todo ho lvgar nam fiqva nem hvv fogo, e como saom todos apagados, todos ho tornaom ha uir tomar de sva maom, em sinal de mvyta amisade e obediencia, de maneira qve ho lvgar ov Uilla qve assy ho nam qver fazer, he logvo accvsado per reuel: ho qval manda logvo ho dito sev Capitam sobre elle, qve ho ua destroir ov meter debayxo do sev mando e Senhorio; ho qval Capitam com toda ha sva gente darmas por honde qver qve for, hade comer ha cvsta dos lvgares; sev mantimento he milho, arroz, e carne; seruem-se mvyto dazeyte de gergelym.

Cvama.

Indo de Çofala caminho de Moçambiqve ha corenta legoas de Çofala povco mais ov menos, está hvv mvy grande rio qve chamão Cvama, dizem qve entra contra ho regno de Benametapa mais de cento e setenta legoas; na boqva do qval rio está hvv lvgar ha cvjo Rei chamaom Mangaló, por este rio uem dentro ha este lvgar de Movros mvyto ovro de Benametapa; do qval rio se faz ovtro braço qve uem dentro ha hvv lvgar qve chamaom Angoya, qve he por honde se hos Movros seruem com mvytas almadias de trazer hos panos, e ovtras mercadorias mvytas Damgoya; hos outros lhe trazem mvyto ovro e marfim.

Amgoya.

Indo ha ho diante leyxando este Cvama ha cento corenta legoas delle, ha ho longvo da costa, está hya mvy grande pouoaçam de Movros que chamaom Amgoya *que tem Rei sobre si.* Uiuem nella mvytos mercadores qve trataom em ovro, e em marfim, em panos de seda e algodam, e contas de Cambaya; assy como sohiaom de fazer hos de Çofala: has qvaes mercadorias lhe trazem hos Movros de Çofala, de Mombaça, de Melynde, e Qviloa, em hvvs nauios mvyto peqvenos escondidamente dos nossos nauios, de maneira qve daly leuão mvy gram soma de marfim, e mvyto ovro; neste mesmo lvgar Damgoya ha mvyto mantimento, milho, arroz, e mvitas carnes; ha gente delle saom homeins pretos, baços; andaom nvvs da cinta pera cima, della pera baixo se cobrem com panos dalgodam e se-

seda, e trazem outros panos sobraçados ha maneira de capas; deles fotas em has cabeças; outros trazem huas carapuças de quartos de pano de seda; falaom ha lingoa natural da tera que he dos Gentios, alguns deles falaom arauia: Estes Mouros has uezes estaom ha obediencia de el-Rei N. Sr., outras uezes estaom aleuantados por estarem apartados das nosas fortalezas.

Moçambique.

Indo mais ha ho diante leyxando Amgoya caminho da India, estaom muyto perto da tera fyrme tres Ilhas, antre has quaes está huma pouoada de Mouros que chamaom Moçambique, que tem muyto bõo porto; em ho qual todolos nauios dos Mouros nauegantes que pera Çofala e Cuama nauegaom, faziaom sua escala » pera corregimento de » suas naos, honde tomauaom muyta agoa, lenha, e man» timento: » antre hos Mouros desta ilha e de Moçambique, auya hũu Xarife que hos gouernaua e tinha ha direito: estes Mouros saom da mesma lyngoa e costume dos Damgoya: aquy tem elRei N. Sr. hua fortaleza, com que estaom hos ditos Mouros debayxo de seu mandado e gouernança; e agora tomaom neste porto has nosas náos agoa, e lenha, e mantimentos que ha na tera, e nele se coregem has que ho haom mister; asy quando vaom, como quando uem; e daquy mandaom tambem mantimentos dentro ha Çofala ha hos Portuguezes que lá estaom, asy de muytas cousas que uem de Portugal, como da India *por lhe ficar em caminho.* Na tera fyrme destas Ilhas ha muytos alifantes e muyto grandes, *e outros animaes selvagens*: ha tera he habitada de Gentios, que saom hũus homeins bestiaes, que andaom nũus, e barados todos com hum baro uermelho; trazem suas naturas emburilhadas em huas tiras de pano azul de algodam, sem nenhũa outra cobertura; trazem hos beiços furados com tres furos; *em cada beiço tres buzios*, e neles metidos huus osos com huas pedrinhas, e outros brinquinhos.

Quilôa.

Indo deste lugar de Moçambique ha ho longuo da costa, está hua ilha junto com ha tera fyrme que chamaom Quiloa, em que está hua uila de Mouros de muy fermo-

sas casas de pedra e cal, com muytas janelas ha nosa maneira, muyto bem aruadas, com muytos terados; has portas de madeira muy bem lauradas de muy fermosa macenaria, deredor muytas agoas, e pomares, e hortas com muytas agoas doces; tem Rei mouro sobre sy: daqui trataom com hos de Çofala donde lhe traziaom muyto ouro; daqui se extendiaom por toda Arabia felix, que tambem daqui por diante poderemos chamar asy *ainda que seja sobre a Ethiopia*, porque toda ha ribeira do maar uay muyto pouoada de muytas uilas e lugares de Mouros. Antes que elRei N. Sr. mandase descobrir ha India, hos Mouros de Çofala, Cuama, Angoya, e Moçambique estauom todos ha obediencia delRei de Quiloa, que era muy poderoso Rei antreles, em ha qual uila hauia grande soma douro, porque nenhũus nauios nom pasauaom pera Çofala que primeiro nom uiesem daar nesa ilha; e hos Mouros dela saom, deles branquos, deles pretos: andaom asas bem atauiados de muytos panos riquos douro e seda e dalgodam, e has molheres tambem, e com muyto ouro e prata em cadêas, e manilhas que trazem nos peis e nos braços, e muytas joias em has orelhas; estes Mouros falaom arauya e tem ha ceita do Alcoram, creem muito em Mafamede, e ha ho Rei dela lhe foi tomado ho lugar forçosamente pelos Portuguezes, nom querendo per sua soberba obedecer ha ElRei N. Sr., honde lhe captiuarão muyta gente, e ho Rei fugio da ilha, e S. Alteza mandou fazer nela hua fortaleza, e hos meteo debayxo do seu mando e gouernança » depois ha tornou ha mandar deribar por nom ser » seu seruiço nem proueito sostentala, ha qual desfes An» tonio de Saldanha. »

Mombaça.

Indo mais ha ho diante ha ho longuo da costa caminho da India; está muyto junto com ha tera fyrme, hua ilha, em que está hua cidade que chamaom Mombaça, ha qual he muyto fermosa, de muy altas casas de pedra e cal, e muyto bem aruadas *a maneira de Quiloa*; ha madeira he laurada de muy fermosa macenaria; tem Rei sobre sy que he mesmo mouro. *Os homens são de côr baça, brancos, e negros, e assim* suas mulheres, andaom muy bem atauiadas, de muytos bons panos de seda, com muyto ouro; ho lugar he de muy grande trato de mercadorias

tem

tem boõ porto, honde estaom sempre surtos muytos nauios, e grandes náos, asy das que uem de Çofala, como das que uaom, e outras que uem do grande regno de Cambaya e de Melynde; outras que nauegaom pera has ilhas de Zinzibar, e outras de que ha ho diante farey mençam: esta Mombaça he muy farta tera de mantimentos, honde ha muytos e muy fermosos carneiros de huus rabos redondos, e uaquas, e outro muyto gado, e galinhas; e he tudo muy gordo: ha muyto milho, aroz, muytas laranjas doces e agras, e muytos limoens, romaans, figos da India, e toda hortaliça, e muyto boas agoas. Saom homeins que muytas uezes tem guera com ha gente da tera fyrme, outras uezes paz, e trataom com eles, honde recolhem muyto meel, e cera, e marfim; e ho Rei desta cidade nom querendo obedecer ha ho mando delRei N. Sr. por esta soberba ha perdeo, e lhe foy tomada forçosamente pelos nosos Portuguezes, donde fugio, e mataram-lhe muyta gente, e além diso captiuaram-lhe muytos homeins e mulheres, de maneira que ficou estroida, e roubada, e queimada. Tomou se aquy hua groça presa de muyto ouro, e prata, e manilhas, braceletes, orelheiras, e contas douro, e muyto cobre, e outras muytas mercadorias muyto riquas, ho lugar fiquou estroido.

Melinde.

Indo mais ha ho diante, leyxando Mombaça, caminho da India; nom muyto longe dela ha ho longuo da costa, está hũa muy fermosa uila asentada em ha tera fyrme, ha ho longuo de hũa praya que chamaom Melynde, que he de Mouros; tem Rei mouro sobre sy; ho qual lugar he de muy fermosas casas de pedra e cal, de muytos sobrados com muytas janelas, *e terrados*, ha nosa maneira; ho lugar está muy bem aruado, ha gente dele saom branquos e pretos; andaom nũus, somente cobrem suas uergonhas com panos delgodam e seda, e outros trazem hũus panos sobraçados ha maneira de capas; tambem trazem muytos cinciletes, e fotas nas cabeças de muytos riquos panos, e saom grosos mercadores, e trataom em panos, ouro, marfim, e outras muytas sortes de mercadorias com hos Mouros e Gentios do grande regno de Cambaya: ha ho seu propio porto uem cadano muytas naos caregadas de muytas mercadorias, donde leuaom muyto ouro, marfim, e cera;

em que hos mercadores de Cambaya achaom muyto proueito, e asy hũus como outros ganhaom muyto dinheiro. Ha nesta cidade muytos mantimentos *de arroz, milho e algum trigo que o levão de Cambaya*, e fruytas de muytas maneiras, porque ha muyta abastança de hortas, e pomares; tambem ha aqui muytos carneiros de rabos redondos, uaquas, e todo ho outro gado, muytas laranjas e galinhas. Ho Rei e gente deste lugar foraom sempre e saom amiguos delRei de Portugal, e sempre neles achaom hos Portuguezes muyta prestança e amizade, e pacifica paz » e aly tomaom has » naos, se acertaom de pasar por ele, muyto refresco. »

Ha Ilha de Sam Lourenço.

Ha ho traues de todos estes lugares ha ho maar deles *setenta legoas distante do Cabo das Correntes*, está hua muy grande ilha que chamaom de Sam Lourenço, que he pouoada no certam de Gentios, e nos portos de maar de Mouros, honde tem muytos lugares; ha qual ilha tem muytos Reis asy mouros como gentios; ha nela muytas carnes, muyto aroz, milho, laranjas, e lymoens; ha na tera muyto gengiure, de que se nom seruem mais que comelo *assim verde*; andaom hos homeins dela nuus, somente cobrem suas uergonhas com panos dalgodam; eles nom nauegaom pera nenhũa parte, nem ninguem pera has suas; tem muytas almadias de que se seruem com pescar ha ho longuo da sua costa. Saom homeins baços, de lyngoa sobre sy; tem muytas uezes guera hũus com outros; suas armas saom azaguaias muy sotis daremeço, com feros muy bem obrados; tras cada hum muytas delas na mam, com que ferem daremeço: saom homeins muy ligeiros, e manhosos em ho aranquar; tem antre si prata baixa; seu principal mantimento he inhames: he ha tera muy fermosa, aprasiuel e uicosa de ribeiras, de asas grandes rios: terá esta ilha de longuo da costa pera Melynde *obra* de trezentas legoas, e dela ha tera fyrme hauerá setenta legoas.

Pemba, Mamfia, e Zinzibar.

Antre esta ilha de Sam Lourenço e ha tera fyrme *não muito longe della* estaom tres ilhas, huma se chama Mamfia, outra Pemba, outra Zinzibar, pouoadas de Mouros; saom muy uiçosas de mantimetos, ha nelas a-

ros,

ros, milho, carnes em muyta abaſtança; e laranjas, e lymoens, e cidras, saom hos matos todos cheos delas, e de todalas has outras fruytas; tem muytas canas de açuquar ho qual eles nom sabem fazer; tem eſtas ilhas Reis mouros, deles trataom em ha tera fyrme com seus mantimentos de carnes e fruytas em hũus nauios muyto pequenos, e fraquos, e malfeitos, sem nenhua coberta, e de hum soó maſto: ha madeira deles he lyada e cosida com tamisa que chamaom cairo, has uelas saom deſteiras de palma: he gente muyto fraqua e de muy poucas armas; uiuem hos Reis neſtas ilhas muy uiçosamente, ueſtem-se de muytos bõos panos de seda e algodam, que em Mombaça compraom ha hos mercadores de Cambaya; andaom has mulheres deſtes Mouros muy bem atauiadas, tem muytas joias de suas pesoas, de muyto bõo ouro de Çofala, e muyta prata, e orelheiras, e cadeas de pescoço, e manilhas, e braceletes; andaom ueſtidas de muytos boons panos de seda, tem muytas mesquitas, onraom muyto ho alcoram de Mafamede.

Patee, e Lemon.

E tanto que pasaom Melinde indo caminho da India, começaom atrauesar ho golfam, porque uay ha coſta dobrando contra ho maar roxo: indo pela coſta adiante eſtá hum lugar de Mouros que chamaom Patee, e logo mais adiante está outro que chamaom Lemon, eſtes trataom com hos Gentios do certam; saom eſtes lugares muy bem amurados de pedra e cal, porque muytas uezes tem guera com hos Gentios da tera fyrme.

Da Cidade de Braua.

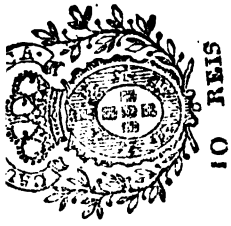
Indo mais ha ho diante ha ho longuo da coſta, pasando eſtes lugares; eſtá hua muy grande uila de Mouros de muyto boas casas de pedra e cal, que chamaom Braua; nam tem Rey, he geuernada pelos mais uelhos, e antiguos da tera que saom pesoas muy honradas e de grandisimo trato de muytas mercadorias: foy eſte lugar deſtroido pelos Portuguezes e matáram-lhe muyta gente leuando muytos captiuos com muyta riqueza de ouro e prata e mercadorias; entam fugíraom muytos deles caminho do certam, leixando ha uila, e depois dela deſtroida, e hos Portuguezes idos

ha

ha tornáraom outra uez ha pouoar, » ha qual está agora » prospera como dantes era. »

Magadaxo.

Indo ha ho diante ha ho longuo da costa, contra ho maar roxo; está hua muy grande uila de Mouros, que chamaom Magadaxo; tem hum Rei mouro sobre sy; ho lugar he de grande trato de muytas mercadorias; pela qual causa uem ha ele muytas naos do grande regno de Cambaya, com asas panos de muytas sortes, e com outras diuersas mercadorias e especiarias, e asy uem Dadem; donde leuaom muyto ouro, marfim, cêra, e outras muytas cousas de que se eles muyto aproueitaom pera seus tratos, ha nesta tera muytas carnes, trigo, ceuada, caualos, e muytas fruytas, de maneira que he hũu lugar muyto riquo; falaom arauya, saom homeins baços e pretos, algũus branquos, saom de poucas armas, porém seruem se de erua em has frechas, pera se defenderem de seus imiguos.



Afum.

Pasando este lugar e uila de Magadaxo, indo pela costa; está hũu lugar pequeno de Mouros que chamaom Afum, em ho qual ha muytas carnes, e mantimentos: he lugar (como diguo) pequeno e de pouquo trato, e nom tem porto.

Ho Cabo de Guardafuy.

Indo mais adiante ha ho longuo da costa, pasando este lugar Dafum; está ho Cabo de Guardafuy, honde ha costa torna ha dobrar caminho do maar roxo; está na boqua do estreito de Meca, de maneira que quantas náos uem da India e do regno de Cambaya, e de Chaul, Dabul, Baticalá, do Malabar, e de toda ha costa de Bengala, e da de Ceilam, Malaqua, Çamatra, e Pegu, *Tanaçari*, e *China*, ho uem demandar; e deste Cabo entraom pera dentro com muytas mercadorias, que huas uaom caminho da Cidade Dadem, Zeilam, Barbora, has quaes náos hos Capitães del Rey N. Sr. uem aqui esperar nesta paragem, e has tornaom com muyta riquesa » e com toda ha mercado» ria que leuaom, por quanto uaom contra ha defesa de » S. Alteza. »

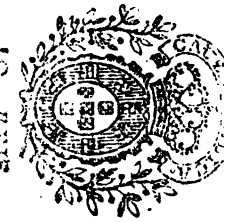
Me-

Metee.

Em tanto que dobraom este Cabo de Guardafuy pera dentro, contra ho maar roxo; está logo muyto perto hum lugar de Mouros que chamaom Metee pequeno; ha nele muytas carnes, nom he de muyto trato.

Barborá.

Indo mais ha diante pasando este lugar de Metee pera dentro, está hua uila de Mouros que chamaom Barborá, honde uaom muytas náos Dadem e de Cambaya com muytas mercadorias: daqui leuaom muyto ouro, amfiam, marfim, e outras muytas cousas: hos Dadem leuaom muytos mantimentos, e carnes, meel, e cêra; porque he hua muy abastada tera. » Esta uila forçosamente foy tomada pelos Portuguezes com hua frota de que era Capitam moor Antonio de Saldanha, e destroio todo ho lugar na era de 1518; e daly partio com ela pera Ormuz, honde ouueraom corregimento das suas náos aquelas que ho ouuerão mister. »



Zeila.

Daqui pasando mais ha diante indo pera dentro ha ho longuo da costa, está outra uila de Mouros que chamaom Zeila, que he hum lugar de muyto trato, pera honde nauegaom muytas náos ha uender suas mercadorias: he ho lugar muy bem ariado; e tem muy boas casas, e muytas delas de pedra e cal *e cobertas de terrados*: hos moradores dela pela maior parte, asy homeins como mulheres saom pretos, e tem muytos caualos, e criaom muyto gado de todalas maneiras; donde haom muyta manteiga, leite, e carnes; e nesta tera ha muyto triguo, milho, e ceuada, e muytas fruytas; que tudo daqui leuaom caminho Dadem; » Este lugar foi tomado, e estroido pelos Portuguezes de que foi Capitam moor Lopo Soares, que entam era Gouernador da India; e tomou-ho uindo do porto de Juda na era de 1517 annos, »

Dalaqua.

Indo mais ha ho diante pasando este lugar, ha ho lon-

longuo da costa; está outro de Mouros que chamaom Dalaqua, que tambem he porto de maar, e donde se mais seruem hos Abexys da tera do Preste Joam; neste lugar deredor dele ha muyta soma de mantimento, e muyto ouro que uem do Preste.

Maçua.

Daquy pasando este lugar Dalaqua, indo pera dentro *do mar roxo*, uai-se longuo da costa ha hum lugar que chamaom Maçua, e outras muytas pouoaçoens de Mouros; hos quaes chamaom ha esta costa Barayam, e nós lhe chamamos Arabia felix » per caso do monte felix que está » nela honde antiguamente esteue hua muy grande Cidade » que chamauaom felix, e ha muyto tempo que está des» pouoada, e nom mora ninguem nella. » Em toda esta costa ha muyto ouro que uem de dentro do certam do grande regno do Abexy, que he tera do Preste Joam: de todos estes lugares de longuo da costa trataom no certam com muytos panos, e outras muytas mercadorias; donde lhes trazem muyto ouro, e marfim, e muyto meel, cêra, e escrauos; hos do certam saom Christãos, e captiuaom muytos deles; hos quaes captiuos saom muyto estimados antre hos Mouros, e ualem antre eles muyto mais que outros nenhũus escrauos, porque hos achaom agudos, e fyeis, e muyto bóos homeins de suas pesoas; e tanto que estes Abexys saom captiuos antre hos Mouros, logo hos tornaom da sua ley, e depois uem ha ser mais emperados nela que hos propios Mouros: hos quaes todos hos desta Arabia felix, asy homeins como mulheres, saom pretos e muy bóos homeins de peleja, andaom nuus da cinta pera cima, e dela pera baixo se cobrem com panos dalgodam, e hos mais ontados deles trazem hũus panos grandes como almaizares mouriscos, e has mulheres andaom cobertas com outros grandes que chamaom chandes: aquy nesta tera costumaom de cozer has naturas has filhas quando nascem, da qual maneira andaom sempre até que casaom e has entregaom ha seus maridos, entam lhe tornaom ha cortar aquela carne, que está soldada como se asy nascêra. » Isto ui eu » por experiencia, porque me achey na tomada de Zeila de » que já atras fiz mençam; honde tomámos muytas crian» ças femeas que achámos asy.

Do

Do grande regno do Preste Joam.

No mesmo sitio destes lugares de Mouros, entrando pelo certam está hũu muy grande regno do preste Joam, ha que hos Mouros chamaom ho Abexy, que he muy grande e muy fermoso de teras; ha nele muyta gente, e tem muytos regnos ha ho redor sogeitos ha sy, que estaom ha seu mandado, e debaxo da sua gouernança; he esta tera bem pouoada de muytas cidades, uilas, lugares, e muytos deles uiuem nas montanhas ha maneira dalarues: saom homeins pretos, muy bem dispostos, tem muytos caualos de que se seruem, e saom eles muyto bõos caualeiros, e grandes monteiros, e caçadores; e seus mantimentos saom *carnes de todas as qualidades* muytas manteigas, e meel, e pam de triguo, *e milho*; das quaes cousas ha na tera muyta abastança, vestem-se de couro porque he ha tera muyto cara de panos, principalmente em ha montanha; ha tambem antre eles hua geraçam que nom podem uestir *por dignidade se não pano, todos os outros não trajão* senam couro, ho qual eles trazem muy bem adubado e concertado; ha tambem aqui homeins e mulheres que nunqua em sua uida beberaom senaom leite, com que matem ha sede, e nom fazem isto por falta dagoa, que na tera ha muyta, mas per que ho leite hos faz mais rijos e sãoos; ho que eles costumaom muyto ha comer he meel, e tem muyto; porém hos que mais costumaom ha comer isto, saom hos que uiuem nas montanhas; todos saom em geraçam Xpaõs de tempo da doutrina do bemauenturado Sam Tomé, segundo dizem, e seu bautismo he em tres maneiras; ho primeiro he sangue; ho segundo foguo, ho terceiro agoa como ho noso: pelo do foguo saom ferados nas testas, e nas fontes; pelo da agoa saom bautizados nela como nós; pelo do sangue saom circumcisados muytos deles; e carecem da nosa uerdadeira fée porque ha tera he muyto grande, e estes uiuem nas montanhas aredados das uilas e lugares: ha mais uerdadeira Xptandade que antre eles ha, he hua grande cidade que chamaom Babelmaleque, honde sempre está ho Rei, ha que nós chamamos ho preste Joam, e hos Mouros ho grande Abexy; nesta cidade se faz cadano por dia de N. Senhora dagosto hua muy grande festa, honde se ajunta asas numero de gente, e ha que uem muytos

Reis, e grandes Senhores; em ho qual dia eles tiraom hua imagem de hua igreja, que nom sabemos se he de N. Senhora, se de S. Bertolameo; e he douro do tamanho de hum homem, hos olhos saom de dois rubys de inefauel preço, e ho corpo dela arayado de muyta pedraria sem conto: Uem esta imagem posta sobre hũu caro douro, honde lhe uem fazendo muyto acatamento e cerimonia, diante dela sae ho preste Joom em outro caro chapeado douro, muy ricamente uestido de riquos panos douro, e arayado de riqua pedraria: começaom ha sahir desta maneira, pela manham andaom pela dita cidade com muy solemne preciçam, e com diuersos tangeres, e com grande festa, até tarde que na mesma ordem se tornaom ha recolher: he tanta ha gente nisto que muytos por chegarem ha ho caro da imagem morem dabafados, ha qual morte haom antre si per sancta e de martyres, e uaom por esta razam recebela uoluntariamente muytos uelhos e uelhas, e outras pesoas. He este Rei do preste Joam muyto riquo e abastado douro, e tanto que até ho noso tempo se nam sabe nenhum outro Rei lhe ser niso igual; e como já dise traz muy fermosa e grande corte, e pagua muyta soma de gente que continuamente traz comsiguo, com que sogigua outros Reis comarquãos como já dise.

Çues.

Leixando esta tera do preste Joam e tambem ha costa Darabia felix, tornando ha outra banda do maar roxo, que tambem chamaom Arabia, e hos Mouros lhe chamaom Barayam; está hũu lugar porto de maar que chamaom Çues; honde hos Mouros traziaom de Juda porto de Meca, toda ha especiaria e dragoarias e outras muytas mercadorias, muyto riquas, que ahy uinhaom da India; e traziamnas de Juda em nauios muyto pequenos, e daly has tomauaom em camelos, e has leuauaom por tera caminho do Cayro, donde has leuauaom outros mercadores caminho de Alexandria; e ahy has comprauaom hos Uenezianos; ho qual trato he desfeito por ElRei N. Sr. porque has suas armadas tolhem has náos dos Mouros, que das Indias nom pasem ha ho maar roxo: pelo que ho gram Soldam do Cayro que nisto mais perde, mandou fazer neste porto de Çues hua grosa armada pera que se trouxe per tera ha madeira e artilharia, e todas outras munições, em que se-

sê fizeraom muy grandes despesas; ha qual foy com muyta presa feita de náos de gauea e de galés de remos, e sendo feita pasou ha primeira India, que he no regno de Cambaya, indo por Capitam moor dela Mirocem, com determinaçam de tolherem ha nauegaçam ha hos Portuguezes; e ajuntouse com ha armada delRei N. Sr. defronte de Diu, honde peleijáraom tam rijo, que dambas partes houue gente ferida e morta, de maneira que hos Mouros foraom uencidos, e has náos lhe foraom tomadas, e queimadas, e metidas no fundo: pelo qual feito, e por outros muytos que se depois fizeraom, se foy perdendo ha nauegaçam do maar roxo, e ho porto de Çuez fiquou sem nenhum tracto despeciaria, e está agora muyto damnificado e quasy despouoado.

Do monte Sinay.

Aly loguo nom longe de Çues, nesta mesma tera Darabya, sobre ho maar roxo; está ho monte Sinay, honde jaaz ho corpo da bemauenturada Santa Catarina, em hũa Igreja honde estaom alguus frades Xpãos em poder de Mouros, debaxo do poderio e mando do gram Soldam; ha qual casa uam em romaria muitos Xpãos da tera do preste Joam, e de Babylonia, Armenia, e Constantinopla, e Jerusalem; de Roma, Alamanha, e Napoles, e doutras muytas partes.

Eliobom e Medina.

Passando o dito monte Sinay, a que os Mouros chamão Turla, para diante pela costa do mar roxo sahindo para fóra; está huma terra de Mouros porto de mar, que se chama Eliobom; aonde dizem desembarcão para hir a Medina, que he outra Cidade de Mouros pela terra dentro tres jornadas longe deste perto; na qual está sepultado o corpo de Mafamede.

Juda porto de mar.

Sahindo do dito porto de Eliobom para fôra ao longo da costa do mar roxo, está huma terra de Mouros chamada Juda, que he porto de mar; onde todos os annos costumavão hir as náos da India com as especiarias e dragoarias, e dahi voltavão a Calicut com muito cobre, azougue, azinhavre, açafrão, agoas rosadas, panos de escarlata, sedas, chama-

lotes, tafetás e outras mercadorias diversas, que se despachão na India; e igualmente com muito ouro e prata, e era este trafico muito grande e proveitoso: em este porto de Juda se carregavão as ditas especiarias e dragoarias em navios pequenos para Çuez, como fica dito.

Meca.

Distante deste porto de Juda huma jornada pelo certão, está a grande Cidade de Meca, e nella huma grande mesquita, aonde vão em romaria os Mouros de todas as partes, e tem por certo serem salvos, lavando-se com a agoa de hum poço que está dentro della, e dali a levão em garrafas ás suas terras como grande reliquia; em o porto de Juda mandou ha pouco fazer huma fortaleza Mirocem, Capitão mouro das náos do Soldão, que os Portuguezes desbaratárão na India, o qual depois que se vio desbaratado não teve mais animo de voltar ao seu Paiz sem fazer algum serviço ao seu Rey; e assim determinou pedir a ElRey de Cambaya, que se chama Soldão, Mahomet, e igualmente aos Principes e mercadores do seu Reyno, e aos outros Reys mouros, grande quantidade de dinheiro para fazer a dita fortaleza; dizendo que pois os Portuguezes (aos quaes chamão Frangues) erão tão poderosos, não seria maravilha que entrassem por este porto e fossem destruir a Casa de Mafoma. Estes Reis e gente moura ouvindo o seu peditorio, e vendo o poder d'ElRey de Portugal, pareceo-lhes que poderia accontecer facilmente, e assim lhe derão grandes dons, com os quaes carregou tres náos de especiarias e doutras mescadorias, e com ellas navegou para o mar roxo; e chegando a Juda as vendeo e com este dinheiro fez a fortaleza. No tempo em que elle a fabricava os Portuguezes construhião outra dentro da Cidade de Calicut, cujo Rey pedio ao Capitão mór d'ElRey de Portugal licença para mandar então a Meca huma náo carregada de especiarias; foi-lhe a licença concedida, e mandou a náo hindo nella por Capitão hum Mouro honrado por nome Califa, o qual chegando a Juda, saltou em terra em muito boa ordem com a sua gente; e Mirocem que então fazia a fortaleza logo lhe pedio novas dos Portuguezes; ao que elle respondeo que estavão em Calicut muito pacificos, e fazião huma fortaleza muito grande; ao que Mirocem lhe tornou » = Como tens tu atrevimento para vir a Meca sendo amigo dos Portuguezes? = e Califa lhe respondeo = eu sou mercador e não posso al fazer; mas tu

que

que eras Capitão do Grão Soldão, e que tinhas a teu cargo deitallos fóra da India, como os deixaste, e estás aqui fazendo huma fortaleza? = ; das quaes palavras Mirocem teve muito desprazer, e fez logo que Califa assim mesmo bem vestido como estava, e igualmente toda a sua gente carregassem pedra e cal, e ajudassem á obra, no que o fez afadigar o espaço de huma hora: o que tudo o dito Califa contou depois que voltou a Calicut.

Jasam, Aly, e Alhor.

Pasando ho porto de Juda uindo pelo maar roxo ha ho longuo da costa saindo pera fóra, estaom muytos lugares de Mouros que tem Rey sobre sy, dos quaes ha hum chamaom Jasam, outro Aly, outro Alhor, e deredor destes ha muytos lugares pequenos honde ha muytos caualos e mantimentos: este Rei nam obedeçe ha ho Soldam nem ha outro nenhũu, tem muytas teras e lugares, que saom portos de maar donde hos Mouros sohiam leuar alguus caualos pera ha India por mercadoria, que ualem muyto dinheiro.

Obeda, Babelmandel.

Leyxando estes lugares e regnos, estaom outras muytas uilas ha ho longuo da costa que saom do regno Dadem, dos quaes ha hum chamado Obeda, outro Babelmandel que he na boqua do estreito honde has náos entram ha ho maar roxo e sahem; no qual lugar se tomaom hos *Pilotos* para entrarem e leuarem has náos ha Juda, hos quaes uiuem aqui pera iso sómente.

Camaram.

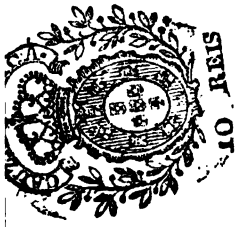
Saindo destes lugares atras, está hua ilha que nom he muyto grande que chamaom Camaram, pouoada de Mouros honde has náos tomaom algum refresco quando por aly pasam de Juda pera fóra, e de fóra pera dentro: este lugar foy tomado per Afonso Dalbuquerque Capitam moor del-Rei N. Sr. honde esteue muytos dias coregindo e repartindo sua frota pera sair do maar roxo, por ho tempo lhe nom dar lugar pera hir dentro ha Juda, honde ele determinaua hir » e tambem Lopo Soares quando ueio do porto » de Juda sendo Capitam moor do maar: honde junto com

ha

» ha agoa achou hũa fortaleza que hos Rumes fizeraom quan-
» do ahy estiueraom, ha qual ele querendo-se pattir ha
» mandou deribar; ha nesta ilha muyta agoa de poços
» de que has náos se prouem. »

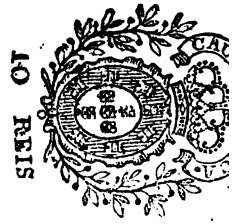
Ha cidade Dadem.

Saindo asy deste maar roxo, contra Babelmandel, que he ho mais estreito lugar que nele ha, que he por honde todalas náos forçosamente hamde pasar, entraom loguo em ho maar larguo Dadem de longuo da costa, por honde uaom algus lugares de Mouros, que saom do mesmo regno Dadem; pasando hos quaes chegaom ha populosa e sumptuosa cidade Dadem, que he de Mouros e tẽ Rey sobre sy; tem esta cidade muy boom porto de maar de muy groso trato de grandes mercadorias, he muyto fermosa de muy altas casas de pedra e cal, e terados, de muy altas e muytas janelas, muy bem aruada e cercada de muros, tores, e cubelos, com suas ameas ha nosa maneira; está ha dita cidade em huá ponta antre ha sera e ho maar, ha sera he talhada da banda da tera fyrme, e de maneira que nom tem por honde sair pera fora para ha tera fyrme senam por hũa porta, pela qual se seruem, e por outra parte nom podem entrar nem sair; por syma desta sera honde ha cidade jaz, ha hy muytos castelinhos muy fermosos que do maar pareçem; nom tem ha cidade dentro em sy nenhuá agoa sómente fóra da porta que faz ha seruentia, contra ho certam está hũa grande casa honde per canos fazem uir ha agoa doutra sera, que daly está huũ muy bõo pedaço, e tal que antre huá e ha outra, se faz hũ campo grande: ha nesta cidade grosos mercadores asy mouros como judeus; saom homens branquos algũus deles pretos, vestem-se de panos dalgodam, deles de sedas, chamalotes, e grãa; seus uestidos saom huás roupas compridas, com toucas nas cabeças, trazem calçados hũs sapatos bayxos, seus mantymentos saom muy boas carnes, e pam de trigo, e muyto aros que lhe uẽ da India; aquy ha todas has fruytas, que ha em nosas partes, e asy muytos caualos, e camelos: e ho Rey está sempre dentro no certam; e aquy tem posto huũ gouernador de sua mam. Ha ho porto desta cidade uem muytas náos de todalas partes, principalmente do porto de Juda, donde lhe trazem muyto cobre, azougue, uermelham, coral, e muytos panos de láa



e

e seda; do que leuaom em retorno muyta especiaria, e dragoarias; panos dalgodam e outras mercadorias do grande regno de Cambaya; de Zeila, e Barbora, uẽ aqui ter muytas náos com muytos mantimentos, *e levão em retorno panos de Cambaya e contas pequenas e grandes; todos os mercadores que negoceam para a Arabia felix, e para a terra do Preste João, igualmente vem aqui ter; assim como as náos das Cidades de Ormúz e de Cambaya*, e has de Cambaya uem caregadas de muytos panos, e he tanta ha soma delas que parece cousa espantosa; trazẽ como diguo algodam, muyta dragoaria, pedraria, muyto aljofar, alaquequas; donde leuaom em retorno pera ho dito regro de Cambaya muyta ruuia, opeo, pasas, cobre, azougue, vermelham, e muyta soma de agoas rosadas, que se aquy fazem, e tambem leuaom muytos panos de lãa, ueludos pintados de Meca, ouro em pedaços, amoedado e por amoedar, e outro enfiado, e chamalotes; e parece cousa imposiuel poderem-se gastar tantos panos dalgodam, como estas náos trazem de Cambaya: uem ha esta cidade Dormuz, de Chaul, Dabul, Baticala, Calecut, donde soya de uir ha mais especiaria, com muy grande soma daros, e açuquar, e cocos; e tambem uem muytas náos de Bengala, Çamatra, e Malaca, que outro sy trazem muyta especiaria, e dragoarias, e sedas; beijoim, alacar, sandalo, lenho aloés, muyto ruybarbo, almisquere, muytos panos delguados de Bengala, muyto açuquar; de maneira que he este lugar do mayor e mais groso trato que se acha no mundo, e asy das mais riquas mercadorias. Ha esta cidade chegou huã armada delRey noso Sr. » de que era capitam moor Afonço Dalbuquerque, que antam era gouernador da India » e no mesmo porto lhe tomou e queimou muytá soma de náos careguadas de muyta mercadoria, e outras descareguadas, e cometeo entrar na cidade, ha qual entrou ha escala uista pelos muros com muytas escadas; e sendo bem corenta Portuguezes dentro, e tendo tomado hũu cubelo, has escadas com ho peso da muyta gente que por elas sobya foraom todas quebradas, sem fiquar por honde se podese sobir; hos Portugueses que estauaom dentro no cubelo, estyueraom esperando que lhe acudisem por espaço de hũa ora, e uendo que ninguem sobia, e que hos mouros se uinhaom chegando e começauaom de hos entrar, se lançáraom do cubelo abayxo por cordas: nesta entrada se defendiaom muy bem hos mouros, e moreraom



muy-

muytos com algũs Xpãos, antre hos quaes moreraom dous capitães hũu deles dentro na cidade, e ho outro no cubelo.

Ho regno de Fartaque.

Daquy pasando este regno e cidade Dadem saindo pera fóra do mesmo estreito, está outro regno de Mouros, ha ho longuo da costa, que tem tres ou quatro uilas junto com ho maar, hũa chamaom Xaer, outra Dofar, outra Fartaque, em que hos ditos homeins de peleja, tem muytos caualos de que se seruem na guera, com muytas e boas armas; agora de pouco tempo ha esta parte está ha obediencia delRey Dadem, concertado em seu seruiço.

Ho cabo de Fartaque, Çacotora.

Leyxando este regno acima, se faz hũm cabo, que tambem chamaom de Fartaque honde ha costa torna ha fazer uolta pera ho maar largo; antre este mesmo cabo, e ho de Guardafuy he ha boqua do estreito de Meca, que he por honde has náos entraom *para o Mar roixo*, antre hos quais cabos estaom tres ilhas, hũa grande, e duas pequenas; ha grande chamaom Çacotora, que tem muy altas seras, e montanhas, e he pouoada de hũus homeins baços, que dizem que saom Xpãos, porém carecem da ensinança e bautismo, que nom tem senam nome de Xpãos, e tem todauia em seus oratorios cruzes: foy em outro tempo esta ilha Dalmazonas, segundo dizem hos Mouros que depois por tempo se foraom ajuntando com hos homeins; ainda agora parece algũa cousa diso, porque has mulheres ministraom e gouernaom suas fazendas sem hos maridos uiso entenderem; tem esta gente lyngua sobre sy, andaom nuus sómente cobrem suas uergonhas com panos dalgodam, deles com peles; tem muytas uaquas, muytos carneiros, e palmares de tamaras, seu mantimento he leite, carne, e tamaras; nesta ilha ha muyto sangue de draguo, e muyto aloes çacotorim. Aqui fizeraom hos Mouros de Fartaque hũa fortaleza, em que estauaom, pera sojigarem e fazerem mouros ha gente da tera, de maneira que quantos uiuiaom deredor da fortaleza eraom já mouros, e seruiaom hos mouros Fartaques como se foraom seus escrauos, asy com has pesoas como com has fazendas, » e uiuiaom muyto atribuladamente antre eles com muyta sogei-

» geiçam, porém ainda guardáuaom algũs, como melhor po-
» diaom seus ritos, hos quais lhe ficaraom de muy antigua-
» mente, que dizem que ha ilha foy pouoada de uerda-
» deiros Xpãos, que pouquo e pouquo se foraom corompen-
» do por carecerem da nauegaçam, por honde nom tiue-
» raom doutrina: » e estando asy hos Mouros Fartaques em pose desta fortaleza, chegou aquy huma armada delRey noso Snr., e saindo hos Portuguezes em tera lhe tomáraom ha fortaleza mas nom tanto ha seu saluo como quizeramos, porque eles se defenderaom mais ousadamente, que ategora nestas partes nenhus homeins uimos, e nunqua se quizeraom daar, até que morêraom todos pelejando sem hũu soo fiquar uiuo, asy que saom muy boos homeins de guera, e em estremo ousados nela: ho capitam desta armada leixou na fortaleza muyta gente pera ha defenderem, e manterem. Logo junto com esta ilha estaom outras duas que tambem saom pouoadas de homeins negros e baços ha maneira de canarins, he gente que nom tem ley nem nenhua cousa ha que adorem, sõmente uiuem como bestiaes sem trato nem conuersaçam; em has quais ilhas se acha muyto e bõo ambar, e conchas das que ualem na Mina, e muyto sangue de drago, e aloes çacotorim, e tambem muytos carneiros e uaquas: » na ilha de Çacotora que
» atras dise, fazem hũus panos de láa como ordens, que
» chamaom carabolins, que ualem muyto, e he muyto cer-
» ta mercadoria pera ha costa de Melyde, e Mombaça,
» honde se seruem muyto deles. »

Xaer.

Indo asy hã ho maar ha ho longuo da costa, está hua uila de Mouros que chamaom Xaer, ha qual tambem he do mesmo regno de Fartaque; ha qual he hũ lugar muyto grande, em que ha grande cantidade de muytas mercadorias ha que hos Mouros de Cambaya, de Chaul, e Dabul, Baticalá, e Malabar, uem com suas náos caregadas com muytos panos dalgodam grosos e delgados, de que se eles muyto seruem, e muytas granadas enfiadas, e outra muyta pedraria baixa, muyto aros, açuquar, muyta especiaria de toda sorte, e outras muytas mercadorias, has quais eles aquy uendem ha hos mercadores da tera que has compraom muyto bem, e has leuaom caminho Dadem, e pera toda esa Arabia; despois que hos ditos mer-

cadores vendem has ditas suas mercadorias, empregaom ho dinheiro em muyto bóos caualos que na tera ha, hos quais caualos saom muyto maiores e milhores que hos que uem Dormus, e ualem na India quinhentos, seiscentos cruzados; tambem leuaom muyto ençenço que nasçe na propia tera, e ha nesta tera de Xaer muyto trigno, carnes, tamaras, e uuas; pelo certam dela he tudo abitado dalarues: quantas náos uem da India pera entrar no maar rozo, se he tarde e nom podem entrar no estreito, aribaom em Berbar, e neste porto; e asy tambem has que de dentro saèm, achando hos uentos contrairos, entraom aquy donde passaom caminho de India cosendo-se com ha costa de Cambaya; desta maneira he este porto de muy grande escala de muytas náos, e nasce aquy tanto ençenço, que se leua pera todo ho mundo, e leuaom has náos com ele, e ual ho quintal ha cento e sincoenta rs; e este Rei de Xaer com todo ho seu regno está ha obediencia Dadem, porque lhe tem hũ irmam preso.

Dofar.

E pasando ho cabo de Fartaque uay ha costa do maar já uirando contra Ormus; indo ha ho longuo da costa, está hũ lugar de Mouros que chamaom Dofar, que tambem he do regno de Fartaque, em ho qual trataom hos mouros de Cambaya com muytos panos dalgodam, aros, e outras muytas mercadorias.

Char.

Daquy pasando ho lugar de Xaer, indo de longuo da costa uaom outros muytos lugares de Mouros, pequenos, pelo certam de muytos alarues, ha qual costa uay asy até ho cabo de Rosalgate, que he honde se começa ho regno e senhorio Dormus, honde está hũa fortaleza que ho dito Rei Dormus tem aly ha que chamaom Char, daquy começa ha costa ha dobrar pera dentro contra honde jas Ormus.

Regno Dormus em Arabia.

Indo ha ho diante pasando ho cabo de Rosalgate ha ho longuo da costa estaom muytos lugares, e fortalezas delRey Dormus, até entrar pelo maar da Persia e outro

sy

sy por dentro do maar persiano, ho dito Rey tem muytos castelos e lugares, e pela banda Darabia, muytas ilhas que estaom dentro no dito maar, abitadas de muy honrados mouros, honde ele tem seus capitães e arecadadores das suas rendas; hos quaes lugares saom hos seguintes, silicet, primeiramente Calarate, que he hũ lugar grande de mouros de muy fermosas e bem asentadas casas, honde uiuem muytos mercadores e grosos tratantes e outros caualeiros; logo pasado este lugar está outro que chamaom Terue, he pequeno, e tem hũa muy boa augoada, honde ha uem fazer todalas náos que por estas partes nauegauaom: está logo além deste lugar outro que chamaom Dagino, que he tambem muyto bóo porto de maar: pasando este está logo na costa outro que chámaom Curiate, que he pouoado de gente muy honrada, e de muyto trato de mercadorias, no qual lugar e em outros que deredor dele estaom ha mantymentos em muyta abastança, e muytos caualos que na propia tera nasçem, muyto bóos, que hos Mouros Dormus uem comprar pera leuarem ou mandarem caminho da India: pasando este lugar de Curiate, está outro que chamaom Etem, honde ho Rey Dormus tem hũa fortaleza: leyxada esta fortaleza está hũ lugar que chamaom Masquate, que he hũa grande uila honde uiue muyta gente honrada; esta uila he de muyto trato de mercadorias e de grandisima pescaria, honde se pesca muyto pescado e grande, ho qual salgaom, e sequaom, e trataom com ele pera muytas partes: pasando este lugar indo caminho Dormus, ha ho longuo da costa está outro que chamaom Coquiar; alem do qual está outro que chamaom Roçaque, que tem hũa muy boa fortaleza del Rey Dormus, has quais fortalezas ele tem pera fazer guera ha estoutros lugares quando se aleuantarem: pasando esta fortaleza de Roçaque, mais pera dentro está outro que chamaom Mael; além do qual está hũ lugar pequeno que chamaom Madegua; pasando este está outro grande que chamaom Profam: deredor destes lugares estaom muytas quintans, e herdades que hos Mouros honrados Dormus tem nesta tera fyrme, honde uem pelo ueram folgar e recolher suas nouidades e fruytas: pasando este lugar de Profam açima, está outro que chamaom Julfar, honde uiue muyto honrada gente e muytos nauegantes, e grosos mercadores; aquy se pesca muyto aljofar e perolas grandes, que hos mercadores Dormus uem comprar pera leuarem caminho.

da India, e pera outras muytas partes: rende ho trato deste lugar muy grande soma de dinheiro ha elRey Dormus, e tambem ho rendem hos outros todos: pasando estes lugares de Profam estaom de longuo da costa outros lugares, dos quaes hũu se chama Recoyma, que he hũu muy grande lugar; e além deste outro que tem huma fortaleza que chamaom Caluam, que ElRey Dormus aly tem em defensam das suas teras, porque ha ho certam de todos estes lugares uiuem muytos Mouros ha maneira dalarues, que saom gouernados por Xeques, que has uezes uem sobre estes lugares, e lhe fazem guera; ha qual gente muytas uezes se aleuanta contra seu Rey.

Regno Dormus em Persia.

Ho mesmo Rey Dormus tem ha ho longuo da costa de Persia, muytos lugares e Ilhas abitadas, que aquy nomearei cada huma persy; e depois contarei da ilha Dormus, e da sua cidade, e do dito Rey e seus costumes.

Em ha costa da Persia caminho da India, tem ElRey de Persia hũu muyto bõo lugar que chamaom Bayam, pouoado de gente muy honrada, honde tem seus gouernadores, ho qual lhe rende muyto dinheiro: pasando este está logo outro tambem de longuo da costa que chamaom Deuyxar; pasando ho qual está outro que chamaom Saqujon: pasado este estaom ha ho longuo da costa muytos lugares pequenos, e está hũu que chamaom Nabando, do qual vai muyta agoa doce ha Ormus em hũus barquos pequenos que chamaom teradas, ha qual leuaom pera beber ha gente da cidade, por dentro na ilha nom hauer nenhua agoa; de maneira que deste e dos outros lugares leuaom ha cidade Dormus todolos mantimentos, carnes, e fruytas, de que he em muyta abastança prouida: pasando este lugar de Nabando está logo outro que chamaom Gánda, e dahy por diante vaom muytos lugares *do mesmo Rey*, ha saber, Quejas Ditabala, Beroaquem, Lyma, Oruazax Befar, Armam, Bardens, Corgam, Gostaquem, Quongo, Bachorouai, Ominam que he hua muyto boa fortaleza, Coar; antre estes ainda ha outros lugares, que posto que saom pequenos saom de muyto trato, hos quais aquy nom nomeo por nom ter deles tam uerdadeira enformaçam; basta que saom todos pouoados de gente honrada, e de grosos mercadores: asy

tem

tem elRey Dormus por dentro do certam pera defensam de sua tera muytas fortalezas, *e todas na dita costa do mar da Persia*, que saom lugares muy abastados, de muytas carnes, triguo, ceuada, e muytas fruytas, uuas e tamaras de diuersas maneiras, como has que temos nestas partes; e nestes lugares asy homeins como mulheres, saom branquos e gentiis homeins, uestem-se de roupas compridas, de panos dalgodam e de seda, e graam, e chamalotes; e toda esta tera he muy riqua.

Ilhas do Regno Dormus.

Ha propia ilha em que está ha cidade Dormus está antre ha costa Darabya e Persia na boqua do maar persiano; indo pera dentro estaom muytas ilhas estendidas por este maar que saom do mesmo Rey Dormus, e estaom ha sua obediencia, has quais saom has seguintes; Primeiramente Queixime, que he hua ilha grande muyto uiçosa, donde uem ha Ormus muyta fruyta uerde, e soma de ortaliça, ha qual tem dentro em sy grandes pouoaçóens; leyxando esta, está outra que chamaom Andra, e outra Bascarde, e outra Laracoar, Fomon, Firol; pasando esta Firol esta outra ilha grande chamada Barem, honde uiuem muytos mercadores e outra gente honrada; esta ilha está muyto metida pelo maar persiano, por honde nauegaom pera ela muytas náos com muytas mercadorias; ha ho redor dela nasçe muyto aljofar e muy boas perolas grandes, que hos mercadores da propia Ilha pescaom, e haom diso muy groso proueito, de que elRey Dormus tem muy grande renda e direitos, e esta ilha com has outras lhe rendem muyta soma de dinheiro; aqui uem hos mercadores Dormus comprar este aljofar e perolas, pera leuarem ou mandarem uender ha India, honde ganhaom nelas muyto dinheiro: tambem ho uaom hy comprar pera ho regno de Narsingua, e pera toda Arabia, e Persia; e este aljofar, e perolas, se achaom em todo este maar persiano, de Barem até dentro Dormus, porém em Barem ha hy mais cantidade dele.

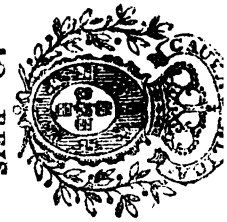
Teras do Xeque Ismael.

Indo mais ha ho diante leyxando estas ilhas de Barem pelo maar dentro, uaom muytos lugares e pouoações de Mouros honrados, que saom huas teras muy fartas e ri-

siquas; da qual ilha por diante, nom he mais do senhorio Dormus porque aly se acaba, mas saom doutros senhorios de que nom temos tanta enformaçam e noticia; somente que daly ha ho diante tudo manda e sogigua ho Xeque Ismael, que he hũu Mouro mancebo que de poucos tempos ha este cabo tem tomado, e sogigado grande parte Darabia, e Persia, e muytos regnos e senhorios de Mouros, nom sendo Rey nem filho de Rey, somente filho de hũu Xeque de geraçam Dali (1); ho qual uindo ha morer, ele menino, e indo-se por hy, foy ter com hũu frade armenio que ho criou, e sendo de idade de doze anos fugio do seu poder, com medo de ho nom matarem por ser mouro; e foy ter em hua grande cidade, honde se asentou com hũu grande Senhor, com ho qual ueyo ha priuar tanto, que ho trouxe acaualo, e em muyto boa pose; e daly começando-se ajuntar com outros Mouros mancebos, achegou muyta gente pera sy, e começou pouquo e pouquo ha hir tomando lugares, e fazer mercês dos aueres e riquezas que neles achaua, has pesoas que comsiguo leuaua has tais tomadas, nom tomando pera sy nenhũa cousa: uendo pois tam bõo principio pera suas cousas, determinou de tomar deuisa; e mandou fazer hũas carapuças uermelhas de pano de graam, e de has mandar trazer ha todalas pesoas que com elas quizesem ser em sua opiniam; e foy de maneira que se achegou pera ele muy grande soma de gente, começando loguo ha tomar grandes lugares, e fazer muyta guera; e com tudo iso nom se quer chamar Rey, nem repousar em nenhũu regno, e tudo ho que na guera toma, reparte por quem lhe ajuda ha ganhar; e achando alguas pesoas que de suas riquezas se nom situaom, nem aproueitem ha ninguem, tomalhas e reparteas igualmente por algus homens honrados de seu exercito que vee serem proues, e ha ho propio dono da fazenda da outro tanto como ha cada hũu deles; pelo que algũus Mouros lhe chamaom igualador, mas ho seu propio nome he Xeque Ismael; este tem por costume mandar ha todolos Reys mouros seus embaixadores, cometendo-lhe que tragaom aquelas carapuças uermelhas da sua diuisa, e nom has querendo trazer

(1) Na Traducção Italiana vem esta infancia de Xeque Ismael contada por differente modo, que por ser de pouco interesse nos pareceo ommittir.

ner que hos dexasem, fazendo-lhes ha saber que ele hos irá busquar, e lhes tomará suas teras, e hos fará ser nele; e desta maneira mandou ha ho gram Soldam, e ha ho gram Turco hua embaixada, hos quaes auida sobre ela seu conselho, por suas embaixadas lhe respondêraom muy mal, determinando de se defender dele, e de ambos se ajudarem hũu ha ho outro: uendo pois ho Xeque Ismael suas repostas, concertou logo de uir contra ho Turco com muyta gente de pee, e de caualo, e asy ho ueio ha busquar; ho qual ho saio ha receber nom mal apercebido, e asy ouuerom ambos hũa grande batalha, de que ho Turco foy uencedor per caso de muyta artelharia que comsiguo trazia, de que ho Xeque de todo carecia, porque nom peleija com sua gente senam soo ha força de braços: aqui lhe mataraom muyta gente, e ele se pos em fugida; ho Turco lhe seguio ho alcance indo-lhe sempre matando muyta gente, até ho meter na tera da Persia, donde se tornou ha Turquia: esta foy ha primeira ues que ho Xeque Ismael foy desbaratado; do qual magoado, determinou de uir outra ues em busqua do Turco, mais auisado dartelharia e com muyto maior poder do que antes uiera. Senhorea este Xeque Ismael, em Babilonia, Armenia, toda Persia, muy graam parte Darabia, e parte da India contra Cambaya, ha sua determinaçam he auer has mãos ha casa de Meca; ho qual mandou ha India hũa embaixada ha ho Capitam moor delRey N. Sr. com muytos presentes, oferecendo-lhe concerto e pas, ho qual ha recebeo muyto bem, e logo lhe mandou outra embaixada e presente.



O REIS

A fortaleza de Baçora.

Aquy mesmo na fim deste maar persiano está hũa muy grande fortaleza que chamaom Baçora, poboada de Mouros que estaom ha obediencia do Xeque Ismael, na qual sae da tera fyrme ha ho maar hũu muyto grande e fermoso rio dagoa doce, ha que hos Mouros chamaom Eufrates, e dizem que he hũu dos quatro que saem da fonte do Paraiso terreal, ho qual hos Mouros propios da tera dizem que tem infinitos braços; e dos outros deles ho principal que eles chamaom Indio, sae no regno de Verainde na primeira India donde ela tomou ho nome; outro que chamaom Guanges sae na segunda India, e ho quarto

que

que he ho Nilo sae pelo meio de preste Joam, e rega ho Cairo. *E ainda que se conheça que isto são fabulas, sempre as quiz escrever.* » E tornando ha ho noso proposito, pera » esta fortaleza de Baçora nauegaom muytas náos, com » muytas mercadorias, e especiaria, e panos dalgodam; e » nela caregaom muyto triguo, muytas manteigas, ger- » geli, ceuada, chamalotes, e outras muytas mercado- » rias: em hũu rio que pasa junto desta fortaleza ha hũus » peixes que quanto mais hos cozem ou asam, tanto mais » sangue lançaom. »

Ha fermosa cidade Dormus.

Saindo deste maar e estreito, está loguo na boqua dele hua ilha que nom he muyto grande, em que está ha cidade Dormus, que nom he tamanha como fermosa; de muy altas casas de pedra e cal, cobertas de terados com muytas janelas; por ha tera ser muyto quente, tem has casas todas hũus catauentos feitos por tal maneira, que do mais alto delas fazem uir ho uento has mais baixas logeas, quando ho haom mester: está ha cidade muy bem asentada, e aruada com muyto boas praças; fóra dela na propia ilha está hũa sera pequena de sal em pedra, e algum enxofre ainda que he muyto pouquo; ho sal está em tamanhas pedras como grandes rochedos, de montanhas fragosas; chama-se sal Indio, e ha propia natureza ho cria aly, e depois de moido he muyto aluo, e bôo; quantas náos uem ha esta cidade todas leuaom seu lastro dele, porque em muytas partes val dinheiro: hos mercadores desta ilha, e cidade saom Persios, e Arabios, hos Persios *fallão Arabio e outra lingoa que chamão Psa*, saom muy altos e fermosos, gente muy beem apesoada asy homeins como mulheres, saom homeins grosos e uiçosos, e comem bem; honraom muyto ha seyta de Mafamede, saom muy luxuriosos, e tanto que antre sy mesmo tem mancebia de abominanel pecado; saom tambem musiquos, e tem muytas maneiras de instrumentos; hos homeins Arabios saom mais pretos e baços; ha nesta cidade muytos e grosos mercadores, muytas e grandes náos; tem muyto bôo porto honde se trataom muytas sortes de mercadorias, que de muytas partes aquy vem, honde has troquaom pera muytas partes da India, trazem aquy todalas sortes despecearias de muytas maneiras, ha sa-

saber, pimenta, crauo, gengibre, cardamomo, aguila, sandalo, brasyl, miramulanos, tamarinhos, açafram, indyo, cêra, fero, açuquar, muyto aros, e quoquos, afora muyta soma de pedraria, porçolanas, e beijoim; em has quais todas se ganha muyto dinheiro; tambem tem muyta soma de panos de Cambaya, de Chaul, e Dabul; e de Bengala lhe trazem muytos synabasos, que saom sortes de panos muyto delguados dalgodam, que antre eles valem muyto, e saom muy estimados pera toucas e camisas, pera que lhe seruem; tambem da cidade Dadem trazem ha Ormus, muyto cobre, azougue, uermelam, e muyta agoa rosada, muytos panos de brocados, tafetas, e chamalotes comũns: asy mesmo uem aquy das teras do Xeque Ismael, muyta cantidade de seda, e almiscre muyto fino, e muyto ruybarbó de Babilonia; e de Barem, e Julfar uem muyto aljofar, perolas grandes, e da cidade Darabia uem muyta soma de caualos, e daquy hos leuaom pera ha India, honde leuaráom cadano mil, e has uezes dous mil caualos, e ual cada huũ na India mao com bom, trezentos e quatrocentos cruzados, mais ou menos segundo ha falta que ha; e has naos em que estes caualos uaom leuaom tambẽ muytas tamaras, pasas, sal, e enxofre, e aljofar groso, com que hos Mouros de Narsingua folgaom muyto: andaom estes Mouros Dormus muy bem uestidos de hũas camisas muy aluas dalgodam delguadas e compridas, e debaixo seus çiroes de pano dalgodam, trazem tambem muytas roupas de sedas muy riquas, outras de chamalotes e gráa, cingidos com muyto bons almejares, em que trazem suas adagas muy bem guarnecidas douro e prata, segundo has calidades de suas pesoas; trazem tambem hũs broqueis grandes, redondos, guarnecidos de muy boa seda, e nas mãos seus arquos turquezes, pintados de muy boas tintas, e cordas de seda que fazem muy grã pasada, saom hos arquos de páo enuernizados, e de corno de bufaro; e eles saom muy boos frecheiros, e suas frechas muy bem obradas e sotiis: outros trazem nas mãos machadinhas, e maças de fero de muytas feições, muyto bem lauradas de muy fermosa tauxia; saom homeins muy riquos, e luzidos, e galantes; tratam-se muyto bem asy no uestido como no comer, que comem muy bem adubado, e em abastança de tudo, silicet, carnes, pam de triguo, muyto boõ aros e muytas conseruas, e fruytas uerdes, maçãs, romãs, pecegos, muytos albaquorques,

figos, amẽndoas, uuas, melões, e rabãos e muytas saladas; e todas outras cousas que ha em Espanha, tamaras de muytas maneiras, e outras diuersas fruytas que nom ha em Espanha; bebem uinho de uuas escondidamente que lho defende sua ley, has agoas que bebem saom hũu pouquo almeceguadas postas em frio, para ho qual fazem e buscaom muytas maneiras pera has esfriarem, e terem sempre em frio: estes fidalgos, e mercadores honrados trazem sempre por honde quer que andaom, por caminhos, praças, ruas, hũ page que lhe tras por estado hũ baril dagoa ou algarafa guarnecida de prata, ho qual eles haom por estado e honra, e pera seruiço de sua uiçosa uida: estes saom malquistos das mulheres, porque hos mais deles trazem sempre comsiguo escrauos moços capados, com que dormem: estes mouros honrados tem todos na tera fyrme quintans, honde se uaom muytas uezes desenfadar, principalmente no ueram; esta Cidade Dormus posto que he muy riqua, e abastada de todos mantymentos, he muy cara porque tudo lhe uem de fora, silicet, de Persia, e Arabia, e doutras partes donde tudo lhe uem muy prestes, sem auer na ilha cousa de que se eles posaom sair somente sal, e ate agoa lhe uem de fora da tera fyrme, e doutras ilhas de redor para eles beberẽ, em hus barcos pequenos que chamaom teradas, como atras dise, e de todo ho mantimento, e lenha que lhe trazẽ asy de fora, estaom de contino has praças cheas em muyta auondança, honde tudo se vende ha peso com muy grande regimento, e taixa; e qualquer pesoa que falsa peso, ou sae da taixa e ordem que lhe daom, he muy asperamente castigado; uendem has carnes cosidas, e asadas ha peso, e asy todolos outros comeres feitos, e tudo isto tambem concertado, e limpo, que muytas pesoas nom mandaom fazer de comer em suas casas, e das praças comem. Em esta cidade Dormus está sempre ho Rey dela em hũs muy grandes paços, que nela tem junto cõ ho mar em hũ cabo da cidade, em hos quais sempre está apousentado, e tem todo seu thesouro; ho qual Rey em todos seus lugares de Persia, e Arabia, e ilhas que atras apontei que saom de seu senhorio, tem gouernadores, e arecadadores das suas rendas, e na propia cidade tem outro gouernador que toda ha tem e mantem ha direito, que he superior de todolos outros do regno, e de todo ele; ho qual gouernador tem ho Rey preso de sua mam nos ditos paços, em

hũa

hũa fortaleza deles, sem gouernar nem entender em nenhũa cousa do regno, somente em ser muyto bem seruido, e guardado; e he de maneira que se ho Rey quer entender em gouernança ou no thesouro, ou quer ser isento, tomamno e quebramlhe hos olhos, e metemno dentro em hũa casa com sua mulher e filhos se hos tem, e aly lhe daom de comer, e ho mantem muy atribuladamente; e tomaom outro moço mais pequeno da linhagem dos Reys, scilicet, filho, ou irmam, ou sobrinho mais chegado, metemno dentro na fortaleza e paços, e aly ho tem por seu Rey somente pera em seu nome mandarem e gouernarem ho regno muy pacifiquamente; e hos outros erdeiros do regno que ficaom, asy como crescem e saom em idade pera gouernarem, e ha ho gouernador lhe parece que quer algum entender no regno, tomamno e quebramlhe hos olhos, e metemno na dita casa, de maneira que sempre tem hũa casa com des ou doze Reis cegos, e ho que reina nom uiue nunqua liure do medo de uir ha este estado; e em quanto reina tem sempre gente darmas, e caualeiros que ho guardaom e seruem, ha hos quais ele pagua muyto boõ soldo, e andaom sempre na corte com suas armas, e algũs manda estar fronteiros dos lugares da tera fyrme, quando tem necesidade diso. Nesta cidade se fas moeda douro e prata, silicet, huma moeda de muyto boõ ouro, redonda como has nosas, com letras mouriscas dambalas bandas, que chamaom xerafins ual trezentos rs. pouco mais ou menos; ha mais dela he feita em meios que ual cada huma cento e sincoenta rs.: ha de prata he hũa moeda comprida ha maneira de faua, tambem com letras mouriscas dambalas bandas, que ual tres uinteins pouco mais ou menos, *a que elles chamão tangas*, ha prata da qual he muyto fina; e de toda esta moeda asy prata como ouro, ha tanta em abastança em Ormus, que quantas naos uem ha cidade com mercadorias, depois de venderem e comprarem hos caualos e sinais que hamde leuar, todo ho mais que lhe fiqua, leuaom nesta moeda, porque na India core muyto, e tem muy boa ualia. Ha este regno Dormus ueio ter hũa armada delRey noso Sr., de que era capitam moor Afonço Dalbuquerque, ho qual se quizera por com eles em toda pas, ho que eles nom quiseraom; ho que uendo Afonço Dalbuquerque lhe começou ha fazer guera pelo regno, principalmente pelos portos do maar, honde lhe fes muyto da-

no: andando asy ueyo ter ha propia cidade Dormus com toda ha armada, honde no porto dela ouue hũa braba peleja com hũa frota de muy grandes naos, cheas de muy fermosa gente muy bem armada, ha qual ho dito Afonço Dalbuquerque desbaratou, e captiuou muyta, metendo muytas naos no fundo, e tomando e queymando outras muytas que estauaom ancoradas junto com hos muros da mesma cidade; uendo ho Rey e gouernador dela tamanha destroiçam em sua gente e naos, sem lhe poderem ualer, cometêraom pas, ha qual ho capitam moor aceitou com condiçam que lhe leyxasem fazer hũa fortaleza em hũu cabo da cidade, ho que ha eles lhe aprouue; ha qual começando-se ha fazer, tornaramse hos Mouros ha repender, nom querendo que se fizese mais; ho que uisto pelo capitam moor, lhe tornou ha fazer tanto dano matando-lhe tanta gente, que hos fes tributarios ha elRey noso Sr., em quinze mil xarafins douro cadano, hos quaes lhe pagaom sempre: daly ha certos anos este Rey e gouernadores Dormus, mandaraom hũ embayxador ha elRey noso Sr. com hũ muy grande seruiço, e com ha reposta que Sua Alteza lhes mandou, ueio Afonço Dalbuquerque em hũa boa armada outra ues ha Ormus, honde o recebêraom em muyta pas, e lhe outorgáraom que acabase ha fortaleza que dantes tinha começada, ho qual ha mandou loguo começar, e que se fizese muy grande e forte, como se loguo começou; e estando nisto, elRey que he hũu moço de pouqua idade, vendo se em poder do gouernador tam acanhado, que nom ousaua fazer de sy nada, teue maneira com que secretamente ho fes ha saber ha ho capitam moor sua pouca liberdade, e da maneira que aquele gouernador ho tinha quasi preso, tomando ha gouernança do regno forçosamente, tornandoa ha ho outro que ha tinha, e que lhe parecia que se carteaua com ho Xeque Ismael pera lhe entregar ho regno: sabendo ho capitam moor isto, teueo em grande segredo, determinou de se uer com elRey, concertando loguo com ele que has uistas fosem em hũas casas grandes que estaom junto com ho maar: achegado ho dia asinado, entrou ho capitam moor nas ditas casas com des ou doze capitoens, leyxando de fóra sua gente em ordenança, e tudo como deuia; elRey e ho gouernador vieraom com grande soma de gente, e dentro nas casas honde elRey entrou, nom entrou mais ninguem, e loguo has portas foraom fechadas; e como

fo-

foraom dentro, ho capitam moor mandou matar ha punhaladas ha ho gouernador; ho que uendo ho moço Rey se começou dagastar, e Afonço Dalbuquerque lhe dise que nom ouuese medo, que aquilo que se fazia, se fazia por ele ser Rey isento como saom hos outros Reys mouros, e nom uiuer asy sogeito; hos que estauaom fora ouuindo ho rumor começáram-se daluoraçar, e algũs irmãos do gouernador, e outros muytos criados, e parentes que faziaom hũu grande corpo de gente, estauaom todos armados; foy entam necesario ha ho capitam moor tomar elRey pela mam, e subirem-se em hũu terado ambos armados pera elRey daly lhes falar, e uer se hos podia pacifiquar; ho que ele nom poude acabar com eles, senam que lhes desem seu irmam e senhor; e dizendo isto se foraom meter dentro nos paços e fortaleza delRey, dizendo tambẽ que fariaom outro Rey: ho que uendo ho capitam moor quizera-lhe pôr has mãos, e estiueraom asy hũu grande pedaço do dia, e elRey hos quisera lançar fora per lanças, e eles nom quiseraom sair da dita fortaleza; e depois uendo que todauia ho capitam moor determiuaua de daar Samtiago neles, cometêraom de lhe daar ha fortaleza com condiçam que se fosem loguo fora da cidade e ilha com mulher, e filhos, e fazendas, desterados todos aqueles que fosem parentes ou irmãos do gouernador morto, ho que loguo foy feito; e ho capitam moor leuou loguo daly caminho dos paços e fortaleza com grande triunfo e pompa, acompanhado de muyta gente nosa e sua, e ho entregou ha outro gouernador que dantes era, com seus paços, e fortaleza, e cidade muy liuremente, dizendo ha ho gouernador que ho seruise com muyta honra, e ho leyxase gouernar seu regno ha seu prazer, somente lhe dese conselho como fazem ha hos outros Reis mouros; asy que desta maneira ho tornou ho capitam moor ha sua liberdade; e fes capitam da nosa fotaleza ha hũu Pero Dalbuquerque, com muytos Portuguezes e nauios pera fauorecerem elRey, ho qual nom fazia nada sem conselho do dito capitam da fortaleza, estando ha obediencia delRey noso Sr. com todo o seu regno, e senhorio: uendo ho capitam moor tudo isto asy em tanto asoseguo, e debaixo de seu mando, loguo pubriquamente com pregoes mandou degradar todolos somitiguos fora da cidade e ilha, com hũa frecha metida pelas uentãns ha cada hũu, e foraom degradados com tal condiçam, que se aly mais tor-

na-

nasem, fosem queimados; de que elRey se mostrou contente: e asy mandou tomar hos Reys cegos que na dita cidade estauaom, que seriaom treze ou quatorze, e hos mandou meter dentro em hũa grande náo, e hos fes leuar caminho da India, e pôr na cidade de Goa, honde ha custa de suas rendas lhes manda daar de comer, pera aly acabarem seus dias, e nom fazerem algũa toruaçam no regno, e ho leyxarem nele uiuer em pas e asosego.

Regno de Diul.

Indo mais ha ho diante leyxando Ormus e suas teras; entraom loguo no regno de Diul, que está antre ha tera Darabia e Persia, que he hum regno separado, e reina nele hũu Rey mouro, e ha mais da gente saom Mouros e algũs Gentios, que saom deles muyto sujeitos, ho qual Rey he muy gram senhor de muytas teras e gente pelo certam dentro, e de muytos caualos, porem tem muy pouquos portos de maar: confina esta tera de hũa banda com ho gram regno de Cambaya, e da outra com ha tera de Persia, e ho Rey dela obedece ha ho Xeque Ismael; saom mouros baços e branquos; tem lyngoa sobre sy, tambem falaom persio e arabio: ha nesta tera triguo, e ceuada, carnes em muyta abastança, he tera chãa, de campos, e de muy pouqua madeira; nauegaom muy pouquo, porém tem muy grandes prayas, em que fazem muy fermosas pescarias, e tomaom muy grandes pescados, hos quaes sequaom pera se gastarem na tera do certam, e tambem se leuaom pera outros muytos regnos; aquy daom de comer ha hos caualos peixe seco: algũas náos que da India aquy uem ter, trazem muyto aros, açuquar, e algũa especearia, e madeira, e tauoado, e hũas canas que ha na India, que saom tam grosas como hũa perna de hũu homem: em tudo isto se ganha muyto dinheiro; leuaom em retorno muyto algodam, caualos, e panos; por este regno sae ha ho maar hũu grande rio, que uem pelo meio da Persia, que dizem hos Mouros *ainda que o não saibão de certo* que uem do rio Eufrates, de longuo do qual uaom muytos lugares de Mouros muy riquos; he tera muy uiçosa, e fruytuosa, de muytos mantimentos.

Regno do Guzarate.

Indo asy mais adiante pasando este regno de Diul, entrando loguo na primeira India, está ho regno do Guzarate; do qual regno e senhorio parece que elRey Dario foy Rey, porque ainda agora hos Indios tem dele e de Alexandre Magno muytas historias; he este regno do Guzarate muyto grande, tem muytas uilas, e cidades asy pelo certam como ha longuo do maar; tem muytos portos de muy grande navegaçam, pouoados de Mouros e Gentios que saom grosos mercadores, e trataom aquy em muyta soma de mercadorias: dantes era ho regno de Gentios, e hos Mouros lho tomaraom por guera, asy que ho Rey dele agora he mouro, mas inda hy ha muytos Gentios grosos mercadores, e trataom antreles. Antes que este regno do Guzarate fose de Mouros, auia nele hũus Gentios ha que hos Mouros chamauaom Resbutos, que naquele tempo eraom hos caualeiros, e defensores da tera, e faziaom ha guera honde era necesaria: estes mataom e comem carnes, e pescados, e todalas outras viandas, e inda agora ha muytos que uiuem nas montanhas, honde tem muy grandes lugares, e nom obedecem ha ho Rey de Cambaya, antes cada dia lhe fazem muyta guera; ho qual com quanto poder tem nom he poderoso de hos destroir, nem pode; porque saom muy bóos caualeiros, e saom grandes frecheiros, e tem outras muytas maneiras darmas com que se muy bem defendem dos Mouros, com que continuamente tem guera, sem terem Rey nem Senhor que hos gouerne. Ha neste regno outra sorte de Gentios, que chamaom Bramanes, e saom muy grandes mercadores e tratantes; uiuem antre hos Mouros, com que fazem todo seu trato, estes nom comem carne, nem pescado, nem nenhũa cousa que mora, nem mataom, nem menos querem uer matar, por asy lho defender sua idolatria; e guardaom isto em tamanho estremo que he cousa espantosa, porque muytas uezes acontece leuarem-lhe hos Mouros bichos, e pasarinhos uiuos, e fazerem que hos querem matar perante eles, e estes Bramanes lhos compraom e resgataom, dando-lhe por eles muyto mais do que ualem, por lhe saluarem has uidas, e soltalos. Se tambem ElRey, ou ho gouernador da tera, tem algũu homem, por culpas que cometese, julgado ha morte; ajuntamse eles, e compramno

ha

10 REIS

ha justiça, se lho quer uender, pera que nom mora; e tambem algũus Mouros pedintes, quando querem auer esmola destes, tomaom muy grandes pedras, e daom com elas emsima dos ombros e barigas, como que se querem matar perante eles, e porque ho nom façaom, lhe daom muytas esmolas, e que se uaom em pas; outros trazem faquas, e daom-se cõelas cutiladas pelos braços e pernas, e pera se nom matarem lhes daom muytas esmolas; outros lhe uem has portas ha querer lhe degolar ratos e cobras, ha hos quaes eles daom muyto dinheiro por ho nom fazerem, e desta maneira saom dos Mouros muy apreciados: estes Bramanes se achaom no caminho algũu golpe de formiguas, aredam-se buscando por honde pasem sem has pisarem, e em suas casas de dia çeaom; de dia nem de noyte acendem candea, per caso de algũs mosquitos nom irem morer no lume da candea; e se todaiua tem grande necesidade de acenderem de noyte, tem hũa alenterna de papel ou de pano agomado, pera cousa nenhũa uiua poder ir morer dentro no fogo; se estes criaom muytos piolhos, nom hos mataom, e quando hos muyto aqueixaom mandiom chamar hũs homeins que antre eles uiuem, que tambem saom gentios, e eles hos haom por de santa uida, e saom como irmytães, uiuendo em muyta abstinença por reuerencia dos seus Deoses; estes hos cataom, e quantos piolhos lhe tiraom poemnos em suas cabeças, e hos criaom com suas carnes, em que dizem fazerem muy grande seruiço ha seu Idolo, e asy guardaom hũus e outros com muytas temperança ha ley de nom matarem, e por outra parte saom grandisimos onzeneiros, e falsificadores de pesos e medidas, e doutras muytas mercadorias e moedas, e muy grandes mentirosos: estes Gentios saom homeins baços, muy bem apesoados, gentiis homeins, e galantes em seus trajos, muy delicados e temperados em seu comer; seus manjares saom leites, manteiga, açuquar, e aros, e muytas conseruas de diuersas maneiras; seruem-se muyto de cousas de fruyta e ortaliça, e deruas de campo pera seus manjares; honde quer que uiuem tem muytas ortas e pomeres, e muytos tanques dagoa, em que se lauaom cada dia duas uezes, asy homeins como mulheres; e dizem que como se acabaom de lauar se haom por saluos de quantos pecados tem feito até aquela ora: criaom estes Bramanes muyto comprido cabelo, da maneira que ho criaom has mulhe-

lheres em nosas partes, e trazemno apanhado sobre ha cabeça, e feita dele huma trunfa, e em cima huma touqua, pera ho trazerem sempre apanhado; e per antre ho cabelo metidas flores, e outras cousas cheirosas: costumaom muyto untarem-se com sandalo branquo, mesturado com asafram e outros cheiros: saom homeins muy namorados, andaom uestidos de camisas compridas dalgodam e de seda, calçaom çapatos de pontílha de cordouam muy bem laurados; deles trazem hũas roupetas curtas de pano de seda ou brocadilho, e nom trazem nenhũas armas, somente hũas faquas muy pequenas guarnecidas douro e prata, isto por duas rezoins, ha primeira porque eles saom homeins que se seruem pouquo darmas, e ha segunda porque hos Mouros lhas defendem: eles usaom muyto orelheiras douro com muyta pedraria, e aneis nos dedos, e cintas douro sobre hos panos; has mulheres destes Gentios saom muy fermosas, deliquadas, e de muy bons corpos, saom baças quasy branquas; seus trajos saom de seda, asy compridos como hos maridos, trazem hũs sainhos de pano de seda de mangas estreitas, abertos pelas espadoas, e outros panos grandes que chamaom chandes, que elas lançaom por cima de sy como mantos, quando uaom fora; na cabeça nom poem nada, senam seu cabelo muyto bem apanhado sobrela; andaom sempre descalças, trazem nas pernas manilhas douro e de prata muy grosas, e nos dedos de peis e mãos muytos aneis, e has orelhas furadas com grandes buracos por honde caberá hũu ouo, em que trazem muy grosas argolas douro ou prata: saom mulheres muyto retraydas e enceradas, saem muy pouquas vezes fóra de suas casas, e quando saem he muyto cobertas com aqueles panos grandes sobre ha cabeça, asy como has mulheres em nosas partes se cobrem com seus mantos.

Aquy ha outra ley de Gentios, que chamaom Bramenes, que antre eles saom sacerdotes, e pesoas que administraom, e gouernaom suas casas doraçóes e idolatrias, que eles tem muy grandes e com muytas rendas; e tambem ha muytas que se mantem desmolas, em has quaes tem muyta soma de idolos de páo, outros de pedra, e cobre; nas quaes casas ou moesteiros lhes fazem muyta cerimonia, festejando-hos com muytos tangeres e cantares, com muytas candeas e alampadas dazeite, e com campanas ha nosa maneira; estes Bramenes e Gentios tem muyto por semelhas ha Santa Trindade, honraom muyto ho conto

de tres em trino, e fazem sempre sua oraçam ha Deos, ho qual confeçaom e adoraom ser Deos verdadeiro, criador e fazedor de todalas cousas, que he tres Pesoas e hũu soo Deos, e que ha muytos Deoses outros, gouernadores por ele, em que eles tambem crem: estes Bramenes e Gentios honde quer que se achaom, entraom em has nosas Igrejas, e fazem oraçam e adoraçam has nosas Imagens, perguntando sempre por santa Maria, como homeins que diso tem algum conhecimento ou noticia; e como ha nosa maneira, honraom ha Igreja, dizendo que antreles e nós ha muyto pouqua diferença: estes Bramenes andaom descobertos da cinta pera cima, pera baixo se cobrem com algũs panos dalgodam; trazem ha tiracolo hũ fio de tres linhas, que he ho sinal por honde se conheçem serem Bramenes; saom homeins que tambem nom comem cousa que sinta morte, nem mataom cousa nenhũa: tem por grande cerimonia ho lauar, e dizem que com iso se saluaom; estes Bramenes e asy hos Baneanes, casaom ha nosa maneira com hũa soo mulher, porém hũa ues nom mais; em suas uodas fazem grandes festas, que duraom muytos dias, honde se ajunta muyta gente muy bem uestida e areada, festejandoos muy altamente: casaom pela mayor parte, asy homeins como mulheres, muyto moços, e ha ho dia que hos hamde receber, estaom hos noiuos ambos asentados em hũ estrado, muyto cobertos douro e pedraria e joias, diante de sy tem hũa mesquita com hũ Idolo coberto de flores, com muytas candeas dazeite acesas de roda dele; aly hamdestar ambos, com hos olhos naquele Idolo, de pela manhã até tarde sem comer, nem beber, nem falar ambos, nem ha ninguem; neste meyo tempo saom muy festejados das gentes com seus tangeres e cantares, tirando muytas bombardas, fazendo muytos foguetes pera folgarem; e como estes nom casaom senam hũa ues, se ho marido more ha mulher nunqua mais casa por moça que seja, iso mesmo ho marido; seus filhos saom seus propios erdeiros, e na dinidade tambem, porque hos Bramenes ham de ser filhos de Bramenes: antre estes ha outros somenos que seruem de mesageiros, e uaom seguros por todalas partes sem ninguem lhe fazer nojo, ainda que haja guera, ou ladrões, ha que chamaom Pateles.

Re-

Regno de Cambaya delRey do Guzarate.

Ho propio Rey do Guzarate he muy grande Sõr asy de gente, como de muytas rendas, e tera muy riqua; he mouro e asy sua gente darmas, tras grande corte com grosa caualaria, he Sñor de muytos caualos, e alyfantes hos quaes uem de Ceilam e do Malabar ha uender ha ho seu regno, que dos caualos ha grande abastança em sua tera, de maneira que com hos alyfantes e caualos fas grande guera ha hos Gentios do regno do Guzarate, que chamaom Resbutos que ainda lhe nom obedecem, e ha hos outros Reis com que has uezes tem guera; e em cima dos alyfantes fazem hum castelo de madeira, em que cabem tres ou quatro homeins, que leuaom arquos, frechas, espinguardas, e outras armas, donde pelejaom com seus imiguos, e saom hos ditos alyfantes tam bem ensinados ha isto, que como entraom na peleja com hos dentes ferem hos caualos e gente tam rijo, que muyto azinha desbarataom qualquer batalha; e como hos ferem loguo fogem, e desbarataom hũs ha hos outros, e ha hos da sua banda: destes tem elRey de Cambaya continuadamente, quatrocentos, quinhentos alyfantes muy grandes e fermosos, que compra ha mil e quinhentos cruzados cada hũu pouquo mais ou menos em seus portos de maar bonde lhos trazem ha uender; de maneira que nestes alyfantes e caualos pelejaom muy bem, e saom eles muy ligeiros caualgadores: caualgaom ha bastarda, trazem hũs escudos redondos muyto fortes, guarnecidos de seda, cada hũu tras duas espadas, hũa adagua, e hũ arquo turquesquo com muy boas frechas, e outros trazem hũas maças daceiro, e muytos deles cotas de malha, outros laudeês embastados dalgodam, seus caualos acobertados com suas testeiras daço, e asy pelejaom bem: saom tam ligeiros e manhosos na sela, que acaualo jogaom ha choqua, ho qual joguo eles tem antre sy na conta em que nós temos ho das canas. Saom hos Mouros deste regno branqnos, e ha moor parte deles estrangeiros de muytas partes, silicet, Turquos, Mamaluquos, Arabios, Persyos, e Coracones, Targinões, outros do grande regno de Dely, e outros da mesma tera; e juntaom-se aquy tantas náos deles, porque ha tera he muy riqua e abastada, e tem bõo soldo delRey, e muyto bem pago: andaom muy bem uestidos, do ri-

riquos panos douro, seda, e algodam, e de chamalotes; trazem todos suas touquas nas cabeças; suas roupas saom compridas, como camisas mourisquas, ciroulas com brozegũis até ho giolho, de muy groso cordouam, laurados de muy sotis laços, de dentro e de fóra da pontilha; seus traçados muyto bem guarnecidos douro e prata, segundo has pesoas que hos trazem, hos quaes lhe trazem nas máos pagẽs seus; tem muy fermosas e aluas mulheres, muy bem atauiadas, podem casar com quantas poderem manter por honrarem ha seita de Mafamede, de maneira que muytos tem quatro e cinquo, todas recebidas e mantheudas: Estes Mouros de Cambaya falaom muytas lyngoas, Arauia, Turquo, Guzarate, comem muyto bõo pam de triguo, aros, e muy boas carnes de todalas sortes, afóra porquo que lho defende ha ley: saom homeins muy uiçosos, e dados ha boa uida, grandes gastadores, andaom sempre com has cabeças rapadas, e has mulheres *tem* muy bom cabelo; quando has tiraom fóra de suas casas, uaom metidas em hũas caretas de caualos todas cobertas, que ninguem pode uer quem uay dentro, porque saom muyto ciosos; podem-se descasar cada ues que quizerem, pagando ha mulher certos dinheiros que lhe prometem quando com elas casaom, arependendo-se em algum tempo; e ha propia liberdade tem ha mulher: ha este Rey de Cambaya chamaom Soltam Moordafaa, ha muyto pouquo tempo que he Rey, ha seu pay chamauaom Soltam Mahamude, ho qual de menino foy criado em peçonha, e nutrito nela; seu pay ho quis asy criar por ho nom poderem matar com peçonha, porque costumaom hos Reis mouros mandarem-se matar com ela hũs ha hos outros, e começoua ha comer em tam pequena cantidade, que lhe nom podia fazer mal, e com isto fiquou tam apeçonhentado, que honde quer que hũa mosqua lhe toquaua, como lhe chegase ha carne, loguo moria e inchaua, quantas mulheres com ele dormiaom, moriaom » e pera isto tinha hũ anel de tal uirtude, » que aquela que ho meria na boqua, antes que se lan» çase com ela, nom lhe podia ha peçonha empecer » ha qual ele nom podia já leyxar de comer, porque se ho fizese era loguo morto, como uemos por experiencia no anfiam que ha moor parte dos Mouros e Indios comem, que se ho leyxasem de comer moreriaom, e se ho comesem hos que nunqua ho comêraom, moreriaom tambem, de maneira que ho começaom ha comer em tam pequena cantidade, que lhe nom

po

póde fazer mal, por serem criados nele; e em sua natureza vaom crescendo; ho qual anfiam he frio no quarto grão, e por parte fria mata, hos Mouros ho comem ha fim de luxuria, e has mulheres na India ho tomaom pera se com ele matarem quando caem em algum ero, ou caso de desonra, ou desesperaçam, e bebendo o delido em hũu pouquo doleo, morem dormindo sem sentirem ha morte.

Ha cidade de Champanel.

Tem este propio Rey do Guzarate por seu regno grandes e boas cidades, de que daqui por diante começarei ha tratar, principalmente ha cidade de Champanel, honde ele sempre está com toda ha sua corte, ha qual está metida pelo certam em hũa tera de muy bõs campos, que daom muy grosos mantimentos, scilicet, muyto triguo, ceuada, milho, aros, grãos, chicharos, lentilhas, e outros muytos aligumes, criaom-se neles muytas uaquas, carneiros, e cabras, donde hos da tera haom boa criaçam; aquy ha tambem muytas fruitas, e de tudo he ha cidade muyto farta, e abastada; he ha tera de grandes montanhas ha ho redor, honde se criaom muytos ceruos, e outras alymarias; aquy ha tambem muyta caça daues, e tem eles pera iso muytos falcões, gauiães, galgos, sabujos, e lybreos; tambem pera ho monte tem hũas onças mansas, que cáçaom toda ha caça; elRey he muy curioso de alymarias, tem muytas de desuairadas feições, que ele pera seu desenfadamento manda busquar, e criar por todo mundo; ele mandou hũa Ganda ha elRey noso Sôr, porque lhe diseraom que folgaria com ela.

Ha cidade de Andana.

Desta cidade de Champanel contra ho certam, está outra muyto maior que ela, chamada Andana, na qual antiguamente soyaom sempre hos Reis deste regno ter sua corte, porque he muy riqua; saom ambas cerquadas de muy boos muros, com muy boas casas de pedra e cal, telhadas ha nosa maneira, tem grandes pateos, honde ha tanques, e poços de muy boas agoas; suas azemalas saom camelos, tem muy fermosas ribeiras dagoa doce, honde se criaom muytos pesquados; ha aquy tambem muytas ortas e pomares: nesta cidade e em outras muytas que uaom

pe-

pelo certam, tem elRey de Cambaya seus gouernadores, e arecadadores de seus direitos, hos quaes se em seus oficios fazem ho que nom deuem, sabendo-o elRey, manda-os chamar, e uindos perante ele, nom lhe dando boa razam, manda-lhe dar hũa beberajem apeçonhentada, que em ha bebendo morem loguo, e desta maneira hos castigua, e he muy temido de todos. Afóra estas cidades e outras muytas, que (como diguo) tem no certam, has que tem pela costa ha ho longuo do maar, saom has seguintes.

Patenexey.

Saindo do regno de Diul caminho da India, está hũ rio honde está hũa grande cidade que chamaom Patenexey de muyto bõo porto de maar; he riqua de muy grande trato, aquy se fazem muytos panos pintados de seda, e de muytos lauores, que se gastaom per toda ha India, e Malaca, e Bengala, e asy muytos outros panos dalgodam; ha este porto uem muytas náos da India caregadas de muytos quoquos, de muyto açuquar de palma que chamaom Jagra, e dalgũa especiaria; daquy leuaom muytos panos, algodam, cavalos, e triguo, e outras cousas em que se ganha muyto dinheiro; suas uiagens com suas demoras saom de quatro mezes.

Curiate, Mangalor.

Pasando este lugar, indo ha ho longuo da costa, estaom outros dous lugares; hum chamado Curiate, outro Mangalor, saom de muy bõo porto, e de muyto trato, honde uaom muytas náos do Malabar, e muytos caualos, por triguo, aros, e muytos panos dalgodam, e por outras mercadorias que na India ualem, hos Malabares lhe trazem muytos quoquos, esmeril, cêra, cardomomo, e outras sortes de muytas especiarias, no qual trato e viagem em muy pouquo tempo se fas muyto proueito.

Dio.

Saindo asy destes lugares de Mangalor e Curiate, de longuo da costa, está hũa ponta que ha tera lança ha ho maar, em que está hũu grande lugar, ha que hos Malabares chamaom Deuixa, e hos Mouros da mesma tera lhe

lhe chamaom Dio, está em hũa ilha pequena; muyto junto com ha tera syrme, e tem muyto bôo porto, de grande escala de muytas náos, e muy grande trato e nauegaçam que uem do Malabar, e Baticala, e de Guoa, e Chaul, e Dabul: daqui nauegaom tambem pera Meca, pera Adem, pera Zeila, Barbora, Magadaxo, pera Melinde, Braua, Mombaça, Ormus, e pera todo seu regno; ha mercadoria, que hos Malabares aquy trazem saom muytos quoquos, arequa, jagra, esmeril, cêra, fero, açuquar de Maticala, pimenta, gengiure, crauo, canela, maça, nos noscada, sandalo, brasil, pimenta longua, afora muytas sedas, e outras mercadorias que de Malaca, e China lhe uem; de Chaul e Dabul lhe trazem muyta soma de beirames e beatilhas, e daqui tornaom ha leuar caminho Darabia, Persya; daqui leuaom hos mercadores que ha trazem em retorno, muytos panos de seda, e algodam da tera, e muytos caualos, triguo, gergelim, oleo dele, algodam, anfiam, asy do que uem Dadem, como do que fazem em Cambaya, nom he tam fino como ele; leuaom tambem muytos chamalotes comũs de seda, que neste regno de Cambaya se fazem e saom muyto baratos: aqui trazem tambem da India muytas alcatifas grosas, tafetas, e panos de grãa, outros de cores, muyta especiaria, e outras cousas; has quaes cousas hos da tera tornaom ha leuar ha Meca, Adem, Ormus, e outras partes Darabia, Persya; de maneira que este lugar he ho demor trato que agora se acha em todas estas partes; tem de tanta soma de dinheiro que he cousa espantosa, per caso das grosas e riquas mercadorias que nele se caregaom e descaregaom, porque soo de Meca e Adem lhe trazem tanto coral, cobre, azougue, uermelham, chumbo, pedra hume, ruuia, agoas rosadas, açafram, ouro, prata amoedada e por amoedar, que he sem conto: aqui tem elRey de Cambaya hũu gouernador, que chamaom Malinquãs, que he hũu homem uelho muy bôom caualeiro, sesudo, industrioso, de gram saber; uiue muy concertadamente, que em todas suas cousas mostra ser de muy abil engenho; tem muy grosa artelharia que cada dia fás noua, tem muytos nauios de remos muy concertados e apontados, soma deles muy pequenos e ligeiros em estremo, ha que chamaom atalayas; tem feito hũ fortisimo baluarte atrauesado no porto, pouoado de muy grosa artelharia e muytos bombardeiros, que continua

tinuadamente nele estaom com muytos homeins darmas bem concertados e armados, ha que paga muy bôo soldo; uiue sempre auisado, recea muyto ho poder delRey noso Sôr, fas grande gasalhado ha hos nosos nauios e gentes que ha ho seu porto vaom ter; he ha gente da tera muy bem castiguada, gouernada com muyta justiça, muyto direito has partes, ha quem em sua tera fauorece muyto, dando-lhe grandes dadiuas e mercês. Ha este porto de Dio ueio ter hũa armada do gram Soldam com muyta e fermosa gente, muy bem armada e concertada, e muytas náos de gauea, e gales de remos, de que era capitam moor hũu Mouro chamado Miroçem, pera neste porto e regno se auerem de reformar com ajuda delRey de Cambaya e do propio gouernador, e entam daquy irem ha India ha cidade de Calecut, honde tambem lhe hauiaom de daar ajuda pera pelejarem com has nosas gentes, e has lançarem fóra da India: estando aquy muyto tempo fazendo-se prestes, sabendo dom Francisco Dalmeida, que entam era uisorey, sua estada ahy, fes prestes sua armada, e uindo por capitam moor dela, hos Mouros ho sahiraom ha receber ha ho maar, e na boqua da bara pelejáraom ambalas armadas tam rijo, que asy de hũa banda como da outra, ouue gente ferida e morta, e alfim hos peros foraom vencidos, sendo muytos mortos e ficando boa soma deles captiuos, e ho dito capitam Mirocem se saluou, leyxando perecer toda sua frota; ho gouernador de Dio, que com suas atalayas hos ajudaua, uendo tam fermoso desbarate, mandou ha preça meçajem ha ho visorey, que queria toda ha pas e amizade com elRey noso Sôr, mandando-lhe em sinal diso muytos presentes e refresquo.

Guoguarim.

Pasando este lugar de Dio começa loguo ha costa fazer outra uolta pera dentro, caminho de Cambaya; e nesta enseada estaom muytos lugares portos de maar, do regno de Guzarate: saom lugares de muyto trato, principalmente Guoguarym que he hũa uila grande de muyto boom porto de maar, honde sempre caregaom muytas náos do Malabar e doutras partes pera India, e tambem uem ha ele muytas náos de Meca e Adem; porque aquy se trataom todalas mercadorias em tanta abastança como em Dio.

Bar-

Barbasy.

Indo asy ha ho longuo da costa, por dentro desta enseada, estaa outro lugar que chamaom Barbasy, que tambem he muyto bõo porto de maar de muy grande nauegaçam, em que se trataom muytas sortes de mercadorias que daquy leuaom pera muytas partes; por estes lugares tem el-Rey seus gouernadores e arecadadores de suas rendas, e alfandegas que lhe rendem muyta fazenda, e grande soma de dinheiro de direitos das mercadorias, (1) . . . . . das quaes saom todolos lugares muyto fartos, e abastados de mantimentos, e de muytas sortes de mercadorias que na tera se recolhem, afóra outras que uem de fóra.

Guindarim.

Indo mais adiante leyxando Barbasy, estaa pera dentro hũu lugar que chamaom Guindarim, na boqua de hum rio, he hum lugar de muy boom porto, em que se trataom muytas sortes de mercadorias, porque pelo mesmo rio dentro estaa ha grande cidade de Cambaya. Aquy uem sempre muytas náos do Malabar, que trazem muyta arequa, quoquos, especiaria, açuquar, quardamomo, e com outras muytas mercadorias que aquy uendem, donde leuaom muyto algodam, gergelym, panos, triguo, gráos, caualos, alaquequas, e outras muytas mercadorias em que na India se ganha muyto dinheiro. Ha nauegaçam destes lugares he muyto perigosa pera náos de quilha, porque estando sobre amara, desce aqui nesta enseada ha agoa tanto que em muyto pouquo espaço descobre ho maar quatro ou sinco legoas, em hũs luguares mais e em outros menos; » e em quanto enche ha maree, enche tam rijo que dizem » que hum homem ha todo corer nom lhe pode fugir. » De maneyra que has naos que aquy ouuerem dentrar, hamde tomar pilotos da propia tera, porque quando ha maree descer, saibaom ficar em pousos e lugares que ha hy sabidos, e muytas uezes ho ficaom em pedras honde se perdem.

(1) Falta aqui huma palavra no manuscrito, e igualmente na traducção.

Ha fermosa cidade de Cambaya.

Entrando por Guandarim, que he pelo rio dentro, estaa hũa grande e fermosa cidade que chamaom Cambaya, que he pouoada de Mouros e Gentios: tem muy boas casas, muyto altas, com janelas, e cobertas de telha ha nosa maneira, muy bem aruadas, com fermosas praças, e grandes edeficios, tudo de pedra e cal; estaa asentada em hũa graciosa e riqua tera de mantimentos: ha na cidade grosos mercadores e grandes homeins de fazendas, asy Mouros como Gentios, ha nela muytos oficiaes de oficios macaniquos, de sotis obras de muytas maneiras asy como em Frandes, e tudo muyto barato. Aquy se fazem muytos panos dalgodam branquos muyto delguados e grosos, e outros pintados em fórma, e muytos panos de seda, muytos ueludos baixos pintados, muytos setins auelutados e tafetas, e muytas alcatifas grosas; hos naturaes da tera saom quasy branquos, asy homeins como mulheres; moraom nela muytos estrangeiros, e saom homeins muy aluos: he gente muyto polida e acustumada ha muytos bóos trajos, de muy uiçosa uida, dados ha muytos praseres e uicios; comem muyto bem, costumaom sempre lauarem-se e untarem-se com cousas muyto cheirosas, trazem sempre antre hos cabelos, asy homeins como mulheres, flores de jasmym e doutras eruas que antre eles ha; saom grandes musiquos de muytas maneiras de tanger e cantar: andaom continuadamente pela dita cidade caretas com bois, e com caualos, de que se seruem pera careto de todalas cousas, e outras com hũus leitos de madeira muyto bóos, sarados e cobertos ha maneira de hũa camara, laurados de fermosa macenaria, e com janelas armadas e paramentadas com muytos panos de seda, *e alguns com os couros dourados; tem neles colchões, cobertas, e almofadas de seda muito ricas* (1), trazem careteiros homeins conhecidos e de confiança, honde leuaom mulheres ha uer joguos e prazeres, ou amiguas sem ninguem uer nem saber quem uay dentro; aly uaom dentro tangendo e cantando e fazendo tudo ha seu praser: hos moradores desta cidáde tem muytos uargeis, ortas, e pomares que lhe seruem de boom

(1) Estas palavras faltão no manuscrito, e forão suppridas da Traducção.

boom desenfadamento, honde criaom muytas fruytas e ortaliças, que he principal mantimento dos Gentios que nom comem cousa que receba morte. Nesta cidade se gasta grande soma de marfim, em obras que se nela fazem muyto sotis e marchetadas, e outras obras de torno, como saom manilhas, cabos dadaguas, e em tresados, joguos demxadres, e tauolas, porque ha hy muy deliquados torneyros que fazem tudo; e muytos leytos de marfim, de torno, de muy sotis obras, e contas de muytas maneyras, pretas, amarelas, azuis, e uermelhas, e de muytas cores, que daquy leuaom pera muytas partes; ha aquy tambem grandes lapidarios, e falsifiquadores de pedraria, e perolas falsas de muytas maneyras, que parecem naturaes, tambem ha muy bóos ourinezes, de muy sotis obras; aquy se fazem tambem muy fermosas colchas, e ceos de camas de sotis lauores e pinturas, e muytas roupas de uestir acolchoadas; ha tambem muytas laurandeiras mouras, que fazem muy deliquados lauores e sotis obras. Aqui se laura tambem muyto coral, e alaquequas, e toda outra pedraria, de maneira que ha nesta cidade muy primos oficiaes de todalas obras.

Limadura.

Indo mais ha ho diante desta cidade de Cambaya ha ho certam dela, está hũu lugar que chamaom Limadura, honde está hũa pedra dalaquequa, que he huma pedra branqua leitenta e uermelha, e dentro no foguo ha fazem muyto mais uermelha; aranquam-na em muy grandes pedaços, e aquy ha grandes mestres que ha lauraom, e furaom, e fazem de muytas feiçóis, scilicet, compridas, outauadas, redondas, folhas doliueta, e em muytos aneis, cabos de tresados, e adaguas, e de outras maneiras: hos mercadores de Cambaya has uem aquy comprar pera has uenderem pera ho maar roxo, donde hiaom pera has nosas partes pola ula do Cairo e Alexandria; tambe has leuaom caminho Darabia e Persya, e pera ha India, honde has nosas gentes has compraom pera leuarem ha Portugal; aqui achaom tambem muyta soma de babagoure, que nós chamamos calsadonia, que saom hũas pedras de hũas ueias pardas e branquas, que eles fazem muyto redondas, e furadas trazem-nas hos Mouros nos braços, em lugar que lhe toquem na carne, dizendo que saom boas pera guardarem castidade; saom pedras de pouqua ualia porque ha hy muytas.

Reynel.

Saindo asy deste lugar de Limadura, tornando ha hos de porto de maar, pasando Guindarim ha ho diante, ha ho longuo da costa estaa hũu rio, que desta propia banda tem hũu lugar de Mouros que chamaom Reynel que he de muy fermosas casas e praças, e hũ lugar muyto apraziuel e riquo, porque hos Mouros dele trataom com suas naos em Malaca, Benguala, Camarasym, e Peguu, em Martabam e Çamatra, em muytas sortes despeciarias, e dragoarias, e em muytas sedas, almisquere, beijoim, porçelanas, e em outras muytas mercadorias; tem hos moradores dele grandes e fermosas naos, que neste trato andaom; e quem quizer hauer ha sua mam cousas de Malaca, e China uase ha este lugar, honde has acharaa mais perfeitamente que em outra nenhuma parte, e de bõo preço: hos Mouros daquy saom riquos, e honrados, branquos, e gentis homeins, andaom muy bem atauiados, e tem muy fermosas mulheres, e boas casas bem concertadas, e alfaiadas; nas casas dianteiras costumaom ter muytos parteleiros, ha ho redor, e todas cerquadas deles ha ho modo de botiqua, todos cheos de fermosas e riquas porcelanas, de nouas feições. Has mulheres nom saom enceradas, como has dos outros Mouros, mas andaom muyto por fora de dia, negoceando ho que lhe cumpre, com ho rosto descoberto, como has de nosas partes.

Çurate.

Indo ha hò diante pasando ho rio de Reynel, da outra banda estaa hũa cidade que chamaom Çurate, pouoada de Mouros, e pegada no rio; trataom-se nela muytas mercadorias, e he de grande trato: pera ela nauegaom muytas naos do Malabar, e doutras partes, honde uendem ho que trazem, e tornaom ha caregar do que querem, porque he este porto de muyto trato, e ha nele muy grosos mercadores, asy mouros como gentios, que tambem aquy uiuem; rende ha deniua, que he ha alfandegua, cadano grande soma de dinheiro ha elRey de Cambaya; ategora mandaua e gouernaua nela, hũu Gentio por nome Milocoxim, que elRey de Cambaya mandou matar, por maa enformaçam que dele teue, ho qual era muyto amiguo dos Portugueses.

Di-

Dinuy.

Pasando esta cidade de Çurate, ha ho longuo da costa estaa hũu muy bóo lugar que chamaom Dinuy, pouoado de Mouros e Gentios, que he tambem de grande trato de muytas mercadorias, honde sempre nauegaom muytas naos do Malabar, e doutras partes.

Baxay.

Indo ha ho diante ha ho longuo da costa, pasando Dinuy, estaa outro lugar que chamaom Baxay, de Mouros e Gentios, de muy bõo porto, que tambem he do regno do Guzarate; he de grande nauegaçam, tratam-se aquy muytas sortes de mercadorias, de muitas naos de fóra que ha ele uem do Malabar caregadas de muyta arequa, quoquos, especiarias, e outras mercadorias, donde leuaom outras que no Malabar se gastaom.

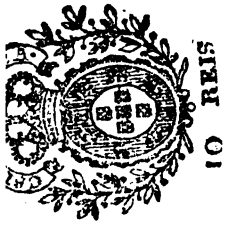
Benamajambu.

Ha ho diante de Baxay, ha ho longuo da costa estaa hũa fortalesa delRey do Guzarate, ha que chamaom Banamajambu; deredor dela estaa hũu lugar de Mouros muy gracioso, de muytas ortas, honde estaom muytas mesquitas de Mouros, e casas doraçam de Gentios, ho qual estaa quasy no cabo do regno de Cambaya, que he muyto boõ porto de maar, e de asás trato, honde ha muytos cosarios de hũs nauios pequenos como atalayas, que uem ha ho maar, e achando qualquer nauio pequeno com que eles posaom, tomam-no, e robam-no, e has uezes lhe mataom ha gente.

» Fim do regno do Guzarate, e breuè relaçam
» das mercadorias que nele ha. »

» Aquy fas fim ho grande e riquo regno do Guzara-
» te, e Cambaya, em que ha muytos caualos que dele
» leuaom por mercadorias ha hos Reis da India, Arabya,
» Persya, e muytas coronias dalgododam pera velas, e
» outros panos dele branquos e grosos, de que uem muytas
» náos caregadas pera Arabia, Persya, India, Malaca, Ça-
» ma-

» matra, Melynde, Magadaxo, e Mombaça; e asy ha ou-
» tros panos pintados muytos e de muytas sortes, coto-
» nias de seda, alaquequas, oleo de gergelym, erua lom-
» brigueira, espiquenarde, tutia, tinqual, anfiam, anil fino
» de taboleta, e outro mais bayxo, e asy outras muytas
» dragoarias que nós nom conhecemos, e em Malaca e
» China saom muyto estimadas, e tem grande ualia, sili-
» cet, cachopucho, e muyto encenço que uem de Xaer,
» muyto triguo, e milho groso, e aros em grande abas-
» tança, gergelym, gráos, chicharos, feijões, e outros
» muytos aligumes, que em nosas partes nom ha, e tudo
» isto muyto barato, e pera todalas partes ho leuaom; ha
» tambem muyta prata e ouro amoedado, e por amoedar;
» has moedas que aquy corem, he hũa douro redonda,
» com letras mouriscas, e ual duzentos rs. pouquo mais
» ou menos, e outra de prata, que ual sesenta rs.; ha
» hy outro conto por honde fazem todas suas mercadorias
» que chamaom sedeo, e nom he mais que ho nome,
» que ual dezouto rs., e quatorze, e doze, segundo hos
» lugares, por que em hũus ual mais e em outros menos,
» e tambem corem neste regno amendoas por moeda bai-
» xa, asy como em outras partes hos buzios pequenos;
» tambem core aquy ha moeda delRey de Narsyngua que
» saom hos pardaos, e ualem trezentos rs. pouquo mais
» ou menos, e já atras dise sua feiçam: seus pesos dou-
» ro e prata, e pedraria, saom maticaes que dous e meio
» pesaom hũa onça; tem outros pesos maiores que cha-
» maom candil, que pesaom quatro quintaes pouco mais
» ou menos, segundo hos lugares, porque em hũus saom
» maiores, e outros mais pequenos que chamaom maõs
» que saom uinte no candil, ho qual como diguo pesa
» hũu bahar, que he quatro quintaes. »



Regno Daquem.

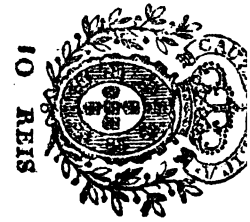
Saindo deste regno do Guzarate indo caminho da India, de longuo da costa estaa ho regno Daquem, ha que hos Indios chamaom Daquanil; ho Rey dele he mouro, mas muyta parte dos moradores saom gentios, he gram Senhor de muyta e muy grosa tera que se estende pelo certam, asy mesmo tem muytos portos de maar de groso trato, de muytas mercadorias, que se gastaom na tera fyrme, e has cidades e melhores lugares dele saom has seguintes.

Chaul.

Chaul.

E entrando asy neste regno Daquem, de longuo da costa estaa hũu grande e fermoso rio, dentro do qual estaa hũu lugar que chamaom Chaul, de casas cobertas de palha, que he de grande trato, honde sempre nos meses de dezembro, janeiro, feuereiro, e março, se achaom grande soma de náos, principalmente da tera do Malabar, e de outras muytas partes; has do Malabar trazem aquy muyta especiaria, arequa, quoquos, muyta dragoaria, açuquar de palma, cêra, esmeril, ho que tudo aquy uendem muyto bem, e se gasta no certam e no gram regno de Cambaya, donde aquy ho uem busquar hos nauios dele, trazendo em retorno muytos algodões, panos, e outras mercadorias, que ualem muyto no Malabar; hos zambuquos que dele uem has leuaom tambem em retorno do que asy trazem, e asy leuaom muyto triguo, grãos, aros, milho, e gergelym de que aquy ha muyto, e muytas peças de beatilhas, e beirames que neste regno de Daquem se fazem: trazem aquy tambem mercadorias do Malabar, muyto azougue, uermelham, e cobre que compraom nas feitorias delRey noso Sõr, e ho quintal de cobre uendem aquy de uinte cruzados pera cima, ho qual se gasta no certam, e no regno do Guzarate; do qual lauraom em moeda, e fazem caldeiras pera coserem ho aros, e tambem ho trazem aquy hos Portuguezes, afóra outro muyto que uem de Meca: deste porto de Dyo leuaom hos Mouros de Chaul cadano grande soma de peças de beatilhas pera touquas, com que trataom pera Arabia, e Persya, honde tem grande ualia, e asy tem muytos beirames finos, e toquas de Roma, has quaes tres peças de pano se fazem neste regno; dos beirames se seruem muyto hos naturaes da tera, e se uestem deles, trazendoos asy cruus; depois que hos trazem hos curaom, fazendoos muyto aluos, e gomandoos, e asy hos uendem pera muytas partes, e por isto se achaom has uezes muytos rotos, » tambem fazem » deles depois de trazidos, capas, ajuntando-os de dous em » dous e pintando-os com fórma de muy buas cores, e asy » hos trazem sobraçados por capas, porque esse he ho seu » trajo, com huma peça de beatilha na cabeça: estas » sortes de panos prendem eles por corjas, que antre eles » he hũu conto de uinte, como qua dizemos duzia, e ha

» cor-



» corja dos beirames ou beatilhas ual ha des pardaos, mais » ou menos, segundo ha bondade deles. » Neste tempo tempo que digo da nauegaçam, se acha aquy muyta gente junta, e he como feira, e acabado cada hũu uay fazer seus tratos, e auiar-se pera ha tornada do ano que uem; neste lugar estaa hũu Mouro gouernador de hũu Senhor, que he uasalo delRey Daquem, e que lhe daa conta de suas rendas, e lhas arecada; chama-se Xeque, he grande seruidor delRey noso Sõr, muyto amiguo dos Portuguezes, e quantos ha ho porto uem saom dele muy bem agasalhados; aquy estaa sempre hũu feitor, posto pelo capitam e feitor de Goa pera lhe lá mandar mantimentos, e outras cousas necesarias pera has nosas armadas: hos mercadores que aquy uem tratar no tempo que acima digo, hos que saom do certam uem por tera, e asentaom araial com tudo ho que trazem, em hũ lugar que estaa de Chaul contra ho certam hũa pequena legoa; trazem estes suas mercadorias em muy grandes recouas de bois mansos, com suas albardas, como castelhanas, e em cima hũas sacas compridas atrauesadas, sobre que caregaom suas mercadorias, e tras logo hũu *condutor* que leua uinte, trinta bois diante de sy.

Danda.

Pasando este lugar de Chaul, de longuo da costa, indo caminho da India, esstaa outro lugar tambem porto de maar e do senhorio Daquem, chamado Danda, honde entraom e saem muytas náos de Mouros, Guzarates, Malabares, como em Chaul.

Mandaba.

Leyxando este lugar de Danda, ha ho diante estaa hũu rio que chamaom Mandaba, honde estaa outro lugar de Mouros e Gentios do propio regno Daquem, tambem muyto bõo porto, honde entraom muytas náos de muytas partes, que aly uem comprar pano principalmente do Malabar, donde se trataom pera aquy muytos quoquos, e arequas, que se gastaom bem no certam e asy trazem algũa especiaria, cobre, e azougue que se uende muyto bem aquy ha hos mercadores do certam.

Da-

Dabul.

Indo mais ha ho diante pasando Mandaba pera ha India, ha ho longuo da costa estaa hũu muy fermoso rio, que na entrada tem hũu grande lugar de Mouros, e Gentios do regno Daquem, que chamaom Dabul, e na boqua do rio tem hũu baluarte com muyta artelharia pera sua defensam, tem bõo porto de maar, honde nauegaom muytas náos de Mouros de muytas partes, silicet, de Meca, Adem, e Ormus, que trazem aquy muytos caualos; e de Cambaya, Dio, e Malabar, que continuadamente aquy trataom toda ha sorte de mercadorias, com muytos e honrados mercadores, que na tera ha muy riquos, mouros e gentios: aquy se despede grande soma de cobre pera ho certam, e muyto azougue, uermelham: do certam uem pelo rio abaixo soma de panos que has náos caregaom; e asy muyto triguo, grãos, e chicharos, e outros muytos aligumes. Ha alfandega daquy rende muyto dinheiro, que se arecada pera elRey por pesoas que ele nela pera iso tem: he ho lugar fermoso e bem asentado; tem hũas casas cobertas de palha, e muy fermosas mesquitas pelo rio dentro, asy de hũa banda como da outra, honde ha muytos lugares graciosos; ha tera he muyto aproueitada, riqua, he grosa de muyta laurança, e criaçam de gados; aquy ueyo ter hũa armada delRey noso Sor, de que era capitam moor dom Francisco Dalmeida, que entam era Visorey na India, e desembarcando ha gente em tera, hos Mouros dela se poseraom em defensam, e pelejaraom muy rijamente com ela, honde morêraom muytos Mouros, e Gentios e tomaraom ho lugar por força, fazendo neles grande estrago, destruindo e queymando todo, e asy muytas náos que no rio estauaom surtas: ha gente que deste destroço escapou, tornou ha reformar ha cidade, que agora estaa pouoada, e tam prospera como dantes, e riqua, » fas » quanto mal póde ha hos nosos. »

Cinguiçar.

Pasando este rio de Dabul, indo ha ho longuo da costa caminho de Goa, estaa hũ rio que chamaom Cinguiçar, que tem dentro hum lugar, honde se trataom muytas mercadorias, e entraom muytas náos e zambuquos pequenos

do Malabar ha uender ho que trazem, e comprar outras da tera: he ho lugar pouoado de Mouros, e Gentios do mesmo regno Daquem.

Ho rio de Betele, e lugares.

Indo ha ho diante ha ho longuo da costa pera Goa, estaa outro rio, que chamaom de Betele, dentro do qual uaom hũus lugares pequenos, de muytas e muy graciosas ortas, honde se colhe muyta cantidade de betele, que caregaom em pequenos nauios, e ho leuaom ha uender ha muytas partes, ha ho qual betele nós chamamos folio Indio, que tem ha folha tamanha como tanchage, he quasy de sua feiçam, e nasce em hũa aruore como hera, e tambem sobe pelas outras aruores, outros ha deles enlatados; nom daom nenhũu fruyto, sòmente hũa folha muyto hamatica (1), que em todas has Indias costumaom muyto comer asy homeins como mulheres, asy de dia como de noute; pelas praças e caminhos de dia, e até de noute na cama, de maneira que nunqua leyxaom de comer, ha qual folha he mesturada com huma poma pequena, que chamaom arequa, e quando ha hamde comer, primeiro ha untaom com hũa cal molhada que he feita de marisqho de casqua de mexilhõins e ameijoas, e ajuntadas asy estas duas cousas com ho betele, ho comem, do qual nom leuaom pera baixo mais que ho sumo; fas ha boqua uermelha e hos dentes negros: dizem que he esta folha boa pera enxugar e conseruar ho estomago e miolo, fas deitar muyta uentosidade, mata muyto ha sede, e fas que nom bebem com ele: deste lugar pera diante caminho da India, ha muyta soma dele, e he hũa das principaes rendas que hos Reis Indios tem; hos Mouros, Arabios, e Persyos chamaom ha este betele, tambul. Pasando este rio de Betele indo pela costa adiante, estaom outros lugares pequenos que tambem saom porto de maar, e do regno Daquem, honde entraom zambuquos pequenos do Malabar ha caregar de muyito aros roim que neles ha, e outros aligumes ha hos quais ha hũ chamaom Arapatam, ha ho outro Muruary.

Bam-

(1) Talvez quereria dizer aromatica.

Bamda.

Indo destes lugares ha ho longuo da costa pera Goa, estaa hũu muyto boom lugar que chamaom Bamda, pouoado de Mouros e Gentios, em ho qual ha muytos mercadores que trataom na tera fyrme com hos Malabares; ha este porto trazem (e asy outras náos de muytas partes por ho porto ser muyto forte, e ter grande saca) da tera fyrme muytos mantimentos e mercadorias; caregaom aquy has náos do Malabar muyto aros, milho groso, e outros aligumes, do que haom muyto proueito; hos Malabares lhe trazem aquy quoquos, pimenta, e outra muyta especiaria e dragoarias, que aquy uendem muy bem; tambem uem aquy muytas náos Dadem, e Ormus. Pasando este lugar, antre ele e Goa, estaa outro rio que chamaom Bardes, em que estaom muytos lugares que nom tem nenhũ trato.

Goa.

Adiante ha ho longuo da costa, estaa hũu muy fermoso rio, que lança dous braços ha ho maar, entre hos quaes se fas hũa ilha, em que estaa ha cidade de Goa, que foy de Daquem, e era hũu senhorio sobre sy, com outras teras deredor dela pelo certam, honde ha hũ gram Sôr, uasalo do dito Rey, que chamaom Sabayo, que por ser muyto bom caualeiro, manso, e esforçado na guera lhe foy dado este senhorio de Goa, pera daly fazer guera ha el-Rey de Narsyngua, como sempre fes até morte, polà qual fiquou esta cidade ha ho Cabaym Hydalcam seu filho: he abitada de muytos Mouros honrados, muytos deles estrangeiros de muytas partidas; eraom homeins branquos, antre hos quaes, além de muy riquos mercadores que hy auia, eraom outros lauradores: ha tera por ser muyto boom porto, era de grande trato, honde uinhaom muytas náos de Meca, e da cidade Dadem, Dormus, de Cambaya, e do Malabar: ho Hydalcam tinha nela hũu capitam com muyta gente darmas que ha guardauaom, e ninguem nom entraua na ilha senam por grande regimento, e recado; tinha tambem alcaides, escripuães, e guardas, e resistauaom todo ho homem que entraua, escreuendo lhe quem e donde era, e quantos sinaes tinha, e asy leyxauaom entrar e sair; he ha cidade muy grande, de boas casas, bem

cerquada de fortes muros, tores, e cubelos, ha ho redor dela muytas ortas e pomares, com muy fermosas aruores, e tanques de boa agoa, com mesquitas e casas doraçam de Gentios, ha tera he toda aredor muyto aproueitada; tinha ho Hydalcam aquy grande renda asy de tera como de maar, ho qual sabendo ho desbarate que ho Visorey dom Francisco Dalmeida fizera defronte de Dio nos Rumes, como atras em seu lugar tenho dito, mandou chamar todolos que deles escapáraom, hos quaes leyxando Mirocem seu capitam no regno de Guzarate, se uieraom ha Goa; ho Hydalcam hos recebeo muyto bem, determinando de lhe dar toda ajuda, e socoro que ouuesem mister, e de hos tornar ha reformar com ajuda de outros Reis mouros, e mercadores, pera fazerem guera has nosas gentes; de maneira que tendo junto muyto dinheiro, começaraom ha fazer em ha ribeira de Goa fermosas gales e bergantins, tudo ha nosa maneira e feiçam, asy muyta artelharia de fero e cobre, e toda ha outra muniçam de guera necesaria pera ho maar; dando ha todo tamanha presa, que em muy pouquo tempo tinhaom grande parte da frota feita, e muy grandes almazens cheos de todo ho necesario em grande perfeiçam; e com iso estauaom já tam confiados, que sahiaom ha ho maar em atalaias e fustas ha hos zambuquos que por hy pasauaom, que leuauaom seguros de capitães delRey noso Sõr, e Dafonso Dalbuquerque, que entam era capitam moor do maar na India, e hos tomauaom: indo isto em muyto crecimento, foy diso auisado ho dito Afonso Dalbuquerque, e determinou de hos uer, e tirar de sua determinaçam; e ajuntando muy bem suas náos, carauelas, e galiães, entrou dentro no rio, e combatendo ha dita cidade ha tomou per força darmas, no que se pasáraom muytas e notaueis cousas, que aquy nom digo por abreuiar, » porque não he minha tençam de fazer caronica, » mas hũu breue sumario do que mais na uerdade pude » alcançar dos notaueis lugares da India, » mas tornando ha ho preposito, neste recontro morreo muyta gente dos da cidade, e sua ualia, e has náos que se faziaom prestes foraom delas tomadas, outras muytas queimadas; logo meteo ha cidade debaixo do mando e senhorio delRey noso Sõr como agora estaa, fortalecendo-a de muy boas fortalezas, e estaa pouoada agora de muytos Portuguezes, Mouros, e Gentios: has fruytas da tera e mantimentos, rendem cadano de direitos ha elRey noso Sõr, afóra ho porto de maar,

uin-

uinte mil cruzados. Neste porto de Goa ha grande trato de muytas mercadorias de todo ho Malabar, Chaul, e Dabul, do grande regno de Cambaya, que se gastaom pera ha tera fyrme: do regno Dormus vem aquy cadano muytas náos caregadas de caualos, hos quaes vem aquy comprar muytos mercadores do grande regno de Narsyngua, e Daquem, e compraom cada hũu ha duzentos e trezentos cruzados, e segundo he; e uãos ha uender ha hos Reis e Senhores das suas teras, e todos hũus e outros ganhaom niso muyto, e asy elRey noso Sõr, que de cada caualo ha quarenta cruzados de direitos. *Neste Reino de Decam ha muytas cidades grandes, e muytos lugares e aldeas pela tera dentro, habitadas de Mouros e Gentios: he pais muyto fructifero, e abundante de uiueres, e de grande trafico*, hos mercadores Dormus caregaom aquy suas náos de muyto aros, açuquar, fero, pimenta, gengibre, e outras muytas especiarias, dragoarias que pera laa leuaom: em todos estes tratos elRey noso Sõr hos manda tratar mais brandamente do que hos Reis mouros ho faziaom. Ho Rey desta tera, e de todo ho regno Daquem se chama Soltam Mahamude, he mouro, estaa sempre em hũa cidade, que se chama Bider, honde estaa muyto uiçoso, leuando muyto boa uida; nom manda no regno, nem fas cousa alguma acerqua de seu gouerno, entregando-o todo pera ho gouernarem ha certos Senhores mouros, ha cada hũ dos quaes reparte certas uilas, e cidades, e cada hũu gouerna has que lhe saom por elRey encaregadas: se algum destes se aleuanta contra ele, hos outros todos se ajuntaom contra este rebelde, e ho tornaom ha obediencia delRey, ou ho destroem. Estes gouernadores muytas uezes tem guera hũs com hos outros, trazem muyta gente de caualo, saom muy bõs archeiros darcos turquescos, saom homeins branquos muy bem apesoados, uestem panos delguados dalgodam com suas touquas nas cabeças, saom homeins de diuersas partidas, e paga-lhe muy bõo soldo, falaom Arabio, Persyo, e Daquanim que he ha lingoa natural da propia tera: hos Senhores mouros costumaom muyto trazerem tendas com que asentaom araial nos campos, quando andaom caminho, ou quando uaom combater algũu lugar; caualgaom ha bastarda, seruem-se de zojates, pelejaom atados na sela, com hũs piques compridos e muyto leues, de feros de hũa braça, quadrados e muy fortes; trazem laudees embastados dalgodam, e muytos

tos deles saias de malhas; hos caualos muy bem acobertados, com suas testeiras daço; trazem maças e machadinhas, e cada hũu duas espadas, e sua adaga, dous ou tres arquos turquesquos pendurados da sela, com grandes frechas, de maneira que cada hũu tras armas pera dous homeins, quando uaom pelejar trazem comsiguo suas mulheres, seruem-se de bois de carga em que leuaom seu fato andando caminho: muytas uezes tem guera com el-Rey de Narsyngua, ha quem tem tomados muytos lugares, e ele hos uay tornando ha cobrar, e muyto pouquas uezes tem pis, e muyto menos ha tinhaom em uida do Sabayo. Hos Gentios deste regno Daquem saom homeins pretos, e bóos de suas pesoas, hos mais deles pelejaom apee, algũs deles acaualo, mas saom pouquos, hos piães trazem espadas e adargas, arquos, e frechas; saom muy bóos archeiros, seus arquos saom compridos ha maneira dos Dingalatera; andaom nuus da cinta pera cima, e pera baixo cobrem-se; nas cabeças trazem hũas touquinhas; comem toda ha uianda tirando carne de uaqua, que lho defende sua idolatria, ha qual eles guardaom muyto, mandaom quando morem queimar seus corpos, e suas mulheres se queimaom uiuas, como ha ho diante falarei tratando do regno de Narsyngua.

Cintacora.

Saindo desta cidade ha ho longuo da costa, caminho do Malabar estaa hũu rio que chamaom Ligua, que he ha diuisam do regno Daquem, com ho de Narsyngua, e na boqua do rio em cima de hũu monte estaa hũa fortaleza ha que chamaom Cintacora, que hy tem ho Sabayo pera defensam de sua tera, em que tem continuadamente muyta gente de pee e de caualo; e aquy se acaba ho regno Daquem da banda do norte, que he ha ho longuo da costa até Chaul, e teraa desta fortaleza pela costa nouenta legoas.

Regno de Narsyngua na Prouincia de Tolinate.

Pasando este Cintaçora, logo ha tera dalem he do grande regno de Narsyngua, que he tamanho que tem sinco Prouincias muy grandes, e cada huma lyngoa sobre sy; ha primeira he ha ho longuo da costa até ho Malabar, que chamaom Tolinate; outra dentro no certam, que chamaom Dan-

Danseam Rayen; outra que parte com ho propio regno de Narsyngua, que chamaom Telingu; e ha propia cidade de Bisnaga que chamaom Tanarim; e ho regno de Charamandel, cuja lyngoa he Tamul: he este regno muy grande, riquo, e abastado de mantimentos, e muy grosa tera, de muytas criações, e de grandes uilas e lugares, e cidades, Nesta prouincia de Tolinate estaom algũs rios, e lugares de porto de maar, em que ha grande nauegaçam, e se trataom muytas mercadorias, dos quaes começarei aquy ha tratar, e dalgũs deles que se seguem.

Mergeu.

Primeiramente estaa no principio desta Prouincia de Tolinate, hũu rio muy grande que chamaom Mergeu, honde se colhe muyta soma daros preto muyto roim, que Malabares uem comprar pera gente meuda, e ho leuaom em pequenos zambuquos; trazendo em retorno quoquos, azeite deles, e muyta jagara, que tudo se gasta muyto bem na tera.

Honor.

Adiante pasando Mergeu ha ho longuo da costa; estaa outro rio em que estaa hũu bõo lugar que chamaom Honor; hos moradores dele saom da propia lyngoa da tera, hos Malabares lhe chamaom Poncuaram; aquy trataom muyto hos Malabares, e leuaom dele muyto aros preto, como do que ha em Mergeu, trazem em retorno quoquos e azeite deles, jagara, e uinho de palma » de tudo em » muy grande soma, e cadano uem ha este trato infinitos » zambuquos asy grandes como pequenos, porque no Ma» labar se gasta muyto aros, por ser ho seu principal man» timento. Neste lugar Donor, auia dous cosairos gentios » fauorecidos do Senhor da tera, hũu chamaom Timoja, » outro Raogy, cada hũu tinha sinco e seis naos muyto » grandes, com muyta e bem armada gente, e sahindo » ha ho maar tomauaom quantas naos achauaom por ele » (nom sendo de Malabar), e has roubauaom de quanto » leuauaom, leyxando ha gente uiua; do roubo partiaom » com ho Senhor da tera por lho consentir, e disto ui» uiaom, estando muy riquos e areigados na tera: eraem » naturaes do regno Daquem, donde se uieraom ha este lu» gar, por nom estarem sogeitos antre hos Mouros, hos » quaes

10 REIS

» quaes se desfizeraom, e nom ouzaraom mais andar da-
» quela maneira depois que has armadas delRey noso Sõr
» nauegaraom pelas partes da India.

Baticala.

Indo mais ha ho diante ha ho longuo da costa, pasando ho rio Donor, estaa outro rio nom muyto grande, que tem hũu bõo lugar que chamaom Baticala, de muy grande trato de muytas mercadorias, he pouoado de Mouros e Gentios, que todos saom muy grandes mercadores; ha este porto uem cadano muytas náos Dormus, caregar de muyto aros branquo, açuquar em poo, que ha tera daa em muyta abastança, e nom ho sabem fazer em pães, antes asy em poo ho enfardelaom em hũs fardos pequenos; ha aroba do qual ual ha duzentos e corenta rs. pouquo mais ou menos; e asy caregaom muyto fero, de maneira que estas tres sortes de mercadorias saom ha principal caregaçam que aquy tomaom, e depois alguma pimenta, especiaria, que hos Malabares aquy trazem da India: ha neste lugar muytos e bõs miramulanos, e fazem algũs deles em conserua, pera uenderem ha hos Mouros Darabia e Persya, que hos compraom muyto bem. Estas náos Dormus, que como diguo uem aquy cadano, trazem muytos caualos, e muytas perolas, que aquy uendem pera ho regno de Narsyngua; agora per caso da nosa gente, hos leuaom ha Goa com outras mais mercadorias. Aquy uem tambem ha este porto caregar despeciaria algũas náos de Mouros de Meca, auenturando-se, sem embargo de ser defeso pelas ordenações e regimento de nosas gentes; hos zambuquos do Malabar uem caregar aquy cadano de fero e açuquar, trazendo muyto açuquar de palma, quoquos, e azeite deles, e uinho de palmeiras, muyta pimenta, e algũa outra dragoaria, que leuaom escondida muy secretamente, e outra com licença dos capitães das fortalezas nosas: he este lugar muy riquo, rende grande soma de dinheiro ha elRey, e ha ho gouernador que ele nele tem posto que chamaom Damachate, que he hũu Mouro muy riquo de grande dinheiro, e grande pedraria e muy fermosa; elRey de Narsyngua ho tem dado ha hũu seu sobrinho, com outros muytos ha ho redor dele, que he gram Senhor e tras muy grande casa, chama-se Reimas, obedece em tudo ha ho de Narsyngua seu tio, e na tera obe-

obedecem tanto ha ho gouernador como ha ele: usam-se aquy muytos desafios, e por qualquer cousa hos aceitaom, e elRey lhes daa pera iso licença, e nomeaom hos desafiados ho dia em que ha de ser, e has armas que hamde leuar hamde ser por medida, tam comprida de hũu como do outro: elRey lhes daa padrinhos e campo, e dado eles uaom nuus, somente cobertos da cinta pera baixo com hũs panos muyto encachados, com muy alegre rosto; e fazendo primeiro sua oraçam se começaom ha ferir, e como uaom nuus em pouquos golpes se acabaom em presença delRey e de toda ha corte, e ninguem lhes pode falar ha ho tempo de ferir, senam hos padrinhos que cada hũu estaa ha par do seu, e he isto tam acostumado antre eles, que cada dia se mataom. Aquy se soyaom pagar pareas ha elRey noso Sõr, de pouquo tempo pera qua nom pagaom, antes nos fazem ho dano que podem; estaa este lugar asentado em huma tera chãa, bem pouoado e aruado, mas nom he cerquado; tem de redor muyto boas ortas, e graciosos pomares, e boas agoas: corem nele hos pardaos, que he ha moeda douro do regno, e ualem aquy ha trezentos e uinte rs, e ha outra moeda de prata que chamaom dama, que ual uinte rs: seus pesos grandes saom bahares que pesa cada hũu quatro quintaes, como já dise: alem das mercadorias que acima digo que se aquy trataom, se guasta tambem muyto cobre que daquy leuaom pera ho certam, pera moedas, e caldeiras, e outros uasos de que ha gente da tera se serue; uende-se aquy tambem muyto azougue, uermelham, coral, pedra hume, marfim que aquy ual muyto.

Majandur.

Mais ha ho diante ha ho longuo da costa, caminho do Malabar, estaa outro rio pequeno em que estaa hũu bõo lugar chamado Majandur, e he do senhorio de Baticala, onde se colhe grande cantidade de muyto bõo aros, daquy uai casi todo ho que se carega em Baticala: de redor deste lugar ho semeaom em uales e uarzeas alagadiças, porque em agoa se semea, e nela se colhe; lauraom ha tera com bois e bufaros ha nosa maneira de dous em dous, e ho fero do arado tem hum uam em que leua ho aros quando ha tera estaa alagada, e indo ho fero laurando, uai ho aros ficando debaixo dagoa e tera; na que

estaa enxuta ho semeaom ha mam, e cadano daa esta tera duas nouidades; ho primeiro he giracal, e he melhor, ho segundo he chamado acal, ha ho outro chamaom quauagas, ho outro pachary, e cada hũu tem muyto diferente preço.

Bacanor e Bracalor.

Hindo mais ha ho diante, pasando Majandur, ha ho longuo da costa estaom dous rios pequenos, em que estaom dous lugares; ha hum chamaom Bacanor, e ha outro Bracalor, que saom do regno de Narsyngua nesta prouincia de Tolinate, ha neles muyto bom aros, que se cria de redor deles, e se caregaom dele muytas náos de fóra e muytas do Malabar, e leuam no depois de debulhado e limpo, metido em fardos da propia palha dele, todos saom de huma medida, ara cada hũu quatro alqueires e meio, e uale cada hũu cento e sincoenta, e duzentos rs. segundo ha calidade do aros; muyta soma dele se leua tambem daquy pera Ormuz, Adem, Xaer, Cananor, Calecut, ha troquo de cobre, e quoquos, azeite deles, e jagara, mas no Malabar se gasta mais dele que em nenhũa parte, por hos Malabares nom terem outro mantimento, e posto que ha tera he pequena, he tam pouoada e chea de gente, que bem podiamos dizer todo hũa cidade, do monte Dely até Coulam.

Mangalor.

Passados os dous lugares sobreditos, acha-se hum rio grande e muito formoso que desagoa no mar, e junto á costa para o meio dia está hum lugar muito grande, povoado de Mouros e Gentios do dito reino de Narsynga, o qual tem por nome Mangalor, e nelle se carregão muitos navios de arros preto que he melhor e mais sadio que não o branco, para vender no paiz do Malabar á gente baixa, que o tem por preço mais cómmodo; carrega-se igualmente o dito arros em muitos navios de Mouros para Adem; e em as terras daqui por diante principia a produzir se alguma pimenta porém pouca, mas melhor do que a outra, isto he, do que aquella que aqui trazem os Malabares em pequenas barcas. Este rio he muito ameno, e bello, cheio de bosques de palmeiras, de cocos, e muito habitado por Gentios, e Mouros, com edificios sumptuosos e muitas casas de oração de Gentios muito grandes, e ricas; tem tambem muitas mesquitas em honra do seu Mafoma.

Cum-

Cumbola.

Ha longuo da costa, caminho do Malabar, estaa outro lugar deste propio regno e prouincia, que chamaom Cumbola; colhe-se nele muyta cantidade daros preto muyto roim, que hos Malabares vem comprar, e carregar em zambuquos, pera uender ha gente meuda que ho compraom bem, e eles ganhaom nele muyto por ser muyto barato, e se ganha nele mais que no bóo: tambem leuaom soma dele pera has ilhas de Maldiua, que estaom ha traues do Malabar, por hos moradores delas serem Mouros proues, e folgarem mais com ele preto por ser de mais baixa ualia, que com ho branquo; damlho ha trouquo de cairo, que he hũu fio pera fazer calabres e cordoalha, que se fas de casquas de quouquos, e aquy se fas muyto, e he muy certa mercadoria pera todalas partes: este lugar de Cumbola tem hũu senhor que ho manda e gouerna, posto por elRey de Narsyngua, e estaa fronteiro com ho regno de Cananor, e aquy se acaba ho regno de Narsyngua pela costa da prouincia de Tolinate.

Do propio regno de Narsyngua, e sua grandeza.

Indo mais ha ho longuo da costa, entrando pera ho certam, ha quinze ou uinte legoas do maar, estaa hũa tera muy alta e fraguosa de subir que uai dés ho começo do regno de Narsyngua até ho cabo de Comorim, que he além da tera do Malabar, e aquy pola tera de Tolinate ficaom muytas teras baixas antre ha sera e ho maar, e dizem hos Mouros daquy que antiguamente ho maar chegaua ha esta sera, e este baixo era todo coberto dele; e que depois foi por tempo corendo, e descobrio esta tera em que eles uiuem, e ainda agora ha ho longuo da sera pareçem muytos sinaes de marisquo e doutras cousas de maar, como se ele em algum tempo aly chegase: desta sera por diante, pera tras he ha tera muyto cháa e igual, e destoutra banda he tam aspera ha subida, que parece ir-se ha ho Ceo, e tam fraguosa que nom podem has gentes pasar senam por algũs lugares e portos, e por esta razam estaom hos Reis do Malabar tam isentos que, se nom fora ho empedimento desta sera, elRey de Narsyngua hos tiuera já tomados, porque ha tera do Malabar fiqua desta sera pera

ho maar, e por iso nom podem pasar ha ele; cria-se nela muyta madeira, e muytas alymarias monteses, silicet, porquos, ueados, onças, leopardos, tigres, e usos; ha tambem hũas alymarias cinzentas que parecem camelos, tam ligeiras que ninguem has pode matar; há outrosy hũas cobras que uoaom, e tam peçonhentas que ho bafo e uista delas mata ha quemquer que ha elas chegua, e estas andaom pousando por aruores, e por honde querem; e ha tambem muytos alifantes brauos: acha-se tambem aquy muyta pedraria, jagonças, amatistas, e hũas çafiras moles que se achaom antre ribeiras, e rios que por esta sera corem, que he muy pouoada de rios. Tem este regno de Narsyngua muy grandes cidades, uilas, e lugares, e fortalezas; he ha tera de muy grandes lauouras daros, grãos, feijões, e outros aligumes, ha tambem grande criaçam de cabras, uaquas, e ouelhas; e ha tambem muytas faquas pequenas, que andaom muyto, e asnos, e bois, dos quaes todos se seruem de caregua, e pera fazerem suas lauouras: todos estes lugares, e pouoaçoes saom de Gentios antre quem uiuem algũs Mouros; aquy ha muytos lugares de Senhores que hos tem por elRey de Narsyngua, ho qual nos seus tem postos gouernadores, e arecadadores seus, e de seus direitos.

Ha grande cidade de Bisnagua.

Ha corenta legoas desta tera pera dentro, contra ho certam, estaa hũa muy grande cidade, que chamaom Bisnagua, pouoada de muyta infinda gente, cerquada de muy bóos muros, e de hũu rio, da outra banda de hũa grande sera; estaa asentada em hũa tera muy chãa, e nela estaa sempre ho Rey de Narsyngua, que he gentio e chamase Rayen; aquy tem hũs grandes e fermosos paços em que sempre se apousenta, de muytos pateos e grandes casas muy bem lauradas, dentro grandes tereiros, muytos tanques daguoa em que se criaom muytos peixes, tem jardins de muytas aruores, e cheirosas eruas; pela cidade ha tambem algũs paços asy ha maneira destes, em que uiuem grandes Senhores, e gouernadores da cidadade; has outras casas da pouoaçam saom cubertas de palha, mas nem por iso leyxaom de serem muyto bem concertadas, e aruadas de muy compridas ruas, e de grandes praças, e continuadamente he aquy ha gente tanta que nom

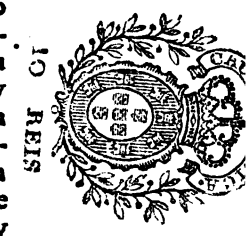
ca-

cabe pelas ruas e praças: ha grande trato de muytos infinitos mercadores e grosos, asy dos estantes e que uiuem na cidade e saom dela naturaes, como dos que ha iso uem de fora, e dalhes elRey tanta liberdade, que todos podem entrar, e sair, e uiuer em sua lei, sem lhe ser feito nenhũu nojo, sem lhe tomarem conta se he Xpam, se Judeu, se Mouro, e Gentio: aquy lhes he ha todos guardada muyta uerdade e justiça, asy hũus ha hos outros, como pelos gouernadores: ha aquy hũa mina de diamantes, como ha do regno Daquem, de que se tiraom muytos e bõos; de Peguu, e Ceilam lhe trazem aquy ha uender toda outra pedraria, e Dormus lhe trazem muyto aljofar, e perolas, e core esta pedraria mais aquy que em outra nenhũa parte, porque antre eles he muy estimada; tambem se guasta nesta cidade soma de broquados baixos que laa uaom uender da China, com metal laurado e por laurar, muyto cobre, azougue, uermelham, açafram, agoas rosadas, soma danfiam, sandalo, lenho aloes, canfor, almisquar (de que se aquy guasta cadano muyta cantidade, porque se costumaom eles untarem se com ele) e outros materiaes cheirosos; tambem se guasta nesta cidade e por todalas outras partes do regno muyta pimenta, que uem aquy ter do Malabar em bois e em asnos; tudo isto se compra e uende por pardaos, (*a*) que neste regno se fazem em algũus lugares dele, principalmente em hũa cidade que chamaom Hora, donde eles lhe chamaom horãos, cuja ualia e feiçam em muytos lugares atras fiqua declarada, saom hos daqui muyto uerdadeiros e nunqua nenhũ se achou falso, nem se acha, e dos outros muytos: muy poucas uezes sahe elRey fóra desta cidade, uiue nela muy uiçosamente sem nenhũu trabalho; porque descaregua toda ha gouernança do regno sobre seus gouernadores; hos propios naturaes da tera saom gentios como ele, saom homeins baços quasi branquos, de cabelos compridos, coredios, e preros; saom homeins de boas estaturas quasy das nosas phyloçomias, suas mulheres andaom muy bem atauiadas, hos homeins andaom uestidos de hũs panos da cinta pera baixo, com muytas udl-

(*a*) Estes pardaos, *diz a Traducção*, valem trezentos maravedis; e o ouro he baixo, e a fórma da moeda redonda; algumas tem de hum lado letras Indianas, e do outro duas figuras huma de homem outra de mulher, outras finalmente não tem senão letras de hum lado.

uoltas muy bem apertados, trazem hũas camisas curtas de pano branquo dalgodam ou seda, ou brocadilho que lhe daom pelo meio das coxas, e abertas por diante com hũas touquinhas na cabeça, e deles com hũs baretes de seda ou brocado, com suas abarquas nos peis; trazem outros panos grandes sobrigados ha maneira de capas, trazem pajens detras com suas espadas nas mãos: hos materiaes com que sempre andaom untados saom sandalo branquo, aloes, canfor, almisquar, e açafram, tudo muido e delido em agoa rosada, e untam-se com eles depois de banhados, e asy andaom sempre muyto cheirosos; trazem muytos aneis de riqua pedraria, e muytas joias nas orelhas de finas perolas: além do paje que digo que trazem com hũa espada, trazem outro com hum sombreiro de pee que lhe fas sombra, e lhe tolhe ha chuua, e destes saom algũs de panos de seda muy bem laurados, de muytos pendentes douro, com muyta pedraria e aljofar; saom feitos de tal maneira que se abrem e cerraom, muytos deles fazem de custo trezentos e quatrocentos cruzados; has mulheres trazem hũs panos branquos dalgodam muyto delguado, ou de seda de boas cores, e de sinco uaras em comprido, e parte dele cinge da cinta pera baixo, e ha outra uolta lançam-na por cima de hũu ombro, e pelos peitos; de maneira que hũ braço e ombro lhe fiqua de fora, ha maneira de reguacho, calçaom abarquas de couro lauradas muyto bem de sedas, trazem has cabeças descobertas, e hos cabelos apertados, e feitos deles hũa fermosa trunfa, que lhes fiqua em cima da cabeça, e por elas metidas muytas e cheirosas flores: trazem em hũa das uentãas dos narizes hũu pequeno buraquo, e por ele metido hũ fio douro, com hũ pendente de hũa perola, çafira, ou ruby; tambem trazem has orelhas furadas com orelheiras douro nelas com muyta pedraria, ha ho pescoço hũs colarinhos douro e pedraria, justos nos braços muytos braceletes douro e pedraria, e muy boas contas de coral, asy que pela mayor parte he gente muy riqua: ensinaom has mulheres de meninas ha cantar, tanger, bailar, e uoltear, e fazer muytas ligeirezas, saom muy fermosas mulheres, e de grande presunçam: ho Rey e gentes da tera casaom quasi ha nossa maneira, e tem lei de casamento, porém casaom com muytas mulheres, principalmente hos grandes que has podem manter; tem elRey nos paços aquy consigo muytas mulheres recebidas, filhas de grandes Senhos,

nhores do regno, e além destas tem outras como mancebas, e outras como seruidoras, pera ho que saem escolhidas pelo regno has mais fermosas, e sãas, que limpamente ho posaom seruir, porque todo seu seruiço he de mulheres, e elas ho seruem em tudo das portas pera dentro, e elas tem todos hos oficios de sua casa, e todas se recolhem dentro nos paços, honde saom abastadas de quantas cousas haom mister, e tem muyto bõos apousentamentos; estas tangem, e cantaom, e fazem mil prazeres com iso ha elRey, banham-se todas cada dia em muytos tanques que ele como atras dise pera iso tem, elRey has uai uer ha ho banhar, e ha que lhe melhor parece manda leuar pera sua camara: ho primeiro filho que ha, quer seja de hũa quer de outra, erda ho regno: ha tamanha inueja e competimento antre estas mulheres, sobre ha priuança delRey, que se mataom hũas has outras, e outras ha sy mesmas com peçonha; tem ho dito Rey hũa casa como rolaçam, em que certos dias estaa com seus gouernadores e oficiaes entendendo nos despachos e gouernança do regno, castigua muy asperamente quem ho merece, e ha hos bõos has muytas honras e mercês. Achando algũu grande Senhor ou seu parente culpado em algũu delicto, mandao chamar, e como eles todos trazem muy grandes estados, uem em riquos andores que lhe trazem seus uasalos, com muytos caualos ha destro, e com muyta gente de caualo, e decido ha porta do paço, uaom dizer dele ha elRey, que ho manda entrar, e nom lhe dando de seu ero justa desculpa, castiga-o de palaura muy bem segundo merece, e além diso lhe tira ha metade da renda que tem, e nem por iso ho leyxa de mandar tam honradamente como ueio pera sua pousada, e asy estaom sempre ha porta do paço muytos andores e gente de caualo: este Rey de Narsyngua tem continuadamente mais de nouecentos alifantes, que compra ha mil e quinhentos cruzados, e ha dous mil cada hũu, que saom muy grandes e fermosos, hos quaes ele continuadamente tras comsigo asy por estado como pera guera, e asy de uinte mil caualos pera cima, que cada hũu lhe custa de quatrocentos até seiscentos cruzados, e algũs que saom escolhidos pera ha sua pesoa compra ha nouecentos e ha mil cruzados; estes caualos se repartem por grandes Senhores, ha quem hos elRey daa pera hos terem de sua mam, e ha todo ho tempo lhe darem conta deles, e



asy

asy hos daa ha outros fidalgos; ha hos caualeiros manda daar ha cada hũu hũu caualo pera sua pesoa, e hũu moço, e escraua pera ho servirem, e quatro e sinco pardaos cada mes segundo he, e mais mantimento cada dia pera ho caualo e moço, ho qual uaom buscar ha hũas cuzinhas grandes, honde elRey manda daar de comer ha hos alifantes e caualos, has quaes saom em muytas e muy grandes casas, honde ha muytas somas de grandes caldeiras de cobre, e ha nelas muytos oficiaes que mandaom fazer de comer, e muytos mais que ho fazem, que he aros cozido com muytos grãos, e outros aligumes, e cada hũ como digo manda aly pela reçam ha ho seu caualo, ou alifante: se algũu caualo, ou alifante destes uee que medraom bem, na mam daquele ha que foy entregue, tomam-lhe aquele e dam-lhe outro pior, e asy cada hũu por ter bõo caualo ou alifante, pensaos muyto bem, e outro tanto como isto fazem hos grandes Senhores ha seus uasalos: hos caualos nom se daom nesta tera bem, antes uiuem nela muyto pouquo tempo, e estes que aquy ha uem do regno Dormus e Cambaya, e pela muyta necesidade que deles tem ualem aquy muyto; tem antre caualeiros e piães este Rey de Narsyngua mais de cem mil homeins de guera ha que continuadamente pagua soldo, e sinco ou seis mil mulheres ha que tambem ho pagua pera andarem em sua corte; e honde quer que ha gueras reparteas segundo ha gente que laa manda, e dis que se nom pode fazer guera honde nom ouuer mulheres, has quaes todas saom solteiras, e muy grandes musyquas, bailadoras, e uolteadoras, ho que fazem muy dezenuoltamente. Hos oficiaes da guera quando pera ela asentaom algum homem, despem-no nuu, e olham-lhe quam comprido he, e como ha nome, e ha tera honde nasceo, e ho nome de seu pay e may, e desta maneira fiqua asentado sem nunqua mais lhe quererem daar licença pera se ir ha sua tera, e se acontece irse sem licença, e depois ho tomaom he muyto maltratado; *e entre estes homens de armas ha muitos cavalleiros que vem assoldadados de differentes Reinos, os quaes nem por iso deixão de viver na sua Ley.* Neste regno de Narsyngua ha tres leis de gentios, que cada hũa delas tem muyta diferença de lei sobre sy, e outrosy hos costumes deles saom muy desuiados hũus dos outros, principalmente hos dos Reis, grandes Senhores, e caualeiros, e homeins darmas, que podem casar como

já

já dise com quantas mulheres quizerem e poderem manter, seus filhos erdaom suas fazendas; has mulheres saom obrigadas por muy antigo costume, quando hos maridos morem queimarem-se uiuas com hos seus corpos deles que tambem se queimaom, e isto por lhe fazerem honra, e se ha tal mulher he baixa e proue, quando ho marido more, uay com ele ha ho campo honde ho queimaom, que he em hũa coua que fazem muyto grande, em que arde soma de lenha, e depois de ho corpo morto do marido ser deitado dentro, e começando de se queimar, por sua propia uontade se lança no meio da dita fogueira, honde ambos hos corpos se fazem em cinza; porém se ela he mulher honrada, riqua, e aparentada, quer seja moça quer uelha, quando ho marido more, uay com ho dito corpo do marido ha ho dito campo honde se ha de queimar, pranteando o, honde fazem hũa muy grande coua redonda e muy largua, que enchem de lenha com muyto sandalo, e depois de ha acenderem, metem ho corpo morto do homem dentro no foguo, e aly se queima, e ela ho chora muyto; entam querendo fazer honra ha seu marido, tem chamados todos seus parentes dele e dela, pera que em tal auto ha uenhaom festejar e honrar, hos quaes se ajuntaom todos no dito campo pera este prazo, honde ela despende com eles, e com seus parentes, e amiguos tudo ho que tem, em muytas festas de tanger, e cantar, e bailar, e em muytos banquetes; entam se ueste ela muy riquamente com quantas joias tem, e ha mais fazenda que lhe fiqua reparte com seus filhos, parentes, e amiguos; e asy araiada sobe em cima de hũu caualo, que será ruço pombo se for posiuel; pera que melhor seja uista de todo ho pouo, e em cima dele ha leuaom per toda ha cidade com muyta festa, até tornarem ha ho propio lugar honde ho marido se queimou, e na propia coua lhe lançaom muyta cantidade de lenha, e fazem grande fogueira na borda da coua; aredado hũu pouco fazem hũu cadafalso de madeira de quatro ou sinco degraos, honde ha sobem asy da maneira que estaa, e tanto que he em cima daa por elle tres voltas, adorando contra ho nascimento do Sol, e acabado isto chama hos filhos, parentes, e amiguos, e ha cada hum daa sua joia que comsiguo tem muytas, e asy todalas outras peças e uestido, até lhe nom ficar mais que hũ pequeno pano com que se cobre da cinta pera baixo, e tudo isto fas e dis tam se-

segura e com tam bôo rosto, como se nom ouuese de morer, entam dis ha hos homeins asy de cima do cadafalso, que olhem quanto deuem ha suas mulheres, que estando em suas liberdades se queimaom uiuas por amor deles, e has mulheres dis que uejaom quanto deuem ha seus maridos, que daquela maneira hos ham dacompanhar até morte; e como isto acaba de dizer, metem-lhe na mam hũu cantaro cheio dazeite, e ela ho poem na cabeça, e dando com ele outras tres uoltas no cadafalso, torna ha adorar contra ho nascimento do Sol, lançando loguo ho cantaro dazeite na fogueira, apos ho qual se lança de tam boa uontade, como se se lançase em hũu pouquo dalgodam honde nom houuese de receber damno; hos parentes lhe acodem loguo, e deitaom no foguo muytos cantaros dazeite, e manteiga, que pera iso tem prestes, e apos eles muyta lenha, e com iso se aleuanta tamanha lauareda que nom uem mais, ha cinza que destas ceremonias fiqua, se lança em rios corentes; ho que eles usaom geralmente sem nenhũu pejo, por cousa muy acostumada; e has que ho nom fazem temno por muy grande deshonra, e seus parentes lhe rapaom has cabeças, e has deitaom fora por muy enuergonhadas e coridas de sua linhagem, e ha algũas que por ho nom fazerem, querem daar algũu fauor, meteminas sendo moças ainda em hũa casa doraçam, pera nela por seu corpo ganharem pera ha dita casa: destes templos ha muytos que tem loguo destas mulheres cento e mais fidalgas, e algũas solteiras se metem aquy tambem por suas uontades, has quaes saom obrigadas ha tanger e cantar diante dos idolos certas oras do dia, e hõ mais do tempo que lhes fiqua ganhaom pera eles: he este abominauel uso do queimar tam acostumado e honroso antreles, que quando elRey more se queimaom com ele quatrocentas e quinhentas mulheres da propia maneira, pera ho que fazem ha coua e ha fogueira tamanha, que posaom nela caber quantas nela se quizerem deitar; e pera iso tem asy prestes em muyta abastança lenha de sandalo, aguila, brasyl, aloes, e muyta soma doleo de gergelim, e manteiga pera fazer melhor arder ho foguo; destas mulheres hũas se lançaom supitamente, estando elRey ardendo, outras com has ceremonias que já dise, e he tanta ha presa ha quem se com ele queimará, que he cousa espantosa, e tambem se queimaom com ele muytos homeins seus priuados. Estes comem carnes e pescados,

dos, e outras uiandas, somente uaqua que lho defende sua idolatria peruersa. Ha antreles outra ley de gentes que chamaom Bramenes que saom sacerdotes, e gouernadores de suas casas doraçam, estes nom comem cousa que sinta morte, casaom com hũa soo mulher, se esta lhe more nunqua mais casaom; trazem ha tiracolo tres fios de linhas em sinal da sua dinidade, tem antre todos grande liberdade e izençam, nom podem morer por cousa nenhũa que façaom: hos Reis e grandes Senhores, e gente honrada lhe fazem grosas esmolas de que se mantem, e muytos deles tem fazendas, outros uiuem nestas casas doraçam ha maneira de moesteiros, que tem muy boas rendas; algũs saom muy grandes comedores, e por al nom trabalhaom senam pera comer bem, e loguo andaom seis jornadas, soo por leuarem hũa boa fartadegua; seus comeres saom meel e manteigua, aros, açuquar, e manjares de aligumes, e leites. Ha neste propio regno outra ley de gente quasy como Bramenes, trazem ha ho pescoço hũs cordões de retros branquo, em que trazem dependudo hũ pano com hũa pedra tamanha como hũ ouo, que eles dizem ser ho seu Deos; tambem estes saom antreles muy acatados e honrados, nem lhe fazem nenhũ mal por cousa que façaom por reuerencia daquela pedra ha que eles chamaom Tambarane: estes tambem nom comem carnes nem pescados, andaom muy seguros por todalas partes, pasando de hũs regnos ha outros mercadorias, e por lhe nom serem roubadas, *quando as conduzem devem levar os seus Tambaranes prezos ao pescoço*, e muytos deles saom mercadores: trataom tambem e casaom com hũa soo mulher, ha qual morendo eles se entera uiua, e fazendo hũa grande coua, tam comprida que lhe dee pelo pescoço, metemna dentro uiua, e em pee, e começaom ha juntar tera de redor dela, calcandoa ha hos peis, até ha tupirem de tera bem calcada até ho pescoço; e entam lhe poem hũa grande pedra emcima, e aly fiqua uiua morendo taypada, fazendolhe outras grandes ceremonias, *que serião longas de escrever, couza miseravel e lastimosa, e que faz ver quanta forsa tem neste mundo a ambição e a opinião, que conduz voluntariamente estas mulheres a hum tão horrivel fim, somente para serem reputadas como mulheres honestas, julgando que se faltassem a esta obrigação serião reputadas como mortas.* Has mulheres deste regno saom tam atreuidas em idolatria, que fazem tantas marauilhas por amor dos seus Deo-

ses que he cousa espantosa ; se algũa moça solteira se deseja casar com algũu mancebo que lhe cae em uontade, fazem uoto ha seu Deos, que dandolhe maneira pera se com ele casar, que antes que se entregue ha ho esposo lhe faraa hũ grande seruiço, e se ese desejo vem ha efeito, e ela alcança-o por marido, dis-lhe que antes que se lhe entregue hade fazer hum sacrificio ha tal Deos, que lhe tem prometido que ha de ser oferecer-lhe seu sangue ; entam limitando dia pera fazer tal festa, tomaom hũa careta grande com bois, e arimaom nela hũa picota alta, ha maneira de hũas com que em Castela tiraom agoa dos poços ; na ponta da qual picota uão dous guanchos de fero bem agudos ; ela sae aquele dia de casa honradamente acompanhada de seus parentes, amiguos, homeins e mulheres, com muyta musiqua de tanger e cantar, e bailadores, chocareiros diante ; da cinta pera cima nua, e pera baixo apertada com seus panos dalgodam, e chegando ha sua porta honde estaa ha careta prestes, abaixaom ha picota e metemlhe aqueles guanchos pelos lombos per antre ho couro e carne, e metendo-lhe na mam esquerda hũa adagua pequena, fazem da outra parte aleuantar ha picota, com muytos clamores e brados da gente ; ficando ela dependurada na picota, uai-lhe ho sangue corendo pelas pernas abaixo, de que ela nom mostra nenhũa door, antes uay muy leda esgremindo com ha adagua, tirando com lymões ha ho esposo, e desta maneira ha leuaom ha ho templo honde estaa ho Idolo ha quem ela uotou tal sacrificio ; e chegando ha porta dele, deçem-na, e curando-a entregaom ha seu esposo, dando ela segundo sua pesoa grandes dadiuas e esmolas ha hos Bramenes e Idolos, muy bem de comer ha quantos ha acompanharaom. Usa-se tambem neste regno outra idolatria, que muytas mulheres por deuaçam oferecem has uirgindades de suas filhas ha hũ Idolo, e como elas saom de idade de doze anos, leuamnas ha ho moesteiro ou casa doraçam honde ho tal Idolo estaa, muy honradamente acompanhadas de todos seus parentes, festejando ha filha como se casase ; fora do moesteiro ou igreja, ha porta estaa hũu poyo de hũa pedra preta muyto rija quadrado, e seraa de altura de hũ homem, deredor ha hũas grades de pao que ho fechaom, metidos por elas muytos candieiros dazeite que ardem de noite, has quaes grades elas armaom pera esta ceremonia com muytos panos de seda, por ficarem fechadas, ha gente de fora has nom po-

poderem uer; sobre ho dito poyo eſtaa outra pedra de altura de hum homem curuado, que tem no meio hum buraco honde eſtaa metido hum pao muyto agudo, e ha may da moça se mete dentro das grades com ha filha e com algũas mulheres suas parentas; depois de feitas grandes ceremonias, de que nom tenho muyta enformaçam por se fazerem aly fechadas, ha moça com aquele pao perde ha sua virgindade deramando-a sobre aquelas pedras, e com iſto acabaom sua idolatria. Eſte Rey de Narsyngua tem muytas uezes guera com elRey Daquem, e com elRey de Otisa, que he outro Rey de Gentios, e ele he tambem metido dentro pelo certam, hos quaes se fazem hũus ha hos outros ho mal que podem: ho de Narsyngua pouquas vezes anda na guera em pesoa, senam manda seus capitães, e gente; e quando ela uem ha tal eſtado que ele lhe parece necessario ir laa em pesoa, e depois de em seu conselho se determinar que vaa, em hũu dia pera iso asinado, sae elRey ha hũ campo como se fose ha folgar, vay em hũu alifante, ou em hũu andor, cada hũu muy bem guarnecido douro e pedraria, acompanhado de muyta gente de caualo, e pee, e muytos alifantes ha deſtra diante de sy, muy bem concertados, e cobertos de panos de grãa e seda. Andando ele neſte campo lhe daom hũ caualo em que caualga com hũu arquo e hũa frecha na mam, ha qual frecha ele tira contra ho regno honde hadir pelejar, nomeando loguo daly ha quantos dias ha de partir, diſto core loguo ha noua por toda ha cidade e regno, da qual se ele loguo sae, asentando seu araial no campo, honde eſtaa esperando ho prazo que pera sua partida limitou; ho qual cumprido, manda lançar hũ pregam, que se façaom preſtes com suas mulheres, e filhos, e fazenda, e todos manda asy laa ir, porque dis que com ha obrigaçam de mulher e filhos, e fazenda pelejaraom melhor, e ha todos pagua muy bõo soldo, principalmente ha muytas mulheres solteiras de que leuaom grande cantidade, que saom deles mulheres muy honradas, e principaes, riquas e fermosas, por cuja causa hos que com elas andoom damores pelejaom por seu seruiço melhor, *e dizem que de muitos reinos concorre alli grande multidão de homens por causa destas mesmas mulheres.* Ha antre eſtas muytas muy priuadas delRey, e que trazem muy grande casa por terem muyto dinheiro; cada hũa deſtas principaes tras em sua casa sinco e seis mulheres moças fermosas, que lhe suas mãis daom pera has criarem, e trazem sempre comsiguo

na

na corte, asentadas em muy bôo soldo, que eles haom antre sy por muy grande honra; ha destas tam riquas, que muyto pouquo tempo ha que moreo hũa sem ter filho nem filha, e por sua morte leyxou ha elRey por herdeiro de toda sua fazenda; ela morta, mandou elRey arecadar tudo ho que lhe ficase, e achou que lhe ficauiom setenta mil pardaos, além de doze mil que ela em sua uida apartou e leyxou ha hũa sua criada que ela criára de pequena; e isto non he muyta marauilha, que he muy grande e mais riquo de mercadoria que se acha no mundo, » e tem » muy grandes cidades, honde uiuem muytos mercadores » mouros e gentios de muyto dinheiro, e groso trato prin- » cipalmente de pedraria, que neste regno he muy estima- » da. e de que nele se honraom muyto: elRey tem muy » riquo thesouro dela, e preza-se muyto diso; por honde » quer que sabe que estaa algũa pedra, manda buscala, por- » que dis que ho que deo por ela, iso lhe fiqua em preço » por ser sua. Quando ha pesoa do Rey abala, nom uaom » menos com ele de cem mil homeins de guera, e ho seu » modo de caminhar he, que nom andaom cada dia senam » tres legoas, has quaes andadas, asentaom seu arraial muy » grande, e loguo aly nele he armada hũa grande uila de » palha, muy bem aruadas has casas, e com muytas pra- » ças; e aly hamdestar tres dias, de maneira que em » cada tres legoas gastaom tres dias, e quando hamde par- » tir toquam hũa bacia, e loguo he posto foguo ha ui- » la, e todos partem; e asy desta maneira e ordem uaom » até chegarem ha ho lugar honde hamde ir. »

Regno de Otisa.

Indo mais adiante contra ho certam, estaa outro regno que confina com ho de Narsyngua, e doutra parte com Bengala, e doutra com ho gram regno de Dely, ho qual regno he de Gentios: ho Rey dele he Mouro e Senhor de muyta gente de pee como já dise, tem muytas uezes guera com ho de Narsingua, e tomaom hum ha ho outro has teras que podem, e pouquas uezes estaom em pas: hos costumes destas gentes e suas pouoações nom escreuo por nom termos dele tanta enformaçam, por estar tam metido no certam, somente que nesta tera ha muy poucos Mouros, e saom muy bôos homeins de guera.

Re-

Regno de Dely.

Entrando mais ha ho diante contra ho certam, estaa hũ muy grande regno que chamaom Dely, de muytas teras, e cidades grandes e riquas, honde uiuem grosos mercadores; he pouoado de Mouros, e elRey outrosy he mouro, e muy gram Senhor; foy ho regno em outro tempo de Gentios e inda antre eles agora ha algũs que uiuem muy atribuladamente, e muytos deles que saom homeins fidalgos e honrados, por nom uiuerem debaixo de sogeiçam dos Mouros, hos mais deles se saem da tera, e tomando abitos proues determinaom de andarem por todo ho mundo, e nom asentarem em nenhũ lugar, e asy ho fazem até que nesta perigrinaçam morem: estes nom tem nada de seu, porque ha fazenda que tinhaom perderamna; andaom nuus e descalços, nem trazem nenhũa cousa na cabeça, somente cobrem suas uergonhas com hũs tangueiros de latam mourisquo, de que trazem hũs cintos de muytas peças, e jogaom dambalas bandas, de larguta de quatro dedos enuasados em forma, com muytas figuras neles esculpidas, e trazemnos tam apertados, que lhe fazem subir has tripas muy acima, e nestes cantos andaom hos bragueiros pegados, honde uem fechar com seus fechos, tudo tam apertado que lhe daa grande pena, e além disto trazem muy grosas cadeas de fero pelo pescoço e cinta; hos corpos e rostos trazem untados de cinza, trazem mais hũu cornete pequeno ou buzina, com hos quaes honde quer que chegaom, chamaom e pedem de comer, principalmente nas casas doraçam, e de Reis ou grandes Senhores: andaom estes pela maior parte juntos, como hos Egyptanos (*a*) em nossas partes, nem costumaom estarem muyto em qualquer parte, antes muy poucos dias; estes chamaom Jones, ou Coamerques, quer dizer tanto como seruidor de Deos: saom estes Gentios homeins baços, muy bem dispostos, e apesoados, e gentís homeins dos rostos, nunqua penteaom hos cabelos, trazemnos feitos em tranças; eu lhe perguntei muytas uezes porque andauaom asy, eles me respondiaom qne traziaom aquelas cadeas de fero sempre sobre sy, em penitencia do grande pecado que fizeraom em nom quererem sofrer has armas de sua honra, e leyxarem-se ro-

(*a*) Assim se chamavão os que hoje se appelidão *Ciganos*.

tomar ha tam ruim gente como saom hos Mouros, e que andauaom nuus em sinal de muyta desonra, porque leyxaraom perder suas teras, e casas em que hos Deos criou, e que nom queriaom nenhũa fazenda, pois perderaom has suas sobre que deueraom de morer, e que se untauaom de cinza por lhe lembrar, que de tera e cinza eraom feitos, e nelas se auiaom de tornar, e que todo ho al era mentira, e desta cinza tras cada hũu hũu saquinho comsiguo; hos Gentios da tera lhe fazem muyta honra e acatamento, e eles lhe daom daquela cinza, com que eles asynaom pondo hũs risquos dela pelos peitos, testas, e ombros, e costuma-se muyto isto antreles; estes homeins comem toda ha uianda, non guardaom outra nenhũa idolatria, tocamse com todo genero de gente, nem se lauaom por ordem como hos outros Gentios, se nom quando lhe uem ha uontade. Ha neste regno de Dely muy bõs caualos, que nele nascem, e se criaom: hos naturaes dele asy Mouros como Gentios, saom bõos homeins de peleja, e bõos caualeiros; armam-se de muytas maneiras darmas, saom muy rijos, e tambem bõos archeiros, tem muy boas lanças, espadas, maças daceiro, e machadinhas com que pelejaom, e costumaom trazerem hũas rodas daço, que chamaom Chaçaram de largura de dous dedos, tam agudas por fora como naualhas, e por dentro rombas, saom do tamanho de hũu pratel pequeno, e saom furadas; tras cada hũu destas até des metidas no braço esquerdo, e tomaom hũa na guera, e metem na no dedo da mam direita, andando com ela hũu pouco deredor pera tomar força, entam ha despedem rijo contra ho imiguo, e se acertaom em braço, perna, pescoço, cortaom tudo sercio, e asy fazem muy grande damno, e aquy ha homeins muy certos delas. He el-Rey de Dely muy gram Senhor de muyta e beliquosa gente, e de grandisima tera, confina da banda do norte com Tartaria, e tem muytos regnos; hos de Cambaya, e Daquem eraom seus, e mandando ha eles hũus capitães ha hos acabarem de tomar, se lhe leuantaraom com eles, e asy ficaraom regnos isentos: ha nesta tera hũas aruores ha cuja rais chamaom Braechagua, e he tam peçonhenta que ha toda cousa que ha come mata; ha fruyta desta propia aruore ha que chamaom Miralexy tem tal uirtude que mata toda peçonha, e ha qualquer homem apeçonhentado que ha come, daa uida, ainda que coma ha propia rais ou outra qualquer forte peçonha. Hos Jones, que saom hos Gen-

Gentios de que acima tratei, trazem comsiguo esta rais e fruyta, e algũs has daom ha hos Reys Indios; tambem trazem algũu alicorne » mas he de marauilha, e muy pou» quo, muytas uezes proguntei ha estes homeins como era » feito ho corno do alicorne, responderamme que ho uer» dadeiro auia de ser feito em cocheduras, como de hũa » cabra, e que de dentro has ha tambem de ter, porque auia » muytos cornos doutras alimarias que se queriaom pare» cer com eles, e nom se conhecem nestes sinaes » tambem trazem estes Jones hũa pedra, que chamaom paza, e se acha no bucho de hũa alimaria, que eles chamaom pagem, e he tamanha como hũa amendoa, e parda; damna moida em agoa rosada ha qualquer homem que tem peçonha, » e bebea por hum canudo de cana, porque » se toqua nos dentes, quebraos, e asy mata toda pe» çonha, e he muy estimada antre hos Mouros e gran» des Senhores; tambem ha ha em Ormus honde se uen» de por maticaes, esta alimaria em que se acha he bo» de brauo. »

Começaom has teras do Malabar, entra tambem ho regno de Calecut.

Leyxando asy esta tera e regnos, tornando ha costa do maar, começa-se ha tera do Malabar donde chamaom Cumbola, que por todo ho monte Dely se acaba ha ho cabo de Comorim, que saom cento e trinta legoas pouquo mais ou menos ha ho longuo da costa, dizem que hauia em outro tempo hũu Rey gentio que chamaom Cirimay Pirençal, que era muy gram Senhor: depois que hos Mouros de Meca descobriraom ha India se começaraom ha nauegar pera ela, e uieraom pera esta tera do Malabar per caso da pimenta, ha qual começaraom primeiro ha caregar em Coulam, que he cidade porto de maar honde muytas vezes estaa ho Rey, isto nom auerá menos de seiscentos anos, porque hos Indios deste tempo tomaraom ha era porque se regem estes Mouros. Nauegando na India por muytos anos começaram-se ha estender por ela, e uieraom ha tomar tanta conuersaçam com ho propio Rey, e ele com eles, que ho uieraom ha conuerter ha seita do abominauel Mafamede, pelo que se foy com eles caminho da casa de Meca, honde moreo, ou parece que no caminho; porque dizem que nunqua mais hos Malabares ouueraom

noua dele. Antes que se este Rey partise, partio ho regno com seus parentes, fazendo muytas partes como agora estaa, porque dantes todo ho Malabar era hũu soo Rey; e andando asy repartindo, asy como daua hũa tera ha hũu, loguo se saía dela pera nunqua mais ha ela tornar: e tendo já por deradeiro tudo dado, uindo-se embarquar em hũa praia deshabitada, honde agora he Calecut, mais acompanhado de Mouros que de Gentios, trazia comsyguo hũu seu sobrinho que ho seruia como paje, ha ho qual deo aquele pedaço de tera, dizendo-lhe que se asentase nela e ha fizese pouoar, dando-lhe hũa espada sua, e hũu candieiro douro que ele trazia por estado; e leyxou mandado ha todolos Reys, e Senhores ha quem dera has teras, que lhe obedecesem e acatasem, somente elRey de Cananor e de Coulam que fes isenros, de maneira que leyxou dentro no Malabar tres Reys liures hũus dos outros, mas que nenhũ fizese moeda senam aquele seu sobrinho, que depois ho foy de Calecut, e com esta repartiçam feita se embarquou ho dito uelho: ho sobrinho que aly fiquou naquela praia fundou hũa cidade ha que pos nome Calecut, e hos Mouros em lembrança que ho Rey Indio se embarcára aly, ha irse ha tornar mouro, começaraom uir aly caregar ha pimenta antes que ha outra nenhũa parte, e asy foy crecendo em Calecut ho trato, e ha cidade se foy fazendo grande e nobre, e ho Rey se fes ho maior e mais poderoso de todos que no Malabar houvese; e lhe poseraom nome Camide, que he hũu ponto donra sobre hos outros que nom saom mais de tres, silicet, este Camide, que chamaom Maly Couadary, e ho de Coulam que chamaom Benatady, e ho de Cananor que chamaom Cobertorim, afora outros muytos grandes Senhores que ha na tera que se querem chamar Reys, e nom ho saom porque nom podem fazer moeda, nem cobrir casas de telha, nem em todo ho Malabar ninguem has pode cobrir, por grande Senhor que seja, porque loguo hos Mouros se aleuantaom contra ele, saluante sendo casa doraçam, ou paço de Rey: depois por tempo elRey de Cochim, e ho de Cananor, fizeraom moeda forçosamente. Nesta tera do Malabar todos se seruem de hũa lingoa que chamaom Maliama; hos Reys todos saom de hũa ley, e costume pouquo mais ou menos, mas ha da gente he muy diferente, porque aueis de saber que em todo ho Malabar ha dezoito leys de Gentios naturaes, cada hũa apartada das outras,

e

e tanto, que nom se toquaom hũs com hos outros, sob pena de morte ou perdimento de suas fazendas, asy que todos tem leys, costumes, e idolatrias sobre sy como irey declarando. Hos Reys do Malabar saom gentios honradores de Idolos, saom homeins baços quasy branquos, algũs ha hy mais pretos; andaom nuus, da cinta pera baixo se cobrem com panos branquos dalgodam ou seda, has uezes uestem hũas roupetas abertas por diante que lhe daom por meia coxa de panos dalgodam ou seda, ou grãa muyto fina, ou brocadilho; trazem hos cabelos atados emcima, trazem has uezes nas cabeças hũas carapuças compridas como casquos Gualegos, fazem has barbas ha naualha, leyxaom hũs bigodes compridos ha maneira de Turcos, trazem has orelhas furadas, em que poem muy riquas joias de pedraria, e sartas de perolas muy grosas; sobre hos panos cingem hũas cintas de pedraria de tres dedos em largo, muy bem obradas, e riquas; pelos peitos, ombros, e testas, hũs risquos de cinza de tres em tres, que poem por costume de sua ley, por lembrança que se hamde tornar cinza, ha qual poem mesturada com sandalo, açafram, e agoa rosada, e lenho aloes: uiuem em casas tereas, asentam-se em hũs poyos altos muyto prainos, embostados cada dia huma ues com bosta de uaquas, honde poem hũa tauoa muyto alua de quatro dedos de altura, e hũu pano dalmafega, de lãa de carneiro preto por tingir, tamanho como hũa manta Dalemtejo, dobrado tres uezes, e sobre ele se asentaom, com hũas almofadas dalgodam redondas e compridas, e outros panos riquos em que se encostaom, e alcatifas muy riquas em que tambem se asentaom, porem sempre tem junto de sy ou debaixo aquele pano dalmafega por estado, ley e costume; muytas uezes se encostaom em camilhas de colchetes de seda, e de panos branquos muyto delguados, e se alguem hos uem uer trazemlhe aquele pano de lãa e põe-no junto comsyguo, e quando uaom fora, leua-lho hũu paje diante deles dobrado por estado; tambem tem sempre junto comsyguo hũa espada, e quando se mudaom de hũu cabo pera ho outro, ha leua ele sempre da mam. Estes Reis nom casaom nem tem ley de casamento, sómente tem manceba, que he mulher fidalgua, de linhagem de Nayres, fermosa ha seu contentamento, estas tem eles aposentadas junto de seus paços em hũa pousada sobre sy muy bem seruida, da-lhe certa cousa por mes ou por ano pera sua despeza, ha qual eles

leyxaom cada ues que se delas descontentaom, e tomaom outra, porém muytos deles pelo que toqua ha honestidade real has nom trocaom nem bolem com elas; e antreles he grande honra ser manceba hũa mulher delRey: hos filhos que eles nelas haom, nom hos tem por filhos, nem erdaom ho regno, nem outra nenhũa cousa delRey, sómente ho que da parte das máis haom; em quanto saom meninos, saom muy fauorecidos dele, como crianças alheas que ele criase, mas nom como seus filhos, porque como saom homeins nom tem mais honra que ha que lhe uem da linhagem da may, porém fazem-lhe has uezes hos Reys mercês de dinheiro com que se posaom manter melhor que hos outros Nayres. Saom erdeiros dos Reys irmáos seus, ou sobrinhos filhos de irmás, porque estes haom eles por uerdadeiros seus filhos, porque já sabem quem he sua may, e isto por has mulheres nestes regnos serem muy liures de seu corpo, e por iso ha uerdadeira cepa da linhagem dos Reys desta tera jas nas mulheres, e ho primeiro filho que ha mais uelha irmáa do Rey pare, ese erda ho regno; e asy todolos irmáos erdaom hũs ha hos outros; e quando hos nom ha, erdaom hos sobrinhos filhos de irmáa mais uelha; e se estas irmás nom acertaom de parirem, nem ha erdeiro para ho regno, e elRey falece sem ele, elas se ajuntaom em conselho, e enlegem por Rey hũu parente seu, e se ho nom ha hy, outro qualquer homem que seja pera iso; e por isto saom estes Reys do Malabar sempre uelhos: has sobrinhas ou irmáas que eles tem, de que ha de sair ho erdeiro pera ho regno, saom muy honradas, bem guardadas e seruidas, e tem renda sobre sy de que se mantem, e como algũa he de idade de doze até quatorze anos pera poder chegar homem ha ela, mandaom chamar fóra do regno algũu mancebo de linhagem de fidalgos, que laa ha asinados pera isto, mandando lhe dinheiro e dadiuas pera que uenha hauer de uirgindade aquela moça; ele uindo fazem lhe muyta honra, festa, e ceremonias, como se houuese de casar; entam ele lhe ata ha ho pescoço hũa joia douro pequena, que ela tras toda sua uida em sinal de lhe hauerem feito aquela ceremonia, pera daly por diante poder fazer ho que quizer de sy, ho que antes daquilo nom fará: este mancebo estaa muy bem seruido com ela algũus dias, e entam se torna pera sua tera; entam ela dahy por diante toma qualquer Bramene que quer, e toma quantos quer, e destes ha hos

fi-

filhos. Quando qualquer destes Reys do Malabar more, queimam-nos em hũu recio com muyta lenha sandalo, e aloes, e ha ho queimar se ajuntaom todolos sobrinhos e parentes seus mais chegados, e asy hos grandes do regno, e priuados do Rey morto; e ha destar ho corpo tres dias esperando por eles, e aly tiraom ha limpo se moreo de sua morte, ou se ho mataraom, pera acudirem por iso como saom obrigados; e entam depois destes tres dias ho queimaom e pranteaom, e todos se rapaom da coroa até hos peis depois dele queimado, que lhe non ficaom senam has pestanas e sobrancelhas, isto do principe até ho menor herdeiro do regno gentio, e entam alimpaom hos dentes daquela pretidam do betele, ho qual nom come ninguem por espaço de treze dias; e se neste tempo achaom que algũa pesoa ho coma, cortam-lhe hos beiços por justiça: e nestes treze dias ho principe nem manda, nem gouerna, nem he aleuantado por Rey, senam depois deles pasados, esperando se auerá alguem que ho contradiga; e pasados, hos grandes juntamente ho fazem jurar de manter todalas leis do outro Rey pasado, e de pagar has diuidas que ele deuia, e de trabalhar por ganhar ho que hos outros perdêraom, e este juramento lhe tomaom desta maneira: metem-lhe na mam esquerda hũa espada nua, e ha outra direita temna posta sobre hũa candêa dazeite acesa, de muytas matulas, e dentro hũu anel douro em que toqua com hos dedos, de maneira que naquela candêa e ouro fas seu juramento de manter tudo com aquela espada, e feito lançam lhe sobre ha cabeça hũu pouquo daros, fazendo grandes ceremonias, e adorando contra ho Sol; loguo certos condes, ha que eles chamaom Cahimal, com ho que hade ser principe, e com hos outros erdeiros fazem juramento ha ho dito Rey sobre ha mesma candêa, de ho seruirem, e ajudarem, e lhe serem leaes e uerdadeiros. Nestes treze dias, em que estaom esperando por esta ceremonia, gouerna ho regno hũu Cahimal, que he como escripuam moor dele, ho qual carego e dinidade he seu de juro; este he tambem thesoureiro mòor do regno, e el-Rey nem pode tirar nada do thesouro sem ele estar presente, nem tira nada dele senam por grande necesidade, e por conselho deste e doutros; em poder deste homem estaom tambem todolos regimentos do regno. Nestes treze dias nom come ninguem carne nem pescado, nem nenhũ barco uai pescar sobpena de morte, e neste tempo

se

se fazem muytas esmolas da fazenda do Rey morto ha hos pescadores, e daom de comer ha muytos proues e Bramenes; e acabados hos ditos treze dias, em que he aleuando Rey na maneira que acima dise, todos tornaom ha comer ho betele, carnes, e pescados, tirando ho Rey nouo que poem doo pelo morto todo hũu ano, e nom come carne, nem pescado, nem betele, nem fas barba, nem corta nenhũu cabelo de seu corpo, nem unhas; rezi certas oras do dia, nom come mais de hũa ues ha ele, antes que coma se laua, e depois de lauado nom ho hade uer ninguem até comer. ElRey de Calecut estaa sempre na cidade em hũus muy grandes paços aredados dela, e cumprindo ho ano da morte do Rey, uem ho que hade ser principe, e asy hos erdeiros seus irmãos e sobrinhos, e todolos outros Senhores do regno, ajudar ha honrar hũa ceremonia que ele fas na fim do ano ha morte do Rey, ha maneira de saymento, honde se daom muytas esmolas, e se gasta muyto dinheiro em daar de comer ha muyto Bramenes e proues, e ha todos quantos ho uem [illegible] e quantos comsyguo trazem; e aquy se ajuntaom mais de cem mil homeins, e entam aly confirmaom ho principe por erdeiro, e asy ha hos outros de tras dele, cada hũu em seus graos: ha hos gouernadores e oficiaes que foraom do outro Rey morto, ha deles tiraom hos oficios, e ha hos outros hos confirmaom, e daly espede ho principe cada hũu pera honde uiue, e ho principe tambem pera suas teras que tem apartadas, ho qual principe nom entra mais em Calecut até elRey morer; todos hos outros ho podem uir uer ha corte, e andar com ele, senam ho principe que por ley ho nom póde fazer. Como se espede uaise ha hũa ponte, por honde pasa hũu rio junto ha cidade, e aly toma hũu arco e atira hũa frecha contra honde fiqua ho Rey, e fazendo aly oraçam ha maneira dadorar se uay ho principe; e quando ho uem uer, ou por este mesmo saymento, uem acompanhado de muytos grandes Senhores que todos trazem comsyguo Nayres com muytos atambores grandes e pequenos, trombetas ha maneira danafiis, e frautas, bacias, e cestos, com que uem fazendo muy grande armonia: hos Nayres uem diante, e atras eles lançeiros, e estaom adargueiros com espadas nuas nas mãos, e saindo elRey dos paços poem-se ha hũa porta em pee, uendo como toda esta gente uem; e como cada hũu chegua ha ele, fazem-lhe suas reuerencias como que

ho

ho adoraom, e apartam-se ha cabo, e asy estaa hũu grande espaço que todos acabaom de pasar; e ho principe parece hũu tiro de besta com hũa espada nua na mam, uindo brandindo muytas uezes, com ho rosto alto e hos olhos em elRey, e em ho uendo adora-o lançando-se no cham de bruços, com hos braços estendidos por diante, e jazendo asy hũu pouquo torna-se ha leuantar, e da mesma maneira uay até chegar ha elRey, diante do qual se torna ha lançar no cham; elRey entam anda dous paços, e tomando-o pela mam ho aleuanta, e asy se uaom ambos pera dentro, honde elRey se asenta em seu estrado, e ho principe com todolos outros erdeiros e senhores estaom diante dele em pee, com has espadas nuas nas mãos direitas, e has esquerdas postas diante da boqua por grande cortesia, e aredados delRey; e se lhe releua falarem, ha de ser muy manso sem hos ele ouuir, de maneira que estaom loguo dous mil homeins na propia casa honde elRey estaa, sem cospirem diante dele, nem hos ouuir ninguem. ElRey de Calecut tem continuadamente em seus paços muytos escripuães, que estaom asentados ha hũu canto longe dele; escrepuem estes sobre hũu poyo todalas cousas asy da fazenda delRey, como da justiça e gouernança do regno, escrepuem em hũas folhas de palmeira compridas e tesas, com hũu penam de fero sem tinta; fazem suas letras em riscas, asy talhadas como has nosas, e has direitas como nós; cada hũu destes por honde quer que anda, tras hũu molho destas folhas escriptas debaixo do braço, e ha pena de fero na mam, e por iso loguo saom conhecidos: ha hy sete ou outo escripuães mais priuados delRey, que saom homeins muy honrados, e estaom sempre diante delRey com has penas na mam, e molho de folhas debaixo do braço; cada hũu destes tem soma destas folhas em branquo, asinadas por ElRey nos começos, ho qual quando quer dar ou fazer algũa cousa de que se ha de fazer prouisam, dis ha cada hũu destes sua tençam, e eles ha screpuem, começando do sinal delRey pera baixo, e asy daa ho aluara ha cujo he; eles saom homeins uelhos, e honrados, e de grande credito: todos estes escripuães quando se aleuantaom pela manhãa, e querem escrepuer algũa cousa, ha primeira ues que tomaom pena na mam cortaom hũa pequena daquela folha com ha naualha que ha pena tem em hũu dos cabos, e no cabo da mesma folha escrepue ho nome de seus Deoses, adorando contra

tra ho nacimento do Sol com as mãos aleuantadas, entam rompendo ho escripto lançaom de sy, e isto feito começaom ha escrepuer. Este Rey tem mil mulheres ha que continuadamente daa mantimento, que sempre andaom na corte pera baredeiras de seus paços, isto por estado, porque pera uarerem menos de cincoenta bastariaom: estas saom fidalgas, e de boa casta, e uarem cada dia duas uezes, e cada hũa tras sua uasoura, e hũa bacia de latam com bosta de uaquas delida em agoa; e depois de tudo uarido, emboftaom has casas com ha mam muy delgado que logo se enxuga: estas mulheres nom seruem todas, mas reuezam-se, e quando elRey uay de hũa casa pera outra, ou uay ha hũa casa doraçam, uay apee, e uaom destas mulheres diante dele com suas uasouras, e bacias na mam, emboftando lhe ho caminho por honde hade por hos peis. Estas mil mulheres fazem hũa grande festa ha elRey, quando nouamente reina; pasando ho ano do seu doo e jejũu, ajuntam-se todas asy moças, como uelhas nos propios paços delRey, muy bem atauiadas de colares de pedraria, e contas douro de muy sotil obra, manilhas douro nas pernas, e muytos braceletes e aneis, da cinta pera baixo uestidas de muy riquos panos de seda, e pera cima nuas como sempre andaom, untadas eom sandalo, e outras cousas cheirosas, metidas entre hos cabelos muytas flores; nom trazem na cabeça nada, somente seus cabelos que saom bem pretos, muy bem penteados, e feita deles hũa fermoso trunfa, trazem has orelhas furadas, e muyto ouro nelas, descalças, como sempre andaom: com elas se ajuntaom todolos instrumentos, e rangeres delRey, muytas espingardas, e arteficios de foguo de muytas maneiras; tambem se ajuntaom muytos Nayres, que has acompanhaom e com elas andaom damores, muy bem atauiados e galantes, e sete ou oito alifantes cobertos de panos de seda com muytas campainhas penduradas, e grandes cadeas de fero lançadas por cima, e asy tomaom hũu idolo que elas tem por seu ualedor, e hum sacerdote seu ho toma nos braços, e se asenta com ele emcima do mayor daqueles alifantes, e desta maneira andaom em precisam com grandes tangeres, fazendo muytos joguos, e tirando muytas espinguardas, com muytos chocareiros diante, e asy uaom té chegarem ha hũa casa doraçam, e aly ho decem, e ajuntaom com outros que na propia casa estaom, honde lhe fazem muytas

tas ceremonias. Aquy se ajunta gente infinita ha uir adorar aqueles idolos e honrar suas uiſtas; has mulheres tem aly cada hũa sua bacia de latam largua e praina, chea daros, e em cima dele candieiros dazeite com muytas matulas e flores de redor; aquy eſtaom com eſtas ceremonias até ha boqua da noite, que partem contra hos paços del-Rey, honde ho amde pôr: has mil mulheres uem diante do idolo todas em ordem, de outo em outo muy bem concertadas, com suas bacias e candeas acesas, e tam compasadas que hũa nom daa hũu paso mais que ha outra; uaom homeins junto com elas, pela banda de fora, que lhe uaom metendo betele na boqua, que sempre uaom comendo, e que lhe leuaom hos candieiros quando diso tem necesidade, e tambem hos Nayres que com algũas andaom damores, que lhe uaom falando ha seu proposito, e alimpando-lhe ho suor do roſto, peitos, e pescoço, e abanando-lhe com abanos, por elas leuarem has máos pejadas. Neſta precisam lançaom muytos foguetes e bombas de foguo, e tambem leuaom huás aruores de foguo que uaom sempre ardendo, de maneira que iſto he ha mais fermosa cousa do mundo pera uer, ha ho menos neſte paso de noite. Uaom tambem diante do idolo muytos Nayres com espadas nuas, dando em sy mesmo por honde podem boas cotiladas, e uaom escumando, e bradando que parecem demoninhados, e eles asy dizem que hos Deozes se metem neles, e lho fazem saber: uaom tambem aly muytos uolteadores, e chocareiros, e gouernadores do regno, e outros homeins honrados, gouernando e regendo ha preciçam, e asy ha leuaom em singular ordem, até chegarem ha hos paços delRey, honde se desfas. Coſtuma muyto eſte Rey de Calecut quando eſtaa asentado, eſtarem-lhe homeins priuados seus, esfregando-lhe braços, e pernas, e corpo, hũu paje eſtaa continuadamente com ele, com hũa toalha ha tiracolo chea de betele, dandolhe ha comer, has uezes em huã caixa pequena dourada, ou pintada, e guarnecida de prata, has uezes em hũu bacio douro; daly toma ho paje folha e folha que ajunta com hũu pequeno de sal de marisquo, delido em agoa rosada ha maneira de unguento, que tem dentro de huã boceta douro, e asy lhe daa ha folha com arequas, como já mais larguamente em outra parte dise; he ha uirtude deſte betele de maneira que de dia e de noute eſtaa roendo nele. Ha maneira de seu comer he que nenhũa pesoa ha deſtar honde ele

come, nem ho hade uer comer, sómente quatro ou cinco seruidores que ho seruem; quando hade comer lauase primeiro em hũu tanque, que tem dentro nos paços limpo e grande, e aly nũu fas suas ceremonias, adorando tres uezes contra ho uento *Oriente*, andando de redor, e mergulhando tres uezes debaixo dagoa; e aly se ueste doutros panos limpos e lauados, e asy se uay asentar em hũa casa que pera comer tem despejada, ha qual estaa embostada, e posta no cham hũa taboa redonda pera comer, porque no cham comem; e aly trazem-lhe hũu bacio de prata grande, cham, e sem bordas, e dentro nele salseirinhas de prata pequenas, e tudo uasio, ho que põe sobre outra taboa que no cham estaa, como outra em que se asenta, pondo has salseirinhas pelas bordas do bacio todas em ordem: entam uem ho cosinheiro que he hũu Bramene, e tras hũa panela daros cozido, e lançam-lhe com hũa colher no meio do bacio hũu pouquo, ho qual uem tam inteiro e enxuto que parece que nunqua foy cozido; e loguo detras do aros trazem outras muytas panelas e iguarias, has quaes lhe lançaom nas salseirinhas cada hũ sua, e asy começa de comer com ha mam direita, tomando ho aros has máos cheas, sem colher; e asy toma todolos outros manjares que mestura com ho aros, e com ha mam esquerda nom ha de tomar cousa nenhũa do que come; e aly lhe põe hũu gomil de prata com agoa, e quando quer beber toma-o com ha mam esquerda, e empinando-o no ar lança ha agoa dalto, que lhe cae na boqua sem com ela toquar no gomil: todos hos manjares que come asy de carne, como de pescado, e aligumes, e outros mantimentos saom feitos com tanta soma de pimenta, que nom auera homem em nosas partes que ho posa comer; nunqua quando come alimpa máos, nem tem toalha nem panos pera iso, e acabando de comer, se laua, e se no tempo que hade comer se achaom aquy algũs Bramanes honrados, seus priuados, manda-os comer no cham aredados hũu pouquo dele, e põe-lhe diante hũas folhas de figueira da India que saom muyto larguas e tezas, sobre has quaes lhe manda lançar de comer, asy como pera sy; e se nom querem comer uaom-se fóra, porque nom ha destar ninguem honde elRey come; hos que ouuerem destar hamde comer, afora dous ou tres que ho seruem, como já dise: acabando de comer torna-se ha ho estrado, honde torna ha comer ho betele. Quando

do este Rey sae fora, ha ir ha folgar ou fazer oraçam ha algũu idolo, saom loguo pera iso chamados todolos Nayres que mais perto estaom, e asy hos menistros e Gentios, e sae elRey em hũu andor, que leuaraom dous homeins com suas almofadas de seda em que uay encostado; e ho andor he de pano de seda pendurado em hũa cana de muyta pedraria, tam grosa como hũu braço de hũu gordo homem, com hũas uoltas que de seu nacimento lhe afeiçoaom pera aquilo, ha qual cana dous homeins leuaom ha hos hombros, de que uay ho dito andor dependurado, *leva elRey infinitas coroas douro* e pedraria, e no pee direito hũa manilha muy riqua e grosa nele; muytos instrumentos de metal diante dele tangendo, e muytos Nayres frecheiros com seus arquos e frechas ha maneira de Ingreses, outros com lanças muy compridas, e fero de couado, nos contos argolinhas de metal, e indo-as brandindo fazem com elas grande traquinada; e tambem uaom outros Nayres adargueiros com suas espadas nuas nas mãos, e junto com ho punho outras argolas com que fazem grande aroido, uaom bradando hũus ha hos outros em altas uozes por sua lingoa, *andar*, *andar*: algũus uaom esgrimindo diante delRey, e fazendo tereiro porque hos ueja, e saom homeins muy ligeiros, e grandes mestres desgrima, ho qual jogo eles haom antre sy por mais honrado do que nós hauemos ho bõo caualgar; elRey se uay detendo pelos leyxar jogar ha seu prazer, gabando e fauorecendo hos que melhor ho fazem. Leua elRey diante de sy hũu paje que lhe leua sua espada e adargua, outro que leua hũu estoque douro, e outro que leua hũa espada que foy do Rey que senhoreou todo ho Malabar, e se tornou mouro, e na esquerda leua hũa frol de lis; e de cada banda leua dous homeins, hũu com hũu abano muy largo redondo, outro com outro abano de hũu rabo branquo de hũa alimaria como caualo que antre eles he muy estimada, posto em hũa asta douro; hos quaes ho uaom abanando dous de hũu cabo e dous doutro, junto com ele uay da banda direita hũu paje com hũu gomil douro cheo dagoa, ha parte esquerda outro com hũu de prata, e outro paje com hũa toalha, e quando quer que elRey põe ha mam nos narizes, ou nos olhos, e boqua lançam-lhe nos dedos agoa com aquele gomil, e outro lhe daa ha toalha que leua pera se alimpar: leua tambem consyguo outros pajes, dos quaes hũu leua hũa copa da

banda direita douro, outro leua ha copa de prata da banda esquerda, nas quaes cospe ho betele que uay comendo sempre, ho qual outro lhe uay dando; detras de sy lhe leuaom dous cantaros grandes redondos, hũu de prata ha mam esquerda, e ho douro ha direita cheos dagoa; uaom mais diante dele quatro esparaueis postos em hũas asteas, silicet, dous de pano branquo muyto delguado, e dous de seda, muyto bem obrados e bioslados; junto dele lhe leuaom hũu sombreiro de pee em hũa cana muyto alta que lhe tolhe ho Sol: apos dele uaom seus sobrinhos e hos gouernadores da tera, seus oficiaes, todos apee com suas espadas nuas todos nas mãos e adarguas, e asy uaom em boa ordem muyto deuagar uendo muytos joguos, chocareiros, uolteadores, e espinguardeiros que ho uaom festejando. Se elRey uay fora de noite he nesta propia ordem, mas leua quatro candieiros de fero grandes, com hũas asteas ha maneira dos nosos fogareos cheos dazeite, com muy grosas matulas, dous diante e dous detras. ElRey de Calecut tem posto na propia cidade hũu gouernador ho qual chamaom Talixe, Nayre que tem cinco mil Nayres de jurisdiçam, ha que pagua seus asentamentos de sua renda que tem muy grosa; este tem alçada na justiça, mas nom tanto que de tudo nom dee conta ha elRey; e como ha muytas leys de gentes, tambem ha muytas diferenças nas justiças, dos quaes todos falarei ha ho diante, e des que saom de Brabares pera baixo, dizem que saom escrauos delRey, e dos Nayres, e Senhores: se algũs destes baixos fas algũu delito ou furto, ou ha pesoa ha quem ho fazem se uem ha queixar ha ho dito gouernador, aly ho manda prender; e confesando ele ho furto, ou achando o em fragante delito, sendo Gentio leuamno ha hũu lugar honde executaom ha justiça, honde estaom hũus paos altos muyto agudos, e hũa taboa pequena, por honde pasaom aquela ponta, e aly lhe cortaom ha cabeça com hũa espada; e entam ho esperaom pelo meio das espadoas naquele pao que lhe sae na boqua do estamago mais de hũu couado fora, ha cabeça lhe metem no outro páo: se ho que fes ho tal delito he Mouro, leuamno ha hũu grande recio, e aly ho mataom has cutiladas; ho furto se guarda pera ho gouernador da tera, sem seu dono auer nenhũu proueito, porque ha ley que justiçando ho malfeitor perqua seu dono ho furtado; se achando ho tal furto ho ladram foge, estaa ho furto cer-

tos

tos dias em mam do gouernador, e se em este tempo nom tomaom ho malfeitor, entam ho tornaom ha seu dono, fiquando ha quarta parte pera ho gouernador; e se ho tal ladram ho nega e nom lho achaom, prendemno em hũu tronquo como hos nosos, e aly ho tem prezo por espaço de noue ou des dias pera uer se ho confeça, dando-lhe muyto mal de comer, e muyto maa uida; ha cabo do dito tempo se nom confeça, chamaom ho que ho acusou, dizendo-lhe como aquele homem nom confeça, se quer que ho jure, ou que ho solrem; se dis que quer que ho jure, mandamno prezo, que jejue e que se laue muyto bem, encomendando-se ha ho seu Deos, e que nom coma nenhũu betele, e alimpe hos dentes dele, pera ho outro dia fazer juramento: se ho fas asy, ha ho outro dia ho tiraom do tronquo, e ho leuaom ha hũu tanque dagoa honde se laua muyto bem, fazendo muyta ceremonia, daly ho leuaom ha hũa casa doraçam, e entam fas seu juramento desta maneira; se he Gentio aquentam-lhe hũa panela dazeite muy quente de cobre até que ferua, (e pera saberem se estaa bem quente lançam-lhe dentro hũas folhas de certa aruore, e ho azeite has fas saltar pera cima) isto bem uisto, tomaom dous scripuães ha mam direita do malfeitor, e olhando se tem algũa chaga, ou outra cousa algũa, e da maneira que ha dita mam estaa, ho escrepue, e asy ha mostraom ha parte, e feito exame mandam-lhe que olhe pera ho Idolo que tem diante, e que diga tres uezes, eu nom fis este furto que me este homem põe, nem sei quem ho fes; entam lhe mandaom que meta dous dedos da dita mam naquele azeite que estaa feruendo, até hos nos, ho que ele loguo fas dizendo que se ho nom fes que nom se queimará » e como mete ha mam e ha tira, tornaom ha » olhar hos scripuães estando ha parte presente e ho go- » uernador, e com todos estes exames asinaom da manei- » ra que estaa ha mam, e atamna muy bem com hũu pano, » quer seja quimada quer nom, e entam ho tornaom ha ho » tronquo, e daly ha tres dias ha ho mesmo lugar; entam » lhe desataom ha mam hos scripuães diante do gouerna- » dor, e achando-lha queimada entam padece da manei- » ra sobredita, dando-lhe além diso muytos tormentos pe- » ra ho fazer confesar honde tem ho furto, ou ho que » fes dele, e ainda que ho nom confese tambem padece; » e achando ha mam saam hamno por asoluto e liure, e » mataom ha quem ho acusou, ou lhe daom pena de di-

» nhei-

» nheiro, ou degredo: desta propia maneira castigaom quem
» mata outro, ou quem mata uaqua, ou poos mam irosa
» em algũu Bramene, ou Nayre, ou se toqua com al-
» gũa mulher de Bramene. Ha hos Mouros fazem este ju-
» ramento, com lhe fazerem lamber hũu machado muyto
» quente e uermelho com ha lingoa, e se se queima leuam-
» no ha hũu recio honde, como já dise, ho mataom has
» cutiladas: e se este gouernador acha nesta tera algũus mo-
» ços ou homeins mancebos, que sejaom uadios, e nom
» tenhaom oficios, nem pay, nem may, nem senhor com
» que uiuaom, saom perdidos pera ele, e ele hos uende
» como seus escrauos ha Mouros, ou ha quem lhos com-
» pra, por muy pouco preço, ha quatro e ha cinco cruza-
» dos cada hũu asy homem como mulher. Fazem tambem
» na dita cidade justiça nos Nayres desta maneira, hos quaes
» saom tam priueligiados como ha ho diante falarei; e pos-
» to que nom posaom ser prezos em feros por nenhũa cou-
» sa que façaom, se hũu Nayre mata outro, ou fas algũu
» furto, ou matar uaqua, ou dormir com mulher de baixa
» ley, ou comer ou beber em casa de uilam, ou dormir
» com mulher de Bramene, ou diser claramente mal de
» seu Rey, e ha parte do que fas ho tal delito se aquei-
» xa ha ho gouernador, ele ho manda chamar, e nom que-
» rendo uir manda chamar tres ou quatro Nayres bóos ho-
» meins de suas pesoas, e dalhes hũu aluará asinado por
» sua mam, em que lhes dis matem foam Nayre, honde quer
» que ho acharem porque asy he sua uontade; eles se uaom
» em busqua do outro, e ho mataom honde quer que ho
» achaom has lançadas ou frechadas; e tal ha hy que an-
» tes que ho matem fere tres ou quatro se anda auisado;
» e asy ho mataom ainda que ho topem dentro na cidade:
» depois de morto uiram-no com hos peitos pera cima,
» pondo-lhe ho aluará sobre eles, e aly ho leyxaom hon-
» de nom he ousado ninguem de ho toquar, e aly ho co-
» mem has aues e hos adibes; se ho mataom dentro na
» cidade, hos moradores da rua honde ele jas, ho nom
» podem tirar sem ho irem pedir ha elRey que lho man-
» de tirar daly, e ele ho fas has uezes por dinheiro, has
» uezes de graça. Se ho tal Nayre he acusado por algũu
» furto grande de fazenda que cumpre ha elRey, entam
» ho manda meter em hũa camara, muy bem cerado e
» guardado, pera que nom posa fugir, donde ho leuaom
» ha fazer juramento da maneira que já dise, senam que
» em

» em lugar de azeite, aquentaom manteigua; e se ho achaom
» culpado leuamno ha hũu recio, e matamno has cutila-
» das e lançadas. Quando ho gouernador manda chamar ho
» acusado, chamaom tambem ha parte que ho acusou, e
» como saom ambos juntos, fas dizer ha ho acusador que
» he ho que sabe do outro, entam ho acusador toma na
» mam hũu ramo pequeno deruas uerdes, ou daruore, e
» dis foam fes tal cousa; ho outro toma outro tal ramo
» e dis eu nom fis tal cousa; entam manda ho gouerna-
» dor pôr ha cada hũu diante duas moedas douro baixo,
» que chamaom fanões, que ual cada hũu uinte e dous rs,
» e como fazem seu exame, dis lhe ho gouernador que
» dahy ha outo dias ueuhaom aly ha tirar ha limpo ho que
» cada hũu dis, e asy se uaom e pasados hos outo dias
» tornaom ha casa do gouernador, e daly se uaom ha
» casa doraçam ha jurar, na maneira que atras dise. »
Neste regno de Calecut ha hũu gouernador que he como
justiça moor, que se chama Contante Carnaxee, este tem
postos em todos lugares homeins de sua mam, ha que tem
arendado ha justiça de cousas que nom saom de pena de
morte (porque todalas outras penas que se daom saom de
dinheiro) e ha ele acodem com todolos queixumes, e
agrauos de que ele daa conta e rezam ha elRey, fas jus-
tiça dos culpados como ho gouernador de Calecut. Neste
regno nom more nenhũa mulher por justiça de nenhũa ca-
lidade que seja, somente has malfeitoras dam-lhe pena de
dinheiro e degredo; se algũa de casta de Nayres era em
sua ley, e ho Rey ho sabe primeiro que seus irmãos e pa-
rentes, mandaa tomar e uender fora do regno ha Mouros
ou ha Xpãos; e se seus irmãos ou parentes ho sabem pri-
meiro, matamna has cutiladas e lançadas, dizendo que se
ho asy nom fizerem ficaom muy deshonrados, e elRey
nom lhe fas nada por iso, porque asy estaa em ley e cos-
tume. Ha tambem neste propio regno de Calecut hũa ley
de gente ha que chamaom Bramenes que saom antreles sa-
cerdotes (como *entre* nós hos clerigos) de que já em ou-
tra parte falei, saom todos de hũa lingoa, nem ho podem
ser senam filhos dos propios Bramenes; hos quaes como
saom de idade de sete anos, lançamlhe hũu tiracolo de hũa
corea de largura de dous dedos, crua com seu pelo, que he
de hũa alimaria que chamaom Cryuamergam, que he como
asno brauo, e mandamlhe que nom coma betele sete anos,
todo qual tempo tras aquele tiracolo; e como he de quator-

ze

ze anos fazemno Bramene, tirando-lhe ho tiracolo de couro, e lançam-lhe outro de tres linhas que toda sua uida tras em sinal de Bramene, e hos que isto fazem he com muyta ceremonia e festa, asy como cá festejamos hũu clerigno quando canta misa noua: daquy em diante podem comer betele, mas nom carnes nem pescados; saom antre hos Indios muy acatados, e como já dise nom morem por cousa que façaom; ho seu maior hos castigua brandamente: casaom hũa soo ues ha nosa maneira, e nom casa senam filho mais uelho, e deste se fas ha obra nele como cabeça de morgado; todolos outros irmãos ficaom solteiros pera sempre. Estes Bramenes tem suas mulheres muy bem guardadas e estimadas, nenhũs outros homeins dormem com elas; se algũus deles morem, nunqua mais casaom, se ha mulher fas algũu malaficio ha seu marido, ele ha mata com peçonha: hos irmãos deste que ficaom solteiros dormem com has mulheres dos Nayres, e eles ho haom por grande honra, e pera Bramenes nenhũa mulher se lhes negua, mas eles nom hamde dormir com mulher mais uelha que sy; uiuem em suas casas e cidades, e nas casas doraçam seruem como clerignos, aly uaom rezar suas oras certas no dia, e fazem suas ceremonias, e idolatrias: estas casas tem has portas principaes pera ho ponente como has nosas, e cada casa tem tres portas diante da principal: fora da igreja estaa hũa pedra daltura de hũu homem, com tres degraos de redor de sy, e defronte dela no meio da igreja estaa hũa capela pequena, muy escura por dentro, e nela hũu Idolo douro, prata, ou metal, honde estaom tres candeas dazeite sempre ardendo; aly dentro nom ha dentrar senam ho seu menistro, que entra aly com muytas flores e eruas cheirosas, e agoa rosada e ho tira fora pela manhãa hũa ues, e outra ha tarde, e ele uay muy bem lauado; e tira-o em cima da cabeça com ho rosto pera tras, e andaom com ele daredor com muy grande preciçam, tangendo-lhe muytos instrumentos; e uaom certas mulheres de Bramenes com candieiros acesos diante, e cada ues que chegaom ha porta principal ho põe sobre aquelas pedras, e aly ho adoraom e fazem muytas ceremonias; e dando asy tres uoltas ha igreja ho tornaom na mesma ordem dentro ha capela. Esta casa doraçam he cerquada de parede, antre ha qual eles andaom em preciçam, e quando andaom nela trazem-lhe hũu sombreiro de pee por estado; esta pedra que estaa ha porta

em

em que eles tambem costumaom poor suas ofertas, he lauada duas uezes ha ho dia; sobre ela daom de comer aros cozido has gralhas por ceremonia duas uezes ha ho dia. Estes Bramenes honraom muyto ho conto de tres, tem que he Deos em tres pesoas, que nom he mais de hũa; toda sua oração he ceremonia, e honraom ha Trindade, querendo-a quasi figurar; ho nome que lhe põe he Bermabesma Maçeru, que saom tres pesoas hũu soo Deos, ho qual confesaom ser des ho começo do mundo; nom tem conhecimento nem noticia da uida de noso Sõr Jhũ Xpõ; crem e honraom muytas uerdades, que nom dizem com uerdade: estes põe sempre nas testas cada ues que se lauaom hũs sinaes de cinza, em lembrança que saom dela, e mandaom queimar seus corpos mortos: quando has mulheres destes emprenhaom e ho marido ho sabe, alimpa hos dentes, e nom come mais betele, nem fas ha barba, e jejua até que ha mulher pare: destes Bramenes se seruem hos Reys em tudo, senam em cousas darmas; nom pode ninguem fazer de comer ha elRey senam Bramenes ou de sua linhagem; seruem tambem de caminheiros pera outros regnos com cartas, dinheiro, e mercadorias, pasando per honde quer que uaom, seguros sem lhes ninguem fazer mal, ainda que hos Reys estem em guera: estes Bramenes saom letrados em suas Idolatrias, e tem delas muytos liuros, hos Reys hos tem em grande estima. Atras falei muytas uezes em Nayres, e porque atégora uos nom tenho dito que gentes estas saom, haueis de saber que nesta tera do Malabar ha outra ley de gente que chamaom Nayres, e antre eles saom fidalguos, nem tem outro oficio senam seruirem na guera, e continuadamente per honde quer que andaom trazem suas armas, e saom espadas e adargas, e outros com arquos e frechas, e outros com lanças; uiuem todos com elRey, e com outros grandes Senhores, porem todos tem asentamento delRey, e ainda que sejaom proues e de pouqua ualia, todos tem asentamento delRey, ou dos Senhores com que uiuem; nom pode ser Nayre senam de linhagem de Nayre, saom homeins muy limpos com sua fidalguia, nom se tocaom com nenhũu uilam, nom comem nem bebem senam em casa de Nayres, saom grandes seruidores delRey, ou dos Senhores com que uiuem, guardando-os muy bem; andaom sempre de dia e de noute diante deles com suas armas: saom homeins que estimaom muyto pouquo ho comer e dormir,

por seruirem e fazerem ho que deuem; e asy dormem muytas uezes sobre hũu poyo, sem nenhũa roupa, por guardarem quem lhe daa de comer; fazem muyta pouqua despeza, e asy nom tem mais hos mais deles que duzentos rs. por mes pera sy, e hũu moço. Estes Nayres geralmente como saom de idade de sete anos, saom postos em escolas, pera aprenderem em elas muyto boas manhas e ligeirezas; aly hos ensinaom ha bailar, e dançar, e dar muytas voltas no cham, e saltos reaes, e asy outros saltos; e isto aprendem em quanto saom meninos cada dia duas uezes, tam desmembrados e dobrados, que lhes fazem mandar hos corpos ha ho reues da natureza; e depois que nisto saom bem desenuoltos hos ensinaom ha joguar daquelas armas ha que se eles mais inclinaom, deles com frechas e arquos, deles com bastam pera serem lançeiros; porem hos mais deles com espada e adarga, que antre eles he mais acostumado, e nesta esgrima se exercitaom sempre: estes mestres que hos ensinaom chamam-se Paniquáes, que antre eles saom muy estimados e acatados, principalmente de seus discipulos que grandes e pequenos adoraom neles; e asy he ley e costume que ho adorem honde quer que ho toparem, posto qne ho discipulo seja mais uelho que ho mestre; e saom obriguados hos Nayres, por mais uelhos que sejaom, hirem sempre no inuerno ha tomar suas liçóes desgrima até que moraom. Algũus destes Paniquáes uiuem cos Reys e grandes Senhores, e nom ensinaom, e saom seus capitães na guera, e este nome he grão, e saom nesta sciencia agraduados, como em nosas partes hos letrados, e asy leuaom mais mantimento de com quem uiuem que hos outros Nayres: estes nom saom casados, seus sobrinhos filhos de suas irmãs hos erdaom. Has mulheres Nayras de sua linhagem, saom muy isentas, e fazem de sy ho que querem com Brameues e Nayres, porem nom dormem com homem mais baixo que sua casta sob pena de morte: ha estas como saom de doze anos, suas mãis lhe fazem hũa grande ceremonia; e como hũa mulher uee que sua filha he desta idade, roga ha seus parentes e amiguos que se façaom prestes pera lhe onrarem aquela filha; entam rogua ha seus parentes, e especialmente ha hũu seu parente ou grande amiguo, que lhe case aquela filha, e ele lho promete de boa uontade, e manda fazer, hũa joia pequena que teraa meio ducado, comprida como hũa fita, com hũu buraquo no meio que pasa da outra banda, e enfia-

fiada em hũu fio de retros branqueo; ha may ha hũu dia certo estaa com sua filha muyto areada com muytas e riquas joias, fazendo-lhe grande festa com muytos tangeres e cantares, e muyta gente; este seu parente ou amiguo chegua com aquela joia, e fazendo certa ceremonia ha moça, lança-lha ha ho pescoço, que toda sua uida tras em sinal, e pode fazer de sy ho que quizer; ele se uay sem dormir com ela, por quanto he seu parente, e se ho nom he entam pode dormir com ela, porém nom ho obrigaom ha iso: daly por diante ha may da moça anda catando e rogando algũus mancebos que hajaom aquela filha de uirgindade, e estes ham de ser Nayres, hos quaes haom antre sy por cousa çuja, e quasi uileza hauerem hũa mulher de uirgindade; e depois que algum dorme com ela, he domem; ha may torna hir andar rogando ha outros algũus mancebos Nayres, que lhe queiraom manter aquela filha, e tela por manceba; asy que se concertaom com ela tres e quatro Nayres, e ha mantem dormindo com ela, e cada hũu lhe daa tanto por dia: quanto mais amiguos tem quanto mais honra; e cada hũu estaa com ela dia certo, des ho meio dia até outro meio dia, e asy uaom pasando sua uida temperadamente, sem hos ninguem ouuir, nem hauer antre eles competimentos, e ho que ha quer leyxar, leyxa e toma outra, e ela tambem se lhe algum auorese, dis-lhe que se uaa, ele ho fas, ou ha rogua: hos filhos que nelas haom ficaom has costas da may, que tem carego de hos criar, porque nom hos daom por filhos de nenhũu, ainda que se pareça com ele, nem hos estimaom como filhos, nem erdaom nenhũa cousa deles, porque como já dise, saom seus erdeiros seus sobrinhos e das mays: esta ley *quem a quizer considerar mais profundamente, achará que foi instituida com maior sabedoria do que vulgarmente se pensa, pois a* fizeraom hos Reys ha hos Nayres por nom terem cousa que hos obrigase ha nom fazerem ho que pertencese ha seu seruiço. » Estes nom se chamaom Nayres senam » des ho tempo que saom pera pelejar, porem gozaom de » suas liberdades em tudo; nem recebem soldo del Rey até » serem armados em caualeiros, principalmente no regno de » Cananor, honde se costumaom muyto fazerem-se caua- » leiros por mam do propio Rey; e ho mancebo que ho » quer ser, chama seus parentes hos que já saom caualei- » ros, que ho uãom honrar; e asy se ajuntaom com ele » muytos, leuando-o muy honradamente ha ho paço, tem-

» do já prasme delRey pera iso: chegando ha ho paço el-
» Rey ho manda entrar com quantos com ele uem; en-
» tam póe diante delRey sobre hũa folha tres moedas
» pequenas que chamaom fanões (que ual cada hũu co-
» mo em outra parte já dise uinte e dous rs.), elRey lhe
» progunta se quer guardar hos costumes e leys dos outros
» Nayres; e ele e hos parentes dizem que sy, e entam
» lhe manda cingir hũa espada ha parte direita, de hũa bai-
» nha uermelha; depois de ho cingir ho fas chegar pera
» sy, e lhe póe ha mam direita sobre ha cabeça, e
» lhe dis certas palauras que ninguem nom ouue, que pa-
» rece rezar; entam ho abraça dizendo-lhe Paje Gubrama-
» ca; que quer dizer, guardarás has uaquas e hos Bramenes:
» despois de feita esta ceremonia estaa aly hũu escripuam
» que lhe progunta loguo diante delRey, alto que ho ou-
» çaom todos, ho nome e de que linhagem he, e todos ho
» respondem ainda que seja muyto conhecido, e ho escri-
» puam ho asenta asy no liuro dos soldos, pera daly em
» diante uencer seu ordenado; e hos parentes ho leuaom
» daly muy honradamente ha casa do Paniqual que ho en-
» sinou, ho qual em ho uendo ho adora e fazem dele
» grande ceremonia, e se lança ha hos seus peis; e daly
» ho leuaom ha sua casa honde he festejado conforme ha
» sua pesoa, e asy fiqua sobre, pera poder seruir elRey
» e ir ha guera, e desafiar-se com quem quizer. No regno
» de Calecut ho Paniqual que ho ensinou, ho arma caualei-
» ro na escola, com licença delRey pera ho poderem ser-
» uir e hauerem sua moradia, honde lhe fazem grande
» ceremonia, honde lhe metem na mam hũa espada nua
» e hũa adargua na outra; e dele recebe certo dinheiro,
» e dis-lhe has mesmas palauras que acima dise, porém
» nom lhe cingem espada; entam da escola ho leuaom ha
» paço delRey; entam ho mandaom asentar em soldo,
» e lhe daa por sua mam dous fanões em começo de pa-
» gua de sua moradia, ho que eles haom por muyta hon-
» ra, de maneira que todos saom armados caualeiros antes
» de uiuerem com elRey, nem tomarem armas pera ser-
» uirem ninguem; e todauia elRey de Calecut arma por
» sua mam algũus principaes da propia maneira que fas ho
» de Cananor, por lhe fazer honra e fauor, porém saom
» muytos pouquos. Estes Nayres quando uaom ha guera
» pelejaom esforçadamente, tomaom ha espada dos imi-
» guos que mataom, e trabalhaom muyto por iso, por ho
» ha-

» hauerem por grande honra, e trazemna loguo ha elRey » ou Senhor com que uiuem, com muyta festa e prazer, » acompanhados de seus parentes e amiguos, (e trazem ha » espada que tomou ha mam direita e ha sua ha esquer- » da); e ainda que elRey esteja muyto longe donde foy » ha guera, lá lha leuaom e apresentaom com muyta ale- » gria: elRey se aleuanta, e erguendo has máos pera ho » nascimento do Sol, ho adora; entam recebe aquela es- » pada, honrando e fauorecendo muyto ha ho Nayre que » ha tras, e fas loguo asentar isto ha hũu escripuam, dando » ha ho Nayre hũu bracelete douro, metendo-lho no bra- » ço por honra, e asy ho despedem; ha espada mandamna » meter num almazem honde tem outras muytas, que nom » seruem de mais que destar aly por memoria. » Estes Nayres quando asentaom uiuenda com elRey, ou outra qualquer pesoa de que hamde receber soldo, prometem de morerem por ele, e esta ley he antre eles guardada dos mais, algũus ho nom cumprem mas he isto de geral obrigaçam: asy que em algũa guera mataom seu Rey ou Senhor, se se eles achaom presentes, fazem ho que podem até morte; e se se nom achaom ahy, ainda que uenhaom de casa, uem busquar aquela pesoa que ho matou, ou Rey que ho mandou matar, e aly por mais que sejaom hos contrairos, cada hũu sem tornar atras fas tanto até que ho mataom: se algũa pesoa se teme, toma destes Nayres hũu ou dous, ou aqueles que se atreuem ha manter, ha què daa hũa certa cantia pequena, pera que ho guardem; ninguem por amor deles lhe ousa ha fazer mal, por que eles e toda sua linhagem uingaom ha injuria que ha ho tal fose feita, ainda que seja contra elRey; e por iso elRey muytas uezes leyxa de matar ou castiguar pesoas que ho tem ofendido, que tem em sua guarda Nayres, por nom ser causa deles morerem; porque ainda que ha tal injuria nom fosem presentes, moreraom por ha uinguar. Estes Nayres uiuem sobre sy, fora de pouoaçam, apartados de outras gentes, cerquados de muy altos ualos, aly tem seus palmares, e tanques; nom se tocaom com nenhũa outra gente, nem comem senam com Nayres, nom bebem uinho, nom dormem com mulheres baixas, tudo isto sob pena de morte; quando uaom por caminho ou rua, uaom bradando ha hos uiláos que se afastem de per honde haom de pasar, eles ho fazem; e nom querendo fazer, ho Nayre ho pode matar sem pena: e ainda que seja moço fidalguo muito proue e sem ualia:

achan-

achando no caminho hũu homem baixo, muy riquo e honrado, e muy fauorecido delRey, asy ho fas afastar como se ele fose hũu Rey, e nisto tem hos Nayres muy grande primor, e asy ho fazem has mulheres has outras: isto dizem que ho fazem por nom macularem seu sangue; se hũu destes uilãos por desastre ou uontade toquar algũa mulher Nayre, seus parentes ha mataom loguo, e ha ele, e ha quantos parentes tem, se hos podem hauer ha mam: se estes Nayres mandaom fazer algũa obra ha hos uilãos, ou lhe compraom algũa cousa, ho mandaom de pesoa ha pesoa, nom tem outra pena toquando-se com eles, que serem obriguados ha *não* entrarem em suas casas sem se primeiro lauar, e troquar hos uestidos que trazem com outros lauados, e asy ho fazem has mulheres; mas este comercio ha de ser fóra, e nom em casa: despois que saom dentro nas cidades algũa cousa se tocaom mais com ha gente, mas todauia hos uilãos ham-se de cheguar has paredes, e leyxalos pasar. Nas cidades nom entra mulher nenhũa de Nayre, sob pena de morte, senam hũa ues no ano, pera ho que tem hũa noite ordenada, em que podem andar com seus Nayres per honde quizerem; nesta noite entraom principalmente em Calecut mais de uinte mil mulheres todas de Nayres; hos moradores da cidade por hos honrarem põe esta noite muytas candeas polas ruas; has casas das pesoas principaes estaom todas muyto alcatifadas e paramentadas de riquos panos, has Nayres entraom ha uer has casas dos amiguos honde recebem muytas dadiuas e gazalhado, conuidam-as com betele, que antreles se costuma e ha por honra, *e conservas de açucar, que tem por grande honra receber das mãos de seus amigos*; delas uem embuçadas, delas de praça: tambem uem has mays, e irmãs, sobrinhas dos Reys ha uer has cidades, e toda ha noite has andaom uendo, e asy has casas destes mais grosos mercadores de que recebem grandes dadiuas e presentes; porque elas tambem tem cuidado de hos sosterem no fauor e amizade do Rey. Estes Nayres depois que asentaom uiuenda com elRey nunqua perdem ha moradia que dele tem, e ainda que sejaom muyto uelhos sempre ha haom por inteiro até morte, antes acresentaom algũas pesoas: se passaom algũs anos que ha estes non pagaom suas moradias, ajuntamse quatrocentos ou quinhentos deses agrauados antre ha porta do paço, donde mandaom dizer ao elRey que eles uaom de caminho espedidos dele, para irem uiuer com outro Senhor ou Rey,

por

quanto lhes nom daa de comer, e elRey lhes manda entam rogar que se sofraom, que cedo seraom remediados; e se lhes loguo nom daa ha terça parte do que lhes he deuido, prometendo-lhes de cedo lhes dar a demasia, uamse ha outro Rey, que lhes parece que deles teraa necesidade, ante quem se apresentaom, dizendo-lhe quem saom, donde, e porque uaom; elRey hos agazalha e lhes daa de comer até tres dias, sem hos asentar em soldo, e tambem nestes dias lhes daa certa cousa pera cada dia, com que honestamente se podem manter; neste tempo manda ha saber delRey de quem eles se espediraom, se lhes quer loguo paguar, e nom hauendo hy remedio pera iso, entam se asentaom com ho outro, ho que antre hos Reys he grande abatimento e injuria de seu estado: quando andaom na guera, paguaom hos Reis ha todos hos Nayres que nela seruem, inda que sejaom doutros Senhores, suas moradias cada dia, que he quatro taras ha cada hũu, e cada dia tem sinco rs.: no tempo que andaom na guera se podem toquar com toda ha gente, e com uilãos, e comer e beber com eles em suas casas, sem se lauarem. ElRey he obriguado ha manter ha may e sobrinhos dos Nayres que na guera morem, e loguo hos asenta em soldo; se hos ferem, elRey hos manda curar muyto bem, além do que lhe daa ordinario, e algũs alem disto tem suas fazendas de que uiuem, e com que mantem suas irmãs, ha que tem muy grande acatamento, principalmente has mais uelhas, com que tem grande parcialidade; com has mais moças nom entraom em hũa camara, nem em casa honde esteem soos, nem se tocaom com elas, nem lhe falaom por nom darem azo ha pecarem com elas por serem mais moças; porque com ha maior nom ho poderaom fazer pelo grande acatamento que lhe tem. Estas mulheres Nayras quando estaom em seu costume, fecham-se em hũa casa apartada tres dias sem se toquarem com ninguem; ho seu comer elas ho fazem em panelas e bacias apartadas; acabados hos tres dias se laua em aguoa quente, uestindo-se doutros panos lauados; entam sahe de casa, e se uay ha hũu tanque honde se laua outra ues, e leyxa aqueles panos limpos, e toma outros; e desta maneira se pode ir ha casa, e conuersar com sua may, e irmãas, e outra gente: ha casa honde ela esteue aqueles tres dias he embostada e uarida; embostada com bosta de bois, porque doutra maneira nom entrara ninguem nela: estas mulheres quando

pa-

pirem saom logo muyto bem lauadas com muyta agoa quente hos primeiros tres dias, e depois diso outras muytas uezes, de cima da cabeça até hos peis: estas nom fazem nenhũ oficio senam fazer de comer pera sy, e guanhar de comer por seus corpos, porque além de que cada hũa tem tres e quatro amiguos que lhe daom de comer, nom se negaom ha nenhũu Bramene ou Nayre que lhe daa dinheiro; saom mulheres muy limpas, tratam-se muyto bem, haom por grande honra e galantaria, e prezam-se muyto de se saber comprazer ha hos homeins, e tem por fee que toda ha mulher que more uirgem he danada. » Tem hos Nayres grande acatamento ha hos parentes e irmãos, ho menor estaa diante dos outros com » muyta cortezia, e com ha mam na boqua por silencio, » respondendo somente ha ho que lhe proguntaom, com » grande acatamento ha hos mestres, e tanto, que elRey » se aleuanta em pee quando seu mestre entra honde ele » estaa, e ambos se adoraom hũu ha ho outro, ho mestre » ha ele por Rey, e ele ha ho outro por mestre: quando » estes Nayres morem, mandaom queimar seus corpos dentro em seus cerados e quintaes, e hy ho pranteaom » sua may e parentes, e ha cinza deitaom em rios corentes; ho sobrinho ou quem ho ha derdar toma doo por » ele em hũu ano (da maneira que ho tras ho principe por » elRey) fas ho comer por sua mam, ou lho fas hũu Bramene, laua-se primeiro que coma com grandes ceremonias, mudando hos pinos que tras e tomando outros; » bate has palmas primeiro que coma, ha ho que acodem » muytas gralhas, e ele lhes daa de comer fazendo muytas outras idolatrias, e dando esmola ha hos proues e ha » Bramenes segundo ho que tem de seu; acabado ho ano, » tira ho doo, e fas outras ceremonias ha maneira de sahimento. Todos estes Nayres saom muy grandes guereiros, crem em muytas fantasmas, tem antre sy dias » bõos e máos, nos máos nom começaraom nenhũa cousa nem faraom nada; crem tambem em sinaes, que se » hũu gato se atrauesa diante dele estando pera fazer » qualquer cousa, nom ha fazem; se em sahindo de casa » ha algum negocio achaom algũa gralha a caretar lenha, » tornam-se; se em partindo doutras pesoas com que estem, algũu dos que fiqua espirra, ho que se hia se torna asentar, e nom parte tam asinha: estes adoraom ho » Sol, e ha Lua, e ha candea, e has uaquas, e honramnas

» muy-

» muyto; crem muyto de ligeiro: se algũu he demoninhado
» dizem que he ho seu Deos que se mete nele, e ho que
» lho demonio fas dizer, que saom cousas espantosas, tu-
» do crem; e falos acutilar asy mesmo, e tudo ho que di-
» zem ha elRey sem duuida nenhũa ho fas loguo, e ho de-
» monio pera lhe darem credito lhe fas muy diabolicos si-
» naes; crem que hum homem depois de morto pode tor-
» nar ha nascer doutra mulher com hos propios sinaes. »
Ha tambem neste regno do Malabar outra ley de gente que chamaom Brabares que saom mercadores Indios naturaes da tera, e asy ho eraom antes que gentes estrangeiras houuessem nauegaçam da India; trataom em toda sorte de mercadorias, asy nos portos do maar como no certam, honde se mais usa seu trato: estes recolhem em sy toda ha pimenta e gingibre dos Nayres e lauradores, e muytas uezes compraom has nouidades dantemam, ha troquo de panos dalgodam e outras mercadorias que nos portos do maar haom, e despois has reuendem e ganhaom muyto dinheiro: tem estes taes liberdade, que ho Rey do regno em que uiuem hos nom pode matar por justiça; se elRey souber que algũu deles fes algũu maleficio por que deue ser punido, fas ho saber ha hos outros, e eles se ajuntaom hos principaes em conselho, e mataom ho delinquente has lançadas e cutiladas, fazendo saber ha elRey ha justiça que nele fazem: saom homeins muy riquos, e de muytas eranças na tera antiguamente auidas; casaom com hũa soo mulher ha nosa maneira, hos filhos hos erdaom; e quando morem mandaom queimar seus corpos; suas mulheres hos uaom pranteando até ho foguo, e cheguando ha ele, tiraom do pescoço hũa joia pequena douro que lhe eles daom quando as recebem, e lançamna sobre ele no foguo, e asy se tornaom pera casa; nom tornaom ha casar ainda que sejaom moças de pouqua idade; se elas morem, hos maridos has mandaom queimar e despois podem casar outra ues; estes saom tam limpos de linhagem que se podem hos Nayres tocar com eles. Ha nesta tera outra ley de gente ha que chamaom Cuiauem, que nom tinhaom diferença dos Nayres, somente por hũu ero que fizeraom ficaraom em ley sobre sy; seu oficio he fazerem louça e tejolo pera cobrirem has casas dos Reis e dos Idolos, has quaes cobrem com ho tejolo em lugar de telha; estas somente, porque como já dise has mais se cobrem com rama; tem idolatria sobre sy, e seus Idolos apartados. *Nas suas casas de oração a que chamão Pagodes, fazem mui-*

tas feitiçarias e nigromancias, e os que nascem delles não podem ter outra ley ou officio. A'cerca do casamento tem ha ley dos Nayres; com has mulheres destes podem hos Nayres dormir, com condiçam que nom podem entrar em suas propias casas sem se lauarem do tal pecado, e mudarem hos uestidos. Ha asy outra ley de Gentios ha que chamaom Mainatos, que tem por oficio lauarem roupa ha hos Reys, Brames, e Nayres, e disto uiuem, e nom podem tomar outro nem seus filhos; lauaom junto com suas casas em grandes tanques e poços que pera iso tem; estes tem tantos uestidos asy seus como alheos, que ha muytos Nayres que nom tem panos pera uestir propios seus, e fazem partido com estes, e cada mees lhe daom certa cousa por lhe darem cada dia hũus muyto bem lauados, e disto uiuem: este Nayre manda cada dia ha sua casa hũu moço que lhe leua hũus e tras outros, conforme ha ho que requerem suas fidalguias; e ha hos outros lauaom por dinheiro, e asy ha todos seruem muy limpamente, e com iso se mantem abastadamente: suas gerações se nom mesturaom com outras nenhũas, nem outras com elas; somente hos Nayres podem ter por mancebas has mulheres destes com ha condiçam de se lauarem e mudarem panos: estes lauandeiros tem idolatria sobre sy, e seus templos apartados, crem em desuairadas cousas, tem ha ley do casamento dos Nayres, seus irmãos, sobrinhos hos erdaom. Ha outra ley mais baixa que estes ha que chamaom Caletis, que saom tecedores; nom tem outro oficio em que ganhem de comer senam em tecer panos dalgodões e algũus de seda, mas saom baixos de pouquo dinheiro, de que se uestem as gentes baixas; tem ley sobre sy, e idolatria apartada; sua linhagem se nom mistura com nenhũa outra, somente hos Nayres podem ter suas mulheres por mancebas com ha condiçam acima; muytos destes saom filhos de Nayres e muy bõs homeins de suas pesoas, trazem armas como eles, e uaom ha guera honde pelejaom bem; no casamento guardaom ha ley dos Nayres, e seus filhos nom erdaom; has mulheres saom liures de suas pesoas, fazem ho que querem de seus corpos, mas nom se misturaom com outra linhagem senam com ha sua, e dos Nayres, sob pena de morte. Ha afora estas gentes acima, honze leys de outras mais baixas, com que has outras se nom misturaom e tocaom sob pena de morte, e antre hũus e outros ha grandes apartamentos, guardando-se de se misturar hũa casta com outra casta;

hos

hos mais limpos de toda esta gente baixa e ciuel chamaom Tuias, que saom grandes trabalhadores, seu oficio principal he adubarem has palmeiras, e colherem hos fruitos delas e acaretarem por dinheiro has costas tudo, que na tera nom ha bestas de careto; saom cauouqueiros, e ganhaom de comer em toda ha cousa de trabalho; algũus aprendem ho uso das armas, pelejaom muy bem quando cumpre: estes trazem por sinaes nas mãos hũus páos de braça, hos mais deles saom escrauos de tera dos Nayres, ha quem hos Reys hos daom pera deles comerem, e se manterem; e eles tem cuidado de hos gaurdarem e fauorecerem: tem sobre sy Idolos em que crem, seus sobrinhos saom seus erdeiros; eles saom casados, mas seus filhos nom erdaom, porque suas mulheres publicamente ganhaom de comer per seus corpos, e ha ninguem se negaom nem ha hos estrangeiros, de que hos maridos saom sabedores, e lhe daom lugar pera ho fazerem: estes fazem ho uinho da tera e ho uendem, ho que nenhũs outros podem fazer; guardam-se muyto de se tocarem com outra gente mais baixa que sy, e uiuem apartados das outras gentes; antre eles ha hy algũus que dous irmãos tem hũa mulher, e dormem com ela sem ho estranhar. » Ha outra ley de gente mais baixa que esta, » que chamaom Mancu, que se nom mesturaom nem to- » caom com ninguem, nem outros com eles; saom la- » uandeiros da gente comua, e colchoeiros, hos quaes ofi- » cios ninguem pode usar senam eles; seus filhos todos » por força ho hamde ser: tem idolatria tambem sobre sy; » estes lauaom hos panos has Nayras de quando estaom so- » bre sy com seu costume, hos quaes panos per força ham » de ser lauados e torcidos por estes lauandeiros, e nom » pelos outros, porque nom sendo asy nom ficaom liures » do pecado; estes saom escrauos delRey, e tambem dos » Nayres. » Ha outra ley nesta tera de gente mays baixa, ha que chamaom Canaquas, que tem por oficio fazerem adarguas, e sombreiros; estes aprendem letras pera astrolomia, saom grandes astrologos, e dizem muyto certo muytas cousas futuras, e ha Senhores que por isto lhe daom mantimento: hos Reis se desejaom saber algũas cousas, mandaom chamar estes, e saindo-se de seus paços por detras honde tem has ortas, se uem com eles, e lhe preguntaom ho que querem; eles ho escrepuem, e se uaom pera suas casas ha estudalo, e estudado se tornaom ha ho mesmo lugar (porque por sua baixeza nom podem entrar nos paços)

» honde elRey uay com algũus priuados, e aredados dele;
» lhe dizem ho que daquilo alcançaom por seu saber: saom
» tambem letrados em suas idolatrias e agouros, e tanto
» que nom começará nenhũu Rey ou Senhor nenhũa cousa,
» nem sairaa de casa, sem perguntar ha estes ho dia e hora
» em que ho faraa, ho que tambem fazem algũus mercado-
» res grosos pera suas uiagens; e com isto ganhaom de co-
» mer pera sy, suas mulheres, filhos, e Senhores, cujos ca-
» tiuos saom: ninguem sae do que eles dizem, trazem sem-
» pre grandes feixes de folhas de palmas escriptas de suas
» bulras, nom entraom em casa de nenhũu gentio honra-
» do, na rua se asentaom e ha hi fazem seus juizos e con-
» tas; » conhecem bem hos Sygnos e Planetas, e tem tu-
do afigurado como nós, e hos mezes partidos, senam que
tem mezes de uinte e noue dias, trinta, trinta e dous, e
asy ha pouqua diferença dos nosos, porque algũus acer-
taom ha fiquar iguaes: ho primeiro mes de seu ano he
abril, porque nesta tera em maio, e junho, julho, e aguos-
to, e setembro meado, he ho inuerno com grandes chu-
uas e tempestades; de meado setembro ho outro he ueram
de muytas calmas e pouquos uentos: na costa sempre ha
terenhos e uirações; no ueram somente nauegaom, e no
inuerno uaraom has náos. Ha outra ley de gente mais bai-
xa tambem Gentios ha que chamaom Ageres, seus oficios
saom pedreiros, e carpinteiros, e ferreiros, uasadores de
metal, e algũus ouriuezes; estes saom todos de hũa linha-
gem e ley sobre sy, e tem seus Idolos apartados das outras
gentes; saom casados, seus filhos erdaom suas fazendas e
aprendem hos oficios dos pays, saom escrauos delRey e
dos Nayres, e muy sotis em seus oficios. Ha nesta tera
outra ley de gente mais baixa que chamaom Mogeres,
saom quasi como hos Tuias, mas nom se tocaom hũus
com outros; estes seruem decaretar todalas cousas do es-
tado delRey quando se ele muda dalgũu lugar pera ou-
tro, mas ha muyto pouquos destes na tera; tem ley sobre
sy, nom tem ley de casamento, pela maior parte ganhaom
de comer pelo maar, saom marinheiros, e algũus pescado-
res, adoraom Idolos sobre sy, saom tambem escrauos dos
Nayres: ha hy deles muyto riquos que tem nauios com-
que nauegaom, e trataom com hos Mouros; seus sobrinhos
saom seus erdeiros nom seus filhos, porque suas mulheres
saom muyto deuasas, e dam-se ha quem querem: guardam-
se muyto de se toquarem com outra gente mais baixa que
sy,

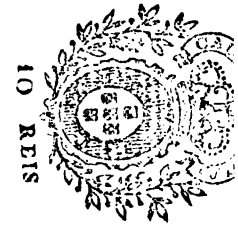
sy; uiuem em pouoações apartadas; saom suas mulheres gentis mulheres, e branquas, tratam-se muy bem; saom filhos destrangeiros, *mais brancos que os naturaes do Paiz, e as mulheres andão mui bem vestidas com muitos ornatos de ouro.* Ha tambem outra ley de Gentios mais baixa ha que chamaom Monquer, saom pescadores que nom tem outro oficio senam pescar, algũus nauegaom em náos de Mouros, e dos outros Gentios, e saom muyto naturaes do maar: estes uiuem em pouoações apartados sobre sy, honde fazem suas pescarias; he hũa gente muy ciuel, saom grandes ladros sem uergonha; saom casados, seus filhos erdaom suas fazendas; suas mulheres saom muy soltas, dormem com quem querem sem eles ho hauerem por mal; tem idolatria sobre sy, saom escrauos do Rey e Nayres da tera, nom pagaom nenhũu direito de pescado fresco; se secaom algũu pagaom ha quatro por cento, e desta maneira he ho pescado muyto barato, que he ho moor mantimento que antreles ha, porque comem muy pouquas carnes e na tera nom ha muyta criaçam: ha hy algũus destes que saom muy riquos e abastados, tem grandes casas e fazendas, has quaes lhes elRey toma quada ues que quer, e eles lhe peitaom grosamente ha seus gouernadores pera que has nom tome. Ha nesta tera do Malabar outra ley dos Gentios mais baixa ha que chamaom Betunes cujo oficio he fazer sal, e semear arôs, nem uiuem doutra cousa; tem suas casas apartadas nos campos, desuiadas dos caminhos por honde hos nobres nom andaom; tem idolatria sobre sy, saom escrauos de Reys e Nayres, uiuem proues; hos Nayres hos fazem andar muy longe de sy, e de muyto longe lhe falaom; nom conuersaom com nenhũa gente outra, saom casados, seus filhos erdaom suas fazendas. Ha nesta tera outra ley de Gentios mais baixa e ciuel ha que chamaom Pancens que saom muy grandes feiticeiros, nom ganhaom de comer por outra cousa, falaom com hos demonios uisiuelmente, hos quaes sentem em algũus fazendo lhe dizer cousas espantosas; quando algũu Rey adoece manda chamar estes homeins e mulheres dos quaes uem des e doze casas, hos milhores oficiaes e mais aceitos ha ho diabo, com suas mulheres e filhos; ha porta do paço armaom hũa tenda de panos pintados honde se metem, e daly uaom ha ho chamado de outro algũu Senhor se hos ha mister; pintaom seus corpos de muyras cores, fazem coroas de papel e outras inuenções com muytas flores e eruas; fazem grandes fogueiras

e

e candeas acesas; trazem atabaques, trombetas, e bacías; com que tangem; entam saem das tendas dous em dous com suas espadas nuas nas máos, dando gritos, fazendo esguares, corendo pelo tereiro, saltando hũu tras outro; desta maneira andaom hũu pedaço dando-se cutiladas, metendo-se no fogao nuus, e descalços até que cançaom, e entam saem outros dous ou tres, asy homeins como moços, cantando e fazem outro tanto: has mulheres estaom cantando e bradando, e fazendo grande aroido; nisto estaom dous ou tres dias de noite e de dia trabalhando hũus com hos outros, e fazendo circulos no tereiro com risquos dalmagra de hũu baro branquo; lançaom dentro no circulo aros e flores uermelhas, põe de redor candeas; e asy andaom nisto até que ho diabo, por cujo seruiço ho fazem, se mete em hũu deles, e lhes fas dizer de que elRey he doente e com que será sam, e asy lho dis e ele fiqua muy contente: manda-lhe daar de comer, dinheiro, e panos, e fas ho que lhe manda: esta gente tambem uiue apartada da conuersaçam da honrada, nom se tocaom com nenhũa ley das outras, tambem saom grandes frecheiros, caçadores, e monteiros; mataom muytos porquos, ueados, e outras alimarias, e aues de que se mantem; saom casados, seus filhos erdaom suas fazendas. Ha outra ley de gente mais baixa e ciuel que chamaom Reuoleens muy proues, uiuem e mantem-se de caretar lenha, e erua pera has cidades; nom se tocaom com ninguem, nem ninguem com eles sob pena de morte; andiom nuus, somente cobrem suas uergonhas com hũus panos muyto pequenos e çujos, hos mais deles com hũas folhas daruores; tem ley de casamento, seus filhos erdaom suas fazendas, *suas mulheres trazem nas orelhas muitas argolas de latão; e no pescoço, braços, e pernas braceletes, e manilhas feitos de contas.* Ha nesta tera outra ley de Gentios mais baixa ha que chamaom Poleas, estes se tem antre eles por malditos, e escomungados, uiuem nos campos e uarzeas, em lugares muito descobertos, honde senam por desastre podem ir gentes honradas, viuem em hũas cazinhas muito pequenas e uiis, semeaom aros com bufaros e bois; nom falaom com hos Nayres senam de muy longe, quanto hos posaom entender, bradando; quando uaom pelos caminhos daom grandes gritos que hos leyxem pasar, e quem quer que hos ouue se areda loguo do caminho, metendo-se pelo mato pera que eles pasem; qualquer homem e mulher que com estes se tocar matamno loguo

seus

seus parentes, e em uingança mataom dos Poleas atee que se enfadaom sem auerem pena algũa; estes em certos meses do ano trabalhaom quanto podem por tocar qualquer mulher de Nayre, de noite ho mais sacretamente que poder ser, por fazer mal soo; e uam-se de noite andar por antre has casas dos Nayres, ha tocar mulheres, e elas se guardaom nestes meses muyto, e se eles algũa mulher tocaom ainda que ha nom ueja ninguem, nem haja testemunhas, ela se pubrica logno bradando, e nom se quer mais meter em casa, por nom damnarem sua linhagem; e ho mais que niso fas he fugir pera casa de algũa outra gente baixa, e se escondem pela nom matarem seus parentes, pera dahi se remediar e ser uendida ha algũus estrangeiros, como se fas muytas uezes; ho tocar he desta maneira que ainda que nom seja de palaura ha palaura, aremesa lhe qualquer cousa, pedra ou páo, e dando lhe com ela fiqua tocada e perdida; estes saom muy grandes feiticeiros e ladrões, e gente muyto roim. Ha outra ley de gente mais baixa e ciuel ha que chamaom Parcens, que uiuem nos mais desabitados lugares, apartados das outras gentes; nom conuerçaom com ninguem, nem ninguem com eles, hamnos por peiores que diabos, e damnados; porque somente de hos uerem se haom por çujos e escomunguados: comem inhamens e outras raizes de fruitas brauas, cobrem has uergonhas com folhas, comem tambem carnes montezas. Nestes se acabaom has diferenças das leys dos Gentios, que saom por todas dezoito, e cada hũa he sobre sy sem se poderem tocar nem misturar em casamento; e afóra estas dezoito leys dos Gentios naturaes do Malabar, que uos já dise, ha outras de gentes estrangeiras mercadores e tratantes na tera, honde tem casas, fazendas, uiuendo já como naturaes, porém com costume sobre sy, que saom estes: Primeiramente destas gentes que diguo estrangeiras que no Malabar moraom, hũa ley ha, que chamaom Chatis naturaes da prouincia de Charamandel de que ha ho diante falarei, saom homeins baços quasi branquos e gordos; pela maior parte saom grandes mercadores, trataom em pedraria, aljofar, e coral, e em outras riquas mercadorias como he ouro e prata amoedado e por amoedar, que antre eles he grosa mercadoria, e trataom nela porque ha leuantaom e abaixaom muytas uezes: saom homeins muy riquos e honrados uiuem limpamente, tem grandes casas em ruas apartadas sobre sy, e asy tem tambem suas casas doraçam e Idolos diferentes dos naturaes da tera; andaom


IO REIS

nuus

nuus da cinta pera cima, e pera baixo trazem de redor hũus panos grandes de muytas uaras, nas cabeças hũas touquinhas e cabelo comprido, apanhado dentro na touqua; trazem has barbas feitas, e hũas dedadas de cinza com sandalo e açafram pelos peitos, testas, e ombros; nas orelhas hũus furos grandes por honde caberaa hũu ouo, que trazem cheos douro com muyta pedraria e muytos aneis nos dedos; cingem cintas douro e pedraria, e trazem no seyo continuadamente hũas bolsas grandes, em que trazem balanças e pesos de suas moedas douro, e prata, e pedraria; seus filhos como saom de des anos loguo has trazem tambem, andaom caimbando moedas miudas, saom grandes escripuães e contadores, e pelos dedos fazem todas suas contas; saom muy onzeneiros, e tanto, que hũu irmam ha outro nom emprestaraa hũu ceitil sem ganho; saom muy regrados e regidos no comer e guastar: sua lingoa he diferente da do Malabar, asy como Castelhanos e Portuguezes; casaom ha nosa maneira, seus filhos erdaom suas fazendas; se ho marido morer, ha mulher nom casa mais por moça que seja; morendo ha mulher ho marido se pode casar outra ues, se ela lhe fas maleficio pode-a matar com peçonha sem nenhũa pena; estes tem jurdiçam sobre sy, hos Reys nam podem entender em suas culpas, eles fazem justiça hũus dos outros de que elRey he contente; quando morem mandaom queimar seus corpos, comem tudo somente uaqua. Ha no regno de Calecut outra ley de mercadores Gentios que chamaom Buzarates (em Cambaia donde eles saom naturaes se chamaom Banquanes): já no dito de Cambaia dise seus costumes de que propiamente usaom no Malabar, porque algũs uiuem em Cochim, em Cananor tambem, porem ha maior parte em Calecut; trataom em toda sorte de mercadorias pera muytas partes, folgaom hos Reys com eles na tera pelos muytos direitos que lhe pagaom de seus tratos; uiuem em grandes casas e ruas sobre sy, como em nosas partes soiaom ha uiuer hos Judeos; em seus Idolos saom diferentes dos outros; tem muytos sinos grandes e pequenos ha nosa maneira. Ha tambem nesta regiam do Malabar grande soma de Mouros da propia lingoa dos Gentios da tera, andaom nuus asy como hos Nayres, somente trazem por diferença de Gentios carapucinhas redondas nas cabeças, has barbas compridas; destes ha tantos e tam reiguados por todo Malabar, que me parece que ha quinta parte da gente saom eles, espalhados por todolos regnos, e pro-

prouincias; saom muy riquos e abastados, todo trato e nauegaçam do maar tem, e saom de tal maneira que se elRey de Portugal nom descobrira ha India, já ho Malabar fora todo de Mouros e tiuera Rey mouro; *pois que os Gentios por* » *qualquer desprazer que recebião se tornavão mouros, e os Mou-* » *ros os honravão muito, e se era mulher a tomavão em casa-* » *mento.* Estes tem ho costume dos Gentios em muytas cou- » sas, seus filhos erdaom ametade de suas fazendas e ha » outra metade seus sobrinhos filhos de irmam: tem ha sei- » ta de Mafamede, honraom ha sexta feira, tem por to- » da ha tera muytas mesquitas, casaom com quantas mu- » lheres podem manter, e além diso tem muytas mance- » bas gentias baixas da tera; e se haom filho ou filha des- » tas tornamno mouro, e has uezes ha may tambem; e » asy foy no Malabar multiplicando esta pesima geraçam, » ha que hos da tera chamaom Mapulures. Ha tambem na cidade de Calecut muytos Mouros outros estrangeiros, ha que chamaom Pardetis, naturaes de diuersas partes, Arabios, Persios, Guzarates, Curaanes, e Daquanis, que aquy estaom estantes: por ha tera ser de groso trato se ajuntaraom ahy muytos com mulheres, e filhos que uieraom ha crescer; nauegaom pera todalas partes com muytas mercadorias, tem na propia cidade gouernador mouro sobre sy, que hos gouerna e castigua sem ho Rey da tera entender neles, somente ho seu gouernador daa dalgũas cousas conta ha elRey. Antes que hos Portuguezes descobrisem ha India, eraom tantos, e tam posantes, e soltos na cidade, que hos Gentios nom ousauaom dandar por ela por sua soberba; depois uendo ha determinaçam dos Portuguezes, trabalharaom por hos lançarem fora da India, e nom ho podendo fazer, pouquo e pouquo se foraom caminho de suas teras, leyxando ha India e trato, de maneira que asy ficaraom muy pouquos, sem nenhũa força; estes no tempo que prosperauaom nos seus tratos e nauegaçam, faziaom nesta cidade náos de quilha de mil e mil e duzentos bahares de caregua; estas náos eraom feitas sem nenhũa pregadura, todo ho tauoado cozido com tamisa, e has obras de cima muy desuiadas da feiçam das nosas, sem nenhũa coberta: aquy caregauaom toda sorte de mecadorias pera todalas partes, e partiaom desta cidade cada monçam des e quinze náos destas pera ho maar roxo, Adem, e Meca, honde uendiaom muyto bem suas mercadorias, algũas ha hos mercadores de Juda, que dahy has leuauaom em pequenos nauios ha ho Toro, e do Toro hi-

hiaom ha ho Cairo, e do Cairo ha Alexandria, e dahy ha Ueneza, por honde uinhaom ter ha nosas partes; has quaes mercadorias eraom muyta pimenta, e gengibre, e canela, cardamomo, miramulanos, tamarinos, canafiſtula, e toda sorte de pedraria, aljofar, almisquere, ambar, ruibarbo, lenho aloes, muytos panos dalgodões, e porcelanas: algũas deſtas náos caregauaom em Juda de cobre, azouge, uermelham, coral, açafram, ueludos pintados, aguoas rosadas, facas, chamalotes de cores, ouro, prata e outras muytas cousas que tornauaom ha uender em Calecut, donde partiaom em feuereiro, chegauaom de meado agosto, até meado outubro do propio ano; e neſte trato enriqueciaom grocísimamente: eſtes de torna uiagem traziaom comsiguo ha cidade outros mercadores eſtrangeiros que nela asentauaom, começando ha fazer suas náos e tratos, de que elRey auia grosos direitos; ho qual tanto que chegaua hũu mercador deſtes ha cidade, lhe daua hũu Nayre pera ho guardar e seruir, hũu escripuam Chatim pera lhe fazer suas contas, e grangear sua fazenda, e hũu coretor pera lhe fazer auer ha mercadoria que ele ouuese miſter; has quaes tres pesoos ho mercador pagaua cada mes bôos mantimentos, *e todos elles servião muito bem, e quando o mercador comprava especiarias, os vendedores lhe dávão por cada vinte e sinco libras de gengibre, quatro libras della para os ditos tres servidores, e assim de todas as outras mercadorias.* » Eſtes saom homeins al» uos e muy gentishomeins e uiſtosos, andaom muy bem » ueſtidos, e ar uiados de panos de seda, grãa, chamalotes, » algodam, suas touquas foteadas nas cabeças; traziaom » muy grandes casas, e muytos seruidores: saom muy ui» çosos em comer, e beber, e dormir; e deſta maneira pros» perauaom eſtes antes da hida dos Portuguezes ha India; » jaguora nom ha quasy, nenhũs, e eses que ha nom uiuem » soltos. Até quy tenho dito bem largamente todalas leys » e diuersas maneiras de gente do Malabar, e algũas se» paradas em Calecut; direi agora ho sitio de cada regno de» le por sy, e como ha dita tera do Malabar jas repartida.

Regno de Cananor.

» Aueis de saber que de Cumbola, que he delRey de » Narsingua, contra ho Sul ha ho longuo da coſta, eſtaa hũu » lugar que chamaom Cotecolam, em ha borda do maar, nũa » fortaleza em que eſtaa hũu sobrinho do Rey de Cananor

» ho

» ho fronteiro; mais ha ho diante estaa hũu rio que cha-
» maom Miraporam, em que estaa hũu lugar porto de maar,
» de Mouros e Gentios, de grande trato e nauegaçam, em
» que estaa outro seu sobrinho que muytas uezes se lhe
» aleuanta, e elRey ho torna ha meter debaixo de seu
» mando: pasado este lugar, de longuo da costa estaa ho mon-
» te Dely na beira do maar, que he hũu monte muy alto e
» redondo, em tera baixa, por honde todalas náos de Mou-
» ros e Gentios que pelo maar Indio nauegaom, se regem,
» e dele fazem sua rota quando ham de partir; deste mon-
» te corem muytas agoas de que has náos se prouem, ha
» nele muyta lenha em que entra muyta canela braua;
» loguo ha ho pee dele pera ho Sul, estaa hũu lugar que
» chamaom Maranel, muy antiguo, uiçoso, e farto, po-
» uoado de Mouros, e Gentios, e Judeos da lingoa da
» tera, e ha muyto tempo que nela estaom e uiuem; nes-
» te lugar de toda do monte Dely, se fas muy grande
» pescaria: logo perto daly adiante ha ho longuo da cos-
» ta, estaa hũm rio, do qual estaa dentro hũa cidade muy
» boa de Mouros e Gentios, ha que chamaom Balaerpar-
» tam; em quem elRey de Cananor sempre estaa, honde
» tem muy grandes e fermosos paços; e na borda dela estaa
» hũu monte em que estaa hũa fortaleza. Ha ho certam
» desta cidade quatro ou sinco legoas, estaa huma cidade
» de Mouros e Gentios muy grande, e de groso trato com
» hos mercadores do regno de Narsingua, ha qual se cha-
» ma Faliparam, e guastase nela muyto cobre. » Na costa
do maar, pasando esta cidade de Balaherpartam contra ho
sul, estaa hũa muy grande cidade que chamaom Cananor, de
muytos Mouros e Gentios, saom tantos mercadores, tem
muytas náos grandes e pequenas, trataom em toda sorte de
mercadorias pera ho grande regno de Cambaia, Ormus,
Charamandel, Dabul, Chaul, Banda, Goa, Ceilam, e
pera has Ilhas de Maldiua; nesta cidade tem elRey noso
Senhor hũa fortaleza e feitoria de trato, com muyta pas,
amor, e segurança; daredor da qual fortaleza estaa hũa
vila de Xpãos da tera, casados, com mulheres e filhos, que
depois dela feita se conuerteraom ha nosa santa fee, e con-
uertem cada dia. Pasando esta cidade de longuo da costa
ha ho Sul, estaa hũu lugar de Mouros que chamaom Cra-
guate: » tem náos com que nauegaom e saom naturaes da
» tera. » Adiate deste lugar estaa hũu rio, que fas dous bra-
ços com que navegaom, e cercaom hũa grande cidade de

Mouros naturaes de tera, ha que chamaom Tremopatam, hos quaes saom naturaes da tera, muy riquos mercadores, de muytas e grandes náos: este he ho deradeiro lugar que el-Rey de Cananor tem contra Calecut, tem muy fermosas mesquitas dos Mouros, e saom tam riquos e poderosos, que por qualquer agrauo que recebem se lhe aleuantaom com ha cidade, de maneira que muytas uezes he necesario uir elRey pera amançalos e afagualos; » e se hos Portugue- » ses nom descobriraom ha India, já esta cidade tiuera Rey » mouro sobre sy, e conuertera todo ho Malabar ha seita » de Mafamede. « Pelo mesmo rio acima, quatro legoas desta cidade, estaa outra muy grande e riqua de Mouros naturaes da tera, a que chamaom Quategatam, » tem hos » moradores muy groso trato com hos de Narçingua; » aquy e em todo regno de Cananor nasce muy boa pimenta, mas nom he muyta, ha muyto gengibre, cardamomo, miramulanos, canafistula, zerumba, e zodoairo. Ha tambem neste regno em algũs rios grandes, muy grandes lagartos que comem hos homeins, cujo bafo estando uiuos cheiraom como algalia; pela tera antre hos matos e eruas, algũas serpentes, ha que hos Indios chamaom Nurças, e nós cobras de capelo porque fazem hũu sombreiro sobre ha cabeça; saom peçonhentas, e ha pesoa que mordem nom dura mais que duas horas, *e algumas vezes dous ou tres dias*: muytos tregeitadores trazem estas uiuas em panelas, encantadas que nom mordem, e com elas ganhaom muyto dinheiro, pondoas ha ho pescoço, mostrandoas: ha outra sorte de cobras muyto mais peçonhentas, ha que hos Indios chamaom Madalis; que saom tam uenenosas, que em mordendo mataom, sem ha pesoa ha que mordem em lhe achegando poder mais falar, nem fazer geito de morer.

Regno de Calecut.

Leyxando ho regno de Cananor contra ho Sul, da outra parte do mesmo rio de Tremompatam, estaa hũa uila de Mouros da tera que se chama Firamuingate, honde ha muytas náos e nauegaçam; alem desta vila hũu rio, em que jas hũu grande lugar de Mouros, que chamaom Manjaim, tambem de grande nauegaçam de muytas náos e trato; alem deste, estaa outro lugar tambem de Mouros, que chamaom Chamobai de muyta nauegaçam; ha ho certam destes tres lugares he ha tera muy pouoada de Nayres,

res, que saom muy bons homeins, e nom obedecem ha nenhũu Rey, e saom repartidos em dous senhores Nayres que hos gouernaom: pasando estes lugares estaa hũu rio que chamaom Hopedirpatam, em que estaa hũu lugar de Mouros de muytas mercadorias e nauegaçam, do qual lugar se começa ho regno de Calecut; pasando ho qual estaa outro ha ho longuo da costa que chamaom Tircore: pasando este, estaa outro ha que chamaom Pandanare; alem do qual estaa outro, que tem hum rio pequeno, que chamaom Capucate, he hũu lugar de muyto trato, e de muytas náos, honde pola praia do maar se achaom muytas çafiras moles: pasando este lugar duas leguoas dele, estaa ha cidade de Calecut, em que mais tratauaom e tratiom hos estrangeiros que hos naturaes da tera, honde elRey noso Senhor, por propia uontade delRey dela, tem hũa muy forte fortaleza: pasando esta cidade pera ho Sul estaa hũu rio em que jas outra que chamaom Chiliate, honde ha muytos Mouros naturaes da tera mercadores, que tem muytas náos em que nauegaom; pasando este rio e lugar, estaa outra cidade do propio Rey de Calecut que chamaom Propriamguary, de muytos Mouros e Gentios, e de grande trato: pasando esta, estaom dous lugares de Mouros, sinco leguoas hũu do outro; ha hũu chamaom Parananor, ho outro Banor, e no certam deles estaa hũu Senhor que ho he deles, *e tem a seu soldo muitos Naires*, e has vezes se aleuanta contra elRey de Calecut, e nom lhe obedece; estes dous lugares saom de trato de muytas mercadorias, e uiuem neles grosos mercadores: pasando estes, de longuo da costa pera ho Sul, estaa hũu rio em que estaa hũa cidade de Mouros naturaes da tera, e algũus Gentios, ha que chamaom Pananee; uiuem nela muytos e riquos mercadores que tem muytas náos, nele tem elRey de Calecut grande renda de direitos; e mais ha ho diante estaa outro rio que chamaom Chatua, pelo qual acima uaom muytos lugares de Gentios, por ele sae muyto grande soma de pimenta *que nasce no paiz*; e mais ha ho diante ha ho longuo da costa, estaa outro rio que parte com ho regno de Cochim, desta banda dele estaa hũu lugar que chamaom Crananor, honde elRey de Cochim tem algũs direitos; nestes lugares uiuem muytos Mouros, Xpáos, e Gentios Indios; hos Xpáos saom da ensinança do bemauenturado Sam Tomee, do qual tem aquy hũa Igreja, de nosa Senhora outra; saom muyto deuotos Xptáos, somente carecem de doutrina, de

que

que adiante falarei, porque daquy até Charamandel uiuem muytos, que ho bemauenturado Sam Tomee leyxou feitos quando nestas partes faleceo. » Pasado este lugar de » Cranganor ha ho longuo da costa do maar, se começa ha » tera delRey de Cochim pelo certam, e per cima de Co» chim se estendem has teras de Calecut: » esta tera, ou por melhor dizer toda ha do Malabar, he coberta ha ho longuo do maar de palmeiras, tam altas como altos aciprestes, tem hos peis muy limpos e lizos; e em cima hũa copa de ramos, antre hos quaes nasce hũa fruyta grande que chamaom quoquos; he fruyta de que se eles muyto aproueitaom, e de que cadano caregaom muytas náos; estas daom cada ano este fruyto sem nunca faltar, nem hauer menos nem mais; estas palmeiras tem toda ha gente do Malabar, por caso delas nom podem cair em fome, ainda que lhe falte ho outro mantimento; porque daom estas des ou doze cousas, todas muy necesarias ha seruiço do homem, e de que se eles muito ajudaom e aproueitaom, e todas em todolos mezes. Primeiramente daom estes quoquos, que em verdes he hũa fruyta muy doce e apraziuel, deles se tira leite como das amendoas, e cada hum destes uerdes tem dentro com sy hũu grande quartilho dagoa muyto fresca e sabrosa, e melhor que de fonte; depois que saom secos, esta mesma agoa se coalha dentro neles, em hũa poma branqua tamanha como hũa maçãa, que tambem he muyto doce e sabrosa: ho propio quoquo despois de pasado se come, e fazem dele muyto azeite em lagares como nós, e da casqua que eles tem junto com ho miolo se fas caruam pera hos ouriues que nom lauraom com outro: da outra casqua de fóra que lança hũus fios, fazem toda ha cordoalha donde se seruem, que he grande mercadoria pera muytas partes; e do gomo da propia aruore tiraom mosto de que fazem uinho, propiamente como agoardente, e em tanta cantidade que se caregaom dele muytas náos pera fóra; do mesmo mosto fazem muyto bõo uinagre, e muyto açuquar muyto doce, que na India he muy boa mercadoria: da folha daruore fazem hũas empreitadas do tamanho do ramo, com que cobrem has casas, porque, como já fica dito, nom se cobre com telha senam ha casa doraçam ou delRey, e todalas mais se cobrem com palma: da mesma aruore fazem tambem madeira pera has casas, e asy lenha; e de tudo isto em tanta abastança que se caregaom muytas náos pera fóra: ha hy outras palmeiras doutra sorte mais baixa, don-

10 REIS

donde se colhe ha folha em que hos Gentios escrepuem, e serue de papel; ha outras palmeiras delguadinhas, muy altas e limpas has astas delas, em que nasce hũa fruyta tamanha como nozes, que chamaom Areca, e comemna com ho betele; he antreles muy estimada, he muy feia, desgostosa, ha dela tanta cantidade que se caregaom tambem muytas náos pera Cambaia e Daquem, e muytas outras partes, honde ha leuaom pasada e seca.

Regno de Cochim.

Indo mais ha ho diante ha ho longuo da costa, estaa ho regno de Cochim, em que ha muyta pimenta, e nasce em toda ha tera em hũas aruores ha maneira déra, e trepa pelas outras aruores, e por palmeiras, e ha outra muyta em latadas; cria-se ha pimenta nestas aruores em cacho: nasce aquy tambem muyto e formoso gengibre, belide, e cardamomo, miramulanos, canafistula, zerumba, zedoaira, canela braua: tem este regno hũu rio muy grande e bóo que sahe ha ho maar, per honde entraom muyto grandes náos de Mouros e de Xptáos que no dito regno trataom; ha ho longuo deste rio estaa hũa cidade habitada de Mouros naturaes da tera, honde uiuem tambem muytos Mouros Chatins, e grandes mercadores: tem muytas náos em que trataom pera Charamandel, e pera ho grande regno de Cambaia, e Dabul, e Chaul, com muyta arequa; quoquos, pimenta, jagara, e açuquar de palmeiras; na boqua deste rio tem elRey noso Senhor hũa fortaleza muy fermosa, de redor da qual estaa hũa grande pouoaçam de Portugueses, e Xptáos naturaes da tera, que se fizeraom Xptáos depois dasentada nosa fortaleza, e fazem quada dia doutros Xptáos Iudios, que ficaraom da ensinança do bemanenturado Sam Tomee, pasaraom de Coilam, e outros lugares. Nesta fortaleza e pouoaçam de Cochim ha elRey noso Senhor coregimento de suas náos, e outras se fazem de nouo, asy gales e carauelas, em tanta perfeiçam como que se fizesem na ribeira de Lisboa; aquy se caregua grande soma de pimenta, e outras muytas especiarias e dragoarias, que de Malaca uem, e daquy se leuaom cadano ha Portugal. ElRey de Cochim tem muyto pequena tera, e nom era Rey antes que hos Portugueses descubrisem ha India, porque todolos Reys que nouamente reinauaom em Calecut, tinhaom por costume e ley, que entrando em Cochim, tirado elRey fóra de seu esta-

O REI

estado, meterem-se em pose dele, e se lhe prazia tornauamlho ha dar, ou nom; elRey do Cochim lhe daua cadano certos alifantes, mas nom podia fazer moeda, nem cobrir seus paços de telha, sob pena de perder ha tera: agora que elRey noso Senhor descobrio ha India ho fes Rey isento e poderoso em sua tera, que ninguem entendese nela, e fas moeda do que quer.

Regno de Coilam.

Indo mais ha ho longuo da costa, pasando ho regno de Coehim pera ho Sul, entraom loguo no regno de Coilam; e antre ele e ho de Cochim estaa hum lugar pequeno, que chamaom Porqua, de hũu Senhor, honde uiuem muytos pescadores gentios, que nom uiuem doutra cousa no inuerno senam de pescar, e no ueram roubar tudo ho que achaom, e ho que podem polo maar: trazem hũus pequenos barcos de remos como bargatim; eles saom muy grandes remeiros, e ajuntam-se muytos, todos com arquos e muytas frechas, e andaom tanto de redor de qualquer náo que achaom em calma, has frechadas, ate que ha rendem e roubaom, pondo hos que nela uem em tera; e asy com estes seus barcos (que chamaom catures) fazem boas presas, de que daom parte ha ho Senhor da tera. Pasando este lugar, estaa logo outro, que he ho primeiro deste regno de Coilam, ha que chamaom Cale Coulam, honde uem muytos Mouros, Gentios, e Xptãos Indios da ensinança do bemauenturado Sam Tomee, e dahi pera ho certam antre hos Gentios uiuem tambem muytos; ha neste lugar muyta pimenta, de que se caregaom muytos nauios, e has uezes náos nosas. Pasando Cale Coulam, estaa logo de longuo da costa pera ho Sul, hũa muy grande cidade de muy bõo porto de maar, que chamaom Coilam, honde uem muytos Mouros, Gentios, e Xptãos: hos Mouros e Gentios saom grandes mercadores, tem muytas náos em que nauegaom pera todalas partes com muytas mercadorias; nauegaom pera Charamandel e Ceilam, e pera has Ilhas, pera Benguala, Malaca, Çamatra, e Peeguu; nom trataom em Cambaia: aquy nesta cidade ha muyta pimenta, tem hũu muy grande rio, reina neste regno hũu Rey gentio, grande Senhor de muyta tera, e riquezas, e gentes darmas, que pela muyor parte saom grandes archeiros, e muy certos. Em huma ponta que ha tera lança ha ho maar, areda

dado hũu pouco desta cidade de Coilam, estaa hũa muy grande Igreja, que ho Apostolo Senhor Sam Tomee fes miraculosamente ante que falecese (*o que os Christãos do Paiz me affirmárão achar-se escrito nos seus livros, os quaes concervão com summa veneração*) e foy desta maneira: ele chegou ha cidade de Coulam, sendo todos Gentios, em habito de pobreza, honde andaua conuertendo algũas gentes proues ha nosa santa fee, e trazia comsigo algũs poucos companheiros naturaes da tera; estando asy nesta cidade, amanheceo hũu dia no porto dela hũu grande madeiro no maar, ho qual encalhou na praia, e foy logo isto dito ha elRey, ho qual mandou muyta gente e alifantes, que ho tirasem fora em tera, hos quaes nunca ho poderaom bulir; e mandando elRey que se trabalhase quanto em posiuel fose pera ho tirar, nunca ho poderaom tirar: uendo ho bemauenturado Sam Tomee que desesperauaom de ho tirarem, se foy ha elRey, ha quem dise que ele queria tirar ho mamadeiro ha tera, com condiçam que lhe dese ele hũu pedaço de tera pera fazer hũa Igreja ha louuor do Senhor que ho laa mandou: elRey se rio dele, dizendo que se ele uia que ele com todo seu poder nom ho podia bulir, como se atreuia ha tiralo? Respondeo-lhe Sam Thomee que ele ho tiraria com poder de Deos, que era muy grande; e elRey lhe mandou logo daar toda ha tera que ele houuese mister; e ele sendo-lhe dada e outorgada, foy honde ho madeiro estaua, e atou-lhe hũu cordam com que, pela graça diuina, ho começou ha trazer pera ha tera sem ajuda de ninguem, e ho mesmo madeiro se ueo atras ele até ho lugar honde quis fazer ha Igreja; elRey uendo tam famoso milagre, mandou que lhe leyxasem fazer do madeiro, e da tera que lhe tinha dado tudo ho que ele quizese, *tratando-o com* toda ha honra e fauor, hauendo-o por santo: muytos da tera se tornaraom Xptãos, mas elRey nom quis. Ho Apostolo, ha que eles chamauaom Matoma, mandou chamar muytos carpinteiros da tera, e saradores, e começou ha laurar ho madeiro, que era tamanho que abastou ha se fazer dele ha Igreja, e asy se fes. He por costume antre hos Mouros, e hos Indios, que quando hos oficiaes uem fazer qualquer obra, lhe daom certo aros pera comerem, e quando se uaom ha noute, dam-lhe ha cada hũu seu fanam: ho bemauenturado Sam Tomee tomaua ha ho meio dia aquela medida per honde hauia de medir ho aros, e daua-a ha cada hũu cheia darea, e tornaua-se-

lhe aros muyto bôo; quando ha noite se hiaom, daua ha cada hũu hũu cauaquinho do madeiro, e tornaua-se fanam; e asy acabou sua obra, trazendo sempre hos oficiaes muyto contentes. Uistos estes milagres, e outros muytos que noso Snõr cada dia fazia por ele, tornauam-se muytos Xptãos, de Cochim até ho grande regno de Coulam, que chega defronte de Ceilam, em que hauerá bem doze mil casas de Xptãos espalhados antre hos Gentios, e pelo certam tem algũas Igrejas; hos mais deles carecem da ensinança e bautismo, somente tem ho nome de Xptãos, que Sam Tomee em seu tempo bautizaua todolos que ho queriaom ser: ho qual andando asy bautizando, uendo elRey de Coilam que se conuertia muyta gente ha sua doutrina, começou datentar niso, dizendo que se aleuantariaom com ha tera; e asy começou ha euitar, e com isto se foy Sam Tomee daly, perseguido deles e dos Gentios, caminho de Charamandel, e chegou ha hũa muy grande cidade que chamauaom Mailapor, honde recebeo martirio e jas enterado; de que ha ho diante mais largamente em seu lugar falarei; e desta maneira pera ho diante ficaraom hos Xptãos neste regno de Coilam com aquela Igreja, e pos renda de direitos da pimenta, de que tem certa cousa, e asy doutros direitos. Ficando estes Xptãos asy sem nenhũa doutina, nem Sacerdote que hos bautizase, estiueraom muyto tempo sem ter mais que ho nome de Xptãos; entam se ajuntaraom todos, e hauido seu conselho, determinaraom de mandar alguns deles pelo mundo de bautismo Sacramento: com esta determinaçam partiraom sinco homeins deles, com muyta despeza pelo mundo, e uieraom ter em Armenia, honde acháraom muytos Xptãos, e hum Patriarca que hos gouernaua, ho qual uendo suas tenções, mandou com eles hũu Bispo com sinco ou seis clerigos, pera hos bautizarem, e dizer misa, e ensinar, ho qual Bispo hia por sinco ou seis anos, e tornando-se hia outro por outros tantos, e desta maneira se hiaom remediando muyto tempo. Estes Armenios saom homeins branquos, falaom arauia e caldeu; tem ha ley da Igreja, rezaom suas oras continuadamente, mas nom sei se rezaom todo seu Oficio por inteiro, como hos nosos Frades; trazem has coroas ha ho reues, e no lugar dela, cabelo, e por redor andaom rapados; uestidos com camisas branquas, touquas nas cabeças; andaom descalços, trazem barbas compridas, saom homeins muyto deuotos, dizem misa no altar como qua, com hũa cruz diante de sy;

ho

ho que ha dis anda no meio de dous que ho ajudaom, cada hũu de sua parte; comungaom com pam salgado em lugar de oftea, consagraom dele quanto abasta pera todos quantos estaom na Igreja, todo ho repartem entre elles como pam bento, e ha ho pee do altar ho uem cada hum receber de sua mam; ho uinho he desta maneira, porque em aquele tempo na India nom hauia uinho, e tomauaom pasas que uinhaom de Meca, e Ormus, lançandoas hũa noite de molho, e ha ho outro dia que ande dizer misa, espremem ho çumo, e com aquilo ha dizem » estes bautizauaom por dinheiro, e quando se tornauaom pera suas teras deste Malabar, hiaom muy riquos, e asy ha mingoa » de dinheiro ficauaom muytos por bautizar. Pasando esta » cidade de Coulam pera ho Sul, estaa ha ho longuo do » maar hũa pouoaçam de Mouros e Gentios, que chamaom » Tiramgoro, honde tambem ha naueguaçam; he de hũu » Snôr parente delRey de Coulam, he tera muy farta, de » muytos mantimentos darozes e carnes em grande abas» tança. »

Cabo de Cumeri.

Mais adiante pela dita costa, está o cabo de Cumeri, aonde acaba o paiz do Malabar, mas ainda dentro do Reino de Coulão, que se estende mais oitenta milhas para diante até huma cidade chamada Chael.

Ilhas do Maldio.

Ha traues desta tera da mais do Malabar, ha corenta legoas uay hũu Archipelaguo de ilhas, que dizem hos Mouros que saom doze mil; e começaom ha ho maar do monte Deli, honde estaom hos baixos de Padua, e uaom contra Malaca; has primeiras saom quatro pequenas, muy razas, que se chamaom Maldio, saom pouoadas de Mouros Malabares, e dizem serem delRey de Cananor, honde nom ha outra cousa senam palmares de que se mantem, e tambem daros que lhe uay do Malabar nos nauios que aly uaom careguar de cordoalha de cairos.

Ilhas de Palandura.

Ao traves de Panani, e Cochim, e Coulão, ha outras Ilhas, dez ou doze das quaes são habitadas por Mouros pardos de pequena estatura, e que tem lingoa sobre si: o Rei he mouro

e tem a sua residencia em huma Ilha chamada Mahaldiu, e a todas as ditas Ilhas dão o nome de Palandura: as gentes dellas não tem armas, e são homens fracos, mas muito engenhosos, e sobre tudo grandes encantadores. O Rei destas Ilhas he eleito por alguns mercadores mouros naturaes de Cananor, que o mudão quando lhes apras, e a quem ele paga cada anno hum tributo de enxarcias, cordas de cairo, e outros generos da terra; e vão os ditos Mouros ás vezes carregar algumas nács sem levarem dinheiro, e então he necessario que ou por amor, ou por força lhe dem a que elles querem. Ha nestas ilhas muyta moxama, daquy leuaom tambem hũus buzios pequenos, que he grande mercadoria pera ho regno de Cambaia e Benguala, honde corem por moeda baixa, e hamna por mais limpa e melhor que ha do cobre: fazem nestas ilhas muy riquos panos dalgodam e seda e ouro, que ualem antre hos Mouros muyto dinheiro pera seus uestidos e fotas; » hos homeins destas ilhas trazem lenços » muy finos e sotis em has touquas, e tam tapados e pri- » mos que hos nosos oficiaes nom hos souberaom obrar, se- » nam que tem enues e direito; apanham-se nestas ilhas » hũas casquas de tartarugas que chamaom Alquama, que » fazem em pedaçinhos muy delguados, que tambem he » grande mercadoria pera ho regno de Guzarate. » Achase tambem aquy muyto ambre em grandes pedaços, dele branquo, e dele pardo, e outro preto; preguntei ha muytos destes Mouros por uezes que cousa era ambre, e honde nascia: tem antre sy que he esterquo daues, e dizem que neste Archipelaguo, laa nas ilhas deshabitadas, ha hũas aues grandes que pousaom sobre hos penedos e rochas do maar, e aly estercaom aquele ambre, honde se estaa curtindo do ar, e sol, e chuua; até que por tempestades e ormentas sobe ho maar sobre hos penedos e rochas, e ho anca em pedaços grandes e pequenos; e asy anda no ar, ate que ho achaom, ou sahe nas praias, ou ho co- n algũas baleas; e dizem que ho que eles achaom bran- , ha que chamaom Ponambar, ha muyto pouquo tempo nda no maar, e este he ho que antre eles mais ual; tro pardo ha muyto tempo que anda no maar, e diso quela cor; ha este haom tambem por muyto bom, mas to como ha ho branquo: ho outro que achaom pre- ado, dizem que foi comido de baleas, e que daly preto, e que tem tanta uirtude, que ha balea ho desistir, e que ho torna ha lançar inteiro; ha es-

este chamaom Minambar, e he ho que menos ual antre eles. Nestas ilhas de Maldio fazem muytos nauios grandes de palmeira, cosidos com tamisa, porque antre eles nom ha outra madeira, e neles nauegaom pera ha tera firme; saom de quilha, e de muy grande caregua, e tambem fazem outros pequenos de remos como barguantim ou fustas, saom hos mais fermosos do mundo, e muy bem obrados, em estremo ligeiros, e destes se seruem dumas ilhas pera has outras, e tambem atrauesaom neles ha ho Malabar. Ha estas ilhas uem ter muytas náos de Mouros que da China e Maluco, Peegu, Malaca, Çamatra, Benguala, e Ceilam atraueçaom ha ho maar roxo, e fazem aquy sua agoada, e tomaom mantimentos, e outras cousas necesarias pera suas uiagens; has uezes chegaom aquy tam desbaratadas que has descaregaom, e deixaom ir ha ho fundo. Antre estas ilhas se perdem muytas e riquas náos de Mouros, que atrauesando polo maar, nom ousaom achegar-se ha ho Malabar com medo das nosas naos, » destas haom hos mora» dores das ilhas riquas mercadorias, que uendem ha hos Ma» labares que aquy uem ha careguar de cairo, como attas » dise. »

Ha ilha de Ceilam.

Leyxando estas ilhas de Maldio, indo mais ha ho diante *onde dá volta o Cabo Camorim* estaa ha grande ilha *que os Mouros, Arabes, Persas, e Sorianos chamão* Ceilam, *e os Indios Tenarisim, que quer dizer terra das delicias*, » honde » elRey noso Senhor tem hũa fortaleza de trato nouamen» te feita, que fes Lopo Soares sendo gouernador da In» dia: » esta ilha he habitada de Gentios, nos portos de maar dela uiuem muytos Mouros em grandes pouoações, que estaom ha obediencia do Rei da tera: saom grandes mercadores hos abitadores dela asy Mouros como Gentios; saom homeins grosos e bem aposoados, saom baços quasi branquos, e pola maior parte barigudos, muy uiçosos, nom entendem em cousas darmas, nem has tem; saom todos mercadores dados ha boa uida, andaom nuus da cinta pera cima, pera baixo se cobrem com panos de seda e algodam, touquinhas nas cabeças, has orelhas furadas com muyto ouro nelas, *e pedras preciosas em tanto numero e tão grandes que as orelhas lhe chegão aos bombros; nos dedos tem muitos aneis de bellissimas joias, usão de cintas com que se apertão, feitas de ouro com pedras engastadas: a sua lingoa-*

gem

gem he tirada em parte do Malabar, e em parte de Coramandel. Muitos Mouros Malabares vem assistir nesta Ilha por estarem em mui grande liberdade, e porque além de todas as commodidades e delicias do mundo, he hum paiz de ar muito temperado, e os homens vivem nelle mais longamente do que em nenhuma outra parte da India, sempre sadios, e são poucos os que adoecem. Nascem aqui muitos e excellentes frutos, os montes estão cobertos de laranjas doces e formosas, de tres ou quatro especies de sabor, e algumas tem a casca mais doce do que o sumo, e são maiores que os Pomos de Adão; os limões doces são excellentes, huns grandes e outros pequenos, docissimos: ha muitas outras variedades de frutos, que não se achão nas nossas partes; as arvores estão carregadas delles todo o anno, e continuamente se vem flores e frutos maduros e verdes. Acha-se tambem huma grandissima abundancia de carnes de toda a sorte, de mui diversos animaes, e aves, todas delicadas, ha igual abundancia de peixes, que se pescão junto á Ilha. Ha aqui pouco arroz, e por isso o conduzem da costa de Coramandel, e este he o seu principal sustento: tem mui grande abundancia de muito bom mel, e açucar que lhe he conduzido de Bengala. Nesta ilha nasce boa e uerdadeira canela, nasce pelos montes em arnores como louros; elRey ha manda cortar em ramos delguados, e mandando lhe tirar ha casqua, ha manda secar em certos meses do ano, e da sua mam ha daa ha hos mercadores que ha uem comprar, porque nenhũu morador da tera ha pode colher se nam elRey, criam se nesta ilha muytos alifantes brauos, que elRey manda tomar e amansar, e hos uende ha hos mercadores de Charamandel, e de Narsingua, Malabar, Daquem, e de Cambaia, que hos aquy uem busquar; hos quaes se tomiom desta maneira: põe hũu alifante femea por anegaça no monte honde se eles criaom, presa ha ho pee de hũa arnore com muy grosas cadeas; daredor lhe fazem tres ou quatro couas muy grandes, cobertas de madeira muyto delguada, com tera por cima e ho mais sutilmente que podem: hos alifantes brauos uendo ha femea caem naquelas couas, honde hos tem sete ou outo dias, e aly hos esfaimaom, uegiando-os de noite e de dia muytos homeins que hos nom leyxaom dormir, falando-lhe até que hos amançaom, dando lhe comer por suas mãos; e depois que hos tem muy aquebrantados e manços, hos prendem com cadeas muy grosas, e pera hos tirar da coua lhe lançaom dentro tanta rama, que ho alifante se uay subindo pouquo

e

e pouquo ate sair dela, entam ho ataom ha hũa aruore honde ho tem mais algũs dias, uigiando de noite homeins com foguo, que lhe sempre falaom, e dando-lhe de comer temperadamente até hos fazerem ha sua mam; e desta maneira hos tomaom machos e femeas, e grandes e pequenos, e has uezes caem dous nũa coua: estes saom antre eles muy grande mercadoria, ualem muyto, e saom muy estimados antre hos Reys da India, que hos tem por estado, e pera ha guera e trabalho; saom deles muy domestiquos, e tam sesudos e entendidos como homeins; hos bõos ualem ha mil cruzados e ha mil e quinhentos, e outros quatrocentos e quinhentos, segundo saom, e isto no Malabar e Charamandel; nesta ilha se haom por pouquo preço, ninguem hos pode tomar senam elRey, *que paga a quem os apanha.* Tambem ha nesta ilha muyta pedraria de muytas maneiras, asy mesmo bõs lapidarios em tanto extremo, que se lhe trazem hũa mam chea de tera honde ha pedraria, logo uos dizem, nesta hauerá rubis, e nesta çafiras; iso mesmo como uem ho rubi ou outra pedra, dizem esta aguardara tantas oras no foguo, e ficará muyto crara e bõa: elRey has vezes se auentura ha deitar hũu rubi em hũu muy rijo foguo de caruam, ho tempo que ho lapidario lhe dis, e se algũu ho sofre sem periguar fiqua muyto mais perfeito em côr: como este Rey acha algũa pedra guarda-a pera sua pesoa, e ha enthesoura. *Junto a esta Ilha, dentro do mar está hum banco coberto de dez ou doze braças d'agoa, aonde se acha grandissima quantidade de pérolas miudas e grossas, e algumas dellas em fórma de pera. Os Mouros e Gentios de huma cidade chamada Cael de Elrey de Coulão, vem aqui duas vezes no anno a pescallas, e as achão em ostras, que são mais pequenas e mais lizas que o não são as das nossas partes. Os homens descem ao fundo do mar onde as achão, e se conservão ali grande espaço de tempo. As pérolas pequenas são daquelles que as apanhão, mas as grandes são para ElRey, que ali tem hum feitor seu; e além disso pagão-lhe hum certo tributo para terem licença de pescar. ElRey de Ceilão faz a sua residencia em huma cidade que se chama Calmuco, que está assentada sobre hum rio, com hum bom porto, aonde cada anno vem muitas nãos de diversas partes a carregar canella, e elefantes; trazem ouro, prata, panos de Cambaya de algodão finissimos, e muitas outras sortes de mercadorias, como açafrão, coral, azougue, e vermelhão; e no ouro, e prata tem maior ganho, porque val mais aqui do*

que

que em outra parte; igualmente vem muitas náos de Bengala, Coramandel, e algumas de Malaca, para comprar elefantes, canella, e joias. Ha nesta Ilha outros quatro ou cinco portos, que são lugares habitados, onde se faz hum grande commercio, e são governados por outros Senhores sobrinhos de ElRey de Ceilão, a cuja obediencia estão, ainda que ás vezes se sublevão. No meio desta ilha estaa hũa muy alto sera, honde estaa hũu piquo de pedra muy alto, em cima do qual estaa hũu tanque dagoa nadiuel, e em hũa pedra hũa peguada de homem muy grande, e bem afigurada; dizem hos Mouros que he ha peguada de nosso padre Adam, ha que eles chamaom Adambaba: de todas partes e regnos de Mouros aly uem em romaria, dizendo que daly subio Adam ha hos Ceos; uaom em trajos de peregrinos, com grandes cadeas de fero daredor de sy, uestidos em peles donças, e liões, e doutras alimarias monteses, hos braços direitos grandes botões de foguo, que uaom pondo pelo caminho, pera sempre leuarem chagas abertas, dizendo que ho fazem por amor de Deos, e de Mafamede, e de Adam; muytos destes leuaom dinheiro secreto, e uaom muy riquos pera em Ceilam empregarem em pedraria, como fazem. Antes que cheguem ha este alto monte, honde estaa ha peguada que eles dizem Dadam, uaom por teras alagadiças, e ualés, e ribeiras dagoa, e leuaom sempre sinco e seis legoas agoa até cinta; leuaom todos faquas nas máos pera desapegarem com elas sambexuguas, que saom tantas, que se isto nom fizesem hos matariaom: chegando ha tera, sobem por ela, mas ha ho piquo nom sabem subir, por ser muy ingrime, se nam por escadas de muy grosas cadeas de fero, que pera iso aly estaom postas, de que ha ho redor todo he cerquado; em cima se lauaom com aguoa daquele tanque fazendo sua oraçam, e com iso haom que ficaom saluos, e limpos de todo ho pecado. Esta ilha de Ceilam estaa muy perto da tera firme, e antre ela e ha tera estaom hũus baixos, que tem hũu canal pelo meio, ha que hos Mouros e Gentios chamaom Ceilam, por honde pasaom caminho de Charamandel todolos zambucos do Malabar, e cadano se perdem muytos nestes baixos, por ho canal ser muy estreito; e no ano que ho Almirante ueio ha segunda uez asentar ha India, se perderaom neles tantas náos e zambucos do Malabar, que se afogaraom doze mil homeins por conto, que uinhaom determinados de lançarem ha armada de Portugal da India, sem ha leyxarem tomar caregua.

Qui-

Quilicare.

Leyxando esta ilha de Ceilam, tornando-me ha tera fyrme, pasando ho cabo de Comorim, estaa logo hũa tera del-Rey de Coulam, e doutros senhores ha ele subjectos, ha qual se chama Quilicare, honde ha muytos e grandes lugares de Gentios, e outros muytos de porto de maar honde uiuem muytos Mouros naturaes da tera; sua nauegaçam he duns nauios pequenos ha que chamaom champanes, em que hos Mouros Malabares uem ha tratar, e trazem has mercadorias de Cambaya: aquy ualem muyto algũus caualos, e caregaom daros e panos que leuaom pera ho Malabar. Nesta Prouincia de Quilicare estaa hũa casa doraçam de Gentios, honde estaa hũu Idolo que eles tem em muyto grande conta, eada doze anos lhe fazem hũa muyto grande festa, honde todolos Gentios uem como perdões, e haom que se saluaom como em jubileu; esta casa tem muytas teras de grosa renda, e he hũa cousa tamanha que tem Rey sobre sy, que nom hade reinar mais que doze anos, de jubileu ha jubileu, se tanto uiuer; nesta maneira, e acabados hos doze anos, ho dia que se este ajuntamento e festa fas, ha quy grande poder de gente junta, honde se guasta muyta soma de dinheiro em dar de comer ha infinitos Bramenes: elRey manda fazer hũu andaimo, que manda paramentar de muytos panos de seda, e ho propio dia se uay lauar ha hũu tanque com muytos tangeres e ceremonias; daly se uem fazer sua oraçam ha ho Idolo, e feita se sobe naquele andaimo de madeira, e aly perante todos toma hũas facas muy afiadas, e começa de cortar hos narizes, depois has orelhas e beiços, e asy quantos membros pode cortar de sy; e lança fora muy depresa, até que se lhe uay tanto sangue que começa de esmaiar; entam lhe daom hũa cutilada pola garganta com que ho acabaom de matar, e asy ho sacrificaom ha seu Idolo; e quem quer reinar no Senhorio desta Igreja outros doze anos, hade receber parte daquele martirio, por amor do Idolo, e hadestar uendo este, e aly ho fazem logo Rey.

Ha cidade de Cael.

Ha ho diante mais ha longuo da costa, estaa hũa cidade que chamaom Cael, que he tambem do Rei de Coulam, pouoada de Mouros e de Gentios grandes mercadores;

tem muy boom porto de maar, honde cadano uem muytas náos do Malabar, outras de Charamandel e Benguala, de maneira que se trataom aquy muytas sortes de mercadorias, que de muytas partes aquy uem: hos Chatis desta tera saom grandes homeins, de muyta pedraria e aljofar, porque ha pescaria dele he delRei: hũu Mouro muy riquo e honrado da cidade tem arendado esta renda do aljofar ha muyto tempo; he tam riquo e poderoso, que todolos da tera ho onraom aly como ha elRey; ele fas justiça dos Mouros, sem elRey niso entender: hos que pescaom este aljofar pescaom toda ha somana pera sy, e ha sesta feira pera ho dono da barqua, e no fim do tempo pescaom toda hũa somana pera este Mouro, donde ele ha muyto aljofar. Junto desta cidade estaa sempre elRey de Coulam, que como já em seu titulo dise, he muy grande, riquo, e poderoso senhor, de muyta gente darmas; ha em sua tera hos melhores archeiros de todo ho mundo: tras sempre comsiguo trezentas ou quatrocentas mulheres archeiras, que andaom em sua guarda, e ele has manda ensinar des meninas; trazem hũas fundas na testa muy apertadas, de pano de seda e algodam; saom muy ligeiras. Este Rey tem muytas uezes guera com elRey de Narsyngua, que he tam poderoso como já dise, e defende-se muy bem dele.

Charamandel.

Indo mais ha ho diante ha ho longuo da costa, uay uirando contra ho norte, e chama-se esta terra Charamandel, que teraa setenta ou oitenta legoas de costa, onde estaom muytas cidades, uilas, e lugares, pouoados de muytos Gentios: esta tera delRey de Narsyngua he muy farta, de muytos arozes, carnes, triguo, e todolos outros ligumes que se daom nela: he tera de campos; aquy uem cadano muytas naos do Malabar, grande soma delas caregar daros, em que ganhaom muyto dinheiro: trazem ha ela muytas mercadorias de Cambaya, cobre, azougue uermelham, pimenta, e muytas outras mercadorias; ha tambem nesta Prouincia de Charamandel muytas especiarias e dragoarias, que uem do regno de Malaca, China, e Benguala, que aquy has náos dos Mouros trazem, porque nom ousaom pasar ho Malabar com medo das nosas armadas. He esta tera ha mais abastada que ha nestas partes da India, tirando Cambaya; porém se algũus anos acontece de nom chouer, he tamanha antre-

les

les ha fome, que dela morem muytos, e per caso dela uendem hos filhos por quatro e sinco fanões; hos Malabares lhe trazem neste tempo muyta soma daros, e quoquos, e leuaom has náos careguadas descrauos: ha maior parte ou todolos mercadores gentios e Chatis que viuem por toda ha India, saom naturaes daquy, e saom homeis muy agudos em todo trato de mercadorias: nos portos de maar uiuem muytos Mouros naturaes da tera, grandes mercadores, e tem muytos nauios.

Mailapur.

Mais ha ho diante, leyxando Charamandel e suas terras, estaa na ribeira do maar hũa cidade muy antigua, e asy despouoada, ha que chamaom Mailapur que em outro tempo, foi muy grande e fermosa, do propio Rey de Narsyngua, honde jas soterado ho corpo do bemauenturado Sam Tomee, em huma muy pequena Igreja junto com ho maar. Dizem hos Xptãos de Coulam, que quando Sam Tomee dela partio perseguido dos Gentios, que com algũus companheiros ueio ter ha cidade de Mailapur, que naquele tempo era de des ou doze legoas em comprido pola cidade, e muy aredada do maar, ho qual despois comeo ha tera, e entrou por ela muyto dentro: começando, foy Sam Tomee ha pregar aquy ha fee de Xpto, e conuerteo ha ela algũus; polo que hos outros ho preseguiaom querendo-o matar, e ele per iso se audaua apartando das gentes, e metendo muytas vezes polos montes; e que hum dia andando hũu caçador no monte com seu arquo na mam, uio estar hũa grande soma de pauões juntos no cham, e no meio deles hum muy grande e fermoso, que estaua pousado sobre huã lagea; ho caçador tirou ha este, e ho atrauesou polo meio com hũa frecha, e ele e hos outtos se aleuantaraom, uoando no ar se tornou corpo de homem; ho caçador ho esteue olhando muy espantado, até que ho uio cair; entam se foi caminho da cidade, ha dizer tamanho milagre, e como lhe acontecêra: ho gouernador da cidade com outros senhores dela ueio ha uer honde ho caçador lhe foy mostrar, e acharaom que era ho corpo do bemauenturado Sam Tomee: tambem foraom uer ho lugar honde ho ferio, e acharaom na lagea duas peguadas muy figuradas no meio dela, que ele fizera quando se aleuantára ferido: quando eles uiraom tamanho milagre, diseraom » uerdadeiramente este homem era santo, e nós nom criamos » e an-

tam ho trouxeraom caminho do lugar, e ho uieraom soterar na dita Igreja, honde hoje em dia jas; asy trouxeraom ha pedra das peguadas que puzeraom junto da sua coua: ho braço direiro lhe nom poderaom nunqua enterar, nem meter dentro na coua; se lho cobriaom, quando uinhaom ha ho outro dia estaua fóra, e asy lho leyxaraom fiquar, e asy esteue por espaço de muyto tempo: hos Gentios da tera ho hauiaom por santo, fazendo-lhe muyta honra. Uinha gente de muytas partes aquy em romaria, e uindo aquy ter hos Chins, quizeram-lhe cortar ho braço, e leualo em reliquias pera sua tera; em querendo dar-lhe com ha espada, ho bemauenturado Sam Tomee, encolheo ho braço pera dentro, e nunqua ho mais feriraom, e asy jas naquela Igreja que seus disipulos e companheiros lhe fizeraom muy prouemente: hos Mouros e Gentios ho alumiaom dizendo cada hum que he cousa sua; ha Igreja he ordenada ha nosa maneira com cruzes no altar, e em cima dabobada, e hũa grade de madeira, e muytos pauões por diuisa; mas estaa já muyto danificada, e ho circuito coberto de mato, e hũu Mouro proue tem careguo dela, e pede esmola pera iso, de que tem huma alampada acesa de noite, e do mais se mantem: algũus Xptãos da India uaom lá em romaria, e trazem grandes areliquias, hũus pelourinhos da tera da mesma sepultura do bemauenturado Sam Tomee, » tambem daom algũas esmolas ha ho dito Mouro, » dizendo que repaire ha dita casa. »

Ha cidade de Paleacate.

Indo mais ha ho diante, leyxando este lugar de Mailapur, ha ho longuo da costa estaa outra cidade delRey de Narsyngua pouoada de mouros e gentios grandes mercadores; ha tera he de muy bõo porto de maar, honde uem muytas náos de Mouros, com muytas sortes de mercadorias; e tambem por tera polo regno de Narsyngua uem até esta cidade muytos mercadores, ha comprar muytas mercadorias; porque de Peeguu, de que ha ho diante falarei, trazem ha esta cidade grande soma de rubís e espinelas, e muyto almisquere, *a quál pedraria ual aqui muito pouco dinheiro para quem a sabe bem comprar e escolher*: nesta cidade tem elRey de Narsyngua posto de sua mam hũu gouernador, e arecadadores de seus direitos. Aquy se fazem muytos panos pintados dalgodam, que ualem muyto dinheiro.

ro em Malaca, Peeguu, Çamatra, e no regno de Guzarate, e Malabar, pera uestidos: aquy tem muyta ualia cobre, azougue, uermelham, e asy has outras mercadorias de Cambaya, gráas, *veludos de Meca*, *e sobre tudo* agoas rosadas. Pasando esta cidade de Paleacate, indo ha ho longuo da costa, uay já tornando ha ho norte contra Bengala, na qual costa uaom muytos lugares delRey de Narsyngua, até hũa sera que chamaom Odirgualemado, honde se acaba seu regno.

Regno de Otisa.

Indo asy ha ho diante, leyxando esta fim do grande regno de Narsyngua, ha ho longuo da costa uay ho regno de Otisa, que he de Gentios muy bõs homeins de peleja, e ho rey dele muy poderoso de gente de pee, e muytas uezes tem guera com ho de Narsyngua; he este regno muyto metido polo certam, tem muy pouquos portos de maar, e de pouquo trato; chega ha longuo da costa contra ho norte, tem hum rio que chamaom Ganges, e eles lhe chamaom Guorigua, e da outra parte deste rio começa ho regno de Bengala, honde tambem algumas uezes tem guera elRey de Otisa: ha este rio Ganges uem todolos Gentios em romaria, e lauam-se nele, dizendo que niso se saluaom por ele sair da fonte do Paraiso terreste: este rio he muy grande e fermoso dambalas bandas, e muy pouoado de riquas e fermosas cidades de Gentios: entre ele e Eufrates estaa ha India primeira *e segunda*; *terra mui abundante e sam*, *e de clima mui temperado*, e deste pera diante contra Malaca estaa ha terceira, segundo dizem hos Mouros » que ha mais tempo que has sabem, que nós; antre » hos quaes rios saom has teras muy fartas e abastadas, » asy polo certam, como pela ribeira do maar: ha gente » delas he muy delguada e riqua; pola maior parte saom » escaços e pouquo gastadores, e ha tera he de muy bõos » ares, de muytas aruores, e ruas cheirosas; uiuem todos » com muy pouquo trabalho, nom ha nela demasia de frio » nem quentura, antes he muy bem temperada. »

Regno de Bengala.

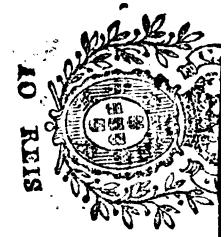
Indo mais ha ho diante, leyxando este rio Ganges, ha ho longuo da costa contra ho norte, uay ho regno de Bengala, honde ha muytos lugares, asy polo certam como

ha

ha ho longuo da costa, pouoados de Gentios; hos que uiuem no certam estaom sobre sy, ha obediencia delRey de Narsyngua; hos Mouros uiuem pelos portos do maar, honde ha groso trato de muytas mercadorias, e nauegaçam de náos e nauios pera muytas partes, porque este maar he hũa enseada que entra por antre duas teras; e indo bem por ela, está ha ho norte hũa muy grande cidade de Mouros pouoada, que chamaom Bengala, de muy bõo porto de maar; tem Rey mouro sobre sy, hos moradores dela saom homeins branquos, bem apesoados, uiuem tambem nela muytos estrangeiros de muytas partes, asy como Arabios, Persios, Abexis e Indios; e isto por ha tera ser muy grosa, farta, e sãa, e temperada; e todos saom grandes mercadores, e tem grandes náos na feição das de Meca, outras da China que chamaom Juncos, que saom muy grandes, e leuaom muy grande caregua, com que nauegaom pera Charamandel, Malaca, Çamatra, Peeguu, Cambaya, e Ceilam, trataom com muytas sortes de mercadorias para esta e outras muytas partes. Ha nesta cidade muytos algodões, grandes canaueaes daçuquere muyto bom, gengibre, e pimenta longua; faz-se nela muyta sorte de panos em extremo delguados e pintados pera se uestirem, e outros branquos pera mercadorias que leuaom pera muytas partes; tem grande ualia, e hũus que chamaom estrauantes, que he hũa sorte de panos ralos, que nós muyto estimamos pera touquados de donas, e os Mouros, Arabios, e Persios pera touquas; fazem tanta cantidade deles que se caregaom muytas naos deles pera fóra: tambem se fazem outros que chamaom mamonas, outros duguazas, outros chautares, outros sinabafas, que saom hos melhores e que hos Mouros mais estimaom pera camizas; saom todas estas sortes de panos em pesas, que cada hũa teraa uinte e tres, uinte e quatro uaras portuguezas; ualem aquy muyto baratos, saom fiados em roda per homeins, e por eles tecidos. Tambem se fas nesta cidade muyto e bõo açuquere branquo de canas, mas nom no sabem ajuntar e fazer em páes; e asy em poo ho enfardelaom em hũus fardos de couro cruu, muy bem cozidos; e caregua-se muyta soma deles, que leuaom ha uender ha muyas partes, porque he muy grande mercadoria: quando estes mercadores soiaom ha uir liuremente, e sem medo ha ho Malabar e Cambaya com suas náos, ualia no Malabar hũu quintal daçuquere mil e trezentos rs., e hũu chautar muyto bõo seiscentos rs, e hũa sinabafa dous cruzados;

IO REIS

dos, e hũa pesa de muy boa beatilha trezentos rs.; hos que has traziaom, uendendo-as asy ganhauaom muyto: tambem fazem nesta cidade muyta conserua de gengibre, laranja, lymões, e outras fruytas que nesta tera nasem. Ha quy muytos caualos, uaquas, carneiros, e outras muytas criações em abastança, e muytas galinhas: hos mercadores mouros desta cidade uaom muytas uezes polo certam ha comprar meninos gentios ha seus pays e mays, e outros que furtaom, e capamnos, que ficaom de tudo razos; muytos deles morem diso, hos que escapaom educamnos muyto bem, e uendemnos; hos quaes estimaom muyto pera guarda de suas mulheres e fazendas, e pera outras uilezas » dos quais capados fazem muyta estima, porque saom » homeins de grande recado, e uem deles serem feitores de » seus senhores, e gouernadores e capitães dos Reis mou» ros, de maneira que uem ha ser homeins muy riquos, e de » grosas fazendas. » Hos Mouros honrados desta cidade andaom uestidos com hũas camizas branquas de pano dalgodam, muyto delguadas, que lhe daom polo artelho, e debaixo delas hũs panos cingidos, e em cima hũus maxilares de seda, suas adaguas na cinta guarnecidas de prata e ouro, segundo quem has tras; muytos aneis nos dedos de riqua pedraria, suas fotas na cabeça dalgodões: saom homeins muy uiçosos, que comem muy bem, e gastaom sem medo, e além diso tem outros muytos uisos; lauamse muytas uezes em grandes tanques que tem dentro em suas casas; cada hũu tem tres e quatro mulheres, ou has que podem manter, has quaes eles tem muy enseradas, e tratamnas muyto bem, com muyto ouro, e prata, e riquos panos de seda; nom saem fora senam de noute ha uisitarem hũas ha outras, honde fazem muytas festas e bodas, com superfluas diuersidades de uinhos, de que nesta tera fazem muyta sorte principalmente daçuquere de palmeiras, que antre has mulheres saom muy costumados; saom elas grandes musiquas de tanger muytas maneiras dinstrumentos. Ha gente baixa desta cidade ueste hũas camizinhas branquas, que lhe daom por meia coxa; e nas cabeças hũas touquinhas pequenas com tres ou quatro uoltas: calçam todas bom cordauam, deles çapatos, outros alparcas bem lauradas e douradas; elRey he muy grande e riquo senhor de grande tera, e muy pouoada: hos Gentios daquy se tornaom cada dia Mouros, por serem fauorecidos de seus gouernadores. Saindo desta cidade de Bengala e indo mais pera ho diante, uem



ou-

outros muytos lugares, muy pouoados de Mouros e Gentios, asy pelo certam, como ha ho longuo do maar, subjectos ha este Rey, em que ele tem gouernadores e arecadadores de seus direitos e rendas que dele ha: nesta enseada jazem asy todos estes lugares ha ho longuo do maar, e ha costa começa ha fazer outra uolta contra ho sul.

Regno de Berma.

Indo mais ha ho diante, pasando ho regno de Bengala, ha ho longuo da costa contra ho sul, estaa outro regno de Gentios, que chamaom de Berma, e ho Rey mesmo ho he; nom ha nele Mouros, por quanto nom tem porto de maar de que se posaom seruir pera seus tratos: saom hos moradores dele homeins pretos, andaom nuus da cinta pera cima, e pera baixo se cobrem com panos dalgodam; tem suas Idolatrias (*a*) e casas doraçoes; muytas uezes tem guera com ho Rey de Peeguu: deste deste regno nom ha mais enformaçam, porque nom ha nele nauegações, sómente dũa banda confina com ho de Bengala, e da outra com Peeguu.

Regno de Aracangil.

No propio certam deste regno de Berma estaa outro regno tambem de Gentios, que nom tem nenhũu porto de maar, confina de hũa banda com ho de Bengala, e da outra com ho de Daba, ha ho qual chamaom Aracangil: ho Rey dele he outrosy gentio, e gram senhor; dizem que tem muytas uilas e grandes cidades, tem muytos caualos, e asy alifantes, hos quaes alifantes ha do regno de Peeguu. Saom homeins baços, andaom nuus, da cinta pera baixo se cobrem com panos dalgodões e usaom muyto arquos douro e pedraria; honraom hos Idolos, tem grandes casas doraçam, e elRey tem has uezes guera com hos Reis seus uizinhos, dos quaes algũus lhe obedecem, outros lhe pagaom pareas; uiuem muy uiçosamente em muy boas casas, e honde quer que estaa tem muytos tanques dagoa, e muyto aprazíueis uergeis, principalmente em doze cidades principaes do regno; tem cada hũa muy *ricos* paços, e gouernador posto por ele, hos quaes cada hũu por sua cidade to-

(*a*) O Italiano diz *Idolatrias*, mas no manuscrito vem Indulgencias, provavelmente por engano.

toma cada ano doze meninas nasidas daquele ano, filhas das mais honradas e fermosas mulheres que achaom, e has fas criar ha custa do dito Rey; nestes paços ha grande uiço: até doze anos cada dia saom estas moças muytas uezes lauadas, asy mesmo lhe daom muy bem de comer, com muytos cheiros e flores, e andaom sempre muy bem uestidas, mandandoas ensinar ha bailar e cantar: asy que cada guouernador tras de contino em caza cento e uinte meninas grandes e pequenas, e cada ano leuaom ha elRey doze que chegaom ha doze anos, honde quer que ele estiuer; ho qual has manda poor todas muy bem lauadas e limpas, com hũus panos muy bem delguados, e aluos uestidos, e no cabo deles ho nome de cada hũa escripto; pela manhã cedo has manda poor em hũu tereiro asentadas ha ho sol, honde hamdestar em jejum até meio dia, recebendo muy grande sol, com que suaom tanto, que hos panos que tem uestidos se lhe molhaom todos; entam has manda elRey leuar ha hũa camara, honde ele mesmo estaa, mandando-lhe tirar aqueles panos suados, e dar outros com que se uestem; hos suados lhe trazem honde ele estaa com muytos parentes seus, e guouernadores de seu regno, outros senhores e fidalgos; e ele hos toma hũu e hũu, e hos cheira; hos que lhe cheiraom bem da-os ha hos que com ele estaom fazendolhes mercê das moças cujos aqueles panos foraom, honde uaom hos outros seus nomes; por esta diferença toma cada hũu ha sua; elRey guarda has suas pera sy, que lhe cheiraom bem; *porque por esta experiencia se conhecem as que são sans e de boa compleição*: asy que cadano lhe trazem seus guouernadores cento e uinte moças de doze anos, de que toma pera sy, e reparte com seus homeins da tera; e asy nom tem ley de casamento nenhũa: he muy riquo de dinheiro, e senhor de muyta gente; tem outros muytos uiços de caçar, montear, bailar, e tanger, e outros muytos desenfadamentos que lhe fazem.

Regno de Peeguu.

Asy indo ha costa do maar, leyxando ho regno de Berma, contra ho Sueste estaa outro regno de Gentios muy abastado, e de grande trato de muytas mercadorias por maar, ha que chamaom Peeguu: tem tres ou quatro portos de maar, em que ha grosos mercadores, e grandes lugares habitados de Mouros e Gentios, que hos haom por propios:

ha cidade de Peeguu eſtaa aredada pelo certam sete ou oito legoas do maar, em hũu pequeno rio que he braço de outro muy grande, que por eſte regno core descendo de hũas montanhas, e em certos mezes do ano toma tanta agoa, que muytas uezes sae fóra de seu curso natural, e rega muyta tera, em que se cria e colhe muyta somadaros, de que ha cidade he muy abaſtida e asy de carnes, e outros muytos mantimentos que se caregaom em seus portos; aly ha muy grandes náos de tres, quatro maſtos, que chamaom Juncos, que uaom caminho de Malaca, Çamatra, e outras muytas partes. Tiraom deſte regno de Peeguu muyto açuquere branquo de canas em páes; e aquy uem cadano muytas náos de Mouros ha tratar e trazer muytos panos de Cambaya pintados, dalgodam e seda, ha que chamaom patolas, que saom pintados com muytos lauores, que ualem aquy muyto dinheiro; trazem tambem muyto anſiam, cobre, muytos panos de gram, muyto coral enfiado, redondo, *e em rama*; uermelham, azougue, e agoas rosadas, e outras muytas dragoarias de Cambaya; aquy se caregaom de laquar muyto fino, que na tera nase, e doutras muytas mercadorias da China que aquy de Malaca uem; do dinheiro que lhe fica compraom muyto almisquere, que uem do certam de hũa cidade que chamaom Aua, de que ha ho diante falarei. Hos Gentios deſte regno adoraom muyto ha hos Idolos, andaom nuus, somente cobrem suas uergonhas; nom saom bóos homeins de peleja, saom muy legeriosos, trazem suas naturas nhũs cascaueis redondos, cerados, e muy grandes, cosidos e soldados por dentro antre ho couro e carne, por fazerem grande soma, e trazem muitos deſtes até sinco, deles saom douro, outros de prata, ou metal segundo hos que hos trazem, e quando andaom fazem grande som, ho que haom por grande honra, gentileza; e quanto mais honrados, trazem mais: has mulheres folgaom tanto com iso que nom querem homeins que hos nom tenhaom, e nom digo mais deſte costume pola desoneſtidade. Eſte Rey de Peeguu se chama ho Rey do alifante branquo: ha neſte regno grandes montanhas honde se criaom muy brauos alifantes; tem por ordenança de tomarem hũu cada dia, que mandaom ensinar, e asy tem de contino muytos que uendem pera muytas partes, principalmenre pera hos regnos de Narsyngua, Malabar, e Cambaya: neſte regno tambem ha muytas e fermosas facas, de grande andar, de que se muyto seruem,

e

e asy muytos caualos em que caualgaom ha bastarda, com hos quaes e com hos alifantes fazem sua guera, com muyta gente de pee que tem; e tambem muytos carneiros e porcos criados em casa, e outros montezes; hos Gentios saom grandes monteiros e caçadores.

Martabam.

Leyxando esta cidade de Peeguu, pera Malaca estaom tres ou quatro portos de maar do propio regno de Peeguu, ha que non sei ho nome: antre hos quaes estaa hũu, ha que chamaom Martabam, honde uem muytas náos de diuersas partes ha tratar e careguar de mantimentos, e doutras muytas mercadorias, principalmente de laquar muyto bóo que na tera nase, muyto melhor que ho de Narsyngua, ha que hos Indios e Persios chamaom laquar Martabam. Este laquar, algũus dizem que he goma daruore, e outros que se cria nos ramos delguados das aruores, como em nosas partes se cria gráa nos carascos; e esta razam parece muyto mais natural, porque asy uem ele em aruores e uaras delguadas, que por rezam nom podem lançar tanta goma: tambem se fazem neste lugar muytas e grandes jaras de porcelanas, muy grosas, rijas, e fermosas; ha hy delas que leuaom hũa pipa dagoa; saom uidradas de preto e muyto estimadas antre hos Mouros, e antre eles ualem muyto, has quaes eles daquy leuaom com muyto beijoim em páes.

Ha cidade Daua, e regno.

No mesmo certam deste regno de Peeguu, indo dele caminho de Malaca, antre ho regno de Racanguy e ho Danseam, estaa hũ regno de Gentios, no qual antre outros lugares que nele ha, estaa hũa muy grande cidade que chamaom Aua, pouoada de ricos mercadores, honde ha groso trato de rica pedraría, rubis, e espinelas que nela ha: aquy uem muytos mercadores mouros, gentios, e Chatis de diuersas partes ha comprala, e asy muyto almisquere que nela achaom; ha qual pedraria e almisquere elRey manda apanhar pera sy mesmo, e por sua conta se uende ha hos estranhos, que ahi uem ha buscalos: de Cambaya lhe trazem aquy muyto cobre, azougue, uermelham, açafram, agoa rosada, amfiam, ueludos pintados de Meca, e outras muytas cousas estimadas antre eles; ha troquo das

quaes leuaom ha dita pedraria e almisquere, ha qual el-Rey manda apanhar antre seras, e ribeiras, pera ho que fazem muy altas couas: has espinelas se achaom ha frol da tera, e hos rubis no fundo: e ha nesta cidade sempre muy grandes lapidarios que hos muyto bem conhecem: ho almisquere se acha em hũas alimarias tamanhas como gazelas, tem dentes pequenos como dalifantes, has quaes nasem por debaixo das barigas hũas nasidas como leicenços, e pelos peitos; e depois que saom maduros, com ha materia, comelhes; elas uem-se cosar has aruores, de que tiraom algũus gráos do muyto excelente e uerdadeiro: ha caçadores que pelo rasto do cheiro uem ter com elas, e lhes armaom, e has tomaom com redes, e com cães, e tomamnas uiuas, e asy has leuaom ha hũa caza ordenada por elRey pera iso, e aly lhe cortaom deredor aquelas postemas com ha pele, e leyxandoas secar fica ho uerdadeiro papo dalmisquere, e mais excelente: mas deste sae dantre eles muyto pouco, porque ho falseficaom de muytas maneiras: cortando estas postemas ha alimaria que estaa uiua, põem-lhe nas chagas muytas sambexugas, e leyxandoas encher bem do sangue, lançamnas cheas ha secar ha ho sol; e destas lhe põem tantas que ha alimaria sem nenhũu sangue cae morta; ha qual esfolaom, de cuja pele fazem muytos papos contrafeitos, que parecem naturaes; e moidas has sambexugas, secas em poo, fazem ha mam gráos, e tomando hũu pezo do papo dalmisquere uerdadeiro, e sete ou oito de sambexugas, mesturaom tudo e fazem hõo almisquere, e tam hõo, que se asy uiese ter ha nossas partes, haueloiaom por boa uentura; porque depois além diso ho falsificaom hos mercadores, que ho compraom nesta cidade pera outros regnos; porque ho uerdadeiro almisquere he tam forte que pondo-o na ponta do naris, fas logo rebentar ho sangue polas uentás. Este Rey Daua he muy gram senhor de muyta pedraria e ouro, e tem muyta soma de caualos e alifantes, e muyta gente de peleja: ha tera he muy abastada de mantimentos.

Capelam.

E mais pera dentro desta cidade e regno, estaa outra cidade de Gentios, que tem Rey sobre sy, que todauia he subjecto e estaa ha obediencia do Daua, ha ho qual regno ou cidade chamaom Capelam; deredor dele se achaom

muy-

muytos rubis, que trazem ha uender ha feira Daua, e saom muyto melhores que hos delaa.

Regno Danseam.

Hindo mais ha ho diante, leyxando ho Regno de Peeguu, ha ho longuo da costa contra Malaca, estaa hũu muy grande regno, que chamaom Danseam, de Gentios; ho Rey dele ho he tambem, e muy gram Snõr; toma desta costa até ha outra que de Malaca uay contra ha China, de maneira que dambalas bandas tem portos de maar: he Senhor de muyta gente de pee e de caualo, e de muytos alifantes; nom consente que em sua tera hos Mouros tragaom armas. Logo saindo do regno de Peeguu, estaa hũa grande cidade de porto de maar que chamaom Tanaçary, honde ha muytos mercadores mouros e gentios, que trataom toda sorte de mercadorias, e asy tem muytas náos que nauegaom pera Bengala, Malaca, e outras muytas partes: ha ho certam desta cidade nase muyto bõo beijoim, que he rezina daruore, ha que hos Mouros chamaom Lobam: *ha duas qualidades dele, huma não lança cheiro senão depois de posta ao fogo; e a outra antes mesmo de posta ao fogo he mui boa e cheirosa*, de que em Leuante fazem ho estoraque. Ha este porto uem muytas náos de Mouros de diuersas partes, e trazem muyto cobre, azougue, uermelham, panos de gram, seda, ueludos de Meca pintados, açafram, coral branquo enfiado, e agoas rosadas (que de Meca e Adem trazem em hũs pequenos baris de cobre estanhados, que uendem ha pezo com ho propio baril) muyto anfiam, e panos de Cambaya; e tudo isto tem grande ualia neste regno Danseam, e daquy leuaom hos mercadores todalas cousas que ha em Peeguu. Pasando esta cidade de Tanaçary, ha ho longuo da costa contra Malaca, estaa outro porto de maar deste propio regno, que chamaom Quedaa, honde tambem ha muytas náos grandes: he este lugar de muy groso trato, e ha ele uem cadano náos de Mouros de muytas partes; nele nase muyta e fermosa pimenta, que dele leuaom pera Malaca e China: tem mais este Rey Danseam nesta costa, antre Malaca e Tanaçary, outros dous ou tres portos de maar ha que nom sei hos nomes, e asy muytas outras cidades grandes, e uilas, e pouoações dentro polo certam, de Gentios, honde non entraom nenhũs Mouros, nem uiuem; e se algũs laa uaom

ne-

negocear, nom lhes consentem trazer armas: neste regno Danseam ha muyto ouro que nele nase e se apanha, principalmente no senhorio de Paam, que he além de Malaca contra ha China, que sempre foy deste regno, agora he aleuantado contra ele, e estaa ha obediencia delRey de Malaca: ha nele tambem outro senhorio de Gentios, que estaa ha sua obediencia, honde se apanha muyto e bõo estanho, que leuaom ha Malaca, honde se guasta e uende pera muytas partes, ha ho qual senhorio chamaom Caranguer. Este Rey Danseam he muy grande senhor, e Gentio como já dise, uenerador dos Idolos, de que tem muytas casas doraçam, uza de muytos costumes diferentes dos outros Gentios: andaom nus, da *cinta* pera baixo se cobrem com panos dalgodam; algũs trazem hũas roupetas de pano de seda; tem em sua tera muytos mantimentos, muytos arozes, e carnes de sua criaçam, outras montezes; tem muytos caualos e facas, e muytos libres e cães doutras maneiras, porque saom grandes monteiros e caçadores. No certam desta tera contra ha China, ha hũu regno de Gentios, que estaa ha obediencia deste Danseam, que quando algũu dele more, hos parentes ou amigos do morto ho comem asado desta maneira; fazem hũa grande fogueira em hũu tereiro, sobre ha qual armaom tres páos em pee, ha maneira de forca, e do meo deles penduraom hũa cadea com dous guanchos de fero, dos quaes penduraom pelas curuas ho corpo morto, honde ho estaom asando seus filhos e parentes, fazendo grande pranto, e despois de bem asado, com muytos uazos e taças de uinho, começaom ha cortar e comer, bebendo e pranteando; e ho mais chegado parente ho começa primeiro ha ençetar, e aly ho acabaom de comer, e nom ficaom senam hos osos, que acabaom de queimar e fazer em cinza: dizem que fazem este enteramento ha seus parentes, porque ha sua propia carne em nenhũa parte ha poderaom enterar melhor que em seus corpos: em toda ha mais tera deste regno Danseam queimaom hos corpos mortos, segundo costume de todos hos Gentios, como atras em muytos lugares dise, e soo neste regno do certam se uza este abominauel costume.

Ha cidade de Malaca, e regno.

Este regno Danseam lança hũa ponta de tera ha ho maar, que he como hũu cabo, honde ho maar torna ha fazer

zer uolta contra ha China, na qual ponta eſtaa hũu pequeno regno, em que eſtaa hũa muy grande cidade, que em outro tempo foi subjecta ha ho Danseam: e asentando muytos Mouros eſtrangeiros seu trato nela, uieraom tanto ha enriquecer, que conuertéraom hos da tera ha mouros, reuelando-se contra elRey Danseam; e asy ficando todos mouros, ficou regno sobre sy: aquy uiuem jágora todo ho genero de grosos mercadores mouros e gentios, muytos de Charamandel, e homeins de grosas fazendas e de muytas e grosas náos, ha que chamaom juncos; trataom pera todalas partes em toda ha sorte de mercadorias; tambem uem aquy muytas náos ha careguar daçuquere; uem muy fermosos juncos de quatro maſtos, e trazem muyta seda, sulia (*a*) muy fina, muytas porcelanas, muytos damascos, brocadilhos, setins de cores, almisquere, ruibarbo, retros de cores, salitre, muyta e muy fina prata, muytas pérolas, aljofar desigual, cofres dourados, abanos, e outros muytos brincos; e tudo aquy uendem muyto bem ha hos mercadores da tera; em retorno do qual leuaom pimenta, e incenço, panos de Cambaya de gram, açafram, coral laurado e enfiado, e por laurar, muytos panos pintados dalgodam, outros branquos, que uem de Bengala, uermelham, azougue, anfiam, e outras muytas mercadorias e dragoarias de Cambaya, e hũa que nós nom conhecemos que chamaom cacho, e outra que chamaom pucho-mangiçam, que saom agalhas que trazem do Leuante dentro ha Cambaya por uia de Meca, e ualem muyto na China, e na Jaoa: uem tambem ha eſta cidade de Malaca do regno de Jaoa has grandes náos juncos, que saom muy desuiadas da feição das nosas, de muy grosa madeira, porque como saom uelhas, emcima daquela taboado lançam-lhe outro nouo, e asy ficaom muy fortes; nos cabres e em toda ha enxarcea delas, saom de uerga que na tera ha. Eſtes Jaos trázem aquy neſtas náos muyto aros, muyta carne de uaqua, carneiros, porcos, ueados, chaçina, muytas galinhas, alhos, cebolas; e asy trazem ha uender muytas armas, lanças, adarguas, traçados, tudo muy bem laurado, de tauxia de fino aço; trazem muytas ou-

(*a*) Pela palava *sulia*, entende Duarte Barbosa os casulos da seda antes de dobados; o traductor Italiano assim mesmo o interpretou, usando na sua versão das palavras » seta in mattasse ».

outras miudezas, e muyto ouro, que no dito regno de Jaoa nase. Estes Jaos que uiuem de nauegar, dentro nas náos trazem suas mulheres, e filhos, caza, familia; nem tem outras cazas de seu, nem nunqua saem em tera senam ha tratar, e aly nelas morem; hos quaes uendendo has mercadorias (que acima dise que trazem) em Malaca muyto bem, leuaom em retorno panos de Paleacate e Mailapur, e outros panos que uem de Cambaya; amfiam, agoas rosadas, uermelham, muytas grãas, sulia, salitre, fero, cacho, e pucho, que saom dragoarias de Cambaya; tudo laa na Jaoa tem grande ualia. Desta cidade de Malaca uaom náos has ilhas de Maluco (de que adiante tratarei) aly careguar muyto crauo, e leuaom mercadoria de muytos panos de Cambaya, e toda sorte dalgodam, e seda, e asy outros panos de Paleacate e Bengala, azougue, cobre laurado, sinos, e bacias, e moedas da China, pimenta, porcelanas, alhos, cebolas, e outras muytas mercadorias de Cambaya; e asy nauegaom desta cidade de Malaca pera todalas ilhas que estaom por todo ese maar, e pera Timor; donde trazem todolo sandalo branquo, que antre hos Mouros he muy estimado, e ual muyto; pera laa leuaom fero, machados, facas, cutelos, espadas, panos de Paleacate, cobre, azougue, uermelham, estanho, chumbo, muytas continhas de Cambaya; em retorno disto caregaom além do sandalo, de meel, cêra, escrauos. Nauegaom tambem estas náos de Malaca pera hũas ilhas que chamaom Bandam, careguar de nos noscada, e de maças, honde leuaom ha uender has couzas de Cambaya; uaom da ilha de Çamatra donde trazem muyta pimenta, seda, sulia crua, muyto beijoim, e ouro; uaom ha outras ilhas donde trazem muyto canfor, e lenho aloes; uaom ha Tanaçary, Peeguu, Bengala, Paleacate, Charamandel, Malabar, e Cambaya; de maneira que esta cidade de Malaca he mais rica escala, e dos mais grosos mercadores, e maior naueguaçam, e trato, que se acha no mundo: uem tanta soma douro, que hos mercadores grosos dela nom estimaom suas fazendas, nem contaom senam por bahares douro, que saom como já em outros capitulos dise quatro quintaes; e ha nela mercador, que soo atrauesa tres quatro náos careguadas de toda ha riqueza, e soo has tornaom ha careguar de sua fazenda, e atrauesaom outras tantas de mantimentos; e todas saom logo muy bem pagas e careguadas. Ha nesta cidade muytos estrangeiros de diuersas partes

tes que nela uiuem, naturaes da tera, saom como digo Mouros, tem lingoa separada, chamam-se Malaios, saom homeins bem dispostos, andaom nuus da cinta pera cima, pera baixo se cobrem com panos dalgodam; hos mais honrados trazem hũas roupetas, que lhe daom por meia coxa, de pano de seda, grãa, ou brocadilho, em cima seus cingidouros; trazem na cinta adaguas lauradas de tauxia, que chamaom crus: suas mulheres saom baças, andaom uestidas de muy bõos panos de seda; deredol de sy huas camizas curtas, e saom muy fermosas, e areiam-se de contino muyto bem, tem muy bom cabelo. Estes Malaios tem grande ueneraçam do Alcoram de Mafamede; tem suas Mesquitas, enteraom hos que morem, seus filhos saom seus erdeiros; uiuem em grandes casas afora da cidade com muytos pomares, hortas, e tanques, em que leuaom boa uida: na cidade tem cazas separadas pera seus tratos, tem muytos escrauos com mulheres e filhos, uiuendo por sy; e seruem-nos em que hos mandaom; saom homeins muy luzidos, galantes, muzicos, namorados; ha quy mercadores naturaes de Charamandel, que saom homeins grosos e baregudos, andaom nuus da cinta pera cima, e pera baixo se cobrem com panos dalgodam; e tambem ha nesta cidade muytos Jaos estantes nela, que saom hũus homeins groçetes, parados, de hũus peitos largos, e malfeitos, e hos rostos largos; saom mouros, andaom nuus, cobrem-se da cinta pera baixo com panos dalgodam, e hos trazem da redol de sy muyto mal entrouxados; nom trazem na cabeça nada, trazem hos cabelos arepiados pera cima: saom homeins muy sotis em toda ha obra, sabedores fundados em toda ha malicia, e de muy pouca uerdade, de muy grandes corações; tem muy boas armas, pelejaom muy sem medo; se algũu destes Jáos adoece de qualquer doença, promete ha ho seu Deos que dando lhe saude dela, tomaraa outra mais honrada morte por seu seruiço; depois que he sam toma hũa adagua na mam, de hũas columbrinas que ha antre eles muyto boas, e saindo has praças e ruas mata quantos acha, homeins e mulheres, e meninos, e ha ninguem perdoa: ha estes chamaom eles Guaniços, e como ho uem logo bradaom has gentes, dizendo Guanicio, porque se guardem, e has frechadas e lançadas ho mataom. He esta cidade de Malaca muy uiçosa de fruytas, e boas agoas, hos mantimentos principaes lhe uem de fóra por maar: elRey dela era muy grande senhor de gro-

so tesouro e renda: elRey noso Senhor ha mandou descobrir per Diogo Lopes de Siqueira fidalgo de sua caza; e depois de descoberta, elRey e hos Mouros dela tomaraom certa gente nosa ha treiçam, e muyta mercadoria, e muytos mataraom. Afonso Dalbuquerque, que ha ho tal tempo era capitam geral da India, ueio com sua frota sobre ha cidade ha lhe pedir conta diso, e nom se querendo pôr em razam com ele, ha combateo e tomou per força darmas, lançando ho Rey fóra dela, que se defendia com sua gente, e pelejauaom muy brauamente com muyta artelharía, espinguardas, frechas eruadas, muy boas lanças compridas, com ualentes homens de Jaoa, e muytos alifantes armados com castelos de madeira, e gente neles, como na India se costuma; nesta tomada morêraom soma de Mouros, fugindo elRey, e com ele hos que escapáraom; hos mercadores se leyxaraom ficar na cidade ha obediencia delRey noso Senhor, ha que nom foy feito nenhũu nojo: logo se fes nela hũa fermosa fortaleza; e ha cidade com ela, e todo seu trato, e nauegaçam como dantes era, ficou soo ha obediencia dos Portuguezes, hos quaes aquy tomáraom riquo despojo, e grosa riqueza dos que ficaraom. Esta cidade e regno de Malaca, he subjecta ha prouincia do Pam que tem Rey sobre sy, que antiguamente era subjecta ha ho Dansiam contra quem se reuelou, honde ha muyto ouro baixo: ho Rey dela sabendo que Malaca estaua ha obediencia delRey noso Senhor mandou hũa embaixada e presente ha Afonso Dalbuquerque, que ele queria seguir ha mesma rota.

Arcipelaguo de Malaca.

Do maar desta cidade de Malaca uay hũa costa de muytas ilhas fermosas, muy riquas e abastadas, de Mouros Gentios (afóra outras pequenas em que uiuem gentes) que começa da ilha de Ceilam.

Has ilhas de Nacabar.

Pasando ha ilha de Ceilam, atrauesando ho golfam, antes que se chegue *á grande ilha de Çamatra achão-se cinco ou seis* ilhas, que tem muy boas agoas e pousos pera náos, pouoadas de Gentios proues, has quaes se chamaom Nacabar. Apanhaom aquy hos moradores delas muyto ambre, e se leua pera Malaca e outras muytas partes.

Ha

Ha muy grande ilha de Çamatra.

Indo mais ha ho diante, leyxando estas ilhas de Nacabar, estaa ha muy grande e fermosa ilha de Çamatra, que tem em redondo setecentas legoas, contadas pelos Mouros que has nauegaom dambalas partes; *corre de Norueste a Sueste, e passa lhe a Equinocial pelo meio, he abundantissima de toda a qualidade de mantimentos*, ha qual tem muytos portos de maar e muy riquos; hos mais deles saom pouoados de Mouros, algũs de Gentios; mas geralmente hos Gentios uiuem no certam: hum de Mouros chamaom Pedir, honde nase muyta e fermosa pimenta, mas nom tam fina nem forte como ha do Malabar, tambem se cria muyta seda, mas nom tam fina com ha da China; ha hy outro que chamaom Panfem, *por causa de huma cidade que nelle ha; tem hum bellissimo porto, e nelle nase grande quantidade de pimenta, de que se carregão navios: outro se chama Achem igualmente da parte do Norte situado n'hum cabo desta Ilha em 5 gráos*, outro Compar, outro Andiagao, outro Macaboo, que tem muyto ouro que aquy nase, donde ho leuaom em po pera Malaca. Ha nesta ilha outro regno de Gentios que chamaom Ara, que comem carne humana, e qualquer pesoa estrangeira que podem hauer, comem sem nenhũa piedade: além deste tem outros regnos polo certam de Gentios. Em algũas partes desta ilha nase muyto beijoim, pimenta longua e outra doutra sorte, canfor, gengibre, ouro, e seda; nauegaom ha ela muytas náos que uem buscar estas mercadorias, e trazem has de Cambaya, que aquy ualem muyto dinheiro, e tambem coral, azougue, uermelham, agoas rosadas, moxama, que aquy trazem de Maldio: estes Mouros desta ilha saom muyto desleaes, muytas uezes mataom seus Reys e fazem outros: aquy tem agora nouamente elRey noso Senhor hũa feitoria de trato.

Çunda.

E pasando mesmo Çamatra, indo caminho de Jaua, estaa Çunda que he hũu pequeno regno, honde ha muyta pimenta; tem Rey sobre sy, deseja ha muyto seruir ha elRey noso Senhor; ha quy muytos escrauos, e caregaom muytas náos da China.

Regno de Jaoa.

Indo mais ha ho diante, leyxando ha ilha de Çunda, ha ho maar dela pera ha banda daloeste e sul, uaom muytas ilhas grandes e pequenas, antre has quaes estaa huma muy grande ilha, que chamaom Jaoa abitada pelo certam de Gentios, e pelos portos de maar de Mouros; hos quaes tem muy grandes uilas e pouoações, em que ha Reys mouros, porém todos uiuem debaixo da obediencia do Gentio, que uiue no certam, que he muy gram Snõr, que chamaom Pateudra: ha algũs que se aleuantaom torna logo ha sogiguar; algũs deles tem muy grande odio ha hos Portugueses, outros desejaom com eles pas e amizade: esta ilha de Jaoa dizem que he mais abastada ilha que ha no mundo, ha nela muyto e bom arôs, muytas carnes em grandes abastanças, muytos carneiros, uaquas, galinhas, cabras, muytos e grandes porcos domesticos, ouros montezes; costumaom ha checinar ueados, e uaquas: nase nela muyta pimenta, canela, gengibre, canafistula, ouro; moradores dela saom hũus homeins grosos, larguos dos peitos, hos rostos grandes; ha maior parte deles andaom nuus da cinta pera cima, outros trazem roupetas de seda que lhe daom por meia coxa, has barbas peladas por gentileza, hos cabelos meios tosquiados aleuantados pera cima: nom trazem nenhũa couza sobre ha cabeça, dizendo que sobre ela nom ha dandar couza nenhũa; ha mayor injuria que antre sy tem he pôr-lhe algũu ha mam na cabeça; nem fazem cazas sobradadas pera nom andarem hũus em cima dos outros; saom homeins muy soberbos, muyto irosos, tredores, e sobre tudo muy engenhosos; antre eles soris carpinteiros de macenaria, outros oficiaes que fazem soma despinguardas, e espinguardões, e todos hos outros arteficios de foguo; saom em todas partes muy estimados pera bombardeiros: além dos juncos de que em muytas partes já fis mençam, tem nauios de remos bem obrados e muy ligeiros, em que algũus andaom ha roubar, que ha deles grandes cosairos; saom tambem muy bõos saralheiros, e fazem toda ha maneira darmas muy rijas, e fortes, e de bom cortar de aço, outrosy saom grandes feiticeiros e nigromantes, e fazem armas em taes oras e momentos, que dizem que quem has trouxer nom póde morer ha fero, e que mataom como tiraom sangue; outras que nom podem seus donos

ser

ser uencidos trazendoas, e estaom em fazer algũas destas armas des doze anos, esperando por dia e conjunçam pera iso, has quaes hos Reys estimaom muyto e guardaom; saom tambem muytos deles grandes monteiros e caçadores, tem muytos caualos e libreos para montear, muy bõs, e muytas aues de rapina; e quando uaom ha caça, leuaom suas mulheres em caretas de caualos, que tem bõs e fermosos, com leitos laurados de riqua macenaria; suas mulheres saom muy aluas, e de muy fermosos corpos; tem hos rostos muy largos e mal feitos; saom grandes muzicas, laurandeiras, que pera tudo saom muy engenhosas, e muy amauiosas.

Jaua menor.

Ha ho diante desta ilhas de Jaoa mayor, estaa outra ilha tambem muyto grande, e muy farta e abastada de muytos mantimentos de todas sortes, e pouoada de Gentios, e ho Rey ho he tambem; ha qual ilha se chama antre eles Çindoaba, e hos Mouros, Arabios, e Persios lhe chamaom Jaoa menor. Pasando esta estaa outra pequena, que chamaom Ocape, que sempre anda em foguo no meio; he pouoada de Gentios que andaom actualo, saom grandes monteiros; has mulheres trazem suruces, saom grandes criadeiras de gado.

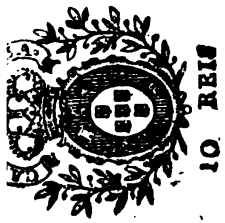
Ilha de Timor.

Indo mais ha ho diante, leyxando estas ilhas de Jaoa maior e menor, ha ho maar dela estaom outras muytas, grandes e pequenas, pouoadas de Gentios, e Mouros algũus, antre has quaes estaa hũa que chamaom Timor, que tem Rey e lingoa sobre sy: nesta ilha ha muytos sandalos branquos » que hos Mouros muyto estimaom na India e Persia, » honde se gasta muyta soma deles e tem grande ualia no » Malabr, Narsyngua, e Cambaya: has náos de » Malaca e Jaoa que aquy uem por ele, leuaom por retorno machados, machadinhas, cotelos, espadas, panos de Cambaya, e de Paleacate, porcelanas, continhas de cores, estanho, azougue, chumbo e outras mercadorias, com que caregaom ho dito sandalo, de meel, cera, escrauos, e dalgũa pimenta que na tera ha.

Ilhas de Bandam.

E mais ha ho diante leyxando ha ilha de Timor, estaom

taom sinco ilhas asy juntas, que antre sy fazem hũu pouzo em que se amtraom hos juncos, hos quaes uem ha ele por duas partes, ha estas ilhas chamaom Bandam: saom abitadas de Mouros e Gentios, em tres delas nase muyta nós noscada e maças, em hũas aruores como loureiros, cuja fruyta he ha nóz, e sobre elas estaom has maças há maneira de frol, e em cima delas outra casca grosa: ual aquy tanto hũu quintal de maça, como sete de nóz, e ha tanta cantidade que ha queimaom, e ual quasi de graça; hos que ha uaom comprar leuaom panos de Cambaya, hũs dalgodam, e outros de seda, e muyto cobre e azougue, e uermelham, estanho, chumbo, hũus chapéos uermelhos de guadelha que uem de Leuante, e sinos grandes; por cada hũu daom uinte baares de maça. Destas ilhas de Bandam contra Malaca, que estaa ha ho norte, estaom muytas outras, algũas pauoadas, outras desertas, em has quaes todas haom por riquos tezouros sinos de metal muy grandes, marfim, patolas que saom panos de Cambaya, porcelanas finas; nom ha nestas ilhas Rey, nem obedecem ha ninguem; algũas uezes estaom ha obediencia delRey de Maluquo.



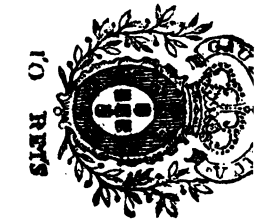
Andam.

Indo mais ha ho diante, leyxando estas ilhas de Bandam, contra Maluquo, estaom outras muytas ilhas pouoadas de Gentios, ha que chamaom Andam, e cada hũa tem lingoa e Rey sobre sy; ha nellas hũus barcos de remos com que hos Mouros andaom ha saltear de hũas em outras, fazendose guera e captiuando se hũus ha outros, e matando se: saom antre eles muy estimados panos de Cambaya, e todo homem trabalha por ter tanta soma deles, que dobrados e postos no cham hũus em cima dos outros, façaom tanta soma como ele; e ho que isto tem ha-se por liure e uiuo, porque se ho catiuaom, nom ho resgataom senam por tanta soma de panos.

Maluquo.

Leyxando estas ilhas de Andam, estaom outras sinco, hũa antre outra, que chamaom Maluquo, em que nase todo ho craua; saom de Gentios e Mouros, hos Reys delas saom Mouros: ha primeira chamaom Pachel, ha segungunda Moreu, *a terceira Machiam*, ha quarta Tidor, e ha quinta Tanarte; em que estaa hũu Rey Mouro que chamaom Soltam Bunracola, que ho era de todas sinco, agora

ra saom has quatro aleuantadas cada hũa sobre sy: hos matos destas ilhas saom todos cheios de hũas aruores como loureiros, e tem ha folha como medronho, em que nase ho crauo em pinhas como frol de laranja ou madre silua; nase muyto uerde, depois se torna alto; como he maduro se torna de muy fina côr uermelha: entam hos moradores da tera ho colhem ha mam, e lançandoo ha secar ha ho sol, se fas preto, e nom hauendo hi sol, secam no em fumeiros, e depois de seco ho borifaom com hũa pouca dagoa salgada, para que se nom moa, e se mantenha em sua uirtude; do qual apanhaom tanta cantidade destas sinco ilhas, que nom se pode todo tirar fóra da tera, afóra muyto que leyxaom dapanhar, e no monte se perde; se ho nom colhem por espaço de tres anos, has aruores ficaom por isso brauas, e ho que depois daom nom val nada. Aquy uem cada ano muytas náos de Malaca, e de Jaoa caregar dele; leuaom pera retorno cobre, azougue, uermelham, panos de Cambaya, cominhos, algũa prata, porcelanas, sinos de metal de Jaoa, tamanhos como grandes alguidares; » dependuram-nos pelas bordas, e no meio » tem hũa mam, e aly daom com qualquer cousa pera hos » fazerem soar: estes estimaom muyto hos Reys e gentes » honradas, e tem por tesouro e estado hũus grandes » outros pequenos, com que fazem muzica, e com bacias » de metal e estanho, e hũa moeda de cobre da China » como ceitil, furada polo meio; e daom tanto crauo por » estas mercadorias, que por hũu sino ou bacio de porcela- » na que seja grande, daom uinte e trinta quintaes dele; » e por hũu sino daom uinte baares de crauo, e este res- » peito polas mais cousas; asy que de Malaca pera aquy » ha muyto groso ganho. » Ho principal Rey daquy he mouro, casi gentio; tem hũa mulher moura, e trezentas e quatrocentas mancebas gentias que tras em caza, cujos filhos e filhas saom gentios; somente hos da moura que saom mouros: ele se serue com mulheres alcorcouadas que tem por estado, e de meninas has manda quebrar polo espinhaço; destas tera até sinco (*a*) uelhas e moças, e sempre com ele andaom, e ho seruem de tudo, hũas lhe daom ho betele, outra lhe tras ha espada has semanas. » Este Rey deseja muyto seruir ha elRey noso » se-



(*a*) He provavel que haja erro no manuscrito, a traducção Italiana diz de oitenta até cem.

» senhor, ha quem se manda ha oferecer como seu escra-
» uo: aquy ha muytos papagaios uermelhos, de muy fi-
» na *cor*, e muy mansos, ha que chamaom noires; saom
» antre eles muy *estimados.* »

Ilhas dos Celebes.

Passadas as ditas Ilhas de Maluco, achão-se outras da parte do poente, das quaes vem ás vezes algumas gentes brancas; da cintura para cima nús, mas tem panos tecidos de huma certa materia semelhante a palha, com que cobrem suas vergonhas: fallão huma lingua particular, as suas barcas são mal feitas, e nellas vão carregar cravo á dita Ilha, cobre, panos de Cambaia, e estanho; e levão para vender espadas muito compridas e largas de hum gume, e outras obras de ferro, e bastante ouro: estas gentes comem carne humana, e se El Rei de Maluco tem alguma pessoa que quira fazer morrer por justiça, pedem-lha em graça para comer como se comeria hum porco: as Ilhas donde esta gente vem se chamão Celebes.

Tendaya Ilha.

Não muito longe destas acha-se outra Ilha de Gentios, que tem Rei sobre si; os seus habitantes tem hum costume incrivel, segundo me referirão, e he que sendo ainda mancebos se fazem serrar os dentes cerceos pelas gengives, dizendo que o fazem para lhe crescerem mais fortes e mais unidos. A Ilha chama se Tendaya, acha-se nella muito ferro, que se leua para differentes portos.

Solor.

E passando estas ilhas de Maluquo, pera ho norte contra ha China, estaa hũa ilha muy grande e abastada de mantimentos, que chamaom Solor, pouoada de homeins quasi branquos, gentios, muy bem apesoados; tem Rey gentio e lingoa sobre sy; ha nesta ilha muyto ouro que nase da redol dela, e asy muyto aljofar, que hos moradores apanhaom, e boas perolas perfeitas em côor, e nom em redondeza.

Ilhas de Borneo.

Desta ilha de Solor mais pera ha China, estaa outra ilha tambem muy abastada de mantimentos, e pouoada de Gen-

Gentios, que tem Rey gentio e lingoa per sy, honde se acha muyta cantidade de canfor de comer, que antre hos Indios he muy estimada; e val ha pezo de prata; ha mais leuamna em poo em hũus canudos de cana ha Narsyngua, Malabar, e ha Daquem; e ha esta ilha chamaom Borneo.

Champa.

Indo mais ha ho diante, leyxando esta ilha de Borneo, contra ho regno Danseam e China, estaa hũa muy grande ilha de Gentios que chamaom Champa, que tem Rey gentio e lingoa sobre sy; ha nela muytos alifantes que ahy tomaom, donde se levaom pera muytas partes; tambem nase muyto lenho aloes, ha que hos Indios chamaom Aguila calambua: » he ha fina muy estimada antre hos Indios e » Mouros, e ual em Calecut ho aratel dela trinta e coren» ta pardaos; eles ho querem pera ho mesturarem com san» dalo, almisquere, e agoa rozada, pera se untarem. » Antre estas ilhas e outras mais de Gentios que nesta praia ha, estaa hũa *que he deshabitada* ha que nom sei ho nome, honde se achaom muytos diamantes, que hos da tera colhem e uendem pera fóra, mas nom saom tam rijos como hos de Narsyngua.

Ho muy grande regno da China.

Leyxando estas ilhas, que saom sem conto, ha que nom se sabem hos nomes, asy habitadas como desertas; tornome ha costa que de Malaca uay contra hos Chins, de que nom tenho informaçam *mas proguntei a Mouros e Gentios, homens de credito, e me disserão que erão quatro Ilhas desabitadas; e por elles soube* somente que passando ho regno Dansiam, e outros muytos, estaa ho regno da China, que dizem que he hũa grandissima tera, e senhorio pela tera firme, e de longuo da costa do maar, pouoada tambem de Gentios; ho Rey dela he gentio, honra muyto hos Idolos, estaa sempre no Certam, tem muy grandes e boas cidades; nenhũu estrangeiro póde entrar pelo certam, somente nos portos de maar negoceaom; seu *maior* trato he nas ilhas: se algum embaixador doutro regno uem ha ele por maar, primeiro que ha elle uaa, lhe fazem ha saber como lhe trazem certas embaixadas, e prezentes, então ho manda ir honde ele estaa. Hos moradores deste regno saom gran-

des mercadores, saom homeins branquos e bem dispoſtos, suas mulheres saom de muy fermosos corpos, eles e elas tem hos olhos pequenos, nas barbas tres ou quatro cabelos nom mais, por gentileza; e quanto mais pequenos tem hos olhos, tanto hos ham por mais gentishomeins: andaom has mulheres muy bem atauiadas de panos dalgodam, seda, e laam; hos trajos da gente deſta tera, saom como hos Dalemães, comem em mezas altas como nós, com suas toalhas muy aluas; pera quantos hamde comer ha hũa mesa poem hũa faca, bacio, guardanapo, e hũu copo de prata; nom tocaom com ha mam ho que comem, chegaom muyto ho prato ha boca, e com hũas tanazas de prata ou páo, metem ho comer na boca muy ha meude, porque comem muyto depresa, e fazem muytos manjares de carnes, pescados, e outras muytas cousas: comem muy bôo pam de triguo, bebem muytas maneiras de uinhos, e muytas uezes ha cada comer; comem carne de cães, e hamna por muy boa carne: saom homeins de muyta uerdade, porem nom saom bôos caualeiros, mas grandes mercadores, tratantes em toda ha mercadoria. Fazem aquy muyta soma de porcelanas, que he boa mercadoria pera todalas partes, que se fazem de buzios moidos, de cascas douos e craras, e outros materiaes, de que se faz huma maça que lançaom debaixo da tera por espaço de tempo, que antre sy tem por grandes fazendas e tezouro; porque quanto mais se achega ho tempo pera has laurar, ual muyto mais: ho qual chegado, lauramnas de muytas maneiras e feições, delas grosas, outras finas, e depois de feitas has uidraom e pintaom: aquy se cria muy boa seda, de que fazem muyta cantidade de panos de damasquo de cores, setins, e outros panos razos, e brocadilhos: tambem ha muyto ruybarbo, almisquere, prata, aljofar, e perolas, porém nom saom perfeitas em redondeza. Neſte regno se fazem muytos brincos fermosos e dourados, como cofres muy riquos, pratos de páo, saleiros, e outras sutis cousas, e ha na tera pera iso homeins muy engenhosos: calçaom botas como gente de tera fria, nauegaom em juncos, trazem uelas deſteiras como em Moçambique, e hos cabres e enxarcea de certa uergua. Saom deles grandes cosairos, nauegaom para Malaca com toda ha mercadoria da China, que ahy uendem muy bem; e caregaom de muyto fero, salitre, retros de cores, e outras miudezas, como hos Uenezeanos soiaom trazer antes has nosas partes, e de pimen-

menta de Çamatra, e do Malabar, que ual na China ha quinze e dezaseis cruzados ho quintal, e dahy pera cima segundo honde ha leuaom; e em Malaca ha compraom ha quatro cruzados pouco mais ou menos: tambem leuaom anfiam ha que nós chamamos opeo, encenço, coral, panos de Cambaya, e Paleacate. Estes Chins que uiuem de trato e nauegaçam, trazem de contino suas mulheres e filhos dentro nas náos, honde uiuem sempre, e nom tem outras casas: confina este regno da China com Tartaria da banda do norte.

Lequeos.

Defronte desta grande tera da China uaom muytas ilhas ha ho maar, alem das quaes uay hũa tera muy grande, que dizem que he firme, donde ha Malaca uinhaom cadano tres quatro náos, asy como has dos Chins, de hũas gentes branquas, que dizem que saom muy grandes e riquos mercadores; traziaom muyto ouro, e prata em baras, seda, e panos riquos, muyto e bom triguo, fermosas porcelanas, e outras muytas mercadorias: leuaom de Malaca has mercadorias que hos Chins leuaom, e dizem hos de Malaca, que saom hos daquy melhores homeins, mais riquos mercadores, e honrados que hos Chins: das quaes gentes atéguora nom temos muyta enformaçam, porque nom uieraom ainda ha Malaca depois que he delRey noso Senhor. (1)

(1) O Manuscrito Portuguez do Livro de Duarte Barbosa acaba neste lugar, e nada tem de mais senão a *Tauoada*, que hirá ao diante: tudo o mais que se segue he traduzido da Versão de Ramusio.

Tendo muitas vezes feito menção em o presente Tratado de diversas especies de Pedras preciosas, he muito conveniente ajuntar no fim delle algmas relações, havidas de diversos Mercadores, tanto mouros como gentios, praticos e intelligentes em semelhante trato; e assim principiarei pelos Rubis.

Dos Rubis.

PRimeiramente, os Rubis nascem em o Paiz da India, e achão-se principalmente em hum rio chamado Pegu, e estes são os melhores e mais finos, a que os Malabares chamão Numpuclo; e quando são limpos e sem nenhuma mancha, vendem-se por bom preço. Os Indios para conhecerem a sua finura, põe-nos sobre a lingoa, e os que são mais finos e duros são reputados melhores: para lhe examinar a transparencia, pegão-lhe com cêra pela ponta mais delgada, e olhando contra o Sol, conhecem qualquer mancha por mais pequena que seja: achão-se tambem em algumas covas profundas das montanhas que estão além do dito rio. No Pegu sabem-nos alimpar, mas não os lapidão, e assim os levão a outros Paizes e principalmente a Paliacate, Narsinga, Calicut, e a todo o Paiz do Malabar, aonde ha excellentes mestres que os lapidão, e montão.

Em quanto ao seu valor, deve-se advertir primeiramente, que a palavra *Fanão* significa hum peso maior do que dois quilates dos nossos; e onze *Fanões* e hum quarto equivalem a hum *Metigal*, e seis *Metigaes* e meio fazem huma onça. Esta plavra *Fanão* significa tambem huma moeda, que val hum real de prata. Isto entendido, digo que

Oito Rubis finos do peso de hum *Fanão*, que fazem ao todo pouco mais ou menos dous quilates, valem	*Fanões*	10
Quatro Rubis, que pesem juntos hum *Fanão*, valem		20
Dous que pesem hum *Fanão*, valem		40
Hum que pesa tres quartos de *Fanão*		30
Hum que pesa hum *Fanão*		50
Hum que pesa hum *Fanão* e hum quarto . . .		65
Hum que pesa *Fanão* e meio		100

Hum

Hum que pesa hum e tres quartos . . . *Fanões*	150
Hum que pesa dous *Fanões*	200
Hum que pesa dous *Fanões* e hum quarto . . .	250
Hum que pesa dous e meio	300
Hum que pesa dous e tres quartos	350
Hum que pesa dous e tres quartos e meio . . .	400
Hum que pesa tres *Fanões*	450
Hum que pesa tres e hum quarto	500
Hum que pesa tres e meio	550
Hum que pesa tres e tres quartos	600
Hum de tres *Fanões* e tres quartos e meio . . .	630
Hum de quatro *Fanões*	660
Hum de quatro e hum quarto	700
Hum de quatro *Fanões* e meio	900
Hum de cinco *Fanões*	1000
Hum de cinco e meio	1200
De seis *Fanões*, que são cousa de doze quilates, .	1500

Estes são os preços que valem commummente os Rubis perfeitos; porém os que o não são, e tem alguma mancha, ou são de má côr, valem muito menos segundo o ajuste dos compradores.

Dos Rubis que nascem na Ilha de Ceilão.

NA Ilha de Ceilão que jaz na segunda India, se achão muitos Rubis a que os Indios chamão Maneca: a maior parte delles nunca chega em côr á perfeição dos que acima tratei, porque ainda que vermelhos, são desmaiados; são porém muito frios, e rijos, e os melhores delles muito estimados destes Povos. O Rei d'aquella Ilha os guarda para si, ou manda vender por sua conta; e quando os ourives encontrão com algum bom, o póe ao fogo por espaço de certas horas; e sahindo inteiro, torna-se de huma côr mui viva e de grande valor: quando ElRei de Narsinga póde haver alguns destes, manda os furar subtilmente pela parte inferior, mas de modo que o furo não chegue senão ao meio, e não consente que sejão exportados para fóra do Reino, principalmente se sabe que já passárão pela prova acima; porque valem muito mais que os de Pegu quando tem todo o seu brio, e transparencia.

Hum

Hum Rubi destes do peso de hum quilate ou ½		
* *Fanão* vale em Calicut	*Fanões*	30
Hum de dous quilates		65
Hum de tres quilates		150
Hum de tres quilates e meio		200
Hum de quatro quilates	*Fanões*	300
Hum de quatro e meio		350
Hum de cinco quilates		400
Hum de cinco quilates e meio		450
Hum de sete quilates		530
Hum de seis quilates e meio		560
Hum de sete quilates		630
Hum de sete e meio		660
Hum muito bom e provado ao fogo, de 8 quilates .		800
Hum de oito quilates e meio		900
Hum de nove quilates		1100
Hum de dez quilates		1300
Hum de onze quilates		1600
Hum de doze quilates		2000
Hum de quatorze quilates		3000
Hum de dezaseis quilates		6000

Dos Rubis Espinellas.

HA outra especie de Rubis, a que nós chamamos Espinellas e os Indios Carapuch, que nascem do mesmo modo que os Rubis finos em o Reino do Pegu, e se achão nos montes, á flor da tera. Estes não são tão finos, nem de tão boa cór, antes se assemelhão ás Granadas: os que são perfeitos e limpos valem ametade menos que os Rubis.

Dos Rubis balaches, aonde nascem, e o seu valor em Calicut.

OS Balaches são outra especie de Rubis, mas não tão duros; a sua côr he rosada, e alguns quasi brancos nascem em Balassia (que he hum Reino dentro da terra firme, além de Pegu e de Bengala), e dali são conduzidos pelos mercadores mouros para todos os outros Paizes, a saber, os bons e escolhidos para serem lavrados em Calicut, aonde os preparão e vendem pelo preço dos Espinellas; e os que não são bons ou são furados, compráonos os Mouros de Meca e de Adem, para levar á Arabia aonde se usão muito.

Dos

Dos Diamantes da Mina velha.

ESTes Diamantes se achão na primeira India, em hum Reino de Mouros chamado Decan, e os Mouros e Indios os levão dali para todas as outras partes: ha outros Diamantes de peor qualidade, porém bastante brancos, que se chamão da Mina nova, que he no Reino de Narsinga; estes valem menos a terça parte em Calicut e no Malabar, e se preparão no mesmo Reino de Narsinga. Fabricão-se tambem na India outros Diamantes falsos, e Rubis, Topazios, e Safiras brancas que imitão muito as finas, e se achão sómente na Ilha de Ceilão. Estas pedras não tem outra differença das verdadeiras, senão que vem a perder a sua côr natural; e achão-se algumas, ametade côr de Rubi, e a outra de Safira, ou de Topazio: algumas tem realmente todas estas cores misturadas, e furão-nas pelo meio, enfiando-lhe dous ou tres fios muito subtis, e então lhes chamão Olhos de gato: das que sahem brancas fazem muitos Diamantes pequenos, que não diferenção dos verdadeiros senão pelo toque aquelles que tem prática disso: vendem-se por hum peso que se chama *Mangiar*, o qual vale duas *Taras* e dous terços; e duas *Taras* fazem hum quilate de bom peso, e quatro *Taras* pesão hum *Fanão*.

Oito Diamantes que pesão hum *Mangiar*, que são dous terços de quilate valem . . .	*Fanões*	30
Seis que pesão hum *Mangiar*		40
Quatro que pesão hum *Mangiar*		60
Dous que pesão hum *Mangiar*		80
Hum que pesa hum *Mangiar*		100
Hum que pesa hum *Mangiar* e hum quarto . . .		165
Hum que pesa hum *Mangiar* e meio		180
De hum e tres quartos		220
De hum e tres quartos e meio		260
De dous *Mangiares*		320
De dous e hum quarto		360
De dous e meio		380
Hum de dous e tres quartos, que for perfeito . .		420
Da mesma perfeição, e de tres *Mangiares* . . .		450
De tres *Mangiares* e meio		480
De quatro *Mangiares*		550
De cinco *Mangiares*		750

De

De seis *Mangiares*	800
De sete *Mangiares*	1200
De oito *Mangiares*	1400

E assim augmentão em valor á proporção que crescem em peso.

Das Safiras.

NA Ilha de Ceilão nascem as melhores Safiras, as quaes são muito duras e finas; e as que são limpas, e de boa côr azul valem os seguintes preços:

Huma que pese hum quilate val . . . . *Fanões*	2
De dous quilates	6
De tres quilates	10
De quatro quilates	15
De cinco quilates	18
De seis quilates	28
De sete quilates	35
De oito quilates	50
De nove quilates	65
De dez quilates	75
De onze quilates	90
De doze quilates	120
Huma muito perfeita em côr, de treze quilates .	135
De quatorze quilates	160
De quinze quilates	180
De dezaseis quilates	200
De dezoito quilates	250
A que pesa hum *Metigal* que são 11 *Fanões* e hum quarto, ou 23 quilates pouco mais ou menos . .	350

Acha-se igualmente em Ceilão outra especie de Safiras não tão grandes, a que chamão Quinigenilão: são de côr escura, e por boas que sejão valem muito menos, equivalendo 13 destas a huma das sobreditas. Acha-se igualmente no Reino de Narsinga, em huma montanha sobre Bacanor e Manzalor, outra especie de Safiras mais brandas e menos finas de côr, a que chamão Cinganolão; estas são algum tanto esbranquiçadas, e valem muito pouco, de modo que a mais perfeita dellas do peso de 20 quilates, não chega a valer hum ducado, a sua côr he hum pouco aloirada. Encontra-se tambem outra especie de Safiras sobre a praia do mar no Rei-

no

no de Calicut, em hum lugar por nome Capucar, que entre os Indios se chama Carahatonilam; são muito escuras e azues, e não brilhão senão ao ar, são brandas e frageis: he opinião do vulgo que neste mar visinho a Capucar houve n'outro tempo huma casa, cujas janelas erão feitas de vidro azul, e que depois tendo sido cobertas pelas agoas, os bocados daquelles vidros são lançados todos os dias á praia: são muito grossas, e por huma das faces parecem vidros; entre os Indios tem mui pouca valia.

Dos Topazios.

Os Topazios naturaes nascem na Ilha de Ceilão, são chamados pelos Indios Purceragua; he pedra mui dura, e mui fria, e do peso do Rubi e Safira, porque todas tres são de huma mesma especie; a sua côr perfeita he a amarella como ouro batido; e sendo a pedra perfeita, e limpa valerá em Calicut, quer seja grande quer pequena, o mesmo peso de ouro fino, e este commummente he o seu preço: quando não são tam perfeitas, valem o seu peso de ouro de *Fanão*, que he metade menos; e sendo brancas valem muito menos, e dellas contrafazem Diamantes miudos.

Das Turquezas.

As verdadeiras Turquezas achão-se em Exeraquirimane, lugar do Xeque Iamael; a sua Mina he terra seca, isto he, achão-se sobre huma pedra negra, da qual os Mouros as tirão em pedaços pequenos, e as levão a Ormus, donde são conduzidas a diversas partes por mar, e terra; os Indios chamão-lhe Perose, e he pedra molle de pouco peso, e não muito fria. Para se conhecer se he boa ou verdadeira, deve mostrar de dia a côr de Turqueza, e de noite á luz deve parecer verde; as que não são tão perfeitas não fazem esta mudança: quando estas pedras são limpas e de côr fina, devem trazer pegada na face inferior huma pedra negra, sobre a qual nascêrão; e se alguma pequena veia desta pedra se espalha sobre sobre a Turqueza, então será ainda melhor. Para conhecer as Turquezas verdadeiras com maior certeza, barrão-se com huma pouca de cal viva branca, amaçada com agoa, a modo de unguento, e ainda então pareceráõ coradas: tendo esta perfeição valem os preços seguintes.

A que pesa hum quilate val no Malabar . .	*Fanões*	15
A de dous quilates		40
A de quatro quilates		90
A de seis quilates		150
A de oito quilates		200
A de dez quilates		300
A de doze quilates		450
A de quatorze quilates		550

Dos Jacintos.

OS Jacintos nascem em Ceilão, são pedras tenras e amarelladas; os mais carregados de côr são os melhores, a maior parte delles tem algumas bolhas, que lhe fazem perder a sua belleza, e aquelles que as não tem, e são perfeitos em côr, valem apesar disso pouco, porque em Calicut aonde os preparão, não dão mais de meio *Fanão* pelos que tem hum de peso, e os que pesão 18 *Fanões* valem apenas 16. Achão-se igualmeute outras pedras, como Olho de gato, Chrysolitos, e Amethyftas, das quaes não trato por serem de pouco valor, e o mesmo digo das Jagonças.

Das Esmeraldas.

AS Esmeraldas nascem no Reino de Babilonia, aonde os Indios chamão o Mar Deiguan, nascem tambem em outras partes; são pedras verdes, de boa côr, e bellas, e além disso leves e tenras: fazem muitas falsas, mas olhando para a luz a travez dellas, moftrão as contrafeitas hũas bolhasinhas, como o vidro; o que não succede ás finas, cuja vifta dá aos olhos huma certa satisfação: as melhores moftrão como hum raio de Sol, e tocadas na pedra deixão hum risco côr de latão: a Esmeralda que faz ifto he a verdadeira, e vale em Calicut o mesmo que o Diamante, e ainda mais, não tanto pelo peso como pela grandeza: advertindo que o Diamante pesa proporcionalmente mais que a Esmeralda. Acha-se tambem outra especie de Esmeraldas que são muito verdes, mas não tão eftimadas; com tudo os Indios servem-se dellas para as mifturar com as outras pedras preciosas; eftas não deixão so bre a pedra de toque a côr de latão.

Das

Das diversas qualidades de Especiarias; aonde nascem, quanto valem em Calicut, e para onde se carregão.

Da Pimenta.

PRimeiramente, em todo o Reino de Malabar, e em o de Calicut nasce Pimenta; e cada *Babar* della se vende em Calicut de 200 até 230 *Fanões*, cada hum dos quaes val, como já dissemos, hum real de prata de Hespanha: cada *Babar* pesa quatro quintaes do peso velho de Portugal, pelo qual se vende em Lisboa toda a Especiaria. Pagão-se a ElRey de Calicut os direitos de 12 *Fanões* por *Babar*. Os mercadores costumão conduzilla a Cambaya, Persia, Adem, e Meca; e dali ao Cairo e Alexandria. Actualmente dão-na a ElRey de Portugal a razão de seis mil quinhentos e sessenta e dous maravedis o *Babar* (entrando os direitos que são cento noventa e tres *Fanões* e hum quarto) parte porque já ali não concorrem tantos mercadores a compralla, e parte pelo contrato que fez ElRey de Portugal com aquelle Rey, e com os Mouros e mercadores do Paiz.

Nasce igualmeute muita Pimenta em a Ilha de Çamatra visinha a Malaca, a qual he mais bella e grossa que a do Malabar, mas não tão boa, nem tão forte como a sobredita; e esta se conduz a Bengala, a China, e alguma porção a Meca por contrabando, ás escondidas dos Portuguezes, que não consentem que ella passe para lá. Vale em Çamatra de 400 a 600 maravedis o quintal de peso novo; e do peso novo ao velho ha a differença de duas onças por arratel, sendo o velho de 14, e o novo de 16.

Do Cravo.

O Cravo nasce nas Ilhas chamadas Molucas, e dellas o levão a Malaca, e dali a Calicut no Malabar. Val em Calicut cada *Babar* de 500 a 600 *Fanões*, e sendo bem limpo e escolhido até 700; e pagão-se de direitos 18 *Fanões* por *Babar*. Em Moluco aonde nasce, vende se de hum até dous ducados o *Babar*, segundo a quantidade de compradores que vão por elle, e em Malaca de dez até quatorze, segundo as encommendas que ha.

Da Canella.

A boa Canella nasce na Ilha de Ceilão, e a má no Paiz do Malabar; a boa vale pouco em Ceilão, mas em Calicut sendo fresca e bem escolhida, dão 300 *Fanões* por cada *Bahar*.

Da Gengivre Beledi.

A Gengivre Beledi nasce ao redor da cidade de Calicut de seis a nove milhas, e val cada *Bahar* quarenta *Fanões*, ás vezes cincoenta, trazendo-o das mantanhas á Cidade a vendello por miudo; comprão-no os mercadores Indios, que o ajuntão, e no tempo que chegão os Navios para carregallo, o vendem aos Mouros pelo preço de noventa até cento e dez *Fanões*; porém então he mui bem pesado.

Da Gengivre Deli.

A Gengivre Deli nasce desde o principio do monte Deli, até Cananor; he miuda, e não tão branca, nem tão boa; val o *Bahar* em Cananor a quarenta *Fanões*, e pagão-se seis de direitos por cada *Bahar*.

Gengivre verde em conserva.

Acha-se igualmente em Bengala muita Gengivre Beledi, da qual fazem muita e mui boa conserva com açucar, e a levão a vender em vasilhas de Matarbão ao Paiz do Malabar; vale cada *Farazola* (que são 22 arrateis e 6 onças) a razão de 14, 15, e 16 *Fanões*: a que está fresca mette-se em conserva em Calicut, e val a 25 *Fanões*, por ser ali caro o açucar; e esta Gengivre verde para pôr de conserva, val em Calicut a $\frac{1}{4}$ de *Fanão* a *Farazola*.

Das Dragoarias, e preços que ellas valem em Calicut, e no Paiz do Malabar.

LAcca de Marrabão boa, cada *Farazola*, isto he, 22 arrateis e $6\frac{1}{2}$ onças de peso novo de Portugal	*Fanões*	18
Lacca do Paiz, cada *Farazola*		123
Tincal bom em pedaços grandes cada *Faraz.* de 30 e 40 até 50		

Can-

Canfora grossa em pães . . . . . de 70 a 80
Canfora para ungir os Idolos a razão de *Fanão* e meio o *Mitigal*, seis e meio dos quaes fazem huma onça
Canfora de comer, e para os olhos cada *Mitigal* . . . 3
Aguila, cada *Farazola* . . . . . de 300 a 400
Lenho aloes verdadeiro, negro, pesado, e muito fino val 1000
Almiscar bom cada onça 36
Beijoim bom a *Farazola* . . . . . 65 até 70
Tamarindos novos dito 4
Calamo aromatico dito 12
Indigo verdadeiro e bom, dito 30
Mirrha, dito . . . . . 18 a 20
Encenso bom em grãos, dito 15
Encenso em maça não tão bom 3
Ambar bom, val cada *Mitigal* . . . . . de 2 a 3
Mirabulanos em conserva de açucar, cada *Farazola* 16 a 25
Cassia fresca e boa, dito . . . . . 1 e ½
Sandalo vermelho, dito . . . . . 5 a 6
Especinardo fresco e bom, dito . . . . . 30 a 40
Sandalo branco, e côr de limão, que nasce em huma Ilha chamada Timor, cada *Farazola* . . . 40 a 60
Noz moscada, que vem da Ilha de Bandão (onde vale cada *Bahar* de 8 a 10 *Fanões*) vale em Calicut a *Farazola* . . . . . 10 até 12
Macis, que vem da Ilha de Bandão onde val o *Bahar* 50 *Fanões*, vale em Calicut a *Farazola* . 25 a 30
Turbit, a *Farazola* 13
Anil nadador muito bom 30
Anil pesado, que tenha arêa . . . . . 18 a 20
Erva de vermes boa, que se chama sementinha . 15
Zerumba 2
Zedoaria 1
Sagapeno 20
Aloes Çacotorino 8
Cardamomo em grão 20
Ruibarbo, nasce em grande abundancia no paiz do Malabar, e o que vem da China por Malaca val 40 até 50
Mirabulanos Emblicos 2
Mirabulanos Bellericos . . . . . 1 ½
Mirabulanos citrinos e Chebulos, que são todos da mesma especie 2

Mi-

Mirabulanos Indicos, que nascem nas mesmas arvores dos citrinos 3
Tutia 30
Cubebas, que nascem em Java, dão-se aqui por pouco preço, e vendem-se a olho
Opio que vem de Adem aonde o fazem, val em Calicut a *Farazola* . . . . . 280 a 320
Outro Opio que se faz em Cambaya . . . . 200 a 250

Dos Pesos de Portugal e da India, e como estes correspondem com os de Portugal.

O Arratel de peso velho tem 14 onças.
O arratel de peso novo tem 16 onças.
Oito quintaes velhos fazem sete quintaes novos, e cada quintal novo tem 128 arrateis de 16 onças.
Cada quintal velho são tres quartos e meio de quintal novo, e he de 128 arrateis de 14 onças cada hum.
Huma *Farazola* tem 22 arrateis de 16 onças e mais 6 onças e dous quintos.
Vinte *Farazolas* fazem hum *Bahar*.
Hum *Bahar* são 4 quintaes velhos de Portugal.
Todas as Especiarias e Dragoarias, e tudo o mais que vem da India, vende-se em Portugal a peso velho, tudo o mais vende-se a peso novo.

F I M.

TA-

TAUOADA

Das Terras que ha nas partes da India do Cabo de Sam Sebaſtiam té ha China.

e vai pelo Alfabeto como se ha ho diante verá.

A. pag.

ADem, cidade e regno 250
Afum, lugar . . . 242
Alhor, lugar . . . 249
Aly, lugar 249
Amgoya, povoaçam . 236
Andam, ilhas . . . 378
Andana, cidade, . . 273
Anseam, regno . . 369
Aracangil, regno . . 364
Archipelaguo de ilhas 374

B.

Babelmandel, lugar . 249
Bacanor, lugar . . 294
Baçora, fortaleza . . 259
Bamda, lugar . . . 287
Bandam, ilhas . . . 377
Barbasy, lugar . . . 277
Barbora, uíla . . . 243
Baticala, lugar . . 292
Baxay, lugar . . . 281
Benamajambu, lugar . 281
Benematapa, regno . 234
Bengala, regno . . 361
Berma, regno . . . 364
Betele, rio e lugares . 286
Bisnagua, cidade . . 296
Borneo, Ilhas . . . 380
Bracalor, lugar . . 294
Braua, cidade . . . 241

C.

Çacotora, ilha . . . 252
Çael, cidade . . . 357
Calecut, reg. e cid. 309 e 344
Camaram . ilha . . 249
Çamatra, ilha . . . 375
Cambaya, regno e cidade . . . 271 e 278

Ca-

Cananor, regno . . 342
Capelam, regno . . 368
Ceilam, ilha . . . 353
Celebes, ilhas . . . 380
Champa, ilha . . . 381
Champanel, cidade . 273
Char, lugar . . . 254
Charamandel provincia 358
Chaul, lugar . . . 283
China, regno . . . 381
Çinguiçar, lugar . . 285
Cintacora, fortaleza . 290
Cochim, regno . . 347
Çofala, ilha e fortaleza 233
Coilam, regno . . . 348
Çues, lugar . . . 246
Cumeri, cabo . . . 351
Çunda, regno . . . 375
Çurate, cidade . . 280
Curiate, lugar . . . 274

D.

Dabul, lugar . . . 285
Dalaqua, ilha . . . 243
Danda, lugar . . . 284
Daquem, regno . . 282
Daua, cidade e regno 367
Dely, regno . . . 307
Dinuy, lugar . . . 281
Dio, lugar e fort. em ilha 274
Diul, regno . . . 266
Dofar, lugar . . . 254

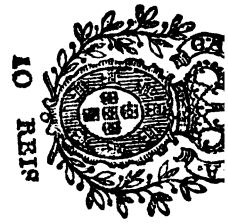
E.

Eliobom, porto de mar 247

F.

Fartaque, regno . . 252
Fartaque, cabo em Çacotora 252

G.



G.
Goa, cidade . . . 287
Guardafuy, cabo . . 242
Guindarim, lugar . . 277
Guoguarim, uila . . 276
Guzarate, regno 267 e 281
H.
Honor, lugar . . . 291
Hucicas grandes, ilhas 232
Hucicas pequenas, ilhas 232
I.
Jaoa maior, ilha . . 376
Jaoa menor, ilha . . 377
Jasam, regno e lugar . 249
Juda, porto de mar . 247
L.
Lemon, lugar . . . 241
Lequeos 383
Limadura, lugar . . 279
M.
Maçua, lugar . . . 244
Magadaxo, cidade e reg. 242
Majandur, lugar e rio 293
Mailapur, cidade . . 359
Malabar, tres regnos . 309
Malaca, cidade e regno 370
Maçua, ilhas . . . 378
Maldio, ilhas . . . 351
Mamfia, ilha e regno . 240
Mangalor, lugar 274 e 294
Martabam, lugar . . 367
Meca, cidade . . . 248
Medina, cidade . . 247
Melinde, lugar e regno 239
Mergeu, rio . . . 291
Metee, lugar . . . 243
Mombaça, cidade, regno, e ilha . . . 238
Moçambique, ilha . 237
N.
Nacabar, ilhas . . . 374
Narsyngua, regno 290 e 295
O.
Obeda, uila . . . 249
Ormus em Arabia . . 254
Ormus em Persia . . 256
Ormus (ilhas do regno de) 257
Ormus, cidade . . . 260
Otisa, regno . . . 361
P.
Palandura, ilhas . . 351
Paleacate, cidade . . 360
Patel, lugar . . . 241
Patenexey, cidade . . 274
Peeguu, regno . . . 365
Pemba, ilha e regno . 240
Preste João 245
Q.
Quilicare, prouincia . 357
Quiloa, cidade e regno 237
R.
Reynel, lugar . . . 280
S.
Sam Lourenço, ilhas . 240
Sam Sabastiam, cabo . 232
Sinay, monte . . . 247
Solor, ilha 380
T.
Tendaia, ilha . . . 380
Timor, ilha . . . 377
Tolinate, prouincia em Narsyngua . . . 290
X.
Xaer, uila 253
Xeque Ismael (terras do) 257
Z.
Zeila, uila 243
Zimbaoche, pouoaçam 235
Zinzibar, ilhas e regno 240

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal remettidas á Academia, por Joaõ Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1. vol. 4.° - - 480

III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal remettidas á Academia pelo mesmo, 1. vol. 4.° - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2. vol 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historia Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1. vol. 4.° - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - 2400

VII. Osmîa, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 160

IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. Joaõ de Sousa, 1. vol. 4.° - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1. vol 8.° - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1. vol. 4.° - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 4. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 3200

XIII. Collecçaõ de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reys D. Joaõ I., Dom Duarte, D. Affonso V., e D. Joaõ II., 3. vol. *fol.* - 5400

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - *gr.*

XV. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Por-

tugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissaõ de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. Joaõ de Sousa, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1. tom. 8.° *mai.* - - - - - - - - - - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2. vol. 4.° *mai.* - - - - - - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislaçao Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Núm. da mesma Academia, 2. vol. 4.° 1800

XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1. vol. 8.° - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 7. vol. 4.° - 5600

A Primeira Parte do Tomo 8.° - - - - - - - - - - - 400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, I.° vol. *fol. mai.* 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducçaõ ao Methodo das Fluxões por Francisco de Borja Garçaõ Stockler, Socio da Academia - - - - - - - - 240

XXVII. Ensáio Económico sobre o Comércio de Portugal,

e suas Colónias, oferecído ao Principe do Brazil N. S.; publicádo de ordem da Academía Reál das Sciências pelo seu Sócio Jozé Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho. - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura por Estevaõ Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chimica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez. *folh.* 4.° - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1. vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 2. vol. *fol.* - 4000

A Primeira Parte do Tom. III. - - - - - - - - - - - 1000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por Joaõ Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.° - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum. 1. vol. 4.° - - - - - 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1. vol. 4.° 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves: para distribuirse ao Exercito Portuguez *folh.* 12.° - - - - - - - - *gr.*

XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569., *folh.* 12.° - - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida de Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1. vol. 4.° - - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1. vol. 8.° - - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.° vol. 8.° - 800

XLII. Colleção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe da Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 Tom. em 8.° 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, Tom. 1.°, e 2.° em 4.° - - - - - 1600

XLIV.

10 REIS

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tomo I.° Numeros 1.°, 2.°, e 3.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 360
O Numero 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 240
O Tomo II. Numeros 1.°, e 2.° - - - - - - - - - 240
Os Numeros 3.° até 6.° - - - - - - - - - - - - 360

Estão no prélo as seguintes.

Taboadas Perpétuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza.
Memorias Economicas, 5.° vol.
Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, e Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler. Tom. 2.°

Vendem-se em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina; *e em* Coimbra, *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*